



Universidade de Brasília - UnB  
Instituto de Letras - IL  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP  
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

**Línguas em rede: para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama**

**Chandra Wood Viegas**

Brasília – DF  
2014



Universidade de Brasília - UnB  
Instituto de Letras - IL  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP  
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

**Línguas em rede: para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama**

Chandra Wood Viegas

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Brasília – DF  
2014



Universidade de Brasília - UnB  
Instituto de Letras - IL  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP  
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

**Línguas em rede: para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama**

**Chandra Wood Viegas**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Brasília – DF  
2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de  
Brasília. Acervo 1018571.

V656L Viegas, Chandra Wood.  
Línguas em rede : para o fortalecimento da língua  
e da cultura Kokama / Chandra Wood Viegas. -- 2014.  
467 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto  
de Letras, Departamento de Linguística, Português  
e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em  
Linguística, 2014.

Orientação: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.  
Inclui bibliografia.

1. Índios Cocama - Línguas. 2. Linguística. 3. Cultura.  
4. Ciberespaço. 5. Política linguística. I. Cabral,  
Ana Suelly A. C. (Ana Suelly Arruda Câmara). II.  
Título.

CDU 809.8





Universidade de Brasília - UnB  
Instituto de Letras - IL  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP  
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

## **Línguas em rede: para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama**

**Chandra Wood Viegas**

Banca Examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Suelly Arruda Câmara Cabral/UnB (Presidente)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janaína Aquino Ferraz/UnB (Membro Interno)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosineide Magalhães de Sousa/UnB (Membro Interno)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Pimentel da Silva/UFG (Membro Externo)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raimunda Benedita Cristina Caldas/UFPA (Membro Externo)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tabita Fernandes da Silva/UFPA (Suplente)

Brasília – DF  
2014

## AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos familiares , pelo apoio incomensurável. Sem o carinho e cuidado deles não seria possível chegar até aqui, pois nos momentos mais difíceis desses anos de dedicação, mesmo distantes, eles me apoiaram emocional, econômica e intelectualmente.

Ao grande mestre linguista Prof. Aryon Dall’Igna Rodrigues por toda a convivência enriquecedora que me proporcionou nos sete anos de trabalho no Laboratório de Línguas Indígenas, hoje chamado Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI), nome por ele indicado antes de partir.

À orientadora Ana Suelly A. C. Cabral que me apoiou nas aventuras do conhecimento que me propus a seguir. Quando ela me convidou para trabalhar ao seu lado como professora auxiliar de Língua Kokama no Curso de Licenciatura para Professores Indígenas do Alto Solimões foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida “acadêmica”, pois assim pude fazer o que me estimulava a cursar a pós-graduação: apoiar o fortalecimento de línguas e culturas. Agradeço, além disso, por toda aprendizagem que a Profa. Cabral propiciou-me como estagiária e pesquisadora no LALLI com atividades teóricas e práticas, disciplinas, seminários, oficinas e grandes projetos e eventos. Dentre os projetos que pude ser da equipe, coordenados pela Profa. Ana Suelly A. C. Cabral, os que mais contribuíram para a presente tese foram: **Rede de Estudos, Pesquisas e Formação de Professores Pesquisadores em Lingüística e Educação Escolar Indígena** (Projeto nº 005 do Observatório da Educação Escolar indígena, Edital nº 01/2009/ CAPES/SECAD/INEP), **A língua Asuriní do Tocantins: projeto piloto para a metodologia geral do Inventário Nacional da Diversidade Lingüística** (Edital 003/2008. INDL/IPHAN); **Fortalecimento da herança lingüística e cultural dos povos nativos do Brasil: contribuição à formação de professores pesquisadores indígenas** (Projeto de ação contínua de Extensão da UnB)

Aos professores-pesquisadores Kokama do Curso de Licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões, com os quais tive momentos criativos, espontâneos, colaborativos e de intensa aprendizagem. Esses professores-pesquisadores se formaram na área do Conhecimento Estudo da Linguagem, com Opção de curso em Língua Kokama, Língua Portuguesa e Língua Espanhola, são eles: Lúcia Maria Lopes, José Maria Moraes Arcanjo, Leonel Magalhães de Souza, Orlanda Salvador Sandoval, Luciana Macedo Tananta, Edimar Ribeiro Ramires, Osias Aicate Aiambo. Agradeço também aos Kokama que se formaram em outras áreas nesse curso e aos demais professores das outras disciplinas.

Aos professores de língua Kokama que contribuíram com seus pontos de vista para este trabalho e com os quais pude aprender no curso de licenciatura e nas disciplinas a distância, são eles: Altaci Corrêa Rubim, Whashington Gêrome Macedo, Inara do Nascimento Tavares e Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio. Agradeço, ao mesmo tempo, ao Padre Ronald MacDonell do CIMI pela colaboração nas pesquisas sobre a língua Kokama.

Ao grande apoio da comunidade Guanabara II, que sempre nos recebeu com muito carinho, acolhimento e com disposição para criar e refletir. Agradeço também pela colaboração dessa comunidade nas pesquisas de Whashington Gerôme Macedo e Osias Aicate Aiambo. Grande agradecimento ao Cacique Fideles Cahuasa Mapiama e sua esposa e demais familiares por terem nos recebido em sua residência.

À comunidade São José pela colaboração à pesquisa de Leonel Magalhães de Souza.

Às comunidades Monte Santo, São Francisco Xavier e São Joaquim pela colaboração à pesquisa de José Morais Arcanjo.

Ao Gracildo Kokama por todas as trocas de conhecimentos que tivemos e pelo exemplo de determinação que ele representa para os Kokama, principalmente para os jovens, na busca pelo fortalecimento.

A todos conhecedores da língua Kokama, os falantes, os lembrantes, os entendedes, os aprendizes que atuam como protagonistas de suas histórias, contribuindo para a valorização da sua língua e cultura.

Às lideranças Kokama pelo trabalho que vêm desenvolvendo pela língua e cultura e pelo apoio concedido às nossas atividades nas comunidades.

A todos os participantes das disciplinas a distância que enriqueceram as atividades e contribuíram conseqüentemente para o desenvolvimento da Educação a Distância em língua indígena no Brasil.

Ao Jorge Pennington que apoiou nas edições e autorações dos três volumes dos DVDs Kokama da série Material de apoio para professores Kokama.

Ao Prof. Cláudio Menezes pelo convite para participar do II Simpósio Internacional sobre o Multilinguismo no Ciberespaço.

Ao Prof. Marcos Carneiro pelo convite para participar do Projeto de extensão **Línguas em Vídeo – Multilinguismo e Inclusão Cultural em Narrativas Audiovisuais** ligado ao MICNA da Universidade de Brasília.

À Profa. Dr.<sup>a</sup> Marília Lopes Facó Soares pela convivência no curso de licenciatura, quando ela ministrava as aulas da disciplina de língua Tikuna. Agradeço também pela

oportunidade de participar do projeto que ela coordenou: "Rede de Formação de Novos Pesquisadores em Línguas Indígenas Brasileiras", que envolvia a UFRJ, a UNICAMP e a UnB, sendo aprovado pela CAPES em 2008 no âmbito do PROCAD .

Ao Prof. Dr. Wilmar D'Angelis que me recebeu muito bem na Unicamp, em 2012, quando realizei uma missão de estudos pelo PROCAD e pelas valiosas observações e indicações de correções feitas no exame de qualificação.

À OGPTB e a UEA por proporcionarem o Curso de Licenciatura para professores Indígenas do Alto Solimões. Agradeço ao Prof. Sebastião Rocha de Sousa e à Profa. Márcia Montenegro pelo apoio concedido, enquanto coordenadores desse curso.

À UFAM e à UEA por estarem dispostas a desenvolver parcerias, disponibilizando professores e ambientes para aprendizagem, como laboratórios de informática.

A todos os colegas de pesquisa do LALLI, especialmente, Ariel Pheula, Suseile Andrade de Sousa, Jorge Domingues, Aisanain Paltu Kamiurá, Lidiane Szerwinsk Camargos, Letícia Aquino de Souza, Joaquim Maná Lima, Sanderson Oliveira, Uraan Anderson Surui, Wary Kamaiurá, Makaulaka Mehinako, Kaman Pedrazinho Chandro, Rodrigo Prudente e Gabriel de Oliveira, pelos trabalhos que desenvolvemos juntos, por todas as reflexões e pelo grande apoio nas mais diversas situações, sem medir esforços para colaborar para o presente estudo.

À Renata e à Ângela, secretarias do Programa de Pós-Graduação em Linguística, por todos esses anos de convivência colaborativa.

Aos amigos que produziram os desenhos artísticos João Lima e Breno Sanginez Zeballos, o qual colaborou também com a tradução para o Inglês do resumo.

Ao Ariel Pheula, pelo seu apoio na tradução e revisão do resumo.

Ao Mauricio de Souza (Kokama) pelas conversas e amizade.

À amiga Aida Feitosa pelas trocas de conhecimentos, reflexões livres e pelo seu constante apoio.

Aos professores que colaboraram com o formulário sociolinguístico: Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, Profa. Dra. Ana Suely A. C. Cabral, Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis, Profa. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher, Dr. Tel Amiel, Profa. Altaci Corrêa Rubim, Prof. Francisco Cláudio Sampaio de Menezes.

À Cláudia Wanderley e ao Tel Amiel por terem me engajado nos estudos de biblioteca virtual e recursos abertos e por terem me acolhido enquanto estava em visita à Unicamp no ano de 2012.

Ao Renato Fabbri, pela amizade e pela colaboração na obtenção de visualizações de redes, pelas dicas e conversas sobre redes, as quais foram essenciais para o enriquecimento deste estudo e que também me estimularam a criar caminhos e métodos de análise próprios.

Aos membros da banca que contribuíram enormemente com os seus conhecimentos para enriquecer este trabalho.

À CAPES pela bolsa de doutorado, tanto como bolsista do projeto Observatório da Educação Escolar Indígena, quanto como bolsista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Brasília, o que possibilitou também os estudos fora da minha cidade de origem.

## RESUMO

Este estudo trata da busca dos indígenas Kokama que vivem no Brasil, Peru e Colômbia, pelo fortalecimento de sua língua e cultura. Consideramos, principalmente, a noção de redes (CASTELLS, 1999; LÉVY, 1999; MORAES, 2002; BORTONI-RICARDO, 2011; BARABÁSI, 2009), a perspectiva de planejamento linguístico “continuado” (HINTON, 2001b), a política linguística (CALVET, 2007; MAHER, 2008), a inclusão de línguas no ciberespaço (DIKI-KIDIRI, 2007; D’ANGELIS, 2010, 2011) e métodos de análise, tais como Método de Análise de Atitude e Comportamento Linguístico (MAACL) e Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC). Abordamos as tecnologias indígenas e as tecnologias sociais que, em interação com outros tipos de tecnologias, podem contribuir para a “revitalização linguística” e para referenciar políticas linguísticas, inclusive no meio digital. A abordagem dada à cibercultura põe em relevo conhecimentos tradicionais indígenas e procura responder a seguinte questão: “Podem as redes contribuir para o fortalecimento linguístico-cultural?”

Palavras-chave: língua Kokama, fortalecimento linguístico-cultural, redes, identidade, cibercultura

## **ABSTRACT**

This study deals with the search of indigenous Kokama living in Brazil, Peru and Colombia, for linguistic and cultural strengthening. We consider mainly the notion of networks (CASTELLS, 1999; LÉVY, 1999; MORAES, 2002; BORTONI-RICARDO, 2011; BARABÁSI, 2009), the perspective of language planning “open-ended” (HINTON, 2001b), the language policy (CALVET, 2007; MAHER, 2008), the inclusion of languages in cyberspace (DIKI-KIDIRI, 2007; D'ANGELIS, 2010, 2011) and methods of analysis, such as the Linguistic Attitude and Behavior Analysis Method (LABAM) and the Presence of Language and Culture in the Cyberspace Mapping Method (PLCCMM). We address indigenous technologies and social technologies, which, in interaction with other kinds of technologies, may contribute to the "linguistic revitalization" and to referencing language policies, including in the digital environment. The approach given to cyberculture highlights traditional indigenous knowledge and seeks to answer the following question: Can the networks contribute to the linguistic and cultural strengthening?

**Keywords :** Kokama language, linguistic and cultural strengthening, networks, identity, cyberculture

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esboço da Biblioteca Virtual dos Kokama. 2010.....	33
Figura 2 - Esboço da rede interacional de revitalização linguística e fortalecimento político. 20/01/2011. ....	34
Figura 3 - Substituição e Normalização (ARACIL, 1965, 1982, apud CALVET, 2007) .....	40
Figura 4 - Ação planejada sobre a(s) língua(s) (CALVET, 2007) .....	41
Figura 5 - Modelo PIE (HINTON, 2001b).....	43
Figura 6 - Esquema do nível de intervenção sobre as línguas (CALVET, 2007) .....	57
Figura 7 - Página principal <i>Kanhgág Jógo</i> . ....	68
Figura 8 - DVDs Cineastas Indígenas .....	69
Figura 9 - Capa do DVD do projeto Línguas em Vídeo. 2013.....	72
Figura 10 - Kwaryp - Alegria do Sol (legendado). 2013.....	73
Figura 11 - Kwaryp - Alegria do Sol (Versão Libras). 2013.....	74
Figura 12 - Kit Asurini. A língua Asuriní do Tocantins: um projeto piloto para a metodologia geral do Inventário Nacional da Diversidade Lingüística. Brasília. 2012.....	76
Figura 13 - Capa do livro <i>Hãtxa kenea meniti</i> . 2013. ....	79
Figura 14 - Imagem da contracapa do livro <i>Hãtxa Kenea meniti</i> . 2014.....	80
Figura 15 - Fascículos do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCOSA) .....	83
Figura 16 - Fascículo 3: Bom Jardim, Benjamin Constant. 2013.....	84
Figura 17 - Explore línguas .....	87
Figura 18 - Vídeo do Projeto de documentação de conversação em Tlingit.....	89
Figura 19 - Miniatura do Filme <i>How to save a near-extinct language</i> .....	91
Figura 20 - Escuela de Ayapaneco. Don Manuely Don Isidoro. ....	91
Figura 21 - Dicionário social do Projeto Yapaneco .....	92
Figura 22 - Linving Tongues .....	93
Figura 23 - Dicionário Tuvan-Inglês .....	94
Figura 24 - Los colores en Runasimi (Quechua).....	97
Figura 25 - Ríos de Saber: Muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana. Busca por língua kukama. 25 jun. 2014 .....	99
Figura 26 - Pedagogias de EaD (MATTAR, 2013).....	158
Figura 27 - Mapa das Terras Indígenas dos Kokama no Brasil. 2010.....	170



Figura 28 - Sr. Luiz Panduro e Sra. Avelina Pereira Arcanjo (Colônia São Sebastião-SPO). 2010. ....	182
Figura 29 - Cacique Anízio Moraes da Comunidade de São Joaquim-SPO. 2010. ....	183
Figura 30 - DVD da Sra. Raimunda da Silva. São Pulo de Olivença-AM, Brasil. 2010 .....	184
Figura 31 - Palestra do Sr. Arquilau e Felisberto Maurício. São Pulo de Olivença-AM, Brasil. 2010 .....	184
Figura 32 - Aulas de língua Kokama ministradas pelo Padre Ronald MacDonell do CIMI. São Pulo de Olivença-AM, Brasil. 2010 .....	185
Figura 33 - Mapa dos países com pelo menos um participante indígena na Wikimedia .....	256
Figura 34 - Linguística Computacional do Twitter. 2014. ....	262
Figura 35 - Payun (el brujo) cuta-metragem. 2014. ....	277
Figura 36 - Análises de densidade de rede (BORTONI-RICARDO, 2011) .....	281
Figura 37 - Grau de redundância nos vínculos da rede (BARNES, 1969; MILROY, 1980) .	281
Figura 38 - As redes centralizada, descentralizada e distribuída (BARAN, 1964).....	284
Figura 39 - Primeiro esboço da Rede Kokama. 2012.....	291
Figura 40 - Pessoas e a tecnologia barco .....	292
Figura 41 - Redes hidrográficas do rio Solimões. 2014. ....	293
Figura 42 - Pessoas em “aprendizagem em rede” (2014).....	298
Figura 43 - Sr Luiz Chota, falante da língua Kokama.....	299
Figura 44 - Site dos Jovens indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões. 2003.....	301
Figura 45 - Biblioteca Multimídia da REJICARS.....	302
Figura 46 - Rádio Web Jovens Comunicador@s .....	302
Figura 47 - Série de jornalismo TV Kokaminha. 2013. ....	303
Figura 48 - Jovens Kokama em ação.....	305
Figura 49 - Tecnologias para aprendizagem em rede. 2012.....	316
Figura 50 - Rede de professores de Língua Kokama no Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões (2006-2011).....	318
Figura 51 - Vídeo "Língua Kokama" (2009).....	320
Figura 52 - Capa do DVD Kokama Volume 1 (2009) .....	321
Figura 53 - Entrevista com o Sr. Mauro Cahuasa Mapiana.....	322
Figura 54 - Álbum seriado ministrado pela Profa. Altaci Corrêa Rubim.....	322
Figura 55 - Diálogo na língua Kokama com Osias Aicate Aiambo e Lúcia Maria Lopes .....	323
Figura 56 - Aula da Profa. Ana Suelly A. C. Cabral .....	323

Figura 57 - Capa do DVD Kokama Volume 2 (2010) .....	324
Figura 58 - Cenas do vídeo da história Kunumi umari ‘Jovem Garça’ (2011) .....	326
Figura 59 - Cenas do vídeo da história Awa akwatsepan ‘Homem panema’ (2011) .....	326
Figura 60 - Cenas do vídeo Artesanato do Sr. Mauro Cahuasa Mapiana. Comunidade Guanabara II, Amazonas, Brasil. 2011. ....	327
Figura 61 - Cena do vídeo da música Japaj Westaka (Yapay Westaka). Comunidade Guanabara II, Amazonas, Brasil. ....	327
Figura 62 - Cena do vídeos do Sr. Luiz Chota e João Ramos. Pesquisador: Leonel Magalhães de Souza. Santo Antônio do Içá. 2010. ....	328
Figura 63 - Cena do vídeo do Sr. João Ramos Neto. Pesquisador: Leonel Magalhães de Souza. Santo Antônio do Içá. 2010. ....	329
Figura 64 - Cena do video do Sr. Anízio Moraes. Pesquisador: José Maria Moraes Arcanjo. Comunidade de São Joaquim-SPO, Amazonas. ....	329
Figura 65 - Cena do video da Sra. Alzelina Cruz Moraes. Pesquisador: José Maria Moraes Arcanjo Amazons. ....	330
Figura 66 - Cena do vídeo “Fala das lideranças”. Comunidade Guanabara II, Benjamim Cosntant, Amazonas. ....	330
Figura 67 - Capa do DVD Kokama Volume 3 (2011) .....	331
Figura 68 - Menu do DVD Kokama Volume 1. 2009. ....	333
Figura 69 - Menu do DVD Kokama Volume 2. 2010. ....	334
Figura 70 - Menu do DVD Kokama Volume 3. 2011. ....	334
Figura 71 - Menu das fotos. Material de apoio para professores Kokama, DVD. Volume 3. 2011. ....	336
Figura 72 - Ensaio das músicas Kokama para gravação do DVD Volume 3. Guanabara II, Benjamim Constant –AM. ....	337
Figura 73 - Fichas do copo humano na língua Kokama .....	341
Figura 74 - Rede de professores de Língua Kokama a distância. 2013-2014. ....	347
Figura 75: Rede "três colegas". 2014. ....	348
Figura 76 - Rede Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama. Grupo do Facebook. 6 jun. 2014. ....	350
Figura 77 - Rede Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama (com nomes dos agentes). Grupo do Facebook. 6 jun. 2014. ....	351
Figura 78 - Evolução tecnológica da biblioteca (CUNHA, 2000) .....	357

Figura 79 - Evolução das bibliotecas (ANDRADE-PEREIRA, 2009) .....	357
Figura 80 - Biblioteca Pachayachachiq. 2014 .....	361
Figura 81 - Lista da Biblioteca Pachayachachiq. 2014 .....	362
Figura 82 - Arquivos do projeto Breath of Life. 2014. ....	363
Figura 83 - Arquivo <i>on-line</i> das línguas indígenas da Califórnia, Oeste da América do Norte e Américas. 2014. ....	364
Figura 84 - Lista das línguas indígenas brasileiras, 2013. ....	366
Figura 85 - Línguas: banco de dados para documentação linguística. 2013. ....	367
Figura 86 - Opções da Área de Dados para criação de diferentes bases do programa Línguas: banco de dados para documentação linguística .....	368
Figura 87 - Categoria cocama no Wikcionário em língua portuguesa. Jun. 2014. ....	376
Figura 88 - verbete "mena" (Categoria cocama: Substantivo). Jun. 2014. ....	376
Figura 89: Verbetes "miricua" (mirikua (Categoria cocama: Substantivo). Jun. 2014. ....	377
Figura 90 - Verbetes "tuyuka" (tujuka) (Categoria cocama: Substantivo). Jun. 2014. ....	377
Figura 91 - AM 670kHz. Rádio Nacional do Alto Solimões. 2012. ....	380
Figura 92 - FM 96,1MHz. Rádio Nacional do Alto Solimões. 2012. ....	380
Figura 93 - Vitalidade da língua Cocama-Cocamilla. Projeto Endangered Languages. 22 jul. 2014. ....	383
Figura 94 - Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014) .....	385
Figura 95 - Rede da língua Kokama na internet com os parâmetros (jun. 2014- ago 2014)..	386
Figura 96 - Agrupamento ( <i>Cluster</i> ) Escrita da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014) .....	388
Figura 97 - Agrupamento ( <i>Cluster</i> ) Oral da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014) .....	389
Figura 98 - Agrupamento ( <i>Cluster</i> ) Vídeo da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014) .....	390
Figura 99 - Agrupamento ( <i>Cluster</i> ) Áudio da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014) .....	391
Figura 100 - Zoom do Agrupamento ( <i>Cluster</i> ) Brasil da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014) .....	392
Figura 101 - Zoom do Agrupamento ( <i>Cluster</i> ) Peru da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014) .....	393

Figura 102 - Zoom do Agrupamento (Cluster) Ríos de saber da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014).....	394
Figura 103 - <i>Zoom</i> do nó Colômbia da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014).....	395
Figura 104 - Zoom das datas variadas e dos Agrupamentos ( <i>Clusters</i> ) dos anos 2012, 2013 e 2014. Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014) .....	396
Figura 105 – Zoom do agrupamento ( <i>Cluster</i> ) Peru com rótulos ajustados (jun. 2014- ago 2014).....	397
Figura 106 - Rede da língua Kokama na internet com rótulos ajustados e arestas curvas (jun. 2014- ago 2014) .....	398
Figura 107 - Atoka Cocama. Pablo Taricuarima. 2012.....	402
Figura 108 - Associação indígena no Amazonas realiza festival. Sr. Francisco Guerra Samias. 2012.....	403
Figura 109 - Línguas em rede. 2014.....	408

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os instrumentos para o planejamento linguístico (CALVET, 2007).....	41
Quadro 2 - Necessidades da comunidade e situação da língua (HINTON, 2001a).....	48
Quadro 3 - Programas de educação escolar: vantagens e desvantagens (HINTON, 2001a)....	49
Quadro 4 - Graus possíveis de revitalização propostos por Fishman (1991) .....	53
Quadro 5 - Nível de intervenção sobre as línguas no Brasil. 2014. ....	58
Quadro 6 - Alguns espaços dos Karajá (PIMENTEL DA SILVA, 2009).....	81
Quadro 7 - Principais modos de comunicação e interação do ciberespaço (LÉVY, 1999)....	104
Quadro 8 - Desenvolvimento da Web .....	107
Quadro 9 - Critérios de Pereira (2007) para análise da presença nativa no ciberespaço.....	116
Quadro 10 - Quadro comparativo da inclusão digital no Brasil (2010 e 2014).....	120
Quadro 11 - Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no ciberespaço. 2014. .....	125
Quadro 12 - Análise de atitude e comportamento linguístico dos Kokama (2010-2014) .....	180
Quadro 13 - Pesquisa sociolinguística na comunidade São José, Santo Antônio do Içá-AM. 2012.....	189
Quadro 14 - Pesquisa sociolinguística na comunidade Guanabara II, Benjamin Constant-AM. 2012.....	199
Quadro 15 - Pesquisa Sociométrica, Benjamin Constant, 2014.....	217
Quadro 16 - Inclusão digital pró-ativa (D'ANGELIS, 2011).....	241
Quadro 17 - Inclusão digital passiva (D'ANGELIS, 2011) .....	242
Quadro 18 - Inclusão digital para o fortalecimento das línguas indígenas (D'ANGELIS, 2011) .....	242
Quadro 19 - Produção de conteúdos em língua local (D'ANGELIS, 2011) .....	244
Quadro 20 - Projetos da Fundação Wikimedia. 2014.....	253
Quadro 21 - Trechos da discussão “inclusão das línguas indígenas brasileiras na Wikimedia”. 2014.....	256
Quadro 22 - Idiomas compatíveis com o Google Tradutor em 30 de junho de 2014 .....	259
Quadro 23: Novas línguas inseridas no Google Tradutor em 10 de dezembro de 2013 .....	260
Quadro 24 - Presença da Língua Kokama (Kukama, cocama) na internet. Jun. 2014 – ago. 2014.....	262

Quadro 25 - Ocorrência da língua Kokama na mostra interativa Ríos de saber. FORMABIAP. Ago. 2014.....	270
Quadro 26 - Trabalhos dos pesquisadores Kokama. 2009-2011. ....	306
Quadro 27 - Curso de licenciatura para professores Indígenas do Alto Solimões (2006-2011) .....	319
Quadro 28 - Conteúdo dos DVDs da série: Material de apoio para professores Kokama (2009-2011).....	331
Quadro 29 - Conteúdo da disciplina Introdução à língua e à cultura Kokama. 2013.....	339
Quadro 30 - Atividade Extraclasse da disciplina a distância “Introdução à Língua e à Cultura Kokama”. 2013.....	342
Quadro 31 - Tipos de bibliotecas (ANDRADE-PEREIRA, 2009) .....	358
Quadro 32 - Diferentes dimensões da comunicação (LÉVY, 1999) .....	359
Quadro 33 - Algumas Associações e Organizações Kokama encontradas na Web. Brasil. Junho de 2014.....	404
Quadro 34 - Top 10 das questões que você precisa saber sobre as línguas ameaçadas .....	414

## LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Vetores observados no mapeamento da presença Kokama no ciberespaço. Junho de 2014. ....	128
Esquema 2 - Relacionamentos dos vetores observados no mapeamento da presença Kokama no ciberespaço. Jun. 2014. ....	129
Esquema 3 - Palavras-chave ( <i>Tags</i> ) do mapeamento da presença Kokama no ciberespaço. Jun. 2014. ....	129
Esquema 4 - Vocabulário simples- Presença de língua e cultura no ciberespaço-instrução/rdf/. 2014.....	130
Esquema 5 - Vocabulário simples- Presença de língua e cultura kokama no ciberespaço-aplicação/rdf/. 2014.....	130

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Notícias Kokama – Brasil. Jun. 2014.....	137
Gráfico 2 - Vídeos Kokama – Brasil. Jun. 2014.....	141
Gráfico 3 - Áudios Kokama – Brasil. Jun. 2014 .....	142
Gráfico 4 - Vídeos Kokama-Peru. Jun. 2014 – ago. 2014.....	151
Gráfico 5 - Áudios-Peru. Jun. 2014.....	153
Gráfico 6 - Utilização de língua de conteúdo em <i>websites</i> (abril de 2013).....	251
Gráfico 7 - Número de usuários da internet por línguas (abril de 2012).....	252
Gráfico 8 - Avaliação da disciplina Introdução à Língua e à Cultura Kokama. AVA: aprender.unb.br 2013. ....	345



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço - Notícias – Brasil. Jun. 2014 .....	132
Tabela 2 - Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Vídeos-Brasil. Jun. 2014 ...	137
Tabela 3 - Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Áudios. Brasil. Jun.2014 ...	141
Tabela 4 - Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Vídeos. Peru. Jun. 2014– ago. 2014.....	143
Tabela 5 - Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Áudios. Peru. Jun. 2014. .	152
Tabela 6 - Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Áudios –jun. 2014 (Local ?) .....	153
Tabela 7 -Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Vídeos – Colômbia jun. 2014 .....	154
Tabela 8 - Dados dos “níveis de fala” da língua Kokama das comunidades. 2012.....	213
Tabela 9 - As 10 línguas mais usadas na Web: números de usuários da internet por língua. 31 de dezembro de 2013 .....	248
Tabela 10 - Utilização de língua como conteúdo de <i>websites</i> (30 de junho de 2014) .....	248
Tabela 11 - Grau da rede Aprendizagem de língua e cultura Kokama. 6 jun. 2014. ....	352
Tabela 12 - Centralidade de intermediação da rede Aprendizagem de língua e cultura Kokama. 6 jun. 2014.....	353
Tabela 13 - Coeficiente de clusterização da rede Aprendizagem de língua e cultura Kokama. 6 jun. 2014. ....	353
Tabela 14 - Análises relacionais da rede Aprendizagem de língua e cultura Kokama. 6 jun. 2014. ....	354

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	22
1.1 Objetivos .....	22
1.2 Justificativa .....	23
1.3 Referencial teórico e metodológico .....	25
1.4 Contribuições da presente tese .....	26
1.5 Sobre os dados linguísticos e culturais da língua Kokama.....	26
1.6 Metodologia .....	27
1.6.1 Pesquisa bibliográfica .....	27
1.6.2 Pesquisa interativa entre ação e observação .....	28
1.6.3 Análise de atitude e comportamento linguístico.....	28
1.6.4 Delimitação do tema para análise .....	29
1.6.5 Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço .....	30
1.6.6 Filtragem dos dados com presença da língua Kokama no ciberespaço.....	30
1.6.7 Análises de redes .....	30
1.7 Desenvolvimento da metodologia .....	30
2 POLÍTICA, PLANEJAMENTO E REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA .....	37
2.1 Política linguística e planejamento linguístico .....	37
2.1.1 Etapas do Planejamento Linguístico .....	42
2.2 Revitalização linguística .....	46
2.2.1 Sobre as mudanças linguísticas .....	52
2.2.2 Sobre variedades de línguas .....	52
2.2.3 Sobre desenvolvimento de vocabulário .....	53
2.3 Tradução e fortalecimento linguístico-cultural .....	54
2.4 Níveis de intervenção na esfera das línguas no Brasil.....	56
2.5 Algumas considerações.....	65
3 ALGUMAS SITUAÇÕES DE FORTALECIMENTO DE LÍNGUAS E CULTURAS .....	66
3.1 Projeto Web Indígena: inclusão de línguas indígenas no mundo digital .....	66
3.2 Projeto cineastas indígenas: um outro olhar - Vídeo nas Aldeias (VNA).....	68
3.2.1 Revitalização cultural e desenvolvimento sustentável dos Ashaninka do Rio Amônia .....	70
3.3 Línguas em Vídeo – Multilinguismo e Inclusão Cultural em Narrativas Audiovisuais .....	70
3.4 A língua Asuriní do Tocantins: um projeto piloto para a metodologia geral do Inventário Nacional da Diversidade Lingüística .....	74
3.5 Educação do povo Huni Kuin.....	77
3.6 Projeto de Educação e Cultura Indígena Maurehi .....	80
3.7 Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) .....	81
3.8 Casos apresentados por Hinton (2001e, p. 413-417) .....	85
3.9 Endangered languages project – Google .....	87
3.10 Projetos localizados na wikimedia línguas indígenas .....	88
3.11 Tlingit conversation documentation project.....	88
3.12 Projeto Ayapaneco .....	90
3.13 Living tongues-Institute for endangered languages .....	92
3.14 Rede mocambos .....	94
3.15 Peru folclórico – aprenda Quéchua .....	95
3.16 Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana .....	97

3.17 Projeto <i>Yrapakatun</i> .....	99
3.18 Algumas considerações .....	102
4. CIBERCULTURA, SOCIEDADE EM REDE E AS TECNOLOGIAS .....	103
4.1 Cibercultura e o ciberespaço .....	103
4.2 Meios de comunicação e o ciberespaço .....	105
4.3 Tecnologias na filosofia .....	108
4.4 As tecnologias na cibercultura.....	111
4.5 Os indígenas no ciberespaço .....	114
4.5.1 Breves considerações sobre a inclusão digital no Brasil	117
4.6 Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC).....	123
4.6.1 Os Kokama no ciberespaço	126
4.7 Educação a Distância (EaD) e o ciberespaço .....	155
4.8 Algumas considerações.....	158
5. ATITUDE E COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO .....	160
5.1 Fortalecimento e atitude linguística .....	160
5.1.1 Breve histórico da escrita da língua Kokama conforme Viegas (2010)	164
5.1.2 Línguas “silenciosas”	167
5.2 Contextualização da situação linguística.....	170
5.2.1 Língua de resistência	174
5.3 Método de Análise de Atitude e Comportamento Linguístico (MAACL)	179
5.3.1 Pesquisas das etapas intermediárias	181
5.3.2 Memoriais dos professores-pesquisadores	185
5.3.3 Pesquisas sociolinguísticas	186
5.3.3.1 Pesquisa na comunidade São José, Santo Antônio do Içá, Amazonas	188
5.3.3.2 Pesquisa em Guanabara II, Benjamin Constant-AM	197
5.3.3.2.1 Reflexões sobre a pesquisa sociolinguística	212
5.3.4 Respostas de estudantes Kokama	213
5.3.5 Pesquisa sociométrica	215
5.3.5.1 Reflexões sobre a pesquisa sociométrica	232
5.4. Algumas reflexões	233
6. MULTILINGUISMO NO CIBERESPAÇO .....	235
6.1 O Multilinguismo no ciberespaço .....	235
6.1.1 Elaboração de recursos linguísticos	236
6.1.2 Elaboração dos recursos informáticos	237
6.1.3 Elaboração dos conteúdos culturais	237
6.1.4 Desenvolver a comunidade dos utilizadores	237
6.2 Inclusão da língua Kokama no ciberespaço .....	238
6.2.1 Elaboração de recursos linguísticos no caso Kokama	238
6.2.2 Elaboração dos recursos informáticos no caso Kokama	239
6.2.3 Elaboração dos conteúdos culturais no caso Kokama	240
6.2.4 Desenvolver uma comunidade de utilizadores no caso Kokama	241
6.3 A inclusão digital pró-ativa de línguas e comunidades .....	241
6.4 A diversidade linguística no mundo digital .....	245
6.4.1 O multilinguismo nos projetos da Wikimedia Foundation	252
6.4.2 Google tradutor	259
6.4.3 Twitter	261

6.5 A presença da língua Kokama no ciberespaço .....	262
6.5.1 Análises descritivas gerais da língua Kokama no Facebook .....	275
6.6 Algumas Considerações .....	277
7. ANÁLISE DE REDES E APRENDIZAGENS .....	278
7.1 Análises de redes .....	278
7.1.1 A nova ciência das redes .....	283
7.2 Línguas em rede .....	290
7.2.1 Pessoas .....	292
7.2.1.1 A Rede Jovens Indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões-REJICARS .....	299
7.2.2 Conhecimentos .....	305
7.2.3 Comunidades .....	314
7.2.4 Tecnologias .....	315
7.2.4.1 DVDs .....	317
7.2.4.1.1 Desenvolvimento da tecnologia DVDs para o caso Kokama .....	318
7.2.4.2- Ambiente virtual de aprendizagem-AVA .....	337
7.2.4.2.1 Desenvolvimento da tecnologia Moodle para o caso Kokama .....	338
7.2.4.3 Biblioteca digital/virtual e acervos digitais .....	356
7.2.4.3.1 Desenvolvimento da tecnologia Biblioteca Virtual e Digital para o caso Kokama .....	370
7.2.4.4 Dicionário <i>on-line</i> .....	371
7.2.4.4.1 Desenvolvimento da tecnologia Dicionário <i>on-line</i> para o caso Kokama .....	375
7.2.4.5 Rádio .....	378
7.2.4.5.1 Desenvolvimento da tecnologia rádio para o caso Kokama .....	378
7.2.4.5 WordSmith .....	381
7.2.4.5.1 Sobre os dados analisados .....	381
7.2.5 Línguas .....	382
7.2.5.1 Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRZm) .....	383
7.2.6 Cultura material e imaterial .....	399
7.2.7 Instituições, associações e organizações .....	403
7.2.8 Escolas .....	405
7.2.9 Animais, plantas e os três mundos (terra, ar e água). .....	406
7.2.10 Algumas reflexões .....	407
7.3 Reflexões finais.....	410
REFERÊNCIAS.....	416
APÊNDICE A – PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA - FORMULÁRIOS GOOGLE.....	433
APÊNDICE B - PESQUISA SOCIOMÉTRICA - FORMULÁRIOS GOOGLE .....	454
ANEXO A - VOCABULÁRIO COCAMA - PLANILHAS GOOGLE.....	461

## 1 INTRODUÇÃO

---

A presente tese trata do processo de fortalecimento da língua e da cultura Kokama, pondo em relevo as ações que vêm sendo realizadas, a partir da década de 1980, com vistas à “sobrevivência” dessa língua. Esse processo de fortalecimento, o qual tem sido chamado também de “reavivamento”, “reconquista”<sup>1</sup>, “revitalização”, “resgate” ou “retomada” iniciou-se com a perspectiva de que a língua Kokama passasse do status de língua obsolescente para um status de língua em processo de fortalecimento, isto é, tornando-se reconhecida como língua associada intrinsecamente a uma cultura e identidade, a partir de situações estimuladoras de sua transmissão e continuidade. Discutimos aqui a ideia de que, para que uma língua pertencente a uma sociedade distribuída geograficamente de forma descontínua, cujo conhecimento é restrito a um número ínfimo de pessoas por localidade, um dos meios que parecem estimular a aquisição, a aprendizagem e uso dessa língua é o seu fortalecimento enquanto língua de cultura, a partir da formação e dinamização de redes. A política e o planejamento linguístico relacionam-se ao fortalecimento de línguas e culturas, dando respaldo aos direitos dos agentes envolvidos e contribuindo para o desenvolvimento de ações.

As formas, interações e articulações dessas redes são abordadas pelo que consideramos aqui como “línguas em rede”, cujo conteúdo é relacionado, principalmente, à sociolinguística, à cibercultura e à ciência das redes. Buscamos retomar os estudos de redes de comunicação em comunidades e as análises de redes sociais relacionadas à sociolinguística, principalmente nos anos de 1970 e 1980, somando a eles outras abordagens sobre as redes.

### 1.1 Objetivos

O objetivo principal da presente tese é tecer conhecimentos teóricos e práticos que possam contribuir para o processo de fortalecimento da língua e da cultura Kokama, assim como refletir sobre o comportamento dos sistemas complexos nesse processo.

Os objetivos específicos são:

- ◆ Contribuir com novos dados para a formulação de políticas linguísticas voltadas para o fortalecimento do uso das línguas nativas do Brasil;
- ◆ Refletir sobre processos de línguas obsoletas que vêm se fortalecendo;

---

<sup>1</sup> Almeida e Rubim (2012).

<sup>2</sup>RODRIGUES, A. D. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. Disponível em: <[http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/fevereiro/linguas\\_indigenas\\_brasileiras\\_ameaadas\\_d](http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/fevereiro/linguas_indigenas_brasileiras_ameaadas_d)

- ◆ Reunir informações sobre o estado da arte dos processos de fortalecimento da língua Kokama;
- ◆ Apresentar diagnósticos relativos da situação de uso da língua Kokama e do comportamento e atitude linguística de algumas comunidades Kokama;
- ◆ Discutir o uso das tecnologias indígenas e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para a aprendizagem de línguas.
- ◆ Mapear a presença dos Kokama e de sua língua e cultura no ciberespaço;
- ◆ Contribuir para a sistematização de dados linguísticos da língua Kokama que possam ser usados na Educação a Distância (EaD);
- ◆ Refletir sobre a inclusão digital pró-ativa da língua Kokama e de comunidades Kokama no ciberespaço;
- ◆ Associar diversas áreas do conhecimento para a “aprendizagem em rede” e analisar alguns tipos de redes.

## 1.2 Justificativa

O processo de perda da língua Kokama intensificou-se na década de 1940 de forma que, na década de 1980, consolidou-se o estado de obsolescência dessa língua. Entretanto, nessa mesma década deu-se início a um movimento contrário à morte da língua criado por lideranças Kokama, como por exemplo, o Sr. Antônio Samias, liderança Kokama da aldeia de Sapotal (Tabatinga-AM) e seu filho Francisco Samias. Esse movimento logo se estendeu a outras comunidades, como Sakambú, Guanabara 1 e Guanabara 2 e, trinta anos depois, mostra os seus frutos, apontando para caminhos e possibilidades de fortalecimento linguístico-cultural de povos indígenas do Brasil. Outras famílias, lideranças e associações Kokama também atuaram e continuam atuando como atores na busca pelo fortalecimento.

Um dos resultados da busca pelo fortalecimento da língua Kokama foi a inclusão do ensino dessa língua no currículo do **Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões** no ano de 2006. Alguns dos professores que se formaram nesse curso, na Área do Conhecimento Estudo da Linguagem e com Opção de curso Língua Kokama, Língua Portuguesa e Língua Espanhola, desenvolvem na atualidade o ensino-aprendizagem da língua Kokama em escolas e em outras atividades de seus respectivos municípios.

A escolha do tema desta tese surgiu, justamente, da vivência de uma situação de ensino-aprendizagem nesse curso para professores de origem Kokama ávidos de

conhecimento da língua de seus pais e avós, para quem a língua nativa é o grande tesouro, um dos importantes símbolos de sua identidade.

Nessa vivência, que relataremos nos capítulos 5, 6 e 7 desta tese, nos engajamos com a mobilização do povo Kokama para reavivar o uso da língua de seus ancestrais. Como consequência, pudemos interagir em algumas ações em rede voltadas para esse fim. As reflexões ora propostas podem servir como contribuições para o desenvolvimento de processos viáveis de fortalecimento de línguas, correspondendo aos anseios de comunidades indígenas de fazerem valer o seu direito à educação diferenciada, ao uso da sua/s língua/s nativa/s, entre outros.

Os estudos de Aryon Dall’Igna Rodrigues apontavam para a existência de aproximadamente 170 línguas indígenas no Brasil (RODRIGUES, 1986, p.18). Posteriormente, Rodrigues (2009, p. 2)<sup>2</sup> considerou a existência de um número maior de línguas, cerca de 200, cuja maioria tem perdido espaço para o português. Conforme o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 **a população indígena do Brasil é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas**<sup>3</sup>. Uma dessas línguas é a língua Kokama, cujos falantes sofreram drástica repressão quanto ao uso de sua língua nativa, quando migraram do Peru para o Brasil no início do século XX, repressão esta que foi aumentando no decorrer dos anos por parte de componentes de igrejas, seringalistas, professores não índios, entre outros. Houve ainda o fato de que as cidades que se formaram em localidades nas proximidades da tríplice fronteira, Brasil-Peru-Colômbia, onde passaram a viver os Kokama no Brasil, recebiam grande fluxo de pessoas que falavam o português e o espanhol.

Consideramos, então, a preocupação com a ameaça à riqueza linguística e cultural brasileira, a qual é atualmente foco de ações de lideranças indígenas e diversas instituições, como evidenciam as criações de associações e organizações indígenas, esforços para elaboração de inventários de línguas, documentação, criação de acervos relativos às diferentes línguas faladas no Brasil e observação do ensino-aprendizagem de línguas. Essa preocupação encontra-se também refletida em programas governamentais como o “Observatório da

---

<sup>2</sup>RODRIGUES, A. D. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. Disponível em: <[http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/fevereiro/linguas\\_indigenas\\_brasileiras\\_ameaadas\\_d\\_e\\_extino.pdf](http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/fevereiro/linguas_indigenas_brasileiras_ameaadas_d_e_extino.pdf)> Acesso em: 20 set. 2012.

<sup>3</sup>Censo 2010: População Indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2194&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2194&id_pagina=1)> Acesso em: 20 ago. 2012.

Educação Escolar Indígena” da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC) em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP); o “Inventário Nacional da Diversidade Linguística” (INDL) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do Ministério da Cultura (MinC); programas da “Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura”(Unesco), dentre outros. O fato do Censo Demográfico de 2010 do IBGE incluir entre seus dados, informações sobre o nome e o número de línguas faladas no país revela também essa preocupação. Os resultados desses esforços mostram, muitas vezes, que há muito a ser aprimorado, tanto quanto à metodologia como quanto ao conteúdo e à interação com as comunidades envolvidas.

### 1.3 Referencial teórico e metodológico

Este estudo é de natureza interdisciplinar e considera, basicamente, os seguintes temas: **(1) política/planejamento linguístico:** traz fundamentos que dialogam com o fortalecimento de línguas e culturas (CALVET, 2007; MAHER, 2007, 2008); **(2) linguística e antropologia:** fundamentam o estudo da situação de uso da língua Kokama (ALMEIDA; RUBIM, 2012; CABRAL;VIEGAS, 2009, FREIRE, 2008; FREITAS, 2002, RODRÍGUEZ, 2000, VALLEJOS, 2010; VIEGAS, 2010, 2014a, 2014b) e das atitudes e comportamentos das pessoas com respeito à língua indígena (HINTON, 2001a, 2001b, 2001c, 2001d, 2001e; MAHER, 2007, VIEGAS, 2014a, 2014b); **(3) Etnografia colaborativa:** contribui para a perspectiva da pesquisa (LASSITER, 2005); **(4) Redes:** traz contribuições de diversas áreas, tais como a sociologia (CASTELLS, 1999; MORAES, 2002), a antropologia (LÉVY, 1999), a sociolinguística (BORTONI-RICARDO, 2011), a nova ciência das redes (BARABÁSI, 2009; WATTS, 2009), as línguas como sistemas complexos pelo estudo das “redes de idioma” (LEE; OU, 2008) e a aprendizagem em rede (SIEMENS, 2008); **(5) Inclusão de línguas no ciberespaço:** traz reflexões sobre a inclusão digital pró-ativa (D’ANGELIS, 2010, 2011) e os recursos para a inclusão (DIKI-KIDIRI, 2007); **(6) Cibercultura e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs):** contribuem para as reflexões sobre tecnologias e a cultura digital (LE MOS, 2013; LÈVY, 1999; PRIMO, 2007, 2008).



#### **1.4 Contribuições da presente tese**

Neste estudo discutiremos algumas das principais formas de intervenção em prol da vitalidade das línguas, com o intuito de evidenciar o fenômeno das redes e contribuir com o debate sobre o desenvolvimento de políticas e planejamentos linguísticos para o fortalecimento de línguas e culturas.

Procuramos também contribuir com dados do processo de reavivamento da língua e cultura Kokama para a reflexão sobre os graus e tipos de vitalidade das línguas indígenas brasileiras. Esperamos que os resultados deste estudo sirvam como uma das referências para a discussão sobre políticas de ações afirmativas voltadas para o fortalecimento de línguas e culturas no Brasil.

Levantamos algumas questões de relevância, como as seguintes:

- ◆ Há possibilidade de restabelecer-se a transmissão geracional tradicional nas comunidades indígenas com alto grau de contato e onde predomina a língua portuguesa ou outra língua dominante?
- ◆ As TICs terão lugar importante no ensino-aprendizagem dessas línguas?
- ◆ Os recursos tecnológicos produzirão novos “falantes programados”?
- ◆ O que comunidades, como as comunidades Kokama, desejam em relação à sua língua em estágio de fortalecimento?
- ◆ As redes podem contribuir para o fortalecimento lingüístico-cultural?

#### **1.5 Sobre os dados linguísticos e culturais da língua Kokama**

Uma das fontes de dados utilizadas nesta pesquisa foi o acervo da Profa. Ana Suelly A. C. Cabral, o qual é constituído de gravações em áudio contendo listas de palavras, frases, relatos de diferentes naturezas e conversas entre dois, três e quatro participantes, muitos já falecidos nos últimos anos, com quem a Profa. Cabral trabalhou entre os anos de 1988 e 1996. Além destes, foram consultados os dados dos trabalhos publicados sobre o Kokama por Faust e Pike (1959), Faust (1963, 1971, 1972), Espinosa (1989), Cartilhas da República Peruana dos anos de 1956, 1957, 1960 e 1961, materiais didáticos do Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana (Formabiap), Cabral (1995, 2000, 2003, 2007), Cabral e Rodrigues (2003), Cabral e Viegas (2009), Viegas (2010), Vallejos (2010), gravações em vídeo e áudio (2009, 2010, 2011, 2012, 2013) produzidas por professores-

pesquisadores Kokama e os diversos tipos de dados - notícias, áudios, vídeos e textos – disponíveis no ciberespaço.

## **1.6 Metodologia**

A metodologia que orientou o desenvolvimento da presente tese foi composta pelas seguintes ações: **(1)** pesquisa bibliográfica; **(2)** pesquisa interativa entre ação e observação; **(3)** análise de atitude e comportamento linguístico; **(4)** delimitação do tema para análise; **(5)** mapeamento da presença Kokama no ciberespaço, **(6)** filtragem dos dados com presença da língua Kokama no ciberespaço **(7)** análises de redes e de diferentes formas de aprendizagens.

As ações se desenvolveram em constante interação umas com as outras.

### **1.6.1 Pesquisa bibliográfica**

Esta ação consistiu na realização de uma extensa pesquisa bibliográfica para levantamento de materiais relacionados a temas de diferentes áreas do conhecimento, tais como:

- Língua: sociolinguística, linguística descritiva, multilinguismo, línguas indígenas; política/planejamento linguístico;
  - Antropologia: etnografia colaborativa, cultura, identidade, inteligência coletiva;
  - Sociologia: análise de redes, sociogramas;
  - Física: análise de redes;
  - Matemática: teoria dos grafos;
  - Educação: Educação a Distância, licenciatura intercultural;
  - Cibercultura: internet, tecnologias, ciberespaço, redes;
  - Comunicação: mídias, interação, tecnologias;
  - Filosofia: tecnologias;
  - Direito: legislação relacionada a povos indígenas;
  - Ciência das redes;
  - Informática
- Teoria dos sistemas: sociometria, grafos.

A necessidade de pesquisar temas tão diversos de áreas nem sempre próximas à linguística, como a cibercultura, deve-se à própria natureza interdisciplinar deste trabalho, que busca pensar (mas também construir) relações entre as línguas e, por exemplo, as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs).

### **1.6.2 Pesquisa interativa entre ação e observação**

A pesquisa interativa entre ação e observação consistiu na interação em ambientes de aprendizagem presenciais e a distância, na qualidade de professoras, aprendizes e observadoras.

No período de 2008 a 2011, atuei, como professora, sob a supervisão da prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, nas aulas de língua Kokama nas etapas do **Curso de Licenciatura para Professores Indígenas do Alto-Solimões**. Nesse contexto, fazendo uso de registros em áudio, vídeo, fotografia e produzindo materiais didáticos e relatórios, desenvolvemos, em colaboração com os professores-pesquisadores Kokama (estudantes do curso), atividades que contribuíram para tornar mais dinâmica a aprendizagem de sua língua. Além disso, mesmo ao finalizar o curso, mantivemos contato com alguns professores Kokama, os quais continuam com suas respectivas pesquisas.

Nos anos de 2013 e 2014 desenvolvemos duas disciplinas a distância por meio de parcerias, dando continuidade às interações com alguns Kokama que têm buscado o fortalecimento da língua. Tais ações e interações realizaram-se numa perspectiva de etnografia colaborativa, em que aquilo que era proposto, tanto pelos professores como pelos estudantes era discutido e avaliado, para assim se chegar a escolhas próprias a cada momento. Para avaliar as disciplinas utilizamos o recurso do *Moodle* e para termos dados qualitativos e quantitativos sobre a atitude e comportamento linguístico dos participantes desenvolvemos uma pesquisa sociométrica.

### **1.6.3 Análise de atitude e comportamento linguístico**

A análise de atitude e comportamento linguístico consistiu na realização de etapas, as quais deram origem a um método próprio de análise. As etapas direcionadas aos Kokama foram as seguintes: a) pesquisa das etapas intermediárias; b) pesquisa sociolinguística; c)

respostas e trabalhos de campo de estudantes Kokama; d) pesquisa sociométrica; e) observação no ciberespaço.

A pesquisa das etapas intermediárias, por exemplo, foi constituída por atividades de pesquisa desenvolvidas nas comunidades pelos professores-pesquisadores. Essas atividades motivadas por nós com base em várias sugestões dos estudantes possibilitaram que os professores Kokama não só se apropriassem dos métodos de pesquisa, mas, sobretudo, que aplicassem esses métodos às suas respectivas realidades e necessidades. Tais atividades foram realizadas durante o período em que eles permaneciam em suas comunidades nos intervalos das etapas do Curso de Licenciatura.

Assim, dentre as pesquisas por eles realizadas, destacamos as entrevistas com falantes da língua, que serviram para a elaboração de glossários temáticos, cartilhas, entre outros, cujos conteúdos propiciaram, por sua vez, a elaboração de novos materiais didáticos colaborativos, a análise e as reflexões das situações de aprendizagem da língua Kokama, e, principalmente para a valorização da língua e da cultura Kokama.

A pesquisa sociolinguística foi organizada por Chandra W. Viegas em colaboração com alguns professores-pesquisadores Kokama e outras assessorias. A finalidade desta ferramenta foi levantar dados junto a lideranças, professores, estudantes e outros membros de duas comunidades Kokama para um diagnóstico mais acurado da situação de uso, dos comportamentos e das atitudes face à língua Kokama, além de registrar informações importantes para a inclusão da língua Kokama e das comunidades no ciberespaço. A aplicação dos formulários foi feita por dois professores-pesquisadores Kokama. Por fim, os dados obtidos foram organizados por meio do recurso “Formulário” do *google.docs*.

A descrição das demais etapas pode ser vista no Capítulo 5, no qual o Método de Análise de Atitude e Comportamento Linguístico (MAACL) é tratado.

#### **1.6.4 Delimitação do tema para análise**

Diante de tantas informações obtidas com a pesquisa, a delimitação do tema passou por alterações. O recorte inicial era o fortalecimento da língua e da cultura Kokama relacionado a uma **biblioteca virtual**. Com o aprofundamento de algumas questões por meio da interação com os Kokama e guiadas pelo suporte bibliográfico, um novo recorte foi necessário, e este privilegiou o fortalecimento da língua e da cultura no âmbito da

**aprendizagem em rede**, incluindo aqui a biblioteca virtual, considerando questões específicas de revitalização de línguas, o que veio a ser chamado de **línguas em rede**.

### **1.6.5 Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço**

Foi realizado o mapeamento da presença Kokama no ciberespaço, por meio de um método próprio formado por três etapas, cujos dados obtidos permitiram demonstrar a atuação dos agentes no meio digital. Tais agentes são também denominados “entidades”, as quais são vistas como sistemas complexos envolvidos nas interações. A descrição e a aplicação do Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC) podem ser vistas no Capítulo 4.

### **1.6.6 Filtragem dos dados com presença da língua Kokama no ciberespaço**

Após o mapeamento no ciberespaço, realizamos a filtragem de ocorrências com a presença da língua Kokama. Dessa forma, pudemos observar o uso da língua Kokama em algumas páginas, principalmente na *Web*. O levantamento dos dados de ocorrência da língua Kokama no ciberespaço pode ser conferido no Capítulo 6. As visualizações resultantes do levantamento podem ser vistas no Capítulo 7 na **Rede da língua Kokama na internet** que foi registrada e analisada, por meio do programa *Gephi 0.8.2* e do método criado durante a elaboração da presente tese, o **Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRZm)**.

### **1.6.7 Análises de redes**

Nessa etapa foram realizadas análises de algumas redes, as quais vêm colaborando para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama, tais como a de pessoas, de tecnologias, de conhecimentos, de comunidades e as interconexões entre elas, as quais possibilitam a aprendizagem em rede. As análises envolveram o conhecimento da ciência das redes, da sociologia, da linguística, da antropologia, etc.

## **1.7 Desenvolvimento da metodologia**

A **colaboração** tem sido muito apreciada como forma de pesquisa, de aprendizagem e de trabalho no ciberespaço. Ao mesmo tempo ações colaborativas são muito comuns entre diversas comunidades indígenas, principalmente no que tange à alimentação, ao plantio, à construção de casas, às festas, à cura, em que muitas relações se dão por meio da troca. Entre os Kokama existe o *wajuri* (*huayuri*)<sup>4</sup>, em espanhol *minga*<sup>5</sup> e em quíchua *minka*,<sup>6</sup> que se refere ao trabalho comunitário e solidário. Diante desse cenário direciono o presente estudo para a **etnografia colaborativa**. Assim, desde o início, em 2007, as relações que mantive com os Kokama foram colaborativas e os nossos vínculos foram se fortalecendo com o passar do tempo.

Lassiter (2005, p. 8), ao tratar de pesquisas colaborativas, se refere a *reciprocal ethnography* (etnografia recíproca), em que o etnógrafo e as pessoas da comunidade trabalham lado a lado, de forma mutuamente benéfica.

No caso da presente pesquisa alguns trechos foram lidos para alguns professores-pesquisadores Kokama ou enviados por *e-mail* para alguns Kokama com o intuito de rever o conteúdo e os objetivos aqui propostos. Utilizou-se também de relatos feitos por alguns professores-pesquisadores Kokama para a construção do texto e dos resultados das pesquisas com as ferramentas sociolinguísticas e sociométricas, as quais trazem contribuições para as diferentes formas de aprendizagem, de pesquisa, de planejamento e fortalecimento da língua e da cultura.

Durante o **Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões** incentivei a utilização do meio de comunicação DVD, por meio da criação coletiva de forma interativa entre os estudantes, professores e algumas comunidades. O uso deste material passa a ser também colaborativo, uma vez que as pessoas fazem cópias e convidam parentes e amigos para assistirem em suas casas e em outros locais. Com essas experiências, passei então e refletir sobre a criação de uma Biblioteca Virtual que possibilitasse o acesso aos materiais já existentes e aos novos a serem criados por diversos membros das comunidades Kokama.

<sup>4</sup> Essa escrita do Kokama foi usada por Faust (1972, p.55), conforme exemplo dado pela autora: “*Icun ta papa yauqui huayuriui*”, seguido da tradução para o Espanhol “*Hoy día mi padre há hecho minga*”.

<sup>5</sup> *Minga* é a tradução dada por Faust para *huayuriui*. Significado dado pela autora à palavra: “Em la selva se usa este término, para designar el trabajo que se realiza en conjunto para ayudar a una persona em determinada tarea. La persona que recibe el beneficio está obligada a proporcionar bebida y, algunas veces, comida a todos los que le ayudaron” (FAUST, 1972, p. 55).

<sup>6</sup> “El la cultura quíchua el principio de la reciprocidad se ejerce a través del *ayni* y la *minka*. La *minka* es un sistema de trabajo colectivo y recíproco para apoyar y contribuir em la mejora y desarrollo del *ayllu* y la comunidade, em atividades como por ejemplo, la construcción de casas, puentes, canales de riego, casas comunales, escuelas, em labores agrícolas y otros. La *minka* em la comunidade está asociada al ritual y a la fiesta, por lo tanto a la música y el baile; extendida em Ecuador, Perú y Bolivia” (cf. Nota do *Shimiyukkamu Diccionario* (2007, p. 148)).

Ao dialogar com os professores-pesquisadores em sala de aula em que eu ia incluindo no quadro as sugestões, chegamos aos seguintes elementos no ano de 2009, os quais são reproduzidos a seguir:

“Biblioteca Virtual da Língua Kokáma (português, espanhol, kokama)”

Língua Kokama

- História
- Gramática
- Dicionários
- Número de falantes
- Diálogos
- Bibliografia

Povo Kokama

- História
- Mitos e lendas
- Danças
- Comidas típicas
- Medicina
- Músicas
- Comunidades
- População número de pessoas
- Bibliografia

Ensino

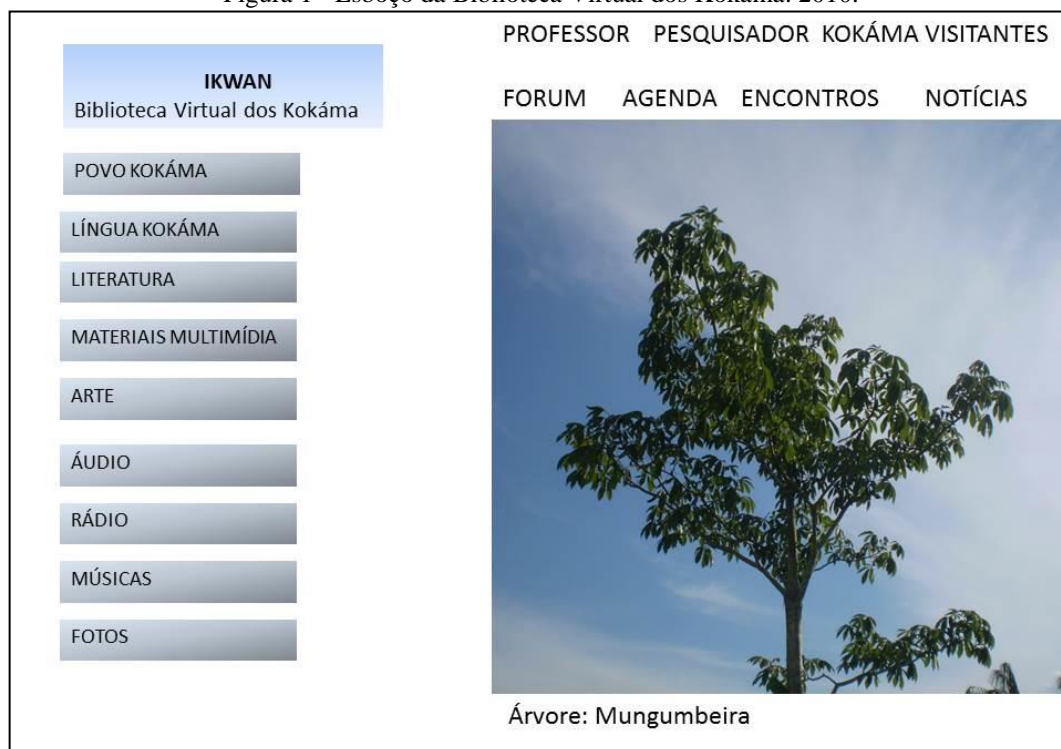
- Escolas
- Professores
- Materiais multimídia

Arte

- Rádio
- Fotos
- Jogos e brincadeiras
- Literatura
- Grafismo
- Artesanato
  - Cerâmica
  - Roupas
  - Instrumentos musicais
  - Cocares
  - Instrumentos de caça e pesca

Posteriormente fiz um esboço com os elementos que levantamos (Fig. 1):

Figura 1 - Esboço da Biblioteca Virtual dos Kokama. 2010.



Fonte: elaborada pela autora em colaboração com professores-pesquisadores Kokama. 2010.

A imagem da árvore mungumbeira (Fig.1) foi sugerida por Leonel Magalhães de Souza para a capa do segundo volume do DVD Kokama<sup>7</sup>. Gravei um pequeno vídeo, o qual se encontra nesse DVD, em que o Leonel Magalhães de Souza mostra a mungumbeira e diz que os professores-pesquisadores são fortes como essa árvore – seu tronco serve para fazer remos e canoas - e que estão no curso para trocar saberes, à semelhança das plumas da mungumbeira, que “voam ao vento” e levam “sementes de conhecimentos”.

Ao repensar os elementos que poderiam compor a Biblioteca Virtual, constatamos a amplitude de questões e relações no âmbito do fortalecimento, cujas análises vêm a contribuir, entre outras áreas, para a organização de páginas na internet e de **Bibliotecas Virtuais**<sup>8</sup>. O desenvolvimento de bibliotecas físicas e virtuais é extremamente importante e essencial no caso dos Kokama, por isso analisamos as interações, as quais estão distribuídas por diversas fontes, que podem contribuir nesse sentido. Destarte, passamos a pensar numa **Rede interacional de revitalização linguística e fortalecimento político**, a qual seria composta, inicialmente, por ambientes interacionais e por políticas públicas voltadas para as demandas

<sup>7</sup> V. descrição completa do DVD no Capítulo 7.

<sup>8</sup> Ver mais informações sobre Biblioteca virtual no Capítulo 7.



dos Kokama no Brasil. Assim, o primeiro esboço da rede interacional (Fig. 2) ficou da seguinte forma:

Figura 2 - Esboço da rede interacional de revitalização linguística e fortalecimento político. 20/01/2011.



Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Esboço feito em relatório enviado para a CAPES pelo projeto Observatório da Educação Escolar Indígena (Edital nº 01/2009/CAPES/SECAD/INEP). 20/01/2011, Brasília.

Contudo, ainda faltavam muitas discussões a serem feitas sobre as teorias que estão envolvidas com o tema das redes. A questão que me surgiu à época, ao refletir sobre interação, foi: “Toda rede é interativa?” Pois, em primeira mão, supunha que se os elementos estavam em rede, eles só poderiam estar em interação. Fiz então essa indagação no dia 23 de setembro de 2011 no buscador *Google* do navegador *Google Chrome*, chegando até o texto “Topologias de rede” (FRANCO, 2008)<sup>9</sup> Foi, então, por meio das reflexões, teorias e indicações bibliográficas colocadas por Augusto de Franco<sup>10</sup> que pude pesquisar sobre o assunto e aprender que há diversos níveis e tipos de interação, os quais modulam a topologia das redes e fazem com que as redes sejam classificadas em mais, ou menos centralizadas, descentralizadas e distribuídas. Além disso, pude conhecer sobre os fenômenos da interação

<sup>9</sup> FRANCO, Augusto. Topologias de rede. Carta Rede Social 168 (17/07/08). Disponível em:

<[http://augustodefranco.locaweb.com.br/cartas\\_comments.php?id=249\\_0\\_2\\_0\\_C](http://augustodefranco.locaweb.com.br/cartas_comments.php?id=249_0_2_0_C)> . Acesso em: 23 set. 2011.

<sup>10</sup> Ver textos e apresentações de Augusto de Franco. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/augustodefranco>>. Acesso em: 5 ago. 2014.

em redes sociais. Outros fenômenos e conceitos das redes complexas possibilitam diversas análises, o que pode ser visto no capítulo 7.

Em consulta à bibliografia sobre redes nas áreas da sociologia e da sociolinguística e sobre o multilinguismo no ciberespaço, cogitamos a viabilidade de se analisar relações que foram chamadas inicialmente de **rede Kokama**, em que entidades, tais como pessoas, conhecimentos, tecnologias e comunidades fortalecem a própria rede por meio da interação de forma colaborativa. As nossas ações e observações estiveram, portanto, ligadas a esta perspectiva. Posteriormente, com as observações das **aprendizagens em rede**<sup>11</sup>, dada a emergência de outras entidades, as relações passaram a se chamar **línguas em rede**<sup>12</sup>. Frisamos que existem **diversas redes**<sup>13</sup> que vêm sendo formadas pelos Kokama em busca do fortalecimento. Observando que são inúmeras redes e não uma rede só. O que pode ser conferido – como exemplos – na presença da língua e da cultura Kokama no ciberespaço e na atuação dos agentes no processo de fortalecimento<sup>14</sup>

A troca de saberes é, pois, o que move este trabalho. Cabe citar aqui o que Lévy (1999, p. 26) chama de “Espaço do saber<sup>15</sup>”. Cada pessoa tem um saber, seja ele qual for, em que área for. A troca de saberes é vivenciada pela “renovação do laço social” e pela “inteligência coletiva”<sup>16</sup>.

A colaboração do pesquisador na pesquisa poderia ser compreendida, por meio da seguinte suposição. Um grupo musical que busca criar músicas para a gravação de um CD e que já possui os ritmos e os instrumentos, convida um pesquisador para trocar ideias musicais. A partir daí surgirão as possibilidades de discussão, tais como: serão incluídos novos instrumentos? Uma pessoa só vai cantar ou várias pessoas do grupo? Vai ser um CD com direito autoral? Terão parceiros? O pesquisador vai participar do grupo? Vai ter videoclipe? As músicas serão cantadas em qual língua?

É importante ressaltar que a presente pesquisa não é de cunho estritamente antropológico, pois a etnografia colaborativa não é abordada em sua profundidade e pormenores, mas tal abordagem vem contribuir para o desenvolvimento metodológico

---

<sup>11</sup> Ver. Capítulo 7.

<sup>12</sup> Ver. Capítulo 7.

<sup>13</sup> Algumas dessas redes as interpretamos como redes e outras são explicitamente consideradas pelos Kokama como uma rede, como é o caso da rede dos Jovens indígenas comunicadores Kokama.

<sup>14</sup> Ver Capítulo 6 e 7.

<sup>15</sup> O “Espaço do saber incita a reinventar o laço social em torno do aprendizado recíproco, da sinergia das competências, da imaginação e da inteligência coletivas” (LÉVY, 1998, p. 26)

<sup>16</sup> “Como deve ter ficado claro, a inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente cognitivo. Inteligência deve ser compreendida aqui como na expressão “trabalhar em comum acordo”, ou no sentido de “entendimento com o inimigo” (LÉVY, 1998, p. 26).

juntamente com outras áreas de análise, àquelas selecionadas na pesquisa bibliográfica. Por ser, este, um trabalho apresentado a um programa de pós-graduação em linguística, o seu direcionamento é mais voltado à língua ou à linguagem, a qual se entrelaça com temas transversais.

Optamos, dessa forma, por discutir as demais metodologias de análise, quando cada um desses temas aparece nos capítulos, com o intuito de não repeti-los. Algumas partes tiveram a participação ativa de análise dos Kokama e em outras realizamos as análises de acordo com a bibliografia escolhida. Certamente, há como intensificar a colaboração entre o pesquisador e as pessoas das comunidades, para chegar a cointerpretações mais profundas em áreas com visões acadêmicas como sugere Lastier (2005). No entanto, devido ao espaço de tempo e recursos determinados para este trabalho, pudemos utilizar essa metodologia de reflexão colaborativa em algumas partes de todo o texto.

---

## **2 POLÍTICA, PLANEJAMENTO E REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA**

Neste capítulo abordamos algumas ideias sobre Política Linguística, Planejamento Linguístico e Revitalização Linguística. São feitas considerações sobre algumas legislações existentes que respaldam políticas linguísticas de situações de bilinguismo e de multilinguismo, e abordamos com brevidade questões pontuais relativas à Revitalização linguística, variedades dialetais e ensino de línguas em processos de revitalização, assim como questões relativas à tradução da língua nativa para a língua oficial e desta para a língua nativa. Nesse capítulo nos fundamentamos principalmente em Calvet (2007) e em Hinton (2001a, 2001b). Nosso propósito foi o de reunir elementos para a elaboração de estratégias voltadas para a revitalização da língua Kokama, assim como fundamentar as análises das ações dos Kokama.

### **2.1 Política linguística e planejamento linguístico**

Segundo Calvet (2007, p. 12) a política linguística é inseparável de sua aplicação. Calvet ressalta a emergência de um conceito de política/planejamento linguístico, que implicasse “ao mesmo tempo uma abordagem científica das situações sociolinguísticas, a elaboração de um tipo de intervenção sobre essas situações e os meios para se fazer essa intervenção” (CALVET, 2007, p. 19).

O autor ressalta que a intervenção humana na língua ou nas situações linguísticas não é algo novo, pois “sempre houve indivíduos tentando legislar, ditar o uso correto ou intervir na forma da língua”. Para Calvet, “de igual modo, o poder político sempre privilegiou essa ou aquela língua, escolhendo governar o Estado numa língua ou mesmo impor à maioria a língua de uma minoria”. Entretanto, ressalva que “a **política linguística** (determinação das grandes decisões referentes às relações entre as línguas e a sociedade) e o **planejamento linguístico** (sua implementação) são conceitos recentes que englobam apenas em parte essas práticas antigas” (CALVET, 2007, p. 11).

Calvet descreve o surgimento da expressão *language planning*, a qual ficou conhecida em 1959 a partir de um trabalho de Einar Haugen<sup>17</sup>, em que este discute os problemas linguísticos da Noruega e mostra a intervenção normativa do Estado (por meio de regras

---

<sup>17</sup> *Planning in Modern Norway* (HAUGEN, 1959 apud CALVET, 2007, p. 12).

ortográficas, por exemplo) para construir uma identidade nacional depois de séculos de dominação dinamarquesa. Conforme Calvet (2007, p. 13), o mesmo tema é retomado por Haugen em 1964, durante uma reunião organizada por William Bright, marcada como o evento em que surgiu a sociolinguística<sup>18</sup>, na Universidade da Califórnia. Como observa Calvet, é a partir da obra *Can Language be Planned?*<sup>19</sup>, que resultou do encontro organizado pelos pesquisadores Jyotirindra Das Gupta, Joshua Fishman, Björn Jernudd e Joan Rubin, entre os dias 7 e 10 de março de 1969, que se instaura uma reflexão sobre a natureza do **planejamento linguístico**. A discussão sobre essa temática cresceu mais ainda com o lançamento, na década de 1970, da coleção *Contributions to the Sociology of language*, que reúne trabalhos sobre os progressos do planejamento linguístico na época (CALVET, 2007, p. 14).

Segundo Calvet (2007, p. 17) há uma importante diferença entre a visão das relações entre política linguística e planejamento linguístico por parte dos pesquisadores americanos e os pesquisadores europeus na década de 1970, sendo que, para esse autor, os primeiros parecem favorecer o planejamento, inclusive cogitando não passar pela política, enquanto os segundos tendem a valorizar as questões ligadas à política, com exceção dos sociolinguistas catalães, occitanos e crioulofonos, para os quais teoria e prática estavam estreitamente ligadas (p. 33).

Calvet (2007, p. 24) comenta o modelo de Haugen e conclui que ele não criou nada de novo, mas que se influenciou por conceitos de outras áreas, adotando-os, como foi o caso da economia (planejamento) e da administração (teoria da decisão), aplicando-os nos exemplos de intervenção do Estado sobre as línguas. Calvet considera, então, que Haugen não criou um conceito, quando propôs a expressão **planejamento linguístico**, mas que delimitou, sobretudo, um domínio de atividade sem desenvolver qualquer crítica aos conceitos envolvidos. Afirma, ainda, que Haugen estava ligado a uma concepção liberal americana do planejamento, e por isso não teria levado em conta o prulinguismo e os problemas de relações de força entre as línguas. O Estado para Haugen deveria escolher e aplicar a solução que lhe parecesse mais adequada em relação às línguas, desconsiderando, também, o controle democrático sobre a decisão dos planejadores.

---

<sup>18</sup> *Linguistics and Language Planning* (HAUGEN, 1966, apud CALVET, 2007, p. 13).

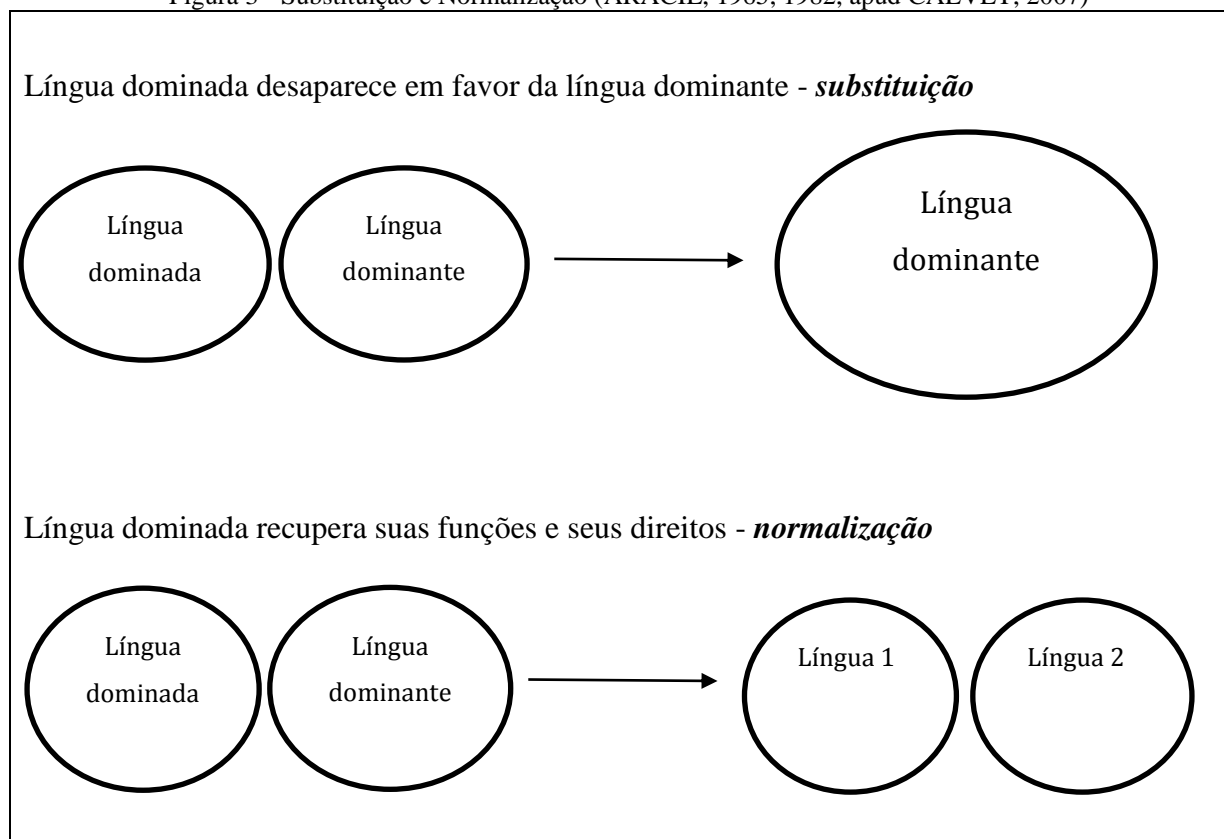
<sup>19</sup> *Can Language be Planned?* (RUBIN; JERNNUD, 1971, apud CALVET, 2007, p. 14).

Há de fato, em tudo isso, a exportação e a aplicação mecanicista de modelos utilizados na economia liberal e na administração de empresas, sem nenhuma análise sociológica das relações de força que se encontram em jogo. Nessa época, o planejamento linguístico se limitava essencialmente à proposição de soluções concernentes à padronização das línguas, sem que os veículos entre línguas e sociedades fossem verdadeiramente levados em conta. (CALVET, 2007, p. 25).

Calvet (2007, p. 29) considera que, apenas a partir da introdução da distinção feita por Kloss, em 1969, entre o **planejamento do corpus**, relacionado às intervenções na forma da língua (criação de uma escrita, neologia, padronização, etc.) e o **planejamento do status**, relacionado às intervenções nas funções da língua (status social da língua e suas relações com outras línguas) é que se ampliou notavelmente a discussão no campo da política linguística, se distanciando da abordagem instrumentalista tida anteriormente. Haugen (1983, apud CALVET, 2007, p. 30) cruza essas noções de status e corpus com as noções de forma e função de língua integrando-as ao seu segundo modelo voltado ao planejamento linguístico. No entanto, Calvet (2007, p. 32) considera esse modelo de Haugen um modelo técnico e burocrático, por não levar em conta a consulta democrática junto às populações envolvidas e ainda perpetuar o Estado como decisor.

Calvet aborda outro conceito importante que surgiu na época, o de **diglossia**, primeiramente considerada uma situação harmônica em que duas línguas coexistem com seus respectivos usos (FERGUSON, 1959, apud CALVET, 2007, p. 33) e posteriormente vista, por linguistas nativos, como uma situação de conflito entre uma língua dominante e uma língua dominada (LAFONT, 1971; PRUDENT, 1981; ARACIL, 1965, 1982; apud CALVET, 2007, p. 33). Calvet afirma que para Aracil esse conflito só poderia levar a duas situações apontadas na fig.3:

Figura 3 - Substituição e Normalização (ARACIL, 1965, 1982, apud CALVET, 2007)



Fonte: Aracil 1965, 1982, apud Calvet, 2007, p.33-34.

Esse modelo é do tipo eletromecânico, no qual o binômio línguas/sociedade funciona como um homeostato, ou seja, se autorregula, dependendo do *feedback*, positivo ou negativo, da função da língua na sociedade (CALVET, 2007, p. 34).

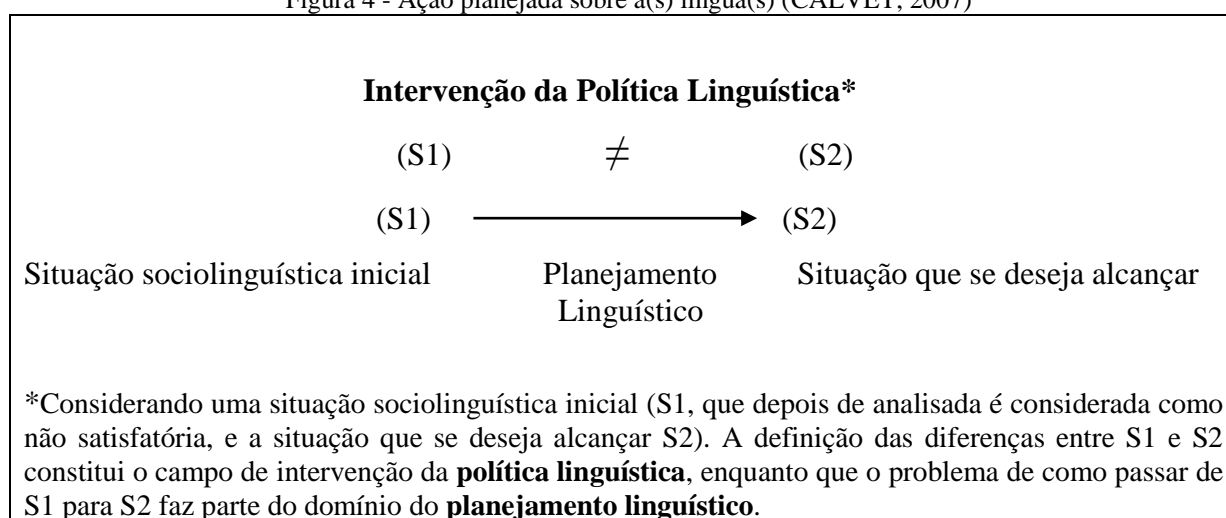
Calvet (2007) ressalta que com a situação da Catalunha, de autonomia recuperada com a democracia, linguistas falantes de línguas dominadas puderam intervir, por meio da militância, nas questões políticas e legislativas na Espanha. Assim, para Calvet (2007) a noção de normalização se modificou com a promulgação da lei de normalização linguística (*Llei de Normalizacio Lingüística a Catalunya*, 23 de abril de 1983): não era mais vista como “o produto da auto-regulação, mas o produto da vontade humana, da intervenção do poder público” (CALVET, 2007, p. 35).

Nessa perspectiva, Calvet introduz outros conceitos. Dependendo da situação linguística de um país, então, poder-se-ia escolher o tipo de ação sobre o **grau de reconhecimento** das línguas ou sobre o **grau de uso** das línguas no âmbito das decisões políticas. Tal escolha levaria a outra noção: a de **grau de funcionalidade**.

Se diante de tal gráfico um país decidisse intervir sobre o grau de reconhecimento de uma língua, para tentar aproximá-la de seu grau de uso, surge a questão de saber se tal língua está *equipada* para preencher esta função. Como delimitar essa noção de grau de funcionalidade? [...] Se queremos que tal língua preencha tal função, o que é preciso fazer então para equipá-la? (CALVET, 2007, p. 56).

Calvet (2007, p. 61) apresenta o seguinte esquema que mostra como se realizar uma ação planejada sobre a(s) língua(s) (Fig. 4):

Figura 4 - Ação planejada sobre a(s) língua(s) (CALVET, 2007)



Fonte: Adaptado de Calvet, 2007, p.61.

Calvet defende que, primeiramente, para se realizar um planejamento linguístico há que se descrever a língua, em seus aspectos fonético, fonológico, morfológico, sintático, entre outros, para assim poder utilizar os instrumentos para a implementação do que for escolhido pela comunidade e apoiado pela política.

Calvet (2007, p. 62-85) reúne os instrumentos importantes no processo de escolhas e decisões, cujo conteúdo resumimos no Quadro 1:

Quadro 1 - Os instrumentos para o planejamento linguístico (CALVET, 2007)

Os instrumentos para o planejamento linguístico	
<b>I - O equipamento das línguas</b>	
A escrita	1- Escolher o tipo de escrita: -alfabética (escolher o tipo de alfabeto) <sup>20</sup> -não alfabética

<sup>20</sup> Calvet (200, p. 72) faz a importante observação de que “de nada adianta, na realidade, prover uma língua de um alfabeto se ele não aparece na vida cotidiana dos falantes dessa língua”.



	2- Selecionar o sistema de escrita: -tipo fonológico -tipo etimológico
O léxico	1- Criação de neologismos que devem ser aceitos pelos falantes 2- Permanência de palavras já em uso resultantes de neologia espontânea ou de empréstimo
A padronização	1- Nível da grafia: Como transcrever uma palavra pronunciada de diferentes formas pelo território de maneira que todos a reconheçam? 2- Nível do léxico: qual variante conservar quando o mesmo objeto ou a mesma noção não são nomeados da mesma maneira nas diferentes formas dialetais? 3- Nível da sintaxe: por exemplo, quando é preciso escolher a norma que será ensinada.
Do in vivo para o in vitro	Há dois tipos de gestão das situações linguísticas: 1- In vivo: procede das práticas sociais; 2- In vitro: intervenção sobre as práticas sociais.
<b>II - O ambiente linguístico</b>	
	Presença ou ausência das línguas sob a forma oral ou escrita na vida cotidiana. Por exemplo: placas de rua, sinais de trânsito, programas de rádio ou televisão, etc.
<b>III - As leis linguísticas</b>	
Nomear a língua	A importância do nome que o texto jurídico dá às línguas e a política linguística de renomear as línguas.
Nomear as funções	A importância da denominação das línguas por meio dos qualificativos: língua nacional, língua oficial, língua regional, língua “própria”; e as diferenças desses conceitos para cada país.
Princípio de territorialidade ou de personalidade?	No princípio de territorialidade é o território que define a escolha da língua ou o direito à língua. Já no princípio de personalidade a pessoa que pertence a um grupo linguístico reconhecido tem o direito de falar sua língua, não importa em que ponto do território.
O direito à língua	Todo cidadão tem direito à língua do Estado e paralelamente, todo cidadão tem direito a sua língua.

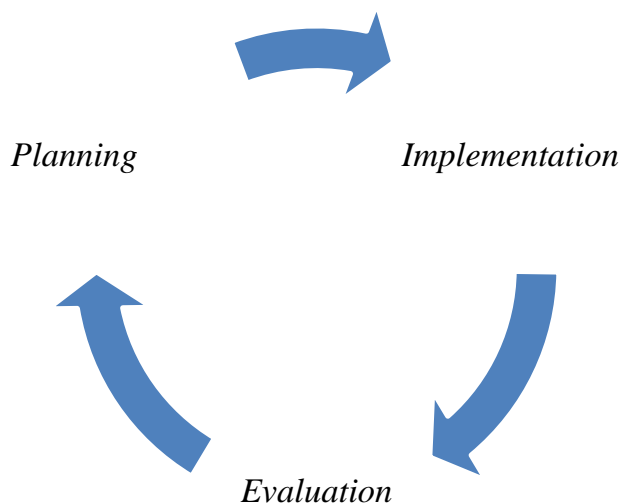
Fonte: Calvet (2007, p. 62-85)

Finalmente, para Calvet (2007, p. 59) as situações linguísticas não são estáticas, por isso há a necessidade de atualizar os seus dados de tempos em tempos, tanto no “plano estatístico (número de falantes, índice de transmissão, etc.) quanto no plano simbólico”, razão pela qual o autor propõe, então, um modelo informatizado *on-line* com essa função.

### 2.1.1 Etapas do Planejamento Linguístico

Outro estudo relevante sobre o Planejamento Linguístico é o de Hinton (2001b, p. 52), cuja perspectiva é a de que o planejamento deva ser visto como um processo contínuo (*open-ended*), realizado mesmo durante a implementação do programa. Hinton apresenta um modelo de Lucille Watahomigie, linguista Hualapai e especialista em educação, cujo processo de revitalização linguística envolve um ciclo que ela chama PIE: *Planning, Implementation, and Evaluation*. Nesse modelo há que planejar o que será feito; implementar o plano; avaliar o que deve ser feito; e então planejar algo mais e assim por diante, formando um ciclo constante. O modelo PIE (Fig. 5) é reproduzido a seguir:

Figura 5 - Modelo PIE (HINTON, 2001b)



Fonte: Autora: Lucille Watahomigie. Reproduzido de Hinton (2001b, p. 52)

Para Hinton (2001b, p. 51) o planejamento linguístico ocorre em vários níveis na sociedade, entretanto, muitos livros sobre esse tema tratam dele nos níveis governamentais. Nos EUA, por exemplo, o planejamento em nível federal tem grande impacto nas comunidades de fala locais. Contudo, a autora observa que muitas vezes esse planejamento ocorre sem uma consulta adequada às comunidades indígenas diretamente afetadas por essas políticas. Propõe, portanto que o planejamento linguístico seja de base comunitária.

Hinton (2001b, p. 51) considera que o planejamento linguístico é fundamental para a elaboração de um bom programa de revitalização. Ele pode ser feito por uma comunidade, uma escola, uma sala de aula, uma família ou mesmo por qualquer pessoa que queira aprender

a sua própria língua. Entretanto, geralmente forma-se um **comitê** responsável pela tarefa, formalmente ou informalmente designado para tal. Forma-se um comitê linguístico com pessoas da comunidade que tenham interesse e senso de responsabilidade em relação à RL; essas mesmas pessoas irão requerer os financiamentos para o programa, ensinar a língua, entre outras ações; tudo irá depender das particularidades de cada comunidade. Hinton (2001b, p. 52) conclui que o **comitê** encontrará mais efetividade se a participação da comunidade for encorajada em cada passo no processo de planejamento linguístico para a revitalização linguística.

Antes de partirmos para os estágios do planejamento linguístico, apontamos algumas razões levantadas por Hinton (2001b, p.51) que fazem do planejamento linguístico algo importante:

- 1- Os processos reflexivos e pesquisas envolvidos no planejamento linguístico ajudam a comunidade a estabelecer objetivos razoáveis e realistas e, também, a encontrar métodos e estratégia mais eficazes para atingi-los.
- 2- O planejamento linguístico auxilia a comunidade a manter o olho em objetivos a longo prazo e manter-se no cenário em que esses vários projetos ocorrem.
- 3- Quando o planejamento linguístico é de base comunitária, fica garantido que os membros da comunidade, em vez dos membros externos como governo, escolas públicas, etc, permaneçam à frente de suas políticas linguísticas. Agentes externos podem ser importantes componentes no processo de revitalização linguística e podem ajudar no planejamento linguístico, mas não devem ser estes a determinar o futuro da língua.
- 4- O planejamento linguístico pode ajudar a coordenar os esforços discrepantes e conflitivos entre as diferentes pessoas e grupos.
- 5- O planejamento linguístico ajuda a prevenir ou reduzir faccionalismos e rivalidades que podem crescer em torno da língua e reduzir a efetividade dos esforços de revitalização.

Passemos aos estágios de Brant e Ayoungman (1988, apud HINTON, 2001b, p.53), os quais incluem a implementação e a avaliação como parte do processo de planejamento por meio de fases ou estágios básicos. Hinton observa que, embora Brandt e Ayoungman situem a configuração dos objetivos dentro da política de formulação, eles também admitem-na como

um processo que ocorre antes da formulação dos objetivos. A configuração dos objetivos realmente ocorre em várias etapas do planejamento linguístico. Hinton (2001b) reconfigura o modelo de Brandt e Ayoungman e discute a configuração dos objetivos, exibindo-o em forma de estágios.

No **Estágio introdutório** (Estágio 1) as pessoas altamente motivadas, tidas como catalisadoras (*catalysts*), iniciam as atividades, recrutando e envolvendo a comunidade. A partir daí formam-se os comitês e realizam-se reuniões comunitárias.

**A Configuração dos objetivos** (Estágio 2) é importante que a comunidade discuta sobre o que se pretende realizar. Pretende-se reverter a *Language Shift* para que a língua se torne a língua principal de comunicação na comunidade? Tem-se o objetivo de desenvolver “novos falantes fluentes”?

Hinton (2001b, p. 53) sugere que talvez o objetivo da comunidade seja simplesmente fazer com que as crianças apreciem a língua e que ensinem algo sobre ela para as crianças; ou que somente seja documentar a língua; ou desenvolver um dicionário, ou seja, os objetivos podem ser “sublimes” ou “pequenos”. A autora pondera afirmando que, se os objetivos são sublimes, devem-se desenvolver pequenos objetivos para executar o grande objetivo; é importante pensar em ambos os objetivos de curto e longo prazo e como os de curto prazo ajudarão a atingir os de longo prazo. Os objetivos devem ser revistos quando se souber quais os recursos disponíveis, pois objetivos e recursos estão entrelaçados e um acaba por ser o *feedback* do outro.

A configuração de tais objetivos deve realizar-se em uma reunião da comunidade na qual os membros dessa comunidade são chamados a expressar seus ideais em relação ao futuro da comunidade, com ênfase na língua, mas não deixando de fora outros aspectos da vida que podem, não obstante, ser relevantes para a língua. Essas ideias podem “vir à tona”, após se discutir, por exemplo, as seguintes questões adaptadas de Brant e Ayoungman (1988, p. 65-66, apud HINTON, 2001b, p. 53):

- a) Qual papel você gostaria que a língua assumisse na comunidade?;
- b) Quais habilidades e competências (proficiência lingüística, competência comunicativa) você gostaria de ver?;
- c) Quais características você espera dos cidadãos de sua comunidade no século XXI (para os adolescentes)?;
- d) Qual sistema de valores você espera que eles adotem?;
- e) Quais contribuições você gostaria que fossem feitas pela comunidade?;
- f) Quais os aspectos mais importantes do nosso modo de vida você gostaria que continuassem?;
- g) Quais aspectos do seu modo de vida você gostaria de mudar? (HINTON, 2001b, p. 53, tradução nossa)

Como já foi observado, mesmo que essas questões não sejam diretamente relacionadas à língua, elas têm implicações para o planejamento linguístico, como por exemplo, se as pessoas da comunidade concluírem que a permanência das cerimônias tradicionais deve fazer parte dos ideais da comunidade, o cerimonialismo deverá, portanto, servir de conteúdo no programa da língua ensinada na escola, além de organizar excursões ou férias escolares para apoiar a sua participação nas cerimônias.

No **Pré-planejamento e pesquisa** (Estágio 3), um dos maiores desafios do planejamento linguístico é descobrir quais são as atitudes linguísticas das pessoas em sua comunidade, ou seja, em que medida os membros da comunidade estão interessados na “manutenção” ou na revitalização da língua, e que tipo de projetos eles gostariam de ver na comunidade. Para isso há que se realizar uma pesquisa, a qual pode mostrar, além disso, o grau de conhecimento da língua e uso na comunidade. O que auxiliará ao pesquisador a instruir-se sobre os recursos humanos existentes na sua comunidade, tais como: quantos falantes fluentes, quantos falantes idosos, e quão bem eles sabem a língua. Outras observações apontadas, também como essenciais são os recursos culturais, recursos de documentação, programas-modelo, recursos institucionais, equipamentos e suprimentos, fontes de financiamento e restrições.

Os próximos passos a serem seguidos para o desenvolvimento do planejamento linguístico descritos por Hinton (2001b, p.56-57) são: Avaliação das necessidades; Formulação de políticas e definição dos objetivos; Implementação; Avaliação; e Replanejamento.

Como pudemos ver, o modelo utilizado por esses autores é o de espiral (*Spiral Model*), cíclico, em que todos os estágios são revistos continuamente e adicionados outros ou revistos sempre que necessário. Ou seja, não é um modelo fixo, pois admite adaptações e mudanças conforme o contexto, nesse sentido Brandt e Ayoungman (1988) faz a seguinte observação:

O processo de planejamento leva anos e por isso deve ser visto como um processo contínuo, sem um ponto final, sempre se remodelando, readaptando. Há que ser flexível! Esses passos não são seguidos um após o outro rigidamente e, além disso, eles se retroalimentam, influenciam-se (BRANDT E AYOUNGMAN 1988, p. 51, apud HINTON, 2001b, p. 53, tradução nossa).

## 2.2 Revitalização linguística

Passemos à ideia de revitalização linguística. Esta ideia torna-se clara nas páginas do *The Green Book of Language Revitalization in Practice* (2001), o qual, como ressalta Leanne Hinton, uma das organizadoras, esse livro surgiu como resposta ao *Red Book of Endangered Languages* (1993). O *Green Book* reúne várias experiências de pessoas que estão trabalhando para manter suas línguas vivas ou trazê-las de volta ao uso. Os trabalhos apresentados no livro apresentam objetivos e métodos de revitalização linguística, e ajudam a entender as questões de perda e revitalização linguística, servindo de referência para pessoas ou comunidades que querem revitalizar ou ativar as línguas ameaçadas. Cada capítulo trata de um aspecto da Revitalização Linguística (RL), apresentado pelo estudioso diretamente envolvido ao programa específico.

Hinton (2001a, p. 3-18) trata dos **princípios gerais da revitalização linguística**, utilizando o termo *Language Revitalization* “Revitalização Linguística” em sentido amplo; referindo-se ao desenvolvimento de programas que buscam retomar o uso pleno de uma língua, a qual deixou de ser a língua de comunicação de uma comunidade de fala, como no caso do Hebraico. Todavia, a RL pode acontecer também em estados menos extremos de perda, como nos casos do Navajo e do Irlandês, os quais eram L1 de muitas crianças e falados em muitas casas, embora as duas línguas estivessem perdendo campo de uso.

Segundo Hinton (2001a, p.4), o que ocorre é uma catástrofe linguística, e da mesma forma, um tempo de esforços inéditos por parte das minorias para manterem suas línguas vivas e expandirem seu uso. Atualmente há um movimento mundial dos indígenas procurando direitos para as decisões feitas sobre seu próprio futuro e o mais importante, buscando salvar suas línguas do esquecimento. Estão pesquisando e inventando maneiras de “Reverter a substituição de língua” (*Reverse language shift* (RLS)) nos termos sociolinguísticos (FISHMAN, 1991, apud HINTON, 2001a, p.4).

Na tentativa de RLS, conforme a autora, faz-se um trabalho pioneiro, realizado por uma equipe multidisciplinar que colabora para o trabalho na comunidade. Para Hinton (2001a, p. 4) não há uma receita de método de RLS que funcione igualmente para todas as comunidades, não há materiais pedagógicos, nem professores de língua treinados para ensinar as línguas ameaçadas e não existe uma tradição de programas de RLS que sejam testados o suficiente para servirem de modelo a outros. Então, ressalta Hinton, nos casos em que o RLS foi bem sucedido, tem-se muito mais uma **influência do ambiente** que corroborou para isso, do que aspectos simplesmente metodológicos ou políticos (Ex.: Hebraico em Israel). No entanto, enfoca que para grupos pequenos em que a língua jamais servirá para ampla

comunicação fora da pequena comunidade de falantes, muito investimento, dedicação e energia são necessários para conseguir RLS. É, pois, uma habilidade **super-humana**, mas para a qual vem aumentando o número de pessoas apaixonadamente dedicadas.

A autora coloca a questão: *Why does it matter that the linguistic diversity of the world is diminishing?* “Por que importa o fato de a diversidade linguística no mundo estar diminuindo?” (HINTON, 2001a, p.4), descrevendo diversos motivos para esclarecer essa questão. Para Hinton (2001a, p. 5), quando uma língua deixa de ser falada, o mundo perde em soma de conhecimento humano. Sistemas culturais, filosóficos, ambientais, médicos, literatura oral, tradições musicais, habilidades artísticas, ou seja, os detalhes de todo esse conhecimento é perdido. Considera que, assim como a espécie humana se coloca em risco por meio da destruição da diversidade das espécies, nós poderemos estar em risco pela destruição da diversidade dos sistemas de conhecimento.

Outro motivo relacionado a essa questão é que a perda de uma língua é parte da opressão e privação aos povos indígenas, os quais estão perdendo suas terras e modos tradicionais de vida. Os esforços indígenas para manter ou revitalizar as línguas são geralmente parte de um esforço maior que se faz para reter e recuperar sua autonomia política, suas terras de base, ou ao menos seu próprio senso de identidade. Assim, ademais de todos esses esforços o que realmente importa é a **autodeterminação**: os direitos dos povos indígenas em determinarem seu próprio futuro, no qual eles vêem ou não a língua como uma parte importante desse futuro. Isso somente será dessa maneira, caso o discurso da comunidade indígena por si só deseje e inicie esforços para reavivar a língua que certos programas poderiam ter alguma chance de sucesso em tentar fazê-lo.

Assim, conforme Hinton (2001a), os objetivos dos programas de revitalização linguística variam de acordo com as **necessidades** da comunidade de fala e da **situação** em que a língua se encontra. É preciso considerar os seguintes fatores (Quadro 2) na elaboração desses programas:

Quadro 2 - Necessidades da comunidade e situação da língua (HINTON, 2001a)

Necessidades da comunidade e situação da língua
Qual o tamanho da comunidade de fala, se os falantes ou potenciais aprendizes estão juntos ou geograficamente separados.
Qual o grau de poder/entrosamento político a comunidade possui.
Que tipos de recursos existem.

Há ainda falantes nativos.
Qual a idade dos falantes mais novos.
A língua está bem documentada.
Tem uma longa história de cultura escrita?
Há escolas ou universidades em que a língua possa ser aprendida?
Há professores treinados para ensinar esta língua?
Quais os recursos monetários disponíveis? Qual o grau de desejo por parte da comunidade para que a língua seja revitalizada?

Fonte: Hinton (2001a, p. 5-6, tradução nossa).

Feitas essas considerações, Hinton (2001a, p.7) propõe, posteriormente, cinco meios para a revitalização linguística:

### 1- Programas de educação escolar:

Podem dar-se de três maneiras: ensinar a língua ameaçada como LE; educação bilíngue e programas de imersão. Na sequência a autora descreve as vantagens e problemas de cada tipo (Quadro 3).

Quadro 3 - Programas de educação escolar: vantagens e desvantagens (HINTON, 2001a)

Programas de educação escolar: vantagens e desvantagens	
<b>Língua ameaçada como Língua Estrangeira (LE)</b>	<p><b>Vantagens:</b> Não é o ideal para se criar novos falantes nativos; todavia, mesmo que horas de aula por semana não sejam suficientes para desenvolver a fluência, é interessante para despertar nas crianças o interesse pela língua; ajuda a apagar a vergonha que sentem pela própria língua; ensinar essas línguas nas escolas e universidades; Programas como esse ajudam a criar atitudes positivas em relação à língua.</p> <p><b>Problemas:</b> O problema desse tipo de abordagem é que na maioria dos casos o tempo de aula é insuficiente, bem como as situações comunicativas acabam sendo fictícias, pois nem sempre existe um lugar em que essa língua é falada. Dá exemplo do programa Humboldt County na Califórnia.</p>
<b>Educação bilíngue</b>	<p><b>Vantagens:</b> Iniciaram por volta de 1970; caso de comunidades em que a língua ainda é falada pelas crianças; instrução inclusive de outras disciplinas (por isso por vezes é necessário desenvolver vocabulário para os temas que dantes não precisavam ser discutidos nessa língua) é dada</p>



	<p>na língua minoritária; necessita de investimento; treinar professores; posturas políticas adequadas. Língua Minoritária=Língua de instrução. Hinton (2001a, p.8) mostra-se favorável à educação bilíngue por esta balancear as situações de bilinguismo. Diz esta ser <b>ideal</b> para revitalizar a língua minoritária dentro de uma cultura dominante.</p> <p><b>Problemas:</b> Os problemas existentes no contexto dos EUA são: Falta de financiamento suficiente, treino de professores e de suporte moral (políticas). Crítica ao modelo de transição que preveja que todos aprendam inglês para depois aprenderem suas línguas minoritárias.</p> <p><b>Ressalva:</b> Dentro de um programa de educação bilíngue poderá haver sucesso de aprendizagem da língua se existirem apenas poucas crianças que não saibam a língua minoritária dentro de um universo de crianças que a saibam.</p>
<p><b>Programas de imersão</b></p>	<p><b>Vantagens:</b> Modelo muito utilizado nos EUA; segundo a autora é a melhor maneira de reavivar uma língua. Os melhores e potenciais aprendizes da língua são crianças e jovens. Ex. Maori (New Zeland) e Hawaiian. Provém uma exposição máxima na língua alvo ou língua ameaçada e dispõe de situações reais de uso. Nesses programas a presença da língua alvo é tão forte que a criança tende a usá-la com as outras até mesmo fora das aulas ou da escola.</p> <p><b>Problemas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Leis e regulamentos educacionais já existentes dificultam o investimento nesse tipo de programa, pois muitas vezes somente a língua majoritária é permitida como língua de instrução. Isso demanda uma disputa de anos para mudar leis estaduais e nacionais, mais ainda.</li> <li>- Se se deseja que uma língua seja mantida ou reavivada ela deve ser utilizada robustamente (fortemente/energicamente); todavia, encontram-se problemas nesse tipo de programa quando no ambiente do programa de imersão a criança encontra possibilidade de falar com seus colegas (Ex. na hora de brincar no parque/recreio) na língua majoritária, ela acabará não falando a língua minoritária em casa mesmo que elas as saibam falar fluentemente.</li> <li>- Outro problema encontrado é o fato de a família achar muito tempo para a língua minoritária e pouco tempo dispensado para a língua majoritária, que é a que garante a entrada na universidade e na sociedade dominante.</li> <li>- para Hinton (2001a), programas de imersão talvez sejam a única solução para reverter a situação de declínio de uma língua, devido ao alto grau de intensidade no ensino da língua. Todavia, também para que o programa tenha sucesso deve haver o envolvimento dos pais nesse processo (devem assistir aulas à noite, serem voluntários na escola de imersão, reforçar em casa as lições aprendidas na escola).</li> </ul>

Fonte: Hinton (2001a, p.7-9)

Segundo Hinton (2001a, p. 9) um fator importante no processo de Revitalização Linguística é a cultura, a qual se vincula à língua numa relação de troca, formando o

patrimônio de um povo. A cultura é, assim, uma motivação para as pessoas quererem aprender sua língua ancestral com o intuito de recuperar o acesso aos seus valores tradicionais, sendo comum dizer que a língua funciona como a chave e o coração da cultura.

Entretanto, a autora, ressalta que as pessoas que desejam revitalizar sua língua por causa de uma vontade de retorno à cultura tradicional e aos valores, devem ter consciência de que a revitalização linguística não traz **automaticamente** as pessoas de volta aos seus modos tradicionais de pensamento. Se a língua é aprendida somente na escola, então a cultura e os valores escolares serão aprendidos juntamente com esta. Mesmo quando é feito um esforço consciente de ensinar a cultura e os valores tradicionais, a agenda escolar impõe a sua própria cultura aos estudantes.

Os outros quatro meios para a revitalização linguística sugeridos por Hinton (2001a, p.10-12) são: Programas para crianças fora da escola (programas pós-escola, programas de verão); Programas de línguas para adultos; Documentação e desenvolvimento de materiais de ensino, Programas de base familiar em casa.

Segundo Hinton (2001a, p.12), na maioria dos casos de línguas ameaçadas, os pais mostram-se muito mais favoráveis a uma educação bilíngue, ou seja, preferem trazer o uso da língua minoritária para dentro de casa, como garantia do aprendizado da língua minoritária, do que garantir somente o aprendizado pelas crianças da língua majoritária/dominante. A autora observa que crianças bilíngues possuem vantagens cognitivas em relação a crianças monolíngues, nesse sentido o bilinguismo mostra-se proveitoso para o desenvolvimento da criança.

Como já comentamos anteriormente, conhecer a atitude linguística das comunidades perante a língua nativa é importante para poder identificar as causas daquela atitude e abrir a discussão para a comunidade.

Hinton (2001a, p.13) afirma que quanto maior for o tempo em que a língua estiver silenciada, maiores serão as dificuldades em usá-la. Apesar disso, apresenta algumas dificuldades e a partir delas indica algumas maneiras de encorajar e desenvolver o uso da língua ameaçada, tais como:

#### ► **Dificuldades**

- Ausência de contextos comunicacionais significativos;
- Quanto mais tempo estão sem falar a língua mais perdem a competência para falá-la;
- Passam a ter vergonha de falá-la e um alto filtro afetivo (medo de cometer erros);

- Não aprendem a língua minoritária como primeira língua;

► **Maneiras de encorajá-los**

- Estimular o ensino da língua (metodologias de ensino que envolvem falantes nativos);
- Ensinar certas frases e palavras de cumprimento para iniciar a conversação na língua;
- Pedir que contem histórias na língua ou que ensinem algo de sua vontade;
- Estimular cerimônias tradicionais; pajelança; encontros na comunidade; refeições, etc.

Em *Teaching Methods* (HINTON, 2001c) há breves relatos do ensino de línguas indígenas nos Estados Unidos, com a apresentação de modelos e metodologias, aplicação de métodos de ensino, e até mesmo o planejamento das lições.

### 2.2.1 Sobre as mudanças linguísticas

As línguas mudam inevitavelmente, com pequenas ou maiores variações de uma geração para outra, as quais podem resultar ao longo dos séculos em mudanças consideráveis. Para Hinton (2001a, p. 14) a mudança de uma geração para outra pode ser grande, nos casos em que ocorre empréstimo massivo da outra língua<sup>21</sup>. No caso das línguas ameaçadas, a autora comenta que falantes jovens frequentemente exibem muitas diferenças em relação a falantes velhos, possivelmente devido, em parte, ao seu bilinguismo e em parte à dominância da língua majoritária, talvez também devido à exposição insuficiente à língua minoritária, fazendo com que eles a aprendam parcialmente, simplificando a gramática e a pronúncia e utilizando empréstimos da língua dominante. Por isso, frequentemente, eles são motivo de chacota e ridicularização por parte dos velhos, vindo a desistirem de falar a língua, seguindo a consumação da obsolescência e dificultando a Revitalização Linguística.

### 2.2.2 Sobre variedades de línguas

Programas de RL podem envolver muitas **variedades de língua** (HINTON, 2001a, p. 15), por isso é importante decidir qual variedade ou quais variedades serão ensinadas nos programas de segunda língua. Nesses casos, a autora afirma que a versão **mais conservadora** da língua deve ser preferida.

---

<sup>21</sup> Ver também a esse respeito (THOMASON; KAUFMAN, 1988)

A língua possui variações dialetais e idioletais (idiossincráticas), mas ensinar todas elas é confuso e deixar de ensiná-las pode privar os aprendizes de seus direitos de falar essa ou aquela variedade (HINTON, 2001a, 15). Não há apenas uma única maneira correta de falar e as variações que ocorrem entre os falantes são indícios de uma variação linguística saudável. Muitas línguas ameaçadas possuem um passado social onde em diferentes comunidades falam-se diferentes dialetos ou diferentes grupos possuem maneiras distintas de dizer as coisas. A solução é ter consciência dessas variedades, respeitando-as.

### 2.2.3 Sobre desenvolvimento de vocabulário

Hinton (2001a, p. 15) observa que línguas ameaçadas, as quais não são usadas há bastante tempo como língua principal de comunicação, não possuem palavras para expressar a cultura moderna ou da sociedade dominante; assuntos como física, química, nunca antes mencionados na língua minoritária. Há que se usar, portanto, a engenharia linguística para criar novos vocabulários, respeitando os processos de formação de palavras, sendo este um dos desafios dos programas de Revitalização linguística. Os falantes podem decidir por si mesmos como abordar novos conceitos. No caso do Havaí são criados dicionários anuais de novas palavras.

Para uma revitalização linguística é importante realizar a avaliação e o planejamento linguístico. Hinton descreve os graus possíveis de revitalização e descreve os passos (Quadro 4) propostos por Fishman (1991, apud HINTON, 2001a, p. 6) para a RLS (baseada no modelo do Hebraico e de outras línguas, incluindo passos que não podem ser atingidos no caso de muitas línguas indígenas), que devem ser lidos da base para o topo, atingindo o estado de língua oficial (topo), que não necessariamente seguem a ordem numérica em grau de importância, pois de que passo se inicia um processo em uma comunidade depende do grau de perda linguística e da situação sociolinguística em que essa se encontra, podendo estes passos acontecerem simultaneamente. Mas vale ressaltar que Hinton recomenda que se comece pelo planejamento linguístico e mostra-se bastante realista ao assumir a postura de que muitas comunidades somente atingirão um ou dois passos previstos.

Quadro 4 - Graus possíveis de revitalização propostos por Fishman (1991)

Graus de revitalização linguística (FISHMAN, 1991)	
Passo 1 - avaliação linguística e planejamento	Pesquisar a situação sociolinguística da comunidade. 1 Número de falantes 2- Faixas etárias dos falantes;

	<ul style="list-style-type: none"> <li>3- Quais recursos estão disponíveis na língua</li> <li>4- Qual a atitude linguística dos falantes em direção à revitalização linguística?</li> <li>5- Quais os objetivos realistas para a revitalização linguística nessa comunidade?</li> </ul>
Passo 2 - língua que não possui falantes.	Usar materiais disponíveis para reconstruir a língua e criar uma Gramática Pedagógica;
Passo 3 - língua que só possui falantes idosos.	Documentar a língua.
Passo 4      →	Desenvolver programas de aprendizagem de L2 para adultos, os quais serão líderes nos demais passos
Passo 5      →	Aumentar e realçar práticas culturais que suportam e encorajam o uso da língua ameaçada em casa e em público pelos falantes de L1 e L2. Exemplos: Jogos, danças, músicas, escolas, pinturas, uso de termos de vocabulário que representam a cultura, etc.
Passo 6      →	Desenvolver intensivo programa de segunda língua para crianças, preferivelmente como componente curricular na escola (usar a língua ameaçada como língua de instrução)
Passo 7      →	Usar a língua em casa como primeira língua de comunicação, para que ela se torne a primeira língua das crianças, desenvolver aulas e grupos de suporte para os pais que assistirão essa transição.
Passo 8 (regional/local)	Expandir o uso da língua indígena em todos os domínios (comunidade, comércio, governo local, rádios locais, programas de TV locais etc).
Passo 9 (nacional)	Expandir para fora da comunidade local e para as populações próximas para promover a língua como amplo campo de comunicação, regional ou nacional.

Fonte: Fishman, 1991, apud Hinton, 2001a, p.6-7.

### 2.3 Tradução e fortalecimento linguístico-cultural

Um aspecto importante no fortalecimento de línguas é o da tradução envolvendo línguas “minoritárias” e “línguas majoritárias”. Por muito tempo essa tradução foi feita, principalmente, por missionários católicos e, posteriormente evangélicos, com o intuito de levar a religião para as comunidades, ou seja, traduzir a bíblia para a língua indígena.

Em um curso sobre tradução, Curso de tradução em Línguas Indígenas, ministrado pela Profa. Tereza Maher no Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) na Universidade de Brasília, em de 28 junho de 2010, foram abordadas as dificuldades de tradução, as quais nos fazem lembrar o quanto a língua é vital para o *ethos* da comunidade e o quanto língua e cultura estão interligadas. Alguns impasses podem aparecer na hora de transpor conhecimentos da **língua de partida** para a **língua de chegada** por meio da tradução.

Nesse sentido, a Profa. Maher levantou questões para mostrar por que a tradução é algo importante [informação verbal]<sup>22</sup>:

- 1- Conservação do patrimônio cultural (mitos e histórias);
- 2- Tradução de textos para as pessoas da comunidade que já não a aprendem mais como primeira língua;
- 3- Tradução dos textos autorizados pela comunidade. Tradução compartilhada com a comunidade (a comunidade é a instituição);
- 4- Formação de intérpretes capacitados para traduzir uma língua para outra nas conexões entre povos, para assim, facilitar a comunicação intercultural;
- 5- Alguns povos querem usar a escrita como meio de fortalecimento da língua e da cultura;
- 6- Aumento da quantidade de textos em línguas indígenas (tanto textos da própria comunidade como de outras culturas, fazendo a tradução de textos em português para a língua indígena);
- 7- Tradução de textos da língua indígena para a língua portuguesa para valorizar as línguas e culturas indígenas;
- 8- Tradução intralinguística: tradução da oralidade para a escrita;
- 9- Tradução intersemiótica: a copleensão dos símbolos e imagens de cada cultura.

D'Angelis (2007) aborda as questões de tradução envolvidas no fortalecimento de línguas, enfatizando a importância de se desenvolver a “literatura indígena (associada à escrita)”. Para isso, observa que a tradução de textos da língua “majoritária” para a língua indígena é um recurso que contribui para a disponibilização de mais textos em língua indígena e para a atualização e modernização dessas línguas “minoritárias”. Quanto à transposição da língua indígena de tradição oral, como por exemplo, a transposição da literatura oral indígena, como os “mitos”, para a escrita, D'Angelis (2007, p. 26) observa que pode não ser “a melhor forma de inaugurar uma literatura escrita”, tendo em vista a dinamicidade da literatura oral, em que a atualização é feita pelos próprios narradores anciãos. A transposição das narrativas tradicionais para a forma escrita estaria mais presente nos casos em que a tradição oral encontra-se em rompimento ou já está rompida, ou seja, quando “se quer conservar, na escrita, aquilo que pela transmissão oral, se sabe que não será conservado” (D'ANGELIS,

---

<sup>22</sup> MAHER, T. Curso de tradução em Línguas Indígenas. 28 jun. 2010, Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) -UnB, Brasília.

2007, p. 26). Apesar disso, pode-se desenvolver nesses casos, também, a literatura indígena (escrita), por meio da produção criadora, a qual pode ser incentivada pelo processo de tradução.

Em publicação anterior, D'Angelis (2005) aborda a tradução como um excelente meio de modernização das línguas, que também favorece o fortalecimento das línguas, em que o tradutor (falante nativo), ao ter que expressar em uma língua aquilo que está expresso em outra, acaba usando a criatividade para solucionar a necessidade expressiva, buscando na própria língua, recursos de empréstimo. Ademais, “a tradução é também um recurso para se disponibilizar – mais rapidamente do que seria ou será o processo de produção própria de uma acervo bibliográfico na língua – obras de relativo fôlego, indispensáveis à criação das gerações de leitores na língua minoritária” (D'ANGELIS, 2005, p.37).

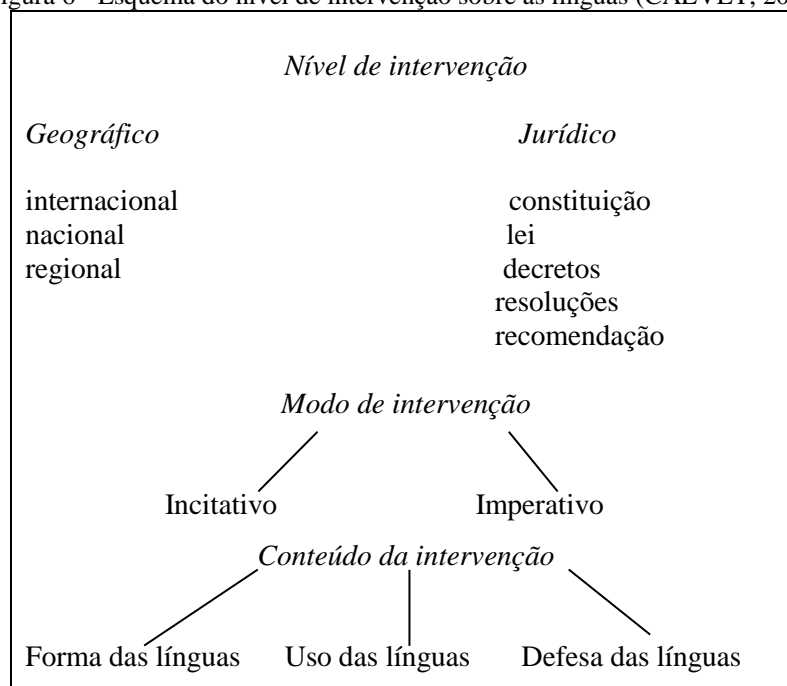
#### **2.4 Níveis de intervenção na esfera das línguas no Brasil**

Nesta seção, selecionamos, aspectos relacionados ao nível de intervenção sobre as línguas no Brasil - Língua Portuguesa, Línguas de Sinais, Línguas de Imigração<sup>23</sup> e Línguas Indígenas - seguindo as ideias propostas por Calvet (2007, p. 78) reproduzidas na Fig. 6.

---

<sup>23</sup> Conforme MARTINY & BORSTEL (2012, p.6) “apesar do tema da diversidade linguística ter atingido espaço no discurso oficial, com a discussão, por exemplo, dos direitos linguísticos das comunidades indígenas, as línguas de imigração não são citadas diretamente na legislação vigente”. No entanto, iniciativas buscam fortalecer essas línguas. A língua Talian, língua de imigração, será a primeira a receber o título de Referência Cultural Brasileira pelo Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). E ainda, em concorrência ao “Edital de Chamamento Público 004/2014 – Identificação, Apoio e Fomento à diversidade linguística no Brasil” recém-lançado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) foi aprovada a proposta para inventariar a língua de imigração Hunsrückisch (hunsriqueano). Ver o Edital. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=18585&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>> Acesso em: 12 set. 2014.

Figura 6 - Esquema do nível de intervenção sobre as línguas (CALVET, 2007)



Fonte: Reproduzido de Calvet (2007, p. 78)

Logo em seguida apresentamos o Quadro 5 com a organização de dados jurídicos relevantes para a prática de política linguística no Brasil com base em Calvet (Fig. 6)..



Quadro 5 - Nível de intervenção sobre as línguas no Brasil. 2014.

<b>NÍVEL DE INTERVENÇÃO SOBRE AS LÍNGUAS NO BRASIL</b>						
<b>Data</b>	<b>Nível Jurídico</b>	<b>Referência</b>	<b>Nível Geográfico</b>	<b>Modo de Intervenção</b>	<b>Conteúdo da Intervenção</b>	<b>Descrição</b>
19/12/1973	LEI Nº 6.001 <sup>24</sup> Estatuto do índio <sup>25</sup>	Art.9 II	nacional	imperativo	uso da língua	Qualquer índio poderá requerer ao Juízo competente a sua liberação do regime tutelar previsto nesta Lei, investindo-se na plenitude da capacidade civil, desde que preencha os requisitos seguintes: II - conhecimento da língua portuguesa;
		Art.49	nacional	incitativo	uso da língua	A alfabetização do índio far-se-á na língua do grupo a que pertençam, e em português, salvaguardado o uso da primeira.
10/05/1988	Constituição da República Federativa do Brasil <sup>26</sup>	Art. 13	nacional	imperativo	defesa	A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil.
		Art. 210 §2º	nacional	incitativo	uso da língua	O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.
		CAPÍTULO 7I Dos Índios Art. 231	nacional	imperativo	defesa	São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à união demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.
20/12/1996	LDB – Lei de	Art. 26.	nacional	imperativo	defesa	Os currículos a que se refere o <i>caput</i> devem abranger,

<sup>24</sup> Lei Nº 6.001. Estatuto do Índio. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/16001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16001.htm)> Acesso em: Acesso em 14 jun. 2014

<sup>25</sup> Devido à sua defasagem, o Estatuto do índio (Lei nº 6.001) vem sendo reavaliado. Assim, “desde a promulgação da Constituição surgiram propostas em tramitação no Congresso para rever a legislação ordinária relativa aos direitos dos índios” (PIBSOCIOAMBIENTAL). Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/direitos/estatuto-do-Indio/introducao>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>26</sup> Constituição da República Federativa do Brasil. 35ª Edição. Atualizada em 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao.htm)> Acesso em 14 jun. 2014

	Diretrizes e Bases da Educação Nacional <sup>27</sup> - Lei no 9.394	§ 1º				obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.
		Art. 26. § 5º	nacional	imperativo	-	Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.
		Art. 32	nacional	incitativo	uso da língua e defesa	O ensino regular fundamental será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem
		Art. 36. III	nacional	imperativo e incitativo	-	Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição;
		Art. 78 § I	nacional	imperativo e incitativo	defesa	O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos: proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;
		Art. 79 § 2º I	nacional	imperativo e incitativo	defesa	Fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena
10/11/1999	RESOLUÇÃO CEB Nº 3 <sup>28</sup>	Art. 1º	nacional	imperativo e incitativo	defesa	Estabelecer, no âmbito da educação básica, a estrutura e o funcionamento das Escolas Indígenas,

<sup>27</sup>LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em 14 jun. 2014

	(Fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências).					reconhecendo-lhes a condição de escolas com normas e ordenamento jurídico próprios, e fixando as diretrizes curriculares do ensino intercultural e bilíngüe, visando à valorização plena das culturas dos povos indígenas e à afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.
		Art. 2º III	nacional	imperativo e incitativo	defesa	O ensino ministrado nas línguas maternas das comunidades atendidas, como uma das formas de preservação da realidade sociolinguística de cada povo;
24/04/2012	Lei nº. 10.436 <sup>29</sup> Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências	Todos os artigos	nacional	imperativo e incitativo	defesa e uso da língua	Oficialização da Língua Brasileira de Sinais-Libras. Ver lei completa
11/12/2002	Lei nº. 145 <sup>30</sup>	Todos os artigos	municipal	imperativo e incitativo	defesa e uso da língua	Dispõe sobre a cooficialização das Línguas Nheengatu, Tukano e Baniwa, à Língua Portuguesa, no município de São Gabriel da Cachoeira/Estado do Amazonas. Ver lei completa
27/05/2009	Decreto 6.861 <sup>31</sup>  Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras	Art. 4º III	nacional	imperativo e incitativo	defesa	Ensino ministrado nas línguas maternas das comunidades atendidas
		Art. 10	nacional	imperativo	defesa	A produção de material didático e para-didático para as escolas indígenas deverá apresentar conteúdos relacionados aos conhecimentos dos povos indígenas envolvidos, levando em consideração a sua tradição oral, e será publicado em versões bilíngües, multilíngües ou em línguas indígenas, incluindo as variações dialetais da língua portuguesa, conforme a

<sup>28</sup> RESOLUÇÃO CEB Nº 3. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03\\_99.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_99.pdf) > . Acesso em: 15 jun. 2014

<sup>29</sup> Lei nº. 10.436. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm) > . Acesso em: 15 jun. 2014

<sup>30</sup> Lei nº. 145 de 11 de dezembro de 2002. Disponível em: < <http://www.ipol.org.br/imprimir.php?cod=83> > . Acesso em: 15 jun. 2014

<sup>31</sup> Decreto 6.861. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6861.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6861.htm) > . Acesso em: 15 jun. 2014

	providências.					necessidade das comunidades atendidas.
09/12/2010	Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) <sup>32</sup> - Decreto 7387	Art. 1º	nacional	incitativo	defesa	Fica instituído o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, sob gestão do Ministério da Cultura, como instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.
		Art. 2º	nacional	imperativo	defesa	As línguas inventariadas deverão ter relevância para a memória, a história e a identidade dos grupos que compõem a sociedade brasileira.
		Art. 3º	nacional	incitativo	defesa	A língua incluída no Inventário Nacional da Diversidade Linguística receberá o título de “Referência Cultural Brasileira”, expedido pelo Ministério da Cultura.
		Art. 8º	nacional	incitativo	defesa	Poderão propor a inclusão de línguas no Inventário Nacional da Diversidade Linguística à comissão técnica, órgãos e instituições públicas federais, estaduais, distritais e municipais, entidades da sociedade civil e de representações de falantes, conforme normas a serem expedidas pelo Ministério da Cultura.
12/06/2012	RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 5 <sup>33</sup> (Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica)	Art. 3º II	nacional	incitativo	defesa	A importância das línguas indígenas e dos registros linguísticos específicos do português para o ensino ministrado nas línguas maternas das comunidades indígenas, como uma das formas de preservação da realidade sociolinguística de cada povo;
		Art. 7º II	nacional	incitativo	uso da língua	Definir em seus projetos político-pedagógicos em que língua ou línguas serão desenvolvidas as atividades escolares, de forma a oportunizar o uso das línguas indígenas;

<sup>32</sup>Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm)> Acesso em: 15 jun. 2014

<sup>33</sup> Resolução CNE/CEB Nº 5. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso\\_2013/PDFs/resol\\_federal\\_05\\_12.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_05_12.pdf)> Acesso em: 15 jun.

		Art. 9º § 5º	nacional	incitativo	uso da língua e defesa	Na definição do Ensino Médio que atenda às necessidades dos povos indígenas, o uso de suas línguas se constitui em importante estratégia pedagógica para a valorização e promoção da diversidade sociolinguística brasileira.
		Art. 15 § 3º	nacional	incitativo	-	Na construção dos currículos da Educação Escolar Indígena, devem ser consideradas as condições de escolarização dos estudantes indígenas em cada etapa e modalidade de ensino; as condições de trabalho do professor; os espaços e tempos da escola e de outras instituições educativas da comunidade e fora dela, tais como museus, memoriais da cultura, casas de cultura, centros culturais, centros ou casas de línguas, laboratórios de ciências e de informática.
		Art. 15 § 5º	nacional	imperativo	uso da língua e defesa	Os currículos devem ser ancorados em materiais didáticos específicos, escritos na língua portuguesa, nas línguas indígenas e bilíngues, que reflitam a perspectiva intercultural da educação diferenciada, elaborados pelos professores indígenas e seus estudantes e publicados pelos respectivos sistemas de ensino.
		Art. 15 § 6º II	nacional	incitativo	uso da língua e defesa	De flexibilidade na organização dos tempos e espaços curriculares, tanto no que se refere à base nacional comum, quanto à parte diversificada, de modo a garantir a inclusão dos saberes e procedimentos culturais produzidos pelas comunidades indígenas, tais como línguas indígenas, crenças, memórias, saberes ligados à identidade étnica, às suas organizações sociais, às relações humanas, às manifestações artísticas, às práticas desportivas;
		Art. 15 § 6º 7	nacional	incitativo	defesa	Da necessidade de elaboração e uso de materiais didáticos próprios, nas línguas indígenas e em português, apresentando conteúdos culturais próprios às comunidades indígenas;

27/06/1989	OIT 169 <sup>34</sup> Promulgada no Brasil em 19/04/2004 Decreto nº 5.501/2004	Artigo 28 1.	internacional e nacional	incitativo e imperativo	defesa	Sempre que for viável, dever-se-á ensinar às crianças dos povos interessados a ler e escrever na sua própria língua indígena ou na língua mais comumente falada no grupo a que pertençam. Quando isso não for viável, as autoridades competentes deverão efetuar consultas com esses povos com vistas a se adotar medidas que permitam atingir esse objetivo.
		Artigo 28 2.	internacional e nacional	imperativo	defesa	Deverão ser adotadas medidas adequadas para assegurar que esses povos tenham a oportunidade de chegarem a dominar a língua nacional ou uma das línguas oficiais do país.
		Artigo 28 3.	internacional e nacional	imperativo	defesa	Deverão ser adotadas disposições para se preservar as línguas indígenas dos povos interessados e promover o desenvolvimento e prática das mesmas.
		Artigo 30 2.	internacional e nacional	imperativo	defesa	Para esse fim, dever-se-á recorrer, se for necessário, a traduções escritas e à utilização dos meios de comunicação de massa nas línguas desses povos.
09/06/1996	Universal Declaration on Linguistic Rights <sup>35</sup> World Conference on Linguistic Rights	Todos os artigos	internacional	incitativo	defesa	Declaração completa
2003	Declaração Universal dos Direitos Linguísticos <sup>36</sup>	Todos os artigos	internacional e nacional	incitativo	defesa	Declaração completa

<sup>34</sup> OIT 169. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3764>>. Acesso em: 15 jun. 2014

<sup>35</sup> Universal Declaration on Linguistic Rights. World Conference on Linguistic Rights. Barcelona, Spain, 9 June 1996. Disponível em: <<http://www.unesco.org/cpp/uk/declarations/linguistic.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014

<sup>36</sup> OLIVEIRA, Gilvan Muller (org.). Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, Novas Perspectivas em Política Linguística. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

2008	Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas <sup>37</sup>	Artigo 11 1.	internacional e nacional	incitativo	defesa	Os povos indígenas têm o direito de praticar e revitalizar suas tradições e costumes culturais. Isso inclui o direito de manter, proteger e desenvolver as manifestações passadas, presentes e futuras de suas culturas, tais como sítios arqueológicos e históricos, utensílios, desenhos, cerimônias, tecnologias, artes visuais e interpretativas e literaturas.
		Artigo 13 1.	internacional e nacional	incitativo	defesa	Os povos indígenas têm o direito de revitalizar, utilizar, desenvolver e transmitir às gerações futuras suas histórias, idiomas, tradições orais, filosofias, sistemas de escrita e literaturas, e de atribuir nomes às suas comunidades, lugares e pessoas e de mantê-los.
		Artigo 14 1.	internacional e nacional	incitativo	defesa	Os povos indígenas têm o direito de estabelecer e controlar seus sistemas e instituições educativos, que ofereçam educação em seus próprios idiomas, em consonância com seus métodos culturais de ensino e de aprendizagem.
		Artigo 14 3.	internacional e nacional	incitativo	defesa	Os Estados adotarão medidas eficazes, junto com os povos indígenas, para que os indígenas, em particular as crianças, inclusive as que vivem fora de suas comunidades, tenham acesso, quando possível, à educação em sua própria cultura e em seu próprio idioma.
		Artigo 16 1.	internacional e nacional	incitativo	defesa	Os povos indígenas têm o direito de estabelecer seus próprios meios de informação, em seus próprios idiomas, e de ter acesso a todos os demais meios de informação não-indígenas, sem qualquer discriminação.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base na legislação vigente no Brasil e algumas indicações internacionais.

<sup>37</sup> Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas. Disponível em: <[http://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS\\_pt.pdf](http://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS_pt.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2014

## 2.5 Algumas considerações

Diante das reflexões apresentadas nesse capítulo, pudemos ver que o planejamento linguístico não é “fechado”, ou seja, está continuamente sendo adaptado. No caso da revitalização da língua Kokama, seguimos alguns dos passos sugeridos por Hinton (2001b), como documentar a língua, pesquisar a situação sociolinguística da comunidade e desenvolver materiais didáticos, por exemplo. Nos capítulos 5, 6 e 7 são apresentadas as ações que pudemos desenvolver em colaboração com os Kokama.

Quanto ao desenvolvimento de políticas linguísticas, os Kokama se organizam em associações e organizações indígenas com o fim de defender os seus direitos e realizar ações que possam valorizar a língua e a cultura Kokama. Além disso, conforme Almeida e Rubim (2011, p. 75) para as lideranças Kokama a “construção da identidade indígena passa pela formação da Escola Indígena”.



### 3 ALGUMAS SITUAÇÕES DE FORTALECIMENTO DE LÍNGUAS E CULTURAS

---

Neste capítulo são apresentadas algumas experiências de fortalecimento linguístico e cultural, as quais são inspiradoras para o desenvolvimento de projetos, por apresentarem embasamento na valorização da autonomia das comunidades e terem resultados significativos. Alguns projetos ou programas são apresentados com mais detalhes e outros são dispostos a título de referência para aqueles pesquisadores que se interessarem.

#### 3.1 Projeto Web Indígena: inclusão de línguas indígenas no mundo digital

O Projeto Web Indígena<sup>38</sup> situa-se na esfera do ciberespaço e promove o fortalecimento linguístico e cultural, por meio da “inclusão digital de comunidades indígenas” juntamente com a “inclusão digital de línguas indígenas”. O projeto é coordenado por Wilmar D’Angelis, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil.

Um dos resultados desse projeto é o portal *Kanhgág Jógo* (“Teia Kaingang”)<sup>39</sup>, criado em 2008, o qual “é o primeiro programa brasileiro de inclusão digital desenvolvido para comunidades indígenas em sua própria língua materna” (JORNAL DA UNICAMP, 2010). Atualmente a manutenção do *Kanhgág Jógo* é quase exclusivamente feita pelos Kaingang.

D’Angelis possui 30 anos de experiência profissional junto aos Kaingang, em que pôde conhecer bem a realidade desse povo. Em colaboração com os indígenas, deu início à inclusão digital pró-ativa, começando pelo Noroeste do Rio Grande do Sul inicialmente envolvendo professores das comunidades de Inhacorá, Guarita e Iraí. O Projeto foi sendo ampliado para envolver outras comunidades Kaingang do Rio Grande do Sul (chegando a 9 terras indígenas no Estado) e, posteriormente, para o Oeste de Santa Catarina. Em 2012, o povo Xokleng passou a fazer parte do projeto e já possui também um *website*<sup>40</sup> desde abril/2012. Já em 2013 os Nhandewa entraram no projeto Web Indígena, desenvolvendo um *website*<sup>41</sup> em sua língua. D’Angelis afirma que não há, no entanto, receita predominante. Em alguns casos, já é sabido que a página que for criada pelo povo indígena conterà duas línguas

---

<sup>38</sup> Projeto Web Indígena. Disponível em: <<http://www.webindigena.org/>> Acesso em 20 de set. 2012

<sup>39</sup> Portal *Kanhgág Jógo*. Disponível em: <[www.kanhgag.org](http://www.kanhgag.org)> Acesso em: 20 set. 2012

<sup>40</sup> Website do povo Xokleng. Laklãnõ. Disponível em: <<http://www.laklano.org/>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

<sup>41</sup> Website do povo Nhandewa. Disponível em: <<http://www.nhandewa.org/>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

(mas não com os mesmos conteúdos nas duas). Entre as características do projeto, o autor destaca a seguinte: “A capacitação de quadros indígenas no domínio da tecnologia em que foi criada a página (no caso, o programa ou *software* livre *Drupal*), para que a página seja entregue aos cuidados plenos de gestores indígenas” (D’ANGELIS, 2010, p. 6).

O Projeto piloto com os Kaingang vem sendo um exemplo dessa inclusão digital para o fortalecimento da língua nativa. O meio virtual foi conhecido pelos Kaingang há pouco tempo, e vem se dissipando por suas comunidades de forma rápida, o que faz com que o tema da inclusão digital se intensifique, como comenta D’Angelis:

No final do século XX, na década de 1990, raríssimas comunidades indígenas no Sul do Brasil sabiam o que era um computador dentro de seu território<sup>42</sup>. Dez anos depois, ou seja, em 2010, poucas são as escolas indígenas Kaingang que não possuem pelo menos um computador. As que não possuem são escolas menores dentro de uma área indígena maior, e em contrapartida, um número bastante grande de escolas Kaingang possui sala de informática com pelo menos meia dúzia de computadores (muitas, com 10 ou 12) e ao menos uma impressora. E pelo menos 10 ou 15% das escolas Kaingang já estão conectadas à internet. Na verdade, o ritmo tem sido tão intenso, que talvez tenhamos, hoje, uma nova escola conectada a cada três meses. Pois bem, não tenho medo de ‘arriscar’ um prognóstico de que em menos de 10 anos não haverá comunidade Kaingang que não vá estar conectada à internet, com salas montadas especialmente para isso nas aldeias. E isso vale, igualmente, para um número já razoavelmente grande de etnias pelo Brasil afora. Isso também significa que, no mínimo, mais da metade das crianças Kaingang que nascerem a partir de hoje provavelmente terão contato com a internet antes da adolescência. (D’ANGELIS , 2010, p. 3)

Os comandos da página *Kanhgág Jógo* são na língua Kaingang, assim como o texto do conteúdo dos artigos escritos pelos autores Kaingang, sendo o primeiro site criado totalmente em língua indígena no Brasil (Fig. 7).

---

<sup>42</sup> “Em 1997 nós próprios (o autor do texto e sua esposa, a antropóloga Juracilda Veiga) doamos o que seria o 1º computador em uma comunidade indígena no Sul, a serviço dos indígenas (no caso, dos professores Kaingang de Inhacorá, no Rio Grande do Sul)” (D’ANGELIS , 2010, pag. 3).

Figura 7 - Página principal *Kanhgág Jógo*.

Fonte: *Kanhgág Jógo*. Disponível em: <<http://kanhgag.org/>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

O Projeto visa expandir a experiência para outras línguas e comunidades indígenas. A inclusão das línguas indígenas na internet é algo novo no Brasil. É de se questionar como vem sendo e como será realizada essa inclusão, por quem e para quê. O projeto piloto “Web indígena”, com suas experiências, contribui para futuros projetos de fortalecimento de línguas e culturas.

### 3.2 Projeto cineastas indígenas: um outro olhar - Vídeo nas Aldeias (VNA)

O projeto **Cineastas Indígenas: um outro olhar** foi desenvolvido pela ONG Vídeo nas Aldeias e contemplado através de edital de seleção pública na área de “Educação pelas Artes” pelo Programa Petrobras Cultural no Brasil. Destinado às escolas do ensino médio comprometidas a utilizá-lo em sala de aula, o Kit contendo uma coleção de cinco DVDs (1 Kuikuro, 2 Huni kuĩ, 3 Panará, 4 Xavante, 5 Ashaninka) e um livro **Guia para professores e alunos**<sup>43</sup> foi publicado no ano de 2010 e distribuído gratuitamente para três mil escolas do ensino médio do Brasil. Na Fig. 8 pode-se ver alguns desses DVDs.

<sup>43</sup> Guia para professores e alunos Disponível em: <[http://www.videonasaldeias.org.br/downloads/vna\\_guiã\\_prof.pdf](http://www.videonasaldeias.org.br/downloads/vna_guiã_prof.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2012.

Figura 8 - DVDs Cineastas Indígenas



Fonte: Vídeo nas Aldeias<sup>44</sup>.

Criado e produzido por documentaristas indígenas de diversas etnias, o conteúdo dos DVDs desse Kit revela, segundo Araujo (2010, p. 6) uma parte substancial de seu universo – vista por eles mesmos. Vincent Robert Carelli, antropólogo e cineasta, coordenador da ONG Vídeo nas Aldeias (VNA), vem incentivando a utilização da câmera como ferramenta de comunicação entre indígenas e não indígenas. Carelli vem coordenando oficinas de edição, entre outras, para diversos povos indígenas, o que fez, com o tempo, com que os indígenas se apropriassem do meio audiovisual. Conforme Araujo (2010, p. 9) o VNA vem investindo no processo de formação e consolidação de realizadores indígenas e essa série de DVDs é um dos resultados do amadurecimento desse processo, pois além de veicular os filmes, trazem informações complementares sobre o povo e sua história e vêm atender à demanda por materiais didáticos necessários para a implementação das leis 11.645 e 10.639. Para o autor, o VNA e os realizadores indígenas esperam com esses trabalhos contribuir para uma formação mais ampla dos alunos, como estudantes e como cidadãos.

Fator importante nesse processo, a nosso ver, é o retorno por parte dos professores e alunos que receberam o Kit, por meio de relatos sobre as exibições, com as discussões que elas geraram, bem como os trabalhos desenvolvidos nesta temática nas escolas, no Fórum do *site* do Vídeo nas Aldeias.

<sup>44</sup> DVDs Cineastas Indígenas agora disponíveis no mercado. Disponível em: <<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/noticias.php?c=28>>. Acesso em: 21 abr. 2012.

Como se pode ver um dos princípios, citado por Araújo (2010), do projeto do VNA é a perspectiva colaborativa, propiciada nesse fórum por meio do diálogo entre cineastas indígenas que têm acesso à internet em suas aldeias, a equipe do VNA, os alunos e os professores, com o intuito de orientar as próximas publicações.

Portanto, o projeto **Cineastas Indígenas: um outro olhar**, com a sua referência em trabalhos audiovisuais representativos para os indígenas e conseqüentemente a sua presença no cinema mundial, poderá auxiliar no desenvolvimento de outros projetos dessa natureza.

### **3.2.1 Revitalização cultural e desenvolvimento sustentável dos Ashaninka do Rio Amônia**

Um dos projetos apresentados pelo **Guia para professores e alunos**, do projeto **Cineastas Indígenas: um outro olhar**, bastante interessante é o dos índios Ashaninka do Rio Amônia. Araújo (2010, p. 113) afirma que o projeto se baseia na “educação diferenciada” em que há a alfabetização das crianças em língua nativa. A relação dos Ashaninka com o audiovisual é bastante forte e segundo Araújo (2010, p. 113) recentemente, eles “se apropriaram do uso do vídeo para registrar momentos importantes da comunidade e seus conhecimentos tradicionais. A escola e o vídeo, instrumentos da sociedade ocidental, servem hoje para fortalecer suas tradições culturais e afirmar a identidade étnica”.

Um dos filmes do DVD 5 Ashaninka, “A gente luta mas come fruta”, é um filme que mostra a riqueza do conhecimento agroflorestal dos Ashaninka da aldeia Apiwtxa no rio Amônia, sua organização social e sua alimentação. Ao assisti-lo podemos ver que se trata de um filme transdisciplinar que pode ser trabalhado com os alunos do ensino médio em diversas disciplinas. O filme mostra questões importantes de fronteira geográfica, questões políticas e ambientais fundamentais para os Ashaninka e para o Brasil e o Peru como um todo. A qualidade das filmagens e a fotografia do filme são excelentes. A participação das crianças no filme e o seu aprendizado empírico contribuem para a Educação. O conteúdo do filme poderá incentivar também outros povos indígenas a fortalecerem os seus manejos e outras produções.

Em suma, pela experiência na utilização do audiovisual como recurso tanto para a divulgação como para o fortalecimento de línguas e culturas indígenas, o VNA tem muito que inspirar no desenvolvimento de outros projetos.

### **3.3 Línguas em Vídeo – Multilinguismo e Inclusão Cultural em Narrativas Audiovisuais**

O Projeto de extensão da Universidade de Brasília **Línguas em Vídeo – Multilinguismo e Inclusão Cultural em Narrativas Audiovisuais**<sup>45</sup> foi coordenado pelo prof. Marcos de Campos Carneiro que teve a ideia de criá-lo após a sua participação no 3º Simpósio Internacional sobre o Multilinguismo no Ciberespaço<sup>46</sup>, organizado pela Rede Mundial para a Diversidade Linguística (MAAYA). Carneiro apresentou nesse Simpósio o trabalho *Multilinguisme: inclusion de cultures dans des récits audiovisuels* que foi publicado<sup>47</sup> logo em seguida juntamente com outros acadêmicos. O projeto de extensão esteve ligado ao projeto **Multilinguismo, Inclusão Cultural em Narrativas Audiovisuais (MICNA)**, o qual é ministrado no quadro do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI) da Universidade de Brasília, com o objetivo de formar estudantes para produzir vídeos de conteúdos culturais<sup>48</sup>.

Parcerias já apontadas em Carneiro et al (2012) foram firmadas com o projeto de Extensão **Línguas em Vídeo – Multilinguismo e Inclusão Cultural em Narrativas Audiovisuais**. O MICNA juntou-se ao Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) e ao Letras/ Libras<sup>49</sup> para desenvolver o projeto de extensão no âmbito do LEA-MSI, com o intuito de capacitar os alunos do curso de Letras da UnB para a produção de vídeos e fomentar a inclusão de línguas indígenas, línguas de sinais e outras línguas em perigo de extinção em meios audiovisuais e também na internet. O projeto “promoveu oficinas, palestras e cursos sobre produção audiovisual, com a participação de alunos dos cursos de Línguas Estrangeiras Aplicadas (LEA/MSI), de Letras/Libras, e de Tradução do Instituto de Letras” (Línguas em vídeo, 2013)<sup>50</sup>. Um dos resultados do projeto de extensão foi a produção de quatro curtas-metragens que foram disponibilizados em DVD (Fig. 9), a saber:

<sup>45</sup>O Projeto “Línguas em Vídeo – Multilinguismo e Inclusão Cultural em Narrativas Audiovisuais” recebeu recursos do Edital nº 3/2012: da Finalidade de Indicadores, Informações e Qualificação do Fundo de Apoio à Cultura (FAC/DF).

<sup>46</sup> 3<sup>o</sup> Symposium International sur le Multilinguisme dans le Cyberspace (3 SIMC), 21-23 Novembre 2012, Paris/France. Disponível em: < <http://www.maayajo.org/spip.php?article168>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

<sup>47</sup> CARNEIRO, M. de C. ; GUTIERREZ, E. O. ; VIEGAS, C. W. ; CABRAL, A. S. A. C. . Multilinguisme : inclusion de cultures dans des récits audiovisuels. In: 3<sup>o</sup> Symposium International sur le Multilinguisme dans le Cyberspace, 2012, Paris. Programme et actes en ligne. Paris: Maaya Réseau Mondial pour la Diversité Linguistique, 2012. 18 p. Disponível em: < <http://www.maayajo.org/IMG/SIMC/Carneiro.pdf>> . Acesso em: 3 abr. 2014.

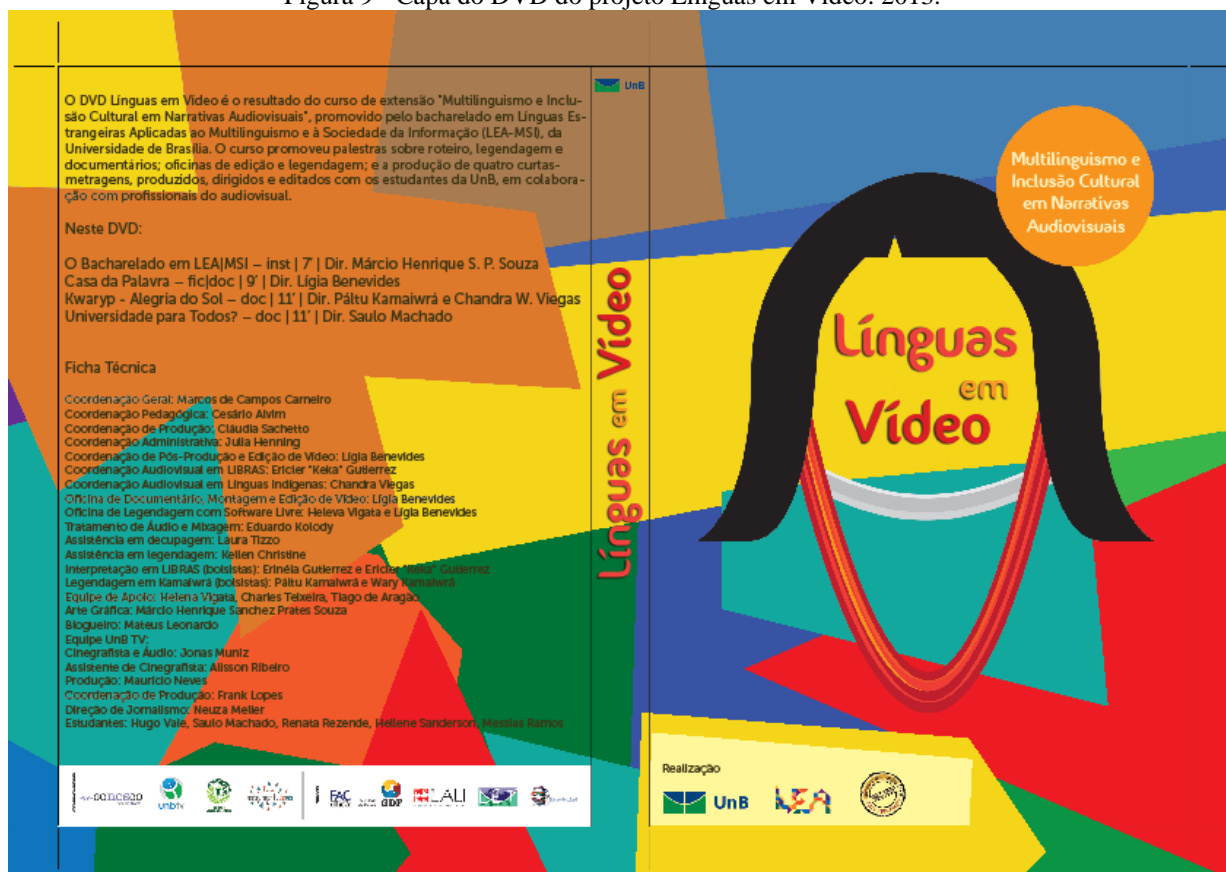
<sup>48</sup> CARNEIRO, M. de C. ; GUTIERREZ, E. O. ; VIEGAS, C. W. ; CABRAL, A. S. A. C (2012, p.1)

<sup>49</sup> Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). “Em 2002, o Decreto Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002 oficializou a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como língua utilizada pelos surdos no Brasil”. Cf. HELB Linha do tempo sobre a história do ensino de línguas no Brasil, PGLA, UnB. Disponível em: <[http://www.helb.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=48:oficializacao-da-lingua-brasileira-de-sinais-libras&catid=1061:2002&Itemid=2](http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=48:oficializacao-da-lingua-brasileira-de-sinais-libras&catid=1061:2002&Itemid=2)> . Acesso em: 3 abr. 2014.

<sup>50</sup> Línguas em Vídeo, 2013. Disponível em: <<http://www.let.unb.br/lea/linguas-em-video/>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

O **Bacharelado em LEA/MSI**” (7 min, dir. Márcio Henrique S.P. Souza), sobre o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas; **“Casa da Palavra”** (9 min, dir. Lígia Benevides), tratando do multilinguismo no Instituto de Letras; **“Kwaryp – Alegria do Sol”** (11 min, dir. Pálту Kamaiwrá e Chandra W. Viegas), sobre o ritual Kwaryp e o projeto de doutorado do linguista indígena da UnB, Prof. Pálту; e **“Universidade para Todos?”** (11 min, dir. Saulo Machado), sobre a presença da Língua Brasileira de Sinais nos cursos da UnB (Línguas em Vídeo, 2013).

Figura 9 - Capa do DVD do projeto Línguas em Vídeo. 2013.



Fonte: DVD do projeto Línguas em Vídeo – Multilinguismo e Inclusão Cultural em Narrativas Audiovisuais, 2013.

Os curtas-metragens foram disponibilizados também no canal do projeto MICNA no YouTube<sup>51</sup>, onde se encontram as diversas versões de legendagem. O curta-metragem **Kwary**

<sup>51</sup> Projeto MICNA. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCjqiQIwzCfrG6ulEn4fOS3Q>>. Acesso em: 3 abr. 2014.



**Alegria do Sol** (11 min, dir. Pálto Kamaiwrá<sup>52</sup> e Chandra W. Viegas), por exemplo, está disponibilizado na versão com legenda na língua indígena Kamaiurá<sup>53</sup> (Fig. 10):



Fonte: Kwaryp - Alegria do Sol (11 min, dir. Pálto Kamaiwrá e Chandra W. Viegas). Projeto MICNA. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCjiqoIwzCfrG6ulEn4fOS3Q>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

E também na versão com legenda em Kamaiurá e em Libras (Fig. 11):

<sup>52</sup>Aisanain Pálto Kamaiwrá, indígena da etnia Kamaiurá do Alto Xingú, vem estudando as formas de discurso na sua língua. Produziu a dissertação de mestrado “Uma análise linguístico-antropológica de exemplares de dois gêneros discursivos Kamaiurá”, em 2010 pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília e vem dando continuidade às análises como doutorando pelo mesmo programa.

<sup>53</sup>Kwaryp - Alegria do Sol (Legendado)> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s0HiGwKTpZU> Acesso em: 3 abr. 2014.



Figura 11 - Kwaryp - Alegria do Sol (Versão Libras). 2013.



Fonte: Kwaryp - Alegria do Sol (11 min, dir. Páltu Kamaiwrá e Chandra W. Viegas). Projeto MICNA. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2qh8BtuhqNA>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

### 3.4 A língua Asuriní do Tocantins: um projeto piloto para a metodologia geral do Inventário Nacional da Diversidade Lingüística

O Projeto “A língua Asuriní do Tocantins: um projeto piloto para a metodologia geral do Inventário Nacional da Diversidade Lingüística” foi coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Suelly Arruda Câmara Cabral do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) da Universidade de Brasília. Esse projeto foi um dos aprovados pelo Edital 003/2008 (Inventário Nacional da Diversidade Lingüística e Mapeamento Documental do Patrimônio Imaterial) visando à implementação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Autarquia Federal vinculada ao Ministério da Cultura, Brasil.

Conforme Cabral et al<sup>54</sup> (2012, p.7) a língua Asuriní do Tocantins - também chamada de Asurini do Trocará - tem uma população de aproximadamente 500 pessoas, no entanto, “apenas uma centena destas tem conhecimento da língua nativa e apenas algumas fazem uso mais sistemático dessa língua”, sendo este aspecto sociolinguístico, um dado para considerar a língua Asuriní como fortemente ameaçada de extinção. A metodologia de trabalho para constituição do Inventário da língua Asuriní contou com uma equipe interdisciplinar e com participação ativa dos Asuriní do Tocantins, Estado do Pará, para o desenvolvimento de diversas pesquisas:

Para a constituição do Inventário foram utilizadas diferentes metodologias, dentre as quais: pesquisas bibliográficas, pesquisas documentais, entrevistas, aplicação de questionários, elicitación de dados linguísticos (Acervo) e observação direta. [...] A documentação acessível foi fotocopiada e/ou digitalizada. Para a obtenção das informações históricas, linguísticas e culturais obtidas junto à comunidade foram aplicadas entrevistas diretas e/ou questionários. As entrevistas foram gravadas em sistema digital e em fita magnética. Parte das entrevistas foi também registrada em vídeo. O item Acervo foi inventariado por meio de sessões de elicitación oral e por meio de produção de textos. A observação direta foi procedimento geral e constante por parte dos pesquisadores que atuaram em campo, os quais registraram por escrito e/ou por meio de documentação visual ou áudio-visual (AQUINO, 2010, p. 64)<sup>55</sup>.

Foi criado pelo projeto da língua Asurini do Tocantins, um Kit para apresentação do inventário contendo diversos tipos de materiais (Fig. 12):

---

<sup>54</sup> CABRAL, A. S. A. C. (Org). Contribuições para o Inventário da Língua Asuriní do Tocantins: Projeto Piloto para a Metodologia Geral do Inventário Nacional da Diversidade Linguística.-Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas/UnB, 2012.

<sup>55</sup> AQUINO, Letícia de Souza. Pesquisas sociolinguísticas entre os Asuriní do Tocantins. Contribuição para o inventário nacional da diversidade linguística (INDL). 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

Figura 12 - Kit Asurini. A língua Asuriní do Tocantins: um projeto piloto para a metodologia geral do Inventário Nacional da Diversidade Lingüística. Brasília. 2012.



Fonte: Acervo do LALLI. Fotografia e montagem de Chandra W. Viegas. 2014.

O inventário da língua Asuriní do Tocantins veio, portanto contribuir para o fortalecimento da língua e da cultura Asuriní, assim como para o desenvolvimento de políticas públicas no Brasil, como o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), o qual foi instuído pelo Decreto nº 7.387:

Art. 1º Fica instituído o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, sob gestão do Ministério da Cultura, como instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (Decreto nº 7.387, Art.1º, 9 de dezembro de 2010<sup>56</sup>).

Em entrevista concedida à Letícia de Souza Aquino, Márcia Sant’Ana, na época Diretora do Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI) do IPHAN, comenta sobre as questões levantadas, as quais selecionamos alguns trechos das respostas:

<sup>56</sup>Decreto nº 7.387, Art.1º, 9 de dezembro de 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm)>. Acesso em: 20 abr. 2012.

1-A assinatura do Decreto nº 7.387, de dezembro de 2010, foi fundamental para garantir a implementação dessa importante política de reconhecimento e valorização da diversidade lingüística do Brasil. [...] 2- A implantação do INDL trará necessariamente mais recursos para a pesquisa de línguas indígenas, assim como as faladas por outras comunidades de brasileiros. Sendo um instrumento de política linguística, o INDL poderá também direcionar pesquisas pré-existentes e prover meios para que além da documentação, sejam realizadas ações de promoção e apoio à vigência dessa línguas (Entrevista com Márcia Sant'Ana. AQUINO, 2010, p. 110).

Já no ano de 2014 foi anunciada a inclusão no INDL das línguas inventariadas no período de 2008 a 2011 em projetos-piloto apoiados pelo IPHAN.

A comissão técnica do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (CT-INDL), que é formada por representantes do Ministério da Cultura, do Planejamento, da Ciência, Tecnologia e Inovação, da Educação e da Justiça, aprovou em reunião realizada no dia 09 de setembro de 2014, na sede do IPHAN, em Brasília, a inclusão das línguas Asurini do Trocará, Guarani Mbya e Talian no INDL (DPI – IPHAN, 12/09/2014).<sup>57</sup>

Será realizado no ano corrente um grande evento no Brasil o **Seminário Ibero-Americano da Diversidade Linguística**<sup>58</sup>, em Foz do Iguaçu/PR, entre os dias 17 e 20 de novembro de 2014, onde haverá a cerimônia oficial de certificação dessas línguas.

### 3.5 Educação do povo Huni Kuin

A educação do povo Huni kuin do Acre, Brasil, traz muitas contribuições para outros projetos de fortalecimento de línguas e culturas. Os Huni Kuin passaram por diversas fases como são retratadas por Joaquim Mana Paulo Kaxinawá<sup>59</sup> em sua dissertação<sup>60</sup>. Antes da chegada dos invasores em seus territórios, os Huni Kuin tinham uma educação baseada no contato espiritual com os animais e a floresta, e na relação de aprendizagem social, tendo

<sup>57</sup> Três línguas são reconhecidas como Referência Cultural Brasileira. DPI – IPHAN, 12/09/2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=5D5FF632D3AA6F93796F9E17BEC935EF?id=18612&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>> . Acesso em: 14 set. 2014.

<sup>58</sup> Seminário Ibero-Americano da Diversidade Linguística. Disponível em: <<http://diversidadelinguistica.cultura.gov.br/>>. Acesso em: 4 nov. 2014.

<sup>59</sup> Joaquim Mana Paulo Kaxinawá é indígena do povo Huni Kuin. Trabalha como professor na Secretaria Estadual de Educação do Acre e é pesquisador no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) da Universidade de Brasília (UnB).

<sup>60</sup> KAXINAWÁ, Joaquim Mana Paulo. Confrontando registros e memórias sobre a língua e a cultura Huni Kuin: de Capistrano de Abreu aos dias atuais. 194 p. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

conhecimentos específicos e conhecimentos coletivos. Após o contato com os não indígenas e a inclusão da escola nas aldeias, muitos dos conhecimentos indígenas foram sendo perdidos.

Com a criação da Educação diferenciada Kaxinawá considera que:

Com o Projeto de uma Educação Indígena Diferenciada, houve pela primeira vez uma mudança radical na educação escolar Kaxinawá. Este projeto tem seus reflexos até hoje, e foi ele que impulsionou o desenvolvimento de uma educação escolar indígena em que os povos indígenas puderam escolher e lutar por modelos educacionais mais voltados para as suas necessidades e potencialidades (KAXINAWÁ, 2011, p. 36).

Kaninawá analisa as primeiras iniciativas das Secretarias de Educação, que ainda precisavam ser melhoradas com maior envolvimento dos indígenas nas discussões, para que a carga horária, o conteúdo e a formação dos professores pudessem ser mais de acordo com a forma de aprender dos Huni Kuin. Tendo em vista o contato intenso com os não indígenas, a língua Hãtxa kuĩ, falada pelos Huni Kuin, vem perdendo espaço para o Português, em que “das 11 terras dos Huni kuĩ existentes no estado do Acre, em seis delas só os mais velhos falam o Hãtxa kuĩ, enquanto que as crianças e jovens não a falam, mesmo entendendo muitas de suas palavras” (KAXINAWÁ, 2011, p. 37).

Nesse sentido os Huni Kuin propõem uma educação diferenciada para o seu povo (KAXINAWÁ, p. 37-40), que seria uma educação escolar combinada com a educação tradicional já utilizada há muito tempo pelos Huni Kuin, uma educação intercultural.

Assim, Kaxinawá vem refletindo junto com lideranças e professores da região sobre diversas áreas da educação escolar do povo Huni Kuin, dentre elas, o conteúdo que seria baseado em dez áreas do conhecimento (informação verbal)<sup>61</sup>

- 1- Língua (Hãtxa kuĩ)
- 2- Produção agrícola (yunu xarabu)
- 3- Música (mimawa xarabu)
- 4- Plantas medicinais (rau xarabu)
- 5- Ciências sociais (un haska hiwea xarbu)
- 6- Ciências naturais (ex. estrela, lua)
- 7- Animais (yui naka xarabu)
- 8- (Beya): cerâmica, pintura corporal, tecido, palha
- 9- Espíritos (Yuxibú)

---

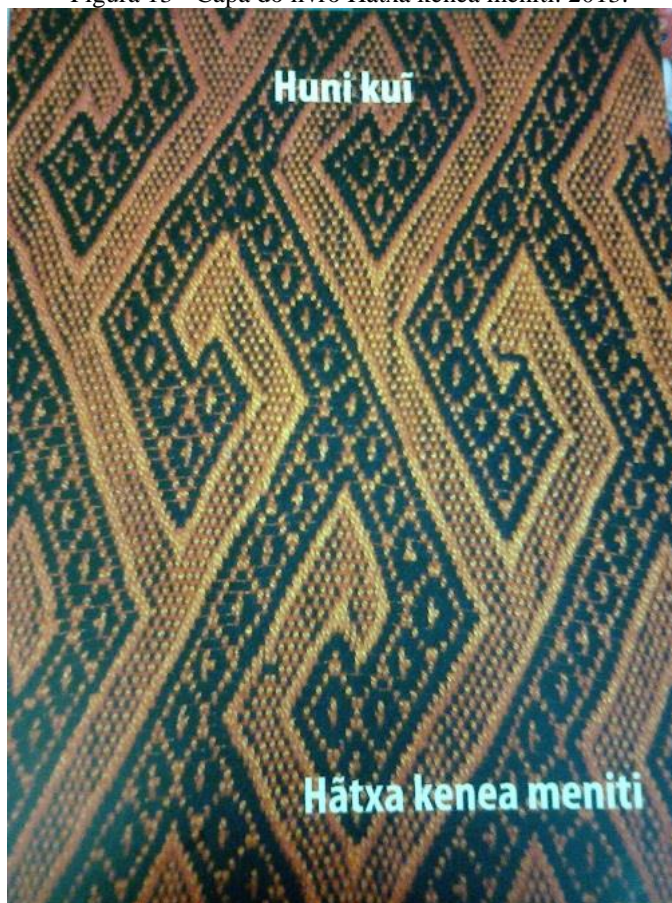
<sup>61</sup> Entrevista concedida por Joaquim M. P. Kaxinawá, comunicação pessoal, Universidade de Brasília, 30 de junho de 2013.

#### 10- Floresta (ni xarabú)

Tendo em vista esse conteúdo de conhecimentos Huni Kuin a carga horária anual de 800 horas seria dividida em 400 horas de conhecimentos “de fora” e 400 horas de conhecimentos Huni Kuin (informação verbal)<sup>62</sup>.

Os Huni Kuin são bilíngues na oralidade, mas não são na escrita do Huni Kuin, pois são alfabetizados em Português. Os Huni Kuin vêm produzindo, então, materiais na língua Hãtxa kuĩ para contribuir para a aprendizagem da língua escrita. O livro mais recente é de autoria de Joaquim Mana Paulo Kaxinawá, intitulado Hãtxa Kenea Meniti<sup>63</sup> ‘Para aprender a escrita em Hãtxa kuĩ’, cuja capa e a contracapa podem ser vistas nas figuras 13 e 14.

Figura 13 - Capa do livro Hãtxa kenea meniti. 2013.



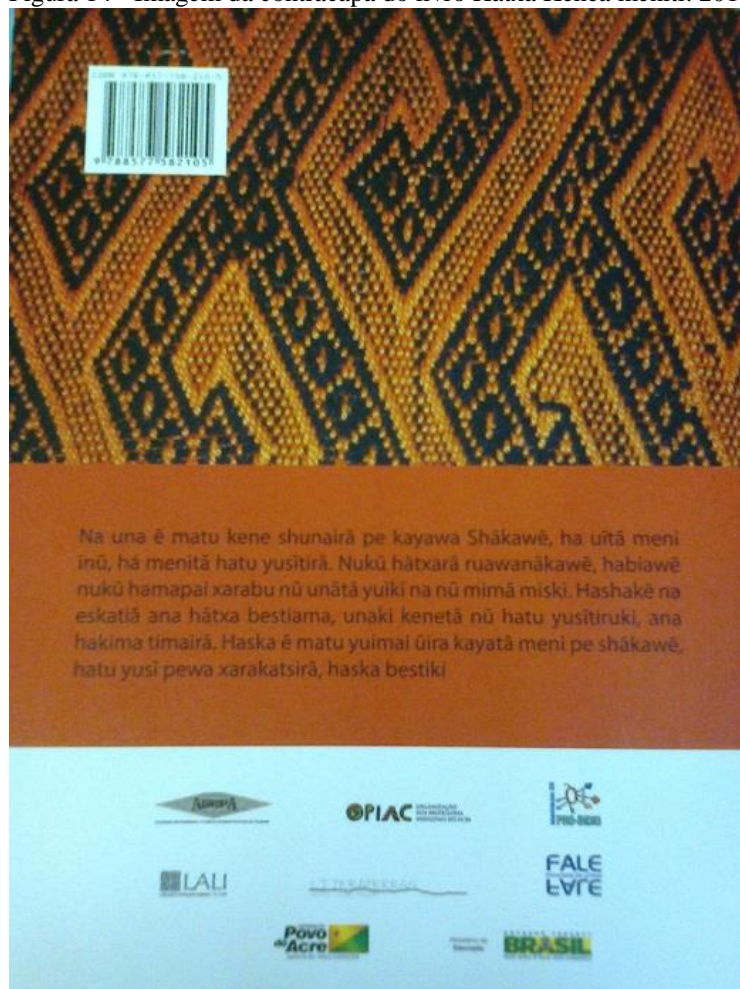
Fonte: Livro Hãtxa Kenea Meniti. Acervo pessoal de Joaquim Mana Paulo Kaxinawá

<sup>62</sup> Entrevista concedida por Joaquim M. P. Kaxinawá, comunicação pessoal, Universidade de Brasília, 30 de junho de 2013.

<sup>63</sup> KAXINAWÁ, Joaquim Mana Paulo. Hãtxa Kenea meniti. Literaterras-FALE/UFMG. Belo Horizonte. 2013.



Figura 14 - Imagem da contracapa do livro Hätxa Kenea meniti, 2013



Fonte: Imagem da contracapa do livro Hätxa kenea meniti Acervo pessoal de Joaquim Mana Paulo Kaxinawá

### 3.6 Projeto de Educação e Cultura Indígena Maurehi

O **Projeto de Educação e Cultura Indígena Maurehi** se desenvolve desde 1994, na aldeia Karajá Buridina, na cidade de Aruanã, Goiás, Brasil, sob a coordenação da Profa. Maria do Socorro Pimentel da Silva. O objetivo do projeto é a revitalização da cultura e da língua Karajá. Conforme Pimentel da Silva (2009, p. 109)<sup>64</sup> as crianças Karajá adquirem sua língua materna seguindo as normas sociolinguísticas de seu povo, nas comunidades em que o Karajá é primeira língua. Já na comunidade Buridina, “as crianças estão adquirindo a língua

<sup>64</sup> PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. Reflexões sociolinguísticas sobre línguas indígenas ameaçadas. Goiânia: Ed. Da UCG, 2009.

Karajá como segunda língua na escola e em outros contextos criados para esse fim” (PIMENTEL DA SILVA, 2009, p. 109).

Na comunidade de Santa Isabel do Morro, a mais populosa da sociedade Karajá, a língua Karajá é a primeira língua adquirida pelas crianças e também a língua mais usada na comunicação. A língua Karajá é falada em todos os espaços sociais e nos espaços especializados, os quais vitalizam a língua (PIMENTEL DA SILVA, 2009, p. 60). Alguns desses espaços podem ser vistos no Quadro 6.

Quadro 6 - Alguns espaços dos Karajá (PIMENTEL DA SILVA, 2009).

Alguns espaços dos Karajá		
Espaços cotidianos	Hetoku	‘casa’
	Waxina	‘lugar de pescar com anzol’
	Wyhyna	‘lugar de pescar com pesca’
	Riuna	‘lugar de caçar’
	Koworu	‘roça’
Espaços especializados	Kube/Ube	‘pátio em frente à casa dos narradores’
	Alòrèsèna	‘lugar de trabalhar’
	Hirarina	‘lugar de todas as mulheres adultas jovens, meninas e os meninos ainda não iniciados’
	Ijoina	‘espaço estritamente masculino’
	Ijasò-ry	‘caminho por onde os ijasò passam dançando e cantando na época dos rituais’
	Hetohokỹ	‘uma casa grande, feita na época do ritual que leva o mesmo nome, espaço masculino’
	Anõriti widỹkỹna	‘lugar onde se faz artesanato’

Fonte: Pimentel da Silva (2009, p.61-63).

Na aldeia Buridina o **Projeto de Educação e Cultura Indígena Maurehi** foi pioneiro no trabalho escolar voltado para o ensino de línguas indígenas como segunda língua como uma política linguístico-pedagógica de revitalização de línguas (PIMENTEL DA SILVA, 2009, p. 109). O projeto tem buscado criar novas bases para o ensino de línguas indígenas ameaçadas, concebendo a língua como: conhecimento, cultura, arma de defesa, identidade, natureza, sustentabilidade cultural (PIMENTEL DA SILVA, 2009, p. 110).

### 3.7 Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA)



O **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA)**, coordenado pelo professor Alfredo Wagner Berno de Almeida, vem possibilitando o desenvolvimento da autcartografia dos povos e das comunidades da Amazônia, cujos resultados, os fascículos, buscam fortalecer os movimentos sociais, transparecendo as expressões culturais diversas, além de possibilitar um maior conhecimento da região em questão<sup>65</sup>.

Cada fascículo é resultado de uma relação social específica entre um povo ou comunidade tradicional e a equipe de pesquisadores. É o movimento social que busca o PNCSA para realizar a cartografia. A partir desse interesse manifesto, é realizada uma oficina de mapas com a participação de cerca de 30 agentes sociais e os pesquisadores membros do Projeto. Nela, os pesquisadores ensinam técnicas de GPS e de mapeamento, além de conversar com os agentes e coletar depoimentos sobre a história social e problemas da comunidade. Os agentes sociais produzem croquis, mapeando sua região e indicando quais os elementos relevantes para a sua composição. Em um segundo momento, sem a presença dos pesquisadores, os agentes sociais marcam, com GPS, os pontos do que consideram significativo de seu território. Na seqüência, o PNCSA recolhe as informações das marcações de ponto e as georeferencia na base cartográfica, inserindo as ilustrações produzidas nos croquis. Essas ilustrações compreendem desenhos, esboços e reproduções de símbolos e objetos (remos, casas, embarcações, instrumentos de trabalho, animais, plantas, etc.) que são transformados, a partir do trabalho da equipe de pesquisadores, em ícones para compor as legendas dos mapas. Simultaneamente, transcreve-se excertos de depoimentos e seleciona-se os que comporão o fascículo (Nova Cartografia Social da Amazônia. Apresentação)<sup>66</sup>.

O PNCSA desenvolve o mapeamento social como um Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação. A Fig. 15 mostra alguns fascículos produzidos pelo PNCSA junto às comunidades:

---

<sup>65</sup>Nova Cartografia Social da Amazônia. Apresentação. Disponível em: <  
<http://novacartografiasocial.com/apresentacao/>> . Acesso em 25 jul. 2014.

<sup>66</sup>Idem

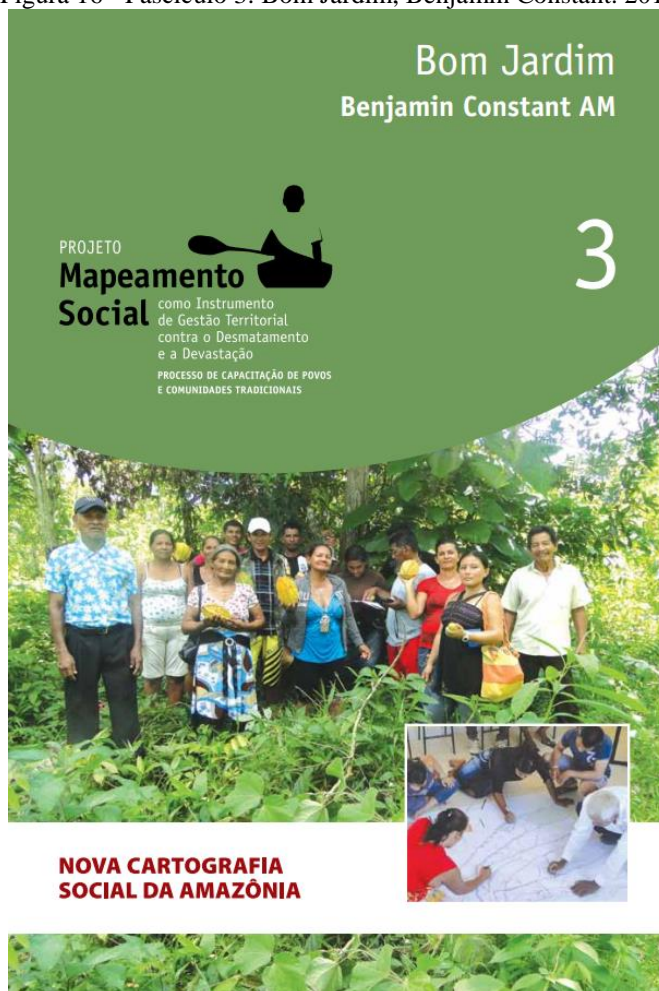
Figura 15 - Fascículos do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA)



Fonte: Nova Cartografia Social da Amazônia. Projeto Mapeamento social. Disponível em: <  
<http://novacartografiasocial.com/fasciculos/projeto-mapeamento-social/>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

O povo Kokama da comunidade Bom Jardim, Benjamin Constant, Amazonas, Brasil, participou do processo de capacitação do PNCSA, realizando a autcartografia no fascículo número 3 (Fig. 16), o qual está disponível para *download* na página do PNCSA.

Figura 16 - Fascículo 3: Bom Jardim, Benjamin Constant. 2013



Fonte: Nova Cartografia Social da Amazônia. Mapeamento Social. Fascículo 3<sup>67</sup>. Disponível em: <<http://novacartografiasocial.com/fasciculos/projeto-mapeamento-social/>>. Acesso em 25 jul. 2014.

O fascículo número 3 possui o seguinte conteúdo:

- ↘ Movimento Kokama pela formação da comunidade
- ↘ Medicina tradicional praticada pelo povo Kokama
- ↘ Artesanatos tradicionais produzidos pelo povo Kokama
  - ◆ Da agricultura e do extrativismo aos alimentos tradicionais do povo Kokama
- ↘ Mapa situacional
- ↘ Cartografia e demarcação contra o desmatamento
- ↘ A educação indígena tradicional do povo Kokama e Tikuna na comunidade Bom Jardim

<sup>67</sup>Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processos de capacitação de povos e comunidades tradicionais: Povos Kokama e Tikuna Benjamin Constant-AM: demarcação contra devastação, 2 / coordenação geral, Alfredo Wagner Berno de Almeida; equipe de pesquisa, Reginaldo Conceição da Silva ... [et al.]. – Manaus : UEA, 2013.

- ◆ Educação e cultivo
- ◆ Valorização da cultura Kokama
- ◆ Desmatamento prejudica nossa saúde
- ◆ Educação e cultura contra o desmatamento e “desenvolvimento”
- ◆ A gente não desmata

#### ↳ Principais reivindicações

Esses conteúdos constituídos pela visão dos próprios indígenas Kokama fortalecem tanto a língua como a cultura Kokama, tendo em vista a importância dos registros e temas tratados para as comunidades. O “Mapa situacional-Tabatinga abril de 2013, Povos Kokama e Tikuna - Benjamin Constant – AM: Demarcação Contra a Devastação”<sup>68</sup> traz a marcação dos locais onde há presença de elementos importantes para a comunidade, tais como Gavião real, flamingo, açazal, castanhal, seringal, entre outros elementos localizados nesse mapa, como o local onde há invasão de madeireiros.

### 3.8 Casos apresentados por Hinton (2001e, p. 413-417)

Apresentamos aqui alguns casos de retomada de língua abordados por Hinton (2001e, p. 413-417). No capítulo 5 desta tese serão discutidas as questões teóricas discutidas por essa autora no mesmo capítulo. Os casos apresentados referem-se às línguas *Hebrew* (Hebraico), *Cornish* e *Miami*.

O **Hebraico** não poderia ser considerado uma língua extinta, pois mesmo que não fosse usado “em casa” durante dois milênios, nunca deixou de ser usado como uma língua da religião. O Hebraico voltou a ser falado devido à dedicação de Eliezer Bem-Yehuda à sua revitalização. Como o Hebraico antigo estava limitado ao uso religioso, faltava à língua vocabulário para ser usada no dia-a-dia da vida moderna. Bem-Yehuda, então, criou quase 4.000 (quatro mil) palavras novas em Hebraico com base em raízes antigas da língua e completou 10 volumes de uma grande enciclopédia hebraica. O seu trabalho foi bastante criticado, provocando controvérsias, sobre o fato de ser um sacrilégio secularizar uma língua sagrada. O Hebraico foi a única língua de um assentamento de sionistas no fim do século XIX na Palestina, no qual havia pessoas de diversas origens linguísticas. O trabalho de Bem-Yehuda permitiu que o hebraico fosse adotado pelos sionistas nesse período. Foi, portanto

---

<sup>68</sup> ALMEIDA et al (2013, p. 6-7)

inevitável, que o Hebraico moderno tornasse língua oficial de Israel quando o Estado foi estabelecido em 1948. Atualmente, o Hebraico é falado por cerca de 5 milhões de israelitas e ainda é a língua de oração dos judeus de todo o mundo. O caso do Hebraico, que deixou de ser falado por 2.000 anos e passou pela revitalização, voltando a ser falado no dia-a-dia inspira pessoas de todo o mundo que trabalham com projetos de retomada de língua.

O **Cornish** foi falado em parte do Reino Unido. É uma língua celta que perdeu o espaço para o Inglês que foi introduzido pelos livros, pelo comércio, causando um estigma social em que o Cornish, era considerado como língua de classe social baixa. O último falante nativo faleceu no fim do século XIX, mas antes disso Henry Jenner começou a revitalizá-la por meio de documentação que serviu para pesquisas de uma equipe chefiada por Morton Nuance, cujo trabalho resultou na padronização do Cornish e um conjunto completo de gramáticas, dicionários e periódicos. Atualmente, o Cornish é falado como segunda língua, mas não é usada “em casa”. A transmissão da língua vem sendo feita também pela Rádio *Cornwall*.

A nação **Miame** tem filial nos estados de Indiana e Oklahoma nos Estados Unidos. O último falante do Miame faleceu em 1962. Contudo, há grande quantidade de documentação do Miame abrangendo mais de 200 anos. O linguista David Costa vem estudando esse material, desenvolvendo análises e trabalhos. Outro que se dedica à revitalização da língua Miame é Daryl Baldwin, um membro do grupo de Indiana que possui mestrado em linguística e especialização em sintaxe. Como ele aprendeu, ensinou sua esposa e filhos, a ponto de o Miame ser a primeira língua de seus filhos mais jovens. Ele e sua esposa escolheram a “escola em casa” para as crianças. Junto com outras duas famílias que também se tornaram dedicados à revitalização do Miame. Segundo a autora, eles estavam, na época da publicação da obra, nos estágios iniciais de recriar uma comunidade de fala<sup>69</sup>.

Coforme Hinton, talvez a lição mais importante a se aprender com os pequenos e grandes esforços que podem ser feitos por apenas poucas pessoas, ou até mesmo uma única pessoa - um Henry Jenner, um Eliezer Ben-Yehuda, ou um Daryl Baldwin - seja que é preciso iniciar o processo. E “isso pode ser feito com o apoio da comunidade ou sem ela, no início. Mas, mesmo sem o apoio inicial da comunidade, uma única pessoa pode eventualmente

---

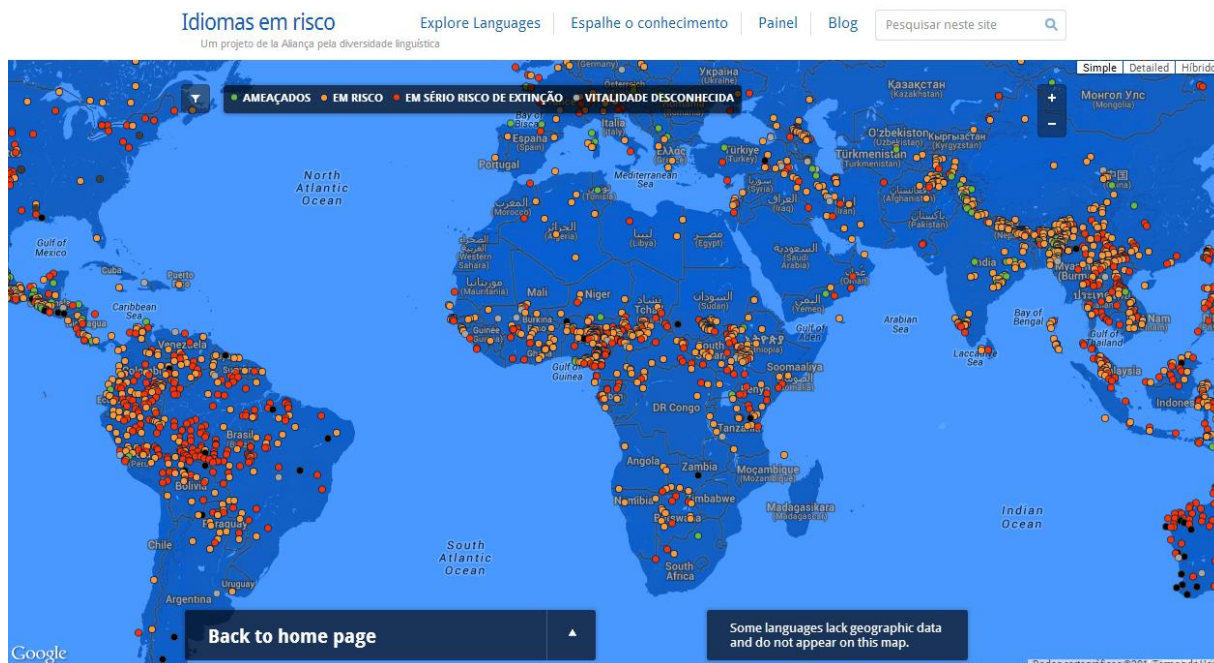
<sup>69</sup> Em 2001, Daryl Baldwin foi convidado para o projeto Myaamia na Universidade de Miami, no qual afirmam os seus objetivos como a exploração e o uso da tecnologia para o desenvolvimento e transmissão de língua e cultura. O projeto continua em andamento. Disponível em: <<http://listserv.linguistlist.org/cgi-bin/wa?A2=ind0302&L=e-meld-queryroom-ab&P=93>> Acesso em: 06 abr. de 2014.

crescer como uma bola de neve rolando ladeira abaixo” (HINTON, 2001e, p. 417, tradução nossa).

### 3.9 Endangered languages project – Google

O projeto *Endangered Languages* “Idiomas em risco” foi desenvolvido pela empresa multinacional *Google* em parceria com o *Catalogue of Endangered Languages* (ELCat) “Catálogo de Idiomas em Risco”, produzido pela Universidade do Havaí em Manoa e com o *The Institute for Language Information and Technology* (*The Linguist List*) da Universidade do Leste de Michigan, os quais fornecem os dados das línguas ameaçadas que compõem o mapa interativo<sup>70</sup>, no qual as línguas de diversos locais do mundo são classificadas em quatro níveis de vitalidade: “ameaçadas”, “em risco”, “em sério risco de extinção”, “em vitalidade desconhecida”. O projeto é um recurso on-line que permite também o registro pessoal, o acesso e o compartilhamento de amostras (vídeos, áudios, textos, etc) de idiomas em risco. No site (Fig. 17) as pessoas também compartilham conselhos e práticas sobre documentação e o fortalecimento de idiomas ameaçados.

Figura 17 - Explore línguas



Fonte: Projeto *Endangered Languages*<sup>71</sup>

<sup>70</sup> *Endangered Languages* Idiomas em risco. Mapa interativo. Disponível em: <<http://www.endangeredlanguages.com/#/3/4.948/345.938/0/100000/0/low/mid/high/dormant/awakening/unknown>> Acesso em: 23 jun. 2014.

<sup>71</sup> *Idem*.

### 3.10 Projetos localizados na wikimedia línguas indígenas

A *Wikimedia Foundation* abarca projetos que buscam fortalecer línguas indígenas por meio dos seus recursos wiki. Os projetos listados a seguir podem ser consultados na página *Wikimedia Línguas Indígenas*<sup>72</sup>.

- ♦ *African languages*
- ♦ *Afrophonewikis*
- ♦ *Canadian Aboriginal Languages Wikipedia Coordination*
- ♦ *Cooperation between Wikimedia and Endangered Languages Project*
- ♦ *Javanese Language Wikipedia Revitalization Project 2012-2013*
- ♦ *v:LangCamp 2012 langcamp.org*
- ♦ *Missing Wikipedias*
- ♦ *Mobile audio upload app*
- ♦ *Projet:Wikipetia Atikamekw (Français)*
- ♦ *Promoting the South Asian languages projects*
- ♦ *Promoting the Southeast Asian languages projects*
- ♦ *Support to North Sami language Wikipedia*
- ♦ *Small Languages Outreach Wikiproject*
- ♦ *Sundanese language Wikipedia Revitalization Project*
- ♦ *Teamwork of projects in languages with singular status*
- ♦ *Wikilang*
- ♦ *Wikimedia Australia/Activities/Aboriginal Language Wikipedia*
- ♦ *Wikimedia México/Lenguas de México (Spanish)*
- ♦ *Wikiproyectos en lenguas originarias de Venezuela (Spanish)*
- ♦ *Wikipedia WikiProject Endangered Languages*
- ♦ *English WikiProject Native Languages of California*
- ♦ *Малые разделы Википедии на языках России (Русский)*

### 3.11 Tlingit conversation documentation project

O Projeto de documentação de conversação em Tlingit (*Tlingit Conversation Documentation Project*)<sup>73</sup> foi desenvolvido pelo Programa Alaska Idiomas da Universidade

---

<sup>72</sup> *Wikimedia Línguas Indígenas*. Disponível em: <  
[http://meta.wikimedia.org/wiki/Wikimedia\\_Indigenous\\_Languages/pt-br](http://meta.wikimedia.org/wiki/Wikimedia_Indigenous_Languages/pt-br)> Acesso em 23 jun. 2014.



do Sudeste do Alasca no período 2007-2013. Foram realizadas gravações de conversas espontâneas com 62 anciãos fluentes na língua Tlingit que está em sério risco de extinção. No site do projeto é possível acessar os vídeos com as gravações voltadas para estudantes da língua Tlingit. Os vídeos possuem legenda na língua Tlingit e em inglês, em que os usuários podem clicar para ouvir quantas vezes quiser. São 76 vídeos no total que foram organizados e disponibilizados por meio do tratamento da ferramenta ELAN (*EUDICO Linguistic Annotator*)<sup>74</sup> muito utilizada na documentação de línguas ameaçadas. Na Fig. 18 apresentamos como exemplo o vídeo 01: *Keixwnéi Nora Dauenhauer and Kaanáak Ruth Demmert*.

Figura 18 - Vídeo do Projeto de documentação de conversação em Tlingit

The screenshot shows a web browser window with the URL [www.uas.alaska.edu/arts\\_sciences/humanities/alaska-languages/cuped/video-conv/index.html](http://www.uas.alaska.edu/arts_sciences/humanities/alaska-languages/cuped/video-conv/index.html). The page title is "Tlingit Conversation Documentation Project, 2007-2013". A video player is embedded, showing two women sitting at a table. A subtitle overlay is visible, displaying the following text:

Haa aya t'aaawaḡ kwshne.  
 Maybe goose. [the name of month]

Aaá. Áyá de géwé yéi x'axwaa.áx.  
 1s perfective  
 Yes, this is the way that I heard it.

Kagaxtooghéex' wé atxá.  
 1p future  
 Our contribution will be the food.

Aaá.  
 Yes.

Fonte: *Tlingit Conversation Documentation Project*. Título do vídeo: 01: *Keixwnéi Nora Dauenhauer and Kaanáak Ruth Demmert*<sup>75</sup>.

<sup>73</sup>*Tlingit Conversation Documentation Project*. Disponível em: < [http://www.uas.alaska.edu/arts\\_sciences/humanities/alaska-languages/cuped/video-conv/index.html](http://www.uas.alaska.edu/arts_sciences/humanities/alaska-languages/cuped/video-conv/index.html) > Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>74</sup> ELAN. A ferramenta pode ser baixada no site. Disponível em: < <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/> > Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>75</sup>*Tlingit Conversation Documentation Project*. Disponível em: < [http://www.uas.alaska.edu/arts\\_sciences/humanities/alaska-languages/cuped/video-conv/index.html](http://www.uas.alaska.edu/arts_sciences/humanities/alaska-languages/cuped/video-conv/index.html) > Acesso em 25 jun. 2014.



### 3.12 Projeto Ayapaneco

O caso de uma língua milenar do México, a língua Ayapaneco, é bem instigante. Os únicos falantes dessa língua que estão vivos e residem em Ayapa no estado de Tabasco, ficaram décadas sem conversar na língua nativa, devido a uma briga que os separou (TAYLOR, 2014)<sup>76</sup>. O linguista, prof. James A. Fox, vinha colaborando para tentar resgatar a amizade entre eles e assim salvar o idioma de morrer. Depois de tantos anos Manuel Segovia, hoje com 78 anos, e Isidro Velazquez, agora 72, voltaram a se falar e com isso as pessoas da aldeia Ayapa construíram uma escola de idiomas para resgatar sua herança (VODAFONE, 2014)<sup>77</sup>. O projeto Ayapaneco criou um site<sup>78</sup> na Web em que é possível “adotar” uma palavra da língua Ayapaneco e assim contribuir para o seu fortalecimento. A pessoa escolhe uma palavra dentre as sugeridas pelo site e clicando nela pode ouvir a pronúncia e a partir dela gravar um pequeno vídeo de 5 segundo, por meio da *webcam*, e compartilhar no site (depois de criada a filmagem pode-se compartilhá-la em redes sociais) a sua contribuição no chamado “dicionário social” (*social dictionary*) (VODAFONE, 2014). Foi produzido o filme *How to save a near-extinct language*<sup>79</sup>, um documentário sobre esse projeto. A seguir dispomos algumas imagens do projeto Ayapaneco (Figuras 19, 20 e 21).

---

<sup>76</sup>TAYLOR, Chris. Friends Reunite, Save Dying Language. Mashable. 19 de maio de 2014. Disponível em: <http://mashable.com/2014/05/19/friends-save-dying-language/> Acesso em: 23 jun.2014

<sup>77</sup>VODAFONE. Canal do youtube. *How to save a near-extinct language* #First. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=j4QZx\\_OMZpA](https://www.youtube.com/watch?v=j4QZx_OMZpA) Acesso em: 23 jun.2014

<sup>78</sup>Projeto Ayapaneco. Disponível em: < <http://ayapaneco.com/en/>> Acesso em: 23 jun.2014

<sup>79</sup>Idem. *How to save a near-extinct language* #First. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=j4QZx\\_OMZpA](https://www.youtube.com/watch?v=j4QZx_OMZpA) Acesso em: 23 jun.2014

Figura 19 - Miniatura do Filme *How to save a near-extinct language*



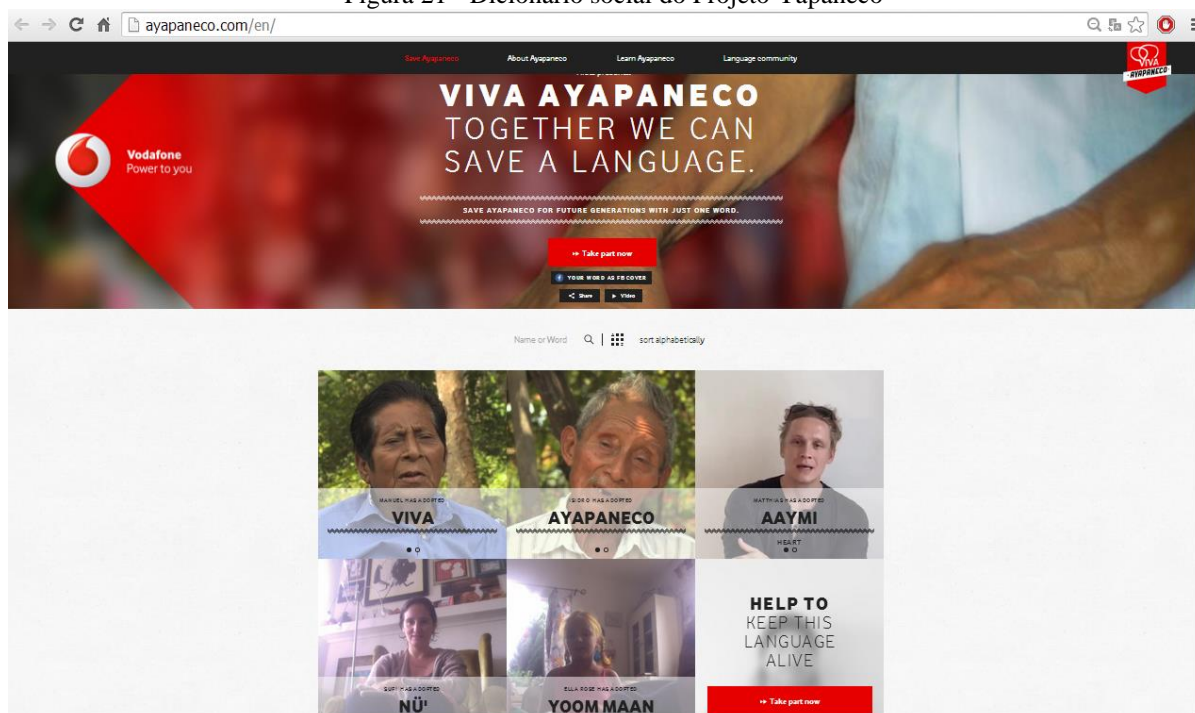
Fonte: TAYLOR, Chris. Friends Reunite, Save Dying Language. Mashable. 19 de maio de 2014.

Figura 20 - Escuela de Ayapaneco. Don Manuely Don Isidoro.



Fonte: Filme *How to save a near-extinct language*. Vodafone, canal do youtube. 19 de maio de 2014.

Figura 21 - Dicionário social do Projeto Yapaneco



Fonte: Página principal do projeto Yapaneco. Vodafone. Disponível em: <<http://ayapaneco.com/en/>> Acesso em: 25 jun.2014

### 3.13 Living tongues-Institute for endangered languages

O Instituto *Living Tongues* para Línguas Ameaçadas coordena projetos que visam colaborar no diálogo entre as comunidades indígenas e para a comunidade global. O Instituto desenvolve e gerencia projetos liderados pelas comunidades com o auxílio de linguístas, os quais promovem o uso de vídeo digital, computadores e outras tecnologias da informação moderna<sup>80</sup>. Os projetos desenvolvidos pelo Instituto são: *Language Hotspots*, *Enduring Voices*, *Talking Dictionaries*. Na Fig.22 pode ser visto o site do projeto.

<sup>80</sup> Living Tongues. Disponível em: < <http://www.livingtongues.org/aboutus.html>> Acesso em: 20 jun. 2014.

Figura 22 - Living Tongues

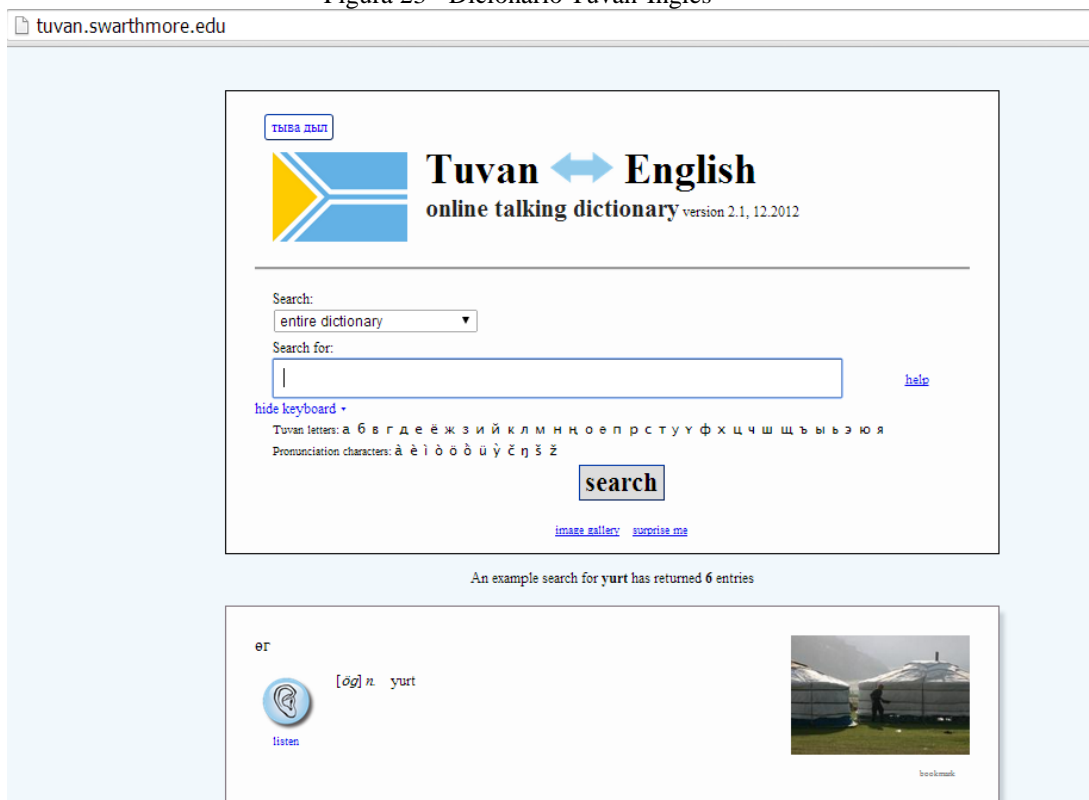


Fonte: Living Tongues-Institute for Engangered Languages <sup>81</sup>.

No âmbito do projeto *Enduring Voices* dentre as ações há apoio às comunidades na forma de *kits* de tecnologia da linguagem e formação e capacitação. O projeto *Talking Dictionaries* (Dicionários falados) vem desenvolvendo uma série de dicionários falados em diversos idiomas. Esses projetos contam com o apoio da *National Geographic*. O primeiro “dicionário falado” criado foi o da língua Tuvan, uma língua turca da Sibéria. O dicionário Tuvan-Inglês é hospedado em servidor Linux e programado no sistema de gerenciamento de banco de dados MySQL. O dicionário é mantido pelo Dr. David Harrison no *Swarthmore* (Fig. 23).

<sup>81</sup> Living Tongues-Institute for Engangered Languages' Disponível em: <http://www.livingtongues.org/> Acesso em: 20 jun. 2014.

Figura 23 - Dicionário Tuvan-Inglês



Fonte: projeto *Talking Dictionaries*. Dicionário Tuvan-Inglês. *Enduring Voices*. *National Geographic*. Living Tongues-Institute for Engangered Languages. Swarthmore College<sup>82</sup>.

### 3.14 Rede mocambos

A Rede Mocambos é um exemplo de rede de comunicação pessoal que vem dando muitos resultados, no sentido de conectar pessoas, comunidades e seus conhecimentos buscando o fortalecimento da identidade, em especial a identidade quilombola, a qual é uma das raízes históricas do Brasil.

Conforme informações contidas em sua página<sup>83</sup> na internet, a Rede Mocambos foi criada no ano de 2001, com o objetivo principal de “compartilhar ideias e oferecer apoio recíproco” formando assim uma “rede solidária de comunidades” constituída por “negras e negros”, afrodescendentes, de comunidades quilombolas rurais e urbanas do Brasil. É constituída por 27 comunidades (12 pontos de cultura e 15 quilombos), 31 comunidades contam com a parceria do Gesac<sup>84</sup> e já estão conectados à internet, e há a previsão de que 65

<sup>82</sup> Dicionário Tuvan-English. Disponível em: < <http://tuvan.swarthmore.edu/>> Acesso em 20 jun. 2014.

<sup>83</sup> Portal da Rede Mocambos. Disponível em: <<http://www.mocambos.org/sobre>> Acesso em: 10 abr. 2012.

<sup>84</sup> Programa de inclusão digital do Governo federal. Disponível em: < <http://www.gesac.gov.br/>> Acesso em: 20 ago. 2012.

novas comunidades sejam integradas à Rede Mocambos e passem a ser conectadas à internet. A Rede Mocambos é um projeto da Casa de Cultura Tainã, com sede em Campinas-SP.

A Rede Mocambos utiliza-se das tecnologias da informação e comunicação para conectar as pessoas e busca parcerias para ampliar a colaboração em diversos âmbitos do conhecimento, mas principalmente a identidade cultural, o desenvolvimento local, a apropriação tecnológica e a inclusão social.

Na concepção que embasa a Rede Mocambos a tecnologia é “ao mesmo tempo ideia e meio para transferir ideias”<sup>85</sup> incentivando, então, a apropriação das técnicas e das lógicas pelos usuários de forma ativa e livre. Por isso, valorizam o uso e o desenvolvimento de *Software Livre*, cuja estrutura permite a criação e o compartilhamento aberto, respeitando assim os interesses das comunidades.

Vincenzo Tozzi vem desenvolvendo a sua tese (TCC)<sup>86</sup> para o Curso de Licenciatura em Ciência da Computação na área de informática propondo a arquitetura e o protótipo para a estruturação dos núcleos de formação da Rede Mocambos. Tozzi participou ativamente do processo, sendo um dos articuladores dessa Rede, ressaltando sempre a busca pela autonomia e liberdade das pessoas e comunidades envolvidas. O maior desafio técnico, segundo Tozzi (2010-2011) é a disponibilidade de conexão e largura da banda. O protótipo é, especificamente, um sistema de mídia de partilha para portais locais, com base em *Django* e *Git-Anexo*, autenticado em Servidores LDAP.

O projeto da Rede Mocambos, incluindo o seu processo de criação e gestão, contribui com ricas experiências na área de inclusão digital e redes colaborativas.

### 3.15 Peru folclórico – aprenda Quéchua

No site **Perú Folclórico** encontram-se entradas (*tags*) que auxiliam no fortalecimento da cultura e da língua Quéchua e Aymara, a saber: “*Aprenda Quechua*”<sup>87</sup>, “*Clases básicas de quechua o runasimi*”, “*Mitos y leyendas*”<sup>88</sup>

<sup>85</sup> Portal da Rede Mocambos. Disponível em: <<http://www.mocambos.org/sobre>> Acesso em: 10 abr. 201

<sup>86</sup> TOZZI, Vincenz. Reti federate eventualmente connesse Architettura e prototipo per la Rete Mocambos. Universit a Degli Studi di Firenze. 2010-2011. Disponível em: <<http://www.mocambos.org/voz-livre/Tesi-vince.pdf/view>> Acesso em: 19 jun. 2012

<sup>87</sup> Aprenda Quéchua. In: Perú Folclórico. Disponível: <http://perufolclorico.blogspot.com.br/search/label/Aprenda%20Quechua>> Acesso em: 02 jun. 2014.

<sup>88</sup> Mitos y leyendas. In: Perú Folclórico. Disponível: <http://perufolclorico.blogspot.com.br/search/label/Mitos%20y%20Leyendas>> Acesso em: 02 jun. 2014.

Foi noticiada nesse site, a criação de um **Calendario Quechua 2014**<sup>89</sup> com o fim de estimular as famílias Quéchua a registrarem os nomes dos seus filhos, segundo o dia em que eles nascem conforme as indicações do calendário, e com o objetivo principal de difundir e valorizar o idioma Quéchua como identidade cultural do Peru.

Con el fin de difundir y revalorar el idioma quechua y crear identidad nacional, la Municipalidad Provincial de Caylloma y AUTOCOLCA, presentaron el calendario quechua 2014, donde se puede encontrar más de mil nombres en nuestro idioma oficial. Este es un interesante aporte que tiene por finalidad revalorar nuestra lengua madre, en cuyo contenido podremos encontrar más de 1000 nombres en quechua, ubicados en cada día según las tradiciones. Costumbres y épocas de nuestra cultura ancestral peruana (PRESENTAN, 2014)<sup>90</sup>.

Na seção “*Aprenda Quechua*” é possível encontrar vídeos e diversos conteúdos. Na entrada “*Clases basicas del Quechua*” encontram-se fichas contendo imagens e conteúdos sobre a língua Quéchua, como por exemplo: “Partes de lacabeza em Quechua”, “Parentescos familiares Runasimi (Quechua)”, “Los colores en Runasimi Quechua”. Nesta última ficha é interessante o fato de apresentar as variações da escrita e/ou pronúncia em Quéchua, como se pode ver na Fig. 24 a seguir:

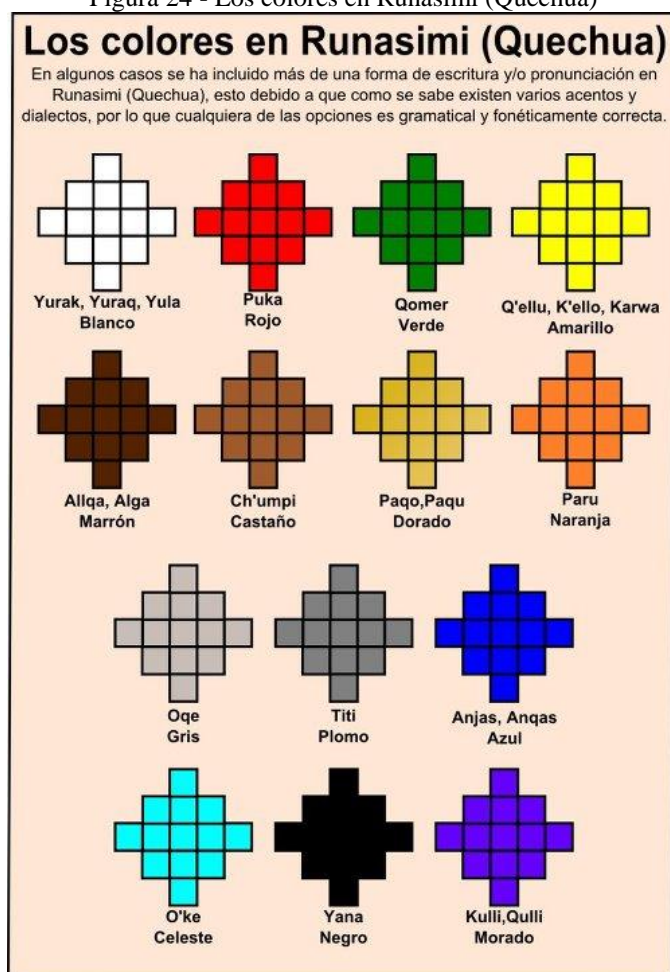
---

<sup>89</sup> Presentan, en Arequipa, calendario de nombres en quéchua. Notícia do dia 13/01/2014. In: Perú Folclórico. Disponível em: <http://perufolklorico.blogspot.com.br/2014/01/noticias-presentan-en-arequipa.html>> Acesso em: 02 jun. 2014

<sup>90</sup> Presentan, en Arequipa, calendario de nombres en quéchua. Idem.



Figura 24 - Los colores en Runasimi (Quechua)



Fonte: Los colores in Rusunimi (Quechua). Clases básicas del Quechua. Perú Folclórico<sup>91</sup>.

Sobre a língua Aimara, há no site Perú Folclórico um vídeo da produtora *La Fábrica* que conta a lenda *El origen da la quinoa*<sup>92</sup>, por meio de desenhos, pessoas e imagens, uma obra artística e uma forma de aprender sobre a cultura e a língua Aimara. A lenda é narrada na língua Aimara e contém legenda em espanhol.

As fichas que estão na entrada *Clases basicas del Quechua* auxiliou-nos a criar materiais didáticos para os cursos a distância de língua e cultura Kokama.

### 3.16 Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana

<sup>91</sup> Los colores in Rusunimi (Quechua). Clases basicas del Quechua. Perú Folclórico. Disponível em: <<http://perufolklorico.blogspot.com.br/2012/07/quechua-clases-basicas-de-quechua-o.html>> Acesso em: 24 jun. 2014

<sup>92</sup> *El origen da la quinoa. Mitos y leyendas.* Perú Folclórico. Disponível em: <<http://perufolklorico.blogspot.com.br/2013/04/mitos-y-leyendas-el-origen-de-la-quinoa.html>> Acesso em: 24 jun. 2014



O Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana (FORMABIAP)<sup>93</sup> iniciou as suas atividades em 1988 em parceria com a *Dirección Regional de Educación Loreto*, e o *Instituto Superior Pedagógico Loreto y la Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana (AIDSESP)*<sup>94</sup>. Os objetivos do programa são principalmente formar atores sociais e promover o intercâmbio de conhecimentos. Há um projeto realizado pelos alunos indígenas da FORMABIAP, uma mostra interativa<sup>95</sup>, que se chama *Rios de saber*, cujo site<sup>96</sup> oferece os recursos de leitura de conteúdo nas seguintes opções de línguas <español | awajún | tikuna | kichwa>. Na mostra interativa é possível selecionar a **língua** (*Kichwa, kukama, shawi, shiwilu, tikuna e Zaparo*), o **âmbito** (*Arte gráfico, arte têxtil, baile, danza, canto, comida, fiesta, Medicina, Relato, mito, cuento, ritual, Técnica agrícola o silvicultural, técnica de caza o pesca, técnica de cerâmica, técnica de construcción (vivenda, bote, etc)*), o **aluno** (nomes dos alunos que coletaram os elementos que estão no mapa) e a **documentação** (*Dibujos/fotos, textos em lengua nativa e Sonido*). A seguir pode-se ver na Fig. 25 a mostra interativa, em que escolhemos a opção língua Kukama que apresentou 43 elementos correspondentes.

---

<sup>93</sup> Página principal do FORMABIAP. Disponível em: < <http://www.formabiap.org/sitio/index.php> > Acesso em: 24 jun. 2014.

<sup>94</sup> Página principal do Rios de saber. Disponível em: <<http://www.riosdesaber.org/?pg=00004>> Acesso em: 24 jun. 2014.

<sup>95</sup> Rios de saber. Muestra Interactiva. Disponível em: <<http://www.riosdesaber.org/?pg=00007&lg=ES>> Acesso em: 24 jun. 2014.

<sup>96</sup> Idem. Ibidem.

Figura 25 - Ríos de Saber: Muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana. Busca por língua kukama. 25 jun. 2014

The screenshot shows the 'Ríos de Saber' website interface. At the top, there are navigation tabs: 'Presentación', '¿Qué es el patrimonio cultural inmaterial?', 'Pueblos Indígenas de la Amazonia peruana', 'FORMABIAP, pionera de la salvaguardia del patrimonio inmaterial', and 'MUESTRA INTERACTIVA'. The main content area is titled 'Ríos de Saber: muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana' and indicates that 43 elements correspond to the search criteria. A search filter for 'Kukama' is active, with options for 'Ámbito', 'Alumno', and 'Documentación'. A 'Palabra clave' field is also present. On the right, there are filters for 'listados por la UNESCO' and 'Ríos de Saber' years (2009, 2008, 2013). A map shows the location of Kukama in the Amazon region. A pop-up window displays details for 'Danza del curaca' in Kukama, including a sound player and a text description. A list of 26 elements is shown on the right, including 'A los kukamas el Camungo nos orient...', 'Arcañada de vibora', 'Así vivimos', 'Baile del Gallinazito', 'Canción para pescar con balista', 'Como parece los tejidos', 'Curación para desarrollar la intel...', 'Danza de la Sachavaca', 'Danza de los mellizos', 'Danza del curaca', 'Discurso indígena para adquirir la...', 'Discurso para extraer la hoja de Mu...', 'El Ayaymama', 'El bufeo colorado', 'El espíritu de la boa que causa em...', 'El gallinacito', 'El respeto a la muerte', 'Elaboracion de abanicos con fibras ...', 'Elaboración de flecha de pesca', 'La boa Negra', 'La callampa como alimento para gui...', 'La cutipa del pejejo cuando las muj...', 'La danza del airado', 'Los icaros para cazar palometas', 'Los Mellizos', and 'Masato de yuca'.

Fonte: Ríos de Saber. Muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana. Busca: língua: Kukama. FORMABIAP <sup>97</sup>.

Essa organização por meio da mostra interativa, em que os elementos são coletados pelos próprios estudantes indígenas é uma ótima forma de fortalecer a língua e a cultura Kokama - e as outras línguas indígenas que fazem parte do projeto.

O *Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana* - FORMABIAP/AIDSEP/ISPPPL publicou também materiais didáticos, tais como: *Sabidurías del pueblo Kukama Kukamiria* da Serie: Visiones y Conocimientos Indígenas; *CD Canciones de los pueblos Tikuna y Kukama Kukamiria*, entre outros, os quais tem servido como referência para os Kokama que residem no Brasil e buscam fortalecer a sua língua ancestral.

### 3.17 Projeto Yrapakatun

No Peru os Kokama estão se organizando em busca do fortalecimento da língua e da cultura, assim como no Brasil. Um exemplo disso é o projeto do grupo cultural *Yrapakatun*.

<sup>97</sup> Ríos de saber. Muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana. Busca: língua: Kukama. Disponível em: < <http://www.riosdesaber.org/?pg=00007&lg=ES> > Acesso em: 25 jun. 2014.

O grupo cultural *Yrapakatun*<sup>98</sup> “todo bonito, tudo de bom” (tradução do *Cocama*, Kokama para o Português) localizado no Departamento de Loreto, Peru, organiza festivais na comunidade de Santo Tomas-Iquitos onde residem os Kokama (Cocama). Possui a missão de fortalecer o vínculo de identidade entre os povos indígenas da Região Amazônica. O grupo iniciou os trabalhos em 2002 com o intuito de promover o artesanato Kokama. A partir de 2008 começou uma nova fase, a de elaboração de projetos, com o objetivo de preservar a identidade cultural Kokama, por meio de diversas atividades como festivais, oficinas de arte, intercâmbios culturais, exposições de arte, cursos de artesanato tradicional Kokama e aulas de língua Kokama ao longo do ano na comunidade de Santo Tomas.

Yrapakatun, o grupo cultural, é o símbolo Kokama na Região de Loreto e da comunidade de Santo Tomas no trabalho de recuperação cultural, através de pesquisa abordando costumes e tradições da etnia Kokama, tais como: "O ritual das *Mashakaras*" uma prática antiga dos antepassados Kokama, em que um grupo de homens encapuzados saía nas ruas da comunidade, dançando e cantando os seus cânticos, depois da meia-noite.

Os componentes do grupo, conscientes da responsabilidade social, trabalham como voluntários, sem fins lucrativos, incentivando a proteção e conservação do meio ambiente e o bom uso dos recursos naturais fornecidos pela Amazônia.

A Associação Cultural *Yrapakatun* possui experiência na organização de eventos culturais, os quais têm sido realizados principalmente na região de Loreto, Lima e na comunidade Santo Tomas. Entre as suas atividades realizadas, destacam-se:

- ♦ Amazônia Exposição de Arte em Magdalena del Mar (Lima, 2009)
- ♦ Exposição Pictorial "Yrapakatun" na Universidad Mayor de San Marcos (Lima-2010)
- ♦ Mito Festival (Santo Tomas-2010)
- ♦ Primeiro festival Yrapakatun (Santo Tomas-2010)
- ♦ Segundo festival Yrapakatun (Santo Tomas-2011)
- ♦ Terceiro festival Yrapakatun (Santo Tomas-2012)
- ♦ Cuarto festival Yrapakatun (Santo Tomas-2013)
- ♦ Quinto festival Yrapakatun (Santo Tomas-2014)

---

<sup>98</sup> *Yrapakatun*. Disponível em: <<http://yrapakatuncultural.blogspot.com.br/>>. Acesso em 02 jun. 2012.

Pablo Taricuarima, Kokama de Santo Tomás-Iquitos-Peru, estudante da *Escuela Nacional de Bellas Artes*, realiza diversas exposições de artesanato cocama e tudo o que concerne à cosmovisão e costumes Kokama. Taricuarima já é um grande artista reconhecido por suas pinturas em telas bem elaboradas. Ele usa pigmentos vegetais e explica porque os utiliza em uma entrevista dada ao *Diario la primera* do Peru:

Estoy trabajando mis dibujos con pigmentos vegetales. Quiero nativizar el arte realizando mi obra con elementos que la naturaleza me da. Para el joven Pablo Taricuarima, su muestra pictórica es una forma de “reconstruir y restaurar la identidad” de su Pueblo (LA PRIMERA, 2010)<sup>99</sup>.

Taricuarima é também gestor cultural do grupo Cultural *Yrapakatun*. Na mesma entrevista fala sobre a meta do grupo:

En la actualidad, son pueblos casi absorbidos en su totalidad por la modernidad, y por ello se está perdiendo la cultura (tradiciones, costumbres, etcétera); pero nuestra meta es reconstruir el imaginario y la cultura material e inmaterial, sus danzas, lengua nativa, sus mitos y cuentos, y volver a practicarlos”, nos dice el pintor (LA PRIMERA, 2010).

Ocorreu uma conferência, cujo tema foi *Red de Gestión Cultural entre Lima e Iquitos: Festival Yrapakatún*<sup>100</sup>, no dia 10 de novembro de 2012 no Peru.

Taricuarima matem também alguns Blogs<sup>101</sup> onde se podem encontrar diversos conteúdos sobre os Kokama, sobre o Grupo Yrapakatun e sobre o artista, a saber:

- ◆ BIOGRAFIA
- ◆ CUENTOS COCAMAS
- ◆ GRUPO YRAPAKATUN
- ◆ COSMOVISION COCAMA
- ◆ QUIENES SOMOS
- ◆ PINTURAS
- ◆ POESIA LIBRE
- ◆ DIARIOS Y REVISTAS
- ◆ PROMOCION CULTURAL
- ◆ COMENTARIOS
- ◆ ARTE Y ECOLOGÍA NATIVA

<sup>99</sup>La Primera Digital. Renacer Cocama. 25 de setembro de 2010. Disponível em: [http://www.diariolaprimeraperu.com/online/cultura/renacer-cocama\\_70898.html](http://www.diariolaprimeraperu.com/online/cultura/renacer-cocama_70898.html)>Acesso em: 2 jun. 2012.

<sup>100</sup>*Red de Gestión Cultural entre Lima e Iquitos: Festival Yrapakatún*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/442387425811327/>>Acesso em: 3 out. 2012.

<sup>101</sup>Pablo Taricuarima. Meus Bogs (Blogger). Disponível em: <<https://www.blogger.com/profile/02939152608742187025>>Acesso em: 3 out. 2012

♦ MASHAKARAS

As ações do grupo Yrapakatu, assim como os projetos pessoais de Taricuarima vêm incentivando ações similares dos Kokama no Brasil. Intercâmbios entre os Kokama do grupo Yrapakatun com os Kokama do Brasil poderão favorecer o fortalecimento da língua e da cultura Kokama.

### **3.18 Algumas considerações**

As situações de fortalecimento das línguas e das culturas indígenas aqui apresentadas podem estimular a criatividade daqueles que trabalham nessa área. Muitos dos projetos aqui citados motivaram os estudos desta tese. Outros projetos desenvolvidos pelos Kokama são apresentados nos capítulos desta tese.

## 4. CIBERCULTURA, SOCIEDADE EM REDE E AS TECNOLOGIAS

---

O presente capítulo aborda a relação entre a cibercultura (LÉVY, 1999; LEMOS 2013), a sociedade em rede (CASTELLS, 1999) e como são vistas as tecnologias por esses autores e pela teoria clássica da filosofia (CUPANI, 2004). Esses autores servem para as discussões sobre o quanto o conceito de tecnologia pode ser elástico e como nos colocamos diante desses enfoques. A cibercultura, os meios de comunicação (PRIMO, 2007) e a EaD estão relacionada com o termo, “línguas em rede” que estamos usando para analisar o fortalecimento da língua e da cultura Kokama. Fazemos também algumas reflexões sobre tecnologias indígenas e a presença indígena no ciberespaço (PEREIRA, 2007, FERREIRA, 2011, RENESSE, 2011), as quais auxiliaram no mapeamento da presença Kokama no ciberespaço. Finalmente, apresentamos um levantamento sobre a presença Kokama no ciberespaço.

### 4.1 Cibercultura e o ciberespaço

Com o surgimento da internet, as relações entre as pessoas, as tecnologias e as informações se reorganizam. Dessas relações surge o termo cibercultura que foi popularizado por Pierry Levy, nos anos de 1980, e o termo ciberespaço, inventado em 1984 por William Gibson<sup>102</sup>, cuja obra *Neuromante*, um romance de ficção científica, levava os personagens a espaços de dados que se transformavam com grande velocidade, caracterizados por uma geografia móvel da informação subjacente.

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo significa não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

Lévy (1999, p.93) sugere que o caráter distintivo do ciberespaço, parece ser a codificação digital que possibilita a virtualização da informação. Nesse sentido, o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos – redes hertzianas e telefônicas clássicas – além dos

---

<sup>102</sup> Lévy (1999, p. 92)

computadores, também transmitem informações de fontes digitais ou a serem digitalizadas. O autor previu que com esse processo o ciberespaço se tornaria o principal canal de comunicação e suporte da memória da humanidade.

No Quadro 7 podem ser conferidos os principais modos de comunicação e interação do ciberespaço:

Quadro 7 - Principais modos de comunicação e interação do ciberespaço (LÉVY, 1999)

Principais modos de comunicação e interação do ciberespaço	
<b>Acesso à distância e transferência de arquivos</b>	É possível acessar o conteúdo de banco de dados ou, em geral, a memória de um computador distante e realizar transferência de dados ou <i>upload</i> .
<b>Correio eletrônico (<i>e-mail</i>)</b>	Troca de mensagens através da rede, as quais começaram em forma de texto e cada vez mais vão se tornando multimodais.
<b>Conferências eletrônicas</b>	Dispositivo que permite que grupos de pessoas discutam em conjunto sobre temas específicos.
<b><i>Groupware</i></b>	Programas e sistemas a serviço do trabalho cooperativo.
<b>A comunicação através de mundos virtuais compartilhados</b>	Várias pessoas geograficamente dispersas podem alimentar simultaneamente uma base de dados por meio de gestos e, em retorno receber dela informações sensoriais.
<b>Navegações</b>	“Pessoas sem nenhum conhecimento de programação podem usar as funções de correio e de conferência eletrônica, ou consultar um hiperdocumento a distância dentro de uma mesma rede” (LÉVY, p. 105).

Fonte: Lévy (1999, p. 93-107)

Com a expansão das telecomunicações e junto a ela a explosão demográfica humana, Levy aponta duas soluções opostas para a questão: uma é a guerra, desprezando o valor humano, e a outra é a valorização do ser humano apesar das divergências.

A segunda solução, simbolizada pelas telecomunicações, implica o reconhecimento do outro, a aceitação e ajuda mútuas, a cooperação, a associação, a negociação, para além das diferenças de pontos de vista e de interesses. As telecomunicações são de fato responsáveis por estender de uma ponta à outra do mundo as possibilidades de contato amigável, de transações contratuais, de transmissões de saber, de trocas de conhecimentos, de descoberta pacífica das diferenças (LEVY, 1999, p. 14).

Decerto as telecomunicações são permeadas pelo poder, no entanto, como aponta o autor, abarca diversas possibilidades. O desenvolvimento do ciberespaço, resultado de um movimento de jovens entusiasmados com as novas formas de comunicação, as quais diferem das características existentes nas mídias clássicas, abre caminhos para que nós busquemos utilizações positivas nos mais diferentes planos. Assim, “torna-se possível, então, que comunidades dispersas possam comunicar-se por meio de compartilhamento de uma

telememória na qual cada membro lê e escreve, qualquer que seja a sua posição geográfica” (LÉVY, 1999, p. 94).

Tal movimento colaborativo vem contagiando pessoas, comunidades, instituições, empresas, entre outros. Nas últimas décadas pudemos interagir nesses espaços das mais diversas formas e as renovações são constantes.

Se nos interessarmos sobretudo por seu significado para os homens, parece que, como sugeri anteriormente, o digital, fluido, em constante mutação, seja desprovido de qualquer essência estável. Mas, justamente, a velocidade de transformação é em si mesma uma constante – paradoxal – da cibercultura (LÉVY, 1999, p. 27).

Portanto esse movimento de renovações relacionadas às comunicações e informações tem-se dado a partir da década de 1980, quando a **informática** iniciou novas associações com as telecomunicações, a editoração, o cinema e a televisão, e deixou gradualmente de ser relacionada exclusivamente à técnica e ao setor industrial particular (LÉVY, 1999, p. 32).

#### 4.2 Meios de comunicação e o ciberespaço

Os meios de comunicação são adaptados, recriados de tempos em tempos. Alex Primo desenvolve pesquisas sobre interação mediada por computador, colaboração na Internet, hipertextualidade, Educação a Distância, entre outras, as quais podem auxiliar na inclusão de línguas no ciberespaço<sup>103</sup>.

Primo coordena o Laboratório de Interação Mediada por Computador (Limc)-UFRS<sup>104</sup>, cuja pesquisa é voltada ao debate sobre a comunicação em redes informáticas, assim como ao estudo dos processos interativos. O Limc também tem como perspectiva testar e desenvolver novos produtos e tecnologias digitais. Através do confronto da teoria com os experimentos, o Limc pretende promover reflexões sobre o desenvolvimento da “socialidade” no ciberespaço.

O levantamento feito por Primo para o ciclo de debates “Além das redes de colaboração: diversidade cultural e as tecnologias do poder”, resultou em um levantamento histórico-conceitual sobre como as tecnologias se transformam com o tempo e como elas transformam o seu tempo. Primo (2008) utilizou a proposta de André Lemos (2002), a qual separa o desenvolvimento tecnológico, referente aos meios de comunicação, o conhecimento

---

<sup>103</sup> Ver mais informações no capítulo 4.

<sup>104</sup> Laboratório de Interação Mediada por Computador (Limc)-UFRS> Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/limc/laboratorio.html>> Acesso em: 22 abr. 2012



e o ensino, em três grandes fases: a **fase da indiferença**, da Antiguidade até o fim da Idade Média; a **fase do conforto**, que corresponde à modernidade, e a fase da **ubiquidade**, ou pós-modernidade (PRIMO, 2008, p. 51).

Primo (2008, p. 58) afirma que o que realmente transformou a sociedade do século XX foram os meios de comunicação de massa e, assim, contrasta os três tipos de visão dos pensadores a esse respeito. Para Wolton (2003, apud PRIMO 2008, p. 58) considera que eles democratizaram o acesso às informações; os estudiosos da Escola de Frankfurt observam que eles se associaram bem aos interesses hegemônicos, à medida que contribuem para a alienação dos receptores; já Thompson (1998, apud PRIMO 2008, p. 58) critica o caráter monológico de meios como o livro, o jornal, o rádio e televisão. Primo comenta que, dessa forma monológica, “o fluxo de comunicação dá-se em sentido único, dos produtores para um número indefinido de receptores potenciais. Estabelece-se, assim, uma assimetria estrutural entre produtores e receptores de televisão” (PRIMO 2008, p. 58).

Para Primo (2008, p. 58) - assim como para Lévy (1999) - a revolução ocorrida no final do século XX, seria, para muitos estudiosos, a maior desde a invenção da imprensa. Afirma que, embora os militares e professores tenham iniciado o seu desenvolvimento nos anos de 1960, foi somente nos anos de 1990 que a internet se popularizou com seus serviços de e-mail, listas de discussão e BBS. Primo ressalta que foi dada ainda mais força à internet com o lançamento do *browser Mosaic* em 1993, para uma navegação gráfica na recém-lançada *World Wide Web*, possibilitando assim mais facilidade de acesso à sua estrutura hipermediática. Apresentamos no Quadro 8 as fases de desenvolvimento da Web e as suas características principais.

Quadro 8 - Desenvolvimento da Web

<b>Web 1.0</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lançamento da <i>World Wide Web</i></li> <li>- Agilidade na recuperação de informações;</li> <li>- Simplicidade de publicação e disponibilização de dados na rede;</li> <li>- Exemplos: grandes portais, homepages, álbuns on-line de fotos, etc.</li> <li>- Apontar e clicar;</li> <li>- Processos de ação e reação;</li> <li>- Interação reativa;</li> <li>- Comunicação massificada;</li> <li>- Alienação dos receptores,</li> <li>- Internet com limitações de interação,</li> <li>- Interação reativa</li> </ul>
<b>Web 2.0</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Uso das tecnologias digitais na sociedade;</li> <li>- Miniaturização dos equipamentos (notebooks e palmtops);</li> <li>- Interligação de diversas redes de comunicação acessíveis dos lugares mais remotos (internet, telefonia celular, WI-FI, etc.);</li> <li>- Um ambiente <i>always on</i></li> <li>- Comunicação ubíqua</li> <li>- Trabalho coletivo</li> </ul>
<b>Web 3.0</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Web Semântica</li> <li>- Automação</li> <li>- Integração e reutilização em diversas aplicações</li> <li>- Melhorar a gestão de dados</li> <li>- Web legível por máquinas</li> </ul>
<b>Web 4.0</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Web simbiótica</li> <li>- Interação entre humanos e máquinas em simbiose</li> <li>-Ideia em desenvolvimento</li> <li>- inteligência artificial</li> <li>- Web inteligente</li> </ul>

Fontes: Web 1.0 e Web 2.0 (PRIMO, 2008, p. 58-61); Web 3.0 e Web 4.0 (MOHAMMAD, NEMATBAKHSI, FARSANI, 2011)

Conforme Primo (2008, p. 61) a comunicação ubíqua (que se dá em toda parte) acaba gerando uma sensação de se estar onipresente: “A onipresença se dá pela possibilidade de estar conectado a vários espaços simultaneamente, com um mínimo de deslocamento físico.” Com essa sensação, as pessoas passaram a desenvolver processos de cooperação *on-line*, os quais passaram a ser o centro do que se convencionou chamar de Web 2.0. Esta é considerada

“uma segunda geração de serviços online e tem como principais objetivos potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo” (PRIMO, 2008, p. 63). O’Reilly (2005, apud PRIMO, 2008, p. 64) ressalta a passagem de uma primeira geração de serviços *on-line* com ênfase na publicação (ou emissão, conforme o limitado modelo transmissionista) para a participação. O princípio-chave da Web 2.0 é, pois: “os serviços tornam-se melhores quanto mais pessoas o usarem” (REILLY, 2005, apud PRIMO, 2008, p. 64).

André Lemos, na apresentação da versão atualizada da sua obra<sup>105</sup>, afirma que a cibercultura, hoje já faz parte de nosso cotidiano e as concepções também se alteraram. Antes se falava em “multimídia”, interatividade e hipertextos, e agora se fala em “transmídia” ou “crossmídia”, e também de “mobilidade informacional, nuvens, Big Data, aplicativos, mídias locativas e Internet das coisas” (LEMOS, 2013, p. 10).

A geração da internet 3.0, ou Web semântica, está sendo desenvolvida para superar os problemas da Web 2.0. O foco está sendo dado às máquinas para tornar a recuperação da informação mais eficiente. A intenção é melhorar a gestão de dados e ajudar a organizar a colaboração na web social.

O objetivo principal da web semântica é tornar a web legível por máquinas e não apenas pelos seres humanos. A web atual é uma web de documentos, de certa forma, como um sistema de arquivos global que possui dentre os problemas mais importantes incluídos, o seguinte: A web de documentos foi concebida para o consumo do ser humano em que objetos primários são documentos e links estão entre documentos (ou partes deles) (MOHAMMAD; NEMATBAKSH; FARSANI, 2011, p. 5, tradução nossa)

<sup>106</sup>

A ideia da Web 4.0 está ainda em desenvolvimento. É também conhecida como web simbiótica. O sonho por trás da *web* é simbiótica é a interação entre humanos e máquinas em simbiose. Com o intuito de tornar as máquinas inteligentes para lerem o conteúdo da *web* e reagirem na forma de execução (MOHAMMAD; NEMATBAKSH; FARSANI, 2011, p. 8).

### 4.3 Tecnologias na filosofia

<sup>105</sup>LEMOS, André. Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Editora Sulina. 2013.

<sup>106</sup>MOHAMMAD, Sareh Aghaei; NEMATBAKSH, Ali; e FARSANI, Hadi Khosravi. Evolution Of The World Wide Web: From WEB 1.0 TO WEB 4.0. International Journal of Web & Semantic Technology (IJWesT) Vol.3, No.1, January 2012.

Alberto Cupani realiza análise<sup>107</sup> de três enfoques sobre a tecnologia na filosofia dados pelos autores Mario Bunge, Albert Borgmann e Andrew Feenberg. De maneira geral a filosofia da tecnologia, segundo Cupani, nos auxilia a reconhecer a tecnologia como dimensão da vida humana, e não somente como um evento histórico. Para esse autor,

[...] embora não seja possível ignorar a relação da tecnologia contemporânea com a técnica de épocas e culturas anteriores, e a diferença entre ambas seja devida, em grande medida, à presença da ciência experimental na tecnologia, nem todos os estudiosos concebem a tecnologia como (mera) ciência aplicada e nem todos admitem uma continuidade de propósitos entre a técnica e a tecnologia (CUPANI, 2004, p. 493).

Na análise de Cupani (2004), Mario Bunge apresenta enfoque analítico, no qual a técnica é diferenciada da tecnologia, no sentido em que a técnica é baseada na transformação ou no controle da natureza por parte do homem, o qual utiliza conhecimentos pré-científicos. Já a tecnologia é necessariamente relacionada à técnica de base científica. Tanto na técnica como na tecnologia o enfoque está na produção de algo artificial, de um “arte-fato”, o qual não carece ser uma “coisa”, como uma bicicleta ou um remédio, mas pode referir-se também a uma alteração feita no sistema natural, tal como o desvio de uma represa, ou à transformação de um sistema, alfabetizar alguém, por exemplo. A técnica é vista por Bunge (apud CUPANI, 2004, p.495) como uma forma de trabalho que usufrui de recursos naturais (como empregar o cérebro próprio para resolver um problema de maneira metódica, usar troncos de árvore para construir uma cabana, etc.) Para Bunge é primordial que ao se pensar sobre técnica e tecnologia, esteja implicada a noção de valores em que se pergunta se uma coisa é útil ou adequada para tal outra. Nas produções técnicas e tecnológicas, há regras para a realização finita de atos com o fim de atingir o sucesso. Finalmente, a tecnologia é definida por Bunge como:

O campo de conhecimento relativo ao desenho de artefatos e à planificação da sua realização, operação, ajuste, manutenção e monitoramento à luz do conhecimento científico. Ou, resumidamente: *o estudo científico do artificial* (BUNGE, 1985, p. 231, apud CUPANI, 2004, p. 496)<sup>108</sup>.

Na segunda análise sobre a tecnologia, Cupani (2004) discorre sobre o enfoque fenomenológico de Albert Borgmann, principalmente no que tange à sua obra *Technology and*

<sup>107</sup>CUPANI, Alberto. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. *Scientle Studia*. V. 2. N.4. São Paulo. 2004. 493-518 p.

<sup>108</sup>BUNGE, Mario. *Treatise on basic philosophy*. Dordrecht, Reidel,. Tomo 7: Philosophy of science and technology.1985.

*the character of contemporary life*<sup>109</sup>. A tecnologia é vista por Borgmann, antes de tudo como um problema, como um modo de vida próprio da Modernidade, em que é relacionada a dispositivos (*devices*) que nos fornecem produtos (*commodities*), ou seja, bens e serviços (BORGSMANN 1984, apud CUPANI, 2004). O dispositivo é encarado como diferente de “coisa”, pois é fundamentalmente um meio (algo-para) que nos “alivia” (*disburdens*) de um esforço, nos liberta de um “peso”, resolve alguma dificuldade. Mas o autor reflete justamente sobre essa questão da aquisição instantânea, em que há ubiquidade. Os dispositivos são cada vez mais amigáveis, fáceis de operar e compreender, mas de difícil manutenção, portanto “a meta declarada do empreendimento tecnológico” (BORGSMANN 1984, apud CUPANI, 2004, p. 501) seria a criação de produtos e o seu consumo. Borgmann, então reflete a respeito da atitude tecnológica “em que o universo humano perde cada vez mais coisas e práticas “focais”, para passar a ser constituído apenas por dispositivos que se produzem, que se usam ou se consomem<sup>110</sup>”.

“As práticas focais” e “as coisas” são apresentadas por Borgmann como sendo fins em si mesmos, os quais possibilitam o ser humano a “focar” ou centrar a sua existência e não, diferentemente dos dispositivos que seriam meios para determinados fins. Exemplos, dados pelo autor, de “práticas focais” seriam: “tocar um instrumento musical (melhor se for em companhia de outras pessoas), caminhar em contato com a natureza relativamente virgem, comer em família, ou pescar [...]” (BORGSMANN, 1984, apud CUPANI, 2004, p. 503). Por conseguinte, a reforma proposta pelo autor é relacionada a seguinte perspectiva da tecnologia:

De maneira análoga, é possível conceber uma utilização da tecnologia e dos seus aperfeiçoamentos, na medida em que permita e favoreça qualquer prática focal que tenhamos escolhido. Vista assim, a tecnologia realça o caráter de tais práticas, em vez de soterrá-las, como acontece quando se vive em cumplicidade com ela (BORGSMANN, 1984, apud CUPANI, 2004, p. 507).

No terceiro, e último, enfoque abordado por Cupani, o de *Andrew Feenberg*, a análise da tecnologia é feita a partir da filosofia crítica da Escola de Frankfurt, sendo destacada a sua obra *Transforming technology*<sup>111</sup>. Feenberg (2002, apud CUPANI, 2002, p. 508) utiliza interpretações de tecnologia aspirando “reconstruir a ideia de socialismo como base numa radical filosofia da tecnologia”. Feenberg concorda com Borgmann no sentido de que a tecnologia é um fenômeno tipicamente moderno, embora seja por outros motivos. Considera

<sup>109</sup>Borgmann, Albert. *Technology and the character of contemporary life*. 1984.

<sup>110</sup>BORGSMANN, 1984, apud CUPANI, 2004, p. 504.

<sup>111</sup>FEENBERG, Andrew. *Transforming technology*. 2002.

que ela constitui a “estrutura material” da Modernidade e vê a tecnologia de forma não neutra, pois [...] “ela encarna valores antidemocráticos provenientes da sua vinculação com o capitalismo e manifestos numa cultura de empresários, que enxerga o mundo em termos de controle, eficiência (medida pelo proveito alcançado) e recursos” (FEENBERG, 2002, apud CUPANI, 2004, p. 508).

Ao associar a tecnologia a uma “racionalidade política”, Feenberg considera que a sua modificação por meio de reformas morais ou “atitudes espirituais”, como sugere Borgmann, não seria possível. Mas sim uma modificação cultural no âmbito dos avanços democráticos. Propõe, pois, que sejam reconhecidas as relações de poder tecnológico, o qual substituiu outras formas de poder mais antigas<sup>112</sup>.

Acrescentamos aqui à análise dos enfoques da filosofia sobre a tecnologia dados por Cupani (2004), a perspectiva de Martin Heidegger, um dos filósofos que mais refletiu sobre a técnica. Buscando o sentido próprio da técnica, a sua essência<sup>113</sup>.

#### 4.4 As tecnologias na cibercultura

Aquilo que é chamado por Lévy (1999) de cibercultura, é chamado por Castells (1999) de “sociedade em rede” ou “sociedade informacional”. Ao mesmo tempo Lévy chama o ciberespaço também de “rede”. As redes são, pois uma característica da cibercultura.

O conceito de rede sob a ótica da sociologia foi abordado por Manuel Castells, o qual considera que uma “rede é um conjunto de nós interconectados”<sup>114</sup>. Na visão do autor, com o desenvolvimento das tecnologias da informação, no sec. XXI as redes também se reorganizaram, se configurando uma tendência de sistema não hierárquico e aberto:

Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio (CASTELLS, 1999, p. 566).

Levamos em conta que a organização humana está em constante movimento e em posição dialógica com as tecnologias. Tendo em vista o desenvolvimento das **Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação** (NTIC), as interações entre os

<sup>112</sup> FEENBERG, 2002, apud CUPANI, 2004, p. 508.

<sup>113</sup> Cf. HEIDEGGER, Martin. La pregunta por la técnica. Traducción de Eustaquio Barjau en HEIDEGGER, M., *Conferencias y artículos*, Ediciones del Serbal, Barcelona, 1994, pp. 9-37.

<sup>114</sup> Castells (1999, p. 566)

conhecimentos e as pessoas vêm se auto-organizando de uma maneira dialógica com a “sociedade do conhecimento” ou “sociedades do saber” (Unesco, 2003)<sup>115</sup> ou “sociedade informacional” (CASTELLS, 1999), conceitos bastante discutidos na área da sociologia. Castells aborda o tema das redes, vendo-as como renovação de formas de organização social anteriores:

Redes constituem a nova morfologia de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social (CASTELLS, 1999, p. 565).

No entanto, o autor observa que as sociedades agiram e reagiram a esses processos de forma diferenciada, de acordo com as suas peculiaridades históricas, culturais e institucionais<sup>116</sup>.

A obra de Lévy, *Cibercultura*, a qual trata das “implicações culturais do desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e de comunicação” (LÉVY, 1999, p. 17) foi fruto de um relatório solicitado pelo Conselho Europeu.

Na época havia - e ainda há - preocupações quanto ao impacto das técnicas ou tecnologias na sociedade, na cultura, na vida das pessoas, etc. Supondo-se que “as técnicas viriam de outro planeta, do mundo das máquinas, frio, sem emoção, estranho a toda significação e qualquer valor humano [...]”<sup>117</sup>. Contudo, para Lévy as técnicas são totalmente intrínsecas ao ser humano.

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. [...] Mesmo supondo que realmente existam três entidades – técnica, cultura e sociedade -, em vez de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura. Mas a distinção traçada entre cultura (a dinâmica das representações), sociedade (as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força) e técnica (artefatos eficazes) só pode ser conceitual. Não há nenhuma “causa” realmente independente que corresponda a ela. [...] As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre “a” tecnologia (que seria da ordem da causa) e “a” cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem,

---

<sup>115</sup> Sobre este tema pode-se encontrar discussões em *Challenges of the university in the knowledge society, five years after the World Conference on Higher Education*. Paris: Unesco, 2003.

<sup>116</sup> Castells (1999, p.56)

<sup>117</sup> Lévy (1999, p. 21)

utilizam e interpretam as diferentes formas as técnicas (LÉVY, 1999, p.22-23).

Lévy (1999) questiona o fato de se encarar a técnica como um instrumento, como alguns autores da escola de *Frankfurt* ou como efeito sociocultural.

Destarte, adotamos aqui a visão da técnica e/ou da tecnologia<sup>118</sup>, pelo enfoque de Lévy (1999), em que seria impossível separar o ser humano das suas criações, técnicas, etc. Tudo aquilo que faz parte das relações humanas, sejam estas de poder, de cooperação, de competição, etc., encontram-se também nas mais diversas tecnologias da informação e da comunicação (TICs).

Por trás das técnicas agem e reagem idéias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade. Portanto, qualquer atribuição de um sentido único à técnica só pode ser dúbia. A ambivalência ou a multiplicidade das significações e dos projetos que envolvem as técnicas são particularmente evidentes no caso do digital. O desenvolvimento das cibertecnologias é encorajado por Estados que perseguem a potência, em geral, e a supremacia em particular. É também uma das grandes questões da competição econômica mundial entre as firmas gigantes da eletrônica e do software, entre os grandes conjuntos geopolíticos. Mas também responde aos propósitos de desenvolvedores e usuários que procuram aumentar a autonomia dos indivíduos e multiplicar suas faculdades cognitivas. Encarna, por fim, o ideal de cientistas, de artistas, de gerentes ou de ativistas da rede que desejam melhorar a colaboração entre as pessoas, que exploram e dão vida a diferentes formas de inteligência coletiva e distribuída (LEVY, 1999, p. 24).

Ao mesmo tempo, é importante relembrar a observação de Castells (1999), supracitada, quanto às ações e reações diferenciadas das sociedades com respeito às tecnologias e às organizações em redes. E também levar em consideração as ações e reações individuais.

Noutra obra de Lévy (1993), **As tecnologias da inteligência**, é abordada a questão dos “coletivos cosmopolitas”, constituídos por indivíduos, instituições e técnicas, vistos como **sujeitos**, e não como meios ou ambientes para o pensamento. Assim sendo, o pensamento seria condicionado, e não determinado, pela história das tecnologias intelectuais.

Lévy (1999, p. 28) levanta também outra questão, a **inteligência coletiva**<sup>119</sup>, considerada por ele “um dos principais motores da cibercultura”, em que a inteligência

---

<sup>118</sup> Não há diferença conceitual aqui entre técnica e tecnologia. No entanto o autor utiliza mais o termo tecnologia para se referir às tecnologias da inteligência e às novas tecnologias da informação e comunicação, enquanto a palavra “técnicas”, no plural, é usada mais de forma geral.

<sup>119</sup> Lévy (1993, 1994, 1999). Ver especificamente a sua obra “A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço”, 1994.



encontra-se distribuída por toda a parte e os processos são sempre reavaliados por aqueles que estão envolvidos. Portanto “em um coletivo inteligente, a comunidade assume como objetivo a negociação permanente da ordem estabelecida, de sua linguagem, do papel de cada um, o discernimento de seus objetos, a reinterpretação de sua memória<sup>120</sup>”. A inteligência, nesse sentido é fruto da interação, como comenta o autor:

A inteligência e a cognição são resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. Não sou “eu” que sou inteligente, mas “eu” com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais (dentre os quais, o uso da escrita) (LÉVY, 1993, p. 135).

#### 4.5 Os indígenas no ciberespaço

Os indígenas, de modo geral, têm estado cada vez mais presentes no ciberespaço, em que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são apropriadas por eles para os mais diversos fins. Mas principalmente para se comunicarem com seus parentes, parceiros e interlocutores, em geral, para assim expressarem os seus conhecimentos, aspirações e discutirem sobre os seus direitos. Vêm ocorrendo no Brasil oficinas e cursos de formação e capacitação em TICs, por meio de parcerias com instituições governamentais e não governamentais, para que assim haja o empoderamento dos indígenas quanto ao uso das tecnologias. Além disso, muitos são os indígenas que buscam os conhecimentos em diversas fontes e formas de aprendizagem e assim vão interagindo no ciberespaço.

No ciberespaço, em especial a internet, coabitam inúmeras línguas, culturas e diversas formas de se expressar. Nesse sentido Lucimar Luisa Ferreira<sup>121</sup> realizou breve análise – com base na teoria de análise do discurso francesa - de *corpus* constituído por discursos de seis blogs, a saber: Escola Pamáali, Apiwtxa, Retomada Tupinambá, Baniwaonline, M. Marcos Terena e Nodanakaroda. Após a análise a autora concluiu que:

[...] o indivíduo é interpelado pela ideologia e ocupa uma posição-sujeito específica, a de autor, detentor de saberes indígenas coletivos e conhecimentos tecnológicos do mundo moderno. Assim, o sujeito, na posição de autoria, é afetado por uma memória discursiva ligada a sua cultura indígena específica, mas não deixa de ser também afetado por sentidos e discursividades do mundo tecnológico e globalizado. Nesse caso,

---

<sup>120</sup>Lévy (1994, p. 31)

<sup>121</sup>FERREIRA, Lucimar Luisa. Vozes indígenas no ciberespaço: funcionamento discursivo de blogs. UNICAMP. 2011. Disponível em: < <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/viewFile/1298/1495>> Acesso em: 23 jun. 2014.

os índios, ao utilizarem os blogs para fazer suas publicações, colocam em jogo uma multiplicidade de vozes, que, na busca de valorização de sua cultura e saberes específicos, legitimam também processos ligados à globalização da economia e desenvolvimento tecnológico (FERREIRA, 2011, p. 566).

Pontando, conforme Ferreira (2011, p. 566) em sua análise dos referidos blogs foi predominante um “dizer coletivo” em que “o sujeito plural (forma coletiva)” seria “a posição a partir da qual melhor se afirma, já que esta é uma posição legitimada pela tradição dos grupos”.

Algumas lideranças indígenas vêm considerando que o acesso às novas tecnologias da informação, possibilitará a conquista de espaços para reivindicar os seus direitos e colocar em circulação os seus conhecimentos culturais específicos (FERREIRA, 2011, p. 561). A circulação de conhecimentos já pode ser vista em navegações pela internet, tanto em blogs, sites, comunidades virtuais ou em troca de e-mails, o que caracteriza “uma rede de sentidos em circulação no ciberespaço<sup>122</sup>”.

Nas plataformas de redes sociais, em que pessoas interagem na internet, é possível encontrar bastante conteúdo indígena veiculado por **comunicadores indígenas**<sup>123</sup>, por meio de associações e outras organizações das quais fazem parte, e também por instituições que buscam valorizar as línguas e culturas indígenas. O site de serviço de “rede social”, o *Facebook* é plataforma a mais representativa na atualidade, em que pessoas de várias partes do mundo, falantes de diversos idiomas e representantes de inúmeras culturas coexistem, criando os espaços<sup>124</sup> e caminhos de diálogo (páginas pessoais, grupos abertos ou fechados, páginas públicas, etc.)<sup>125</sup>.

Outro trabalho que trata especificamente da presença indígena no ciberespaço é o de Eliete da Silva Pereira (2007), intitulado **Ciborgues indígenas@s.br: a presença nativa no ciberespaço**<sup>126</sup>. A imagem de “ciborgues indígenas” é dada pela autora como a “nova condição nativa contemporânea, atravessada por softwares e hardwares, sistemas informativos e fluxos comunicativos” (PEREIRA, 2007, p.14) que está relacionada com a apropriação e

<sup>122</sup> Lévy (1999, apud FERREIRA, 2011, p. 561)

<sup>123</sup> Utilizamos este termo aqui por influência da observação aos trabalhos da rede dos Jovens indígenas Comunicadores, da qual alguns Kokama fazem parte. Disponível em: < <http://jovens-ars.com/>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>124</sup> Exemplo de grupo aberto no facebook “Rede de cultura Digital Indígena” criado em 2012, atualmente com 13.851 membros. Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/RededeCulturaDigitalIndigena/?fref=nf>> Acesso em 20 de jun. 2014.

<sup>125</sup> V. mais informações no Cap. 7.

<sup>126</sup> PEREIRA, Eliete da Silva. *Ciborgues indígenas@s.br: a presença nativa no ciberespaço*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília. 2007.

interação com as “tecnologias comunicativas digitais<sup>127</sup>”, por parte de sujeitos e organizações indígenas. A autora fez um estudo exploratório da presença indígena na internet, em que eram buscados sites indígenas de etnias do Brasil. Até o dia 21 de junho de 2006 foram localizados 31 sites. Posteriormente, em novembro de 2006, o número de sites encontrado foi menor, 24, pois alguns, antes localizados, encontravam-se fora do ar ou estavam desativados. Por fim a autora encontrou, depois, mais 3 blogs, o que gerou um total de 27 blogs para o escopo de sua pesquisa, cujo critério de escolha dos sites foi a auto identificação indígena. Para a análise dos dados a autora utilizou-se da classificação por “níveis de interatividade” e por “arquitetura da informação e conteúdo”, a qual foi compilada no Quadro 9.

Quadro 9 - Critérios de Pereira (2007) para análise da presença nativa no ciberespaço

Classificação de Pereira (2007) para analisar a presença indígena no ciberespaço	
Níveis de interatividade	<ul style="list-style-type: none"> <li>◆ Site</li> <li>◆ Blogue</li> <li>◆ Portal</li> <li>◆ Comunidades virtuais</li> </ul>
Arquitetura da informação e conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> <li>◆ Sites de organização (nacionais, regionais e locais)</li> <li>◆ Sites pessoais</li> <li>◆ Sites de etnias</li> </ul>

Fonte: Pereira (2007, p. 16-17)

Pereira (2007) utilizou como metodologia algumas formas de interação direta na internet para realizar conversas e entrevistas com os autores das páginas selecionadas, por meio de troca de mensagens de texto e por sistema de telefonia via Internet. Esses diálogos e análises resultaram em “algumas reflexões produzidas acerca dos significados em torno do protagonismo e autorepresentação indígena na trama hipertextual da rede”<sup>128</sup>. O trabalho de Pereira (2007) apresenta indicações bibliográficas sobre o tema da presença indígena no ciberespaço, que podem auxiliar em pesquisas dessa natureza. O trabalho de Pereira (2007) é ao mesmo tempo, permeado por reflexões dos indígenas como sujeitos no uso das tecnologias e as suas experiências na internet, dentre as quais destacamos aqui o poema de Alexandre Pankararu, o qual é bastante ilustrativo disso:

Há muito tempo, índios e tecnologia não se conciliavam.  
Era impossível, imaginar ver índios navegando na rede mundial.  
Até porque, na visão dos não indígenas,  
O índio Brasileiro, é incapaz de ter seus próprios ideais.  
Mas entre índios e não índios, quem primeiro popularizou,

<sup>127</sup> Pereira (2007, p.14) usa o termo “tecnologias comunicativas digitais” para, segundo ela, contrastar com as “tecnologias de informação e comunicação” que possuem caráter mais genérico.

<sup>128</sup> Pereira (2007, p. 19)

Um país que depois de invadido, disseram que um outro povo colonizou.  
 Daí fica uma pergunta, como o povo indígena vivia antes do SPI?  
 Será que não se alimentava?  
 Será que não se organizava?  
 Ou então todas essas teorias criadas sobre os povos indígenas, são besteiras?  
 Ou nada disso seja verdade,  
 E sempre fomos independentes,  
 Pois caçávamos, pescávamos e nos organizávamos,  
 Então nós nos consideramos, seres inteligentes e pensantes.  
 E agora por que o espanto?  
 Índios buscando autonomia?  
 Buscando porque, se sempre tivemos,  
 Ou será que, vamos viver em um mundo dependente, que criaram pra nós.  
 Então embora meu povos indígenas vamos acordar,  
 Se antes caçávamos com arco e flecha,  
 Hoje temos um arco digital,  
 Se antes tínhamos que andar léguas e léguas,  
 Para falar com outros parentes indígenas,  
 Hoje temos um Chat  
 Então só tenho, mas uma coisa a falar,  
 O projeto índios on-line, não é de se espantar,  
 E que o índio não deixa de ser índio,  
 Só porque se conectou, mas ao contrário,  
 Isso só nos ajudou, e nos levou a realidade mundial,  
 Por isso não acredito, que índio conectado é banal.  
 Então não me interessa, se é índio ou não índio,  
 Ou qualquer povo que seja,  
 Só sei que todos são iguais perante a Deus,  
 Todos seres, inteligentes e pensantes,  
 Só com culturas e costumes diferentes,  
 Por isso meus parentes, vamos realmente ser independente,  
 E deixarmos de se sentir carentes, e buscarmos nossos ideais.  
 Então vamos aproveitar nossa conexão e lutar,  
 Seja de norte a sul, leste ou oeste,  
 Vamos conversar, e idéias vamos trocar,  
 E um mundo melhor vamos buscar,  
 Isso só depende de nós, indígenas sim,  
 Incapazes nunca.  
 Alexandre Pankararu<sup>129</sup>

#### 4.5.1 Breves considerações sobre a inclusão digital no Brasil

Em 2008 foi criada pela Unesco uma série de folhetos intitulada “Tecnologia, Informação e Inclusão”, a qual foi destinada a jornalistas atuantes na mídia comunitária, estudantes e ao público em geral. Os folhetos das quatro primeiras séries foram os seguintes: Volume 1: Acesso às Novas Tecnologias; Volume 2: Informação para Todos; Volume 3: Computador na Escola; Volume 4: Juventude e Internet.

<sup>129</sup> PANKARARU, Alexandre, apud PEREIRA (2007, p.86).

O folheto **Indígenas recriam a própria imagem em vídeo** (2008)<sup>130</sup> aborda questões especificamente indígenas, mostrando algumas ações no Brasil, como por exemplo, o primeiro treinamento em TICs para professores indígenas da educação básica promovido em 2006 pelo Ministério da Educação (MEC). Trata também de “pontos de cultura” que começaram a funcionar em 2006 com o apoio do MinC, que disponibilizou os equipamentos multimídia. Além de falar do trabalho da ONG **Vídeo nas aldeias**<sup>131</sup> iniciado em 1987, e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), com o programa “Corredor Digital”, que na época capacitou indígenas de três aldeias do Brasil para serem também multiplicadores dos conhecimentos em tecnologia da informação e da comunicação. A etnia Tukano tinha representantes que participaram de reuniões desse projeto, nas quais foram criados novos termos<sup>132</sup> na língua Tukano para definir as partes do computador, *Mouse*, por exemplo, virou *Bi’í*, que quer dizer rato.

Do ano de 1987 até o ano de 2014 muitos foram os projetos de capacitação desenvolvidos por instituições, tais como Ministério da Educação (MEC), Ministério da Cultura (MinC), Ministério das comunicações (MC), Universidades, UNICEF, Organizações não governamentais (ONGs), em parceria com indígenas. Neste ano de 2014, indígenas de oito povos se reuniram para criar a rede de Pontos de Cultura Indígenas do Nordeste, com produção da ONG Thydêwá e com o apoio do MinC. Esse programa é chamado “Mensagens da Terra” e possui o seguinte objetivo:

[...] visa capacitar 100 Agentes Indígenas de Cultura Viva no uso das tecnologias de informação e comunicação para agirem a favor do Planeta e de suas comunidades. Os indígenas participarão de uma formação continuada, presencial e a distância, no decorrer de três anos, com o objetivo de fortalecer suas culturas e melhorar a Educação, Cidadania, e Sustentabilidade em suas comunidades<sup>133</sup>.

Numa pesquisa de cunho antropológico<sup>134</sup>, o autor Nicodème de Renesse discute a atuação e organização dessas parcerias de inclusão digital no Brasil e aborda o tema com o

<sup>130</sup>. Tecnologia, Informação e Inclusão. Volume 4, N:3: Juventude e internet: Indígenas recriam a própria imagem em vídeo. Unesco. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001585/158532por.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2014

<sup>131</sup> Ver mais informações dos trabalhos da ONG **Vídeo nas aldeias** no capítulo II.

<sup>132</sup> A professora de linguística da Universidade de Brasília (UnB), Orlene Lúcia Carvalho, integrava o projeto junto com o IbiCT.

<sup>133</sup> Indígenas de oito povos se reúnem para criar a rede de Pontos de Cultura Indígenas do Nordeste. Thydêwá.24/03/2014. Disponível em:< <http://www.thydewa.org/indigenas-de-oito-povos-se-reunem-para-criar-a-rede-de-pontos-de-cultura-indigenas-do-nordeste/>> Acesso em: 20 jun. 2014

<sup>134</sup> RENESSE, Nicodème de. Perspectivas indígenas sobre e na internet: Ensaio regressivo sobre o uso da comunicação em grupos ameríndios no Brasil. Dissertação de Mestrado. 144 f. Universidade de São Paulo. 2011.

intuito de mostrar as reflexões e posicionamentos de alguns representantes indígenas que participam de alguns desses programas de inclusão. Uma preocupação que surgiu no **1º Simpósio indígena sobre os usos da internet no Brasil**<sup>135</sup>, realizado em 2010, na Universidade de São Paulo (USP), com a participação de representantes de 14 etnias do Brasil, referiu-se ao desafio na articulação de conhecimentos indígenas e não indígenas no uso da internet, de modo que a aquisição de novos conhecimentos não implicasse na perda dos conhecimentos já existentes. Já para os indígenas Suruí, observa o autor, que já tinham se apropriado da internet, tal tecnologia “servia de suporte e veículo para os conhecimentos que se colocava nela e, portanto, constituía um conhecimento tipicamente agregador” (RESENSE, 2011, p.14). Com base no levantamento de dados feito por Renesse (2011) sobre as parcerias entre indígenas e instituições para o desenvolvimento da inclusão digital no Brasil, apresentamos um quadro comparativo (Quadro 10) acrescentando os valores correspondentes ao ano de 2014.

---

<sup>135</sup> O acervo da transmissão com gravações do evento pode ser acessado na página do Simpósio. Disponível em: < [http://www.usp.br/nhii/simposio/?page\\_id=15](http://www.usp.br/nhii/simposio/?page_id=15)> Acesso em: 20 jun. 2014.

Quadro 10 - Quadro comparativo da inclusão digital no Brasil (2010 e 2014)

Quadro comparativo da inclusão digital no Brasil					
Coordenação	Programa	Data de início do programa	Total	Dados de 2010 (DE RENESSE, 2011)	Dados de 2014
Ministério das Comunicações (MC)	Programa Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão (Gesac)	2002	Total de Telecentros no Brasil	11.385 (onze mil trezentos e oitenta e cinco)	7.755 (sete mil setecentos e cinquenta e cinco) <sup>136</sup>
			Total de Telecentros em comunidades indígenas:	80 (oitenta)	168 (cento e sessenta e oito) <sup>137</sup>
Ministério da Cultura (MinC)	Programa Pontos de cultura	2004	Total de Pontos de Cultura no Brasil	650 (seiscentos e cinquenta)	4.272 (quatro mil e duzentos e setenta e dois) <sup>138</sup>
			Total de pontos e pontões de Cultura indígenas	80 (oitenta) <sup>139</sup>	143 (cento e quarenta e três) <sup>140</sup>
Ministério do Planejamento (MP)	Programa Nacional de Apoio à Inclusão Digital nas Comunidades: Telecentro.BR	2010	Descrição	Amplia e coordena as políticas existentes. Oferece equipamentos e capacitação para implantação ou modernização de telecentros novos e antigos	Vigente

Fonte: Dados de 2010 (RENESSE, 2011) e dados de 2014 (própria autora)

<sup>136</sup> Fonte: Ministério das Comunicações. Telecentros. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/telecentros>> Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>137</sup> Fonte: SECRETARIA DE INCLUSÃO DIGITAL (SID) DO MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Re: informação sobre telecentros. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[chandraviegas@gmail.com](mailto:chandraviegas@gmail.com)> em 27 out. 2014.

<sup>138</sup> Fonte: COORDENAÇÃO DE GESTÃO DE INFORMAÇÃO-COGIN/CGCAI/DCDC/SCDC/MinC. RES: pontos de cultura indígena. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[chandraviegas@gmail.com](mailto:chandraviegas@gmail.com)> em 6 out. 2014.

<sup>139</sup> Nota: Especificação do total de **80** Pontos e Pontões de Cultura Indígena: **30** (trinta) Pontos de cultura indígena em parceria com a FUNAI com o programa Mais Cultura; e **50** (cinquenta) Pontos de cultura em parceria direta com comunidades indígenas pelo Cultura Viva (RENESSE, 2011)

<sup>140</sup> Nota: Especificação do total de **143** Pontos e Pontões de Cultura Indígena: **06** (seis) Pontões de Cultura Indígena; **61** (sessenta e um) conveniados diretamente pelo MinC ou por meio das redes estaduais; **30** (trinta) Pontos de Cultura Indígena na Amazônia, implantados por meio do projeto piloto executado pela OSCIP ACMA; **46** (quarenta e seis) implantados por edital específico, em 2010, para a implantação de Pontos de Cultura Indígena nas Terras Indígenas (TIs) brasileiras; destes: 33 (trinta e três) nas regiões Sul e Sudeste, por meio da OSCIP SODETEC; 08(oito) na região Nordeste, por meio da OSCIP THYDEWA e; 05 (cinco) no Mato Grosso do Sul, por meio da OSCIP CAPI. Fonte: COORDENAÇÃO DE GESTÃO DE INFORMAÇÃO-COGIN/CGCAI/DCDC/SCDC/MinC. RES: pontos de cultura indígena. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[chandraviegas@gmail.com](mailto:chandraviegas@gmail.com)> em 6 out. 2014.

Renesse (2011, p. 18) cita outros programas de inclusão digital além desses, como os coordenados pelas secretarias regionais de educação e os particulares que possuem apoio de empresas. A Fundação Bradesco coordena os Centros de Inclusão Digital, desde 2004. O Programa Inclusão Digital da Fundação Banco do Brasil é também atuante nesta área mantendo as “Estações Digitais”. O Programa Inclusão Digital do Banco do Brasil que integra as Políticas Sociais do Governo Federal<sup>141</sup>, iniciado em 2003, e a Caixa Econômica Federal também apoiam a inclusão digital. Ao mesmo tempo, estão envolvidos com a inclusão digital as Organizações não Governamentais (ONGs), tais como o Comitê da democratização da informática, a Associação de cultura e Meio Ambiente, o Instituto Socioambiental e a Thydêwá.

Além desses parceiros, universidades também buscam criar projetos de inclusão digital, como o Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN) por meio de atividades de extensão em parceria com ONGs que buscou beneficiar nove mil índios da Reserva de Dourados<sup>142</sup>.

Anápuáka Muniz Tupinambá Hã-hã-hãe<sup>143</sup> do Território Indígena de Caramuru Catarina Paraguassu, Pau Brasil - BA, que também esteve presente no Simpósio<sup>144</sup> supracitado é um indígena conectado<sup>145</sup>, o qual teve acesso à internet pela primeira vez em 1996 e já vinha fazendo parte da cultura digital desde 1988, quando pôde fazer um curso de informática. Depois continuou o aprendizado lendo revistas da área, trabalhando num jornal de mídia alternativa e em algumas rádios comunitárias e comercial AM. Anápuáka foi convidado para fazer a editoração e projeto gráfico da série “Índios na Visão dos Índios”, que está disponível para download<sup>146</sup> sob licença *Creative Commons* no site da ONG Thydêwá. Anápuáka Tupinambá foi o idealizador da **Web Brasil Indígena**<sup>147</sup>, um projeto de conceito em etnomídia. Membro e idealizador da **Rede de Cultura Digital Indígena**<sup>148</sup>, membro e

<sup>141</sup> Cf. Inclusão Digital. gov.br. Disponível em: < <http://www.governoeletronico.gov.br/acoes-e-projetos/inclusao-digital>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>142</sup> Inclusão Digital na Comunidade Indígena. Disponível em: <<http://inclusaodigitalindigena.blogspot.com.br/>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>143</sup> Ver Bogue de Anápuáka Muniz Tupinambá Hã-hã-hãe. Disponível em: < <http://bloguedoanapuaka.wordpress.com/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>144</sup> Ver fotos do 1º Simpósio indígena sobre os usos da internet no Brasil. Disponível em < <https://www.flickr.com/photos/56376863@N06/sets/72157625345707337/>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>145</sup> Anápuáka, o índio conectado. Disponível em: <<http://riojob.com.br/conteudo/entrevistas/anapuaka-muniz-tupinamba-ha-ha-hae-indio-conectado/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>146</sup> Disponível em: <<http://www.thydewa.org/downloads/hahaha.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>147</sup> Web Brasil Indígena. Disponível em: < <http://webradiobrasilindigena.wordpress.com>> 20 jun. 2014.

<sup>148</sup> Rede de Cultura Digital Indígena. Grupo aberto da rede social *Facebook*. Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/RededeCulturaDigitalIndigena/?fref=ts>> Acesso em: 20 jun. 2014.



gestor da organização **Raízes Históricas Indígenas (RAHIS)**<sup>149</sup> atuando na preservação cultural, políticas públicas, direitos humanos e articulações socioculturais, no estado do Rio de Janeiro e demais áreas da federação brasileira. Idealizador e gestor da **Rádio Yandê**<sup>150</sup>, a primeira rádio indígena de âmbito nacional. Articulador<sup>151</sup> de políticas públicas para população indígena, Anápuáka é defensor do software livre e das licenças e códigos abertos e livres.

O índio Tupinambá Anápuáka lembrou a emoção que sentiu ao conectar-se pela primeira vez à Internet em 1996, e em 2001 quando conversou por chat com um parente de sua tribo após 17 anos sem contato com sua aldeia. O indígena, que defende a liberdade de acesso, hoje é jornalista por prática e conhecido como o índio hacker e conectado<sup>152</sup>.

Anápuáka atuou também como colaborador da rede **índios online**, a qual é composta por índios voluntários que mantêm “um portal de diálogo intercultural, que valoriza a diversidade, facilitando a informação e a comunicação para vários povos indígenas e para a sociedade em forma geral” (ÍNDIOS ONLINE)<sup>153</sup>. No *website* dos Índios Online, um canal de encontro, diálogo e troca, há este texto “O índio e a tecnologia” que mostra um ponto de vista que vai além da inclusão digital.

A tecnologia cada dia que passa avança muito mais, e os grandes técnicos vai fazendo com que o mundo se aproxime mais do ser humano através da internet. Mais tem muitos que dizem que o índio não consegue acompanhar a tecnologia, e que nos índios temos que viver como bichos na selva, fazendo e praticando tudo aquilo que ele fazia antes dos portugueses invadirem o nosso território de origem. Isso poderia sim estar acontecendo, mas se eles não tivesse invadido o Brasil, e isso não quer dizer que nos Índios não praticamos o a nossa cultura. Nós indígenas passamos por muitos massacres, tendo assim uma mistura de raças, e isso fez com que nós perdessem parte da nossa cultura, sendo até mesmo expulso das nossas terras. Mas hoje nós indígenas resgatamos a maior parte da nossa cultura, e nós Índios praticamos sim o nosso ritual, dançamos o tohé que tem nome diferenciado por cada povo. A tecnologia por sua vez, também chegou nas aldeias, e o que muita gente pensam que nós Índios não usamos telefone, computador, e quem pensa dessa forma estar totalmente enganado, pois nós Índios acompanhamos a tecnologia e não estamos perdendo nada da nossa cultura, pelo contrario, estamos ganhado muito mais. Mas desde quando sabemos usar esses meios tecnológico. O telefone, a

<sup>149</sup>Raízes Históricas Indígenas. Página aberta da rede social Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Ra%C3%ADzes-Hist%C3%B3ricas-Ind%C3%ADgenas/27486494289338>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>150</sup>Rádio Yandê. Disponível em: <<http://radioyande.com/>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>151</sup> Para ter acesso a mais informações sobre as reflexões de Anápuáka Cf. Blogueiro Anápuáka busca inserir povos indígenas na internet. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cidadania/galeria/audios/2013/05/blogueiro-anapuaka-busca-inserir-povos-indigenas-na-internet-0>>. Acesso em: 20. jun. 2014.

<sup>152</sup>O trecho foi corrigido por Anápuáka, comunicação pessoal, 30 de agosto de 2014. Marcelo Tas comanda debate entre tribos na Campus Party 2010. Disponível em: <<http://vempronovo.wordpress.com/tag/anapuakamuniz-tupinamba-ha-ha-hae/>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>153</sup> Índios online. Quem somos. Disponível em: <<http://www.indiosonline.net/quem-somos/>> Acesso em: 20 jun. 2014.

internet dentro das aldeia só tem nós beneficiados, pois serve para que os povos existente no brasil, ou até mesmo no exterior se comuniquem, fazendo trocas de experiências, promovendo eventos, encontros indígenas e até mesmo reuniões online... E o que nós Índios precisamos é nos levantarmos para que possamos ver o nosso povo crescer, e através da tecnologia temos a capacidade de buscarmos o melhor para nossas aldeias, sem perder a nossa cultura, e temos que dar o respeito e sermos respeitados como cidadãos brasileiros, que lutamos pelos nossos direitos, e para que possamos conhecer a realidade de cada povo, precisando conhecer o mundo tecnológico, pois é uma forma de nós indígenas estarmos nos articulando para que possamos fazermos o nosso movimento. Deixando assim de sermos vistos como bichos do mato, e sim como um índio o verdadeiro brasileiro (ITOHÃ PATAXÓ HÃHÃHÃE (EDMAR). O índio e a tecnologia. Esta matéria foi publicada originalmente na Rede Índios on Line – [www.indiosonline.net](http://www.indiosonline.net). 29/06/2007<sup>154</sup>).

Portanto, muitos indígenas vêm atuando na internet. Recentemente, foi lançada uma lista colaborativa de sites de “organizações indígenas” e “outros sites e blogs indígenas” pelo site Povos Indígenas no Brasil (Iniciativas indígenas > Web indígena > Sites indígenas) do Instituto Socioambiental (ISA), com a seguinte introdução: “O aprendizado e a incorporação, por parte dos povos indígenas, das ferramentas da informática e da Internet como meios de divulgação de suas culturas e de seus direitos têm ganho maior destaque a cada dia” (POVOS ÍNDÍGENAS NO BRASIL-ISA). Logo em seguida apresentam a lista que está com quatro páginas<sup>155</sup> e convidam àqueles que queiram incluir o seu endereço eletrônico da seguinte forma: “Você acha que seu site deveria estar listado aqui? Fale conosco”

#### **4.6 Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC)**

A combinação de tecnologias indígenas e não indígenas está associada ao que chamamos de “língua em rede”, em que entidades interagem entre si. Com a apropriação dos indígenas no uso de TICs, estas passam a fazer parte do seu cotidiano, ganhando usos adaptados às suas aspirações. Ao mesmo tempo, as tecnologias indígenas de transmissão do conhecimento, de memória, etc, são imprescindíveis para um fortalecimento linguístico, pois este busca justamente a valorização dos conhecimentos indígenas, assim é favorecida a diversidade das sociedades. Portanto, o mais importante é a valorização das tecnologias indígenas e, quando há a apropriação de tecnologias de outras culturas, que estas sejam também valorizadas. A pesquisadora Simone Athayde aborda o tema das tecnologias indígenas:

<sup>154</sup> Itohã Pataxó Hãhãhãe (Edmar). O índio e a tecnologia. Esta matéria foi publicada originalmente na Rede Índios on Line. Disponível em: [http://www.indiosonline.net/o\\_indio\\_e\\_a\\_tecnologia/](http://www.indiosonline.net/o_indio_e_a_tecnologia/)> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>155</sup> Iniciativas Indígenas. Pib Socioambiental. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/iniciativas-indigenas/autoria-indigena/sites-indigenas>> Acesso em :20 de jun. de 2014.

A tecnologia indígena compreende conhecimentos aplicados na transformação de recursos naturais em objetos ou produtos utilizados com inúmeras finalidades: da alimentação e uso doméstico até o transporte (por exemplo, fabricação de canoas), moradia, uso ritual (festivais e pajelanças) e, crescentemente, a comercialização. O conjunto de objetos produzidos pelos povos indígenas é chamado pela antropologia de “cultura material”. Os objetos podem ser classificados de acordo com as matérias-primas, as técnicas usadas em sua fabricação ou segundo o seu uso em diversas categorias: adornos ou enfeites, arte plumária, brinquedos infantis, caça, pesca, transporte, cerâmica, cestaria, instrumentos musicais, tecelagem, habitação e uso ritual (ATHAYDE, 2013)<sup>156</sup>.

Considerando os estudos sobre a cibercultura, as tecnologias, a inclusão digital e a presença dos indígenas no ciberespaço, apresentados nesse capítulo, notamos a importância de se mapear a presença dos Kokama no ciberespaço, principalmente na *Web*. Para isso, nos inspiramos na pesquisa de Pereira (2007), na qual a autora classifica as informações conforme os níveis de interatividade e a arquitetura da informação<sup>157</sup>, embora tenhamos seguido outro método. O mapeamento que fizemos na *Web* é uma parte inicial que servirá para trabalhos posteriores de análises de arquitetura da informação nos *websites* e para elaborar ontologias por meio da linguagem *Ontology Web Language* (OWL) usada para a *Web* semântica para a integração informacional dos dados, inferência por máquina e estudos conceituais.

Segundo Souza e Alvarenga (2006), a *web* semântica oferece várias contribuições aos mais diversos campos de estudos relativos ao tratamento da informação. Tais contribuições se dão por meio de sua proposta de estruturar o conteúdo da *web* (BERNERS-LEE, 2001; BREITMAN, 2005; CARLAN, 2006). Dessa forma, a partir da organização das informações, é possível que agentes de software percorram a rede, página a página, para realizar tarefas consideradas “trabalhosas” para o usuário com o objetivo de recuperar a informação desejada. Para facilitar a realização dessas tarefas, é fundamental o uso de ontologias, que fornecem um vocabulário compartilhado para modelar determinado domínio (área do conhecimento), seus conceitos, propriedades, relações, restrições (GRUBER, 1993; BERNERS-LEE, 2001). As ontologias são a principal camada da *web* semântica, existindo vários tipos que podem ser classificados de acordo com a sua finalidade (SOUSA et al, 2011, p. 265)<sup>158</sup>.

---

<sup>156</sup> Cientistas, engenheiros e artistas: Produções materiais e tecnológicas dos povos indígenas são fruto de uma complexa teia de saberes e significados. Simone Athayde (01/04/2013) Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/cientistas-engenheiros-e-artistas>> Acesso em 11 jun. 2014.

<sup>157</sup> V. Quadro 9.

<sup>158</sup> SOUSA, Marckson R. F. et al. InfoArch: uma ontologia para modelar o domínio da Arquitetura da Informação para *Web*. Liinc em Revista, v.7, n.1, março 2011, Rio de Janeiro, p. 264-282. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>> Acesso em: 25 jun. 2014.

Para realizar o mapeamento foi desenvolvido o **Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC)**, cujas etapas podem ser vistas no Quadro 11.

Quadro 11 - Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no ciberespaço. 2014.

Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no ciberespaço (MMPLCC)		
<b>Etapa 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Levantamento dos vetores (arrays uni-dimensionais)</li> <li>▶ Pesquisa na <i>Web</i>. Pesquisa de palavras-chave (Tags) em buscadores dos navegadores (<i>browsers</i>)<sup>159</sup>.</li> <li>▶ Registo da URL da ocorrência</li> </ul>	Palavras-chave ou vetores principais: <noticias> <vídeos> <áudios> <associações> <instituições> <língua>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Pesquisa de referências de pessoas, instituições, associações e programas envolvidos.</li> </ul>	Pesquisas bibliográficas e interação com pesquisadores da área
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Organização dos dados em tabelas individuais por palavra-chave</li> </ul>	1< notícias> 2< vídeos> 3<áudios> 4<associações> 5<instituições> 6<língua>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Organização de cada tabela em forma de matriz (array multi-dimensional).</li> </ul>	-título ( <i>website</i> , <i>blogue</i> , <i>plataforma</i> , etc) -ocorrência (título do material) -URL -Descrição (descrição e data) -Quantidade
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Organização em gráficos e/ou grafos</li> </ul>	Organizar de acordo com a perspectiva escolhida. Pode ser um gráfico para cada região geográfica ou para cada conteúdo, por exemplo.
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Referência do período do mapeamento</li> </ul>	É necessário incluir o período em que foi feito o mapeamento.
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Refletir sobre a criação de vocabulários, ontologias e algoritmos</li> </ul>	Se possível, desenvolver vocabulários, ontologias e algoritmos para a Web semântica
<b>Etapa 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Filtragem com presença da língua</li> <li>▶ Organização da tabela em forma de matriz (array multi-dimensional).</li> </ul>	Organização em tabela contendo: <ul style="list-style-type: none"> <li>◆ Ocorrência (título do material)</li> <li>◆ Modalidade (oral e escrita)</li> <li>◆ Data</li> <li>◆ Meio (vídeo, áudio, texto)</li> <li>◆ Plataforma (<i>YouTube</i>, <i>SoundCloud</i>, <i>site</i>, <i>blogue</i>,</li> </ul>

<sup>159</sup> Exemplos: *Mozilla Firefox*, *Opera*, *Google Chrome*, *Apple Safari* e *Microsoft Internet Explorer*) e em plataformas e sites ou plataformas (*YouTube*, *SoundCloud*, *Facebook*, *Twitter*, etc).

		<i>Facebook</i> , etc.) ♦ Região geográfica (país, comunidade, bairro, etc)
	▶ Registro em <i>software</i> de análise e visualização de redes (ex.: <i>Gephi</i> ) <sup>160</sup>	Organizar de acordo com a perspectiva escolhida.
<b>Etapa 3</b>	▶ Pesquisa do uso de sistemas de comunicação eletrônicos: rádio, telefonia móvel, televisão, aparelho de DVD, Televisão por Protocolo de Internet ( <i>Internet Protocol Television</i> (IPTV))	Análisar o uso desses sistemas

Fonte: elaborado pela autora.

MMPLCC é relativamente simples, estando baseado em três tipos de conhecimento fundamentais: (1) conhecimento de determinada língua e cultura pelo pesquisador que irá identificar as ocorrências nas páginas virtuais; (2) conhecimento básico de Web semântica; e (3) conhecimento básico de registro, desenvolvimento de visualizações e análise de redes (grafos). Já uma pesquisa mais avançada de uso de palavras e sentenças nestas páginas requer a criação de algoritmos e programas de análise estatística, além de programação computacional para a mensuração linguística *on-line* (*linguistic measurement online*)<sup>161</sup>. Portanto, o MMPLCC é indicado para identificar a presença da cultura e do uso de uma língua obsoleta que ainda encontra-se diluída em *websites*, *canais* e *páginas* que possuem outras línguas como conteúdo principal. Provavelmente esse método poderá se aperfeiçoar conforme os estudos dessa natureza avancem com a Web Semântica e com a consulta a métodos que vêm sendo desenvolvidos desde os anos de 1990 (PAOLILLO; PIMIENTA; PRADO et al., 2005; PIMIENTA; PRADO; BLANCO, 2009).

#### 4.6.1 Os Kokama no ciberespaço

Para mapear a presença da língua e da cultura Kokama no ciberespaço foi aplicado o Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no ciberespaço (MMPLCC). O mapeamento visou registrar os caminhos informacionais e interacionais que apresentam conteúdo referente aos Kokama. O conteúdo encontrado está vinculado a páginas da internet que possuem um *Uniform Resource Locator* (URL), ‘Localizador-Padrão de Recursos’. Essas páginas possuem um protocolo de comunicação chamado *Hypertext Transfer Protocol* (HTTP), ‘Protocolo de Transferência de Hipertexto’, ou quando criptografado pelo adicional do protocolo de segurança SSL/TLS, *HyperText Transfer Protocol Secure* (HTTPS),

<sup>160</sup> Ver Capítulos 7.

<sup>161</sup> A expressão *linguistic measurement online* foi utilizada por Pimienta, Prado e Blanco (2009, p. 22)

‘Protocolo de transferência de hipertexto seguro’. Assim, cada ocorrência possui um URL, como por exemplo: **Jovens Kokama em ação** (<<http://jovensKokamaemacao.wordpress.com/category/noticias/>>).

Na **primeira etapa** do mapeamento foi feita a pesquisa por palavras-chave (que também foram observados como vetores) no buscador *Google* do Navegador (*browser*) *Google Chrome* e nas plataformas *YouTube*<sup>162</sup> *Vimeo*<sup>163</sup>, e *SoundCloud*<sup>164</sup>. No *Google* buscou-se por <kokama notícias>, <kokama vídeos>, <kokama áudios>, <kokama associações> <kokama lingua>. No *YouTube*, no *Vimeo* e no *SoundCloud* buscou-se por <kokama>, <kokama brasil>, <kokama peru>, <kokama colombia>, <kukama> e <cocama>. No *Facebook*<sup>165</sup> buscou-se por <kokama>, <kukama>, <cocama>. Na medida em que os resultados iam aparecendo no navegador os caminhos pelos *links* eram feitos para se chegar a outros resultados.

Foi realizada a pesquisa bibliográfica que nos levou a alguns endereços eletrônicos que contêm conteúdo da língua e da cultura Kokama. Outros endereços eletrônicos foram conhecidos por meio de conversas com interagentes Kokama na rede social *Facebook* e por troca de *e-mails*. As análises da pesquisa de referências de pessoas, instituições, associações e programas envolvidos podem ser vistas no Capítulo 7.

Assim, sendo as ontologias a principal camada da Web semântica para modelar determinadas áreas do conhecimento, desenvolvemos alguns esboços que podem contribuir para a modelagem do campo “multilingüismo no ciberespaço”. Além disso, para realizar a filtragem de informação na Web é indicado que se use algoritmos, os quais agilizam o processo. Elementos que compõem um algoritmo, são, por exemplo, o vetor (array unidimensional) e a matriz (**array** multi-dimensional)<sup>166</sup>. Nesse sentido levantamos alguns vetores que observamos no **mapeamento da presença Kokama no ciberespaço**, os quais

<sup>162</sup> YouTube: “Fundado em fevereiro de 2005, o YouTube é onde bilhões de pessoas descobrem e compartilham vídeos originais e os assistem. O YouTube oferece um fórum para as pessoas se conectarem, informarem e inspirarem outras pessoas por todo o mundo e atua como uma plataforma de distribuição para criadores de conteúdo original e para grandes e pequenos anunciantes” (YOUTUBE). Disponível em: <<https://www.youtube.com/yt/about/pt-BR/>>. Acesso em: 2 set. 2014.

<sup>163</sup> Vimeo: O Vimeo foi fundado em 2004. É um site de compartilhamento de vídeos. Disponível em: <<http://vimeo.com/about>>. Acesso em: 2 set. 2014.

<sup>164</sup> SoundCloud : “SoundCloud é a plataforma social de áudio mais importantes do mundo, onde qualquer pessoa pode criar sons e compartilhá-los em toda parte. A gravação e upload dos áudios para SoundCloud permite que as pessoas possam compartilhá-los facilmente em privado com os seus amigos ou publicamente para blogues, sites e redes sociais” (SOUNDCLOUD, tradução nossa). Disponível em: < <https://soundcloud.com/pages/contact>>. Acesso em: 2 set. 2014.

<sup>165</sup> Facebook: fundado em 2004. Site de serviço de rede social. Conecta bilhões de pessoas de diversas partes do mundo. Disponível em: < <https://www.facebook.com/>>. Acesso em: 2 set. 2014.

<sup>166</sup> O que são Vetores e Matrizes (arrays). Dicas de programação. Disponível em: <<http://www.dicasdeprogramacao.com.br/o-que-sao-vetores-e-matrizes-arrays>> . Acesso em: 7 nov. 2014.

foram, posteriormente, organizados em tabelas em forma de matriz. Dividimos os vetores em quatro conjuntos de grupos semânticos (Esquema 1).

---

Esquema 1 - Vetores observados no mapeamento da presença Kokama no ciberespaço. Junho de 2014.

---

#### **Conjunto 1 = vetores**

Parâmetros (dados de entrada): F=G (língua=povo) e F(língua)=kokama, para o povo indígena kokama (variáveis: Kukama, Kukama-Kukamira, Cocama, Cocama-Cocamilla)

{A, B, C, D, E, F, G}

A=notícia

B=vídeo

C=áudio

D=associação ou organização

E=instituições ((ONG) ou (universidade) ou (órgão do governo) ou (escola))

F=língua (incluir o nome da língua a ser pesquisada)

G=povo

#### **Conjunto 2 = vetores**

{h, i, j, k, l, m, n, o, p}

h= plataforma (*website*, blogue, plataforma)

i=perfil (incluir nome do (perfil) ou (canal), ou (página))

j=ocorrência (incluir título do material)

k=URL (incluir URL da ocorrência(j))

l=descrição (incluir descrição da ocorrência (j))

m=data (incluir data da ocorrência (j))

n=região geográfica (incluir região geográfica da ocorrência (j))

o=quantidade (incluir somatória das ocorrências (j))

p=presença de língua ((sim) ou (não))

(associar os resultados)

#### **Conjunto 3 = vetores**

Parâmetro: (p(sim)) (incluir dados que possuem p=sim)

{q, r, s, t, u, v}

q=ocorrência (incluir título do material)

r=modalidade ((oral) ou (escrita)) <se a ocorrência (q) apresentar as duas modalidades, incluir as duas>

s=data

t=meio ((vídeo) ou (áudio) ou (texto)) <se a ocorrência (q) apresentar mais de um meio, incluir todos>

u=plataforma (*YouTube*, *SoundCloud*, *Vimeo*, *website*, *blogue* (blogger, wordpress), *Facebook*, etc.)

v=região geográfica (país, comunidade, bairro, etc) <se não há registro geográfico deixar em branco>

#### **Conjunto 4=vetores**

Parâmetro: entidades para os kokama (relacionar com os Conjuntos 1, 2 e 3)

{vv, w, , ww, x, y, yy, z, zz}

vv=comunidade

w=conhecimento

ww=cultura (material) ou (imaterial)

x=tecnologia ((TICs) ou (tecnologia indígena) ou (tecnologia social))

y=pessoa catalisadora ((professor-pesquisador) ou (liderança) ou (falante) ou (pesquisador))

yy=Planta

z=Animal

zz=3 mundos (terra) ou (água) ou (ar)

---

Fonte: elaborado pela autora.

Nota:Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC): Etapa 1. Levantamento dos vetores (arrays uni-dimensionais) e sua organização em conjuntos.

Os conjuntos 1,2,3 e 4 apresentados no Esquema 1 podem se relacionar sintaticamente como se pode ver, a seguir no Esquema 2.

Esquema 2 - Relacionamentos dos vetores observados no mapeamento da presença Kokama no ciberespaço. Jun. 2014.

---

**Relacionamentos dos vetores**

A(notícia):  $A = \{h, i, j, k, l, m, n, o, p\}$

B(vídeo):  $B = \{h, i, j, k, l, m, n, o, p\}$

C(audio):  $C = \{h, i, j, k, l, m, n, o, p\}$

F(língua):  $F = \{q, r, s, t, u, v\}$

G(povo):  $G = \{h, i, j, k, l, m, n, o, p\}$

---

Fonte: elaborado pela autora.

Nota: Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC): Etapa 1. Levantamento das matrizes (arrays multi-dimensionais).

Os vetores também se relacionam (Esquema 3) para a criação de palavras-chave (*Tags*).

Esquema 3 – Palavras-chave (*Tags*) do mapeamento da presença Kokama no ciberespaço. Jun. 2014.

---

**Palavras-chave: lista**

Parâmetro:  $F=G$ : (língua=povo) para os Kokama

F+A: língua +notícia

F+B: língua+vídeo

F+C: língua+áudio

F+B+v: língua+vídeo+região geográfica

F+C+v língua+áudio+região geográfica

F+B+u+v: língua+vídeo+plataforma+ região geográfica

F+C+u+v: língua+áudio+plataforma+ região geográfica

F+r: língua+plataforma

**Palavras-chave: quadro de referência**

Língua	notícia			
língua	vídeo	áudio	plataforma	região geográfica
língua	vídeo	áudio	plataforma	região geográfica
língua	vídeo	áudio	plataforma	região geográfica
língua	vídeo	áudio	plataforma	região geográfica
língua	vídeo	áudio	plataforma	região geográfica
língua	vídeo	áudio	plataforma	região geográfica
língua	vídeo	áudio	plataforma	região geográfica

---

Fonte: elaborado pela autora.

Nota: Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC): Etapa 1. Relações dos vetores para criação de palavras-chave (*Tags*).

Para desenvolver ontologias e algoritmos é preciso criar também vocabulários compartilhados, como é representado nos exemplos de instrução (Esquema 4) e aplicação (Esquema 5) a seguir:



## Esquema 4 - Vocabulário simples- Presença de língua e cultura no ciberespaço-instrução/rdf/. 2014

**Vocabulário simples - Presença de língua e cultura no ciberespaço-instrução/rdf/. 2014**

1	--> multilinguíssimo no ciberespaço
2	--> Presença de língua e de cultura no ciberespaço
3	--> Presença de língua e de cultura kokama no ciberespaço
4	-->notícia
5	--> plataforma
6	forma alternativa: website
7	forma alternativa: blogue
8	--> perfil
9	Forma alternativa: canal
10	Forma alternativa: página pessoal,
11	Forma alternativa: comunidade virtual
12	Forma alternativa: grupo
13	Forma alternativa: página
14	Forma alternativa: homepage
15	nota de escopo: inclui o tipo de página e o título do perfil
16	--> ocorrência
17	nota de escopo: inclui o título do material
18	--> URL
19	--> descrição
20	nota de escopo: inclui a descrição do conteúdo da ocorrência
21	-->região geográfica
22	--> data
23	-->presença de língua
24	nota de escopo: apresenta ocorrência de língua em qualquer
24	modalidade (oral e/ou escrita)
26	--> não presença de língua
27	nota de escopo: não apresenta ocorrência de língua em
28	qualquer modalidade (oral e/ou escrita)
29	--> quantidade
30	nota de escopo: inclui a somatória das ocorrências

Fonte: elaborado pela autora com base em Fabbri (2014)<sup>167</sup>.

Nota: Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC). Etapa 1: criação de vocabulários.

A aplicação (Esquema 5) segue as instruções do Esquema 4, mas possui índice próprio. Na aplicação, são incluídos os dados de três notícias referentes aos Kokama encontradas no mapeamento.

## Esquema 5 - Vocabulário simples- Presença de língua e cultura kokama no ciberespaço-aplicação/rdf/. 2014

**Vocabulário simples- Presença de língua e cultura kokama no ciberespaço-aplicação/rdf/. 2014**

1	--> multilinguíssimo no ciberespaço
2	--> Presença de língua e de cultura no ciberespaço
3	--> Presença de língua e de cultura kokama no ciberespaço
4	-->notícia
5	--> YouTube
6	--> Canal XBOANEGRAX
7	--> Testimonio de Alfonso Lopez Tejada lider indígena cocama

<sup>167</sup>O “Vocabulário simples- Presença de língua e cultura no ciberespaço-instrução/rdf” foi elaborado pela autora por meio da linguagem *Resource Description Framework* (RDF) com base no trabalho de Renato Fabbri (2014), Vocabulário-participação. Disponível em: <<https://github.com/ttm/vocabulario-participacao/blob/master/rdf/vbsConferencia.txt#L4>> . Acesso em: 6 nov. 2014.

---

8	--> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=d3m2RR6bxI0">https://www.youtube.com/watch?v=d3m2RR6bxI0</a>
9	--> Líder da etnia cocama da selva norte do Peru fala dos problemas derivados da
10	extração de hidrocarburos
11	--> Peru
12	-->18/06/2011
13	--> não presença de língua
14	-->noticia
15	--> YouTube
16	--> Canal XBOANEGRAX
17	--> Derrame de petróleo en chambira
18	--> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=cO6IFV6fN54">https://www.youtube.com/watch?v=cO6IFV6fN54</a>
19	--> Os derrames de petróleo na Amazonia peruana não são nada novos, mas o que é
20	novo é que as organizações indígenas estão se unindo para denunciar as empresas
21	petroleiras.
22	--> Peru
23	-->26/03/2011
24	-->presença de língua
24	-->noticia
26	--> YouTube
27	--> Canal XBOANEGRAX
28	--> Vídeo denuncia: derrame de petróleo no rio Marañón
29	--> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=cO6IFV6fN54">https://www.youtube.com/watch?v=cO6IFV6fN54</a>
30	--> Evidências da contaminação dos rios amazônicos. Rio Marañón.
31	--> Peru
32	-->29/10/2010
33	-->presença de língua
34	--> 3

---

Fonte: elaborado pela autora com base em Fabbri (2014)<sup>168</sup>.

Nota: Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC). Etapa 1: criação de vocabulários.

Na OWL “a taxomania define as classes de objetos e das relações que se estabelecem entre elas” (LIMA; DE CARVALHO, 2005, p. 2)<sup>169</sup>. Segundo Lima e De Carvalho (2005) as classes, as instâncias (também chamada de indivíduo) das classes e os relacionamentos entre as instâncias são os elementos básicos da OWL, sendo que a classe é definida como um mecanismo de abstração para agrupar recursos com características similares, enquanto a instância é um fato, uma declaração verdadeira em um dado domínio. Com base no que é apresentado por Lima e De Carvalho (2005, p. 7), a sintaxe de uma classe pode ser representada da seguinte maneira: <OWL:CLASS RDF: ID= “ORGANIZATION”>, em que ORGANIZATION é uma classe. Aplicando esta estrutura ao tema que tratamos aqui, o ciberespaço, teremos: <OWL:CLASS RDF: ID= “CIBERESPAÇO”>.

---

<sup>168</sup>O “Vocabulário simples- Presença de língua e cultura kokama no ciberespaço-aplicação/rdf” foi elaborado pela autora por meio da linguagem *Resource Description Framework* (RDF) com base no trabalho de Renato Fabbri (2014), Vocabulário-participação. Disponível em: <<https://github.com/ttm/vocabulario-participacao/blob/master/rdf/vbsConferencia.txt#L4>>. Acesso em: 6 nov. 2014.

<sup>169</sup>LIMA, Júnio César de; DE CARVALHO, Cedric Luiz. Ontologias - OWL (Web Ontology Language) Technical Report - RT-INF\_004-05 - Relatório Técnico. 2005 – Junho. Instituto de Informática, Universidade Federal de Goiás. Disponível em:< [http://www.inf.ufg.br/sites/default/files/uploads/relatorios-tecnicos/RT-INF\\_004-05.pdf](http://www.inf.ufg.br/sites/default/files/uploads/relatorios-tecnicos/RT-INF_004-05.pdf)>. Acesso em: 7 nov. 2014.

Continuando a aplicação do que é apresentado por Lima e De Carvalho (2005, p.7-8) para o nosso tema, a sintaxe `RDF: ID= "CIBERESPAÇO"` é usada para nomear a classe, ao mesmo tempo em que pode ser representada dentro do documento como `#CIBERESPAÇO`, ou de outras formas estabelecidas pela linguagem de programação. Já uma instância pode ser representada da seguinte forma: `<VIDEOKOKAMA RDF:ID=" DERRAME DE PETRÓLEO EN CHAMBIRA"/>`.

`DERRAME DE PETRÓLEO EN CHAMBIRA` é uma instância da classe `VIDEOKOKAMA`. Tal relação sintática pode ser lida assim: “`DERRAME DE PETRÓLEO EN CHAMBIRA` É UM `VÍDEO KOKAMA`”.

Em seguida foi feita a organização dos dados em tabelas individuais por palavra-chave em forma de matriz (Tabelas 1-7), mas ainda sem índice de referência para cada item, o que seria indicado para a elaboração de algoritmos. Seguiu-se para a organização em gráficos e/ou grafos com a perspectiva escolhida de conteúdo, a saber: palavras-chave e região geográfica (Gráficos 1-7).

Na **segunda etapa** do mapeamento que se refere à filtragem com presença da língua Kokama, foi seguida a organização por ocorrência, modalidade, data, meio, plataforma e região geográfica, cujos resultados podem ser vistos no capítulo 6 na seção “A presença da língua Kokama no ciberespaço”. Por último foi feito o registro dos dados no *software* de análise e visualização de redes *Gephi* o qual possibilitou a visualização da **Rede da língua Kokama na internet** e respectivas análises que podem ser vistas no capítulo 7 na seção “Línguas”.

A **terceira etapa** em que foi analisado o uso de sistemas de comunicação eletrônicos pelos Kokama pode ser visto no capítulo 7.

Chamamos o mapeamento de **Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço**, o qual mostra algumas ocorrências dessa presença, com base no que foi encontrado, principalmente na *Web*, sinalizando que podem existir outras ocorrências além dessas. Esse mapeamento é referente a um período específico, determinado em cada tabela. Segue a Tab. 1 contendo os dados da busca pela palavra-chave `<kokama noticias>` com ocorrência relacionada aos Kokama no Brasil:

Tabela 1 - Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço - Notícias – Brasil. Jun. 2014

<b>Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Notícias - Brasil (junho de 2014)</b>		
Resultado da busca	Descrição	Quantidade

Pib Socioambiental <sup>170</sup> Povos indígenas no Brasil Palavra de busca: Kokama notícias	Notícias de diversas fontes relacionadas ao povo Kokama notícia mais antiga: 27/11/1982 notícia mais recente: 27/02/2014	164 notícias
Jovens Kokama em ação <sup>171</sup>	Notícias dos Jovens indígenas comunicadores Kokama notícia mais antiga: 20/09/2013 notícia mais recente: 01/11/2013	6 notícias
Jovens Indígenas Comunicadores <sup>172</sup>	Notícias sobre a atuação dos Jovens indígenas comunicadores notícia mais antiga: 21/05/2013 notícia mais recente: 09/06/2014	50 notícias
Portal EBC <sup>173</sup>	Notícias diversas Notícia mais antiga: 13/09/2012 Notícia mais recente: 28/05/2013	3 notícias
PasseiAki <sup>174</sup>	Notícias diversas Notícia mais antiga: 07/11/2012 Notícia mais recente: 29/04/2014	6 notícias
Nova cartografia Social da Amazônia <sup>175</sup>	Notícias referentes aos pesquisadores do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) e notícias diversas Notícia mais antiga: 24/08/2012 Notícia mais recente: 01/07/2013	8 notícias
Portal tabatinga <sup>176</sup>	Notícias diversas Notícia mais antiga: 15/10/2012 Notícia mais recente: 03/06/2013	4 notícias

<sup>170</sup> Pib Socioambiental. Disponível em:

<[http://pib.socioambiental.org/pt/c/noticias?startDay=1&startMonth=01&startYear=1945&endDay=10&endMonth=06&endYear=2014&op%5B0%5D=AND&op%5B1%5D=AND&id\\_pov=51&id\\_arp=&acao=filtrar&pageID=1](http://pib.socioambiental.org/pt/c/noticias?startDay=1&startMonth=01&startYear=1945&endDay=10&endMonth=06&endYear=2014&op%5B0%5D=AND&op%5B1%5D=AND&id_pov=51&id_arp=&acao=filtrar&pageID=1)> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>171</sup> Jovens Kokama em ação. Disponível em: <<http://jovensKokamaemacao.wordpress.com/category/noticias/>> Acesso em 11 jun., 2014.

<sup>172</sup> Jovens Indígenas Comunicadores. Disponível em: <<http://jovens-ars.com/>> Acesso em 11 jun. 2014

<sup>173</sup> Portal EBC. Disponível em: <[http://busca.ebc.com.br/sites/portal/nodes?per\\_page=100&q=Kokam](http://busca.ebc.com.br/sites/portal/nodes?per_page=100&q=Kokam)> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>174</sup> PasseiAki. Disponível em: <<http://www.passeiaki.com/busca/Da%20Tribos%20Kokama>> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>175</sup> Nova cartografia Social da Amazônia. Disponível em: <<http://novacartografiasocial.com/?s=kokama>> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>176</sup> Portal tabatinga. Disponível em: <<http://portaltabatinga.com.br/?s=Kokama>> Acesso em: 11 jun. 2014

Portal Luis Nassif Página de Regina Silva Kokama <sup>177</sup>	Notícias diversas incluindo notícias da COIAMA	indefinido
O tambaqui <sup>178</sup>	Notícias diversas do Alto Solimões Notícia mais antiga: 20/12/2013 Notícia mais recente: --	1 notícia
UNICEF Brasil <sup>179</sup>	Notícias diversas e relacionadas a projetos apoiados pela UNICEF Notícia mais antiga: 27/08/2012 Notícia mais recente: 18/12/2013	10 notícias
SPO news <sup>180</sup>	Notícias diversas de São Paulo de Olivença- AM Notícia mais antiga: 17/11/2012 Notícia mais recente: 15/05/2014	4 notícias
Combate Racismo ambiental <sup>181</sup>	Notícias diversas Notícia mais antiga: 12/09/2012 Notícia mais recente: 30/01/2014	8 notícias
Regina Bivar Silva, Kokama da COIAMA <sup>182</sup>	Notícias relacionadas ao trabalho da COIAMA junto aos Kokama Notícia mais antiga: 05/03/2010 Notícia mais recente: 07/02/2012	7 notícias

<sup>177</sup>Portal Luis Nassif. Página de Regina Silva Kokama. Disponível em: <<http://www.luisnassif.com/profile/ReginaSilvaKokama>> Acesso em: 11 jun. 2014

<sup>178</sup>O tambaqui. Disponível em: <<http://www.otambaqui.com/2013/12/v-assembleia-geral-do-povo-Kokama-do.html>> Acesso em: 11 jun. 2014

<sup>179</sup>UNICEF Brasil. <<http://www.unicef.org/brazil/pt/search.php?q=Kokama&Go.x=0&Go.y=0>> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>180</sup>SPO News. Disponível em: <<http://sponew.blogspot.com.br/search?q=Kokama>> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>181</sup>Combate Racismo ambiental. Disponível em: <<http://racismoambiental.net.br/?s=Kokama>> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>182</sup>Blog da Regina Bivar Silva, Kokama da COIAMA. Disponível em: <<http://reginacoiama.blogspot.com.br/search?q=Kokama>> Acesso em: 11 jun. 2014.

Orgulho de ser paulivense <sup>183</sup>	Notícia mais antiga: 11/11/2013 Notícia mais recente: --	1 notícia
Agência Jovem de notícia <sup>184</sup>	Notícias diversas Notícia mais antiga: 19/11/2012 Notícia mais recente: 16/05/2013	4 notícias
Funai <sup>185</sup>	Notícias diversas Notícias mais antiga: 08/05/2009 Notícia mais recente: 03/09/2013	14 notícias
Portal do governo do Estado do Amazonas <sup>186</sup>	Notícias diversas Notícia mais antiga: 21/05/2009 Notícia mais recente:	43 notícias
G1 Globo.com <sup>187</sup>	Notícias diversas Notícia mais antiga: 03/01/2008 Notícia mais recente: 21/05/2014	17 notícias
Brasil Notícia <sup>188</sup>	Notícia mais antiga: 03/06/2014 Notícia mais recente: --	1 notícia
CIMI <sup>189</sup> (Conselho Indigenista Missionário)	Notícias diversas Notícia mais antiga: 19/06/2004 Notícia mais recente: 30/01/2014	27 notícias
Blog do Marcos Santos <sup>190</sup>	Notícias diversas	36 notícias

<sup>183</sup> Orgulho de ser paulivense. Disponível em: <

<http://orgulhodeserpaulivense.blogspot.com.br/search?q=Kokama>> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>184</sup> Agência Jovem de notícia. Disponível em: < <http://www.agenciajovem.org/wp/?s=Kokama>> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>185</sup> Fundação Nacional do Índio (Funai). Disponível em: <

[www.funai.gov.br/index.php/component/finder/search?q=Kokama&start=10](http://www.funai.gov.br/index.php/component/finder/search?q=Kokama&start=10)> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>186</sup> Portal do governo do Estado do Amazonas. Disponível em:

<<http://www.amazonas.am.gov.br/?s=Kokama&filter=noticias>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>187</sup> G1 Globo.com. Disponível em: <<http://g1.globo.com/busca?q=Kokama&st=G1&sct=G1&page=>> Acesso em: < 11 jun. 2014.

<sup>188</sup> Brasil Notícia. Disponível em: < <http://www.brasilnoticia.com.br/cidades/projetos-de-casas-do-pnhr-sao-apresentados-as-comunidades-indigenas/11759>>. Acesso em: < 11 jun. 2014.

<sup>189</sup> Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Disponível em: < <http://www.cimi.org.br/site/pt-br/index.php?system=busca&qry=kokama&x=0&y=0>>. Acesso em: < 11 jun. 2014.

<sup>190</sup> Blog do Marcos Santos. Disponível em: < <http://www.blogmarcoasantos.com.br/?s=Kokama>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

	Notícia mais antiga: 19/07/2011 Notícia mais recente: 27/02/2014	
ARPA <sup>191</sup> Programa áreas protegidas da Amazônia	Notícia mais antiga: 15/01/2013 Notícia mais recente: --	1 notícia
ONU BR <sup>192</sup> Nações Unidas no Brasil	Notícias relacionadas à ONU e ao UNICEF Notícia mais antiga: 28/08/2012 Notícia mais recente: 03/06/2014	9 notícias
UFAM Universidade Federal do Amazonas <sup>193</sup>	Notícia mais antiga: 07/11/2013 Notícia mais recente: --	1 notícia
IPAM Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia <sup>194</sup>	Notícias relacionadas ao IPAM Notícia mais antiga: 15/09/2010 Notícia mais recente: 01/02/2011	3 notícias
IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística <sup>195</sup>	Notícia mais antiga: 07/11/2013 (Censo 2010: mesma notícia em português e inglês) Notícia mais recente: --	2 notícias
Voz da Ilha Rádio livre <sup>196</sup>	Coletivo de rádio livre e jornalismo popular. A Formação de Professores Indígenas em Foco em Tefé Notícia mais antiga: 07/18/2013 Notícia mais recente: --	1 notícia

**TOTAL DE NOTÍCIAS****431 notícias**

Fonte: elaborada pela autora com base na busca pela palavra-chave <Kokama notícias> no buscador *Google*. Junho de 2014.

Nota: Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC): Etapa 1. Levantamento das matrizes (arrays multi-dimensionais).

<sup>191</sup>Programa áreas protegidas da Amazônia (ARPA). Disponível em: <<http://programaarpa.gov.br/noticias/indigenas-recebem-capacitacao-para-contagem-de-pirarucu-no-alto-solimoes-am/>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>192</sup>ONUBR.Nações Unidas no Brasil. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/index.php?s=Kokama&x=0&y=0>> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>193</sup> Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Disponível em: <<http://portal.ufam.edu.br/index.php/2013-04-29-19-37-05/noticia/1551-fundacao-universidade-do-amazonas-inscreve-no-dia-8-de-novembro-para-curso-de-formacao-de-professores-indigenas>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

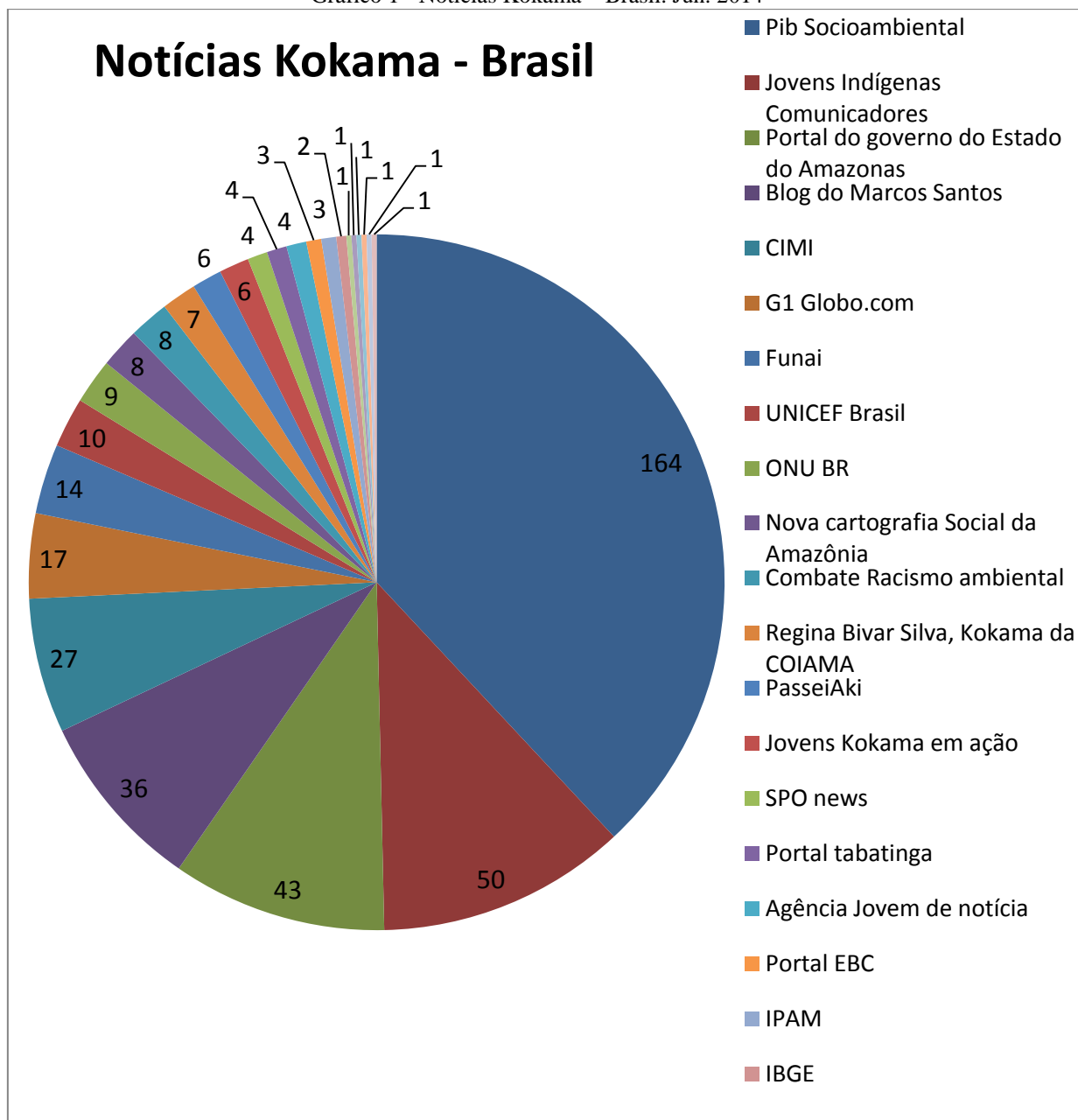
<sup>194</sup>Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM). Disponível em: <[http://www.ipam.org.br/busca?cx=011565497047437778831%3A3pusxefumho&cof=FORID%3A10&ie=UTF-8&tbs=cdr%3A1%2Ccd\\_min%3A1%2F1%2F2008%2Ccd\\_max%3A12%2F06%2F2014%2Csbd%3A1&q=Kokama&sa=Buscar](http://www.ipam.org.br/busca?cx=011565497047437778831%3A3pusxefumho&cof=FORID%3A10&ie=UTF-8&tbs=cdr%3A1%2Ccd_min%3A1%2F1%2F2008%2Ccd_max%3A12%2F06%2F2014%2Csbd%3A1&q=Kokama&sa=Buscar)>. Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>195</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&view=noticia>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>196</sup> Voz da Ilha Rádio livre. Disponível em: <<http://vozdailha.radiolivre.org/node/204#comment-257>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

O Gráfico 1 mostra a compilação dos dados obtidos no mapeamento referente à palavra-chave <notícias kokama> no Brasil (TAB 1).

Gráfico 1 - Notícias Kokama – Brasil. Jun. 2014



Fonte: Elaborado pela autora.

A Tab. 2 refere-se ao mapeamento das ocorrências obtidas pela busca no *Google* por <kokama vídeos> e no *YouTube* por <kokama> e <kokama brasil>.

Tabela 2 - Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Vídeos-Brasil. Jun. 2014

Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço - Vídeos (junho de 2014)		
Resultado da busca	Descrição	Quantidade
G1	Festival Milenar de cultura Kokama-	1 vídeo



Globo Tv: Bom dia Amazônia <sup>197</sup>	Tabatinga-AM. Data: 03/10/2012	
Qual é <sup>198</sup> Amazon SAT vídeos	Conheça uma oficina de comunicação realizada para jovens indígenas do Alto Solimões que visa qualificar os estudantes para áreas como jornal, rádio e vídeo. Data: 07/01/2013	1 vídeo
TV Kokaminha <sup>199</sup> TV Kokamainha Parte 1 <sup>200</sup> TV Kokamainha Parte 2 <sup>201</sup> TV Kokamainha Parte 3 <sup>202</sup> TV Kokamainha Parte 4 <sup>203</sup>	Vídeos que falam sobre alimentação saudável, nutrição, conscientização, conhecimentos indígenas. Produção dos Jovens Indígenas Comunicadores Kokama. Data: 27/05/2013	4 vídeos
Língua Kokama – TV Navegar <sup>204</sup>	Vídeo produzido pelos alunos de Língua Kokama do Curso de Licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões, com direção de Chandra W. Viegas e realização da TV navegar. Data: 10/02/2009	1 vídeo
ACIK-SPO-AM- DANÇA KOKAMA- 2ª FAP-2009 <sup>205</sup>	Apresentação de danças Kokama no Festival Cultural de São Paulo de Olivença-AM. Estas filmagens fazem parte da pesquisa de Ivanise Tourinho. Organização do evento: ACIK - Associação das Comunidades Indígenas Kokama de São Paulo de Olivença-Am. Data: 2009	1 vídeo
Artesanato Kokama - Mauro Cahuasa Mapiama <sup>206</sup>	Mauro Cahuasa Mapiama é flautista e construtor de instrumentos de Guanabara II-AM Trecho de um dos vídeos do DVD Kokama	1 vídeo

<sup>197</sup> G1.Globo Tv: Bom dia Amazônia. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-amazonica-am/bom-dia-amazonia/v/associacao-indigena-no-amazonas-realiza-festival/2169534/>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>198</sup> Amazon SAT vídeos. Qual é. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GOfGaaF11wA>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>199</sup> TV Kokaminha. Disponível em: < [http://jovens-ars.com/?page\\_id=364](http://jovens-ars.com/?page_id=364)> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>200</sup> TV Kokamainha Parte 1. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zf8pLGyM9nE>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>201</sup> TV Kokamainha Parte 2 . Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=s\\_kdg0y7sOI](https://www.youtube.com/watch?v=s_kdg0y7sOI)> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>202</sup> TV Kokamainha Parte 3.. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=JJ7FkBAjfA0>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>203</sup> TV Kokamainha Parte 4 . Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=bqfb4DNkot4>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>204</sup> Língua Kokama – TV Navegar. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=iX-sSQPnVXc>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>205</sup> ACIK-SPO-AM- DANÇA KOKAMA- 2ª FAP-2009. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=WNxQr0aNYKs>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>206</sup> Artesanato Kokama - Mauro Cahuasa Mapiama. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b5JC9h7fonI>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

---

	kumitsa 'Fala Kokama Volume 3 da Série: Material de apoio para professores Kokama. Data: 10/02/2011	
Dança tradicional Kokama <sup>207</sup>	Direito a terra e a preservação dos seus costumes pela cultura milenar. Organização: PTKRTT. Publicado em 19/03/2014	1 vídeo
A luta que não quer pará <sup>208</sup>	Apresentação de falas na língua Kokama e músicas. Organização: PTKRTT. Publicado em: 23/03/2014.	1 vídeo
Presenteados pela bravura <sup>209</sup>	Os Kokama da Associação PTKRTT presenteiam representantes do UNICEF. Publicado em: 23/03/2014.	1 vídeo
KOKAMA kumira mama!(língua Materna) <sup>210</sup>	Canto na língua Kokama. Associação PTKRTT. Publicado em: 19/03/2014	1 vídeo
Kokama tradição e movimento <sup>211</sup>	Dança Kokama. Associação PTKRTT. Publicado em: 19/03/2014	1 vídeo
Dança Kokama <sup>212</sup>	Dança típica do povo indígena Kokama do Amazonas/Amazonas. Regina Kokama da COIAMA. Postado em: 30/03/2009	1 vídeo
Mensagem dos índios Kokama do Brasil <sup>213</sup>	Mensagens dos Kokama com o intuito de ter apoio do governo para o desenvolvimento de projetos sustentáveis em suas comunidades. Regina Kokama da COIAMA. Postado em: 21/04/2009	1 vídeo
Regina em uma aldeia Kokama <sup>214</sup>	Em agosto de 2010 Regina Kokama esteve na terra indígena São Gabriel/São Salvador No Município Santo Antônio do Içá para fazer uma palestra. Postado em: 21/08/2011	1 vídeo

---

<sup>207</sup> Dança tradicional Kokama. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hi6FAIrb3JQ>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>208</sup> A luta que não quer pará. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CyNH65x0FkI>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>209</sup> Presenteados pela bravura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yrL6XFVxjrA>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>210</sup> KOKAMA kumira mama!(língua Materna). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SnVSjgyjp1g>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>211</sup> Kokama tradição e movimento. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Si8db8Cm3rE>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>212</sup> Dança Kokama. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=9Yfxgbfo8nA>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>213</sup> Mensagem dos índios Kokama do Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mcZINmU4xNs>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>214</sup> Regina em uma aldeia Kokama. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EABSPzNjDtg>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

Regina silva e sua luta indígena <sup>215</sup> .	Primeiro Encontro Cultural indígena no dia 18 de abril de 2010, com a reunião de 7 etnias na COIAMA. Postado em: 26/08/2010	1 vídeo
Linguística Kokama um documentário de alberison serrão <sup>216</sup>	Documentário sobre o trabalho do prof. Francisco em Manaus para fortalecer a língua e cultura Kokama. Projeto de pesquisa: A construção e o fortalecimento linguístico materno dos índios Kokama. Data: 08/03/2013	1 vídeo
Colóquio da Rede de Proteção da Infância Indígena do Alto Solimões-Amazonas <sup>217</sup> .	Edição de Gracildo Kokama. Data: 29/09/2013.	1 vídeo
TV cidade Vida de Índio <sup>218</sup>	2º Bloco: Testemunho do cacique Sebastião Kokama. Data: 01/07/2012	1 vídeo

### **TOTAL DE VÍDEOS**

**20 vídeos**

Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Tabela elaborada com base na busca pela palavra-chave <Kokama vídeos> no buscador *Google* e no *YouTube* por <kokama> e <kokama brasil>. Junho de 2014. Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC): Etapa 1. Levantamento das matrizes (arrays multi-dimensionais).

O Gráfico 2 mostra a compilação dos dados obtidos no mapeamento da busca pela palavra-chave <Kokama vídeos> no buscador *Google* e no *YouTube* por <kokama> e <kokama brasil> (Tab. 2).

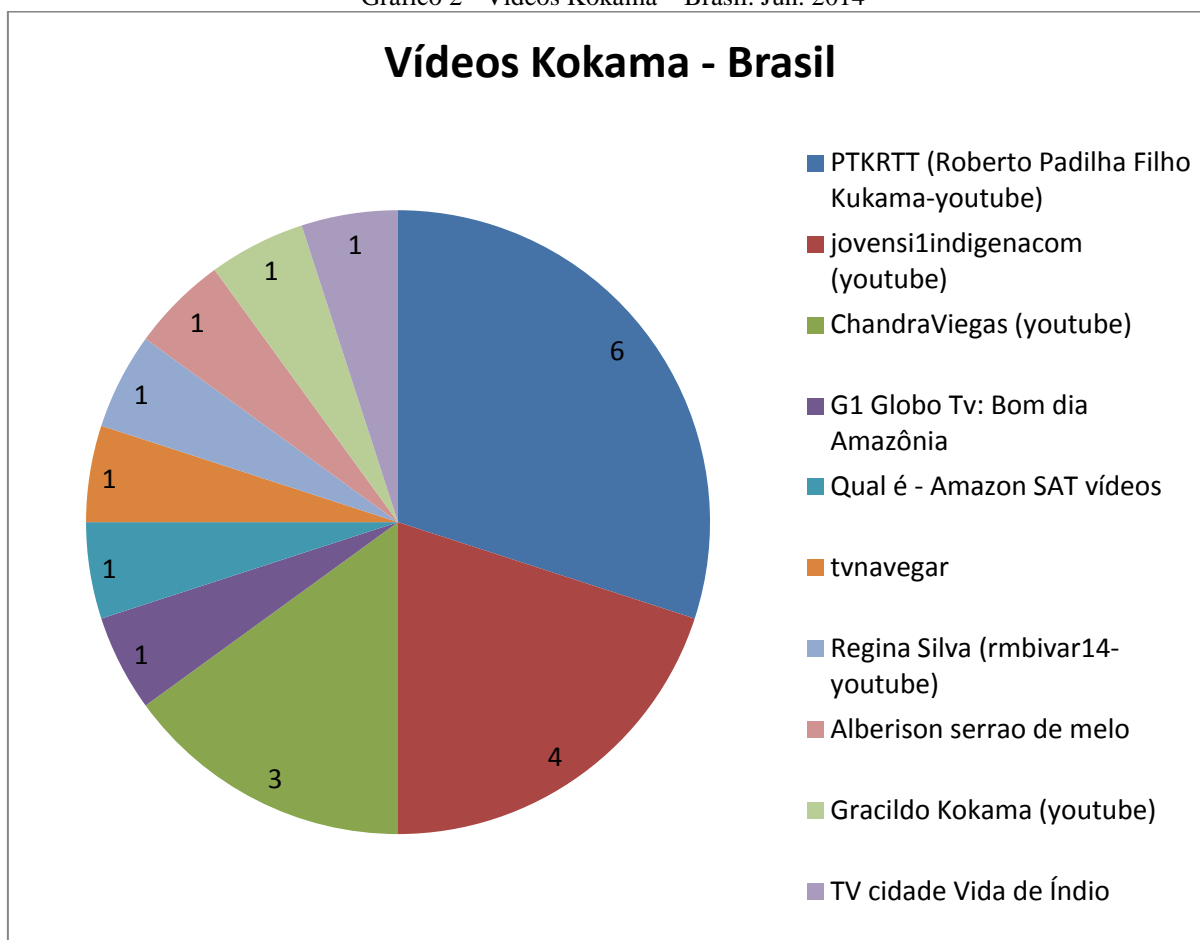
<sup>215</sup>Regina silva e sua luta indígena. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VfQ8zeFaggI>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>216</sup>Linguística Kokama um documentário de alberison serrão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nRalfGk-rmo>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>217</sup>Colóquio da Rede de Proteção da Infância Indígena do Alto Solimões-Amazonas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fVxh6E5JiPA>> . Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>218</sup>TV cidade. Vida de Índio. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_6Eua9JLVZY](https://www.youtube.com/watch?v=_6Eua9JLVZY)> . Acesso em: 10 jun. 2014.

Gráfico 2 - Vídeos Kokama – Brasil. Jun. 2014



Fonte: elaborado pela autora.

A Tab. 3 apresenta a relação das ocorrências para a busca no *Google* por <kokama áudios> e no *SoundCloud* por <kokama brasil>.

Tabela 3 - Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Áudios. Brasil. Jun.2014

Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Áudios - Brasil		
Resultado da busca	Descrição	Quantidade
Portal EBC <sup>219</sup>	Jovens indígenas do Amazonas recebem capacitação em comunicação (Notícia). Data: 13/09/2012	2 áudios
Portal EBC <sup>220</sup>	Povo Kokama faz assembleia geral no Alto Solimões. Debates sobre saúde, educação, demarcação de terras marcaram o evento. Data: 17/12/2013	

<sup>219</sup>Portal EBC. Jovens indígenas do Amazonas recebem capacitação em comunicação. Disponível em:<<http://www.ebc.com.br/educacao/galeria/audios/2012/09/jovens-indigenas-do-amazonas-recebem-capacitacao-em-comunicacao>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>220</sup>Portal EBC. Povo Kokama faz assembleia geral no Alto Solimões. Disponível em:<<http://radios.ebc.com.br/jornal-mesorregional-1a-edicao/edicao/2013-12/povo-Kokama-faz-assembleia-geral-no-alto-solimoes>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

Programa de Índio <sup>221</sup>	Programas antigos veiculados na Rádio USP contendo músicas Kokama 20/04/1986 29/06/1986 01/05/1988	3 áudios
Rádio web Jovens comunicador@s <sup>222</sup>	OFC-SPO Primeiro programa “A voz da juventude Kokama” da comunidade de Monte Santo-São Paulo de Olivença-AM	1 áudio

### TOTAL DE ÁUDIOS

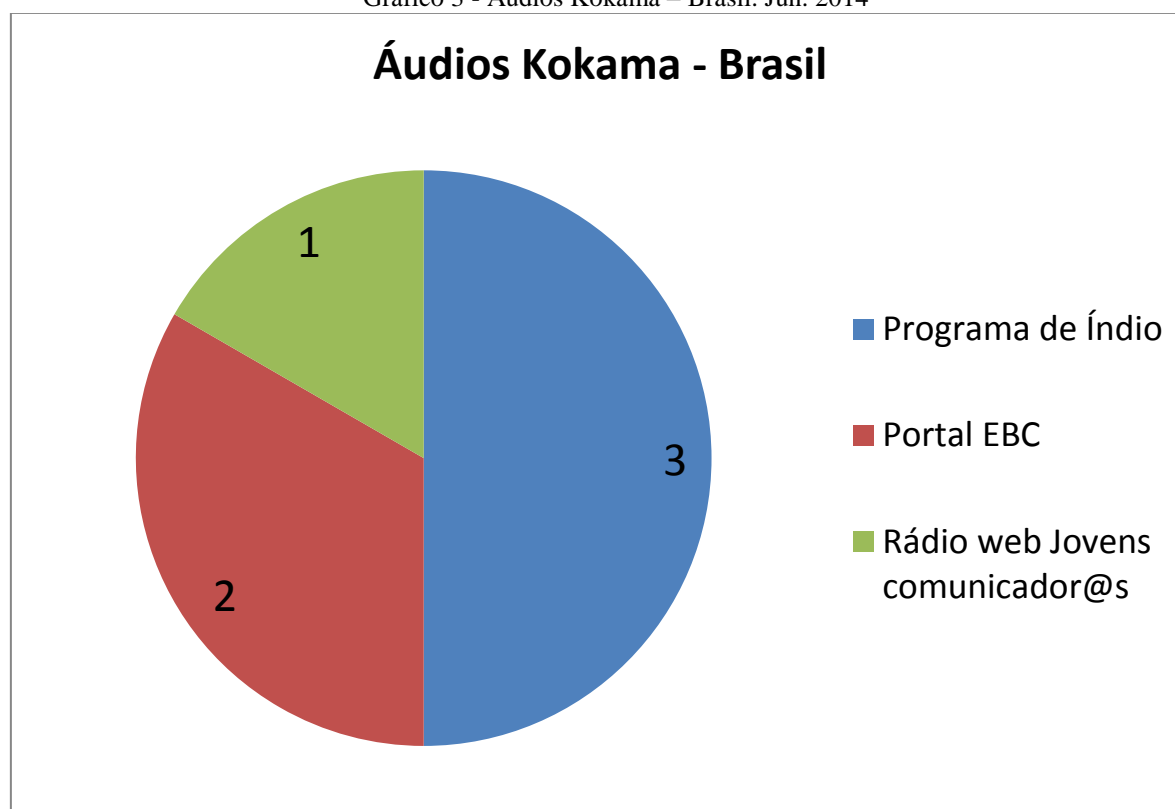
**6 áudios**

Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Tabela elaborada com base na busca no *Google* por <kokama áudios> e no *SoundCloud* por <kokama brasil>. Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC): Etapa 1. Levantamento das matrizes (arrays multi-dimensionais).

O Gráfico 3 apresenta a compilação dos dados obtidos no mapeamento da busca *Google* por <kokama audios> e no *SoundCloud* por <kokama brasil> (Tab. 2).

Gráfico 3 - Áudios Kokama – Brasil. Jun. 2014



Fonte: elaborado pela autora.

<sup>221</sup>Programa de Índio. Disponível em: <<http://www.programadeindio.org/index.php?q=Kokama&s=pi>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>222</sup>Rádio web Jovens comunicador@s. Disponível em: <<http://jovens-ars.com/>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

A Tab. 4 refere-se ao mapeamento das ocorrências obtidas pela busca no *Google* por <kukama vídeos> e no *YouTube* por <kukama>, <kukama peru> e <cocama peru>.

Tabela 4 - Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Vídeos. Peru. Jun. 2014– ago. 2014

Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Vídeos. Peru (Junho a agosto de 2014)		
Resultado da busca	Descrição	Quantidade
<b>YouTube: Canal XBOANEGRAX</b>		
Testimonio de Alfonso Lopez Tejada lider indígena cocama <sup>223</sup>	Líder da etnia cocama da selva norte do Peru fala dos problemas derivados da extração de hidrocarburos Publicado em: 18/06/2011	3 vídeos
Derrame de petróleo en chambira <sup>224</sup>	Os derrames de petróleo na Amazonia peruana não são nada novos, mas o que é novo é que as organizações indígenas estão se unindo para denunciar as empresas petroleiras. Publicado em: 26/03/2011	
Vídeo denuncia: derrame de petróleo en el río marañón (versión corta) <sup>225</sup>	Evidências da contaminação dos rios amazônicos. Rio Marañón. Publicado em: 29/10/2010	
<b>YouTube: Canal Robertin Tanantino</b>		
Kak+ri Kukama! (el kukama vivo) <sup>226</sup>	Santa Claraka tana kumitsa kukamapu. Os habitantes do povo kukama de Santa Clara na selva peruana e suas iniciativas para a revitalização de seu idioma materno, o kukama. Publicado em: 16/06/2014	3 vídeos
Erapaka Waina (Hd) - Grupo Ikitu <sup>227</sup>	Música erapaka waina gravada pelo grupo Ikitu. Publicado em: 11/09/2013	
Tana kukama (somos Cocama) <sup>228</sup>	Primer Festival Kukama Canção “Tana Kukama” Somos Kukamas com todos os meus filhos e filhas. Por isso hoje eu canto essa canção. Somos um povo muito bonito e trabalhador. As primeiras pessoas nesta	

<sup>223</sup> Testimonio de Alfonso Lopez Tejada lider indígena cocama. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d3m2RR6bxI0>> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>224</sup> Derrame de petróleo en chambira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cO61FV6fN54>> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>225</sup> Vídeo denuncia: derrame de petróleo en el río marañón (versión corta) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s0TvBjrpbyQ>> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>226</sup> Kak+ri Kukama! (el kukama vivo). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q0WgeSkRo80>> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>227</sup> ERAPAKA WAINA (HD) - Grupo IKITU. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a3WwkyMO8hY>> Acesso em: 11 jun. 2014.

<sup>228</sup> Tana kukama (somos Cocama). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UrnPZkxTx2o>> Acesso em: 12 jun. 2014.

---

	cidade foram Kukamas Publicado em: 27/08/2013	
<b>YouTube: Canal Create your voice</b>		
Ikuari School - Kumbarikira <sup>229</sup>	Canção Kumbarikira Kumbarikira urupukira tsa kumbari utsu ukaima kurachi wiri tima tsa katupi tsa kumbarikira urupukira Publicado em: 27/07/2013	2 vídeos
<b>RADIO UCAMARA DOCUMENTARY</b> <sup>230</sup>	Documentário curto sobre a Radio Ucamara e seus projetos para os povos indígenas que vivem na área de Nauta, no meio da floresta. amazônica peruana. Publicado em: 27/08/2013	
<b>TV Perú Noticias</b>		
Niños de Nauta revalorizan lengua nativa <sup>231</sup>	Em Iquitos, Nauta, jovens adolescentes encenaram um clipe de vídeo que está buscando a valorizar a sua língua nativa. Publicado em: 08/02/2013	1 vídeo
<b>YouTube: Canal XdeMalkolm</b>		
presentación Etnias Urbanas.flv <sup>232</sup>	Ikun elena juan ámui t-i-ma kak-i-ri ikiaka. Rana rai, rana ámui kak-i-ri amutse. Kuika rana kak-i-ri paranaka. Publicado em: 28/02/2010	3 vídeos
Mimuki (kanto kukama-danza mestiza)	Do álbum "Cantos de los pueblos Tikuna y Kukama-Kukamiria" produzido pelo Programa de Formação Bilingue Maestr@s na Amazônia peruana - FORMABIAP, arranjos com músicas "Origenes Amazónicos". Publicado em: 14/09/2011	
Yapay westaka	"Yapay westaka" Vamos à festa em língua kukama; é um tema recopilado pelo Instituto de Formação Maestr @ s Bilingüe Amazônia peruana (FORMABIAP) AIDSESEP e os professores de formação de professores em educação inicial intercultural, é	

---

<sup>229</sup>Ikuari School – Kumbarikira. Canal youtube: Create your voice. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JxovOS7ueP0&list=UUHdeoHxlaA8HtNLQMXHdsIA>> Acesso em: 12 jun. 2014

<sup>230</sup>Radio Ucamara Documentary. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2iDLT90Nx0Q&list=UUHdeoHxlaA8HtNLQMXHdsIA>> Acesso em: 12 jun. 2014

<sup>231</sup>Niños de Nauta revalorizan lengua nativa. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=S4JxgqAnvbo&index=2&list=LLkSfG0xv4mAHKv-be3\\_0Qag](https://www.youtube.com/watch?v=S4JxgqAnvbo&index=2&list=LLkSfG0xv4mAHKv-be3_0Qag)> Acesso em: 12 jun. 2014

<sup>232</sup>Presentación Etnias Urbanas.flv. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uQqa8P6-c8&list=UUyEPln50wWflrVJw0xzkQAA&index=33>> Acesso em: 12 jun. 2014

incluída no álbum "Songs of Tikunas e Kukama-Kukamiria povos".  
Publicado em: 16/11/2010

### YouTube: Canal Pablo Taricuarima

23 vídeos

Conferencia Festival Yrapakatun 2013. Parte 3<sup>233</sup> A importância de enquadrar teoricamente a proposta do Festival Yrapakatun.  
Publicado em: 14/11/2012

Conferencia Festival Yrapakatun 2013, parte II<sup>234</sup> Segunda Parte do registro audiovisual da Conferência: Rede de Gestão Cultural entre Lima e Iquitos: Festival Yrapakatun.  
Publicado em: 14/11/2012

Conferencia : Festival Yrapakatun 2013<sup>235</sup> Registro audiovisual da Conferência: Rede de Gestão Cultural entre Lima e Iquitos: Festival Yrapakatun.  
Publicado em 14/11/2012

Atoka 2011-Proyecto Arte y Ecología indígena<sup>236</sup> Registro da apresentação da quarta etapa da "arte indiana e Ecologia" do projeto, realizado nas instalações do segundo pátio do Autónoma Superior Escola Nacional de Belas Artes do Peru, dezembro de 2011.  
Publicado em: 04/11/2012

Festival Yrapakatun<sup>237</sup> Festival Yrapakatun, de 11 a 19 de fevereiro  
Publicado em: 24/09/2012

III Festival Yrapakatun 2012.capitulo 07<sup>238</sup> No último dia do 3 Festival Yrapakatun versão 2012, alguns membros das delegações dos artistas que participaram do desenvolvimento de toda a programação cultural. Eles divertiram-se com a performance que representa o

<sup>233</sup> Conferencia Festival Yrapakatun 2013. Parte 3. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KMEiqf-Zv5Q&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>234</sup> Conferencia Festival Yrapakatun 2013, parte II. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7wI1SiSfWdM&index=2&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>235</sup> Conferencia: Festival Yrapakatun 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kOKNXuG9hE4&index=3&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>236</sup> Atoka 2011-Proyecto Arte y Ecología indígena. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oN7Re-EGV6A&index=4&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>237</sup> Festival Yrapakatun. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aoZluEnXqr4&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg&index=5>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>238</sup> III Festival Yrapakatun 2012.capitulo 07. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7EASBfQIeIc&index=6&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>> Acesso em: 5 ago. 2014.



---

	"Mashakaras". Publicado em: 23/09/2012
III Festival Yrapakatun 2012, Capitulo 06 <sup>239</sup>	Os principais protagonistas são crianças da comunidade de Santo Tomas. Publicado em: 01/09/2012
III Festival Yrapakatun 2012- Capitulo 05 <sup>240</sup> .	Durante cinco dias (14-18 fevereiro), no o Festival Yrapakatun, são realizadas oficinas de motivação artística e cuidado do meio ambiente para as crianças da comunidade de Santo Tomas, a cargo de jovens artistas da Escola Nacional de Belas Artes na cidade de Lima. Publicado em: 17/08/2012
El Tahuampero Miner <sup>241</sup>	"El Tahuampero Miner" é um documentário interessante, feito na aldeia de Santo Tomas. A fim de compartilhar a experiência de um mestre da etnia Cocama. Miner Aricara tem sido o principal autor. Ele conta sobre sua vida e costumes através dos seus cantos e histórias.
Identidad Cocama (Pablo Taricuarima "padre") <sup>242</sup>	"SOY DEL MONTE" Entrevista com Pablo Taricuarima "pai", um diálogo em que o conhecimento baseado em uma experiência real flui e servirá como uma fonte para a reconstrução da identidade, neste caso: A reconstrução imaginária dos Cocama, um projeto interessante, intitulado "Arte e ecologia nativa" começou em 2009. Publicado em: 24/06/2012
Legitimo Cocama <sup>243</sup>	Nimer Aricara Cuacha se sente um "Cocama legítimo". Neste documentário é retratada a sua maneira de pensar sobre a sua comunidade que se envergonha de sua

---

<sup>239</sup>3 Festival Yrapakatun 2012, Capitulo 06. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ePowqQddfSY&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg&index=7>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>240</sup>3 Festival Yrapakatun 2012-Capitulo 05. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vrW06epRXm8&index=8&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>241</sup>El Tahuampero Miner. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WfUDPeElq7s&index=9&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>242</sup>Identidad Cocama (Pablo Taricuarima "padre"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0bXqANjeFSU&index=10&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>243</sup>Legitimo Cocama. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=66J\\_qn-UP5s&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg&index=11](https://www.youtube.com/watch?v=66J_qn-UP5s&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg&index=11)> Acesso em: 5 ago. 2014.

---

	raiz indígena. Publicado em: 23/06/2012
Asi era antes en Santo Tomas <sup>244</sup>	Registro documental de uma tataravó que é um dos quatro fundadores do povoado de Santo Tomas. Juana Aquituari Macuyama aos seus 86 anos de idade sente que sua cultura cocama se extingue, ela quer ser ouvida... Publicado em: 23/06/2012
III Festival Yrapakatun 2012- capitulo-01 <sup>245</sup>	O primeiro capítulo da terceira versão do festival Yrapakatun, ano de 2012. Fazemos uma homenagem dedicando à memória do membro do grupo e amigo e irmão Klaus. Vamos sentir sua falta. Sua guitarra soará do céu por toda a eternidade. Atenção: Yrapakatun da comunidade Grupo Santo Tomás. Publicado em: 16/05/2012
Tegido Cocama <sup>246</sup>	Tereza Arimuia, uma das mais antigas vovós da comunidade Cocama de Santo Tomas, em suas mãos estão o conhecimento de nosso passado. Tereza é uma fonte de inspiração para continuar lutando para a recuperação da cultura tradicional Cocama. O tecido fazia parte da vida diária dos Cocama. A fibra “chambira” é utilizada para produzir objetos utilitários, tais como ventiladores, esteiras, toalhas de mesa e sacos “shicras”. Publicado em: 13/05/2012
III Festival Yrapakatun 2012- Capitulo 04 <sup>247</sup>	Paralelamente realizavam-se propostas artísticas em muros das ruas da comunidade de Santo Tomas. Os amigos amigo Sose e PabloTaricuarima, realizam uma interpretação dos Mashakaras Cocama. Publicado em: 12/05/2012
III Festival Yrapakatun 2012- Capitulo 03 <sup>248</sup>	Alegria e companheirismo, os lemas dos Yrapakatunes que estiveram no festival. O

---

<sup>244</sup> Asi era antes en Santo Tomas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ndGhE6iRS-g&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg&index=12>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>245</sup> 3 Festival Yrapakatun 2012-capitulo-01. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A4RYueOgc7U&index=13&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>246</sup> Tegido Cocama. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3eAqCqgGAss&index=14&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>247</sup> 3 Festival Yrapakatun 2012-Capitulo 04. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UxETDel9iDc&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg&index=15>> Acesso em: 5 ago. 2014.

---

	<p>ritual dos Mashakaras interpretado por um grupo de jovens que fizeram uma performance pelas ruas de quatro grandes comunidades vizinhas ao lugar central (Santo Tomas). A apresentação durou cerca de quatro horas. Mais tarde foi feita uma competição e foi premiada a melhor apresentação dos Mashakaras Cocamas. Publicado em: 10/05/2012</p>
<p>III Festival Yrapakatun 2012- Capitulo 02<sup>249</sup></p>	<p>Promover a divulgação de pratos nativos Cocamas, era um dos objetivos no festival. Valorizando a criatividade das mães que participaram com grande esforço com os seus pratos incríveis: Pataraska de churo, Tzarapatera de motelo, hispa de pescado, lagarto ahumado, etc. Publicado em: 10/05/2012</p>
<p>Atoka Cocama I<sup>250</sup></p>	<p>Projeto de instalação Artes sobre o tema da arte e ecologia realizado na Escola Nacional de Belas. Segunda fase do projeto intitulado arte nativa e ecologia. Publicado em: 24/04/2012</p>
<p>Festival Yrapakatun 2011<sup>251</sup></p>	<p>Cenas da segunda versão do Yrapakatun, festa realizada na comunidade de Santo Tomas, de 12 a 19 de fevereiro de 2011. Publicado em: 20/06/2011</p>
<p>Festival Yrapakatun<sup>252</sup></p>	<p>Os costumes e tradições Cocama da comunidade de Santo Tomas. Publicado em: 16/12/2010</p>
<p>Artesania Cocama<sup>253</sup></p>	<p>Artesanato ecológico feito pelo artesão Pablo Eli Taricuarima da comunidade Santo Tomas. Trabalhos elaborados com recursos próprios do lugar. O áudio é a voz de Rita Paima. Publicado em: 16/12/2010</p>

---

<sup>248</sup>3 Festival Yrapakatun 2012- Capitulo 03. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8rL-kxGBOxU&index=16&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>249</sup> 3 Festival Yrapakatun 2012-Capitulo 02. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sGZ-NUt6JjQ&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg&index=17>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>250</sup>Atoka Cocama I. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=u62\\_pezzrss&index=19&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg](https://www.youtube.com/watch?v=u62_pezzrss&index=19&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg)> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>251</sup>Festival Yrapakatun 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uWvyer8JfpQ&index=20&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>252</sup>Festival Yrapakatun. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Je32-vAisyk&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg&index=21>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>253</sup>Artesania Cocama. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GeUDLTLXLE&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg&index=22>> Acesso em: 5 ago. 2014.

---

Documental/Comunidad de Santo Tomás<sup>254</sup> Santo Tomás, lugar onde se realiza o festival Yrapakatun no mês de fevereiro. Costumes e tradições. Publicado em: 16/12/2010

Festival Yrapakatun 2010<sup>255</sup> Primeiro festival organizado na comunidade de Santo Tomas no ano de 2010. Publicado em: 05/04/2010

**YouTube: Canal Proyecto de documentación del kukama-kukamiria**

Aprendiendo kukama-kukamiria: O Kukama-Kukamiria tem muitos termos para se referir às aves. Até agora, está documentado cerca de 130 deles. Aqui Rosa Amías Murayari ensina os nomes de alguns pequenos pássaros. Publicado em: 13/08/2014 3 vídeos

Aprendiendo kukama-kukamiria: A pesca é uma das atividades fundamentais na vida Kukamiria-Kukama. Este profundo conhecimento do mundo aquático é refletido em sua linguagem, que tem mais de 100 nomes para se referir apenas a diferentes espécies de peixes. Neste vídeo Rosa Amías Murayari (comunidade “Dos de Mayo”, Lago San Pablo de Tipishca, rio Marañón) ensina alguns destes nomes. Publicado em: 12/08/2014

Icaro kukama-kukamiria<sup>258</sup> Canto para pedir a proteção da água, da terra, e do vento ao trovão. (Orlando Murayari, lago Samiria) Publicado em: 16/02/2012

**YouTube: Canal Mariska van dalfsen**

Urukuria La Mujer Lechuza<sup>259</sup> Urukuria é uma criação coletiva de 1 vídeo animação da WARMAYLLU/TAFA/

---

<sup>254</sup> Documental/Comunidad de Santo Tomas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pjy5GCuUcJI&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg&index=23>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>255</sup> Festival Yrapakatun 2010. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=NM\\_Z5WMmMZI&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg&index=28](https://www.youtube.com/watch?v=NM_Z5WMmMZI&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg&index=28)> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>256</sup> Aprendiendo kukama-kukamiria: aves pequenas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KR7GtWJWZrA&list=UU6VmilY2fdMGHnJf-tKKscQ>> . Acesso em: 14 ago. 2014.

<sup>257</sup> Aprendiendo kukama-kukamiria: peces. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bM7RJrtSMU&list=UU6VmilY2fdMGHnJf-tKKscQ>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

<sup>258</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=zKIEIA9ILW8&list=UU6VmilY2fdMGHnJf-tKKscQ>

<sup>259</sup> URUKURIA La Mujer Lechuza. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h17gAZgU6OE&list=UUw93SbONd9pgOX5X7KFZbFQ>>. Acesso em: 2 set. 2014.

---

FORMABIAP baseada em uma lenda Kukama - Kukamiria. A história da mulher-coruja que transforma a perda de seu bebê em uma missão especial. Urukuria é o resultado colorido da Oficina de Criação Animada em *Stop Motion* "Animação para a transmissão da cultura, a igualdade de gênero e boa vida na educação BEI", conduzida por Warmayllu, facilitada por Alexander Munoz de TAFA com um grupo de estudantes da FORMABIAP.  
Publicado em: 01/09/2014

### Vimeo: Canal Cosmovisión Kukama

El castigo del Yashingo<sup>260</sup>

Um curta sobre a mãe do monte, que pune aqueles que devastam a biodiversidade da Amazônia. "Culturalmente, diz-se que antes de entrar na montanha deve solicitar a autorização da mãe do monte, pois é um espaço onde vivem os diferentes seres. Se isso não for feito, todas as coisas que são feitas, não sairão bem, tendo castigos. Com estas histórias, procuramos representar através da cultura cocama que também faz parte da própria vida, não estamos separados" (Richard Ricopa, professor da FORMABIAP).  
Publicado em: fev. de 2014.

4 vídeos

Ini kak+rinanin<sup>261</sup>

Música na língua Kokama.  
Tapira tsu,  
Taitatu tsu,  
Ta papa erura  
Tsamiritsui.  
Tsañuripi,  
Uriakatipi,  
Kaitsuma epe erura  
Ini kuratamira.  
Yawiri uwiri,  
Panaratsiu,  
Kamu epe erura  
Ini kuratamira.  
Erapaka ini yuti  
Tsariwaka ini yuti.  
Ra ini kakiri  
Awakira ya.  
Publicado em: fev. de 2014.

Añujillo, La lucha kukama en el río Nanay (I parte)<sup>262</sup>

O grupo de teatro CAJANEGRA e sua visão do problema Kukama-marinha de

---

<sup>260</sup> El castigo del Yashingo. Disponível em: <<http://vimeo.com/85737753>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

<sup>261</sup> Ini kak+rinanin. Disponível em: <<http://vimeo.com/84850131>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

<sup>262</sup> AÑUJILLO, La lucha kukama en el río Nanay (I parte). Disponível em: <<http://vimeo.com/59349571>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

guerra do Peru. A morte de uma anciã da comunidade, os recortes de jornais daqueles dias, testemunhos e vida cotidiana refletem essa primeira parte do documentário.

Publicado em: nov. de 2013.

Añujillo, La lucha Kukama en el rio Nanay (II parte)<sup>263</sup>

Nesta segunda parte: testemunhos de líderes, o carnaval na cidade, a poluição dos rios e a voz dos anciãos da aldeia.

Publicado em: nov. de 2013.

## TOTAL DE VÍDEOS

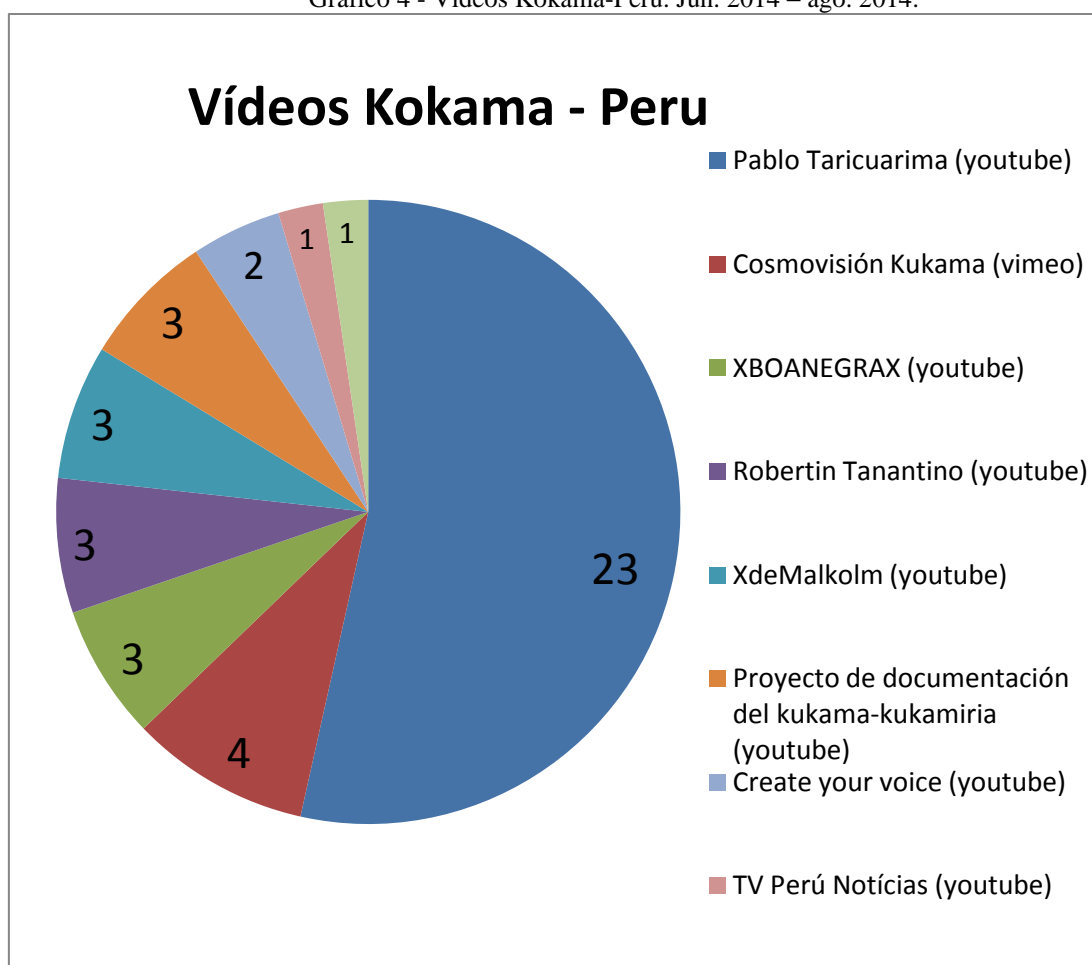
**43 vídeos**

Fonte: elaborada pela autora

Nota: Tabela elaborada com base na busca no *Google* por <kukama vídeos> e no *YouTube* e *Vimeo* por <kukama>, <kukama peru> e <cocama peru>. Junho a agosto de 2014. Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC): Etapa 1. Levantamento das matrizes (arrays multi-dimensionais).

O Gráfico 4 mostra as ocorrências na busca no *Google* por <kukama vídeos> e no *YouTube* por <kukama>, <kukama peru> e <cocama peru>.

Gráfico 4 - Vídeos Kokama-Peru. Jun. 2014 – ago. 2014.



Fonte: elaborado pela autora.

<sup>263</sup> AÑUJILLO, La lucha Kukama en el rio Nanay (II parte). Disponível em: <<http://vimeo.com/61697615>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

A Tab. 5 apresenta os resultados das ocorrências na busca no *Google* por <kukama audios> e no *SoundCloud* por <kukama>, <kukama peru> e <cocama peru>.

Tabela 5 - Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Áudios. Peru. Jun. 2014.

Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço - Áudios - Peru		
Resultado da busca	Descrição	Quantidade
<b>Cosmovisión Kukama (canal soundcloud)<sup>264</sup></b>		
En Lengua Kukama ¡PURA ENERGIA! <sup>265</sup>	Conversa na língua Kokama	2 áudios
Kumparik+ra yaparachi (La danza del Gallinazito) <sup>266</sup>	Canção Kumbarikira- Nauta Peru	
<b>Ríos de Saber: muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana (FORMABIAP)<sup>267</sup></b>		
Kukama: Arcaneada de víbora	Canto medicinal	6 áudios
Kukama: Así vivimos	Canção de convite e boas-vindas	
Kukama: Baile del Gallinazito	Baile em homenagem ao <i>gallinazo</i>	
Kukama: Danza del curaca	Dança para o recém-nascido que será o substituto do “curaca”.	
Kukama: Los Mellizos	Esta canção está relacionada com as pessoas Kukama e pais de gêmeos.	
Kukama: Origen de la Garza	Relatos originais sobre um homem que se transformou em garça	
<b>Words of Life (Histórias da Bíblia em áudio e lições)<sup>268</sup></b>		
Faixa 1 e Faixa 2	Histórias bíblicas curtas em áudio, mensagens evangelísticas que podem incluir canções e música. Explicam o plano de salvação e ensinam a base do Cristianismo (Gravação feita no Peru).	2 áudios
<b>TOTAL DE ÁUDIOS</b>		<b>10 áudios</b>

Fonte: elaborada pela autora

Nota. Tabela elaborada com base na busca no *Google* por <kukama audios> e no *SoundCloud* por <kukama>, <kukama peru> e <cocama peru>. Junho de 2014. Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC): Etapa 1. Levantamento das matrizes (arrays multi-dimensionais).

<sup>264</sup>Cosmovisión Kukama (conta do soundcloud). Disponível em: < <https://soundcloud.com/cosmovisionkukama> > Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>265</sup> En Lengua Kukama ¡PURA ENERGIA. Disponível em: < <https://soundcloud.com/cosmovisionkukama/en-lengua-kukama-pura-energia> >. Acesso em: 25 jun. 2014.

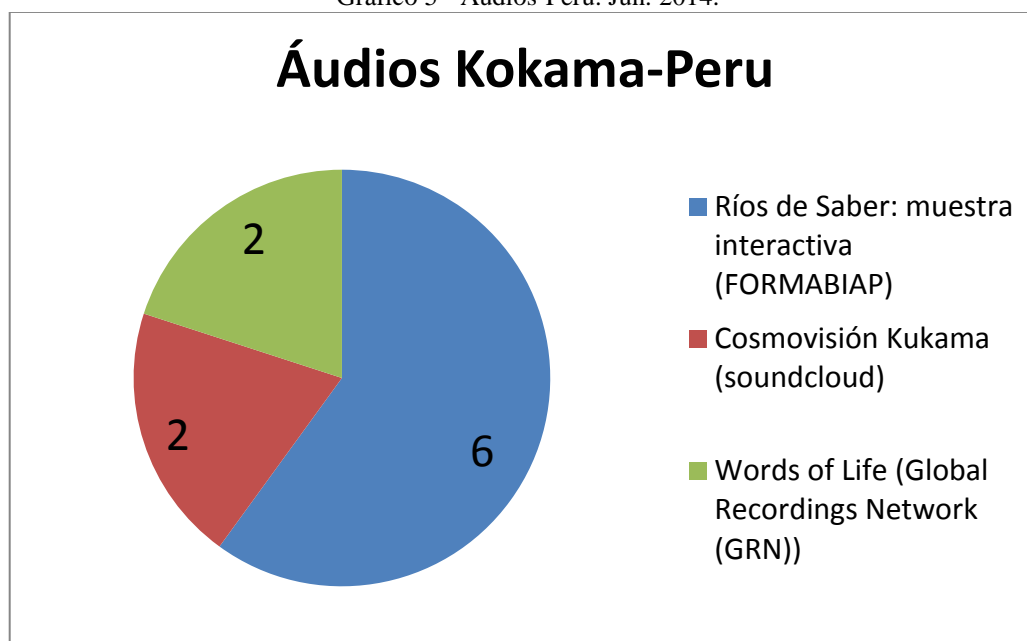
<sup>266</sup>Kumparik+ra yaparachi (La danza del Gallinazito). Disponível em: < <https://soundcloud.com/cosmovisionkukama/kumbarikira-la-danza-del> >. Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>267</sup> Ríos de Saber: muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana (FORMABIAP). Busca pelo povo Kukama e sons. <http://www.riosdesaber.org/?pg=00007&lg=ES>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>268</sup>Words of Life (Histórias da Bíblia em áudio e lições. Global Recordings Network (GRN). Disponível em: < <http://globalrecordings.net/pt/program/C23601> >. Acesso em: 25 jun. 2014.

O Gráfico 5 exibe a compilação dos dados das ocorrências na busca no *Google* por <kukama audios> e no *SoundCloud* por <kukama>, <kukama peru> e <cocama peru>.

Gráfico 5 - Áudios-Peru. Jun. 2014.



Fonte: elaborado pela autora.

A Tab. 6 apresenta os dados encontrados na página “Ama-zonas” do *SoundCloud*, a qual possui em sua descrição como referência de localização o país Colômbia, no entanto não foi possível confirmar a origem dessas gravações compartilhadas pela página.

Tabela 6 - Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Áudios –jun. 2014 (Local ?)

Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Áudios (junho de 2014)		
Resultado da busca	Descrição	Quantidade
<b>SoundCloud Canal Ama-Zonas</b>		
Ikara Ukuri Canto De Dormir (Cantos De Los Kokama) <sup>269</sup>	Junho de 2014	2 áudios
Timelito (Cantos De Los Kokama) <sup>270</sup>	Junho de 2014	
<b>TOTAL DE ÁUDIOS</b>		<b>2 áudios</b>

Fonte:elaborada pela autora.

Nota: elaborada com base na busca no *Google* por <kukama audios> e no *SoundCloud* por <kukama> Junho de 2014. Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC): Etapa 1. Levantamento das matrizes (arrays multi-dimensionais).

<sup>269</sup>Ikara Ukuri Canto De Dormir (Cantos De Los Kokama). Disponível em: <<https://soundcloud.com/ama-zonas/22-ikara-ukuri-canto-de-dormir>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>270</sup>Timelito (Cantos De Los Kokama). Disponível em: <<https://soundcloud.com/ama-zonas/18-timelito-cantos-de-los>> Acesso em: 20 jul. 2014.



A TAB 7 expõe as ocorrências obtidas na busca no *Google* por <kukama vídeos> e no *YouTube* e no *Vimeo* por <kukama>, <kukama colombia> e <cocama colombia>.

Tabela 7 -Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Vídeos – Colômbia jun. 2014

Mapeamento da presença Kokama no ciberespaço – Vídeos. Colômbia (junho de 2014)		
Resultado da busca	Descrição	Quantidade
<b>YouTube: Canal Programadora CMI2010</b>		
AGENDA CM& Yaguas, kokamas y Tikunas, recuperan sus saberes ancestrales <sup>271</sup>	AGENDA & CM veio para a comunidade de Nazaré no rio Amazonas, para aprender sobre o <i>Proyecto Educativo Comunitario</i> (PEC) com base na visão de mundo dos povos indígenas: Yagua, Kokama e Tikunas. Convidados pelo Unicef na Colômbia e pela líder indígena Imperatriz Cahuache, Presidente da Fundação CODEBA, quisemos saber mais sobre este projecto que é o resultado de um exercício participativo e permanente dos três povos indígenas e que busca processos de desenvolvimento e de formação com base em práticas ancestrais e em relações interculturais. Publicado em 22/11/2010	1 vídeo
<b>Vídeo: Canal Juan Felipe Pardo</b>		
Enseñanza shishaja <sup>272</sup>	A educação é o primeiro agrupamento Music Video Shishaja na Colômbia. Seu álbum de mesmo nome e foi lançado em 2007. É preciso um conteúdo da imagem Al.Vivero professor e pintor, que lançou este trabalho com seu livro de pinturas. A música tem músicas vovô Miguel chuna, cocama índio da Amazônia colombiana. para mais informações e contato, visite: <a href="http://jfpcorrea.wix.com/cultura">jfpcorrea.wix.com/cultura</a> Publicado em: 2013	3 vídeos
Madre luna shishaja <sup>273</sup>	<i>Madre Luna</i> abriu a nova possibilidade de trabalhar com a dança de vídeo. Esta é a terceira música e vídeo do álbum. <i>Enseñanza</i> . O grupo é chamado <i>Shishaja</i> (uma palavra que é usada em plantas da medicina tradicional no sul da Colômbia). As pinturas são de Al.Vivero Publicado em: 2013	
REEL of documentaries <sup>274</sup> (El	Documentários de Juan Felipe Pardo que	

<sup>271</sup>AGENDA CM& Yaguas, kokamas y Tikunas, recuperan sus saberes ancestrales. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=w-gWe\\_Mld0U](https://www.youtube.com/watch?v=w-gWe_Mld0U)> Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>272</sup>Enseñanza shishaja. Disponível em: <<http://vimeo.com/54844912>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

<sup>273</sup>Madre luna shishaja. Disponível em: <<http://vimeo.com/54352510>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

<sup>274</sup>REEL of documentaries. Disponível em:<<http://vimeo.com/43088995>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

canto cocama, documentário  
2007, 02:03 min)

produzidos nos últimos anos. Toda a  
tradição que diz respeito à música popular  
ou a forma de vida na bacia amazônica.  
Publicado em: 2012

---

**TOTAL DE VÍDEOS**

4 vídeos

---

Fonte:elaborada pela autora.

Nota: Tabrela elaborada com base na busca no *Google* por <kukama videos> e no *YouTube e Vimeo* por <kukama>, <kukama colmbia> e <cocama colombia>. Junho de 2014. Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC): Etapa 1. Levantamento das matrizes (arrays multi-dimensionais).

#### 4.7 Educação a Distância (EaD) e o ciberespaço

Segundo Costa (2010, p.1) a Educação a Distância (EaD) possui longa tradição de atuação no processo de ensino-aprendizagem, sendo a sua origem apontada por alguns autores como tendo sido na antiguidade, como narra Saraiva:

Inicialmente na Grécia e, depois, em Roma, existia uma rede de comunicação que permitia o desenvolvimento significativo da correspondência. Às cartas comunicando informações sobre o cotidiano pessoal e coletivo juntam-se as que transmitiam informações científicas e aquelas que, intencional e deliberadamente, destinavam-se à instrução (SARAIVA, 1996, apud COSTA, 2010 p. 2).

Com o tempo a EaD expandiu-se pelo mundo, principalmente, na Europa (Alemanha, Suécia, Reino Unido, França), na América do Norte (Canadá, Estados Unidos, México), Oceania (Austrália), América Latina e África, a qual, teve o uso da EaD em larga escala em diversos países, tendo criado em 1873 a primeira universidade a distância autônoma do mundo, *University of South África* (COSTA, 2010, p.3).

A expansão da EaD no Brasil esteve atrelada aos avanços ocorridos nos meios de comunicação, assim como ocorreu em outros países, tendo como marco inicial a década de 1920, com a radiodifusão (COSTA, 2010, p.10). Com o surgimento das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs) na década de 1970 e o seu desenvolvimento até os anos de 1990, somados ao crescimento do ciberespaço, fortaleceu-se o uso da Educação a Distância (EaD) nos contextos acadêmicos e corporativo no Brasil. Com a criação da *World Wide Web*, passou-se a ver a Internet como uma “possibilidade para mediar o processo de ensino-aprendizagem a distância, inaugurando a chegada das “universidades virtuais” no Brasil” (COSTA, 2010, p.12). Com a assinatura da Portaria nº 2.253, de 18/10/2001, foi autorizado às instituições de ensino superior do Brasil oferecer até 20% da carga horária total dos seus cursos de graduação presenciais na modalidade a distância, provocando assim, uma maior integração entre as modalidades de ensino presencial e a distância (COSTA, 2010, p.12).

Para Costa (2010, p.14) os tipos de recursos tecnológicos utilizados ao longo do tempo caracterizam as fases ou gerações pelas quais a Educação a Distância passou. Costa aponta as seguintes gerações encontradas na literatura: 1ª geração: Modelo de Tecnologia Impressa, 2ª geração: Modelo de Multimídia, 3ª geração: Modelo de Multimídia Interativa, 4ª geração: Modelo de Aprendizagem Flexível, 5ª geração: Modelo Inteligente de Aprendizagem Flexível. Entretanto, ressalta que nem todos os países estão na quinta geração da Educação a Distância. A América Latina para Mena (2002, apud COSTA 2010, p. 15), pratica as três primeiras gerações, enquanto sonha com a quinta.

Foi criada, em 1996, na estrutura do Ministério da Educação, a Secretaria de Educação a Distância (SEED), o que indica, conforme Costa (2010, p.12) uma preocupação do governo brasileiro em investir no uso da Educação a Distância e das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação como para melhorar a educação brasileira.

Ramble (2001, apud COSTA 2010, p.15) ao avaliar as transformações pelas quais a EaD passou no período 1971-2001 identificou as cinco principais delas. As duas mais importantes aqui são a segunda e a quinta:

2ª) Essa mudança tecnológica levou a uma mudança pedagógica – a passagem de um modelo de transmissão de conhecimento para um modelo mais construtivista que explora a comunicação mediada por computador; 5ª) A Educação a Distância evoluiu de uma forma de educação burocrática ou fordista para um modelo de alcance global, porém mais flexível, em que o aluno é o elemento principal (RAMBLE, 2001, apud COSTA 2010, p.15).

A Educação a Distância se caracteriza por proporcionar a separação física entre o professor e o aluno, utilizando-se de meios de comunicação para realizar a comunicação entre eles. Com o desenvolvimento do ciberespaço a EaD passou a ter a seu dispor recursos valiosos como, por exemplo, a **interatividade** no sentido dado por Primo (2007) e Lévy (1999).

Entretanto, alguns professores não acompanham as atualizações disponíveis das mídias tecnológicas e dos ambientes virtuais, continuando também com padrões pedagógicos caracterizados pela transmissão de conhecimento não voltada para a reflexão e autonomia do aluno.

Para Luciene<sup>275</sup> não devemos, portanto, **migrar** somente os conteúdos do ambiente “real” para o “virtual”. Assim, em um curso de Educação a Distância, não é indicado que, simplesmente, se digitalize os livros didáticos e os disponibilize em PDF (*Portable Document Format*)<sup>276</sup> para os estudantes, ou ainda que se grave as aulas expositivas e as disponibilize no formato de videoaula. Logo, Luciene ressalta que:

Muitas vezes o professor pensa estar inovando, entretanto continua como detentor absoluto do saber e o aluno passivo, recebendo todo conteúdo. Nesse sentido, João Mattar afirma que o problema dos projetos de curso propostos, sejam presenciais, sejam a distância, é que o foco continua sendo o mesmo, isto é, cria-se, desenvolve-se e valoriza-se uma hierarquia entre professores e alunos (Comentário de Luciene. Terça, 10 julho 2012, 20:22, Fórum do cafezinho, assunto: Aplicação de conteúdos, Curso de Capacitação de tutores em EaD)<sup>277</sup>.

Picanço *et al*<sup>278</sup> [2---] discutem as abordagens da **interatividade** feitas por Marco Silva, Pierre Lévy, Alex Primo, Márcio Cassol e Edgar Morin. Picanço *et al* aponta questões importantes quanto ao papel do professor na educação, as quais merecem reflexão. Se o professor era visto, na educação “tradicional”, com o papel de **transmissor**, e na maioria dos projetos envolvendo NTICs é visto de forma equivocada com o papel de **facilitador**, esse papel deve ser revisto como propõe Picanço *et al*:

O papel do professor não é facilitar, como se este fosse um papel secundário ou como se o conhecimento fosse algo difícil para o aluno, que necessitasse de um especialista - o professor - para simplificá-lo, tornando-o então acessível ao aluno. Esse conhecimento é apresentado apenas pelo viés do professor, não passando por um processo de significação coletiva. O papel do professor passa a ser ainda mais importante do que o papel do facilitador ou do transmissor, seja ele crítico ou não (PICANÇO *et al* [2---]).

Para Picanço *et al* [2---] a atuação do professor torna-se mais complexa e interativa, envolvendo a plataforma de trabalho e a escola:

[...] o professor necessita trabalhar num contexto criativo, aberto, dinâmico, complexo. Isso implica trabalhar com incertezas, com complexidades. Na relação professor-aluno-conhecimento deve estar presente a interatividade,

<sup>275</sup> Luciene foi uma colega do primeiro curso de Tutoria que me matriculei. Curso de Capacitação de tutores em EaD. 2012.

<sup>276</sup> A Tradução para o português é “formato de documento portátil”.

<sup>277</sup> Para ler mais sobre o tema veja o artigo **Interatividade e Aprendizagem** de João Mattar. Disponível em: <[http://educacaosustentabilidadepedagogiaavm.wikispaces.com/file/view/disciplina08\\_cap16\\_livro\\_ead.pdf](http://educacaosustentabilidadepedagogiaavm.wikispaces.com/file/view/disciplina08_cap16_livro_ead.pdf)> Acesso em 23 de jun. 2014.

<sup>278</sup> Picanço *et al* [2---]. Conversando sobre interatividade. Disponível em: <[http://www.faced.ufba.br/~dept02/sala\\_interativa/texto\\_grupo.html](http://www.faced.ufba.br/~dept02/sala_interativa/texto_grupo.html)> Acesso em: 20 abr. 2012

não como consequência da presença das novas tecnologias, mas como foco, como uma característica, um requisito, para a construção do conhecimento. Nesse contexto, institui-se uma nova dinâmica: o trabalho do professor intensifica-se, estrutura-se uma nova relação pedagógica e exige-se uma nova plataforma de trabalho, uma nova organização da escola, uma nova competência técnica e política dos professores” (PICANÇO *et al* [2---]).

Desse modo, João Mattar (2013)<sup>279</sup>, referência em estudos de EaD no Brasil, organiza as gerações de pedagogia da EaD e suas relações com as tecnologias, aprendizagens, ações dos aprendizes e professores, tipos de conteúdo e avaliações (Fig. 26).

Figura 26- Pedagogias de EaD (MATTAR, 2013)

Geração de pedagogia da EaD	Tecnologia	Atividades de aprendizagem	Granularidade do aprendiz	Granularidade do conteúdo	Avaliação	Papel do professor	Escalabilidade
<i>Behaviorismo Cognitivo</i>	Mídias de massa: material impresso, TV, rádio, comunicação um-para-um	Ler e assistir	Individual	Fina: roteirizado e projetado do zero	Lembrar	Criador de conteúdo, sábio no palco	Alta
<i>Construtivismo</i>	Conferência (áudio, vídeo e Web), comunicação muitos-para-muitos	Discutir, criar, construir	Grupo	Média: apoiado e preparado, guiado pelo professor	Sintetizar: ensaios e trabalhos	Líder de discussão, guia ao lado	Baixa
<i>Conectivismo</i>	Web 2.0: redes sociais, agregação e sistemas de recomendação	Explorar, conectar, criar e avaliar	Rede	Grossa: principalmente ao nível do objeto e pessoal, autocriado	Criação de artefatos	Amigo crítico, covajante	Média

Fonte: Reproduzida de Mattar (2013, p. 25)

#### 4.8 Algumas considerações

As tecnologias indígenas e não indígenas associadas contribuem para diversos passos do planejamento linguístico, tais como o registro, a organização dos dados, o compartilhamento dos materiais, as estratégias de “transmissão” do conhecimento, etc. Essas tecnologias são muitas vezes, comuns ao cotidiano, estando intrínsecas às pessoas.

Considerando os estudos apresentados nesse capítulo, concluímos que o ciberespaço e a EaD possuem recursos que podem auxiliar na interatividade, mas que cabe aos professores, tutores e equipe estarem abertos à interação ao construir, oferecer e ministrar cursos a distância. Pesquisas desenvolvidas sobre o uso da EaD nos cursos de Licenciatura intercultural podem contribuir para estimular a criatividade dos professores e tutores.

O mapeamento da presença Kokama no ciberespaço mostrou, mesmo que em partes, o quanto os Kokama vem atuando para fortalecer a sua língua e a sua cultura. Há muitos outros

<sup>279</sup> Mattar, João. Aprendizagem em ambientes virtuais: teorias, conectivismo e MOOCs. PUC-SP e UAM. 2011

projetos de fortalecimento da língua Kokama que ainda não estão na internet, mas que provavelmente logo estarão. As questões referentes à presença da língua Kokama no ciberespaço serão discutidas no capítulo 6.

Com a cibercultura a diversidade linguística e cultural apareceu também na internet, onde interações influenciam a interculturalidade e a globalização, no sentido de ubiquidade. No ciberespaço, as pessoas querem “mostrar a sua cara”, a sua identidade. E assim o fazem, seja de sua residência, da escola, do trabalho e de qualquer outro ambiente em que possam estar *on-line*. A criatividade é bastante praticada no meio virtual, em que as pessoas vão navegando, criando os seus *links*, laços afetivos e laços de informação o que propicia a “aprendizagem em rede”. Cada vez mais as pessoas vão descobrindo a arte de “programar”, ou seja, aspectos da ciência da computação e da informação, que antes eram restritos às empresas e cientistas, vão sendo apropriados como um conhecimento “comum”. E muitos indígenas vêm participando ativamente de todo esse processo.

Com base no mapeamento, os Kokama apresentam grande presença na internet, com uma multiplicidade de modos, formas, meios, etc., como se pode ver nas descrições das notícias, dos vídeos e dos áudios. Cabe ressaltar que essa presença vem se tornando cada vez mais ativa e autônoma e com parcerias mais diversificadas.

## 5. ATITUDE E COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO

---

Neste capítulo, abordamos a atitude e o comportamento linguístico expresso pelos Kokama, tendo como base teórica os estudos de Calvet (2002, 2007), Maher (2007,2008) e Hinton (2001b, 2001e). Para realizar as análises desenvolvemos um método próprio, constituído de seis etapas. A situação linguística dos Kokama é apresentada conforme os estudos dos autores Rodrigues (2002), Freitas (2002), Gow (2003), Freire (2008), Cabral e Viegas (2009), Viegas (2010), Vallejos (2010), Rubim (2011) e Almeida e Rubim (2012).

### 5.1 Fortalecimento e atitude linguística

Temos dado foco à busca pela retomada da língua do povo Kokama. Esse tipo de movimento se localiza mais propriamente, segundo Labov (2011, p. 215), no campo da “sociologia da linguagem”, por esta lidar com a interação recíproca dos fatores sociais de larga escala com línguas e dialetos. No estudo de línguas obsoletas é importante observar as prioridades que são trazidas à tona pelas pessoas das comunidades envolvidas. Muitas vezes o fortalecimento da língua é uma dessas primeiras demandas, por ser expressão maior da identidade de um povo.

Para Calvet (2002, p.142) não há distinção entre a “sociologia da linguagem” e a “sociolinguística”, e nem entre estas e a linguística, cujo objeto de estudo não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social sob seu aspecto linguístico. Essa relação entre língua e comunidade social estabelece-se como um *cotínuum* composto por diversas facetas, às quais poderia se aplicar o recurso do *zoom* para se observar cada uma delas. O autor aplica a mesma relação de não distinção entre a abordagem micro e a macro – comum na área da sociolinguística - considerando a opção por qualquer estudioso a um desses enfoques uma questão apenas metodológica.

A política linguística (PL) é uma área imprescindível ao estudo do fortalecimento linguístico/cultural. No estudo de Calvet (2007) apresentado no capítulo II desta tese, pode-se ver que ele considera a política linguística inseparável de sua aplicação.

Maher (2008) utiliza o termo política linguística com o mesmo enfoque de Calvet (2007), mas utilizando-o para englobar as duas ideias de metas e implementações:

[...] *política lingüística* para referir, tanto ao estabelecimento de objetivos (sócio)lingüísticos, como aos modos de concretização dos mesmos. Por

entender que a determinação de planos para se modificar usos e/ou estruturas lingüísticas não pode se constituir apenas em meras *cartas de intenção*, mas tem que, necessariamente, também contemplar, já no seu bojo, modos factíveis de promover as mudanças desejadas” (MAHER, 2008, p. 411).

O binômio política/planejamento lingüístico possibilita a reflexão acerca das soluções para os contextos de comunidades que buscam a retomada da língua. Uma dessas línguas é a língua Kokama, cujos falantes sofreram drástica repressão quanto ao uso de sua língua nativa, quando migraram do Peru para o Brasil no início do século XX, repressão esta que foi aumentando no decorrer dos anos por parte de componentes de igrejas, seringalistas e professores não indígenas. Houve ainda o fato de que as cidades que se formaram em localidades nas proximidades da tríplice fronteira, Brasil-Peru-Colômbia, onde passaram a viver os kokama no Brasil, recebiam grande fluxo de pessoas que falavam o português e o espanhol, dificultando o uso da língua Kokama.

A escolha de como fortalecer uma língua é feita por aqueles que querem defendê-la, ou seja, o Estado, as comunidades, os grupos, as instituições, as associações, as pessoas, etc. Todavia, o planejamento precisa avaliar os fenômenos intralingüísticos e extralingüísticos contidos na modernização da língua. A apreciação de tais fatos resulta em diversas formas de “reconhecer”, “proteger” e “atualizar” a língua. Os Kokama buscam dar continuidade ao uso da sua língua perante outros idiomas em conflito, como o Português, o Espanhol e o Tikuna.

De acordo com o esquema<sup>280</sup> de Calvet (2007, p. 61), apresentado no capítulo II, para se realizar uma ação planejada sobre a(s) língua(s) as pessoas que buscam o fortalecimento, podem se perguntar: Qual situação da língua pretendemos alcançar?

No âmbito das atitudes e comportamentos em relação à língua, Hinton (2001b, p. 51) afirma que o PL ocorre em vários níveis na sociedade, entretanto, muitos livros sobre esse tema tratam dele nos níveis governamentais. Nos EUA, por exemplo, o PL em nível federal tem grande impacto nas comunidades de fala locais. Contudo, a autora observa que muitas vezes esse PL ocorre sem uma consulta adequada às comunidades indígenas diretamente afetadas por essas políticas. Propõe, portanto que o planejamento lingüístico seja de base comunitária. Maher (2008, p.412) defende que “a orquestração de políticas prólínguas indígenas, quando sob a responsabilidade exclusiva de especialistas externos, tende a fracassar, já que esses detêm um conhecimento apenas parcial das culturas e dinâmicas sociais locais”.

---

<sup>280</sup> Figura 4.



Os Kokama vêm buscando o fortalecimento da língua e da cultura desde a década de 1980. As comunidades Kokama possuem o cacique, liderança que busca defender os direitos dos indígenas e valorizar a cultura Kokama. Existem muitas associações e organizações Kokama distribuídas pelas comunidades e municípios, as quais atuam para desenvolver projetos de proteção e valorização da língua Kokama e de tudo que está relacionado com a autodeterminação. Há também a participação intensa de pessoas **catalisadoras** (*catalysts*)<sup>281</sup> - pessoas altamente motivadas pela busca de retomada da língua.

No ano corrente, de 2014, essas pessoas catalisadoras, juntamente com lideranças têm discutido questões referentes à escrita da língua Kokama e planejado reuniões. Existem estudos linguísticos contendo alguns exemplos em língua Kokama, dicionário, glossário, gramática e materiais didáticos, os quais abarcam escritas diferentes. Além disso, existem os usos ortográficos diferenciados por professores de língua Kokama que atuam ou atuaram em diversos locais no estado do Amazonas, ou em outros países. Outro exemplo de ocorrência da escrita da língua Kokama é o resultado do mapeamento da presença da língua Kokama no ciberespaço<sup>282</sup>, que mostra caminhos para se visualizar as variações de escrita da língua Kokama. Ainda não se sabe qual será a escrita - ou as escritas - escolhida e se será feito acordo de oficialização entre o Brasil, o Peru e a Colômbia. A atitude linguística dos Kokama em desejar normatizar a escrita<sup>283</sup> parece estar relacionada com a valorização da língua, pois há diversos professores Kokama que produzem materiais didáticos próprios para a educação diferenciada voltada para os Kokama no Brasil, que gostariam de publicar os materiais para serem usados em escolas, cursos e oficinas da língua Kokama. No entanto, os professores e lideranças têm preocupação quanto a uma ortografia que possa representar todas as comunidades Kokama - ou algumas delas - no Brasil, por volta de 265<sup>284</sup> comunidades, assim como as comunidades dos seus “parentes” do Peru e da Colômbia.

A instituição que tem papel forte no fortalecimento de línguas é a escola. Maher (2008) problematiza as implicações da participação da escola na transmissão da língua para as próximas gerações. De um lado Fishman (1991, apud MAHER 2008, p. 412) aponta para a necessidade de a língua ser prioritariamente transmitida pelos familiares às próximas

<sup>281</sup> *Catalysts* é o termo usado por Hinton (2001b) para designar aquelas pessoas altamente motivadas na revitalização linguística.

<sup>282</sup> Ver capítulo 6 e 7.

<sup>283</sup> Para ler sobre “o conflito entre oralidade e escrita” e “o conflito entre o desejo de autonomia e a inescapável existência de modelos de escrita de tradição europeia” Veja a obra “Como nasce e por onde se desenvolve uma tradição escrita em sociedades de tradição oral?” de D’Angelis (2007).

<sup>284</sup> Estimativa dada por Altaci Corrêa Rubim na reportagem do jornal campus de 7 a 27 de maio de 2013 (número 396 ano 43): com a palavra: as tribos.

gerações, exemplificado com o caso apontado por Krauss (1998, apud MAHER, 2008, p. 412) em que a escola- educação bilíngue para as comunidades indígenas norte-americanas - vem retirando o hábito dos pais de transmitirem a sua língua para seus filhos, ocupando de forma perversa essa função. De outro lado coloca as experiências no Arizona de McCarthy (1998, apud MAHER 2008, p. 412), a qual atenta para a importância da escola indígena, em casos extremos de perda de língua, como uma saída para incentivar o aprendizado e a transmissão da língua. A escola passa a ser o espaço onde são discutidas as políticas linguísticas e onde há formação de professores indígenas, que por serem formadores de opinião, se envolvem com o processo pela retomada da língua de suas comunidades, por meio de agenda que contemple um projeto coletivo.

Os professores-pesquisadores Kokama vêm sendo de suma importância para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama, pois atuam ativamente na criação de materiais, na realização de registros, pesquisas, entre outras ações e reflexões, sendo assim considerados como pessoas catalisadoras. Esses professores, juntamente com outras lideranças, buscam incentivar as escolas localizadas nas comunidades a desenvolverem programas de ensino-aprendizagem da língua Kokama, para que esta venha a ser parte oficial do currículo. Algumas escolas já possuem em seu currículo a língua Kokama, mas ainda há muita demanda e desafios, principalmente na construção de metodologias mais congruentes com os anseios locais. O que também tem acontecido é a atuação de professores-pesquisadores, escolhidos pela comunidade, não necessariamente com formação em licenciatura ou pedagogia, no ensino-aprendizagem da língua Kokama de forma extracurricular. Portanto, a escola já é parte da cultura dos Kokama, o que pode também implicar na preocupação por parte dos Kokama com a escolha da ortografia da língua Kokama. O diagnóstico real, num tempo determinado, da presença da língua Kokama em duas comunidades Kokama, inclusive nas escolas, foi obtido com a conclusão da aplicação da **pesquisa sociolinguística** que desenvolvemos.

Por fim, fica acatada a ressalva de Calvet (2007, p. 59) de que as situações linguísticas, que envolvem também a atitude e o comportamento linguístico, não são estáticas, por isso há a necessidade de atualizar os seus dados de tempos em tempos, tanto no “plano estatístico” (número de falantes, índice de transmissão, etc.) quanto no “plano simbólico”, razão pela qual o autor propõe, então, um modelo informatizado *on-line* com essa função. Essa consideração impulsionou a utilização de um recurso *on-line* (**Formulário** do *Google.docs*) na organização dos dados sociolinguísticos e sociométricos com vistas à possibilidade de atualização da situação sociolinguística, juntamente com os professores Kokama.

### 5.1.1 Breve histórico da escrita da língua Kokama conforme Viegas (2010)

As variantes da língua Kokama faladas no Peru foram estudadas e descritas principalmente por membros do Summer Institute of Linguistics (SIL) na segunda metade do século XX. O governo do Peru, por meio do Ministério de Educação Pública, desenvolveu nos anos de 1950 um plano de educação para indígenas, por meio do qual pretendia alfabetizar e “castelhanizar” as numerosas tribos indígenas do país. Supunha-se que os indígenas, aprendendo a ler em sua própria língua, se sentiriam mais atraídos a dominar o idioma nacional. O trabalho de alfabetização indígena foi entregue a membros do Instituto Linguístico de Verão, dentre os quais Norma Faust e Audrey Soderholm, ligados à Universidade de Oklahoma, os quais viveram entre os Kokama objetivando estudar a língua nativa para fazer a tradução da bíblia. A primeira publicação dos missionários do SIL foi uma cartilha bilíngue Kokama-Espanhol intitulada *Ini ícua cuatiarayara* (1956), programada para desenvolver a ortografia. Em seguida, foram publicadas as cartilhas de transição que exercitavam o uso das letras do alfabeto de forma gradativa. Em *Cuatiaran 1* (1956) há instruções ao professor de como começar a ensinar as palavras. Em *Cuatiaran 2* (1956) dá-se continuidade ao ensino das palavras, principalmente daquelas referentes a animais, mas também de palavras verbais, com ênfase na construção de frases. *Cuatiaran 3* (1957) focaliza o apredizado das palavras e das sílabas, contendo frases mais elaboradas. *Cuatiaran 4* (1957) incentiva os alunos a lerem as palavras já conhecidas sem a ajuda do professor, assim como auxilia no aprendizado de novas palavras e frases. Em *Cuatiaran 5* são apresentadas as sequências sonoras consideradas as mais difíceis, por exemplo, *wá* e *wí*, a partir de textos.

Em seguida houve a publicação da série de cartilhas suplementares, que acompanhavam o mesmo conteúdo das primeiras cartilhas 1, 2, 3, 4 e 5, acrescentando novas informações: *Cuatiaran 1A* (1957), *Cuatiaran 2A* (1957), *Cuatiaran 4A* (1957). Outra cartilha *Cocama cuatiaran era erucuatata* (1957) apresenta o alfabeto completo da língua Kokama e trata da prática da leitura de textos fazendo com que os alunos encontrem as letras e sílabas nas palavras já conhecidas e nas novas. Essa cartilha servia também para o ensino de hábitos de higiene.

Na década de 1960 é expandida a aprendizagem do Castelhana em detrimento da língua Kokama, tendo em vista a integração dos Kokama aos programas nacionais de educação, em que professores indígenas alfabetizados conduziram os estudos nas escolas da selva peruana.

Norma Faust e Evelyn Pike (1959) publicaram um breve vocabulário Kokama intitulado *Brief Cocama vocabulary* e *The Cocama sound system*. Este último consiste em uma análise fonética segmental da língua Kokáma. Norma Faust publicou o *Vocabulario breve del idioma cocama (tupi)* (1959) e *El lenguaje de los hombres y mujeres en cocama* (1963). Essa autora publicou, ainda, um estudo sintático dos tipos de sentenças em Kokáma, fundamentado no modelo tagmêmico, *Cocama clause types* (1971) e publicou, em 1972, a *Gramática cocama: Lecciones para el aprendizaje del idioma cocama*, cuja segunda edição impressa foi publicada em 1978 e uma terceira edição em 2008.

Há um dicionário Espanhol-Kokama do Padre Lucas Espinosa, publicado em 1989 e intitulado *Breve Diccionario Analítico Castellano-Tupí del Peru*. Pe. Lucas Espinosa permaneceu dezoito anos na missão augustiniana do Amazonas peruano e, posteriormente, quando retornou à Espanha, preparou este dicionário. A ordem dos verbetes é a seguinte: 1) entrada do verbete em espanhol; 2) informação gramatical; 3) significado em espanhol, exemplo em espanhol (opcional); 4) correspondência do verbete no Kokama; 5) exemplo em espanhol seguido da tradução para o Kokama; os demais itens do verbete são compostos por informações adicionais, quando necessário, e pelas palavras acrescidas de elementos desinenciais derivacionais.

Espinosa (1989, p. 9) informa no preâmbulo do dicionário que os dados que fundamentaram a sua obra foram extraídos dos questionários aplicados a um nativo Kokama do sexo masculino, natural de Iquitos, filho de mãe Kokama, criado entre os Kokama e educado em escolas públicas, o Sr. Juan Freitas. Espinosa deixa claro que não trabalhou com dados de fala feminina, embora no decorrer da obra, faça referências a formas usadas por mulheres Kokama. O autor valeu-se também do seu conhecimento da língua.

Mais recentemente, Rosa Vallejos publicou vários trabalhos sobre o Cocama/Cocamilla falado no Peru, a saber: *Morfemas Funcionales en Cocama-Cocamilla* (2000); *Entre flexión y derivación: Examinando algunos morfemas en Cocama-Cocamilla* (2005); *Fonología de la variedad kukamiria del río Huallaga* (2006). Há ainda um trabalho de conclusão de curso intitulado *El Sistema de Casos en la Lengua Cocama: Variedad Cocamilla* (2000), uma dissertação de mestrado intitulada *Basic Clauses in Kokama-Kokamilla* (2004) e sua tese de doutorado intitulada *A grammar of Kokama-Kokamilla* (2010). Para confeir mais publicações de Vallejos veja a sua página pessoal<sup>285</sup>. Vallejos, em coautoria

---

<sup>285</sup>Cf. Publicações de Rosa Vallejos Yopán. Disponível em: <<http://www.unm.edu/~rvallejos/>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

com Rosa Amías Murayari, vem desenvolvendo o dicionário Kukama-Espanhol-Inglês com revisão atualizada<sup>286</sup>.

Há ainda, publicações mais atuais do *Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana-FORMABIAP/AIDSESEP/ISPPL* tais como: *Sabidurías del pueblo Kukama Kukamiria* (2009); *CD Canciones de los pueblos Tikuna y Kukama Kukamiria, Guía Metodológica para desarrollo de competencias comunicativas en Kukama-Kukamiria como segunda lengua* (2002), *Relatos de origen del pueblo Kukama-Kukamiria* (2003), *Chunaki* (1999), entre outros.

Nos últimos anos o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) vem colaborando para o fortalecimento da língua Kokama, por meio de oficinas da língua Kokama ministradas pelo Padre Ronaldo MacDonell e compartilhamento de materiais didáticos trazidos do Peru.

No Brasil<sup>287</sup>, foram feitos registros da língua Kokama pela linguista Ana Suelly A. C. Cabral por meio de gravações em áudio de forma colaborativa com pesquisadores Kokama no Alto Solimões, no período de 1988-1996. A partir desses registros, Cabral individualmente, ou em coautoria com Aryon Dall’Igna Rodrigues ou com Viegas concluiu vários trabalhos, a saber: uma tese de doutorado intitulada *Contact-Induced Language Change in the Western Amazon: The Non-Genetic Origin of the Kokama Language* (CABRAL, 1995), os artigos Evidências morfológicas para a não-classificação genética do Kokáma (CABRAL, 1997); *New Observations on the Constitution of Kokáma/Omágua: A Language of the Boundary Brazil, Peru, and Colombia* (CABRAL, 2007); *En qué sentido el Kokáma no es una lengua Tupí-Guaraní* (CABRAL 2000); um artigo em coautoria com Aryon D. Rodrigues, Evidências de crioulização abrupta em Kokáma? (2003); e um artigo em coautoria com Viegas, Reduções lexicais e gramaticais na fala dos últimos falantes nativos do Kokáma no Brasil (2009). Chandra W. Viegas comparou alguns aspectos dos registros do Kokama no Peru com os registros do Kokama no Brasil em sua dissertação de mestrado intitulada *Natureza e direções das mudanças linguísticas observadas entre os últimos falantes do Kokáma nativos do Brasil* (2010). Os DVDs da série “Material de apoio para professores Kokama” foram produzidos pelas pesquisadoras Cabral e Viegas em coautoria com professores Kokama.

<sup>286</sup> Cosmovisión Kukama. 26 de agosto de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/CosmovisionKukama/photos/a.434417486569931.104307.190450427633306/807416209270055/?type=1&theater>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

<sup>287</sup> Ver o primeiro trabalho linguístico incluindo a língua Kokama no Brasil de Marília Facó Soares, *A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokáma, Asuriní e Guajajára*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1979.

Foi elaborada uma proposta de escrita pela linguista Ana Suelly A. C. Cabral em conjunto com pesquisadores Kokama do Alto Solimões com base na variante estudada por ela durante vinte anos nessa localidade, contendo empréstimos lexicais tanto do Espanhol, como do Português. Essa ortografia difere da feita por membros do SIL no Peru, essencialmente por não se orientar pela escrita do Espanhol. Dessarte, a proposta de escrita foi utilizada no ensino-aprendizagem da língua Kokama no Curso de Licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões e nas disciplinas a distância Introdução à Língua e à Cultura Kokama e Aprendizagem de Língua e Cultura Kokama: interação e criação, sendo utilizadas, ao mesmo tempo, outras formas de escrita dessa língua presentes em diversos tipos de materiais didáticos.

Como comentado anteriormente ainda não há uma definição sobre qual será a ortografia adotada pelos Kokama ou se serão desenvolvidas novas grafias.

### 5.1.2 Línguas “silenciosas”

Os processos de comunicação, a globalização, os deslocamentos das pessoas e a destruição do meio ambiente estão resultando em abandono (voluntário ou involuntário) de línguas, cada vez mais rápido. Podemos refletir quanto à possibilidade de reverter um estado de obsolescência? Será que essas línguas podem não ser “despertadas”? Segundo Hinton (2001e, p. 413) muitos casos de revitalização têm dado certo.

There are at present many languages in the world that have fallen silent. A language is silent either because there is no one left who knows it, or because those who know it no longer have any domain left in which to use it. In some of the literature, such languages have been called "moribund" if there are people who retain knowledge but have no way to use it, or "dead" or "extinct" when there are no living speakers. I prefer the less final metaphor of "silence", or L. Frank Manriquez's "sleep"<sup>288</sup> (HINTON, 2001e, p. 413)

Hinton (2001e, p. 413-417) aponta algumas ações para despertar línguas, a saber: Documentação, Reconstrução e modernização, Iniciar o processo, Desenvolvimento de domínios de uso, os quais são resumidos a seguir.

---

<sup>288</sup> Existem atualmente muitas línguas do mundo que caíam em silêncio. A linguagem é silenciosa, porque não há mais ninguém que sabe, ou porque aqueles que sabem que não têm mais qualquer domínio em que deixou de usá-lo. Na parte da literatura, tais linguagens têm sido chamadas de "moribunda" se há pessoas que conservam o conhecimento, mas não têm nenhuma maneira de usá-lo, ou "morta" ou "extinta", quando não há falantes em vida. Eu prefiro a metáfora menos final, de "silêncio", ou "adormecida" de L. Frank Manriquez (HINTON, 2001e, p. 413, tradução nossa)

A **documentação** é, talvez, a ação mais importante quando uma língua possui poucos falantes. É indicado documentar o conhecimento desses oradores tão completamente quanto possível. Segundo a autora isso pode ser feito tanto por linguistas e etnógrafos, como por pessoas da própria comunidade<sup>289</sup>. Algumas línguas podem não ter mais falantes fluentes, mas têm documentação suficiente para que seja possível motivar pessoas a aprendê-la. No entanto, a autora, observa que os linguistas que vinham documentando línguas no século XX, normalmente focavam na gramática e no vocabulário, esquecendo os aspectos mais importantes da língua para os usuários, como a pragmática, por exemplo.

Pessoas que tentam revitalizar uma língua querem saber como cumprimentar uns aos outros, quais são as regras de conversação, como a linguagem é usada para expressar raiva, amor, gratidão e polidez. Como as pessoas interagem por meio da linguagem. E quanto aos componentes da linguagem gestual e expressões faciais? Estes não são também partes importantes da comunicação? O desenvolvimento de esforços de revitalização de línguas em todo o mundo, portanto, é educar os linguistas sobre o que é importante na documentação<sup>290</sup> (HINTON, 2001e, p. 413, tradução nossa)

Conforme Hinton (2001e), membros das comunidades vêm documentando suas próprias línguas por meio da prática de documentação em áudios e vídeos e organizando arquivos com esses materiais para o acesso geral e preservação. Tais ações vêm sendo desenvolvidas no Brasil também, já há algum tempo, como é de conhecimento de muitos grupos indígenas e instituições brasileiras. Desse modo, para iniciar o processo de recuperação de uma linguagem silenciosa, o primeiro passo é encontrar e adquirir cópias existentes de qualquer documentação da língua seja de jornais, manuscritos, livros ou gravações e organizá-las, tornando-as acessíveis às pessoas.

A **Reconstrução e modernização** são necessárias, às vezes, quando a documentação em si mesma é insuficiente. A **reconstrução** é feita com base nos registros que se tem “em mãos” de uma dada língua, em que se sugere uma forma para um termo antigo por meio da técnica de análises de linguística histórica, e assim poder supor como a língua poderia ter sido antigamente.

<sup>289</sup> Existem linguistas e etnógrafos que são indígenas, ou seja, também fazem parte da comunidade.

<sup>290</sup>“People trying to revitalize a language want to know how to greet each other, what the rules of conversation are, how the language is used to express anger, love, gratitude, and politeness. How people interact through the language. And what about the gestural components of language, and facial expressions? Are these not also important parts of communication? The development of language revitalization efforts around the world is thus educating linguists about what is important in documentation” (HINTON, 2001e, p. 413).

Uma língua sem falantes não pode ser aprendida por meio do método da imersão, que é um método defendido no livro de Hinton e Hale (2001). Pelo menos não até que se desenvolvam “falantes”, então os primeiros alunos, os quais podem mais tarde tornarem-se professores. Para isso, irão consultar os registros que foram feitos da língua, que serão a base a partir da qual poderão **iniciar o processo** de aprendizagem. Pois se não há ninguém para ensinar a língua, os primeiros alunos de uma “língua adormecida” terão que aprender por conta própria. Hinton (2001e) ressalta que em muitos casos, especialmente para algumas das línguas indígenas em pequenas comunidades, não haverá materiais de aprendizagem disponíveis, e os pioneiros na recuperação da língua terão que criar tais materiais. Caso ainda não exista um sistema de escrita padronizada, os pioneiros podem precisar desenvolvê-lo. O processo de revitalização pode começar lentamente incluindo algumas palavras na conversação, como por exemplo, o caso da língua Wiyot da Califórnia, Estados Unidos, apontado por Hinton (2001e) em que a ex-presidente Cheryl Seidner, decidiu que iria começar a revitalização com a introdução de duas palavras - “sim” e “não” - para o conselho tribal, insistindo que eles usassem essas palavras na língua Wiyot, e não no Inglês ao votar. Segundo a autora “uma pessoa pode até achar que ele ou ela não tem o apoio da comunidade para a revitalização, mas vai, no entanto, criar materiais valiosos de aprendizagem que um dia serão muito apreciados por mais de uma geração<sup>291</sup>” (HINTON, 2001e, p. 415, tradução nossa).

Ao tratar do **desenvolvimento de domínios de uso**, a autora defende que para o renascimento de uma **língua silenciosa**, a forma escrita será a que provavelmente assumirá uma importância muito maior do que a forma falada, porque na maioria dos casos, a forma escrita é o principal meio de que alguém possa ter uma esperança para aprendê-la e usá-la. É muito frequente que os descendentes daqueles que outrora falavam tal língua agora adormecida (*now-sleeping*) moram longe um dos outros, sendo uma pequena minoria dentro de um oceano de falantes da língua dominante (HINTON, 2001e, p. 415). Não obstante, a autora, sugere que os domínios da oralidade também podem ser incentivados para a revitalização da língua, tais como leitura de poesia oral, produções de peças teatrais, o uso do telefone para se comunicar na língua, etc. Outras ocasiões para o desenvolvimento de domínios de uso são as refeições em família ou coletivas, os discursos públicos, encontros informais e encontros de fim de semana especiais ou acampamentos de verão.

---

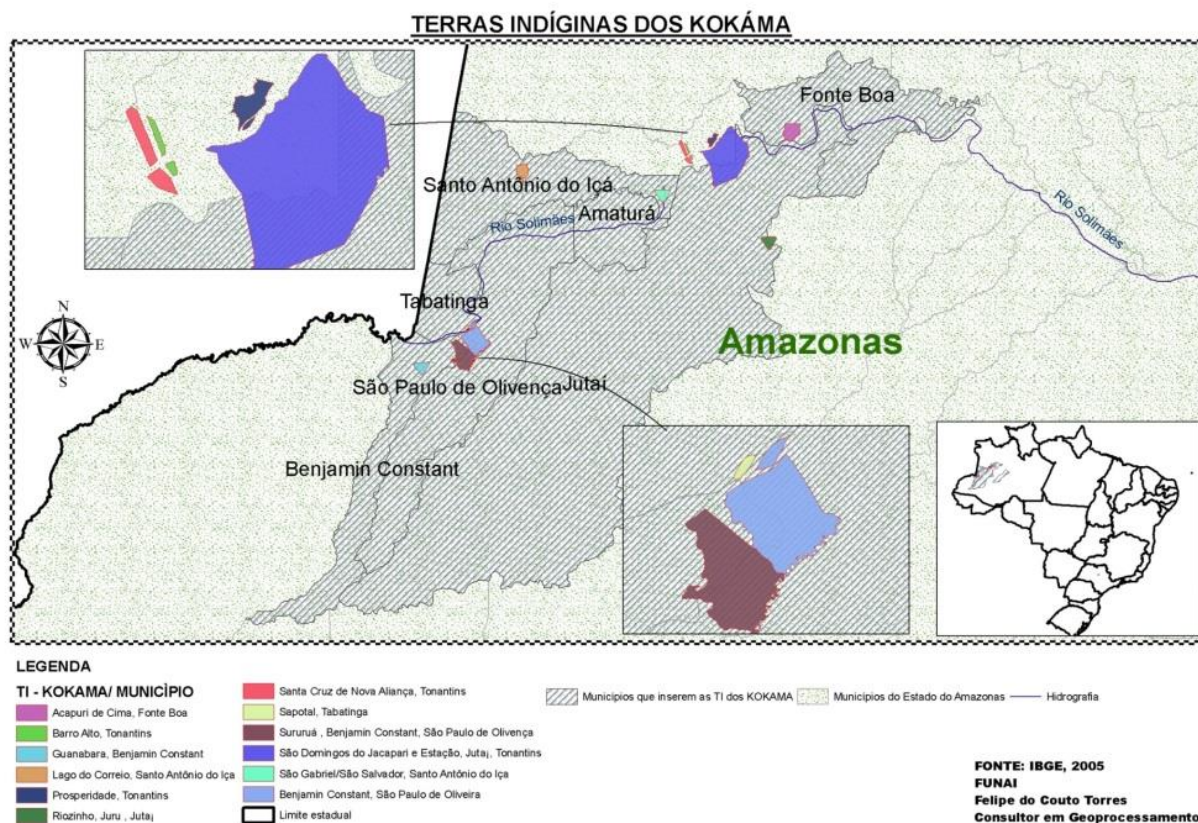
<sup>291</sup> A person may even find that he or she has no community support for revitalization but will nevertheless create valuable learning materials that will someday be much appreciated by another generation (HINTON, 1992, p. 415).



## 5.2 Contextualização da situação linguística

Os Kokama vivem, principalmente, no Brasil, no Peru e na Colômbia. No Brasil residem em comunidades em vários pontos do Alto e Médio Solimões e na periferia de Manaus. O mapa a seguir mostra as Terras Indígenas (TIs) dos Kokama no estado do Amazonas (Fig. 27):

Figura 27 - Mapa das Terras Indígenas dos Kokama no Brasil. 2010.



Fonte: Viegas (2010, p. 27)

A língua Kokama falada no Brasil, desde a primeira metade do século XX, passou a não ser mais transmitida para as novas gerações e a partir de 1980 teve acelerado o processo de obsolescência, ou seja, processo no qual uma língua deixa de ser usada como meio de comunicação e caminha para a extinção. Atualmente, os falantes da língua Kokama no Brasil estão bastante idosos e, na maioria das vezes, não transmitem mais a língua para seus filhos e netos. Entretanto, vários Kokama tentam presentemente, reverter essa situação. Tem sido confirmada a importância do intercâmbio dos professores e articuladores Kokama nas comunidades e nas universidades, para assim fortalecer a língua e a cultura.

Os Kokama localizados em vários pontos do rio Solimões são, em sua maioria, oriundos da região de Loreto, no Peru. São esses Kokama descendentes de famílias que deixaram o *Marañon* e se estabeleceram no Solimões entre o final do século XIX e o início do século XX (CABRAL, 1995). Os Kokama fundadores de Sapotal, comunidade em Tabatinga-AM, por exemplo, pertencem a algumas dessas famílias que vieram do Peru para trabalhar nos seringais que correspondem, hoje, às aldeias Tikuna de Ourique e de Feijoal. A história dessas famílias foi registrada por Ana Suelly A. C. Cabral entre 1988 e 1996, junto aos Kokama bilíngues em Espanhol e Kokama que encabeçaram movimentos migratórios para essa região. Um dos patriarcas Kokama que vieram para o Brasil, Sr. Benjamin Samias, falecido em 1991 com aproximadamente 90 anos de idade, foi um dos Kokama cujos filhos falaram a língua Kokama como primeira língua até a idade aproximada de 12 anos. Este senhor teve filhos com duas mulheres, mas só os filhos de sua primeira esposa, que era natural do Peru e aqui chegara com ele, falavam a língua Kokama. Um de seus filhos foi o fundador da comunidade de Sapotal, Sr. Antônio Januário Samias, o Kokama que mais se preocupava com a morte de sua língua, já em processo de obsolescência no final do século passado<sup>292</sup>.

Ainda na década de 1980, havia pelo menos 20 (vinte) indígenas Kokama que ainda tinham razoável grau de proficiência na língua Kokama, mas vários deles já não queriam mais falá-la por esta ser considerada língua do “diabo” pelos pastores das igrejas que frequentavam em Tabatinga. Atualmente são encontrados no Brasil descendentes de aproximadamente 20 (vinte) famílias Kokama, dentre as quais, as famílias Aiambo, Pacaio, Samias, Tibão, Tananta, Kuriki, Panduro, Maniama, Sandoval, Ramires, Peres, Arcanjo, Lopes, as quais, possivelmente, chegaram ao Brasil na mesma época para trabalhar nos seringais do Solimões (CABRAL; VIEGAS, 2009).

Nos seringais onde foram morar, as famílias Kokama ainda falaram por um bom tempo a língua nativa em casa, mas nas demais situações eram obrigadas a falar português, já que não falavam Tikuna, Péba, Kanamarí e Majurúna, que eram as outras línguas encontradas nos seringais da região. Dos vários casamentos realizados nos anos de 1940 entre os Kokama, ou o marido ou a esposa era passivo no conhecimento da língua Kokama, de forma que seus filhos aprenderam apenas palavras soltas relativas a nomes de peixes e de plantas, por exemplo, cujo conhecimento se propagou provavelmente pela semelhança entre o Kokama e o Nhengatu falado até pouco depois da primeira metade do século XX na região. Seu Antônio Samias lembrava muito bem da época em que deixou de falar a língua nativa. Havia inclusive

---

<sup>292</sup> CABRAL, A, S, A, C & VIEGAS, C, W. Reduções lexicais e gramaticais na fala dos últimos falantes nativos do Kokáma no Brasil. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

pressões por parte dos não indígenas com quem se relacionava para que deixasse de falar a língua nativa. A língua Kokama se manteve na lembrança de alguns descendentes Kokama, como foi o caso dos filhos do Sr. Benjamin. Note-se que este Senhor nunca aprendeu a falar Português, mesmo depois de viver por mais de cinquenta anos no Brasil, e seu espanhol era bastante rudimentar. Falava um pouco de Quéchuá, mas era fluente mesmo na sua língua Kokama. Os seus filhos contam que dos 12 anos em diante só falavam Kokama em família e que foram paulatinamente substituindo a língua nativa pelo Português regional dos ribeirinhos do Solimões (CABRAL; VIEGAS, 2009).

Nos registros da linguísta Cabral (dados em áudio, 1988-1996) há relatos que demonstram essa busca pelo fortalecimento linguístico/cultural Kokama. Como, por exemplo, o relato do Sr. Antônio Samias, que descreve a sua ida nos lugares em que estavam os Kokama para falar sobre a importância de se formar comunidades Kokama com o intuito de as pessoas terem ideais comuns e poderem ajudar uns aos outros, o que incluía o reconhecimento de “ser Kokama”.

A contextualização da situação dos Kokama em Manaus é baseada no conteúdo da dissertação<sup>293</sup> de Altaci Corrêa Rubim<sup>294</sup>, a qual explica que um dos impulsos para a migração de algumas famílias Kokama que moravam em aldeias para a capital, Manaus, foi, em 1970, a promessa de emprego difundida pela Zona Franca de Manaus. As famílias residentes do rio Solimões dos municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, Atalaia, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Jutai, Coari e Tefé foram em busca de uma vida melhor (RUBIM, 2011, p.83).

Outro motivo para a migração para a cidade, citado por Rubim (2011, p.12) tem sido a pressão existente nas terras indígenas por mineradoras, madeireiras, grilagens, cujas explorações causam diminuição dos recursos, o que acaba forçando as pessoas a deixarem as suas terras em busca de alternativas.

Rubim (2011, p.80) comenta que em 2005, Sebastião Castilho Gomes, liderança Kokama, migrou da comunidade Sapotal para Manaus, onde buscou encontrar outras pessoas do seu povo com intenção de formar um grupo Kokama para que as pessoas colaborassem umas com as outras. O número de famílias foi crescendo e então receberam um terreno localizado no Ramal do Brasileirinho, cujo nome passou a ser “Comunidade Nova Esperança Kokama”. Local em que vivem 12 famílias Kokama. Nos bairros de Manaus encontram-se 80

---

<sup>293</sup> RUBIM, Altaci Corrêa. *Identidade dos professores indígenas e processo de territorialização*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas-UFAM, 2011.

<sup>294</sup> Altaci Corrêa Rubim é indígena do povo Kokama.

famílias que mantêm relação com a comunidade, visitando o local no final de cada ano em uma grande assembleia (RUBIM, 2011). O processo de revitalização da língua Kokama na comunidade Nova Esperança iniciou-se em 2005, com a escolha do professor indígena Orígenes Corrêa Rubim, por meio de assembleia. Ao completar a sua análise sobre a atitude linguística de membros da comunidade, Rubim, realiza a seguinte reflexão:

Para os Kokama, cuja comunidade se localiza na comunidade Nova Esperança, bairro Puraquequara II, povo que luta por reconhecimento e afirmação de sua identidade, guardar e transmitir a língua, por meio da memória de seus idosos, é o que mais importa. Atualmente, compartilhar o que está na memória dos idosos (língua, narrativas étnicas e rituais) é o desafio maior que o professor Kokama tem na cidade, ao trabalhar na escola e compartilhar conhecimentos com as crianças, jovens e adultos de sua comunidade (RUBIM, 2011, p.9).

Com respeito à cultura na comunidade Nova Esperança, Rubim avança nas reflexões, no que diz respeito ao seu *ethos*:

O povo Kokama é reconhecido por suas comidas típicas, mas tem como “tradição” permanente o ritual de passagem, comemorando batizados, aniversários, “a passagem dos meninos para fase adulta” e “dia dos mortos”. Não se tem notícia de como passaram a ser instituídos tais rituais, mas estão na memória e são praticados em Manaus. Há uma recriação da vida cotidiana da aldeia, que parece apagar a força empiricamente distintiva de campo *versus* cidade ou de urbano *versus* rural (RUBIM, 2011, p.33).

Ocorreu em dezembro de 2012 uma oficina de Língua Kokama na comunidade Nova Esperança, coordenada e ministrada por Altaci Corrêa Rubim. A oficina durou cerca de cinco dias e contou com a presença de três professores de São Paulo de Olivença. Houve participantes de diversas idades.

A língua Kokama foi ensinada também no **Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões**, realizado em Filadélfia, Benjamin Constant-AM, durante os anos de 2006 a 2011, os estudantes, que também eram professores em suas comunidades foram incentivados a realizar pesquisas com os anciãos sobre a língua Kokama e registrar histórias, conhecimentos e representações culturais, por meio de recursos audiovisuais. O resultado disso foram diversas pesquisas escritas e gravadas em áudio, um CD de Músicas Tradicionais (2006), uma série de DVDs audiovisuais **Material de apoio para professores Kokama**, num total, até agora de 3 Volumes (2009, 2010, 2011). Posteriormente, mesmo depois de formados, os professores-pesquisadores continuam a realizar as gravações em vídeo e a realizar as pesquisas.

### 5.2.1 Língua de resistência

Outra forma de denominar essas línguas “ameaçadas de extinção”, além do termo “moribundas”, o qual indica que as línguas irão desaparecer, seria utilizando-se dos termos que indicam que essas línguas podem ser revitalizadas, a saber: “adormecidas”, em “silêncio” (HINTON, 2011e) ou “anêmicas” (RODRIGUES, 2000). Este indica que as línguas estariam carentes de sangue das populações, com um número reduzido de usuários. Freire (2008) observou que a língua Kokama pode ser qualificada como uma língua “anêmica”, visto que algumas crianças têm falado essa língua, indicando assim que ela não irá desaparecer.

Línguas de falantes que foram separados em diversas aldeias de repartição, misturando-se aos falantes de línguas diferentes e ambientes em espaços artificialmente criados podem ser vistas como “anêmicas” (FREIRE, 2003, p. 78). Pode-se dizer que os falantes da língua Kokama passaram por esse processo de separação em que algumas famílias iam trabalhar nos seringais (ambientes artificialmente criados) ou migravam para outras regiões devido a pressões existentes nas terras indígenas, como nos casos referidos por Rubim (2011). O processo de separação e migração, além de tornar a língua Kokama “anêmica”, fez com que ficasse “silenciada”, devido às pressões sofridas nesses ambientes.

No século XVI, os Kokama organizavam-se em “grandes cacicados” onde viviam naturalmente a sua cultura:

[...] os Kokama, parentes dos Omagua, ocupavam a calha central do Alto Solimões e a confluência do rio Amazonas com os rios Napo, Ucayali e Huallaga. No século XVI, organizados em grandes cacicados, eles construíam imponentes malocas, teciam mantas coloridas de algodão e redes de dormir, fabricavam canoas e instrumentos musicais, mantinham currais de tartarugas, torravam farinha, produziam alimentos em abundância, narravam seus mitos, constituindo aquilo que o arqueólogo americano Donald Lathrap denominou de “civilização da mandioca” (FREIRE, 2008)<sup>295</sup>.

No entanto, no período colonial foram dizimados pelos espanhóis e pelos portugueses que também os escravizaram. E como mencionado anteriormente, no período da República, sofreram investidas dos padrões seringalistas<sup>296</sup>. Essas foram algumas das causas

<sup>295</sup> FREIRE, José Ribamar. Aqui começa o Brasil..Diário do Amazonas. Taqui pra ti . 20/01/2008. Disponível em: <http://www.taquiprati.com.br/cronica.php?ident=102>> Acesso em 18 jun. 2014

<sup>296</sup> Freire (2008)

da dispersão<sup>297</sup> dos Kokama pelos centros urbanos e por comunidades, em que os Kokama permaneceram por muito tempo “camuflados”.

Outros, no entanto, resistiram, permanecendo camuflados nas comunidades, disfarçados de cabocos. Ninguém tinha interesse em ser identificado. Para continuar sendo índios, tinham que fingir que não eram. “*A gente tinha muito medo, não ensinava a língua para os filhos, para que não fossem reconhecidos como índios, pois seriam humilhados, castigados e explorados*”, explica Francisco Samias, professor Kokama [...] (FREIRE, 2008).

Dada esta situação de “invisibilidade”, a qual ocorreu também no Peru, Anthony Stocks publicou a obra *Los Nativos Invisibles: Notas sobre la Historia y Realidad Actual de los Cocamilla del Rio Huallaga*<sup>298</sup> que trata da atuação das missões entre os “cocama e cocamilla”, e dentre outros temas, da onomástica entre os indígenas residentes do Peru, em que os cocama e os cocamilla usavam sobrenomes não indígenas para não serem identificados como indígenas, pois assim sofreriam preconceitos.

Nos vales do Amazonas, Marañon e Ucayali, faz-se uma distinção entre apelidos humildes [“sobrenomes humildes”] e apellidos altos [“sobrenomes elevados”] ou apellidos de viracocha [“sobrenomes de branco”] (Stocks 1981:140-141; ver, também, Gow 1991 e Chibnik 1994). Como se dá em todo o mundo hispânico, as pessoas são identificadas por um prenome pessoal, pelo sobrenome do pai do pai e pelo sobrenome do pai da mãe. Assim, os homens transmitem seus sobrenomes paternos continuamente através das gerações, enquanto as mulheres transmitem os seus apenas por uma geração (GOW, 2003)<sup>299</sup>

Segundo Gow (2003), a troca do sobrenome estava vinculada, naquela época, à busca por uma posição social mais elevada e sugere que ao disfarçar a sua identidade os indígenas buscavam sinalizar que tinham “a intenção de abandonar seus laços de parentesco”.

Em contrapartida, os Kokama-Kokamillas do Peru, ao mesmo tempo em que sofriam repressão e por isso tinham que se “camuflar” e, às vezes aderir a outros sobrenomes, vêm buscando desde a década de 1980, assim como os Kokama no Brasil, conexão com suas raízes e histórias, além de investirem em ações para a revitalização da língua e da cultura, como afirma Rosa Vallejos:

<sup>297</sup> Muitos autores abordaram a questão do deslocamento dos Kokama, tais como: Curt Nimuendaju (1944), Rivas (2000), Stocks (1981), entre outros.

<sup>298</sup> STOCKS, Anthony. *Los Nativos Invisibles: Notas sobre la Historia y Realidad Actual de los Cocamilla del Rio Huallaga*. Lima: CAAAP. 1981.

<sup>299</sup> GOW, Peter. “Ex-cocama”: identidades em transformação na Amazônia peruana. *Mana* vol.9 no.1 Rio de Janeiro Apr. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132003000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132003000100004) Acesso em: 20 jun. 2014.

Desde o início de 1980, o Kokama-Kokamillas têm promovido esforços de revitalização da língua, incluindo reuniões anuais com o único propósito de falar sua língua de origem e desenvolver programas de rádio local produzidos em Kokama-Kokamilla. Estas duas atividades foram desenvolvidas com o apoio do Centro de Capacitación Campesina de la Amazonía (CENNCA), Igreja Católica Vicariato-Nauta, Loreto. Outra iniciativa que tem sido importante é a formação de professores do ensino fundamental bilíngüe para ensinar Kokama-Kokamilla como uma segunda língua. Esta iniciativa surgiu dos próprios membros da comunidade organizados no âmbito da associação indígena AIDSESEP nacional (VALLEJOS, 2010, p. 33, tradução nossa)<sup>300</sup>.

No Brasil, devido à busca pelo reconhecimento da identidade étnica junto a FUNAI, por meio do Registro Administrativo de Nascimento do Índio (RANI), os Kokama discutiram em Assembleia Geral sobre a escolha de nomes indígenas. Conforme Almeida e Rubim (2011), noutra reunião os Kokama da comunidade Nova Esperança continuaram as discussões e foram “renomeados” como uma forma de valorizarem a sua autodenominação indígena. Alguns dos nomes próprios escolhidos foram: para mulher *Sisa* ‘flor’ e *Amana* ‘chuva’ e para homem: *Mapa* ‘abelha’ e *Tuan* ‘grande’. Outros membros da comunidade já possuíam nomes indígenas, mas ainda não tinham o registro indígena (ALMEIDA; RUBIM, 2012).

Na Colômbia, Sandra Patricia Rodríguez González realizou pesquisa sociolinguística contendo informações sobre os Kokama em seu artigo *Diagnóstico Sociolingüístico de la zona ribereña del río Amazonas: Ronda, Mocagua y La Libertad*<sup>301</sup>.

Luego de iniciar el trabajo exploratorio en la isla de Ronda se pudo detectar que cierto núcleo «muy secreto» de abuelos era hablante de la lengua cocama. Gracias a la oportuna colaboración del señor Marcial Huaniri se logró obtener una encuesta léxica y gramatical espontánea de la lengua cocama, en la primera salida. La reacción de los demás habitantes de Ronda no se hizo esperar y en la segunda salida de campo el entusiasmo y un cierto nerviosismo por escuchar no sólo a los abuelos sino al investigador pronunciar algunas palabras en cocama, su propia lengua, los emocionó. Hoy esta comunidad proyecta recobrar su lengua y su cultura. Pues la totalidad de los habitantes de Ronda son monolingües em español. En la segunda salida a terreno se logró reunir a tres abuelos con quienes se realizaron varias grabaciones. Se pudo determinar con este grupo um bilingüismo equilibrado

<sup>300</sup>“Since the early 1980s, the Kokama-Kokamillas have promoted language revitalization efforts, including annual meetings with the sole purpose of speaking their heritage language and developing local radio programs produced in Kokama-Kokamilla. These two activities have been developed with support from the Centro de Capacitación Campesina de la Amazonía (CENNCA), Vicariato Catholic Church-Nauta, Loreto. Another important initiative has been the training of bilingual elementary school teachers to teach Kokama-Kokamilla as a second language. This initiative has arisen from the community members themselves organized within the national indigenous association AIDSESEP” (VALLEJOS, 2010, p. 33)

<sup>301</sup>RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Sandra Patricia. *Diagnóstico Sociolingüístico de la zona ribereña del río Amazonas: Ronda, Mocagua y La Libertad*. Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica, Lima. 2000.

en la medida en que ellos podían comunicarse en cocama o en español. Superaron la vergüenza y el miedo y hasta llegaron a afirmar que existen formas de habla distintas según el género; se intentó además que los abuelos recordaran algún mito de origen (RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, 2000, p. 225)

Já em 2002 a questão da reafirmação Kokama vinha sendo discutida por autores. Marcos Antonio Braga de Freitas defendeu sua dissertação com o título “O Povo Kokáma: Um caso de reafirmação de identidade étnica” em que teve contato com os anciãos Kokama da aldeia Acapuri, AM.

O contato com esses velhos Kokáma foi muito rico porque percebi que mesmo sentindo dificuldade de falar sobre a história dos seus antepassados é clara a consciência étnica de pertencimento que eles têm por meio dos laços de parentesco e organização comunitária estabelecida no bairro (FREITAS, 2002, p. 30).

Freitas (2002, p. 37), ao abordar o contexto histórico de reafirmação da identidade étnica dos Kokama, afirma que estes saíram do “silêncio” a partir dos anos de 1980, pois foi a partir daí que os Kokama voltaram a aparecer nos dados demográficos contemporâneos, ficando este período marcado pela “emergência” étnica dos Kokama.

O fato de os Kokama terem sido considerados “extintos” por Darcy Ribeiro em 1957, referia-se à integração desses índios à sociedade nacional e com isso a perda da identidade étnica. No entanto, conforme o contexto histórico dos Kokama no Brasil, contrariamente a essa consideração, os Kokama “usaram de estratégia de reprodução física e cultural e “esconderam” sua identidade no meio de outro povo, os Tikuna” (FREITAS, 2002, p. 38). Conforme Freitas (2002), a identidade étnica dos Kokama se fortaleceu nesse contato com o outro (os Tikuna). O que pode ser visto na política indigenista do Amazonas:

No início dos 80 do século XX “ressurgem” no contexto da política indigenista do Amazonas remanescentes Kokáma que se auto-identificam e reafirmam sua identidade étnica, ou seja, assumem-se como indígenas. Portanto, este é período em que encontramos as primeiras articulações sociais e políticas sobre a indianidade Kokáma (FREITAS, 2002, p.39).

Conforme Freitas (2002) o primeiro movimento por demarcação de Terra Indígena (TI) Kokama foi em 1982 em Tefé. A demarcação de mais TIs Kokama nos anos de 1990 e 2000 pode ser vista como mais uma marca de reafirmação étnica. A TI Guanabara foi a mais



recente TI Kokama com demarcação confirmada<sup>302</sup>. O site dos Povos Indígenas do Brasil do Instituto Socioambiental (ISA)<sup>303</sup> mantêm informações *on-line* acerca das TIs de diversos povos e dentre eles os Kokama. A maioria das TIs Kokama apresenta crescimento demográfico nos últimos anos. Com informações mais detalhadas o *link* <<http://ti.socioambiental.org/>>, vinculado ao site anterior, apresenta dados das seguintes TIs Kokama: Terra Indígena São Domingos do Jacapari e Estação, Prosperidade, Espírito Santo, São Sebastião, Acapuri de Cima, São Gabriel/São Salvador, Ilha do Camaleão, Sururuá, Barro Alto, Sapotal, Santa Cruz da Nova Aliança, Lago do Correio, Guanabara. Os tipos de dados apresentados sobre cada TI, são os seguintes: Povos e demografia, dados territoriais, ambiente, gestão, sobreposições, pressões e ameaças, notícias e comentários.

O uso da língua Kokama vem sendo uma das principais formas de reafirmação étnica dos Kokama. A confirmação do conhecimento de sua língua foi um dos fatores que justificou a demarcação da Terra Indígena Sapotal. Em relatório<sup>304</sup> feito por Ana Suely A. C. Cabral em 1996, foi atribuído aos Kokama serem conhecedores da sua língua nativa.

Para Almeida e Rubim (2012, p.78) “aprender a falar ou ensinar a língua indígena é mais do que afirmar a identidade étnica, é estar politicamente demarcando um espaço social ou reconquistando tal espaço no âmbito do direito, diante da sociedade”.

Nos últimos anos os Kokama sofreram muitos preconceitos, de forma contraditória, por não falarem mais a sua língua, como se isso tivesse sido algo voluntário, tanto por parte dos Tikuna como pelos não indígenas. Como visto anteriormente a estratégia do “silêncio” foi justamente a única forma encontrada para sobreviverem. Mas o uso da língua Kokama em suas diversas formas (oral, textos, áudios, vídeos, etc) tem mostrado como a língua tem sido, para os Kokama uma das referências de identidade étnica e de reconquista.

Recentemente, os Kokama deixaram a sutileza de lado, seguindo o exemplo dos Ticuna com quem conviviam. Iniciaram o processo de etnização em 1986, quando a Funai foi à aldeia Sapotal interrogá-los. “*Nós não somos índios*” – disseram alguns, pensando que podiam ser perseguidos como nos tempos passados. Mas um grupo seguiu Antônio Samias, que declarou: “*Quem quiser ser branco, que seja. Mas eu sou Kokama no céu, na terra e no inferno*”. Para não haver dúvidas, desandou a falar em seu idioma [...] (FREIRE, 2008)

<sup>302</sup>Portaria nº 1.704, de 19 de abril de 2013. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/53391240/dou-secao-1-22-04-2013-pg-35>> Acesso em 20 jun. 2014.

<sup>303</sup>Povos Indígenas do Brasil. Kokama. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Kokama>>

<sup>304</sup>CABRAL, A. S. A. C. Relatório de identificação étnica do Kokama de Sapotal, Sacambú e Jutimã. Brasília: FUNAI, 1996.

A “emergência da identidade coletiva Kokama” (ALMEIDA; RUBIM, 2012) e a “resistência identitária” (ALMEIDA; RUBIM, 2012) relacionam-se aqui à língua de resistência, a língua Kokama, a qual também pode ser considerada uma língua emergente. Aquela que estava silenciada, que passou por um período de resistência perante os fatos repressores externos, os quais causaram a autolimitação que a impedia de vir à superfície da consciência e da memória. Que se encontra ainda em situação de obsolescência, mas com status de língua em processo de fortalecimento, em vias de “afloramento” da memória, de conhecimentos em fluxo, de uso e aprendizagem.

Portanto, considerando as reflexões anteriores, a língua Kokama resistiu junto com o povo Kokama, estabelecendo-se em diversas comunidades. Além de resistir às pressões externas, vem aflorando a cada dia na memória dos falantes e sendo buscada por àqueles que desejam aprendê-la, tanto crianças, como jovens e adultos. Um caso exemplar é o do Sr. Luiz Chota<sup>305</sup>, levantado pelo pesquisador Leonel Magalhães de Souza.

### 5.3 Método de Análise de Atitude e Comportamento Linguístico (MAACL)

A nossa discussão sobre atitude e comportamento linguístico foi elaborada com o intuito de contribuir para as reflexões acerca da busca pelo fortalecimento da língua e da cultura Kokama, por meio de análises que buscaram trazer um diagnóstico relativo da situação da língua Kokama. As etapas de análise que seguimos podem contribuir para a elaboração de outras pesquisas<sup>306</sup>. Por isso, sistematizamos essas etapas no que denominamos de **Método de Análise de Atitude e Comportamento Linguístico (MAACL)**, o qual é composto por: (1) Pesquisa intermediária; (2) Memorial; (3) Pesquisa sociolinguística; (4) Depoimento; (5) trabalho de campo ou atividade extraclasse; (6) Pesquisa sociométrica e (7) Observação no ciberespaço.

Esse método pode ser indicado para avaliações e reflexões colaborativas, envolvendo professores-pesquisadores em cursos de licenciatura intercultural e cursos a distância, comunidades, pessoas das comunidades, lideranças e parceiros. É voltado, principalmente, para línguas e culturas obsoletas que estão se fortalecendo. O método MAACL pode ser usado com vistas a valorizar os autores das pesquisas, buscando ao mesmo tempo, meios de

---

<sup>305</sup> Ver Capítulo 7.

<sup>306</sup> Outra etapa que pode ser incluída no MAACL é a **entrevista via e-mail**, a qual pode ser feita com as pessoas que vêm trabalhando pelo fortalecimento da língua e da cultura. Em 2012, pude realizar uma entrevista com o tema “Fortalecimento da língua e da cultura Kokama” com a Profa. Altaci Corrêa Rubim. Disponível em: <<http://wykakan.wordpress.com/2013/02/26/entrevista-com-altaci-correa-rubim-fortalecimento-da-lingua-e-da-cultura-kokama/>>. Acesso em: 7 ago. 2014.

publicar e compartilhar os materiais decorrentes das etapas. Portanto, é preciso pensar em criar revistas próprias, assim como bibliotecas digitais, acervos, entre outras formas de divulgar essas pesquisas.

Para explicar o MAACL, apresentamos a sua aplicação e desenvolvimento junto aos Kokama (Quadro 12) a seguir.

Quadro 12 - Análise de atitude e comportamento linguístico dos Kokama (2010-2014)

<b>Análise de atitude e comportamento linguístico dos Kokama</b>				
	<b>Tipo</b>	<b>Descrição</b>	<b>Local</b>	<b>Período</b>
1	Pesquisas das etapas intermediárias	Pesquisas realizadas pelos professores-pesquisadores Kokama nas etapas intermediárias do Curso de Licenciatura para professores Indígenas do Alto Solimões.	Comunidades Kokama	2010 e 2011
2	Memoriais dos professores-pesquisadores	Atividade da nona etapa do Curso de Licenciatura para professores Indígenas do Alto Solimões	Curso de Licenciatura para professores Indígenas do Alto Solimões	2010
3	Pesquisas sociolinguísticas	Pesquisas desenvolvidas em parceria com os professores-pesquisadores Kokama: Leonel Magalhães de Souza e Washington Gerôme Macedo.	Comunidade Guanabara II-Benjamin Constant, AM; Comunidade São José – Santo Antônio do Içá, AM	2012
4	Respostas de estudantes Kokama	Primeira atividade da disciplina a distância “Introdução à Língua e à cultura Kokama”.	Ambiente virtual <aprender.unb>	2013
5	Trabalhos de campo <sup>307</sup>	Curso a distância “Introdução à Língua e à cultura Kokama”.	Comunidades Kokama	2014
6	Pesquisa sociométrica	Pesquisa elaborada por Viegas (2014) aplicada aos estudantes do curso a distância “Aprendizagem de língua e cultura Kokama: interação e criação” com o apoio da professora Ligiane Bonifácio, do polo da Universidade Federal do Amazonas	Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant-AM	2014
7	Observação no ciberespaço <sup>308</sup>	Observação da presença da língua Kokama no ciberespaço	Sites, blogues, redes sociais, etc.	2014

Fonte: elaborado pela autora.

Nota: Etapas que deram origem ao Método de Análise de Atitude e Comportamento Linguístico (MAACL).

<sup>307</sup> Ver Capítulo 7.

<sup>308</sup> Ver capítulo 6 e 7.

### 5.3.1 Pesquisas das etapas intermediárias

As pesquisas desenvolvidas pelos professores-pesquisadores, estudantes do **Curso de Licenciatura para Professores do Alto Solimões**, trouxeram contribuições para as reflexões sobre a atitude e o comportamento linguístico dos Kokama. Nestas pesquisas, é importante observar como os entrevistados se colocam em relação à língua Kokama. Pudemos observar que os entrevistados vêm se colocando ativamente no processo de fortalecimento, buscando as suas memórias da língua Kokama para, assim, darem continuidade a esses conhecimentos. As pesquisas geraram registros da língua e da cultura Kokama, possibilitando o desenvolvimento de acervos pelos professores-pesquisadores, juntamente com as comunidades e outros parceiros. Daí a importância do investimento na criação de bibliotecas e museus digitais e físicos para o tratamento, armazenamento e compartilhamento desses registros, conforme as peculiaridades de cada material<sup>309</sup>.

A pesquisa de José Maria Moraes Arcanjo nas comunidades Monte Santo, São Francisco Xavier e São Joaquim, no Município de São Paulo de Olivença-AM e as pesquisas realizadas com a sua mãe Sra. Arzelina Cruz Moraes sobre a língua e a cultura dos Kokama (2010), mostram a importância que é dada pelos Kokama em transmitir os conhecimentos para as próximas gerações, dentre eles a língua, como relata Arcanjo (2010): “A comunidade São Francisco está muito esperançosa no resgate, os jovens tem muita vontade de aprender a língua e estão aguardando a oportunidade de ser trabalhada”<sup>310</sup>. Em visita à comunidade São Joaquim, São Paulo de Olivença-Am, onde entrevistou o falante Sr. Anízio Moraes, Arcanjo procurou saber quantos outros falantes da língua Kokama residem nas comunidades próximas e teve conhecimento dos seguintes: Arquilau e Candido (Comunidade São Joaquim) e o Sr. Felisberto Maurício e a Sra. Raimunda (comunidade Nova Jordânia-SPO). Arcanjo realizou filmagens com os falantes da língua Kokama: Avelina Pereira Arcanjo, Luiz Panduro (Colônia São Sebastião-SPO), Nair Cruz Moraes (Comunidade Vila Nova Jordânia-SPO), José Ari Moraes (comunidade de Santa Maria – SPO), Anízio Moraes e Hilda Moraes (Comunidade São Joaquim-SPO) e com sua mãe Sra. Arzelina Cruz Moraes. Os falantes sentem-se incentivados a relembrar a língua Kokama com a presença do professor-pesquisador que busca aprender. O caso da Sra. Avelina Pereira Arcanjo e do Sr. Luiz Panduro (Colônia São Sebastião-SPO), por exemplo, é interessante, pois são casados e ambos

---

<sup>309</sup> Ver mais informações sobre bibliotecas digitais no capítulo 7.

<sup>310</sup> Ver Trechos do relatório de José Maria Moraes Arcanjo no capítulo 7.

relembra a língua Kokama enquanto o professor-pesquisador Arcanjo faz a entrevista (Fig. 28).

Figura 28 - Sr. Luiz Panduro e Sra. Avelina Pereira Arcanjo (Colônia São Sebastião-SPO). 2010.



Fonte: Pesquisa de José Maria Moraes Arcanjo. Colônia São Sebastião, São Paulo de Olivença, Amazonas, Brasil. 2010.

O cacique Anízio Moraes da Comunidade de São Joaquim, São Paulo de Olivença, Amazonas, desenvolve discursos que vêm sendo apreciados tanto na aprendizagem da língua Kokama, como no registro da cultura imaterial (Fig.29). Esta gravação produzida por Arcanjo foi incluída no DVD Kokama Volume 3<sup>311</sup>.

<sup>311</sup> Ver capítulo 7.

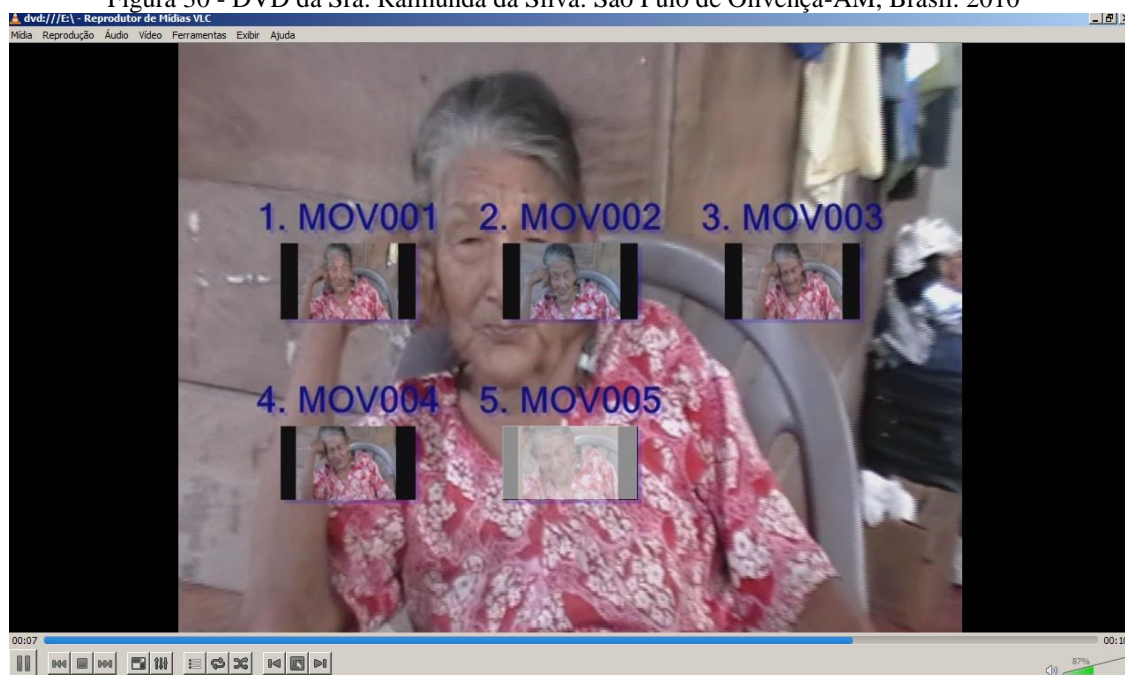
Figura 29 - Cacique Anízio Moraes da Comunidade de São Joaquim-SPO. 2010.



Fonte: Pesquisa de José Maria Moraes Arcanjo. Comunidade de São Joaquim, São Paulo de Olivença, Amazonas, Brasil. 2010.

Leonel Magalhães de Souza realizou gravações em vídeo com os falantes Sr. João Ramos Neto (Santo Antônio do Iça), Sr. Luiz Chota (Santo Antônio do Iça), Sra. Raimunda da Silva (São Paulo de Olivença), Sr. Arquilau e Felisberto Maurício (São Paulo de Olivença) e também registrou em vídeo algumas oficinas da língua Kokama ministradas pelo padre Ronald MacDonell do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). O professor-pesquisador fez a produção de DVDs, o que mostra a sua atitude pró-ativa no processo de aprendizagem e de fortalecimento, como mostrado nas imagens a seguir (Figuras 30, 31 e 32):

Figura 30 - DVD da Sra. Raimunda da Silva. São Pulo de Olivença-AM, Brasil. 2010



Fonte: DVD produzido pelo professor-pesquisador Leonel Magalhães de Souza. São Paulo de Olivença-AM, Brasil. 2010

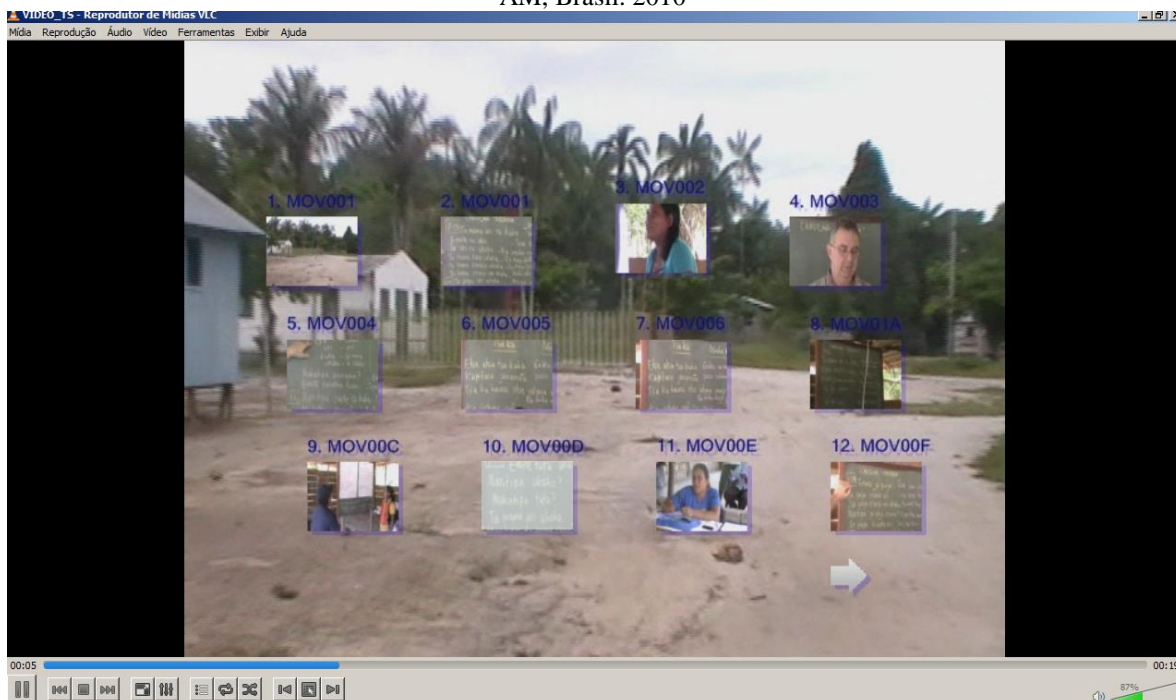
Figura 31 - Palestra do Sr. Arquilau e Felisberto Maurício. São Pulo de Olivença-AM, Brasil. 2010



Fonte: DVD produzido pelo professor-pesquisador Leonel Magalhães de Souza São Paulo de Olivença-AM, Brasil. 2010.



Figura 32 - Aulas de língua Kokama ministradas pelo Padre Ronald MacDonell do CIMI. São Pulo de Olivença-AM, Brasil. 2010



Fonte: DVD produzido pelo professor-pesquisador Leonel Magalhães de Souza. Comunidade Nova Jordânia, São Paulo de Olivença-AM, Brasil. 19, 20, 21/12/2010.

Edimar Ribeiro Ramires realizou entrevista gravada em áudio com a Sra. Angelina Januário Samias, 73 anos, falante da língua Kokama, em Tabatinga, Amazonas, Brasil. O tema da entrevista foi, principalmente, a história e as canções do povo Kokama. A entrevista trata também sobre como as pessoas falavam a língua Kokama no passado e como as crianças e adultos estão aprendendo a língua Kokama. Ramires entrevistou também a Sra. Maria Januário Samias.

### 5.3.2 Memoriais dos professores-pesquisadores

Na penúltima etapa do Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões, propus aos professores-pesquisadores uma atividade em que eles poderiam expressar os seus pontos de vista sobre o curso, assim como refletir sobre a sua história de vida e contato com a língua Kokama. Tratava-se da atividade do Memorial, cujos tópicos podem ser vistos a seguir:

- 1- Identificação pessoal
- 2- Identificação pessoal dos meus pais
- 3- Onde nasceram os meus avós paternos e maternos



- 4- Meu currículo escolar
- 5- Minha vida profissional
- 6- Como fiquei sabendo sobre o curso de Licenciatura
- 7- Como foi a luta para que eu pudesse ingressar no curso
- 8- As dificuldades que eu passo para enfrentar o curso
- 9- A participação da comunidade
- 10- O apoio que eu tenho da minha família
- 11- O contato com a língua Kokama
- 12- A minha experiência no Curso de Licenciatura
- 13- Agradecimentos às pessoas que colaboraram

Os memoriais dos professores-pesquisadores resultantes da atividade trouxeram dados históricos, informações sociolinguísticas sobre a língua Kokama, especificidades do curso, além de reflexões muito aprofundadas sobre a educação e a aprendizagem. Alguns dos professores-pesquisadores tiveram contato com a língua Kokama desde criança, mas por motivos de preconceito, separação de famílias, casamentos interétnicos, mudanças para regiões distantes, não puderam dar continuidade ao aprendizado natural da língua. No entanto, se colocam na posição de já terem mudado esse quadro, estabelecendo-se a reafirmação da língua e da cultura Kokama. Já outros professores-pesquisadores tiveram o contato com a língua Kokama no próprio curso, quando puderam fazer trabalhos de campo, pesquisando com parentes ou conhecidos Kokama.

### 5.3.3 Pesquisas sociolinguísticas

Os diagnósticos sociolinguísticos e culturais das comunidades **Guanabara II**, Benjamin Constant, AM; **São José**, Santo Antônio do Içá, AM foram realizados com vistas à elaboração de planejamentos de ações que possam contribuir para a aprendizagem da língua Kokama. Esses diagnósticos tratam da situação real do conhecimento ou domínio e uso da língua pelos distintos membros das duas comunidades, mas também do sentimento e representação que têm as comunidades com respeito à língua indígena herdada de seus ancestrais.

Para chegarmos a tais diagnósticos elaboramos um formulário, cujo conteúdo inicial foi discutido em sala de aula com os estudantes Kokama do Curso de Licenciatura para professores Indígenas do Alto Solimões. Já com algumas questões, o formulário foi enviado

por *e-mail* para professores, os quais realizaram assessoria acrescentando observações a essas questões. Assim, a cada momento o formulário ia crescendo e tomando forma.

O formulário intitulado *Pesquisa sociolinguística* foi influenciado, principalmente, pelos seguintes trabalhos, documentos e projetos:

- ◆ The Green Book of Language Revitalization in Practice (HINTON; HALE, 2001);
- ◆ Comissão Pró-Índio Do Acre. "Instrumentos Metodológico para Levantamento Sociolinguístico (MAHER, 2007).
- ◆ Projeto Web Indígena: computadores e internet como ferramentas de fortalecimento de línguas e culturas indígenas (Coordenador: Wilmar D'angelis. Em andamento);
- ◆ Dados em áudio coletados junto aos Kokama (CABRAL, 1988-1996);
- ◆ A língua Asuriní do Tocantins: um projeto piloto para a metodologia geral do inventário nacional da diversidade lingüística (Coordenadora: Ana Suelly A. C. Cabral, 2011) INDL/IPHAN;
- ◆ Pesquisas sociolinguísticas entre os Asuriní do Tocantins. Contribuição para o inventário nacional da diversidade linguística (INDL) (AQUINO, 2011);
- ◆ Pesquisa TIC Domicílios e TIC Empresas 2010 (Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil - Comitê Gestor da Internet no Brasil-CGI.br, 2010);
- ◆ Inventário Nacional da Diversidade Linguística -INDL (IPHAN, 2010);
- ◆ Documentos de reivindicações dos Kokama (Organização Geral dos Caciques das Comunidades Indígenas do Povo Kocama-OGCCIPC, 2002).

O desenvolvimento dessa pesquisa sociolinguística buscou contribuir para a formação de professores-pesquisadores<sup>312</sup>, assim como é indicado por Maher (2008), com base no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), documento lançado pelo Ministério da Educação (MEC) em 1998, o qual estabelece:

A preparação do **professor-pesquisador**: todo professor deve desenvolver-se como um potencial pesquisador de vários assuntos de interesse escolar e comunitário, para poder produzir conhecimento em vez de apenas utilizar o

---

<sup>312</sup> O conceito de professor-pesquisador usado aqui é baseado em Maher (2008) e no RCNEI. Esse conceito difere daquele utilizado pela CAPES vinculado à UAB. Cf. Capes professor-pesquisador. Disponível em: <[http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=49:professor-pesquisador&catid=11:conteudo&Itemid=29](http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49:professor-pesquisador&catid=11:conteudo&Itemid=29)> Acesso em: 30 jun. 2014.

conhecimento produzido por outras pessoas, como ocorre mais comumente. Para isso, há que aprender a fazer levantamentos, sistematizar e analisar as informações reunidas, interpretar esses conhecimentos e promover a pesquisa como processo de ensino e aprendizagem na escola (RCNEI, 1998, p. 81).

Os professores-pesquisadores que realizaram a pesquisa nas duas comunidades faziam parte, também, do projeto **Rede de Estudos, Pesquisas e Formação de Professores Pesquisadores em Lingüística e Educação Escolar Indígena** (Projeto nº 005 do Observatório da Educação Escolar indígena, Edital nº 01/2009/ CAPES/SECAD/INEP), coordenado pela Profa. Ana Suelly A. C. Cabral. Para preencher o formulário realizaram visitas à escola da comunidade, aos órgãos responsáveis pelos dados populacionais, e também reuniões para discussão dos temas sobre revitalização da língua Kokama com lideranças, professores, falantes, lembrantes, aprendizes e famílias da comunidade.

A organização dos dados foi feita utilizando-se o **Formulário on-line** do *Google.docs*, o qual permite convidar colaboradores e editar as perguntas e respostas quando for necessário atualização<sup>313</sup>.


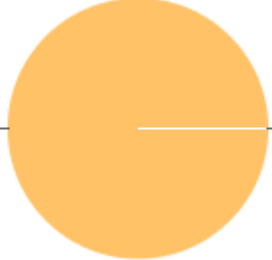
### 5.3.3.1 Pesquisa na comunidade São José, Santo Antônio do Içá, Amazonas

Segue o resumo (Quadro 13) da pesquisa aplicada pelo professor-pesquisador Leonel Magalhães de Souza na comunidade **São José** em Santo Antônio do Içá, Amazonas, Brasil, no ano de 2012.

---

<sup>313</sup> Para visualizar o formulário completo e com atualizações, Cf. o Apêndice-A: Pesquisa Sociolinguística. Método de Análise de Atitude e Comportamento Linguístico (MAACL). Org.: Chandra W. Viegas. Brasília. 2014.

Quadro 13 - Pesquisa sociolinguística na comunidade São José, Santo Antônio do Içá-AM. 2012.

Dados do pesquisador		
<b>Nome do pesquisador</b>		
Leonel Magalhães de Souza		
<b>Idade</b>		
46		
<b>Sexo</b>		
Masculino		
Feminino		
Masculino	<b>1</b>	100%
Feminino	<b>0</b>	0%
<b>Formação</b>		
Educação Supe [1]		
Ensino Fundam [0]		
Ensino Médio [0]		
Pós-graduação [0]		
Outros [0]		
Ensino Fundamental	<b>0</b>	0%
Ensino Médio	<b>0</b>	0%
Educação Superior	<b>1</b>	100%
Pós-graduação	<b>0</b>	0%
Outros	<b>0</b>	0%
Dados gerais da comunidade		
<b>Nome da comunidade</b>		
São José		

**Município**

Santo Antônio do Içá

**Rio**

Solimões

**Povos indígenas que vivem na comunidade**

Kokama

**Terra Indígena (T.I.)****Situação de demarcação da Terra Indígena - T.I.****Cacique**

Ilário Pinto Pereira

**Data da pesquisa**

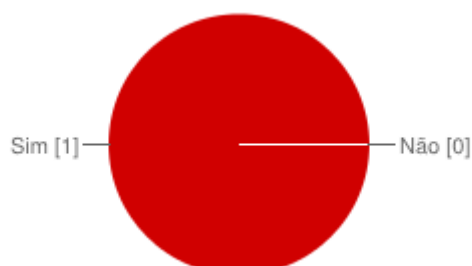
ago de 2012 | 1

**População da comunidade****NÚMERO TOTAL DE PESSOAS**

944

**NÚMERO DE FAMÍLIAS**

181 (138 casas) Fonte: SIASI

**Dados sobre a aprendizagem da língua Kokama na comunidade****Tem aprendizagem da língua Kokama na comunidade?**

Sim **1** 100%

Não **0** 0%

#### A aprendizagem da língua Kokama é?



na escola **1** 100%

em outro ambiente **0** 0%

#### Escreva os lugares onde ocorrem as aulas ou eventos

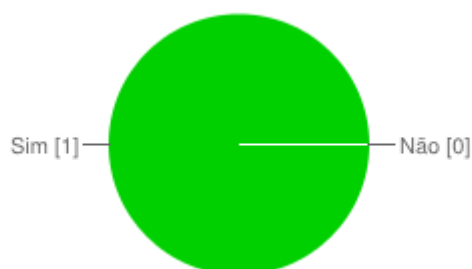
Escola Municipal Indígena Maria Pinto Pereira

#### Descreva como é feita essa aprendizagem da língua Kokama nesses ambientes

Todos os professores da escola dão uma aula por semana de língua Kokama, desde o Jardim I até o EJA (Educação de jovens e adultos), durante 45 minutos de aula. A quantidade de alunos é de 550. A idade mínima é de 4 anos e a máxima é de 40 anos.

#### A comunidade tem algum material ou estratégia de revitalização da língua e da cultura Kokama?

#### Tem professor de língua Kokama na comunidade?



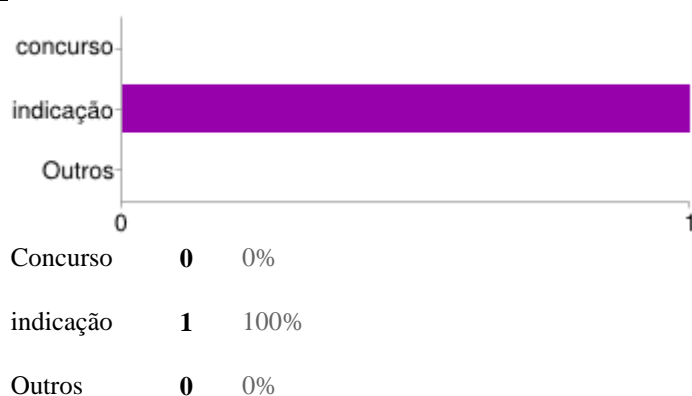
Sim **1** 100%

Não **0** 0%

#### Tem quantos professores de língua Kokama na comunidade?

18

#### Como é escolhido o professor de língua Kokama na comunidade?



**Se há aulas de língua Kokama na comunidade, preencha abaixo quantos alunos assistem às aulas, de acordo com as suas idades.**

#### **NÚMERO TOTAL DE ESTUDANTES**

550 alunos

**Descreva outras formas de aprendizagem da língua Kokama que a comunidade gostaria de ter fora da escola**

Através de serviço de alto falante (Boca-de-ferro), reunião com os falantes e lembrantes para praticar a língua, com a presença dos interessados nas reuniões, ouvindo as conversas.

**Dados sobre os falantes, os lembrantes, os entendentos e os aprendizes da língua Kokama da comunidade:**

#### **Falantes**

**Escreva os nomes completos dos falantes, as idades e o sexos**

Luiz Chota, João Ramos Neto, Cristovão Calvocante Pereira, Elclides Chunha (possuem mais de 60 anos)

**Quantidade total de falantes**

4

#### **Lembrantes**

**Escreva os nomes completos dos lembrantes, as idades e o sexos**

Guilherme Pereira, Emílio Pereira, Claudina Moraes, Edithe Pereira, Claudina Pinto (possuem mais de 60 anos)

**Quantidade total de lembrantes**

5

#### **Entendentos**

**Escreva os nomes completos dos entendedentes, as idades e o sexos**

não há

**Quantidade total de entendedentes**

0

**Aprendizes****Escreva os nomes completos dos aprendizes, as idades e o sexos**

José Francisco Seabra, Fatiane Nascimento Januário, Lázaro Maricaua Pereira, Eliel Pereira Marinho, Erivaldo Santos da Silva, Edson Carvalho Januário, Eunice Pereira Chota, Maria do Socorro Alves da Silva, Janete Garcia Gonçalves, Ademar Pereira Lopes, Cleonilde da Silva Aparício, Maria Inês Arcanjo Pinto, Vanuza de Souza Maricaua, Marcia Araújo Maricaua, Valdely Menezes Maricaua, Maria Joselina de Almeida, Antônio Januário Pinto, Maria Zenilde Pereira Rubem, Maria do Socorro Alves Pereira, Leonel Magalhães de Souza.

**Quantidade total de aprendizes**

21

**Atitude linguística da comunidade****Qual papel vocês gostariam que a língua Kokama assumisse na comunidade?**

O papel da comunicação cotidiana entre a população da comunidade.

**Por que é importante, para vocês, usar a língua Kokama na comunidade?**

O verdadeiro interesse é a perda de timidez em relação ao aprendizado da língua. O interesse maciço em busca do aprendizado da língua.

**Quais aspectos dos seus modos de vida vocês gostariam de mudar?**

Ainda não há perspectiva de mudança de vida, a não ser mais oportunidade para o estudo na comunidade, como ensino médio e bolsa para faculdade.

**Marque qual (ou quais) a atitude linguística da comunidade em direção à revitalização linguística da língua Kokama?**

- |   |          |      |
|---|----------|------|
| a) Produzir programas e materiais de aprendizagem de língua sem visar uma fluência completa ou restabelecimento da língua como principal língua de comunicação. | <b>1</b> | 100% |
| b) Serem fluentes na língua usando-a no dia-a-dia.  | <b>0</b> | 0%   |

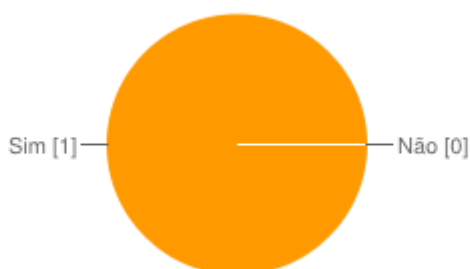


c) Querem se tornar bilíngues (falar português e Kokama)	<b>0</b>	0%
d) Querem aprender a língua por curiosidade?	<b>0</b>	0%
e) Têm medo de errar quando querem falar a língua?	<b>0</b>	0%

### Explique por que escolheram as alternativas

A questão (a) devido que os adultos pouco se interessam pela língua e os alunos que estudam na escola da comunidade até o quinto ano, no sexto ano está na escola do branco e não estuda mais a língua. O objetivo é aprender a língua para preservar a identidade.

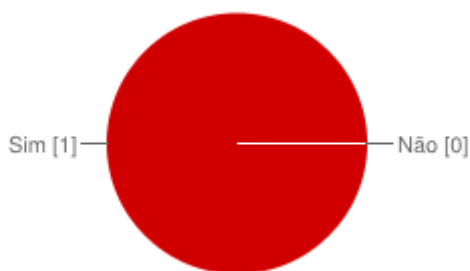
### As pessoas da comunidade gostariam de visitar outras comunidades Kokama para participar de eventos de língua e cultura Kokama?



Sim **1** 100%

Não **0** 0%

### A comunidade gostaria de ter um Centro de Documentação da língua e da cultura Kokama (Museu Casa de Tradição Kokama), com livros, CDs, DVDs, fotos, entre outros?



Sim **1** 100%

Não **0** 0%

### Escreva na língua Kokama uma frase que represente a sua comunidade.

Ta kymyra, ta txira, 'Minha língua, meu nome'.

### Escreva uma mensagem na língua Kokama que a comunidade deseja passar para outras comunidades ou outras pessoas de fora.

Tapyio e wepi mai. Apytse umikana maña. Ajukaka, para japetxika ra kakyry ritamaka. 'Índio é um ser humano.'

Mas é visto como irracional, no entanto irracional é só a luta, para conquistar seu espaço na sociedade'.

### Observações do pesquisador

#### Professor-Pesquisador descreva outras discussões que ocorreram na comunidade ou que você observou.

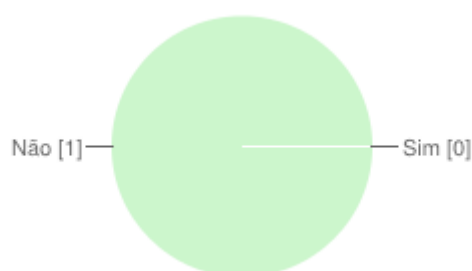
Em relação à língua já deu um passo muito grande na comunidade de São José. Pena que se percebe que o aprendizado ou uso da mesma ainda está muito longe daquilo que queremos. Os alunos estudam a língua só até o quinto ano, ao sexto vão para a escola do branco. A população da comunidade não tem nenhum atrativo para juntos falar e ouvir a língua. Como vivemos perto da cidade, as pessoas sempre estão ocupadas nos seus afazeres. Para um andamento mais rápido, teríamos que fazer atrativos, doar merenda, passar vídeos, fazer brincadeiras, onde a comunidade se sentisse a vontade sem se preocupar com sua casa naquele dia, ou seja, prender a atenção da comunidade presente, com participação da mesma em todo evento realizado, com a presença da língua. Neste dia os participantes não fariam comida em casa, estariam exclusivo para aquele fim, contato ou prática da língua.

#### Inclusão digital pró-ativa das comunidades Kokama e da língua Kokama

##### Onde há computadores na comunidade?

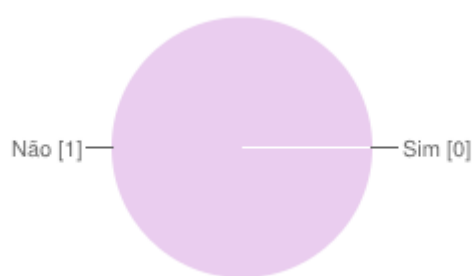
Residências	0	0%
Escolas	1	100%
órgãos públicos	0	0%
Lanhou-se	0	0%
Outros	0	0%

##### Há acesso à internet na comunidade?



Sim	0	0%
Não	1	100%

##### Existem empresas que oferecem serviço de internet na comunidade?



Sim	<b>0</b>	0%
Não	<b>1</b>	100%

#### A comunidade gostaria de ter cursos de:

Informática	<b>1</b>	33%
Fotografia	<b>1</b>	33%
Filmagem	<b>1</b>	33%
Outros	<b>0</b>	0%

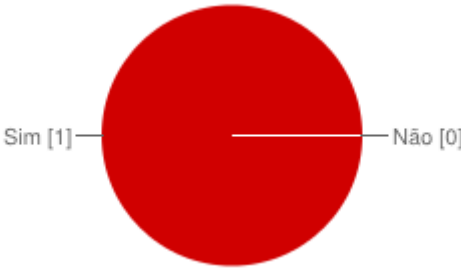
#### Pesquisa cultural

#### Marque abaixo os costumes que os Kokama gostariam de compartilhar com outras comunidades

Reuniões na comunidade com pessoas de fora também presentes	<b>1</b>	6%
Festas tradicionais na comunidade	<b>1</b>	6%
Cerimônias religiosas tradicionais	<b>1</b>	6%
Cerimônias de cura / rezas	<b>1</b>	6%
Cerimônias católicas / cultos evangélicos na aldeia	<b>1</b>	6%
Velório / ritos fúnebres	<b>0</b>	0%
Culinária (ingredientes usados e receitas)	<b>1</b>	6%
Confecção de Artesanato	<b>1</b>	6%
Roçado	<b>1</b>	6%
Pescaria	<b>1</b>	6%
Caçada	<b>1</b>	6%
Brincadeiras infantis, banho no rio	<b>1</b>	6%

Jogo de futebol na aldeia	<b>1</b>	6%
Viagens de barco	<b>1</b>	6%
Situações de compra e venda na aldeia entre “parentes”	<b>1</b>	6%
Namoro e casamento	<b>0</b>	0%
Danças	<b>1</b>	6%
Pinturas	<b>1</b>	6%
Arte	<b>0</b>	0%
Músicas	<b>1</b>	6%
Remédios (plantas medicinais)	<b>1</b>	6%
Outros	<b>0</b>	0%

**Tem festas tradicionais Kokama na comunidade?**



Sim	<b>1</b>	100%
Não	<b>0</b>	0%

**Escreva os nomes das festas, uma breve descrição e em que data ocorrem?**

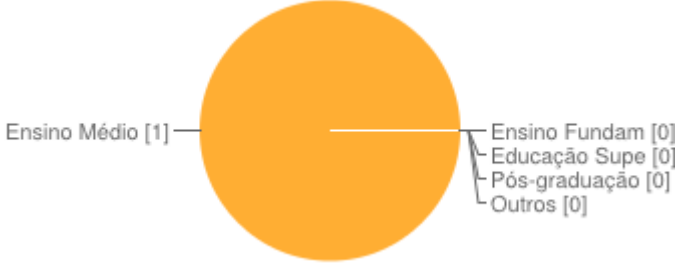
Ultimamente a comunidade junto com a escola, só realizam brincadeiras como: dança, assado de peixe e frango, venda de artesanato, jogo de futebol no Dia do Índio. Fora essa data, só dia de São José, a realização de arraial que dura 9 dias, durante esses dias são apresentadas danças dos moradores da comunidade e também apresentações da cidade. Durante os dias de arraial todos eles são recheados com danças, venda de comidas, bingos e palhaçadas. Fora essas duas datas, a comunidade fica parada, mas muito em breve criaremos outras datas para se comemorar. Agora na comunidade ainda há o ajuri, a pesca, o esporte, as reuniões e a reza.

Fonte: organizado pela autora. Aplicação da Pesquisa Sociolinguística: Leonel Magalhães de Souza. 2012.

### 5.3.3.2 Pesquisa em Guanabara II, Benjamin Constant-AM

Segue o resumo (Quadro 14) da pesquisa aplicada pelo professor-pesquisador Washington Gerôme Macedo na comunidade Guanabara II em Benjamin Constant, Amazonas, Brasil, no ano de 2012.

Quadro 14 - Pesquisa sociolinguística na comunidade Guanabara II, Benjamin Constant-AM. 2012.

<b>Dados do pesquisador</b>		
<b>Nome do pesquisador</b>		
Washington Gerôme Macedo		
<b>Nome indígena</b>		
<b>Idade</b>		
35 anos		
<b>Sexo</b>		
Masculino	<b>1</b>	100%
Feminino	<b>0</b>	0%
<b>Formação</b>		
 <p>A pie chart with a single orange slice representing 100% of the data. A line connects this slice to the label 'Ensino Médio [1]'. On the right side, a bracket groups four labels: 'Ensino Fundam [0]', 'Educação Supe [0]', 'Pós-graduação [0]', and 'Outros [0]', indicating they all represent 0% of the data.</p>		
Ensino Fundamental	<b>0</b>	0%
Ensino Médio	<b>1</b>	100%
Educação Superior	<b>0</b>	0%
Pós-graduação	<b>0</b>	0%
Outros	<b>0</b>	0%
<b>Dados gerais da comunidade</b>		
<b>Nome da comunidade</b>		
Comunidade Indígena Kokama Guanabara II		

**Município**

Benjamin Constant/AM-Brasil

**Rio**

Solimões

**Povos indígenas que vivem na comunidade**

Kokama, Katukina, Kambeba, Ticuna e Maioruna

**Terra Indígena (T.I.)**

Guanabara

**Situação de demarcação da Terra Indígena - T.I.**

A terra indígena Kokama Guanabara está em processo de demarcação definitivo pela FUNAI.

**Cacique**

Fidel Cahuasa Mapiama

**Data da pesquisa**

set de 2012 | 9

**População da comunidade****Faixa de idade 0 a 12 anos masculino**

103

**Faixa de idade 0 a 12 anos feminino**

79

**Faixa de idade 13 a 30 anos masculino**

77

**Faixa de idade 13 a 30 anos feminino**

65

**Faixa de idade 31 a 45 anos masculino**

10

**Faixa de idade 31 a 45 anos feminino**

9

**Faixa de idade 46 a 60 anos masculino**

19

**Faixa de idade 46 a 60 anos feminino**

14

**Faixa de idade: Mais de 60 anos masculino**

9

**Faixa de idade: Mais de 60 anos feminino**

5

**NÚMERO TOTAL DE PESSOAS**

390

**NÚMERO DE FAMÍLIAS**

65

**Alfabetização em português na comunidade****Faixa de idade: 0 a 12 anos masculino**

30

**Faixa de idade: 0 a 12 anos feminino**

25

**Faixa de idade: 13 a 30 anos masculino**

60

**Faixa de idade: 13 a 30 anos feminino**

60

**Faixa de idade: 31 a 45 anos masculino**

40

**Faixa de idade: 31 a 45 anos feminino**

55

**Faixa de idade: 46 a 60 anos masculino**

30

**Faixa de idade: 46 a 60 anos feminino**

20

**Faixa de idade: Mais de 60 anos masculino**

15

**Faixa de idade: Mais de 60 anos feminino**

12

**NÚMERO TOTAL DE PESSOAS ALFABETIZADAS EM PORTUGUÊS**

347

**PRÁTICAS DE LEITURA NA COMUNIDADE****Práticas de leitura na comunidade**

Cartas e bilhetes	<b>1</b>	11%
Jornais e revistas	<b>0</b>	0%
Cartazes, avisos	<b>1</b>	11%
Materiais religiosos (Bíblia, panfletos, hinários, orações / rezas)	<b>1</b>	11%
Histórias, mitos	<b>0</b>	0%
Anotações pessoais (caderno)	<b>1</b>	11%
Relatórios (de viagem, de reuniões, etc...)	<b>1</b>	11%
Atas de reuniões	<b>1</b>	11%
Notícias	<b>0</b>	0%



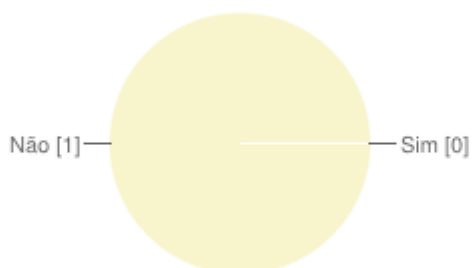
Tarefas escolares	<b>1</b>	11%
Letras de música	<b>1</b>	11%
Livros diversos	<b>0</b>	0%
Outros	<b>1</b>	11%

#### Qual é o nível de letramento na comunidade?

Para o povo Kokama da comunidade indígena Guanabara mukuika a leitura e a escrita foi muito importante na vida das pessoas da aldeia. Dando assim, a oportunidade para eles melhores informações sobre os seus direitos. Saindo também do analfabetismo, onde quase todos os Kokama maiores de 8 anos sabem ler e escrever. Melhorando a vida da população indígena que aqui vive.

#### Dados sobre a aprendizagem da língua Kokama na comunidade

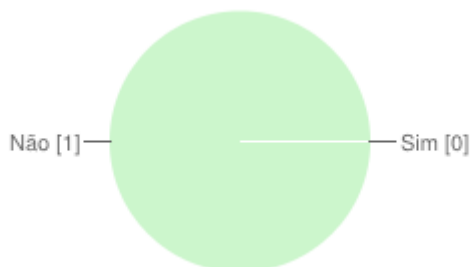
##### Tem aprendizagem da língua Kokama na comunidade?



Sim **0** 0%

Não **1** 100%

##### Tem professor de língua Kokama na comunidade?



Sim **0** 0%

Não **1** 100%

##### Tem quantos professores de língua Kokama na comunidade?

Tem o prof. Osias Aicate Aiambo que possui a formação para ser prof. de língua Kokama, mas ainda não é contratado para este fim (acrécimo de dado do relatório)

**Descreva outras formas de aprendizagem da língua Kokama que a comunidade gostaria de ter fora da escola**

No momento não temos ensino da língua Kokama na escola, nem na comunidade. Mas todos querem aprender a falar a língua Kokama. É o sonho de todos. Eles querem falar no dia a dia. Nas conversas, nas brincadeiras, enfim. No dia a dia das pessoas, e ter professor de língua Kokama na comunidade o mais urgente possível para não perderem de vez esta herança tão importante . Ter pessoas que o incentivam.

**Dados sobre os falantes, os lembrantes, os entendedentes e os aprendizes da língua Kokama da comunidade:**

**Falantes**

**Escreva os nomes completos dos falantes, as idades e o sexos**

Não há

**Quantidade total de falantes**

0

**Lembrantes**

**Escreva os nomes completos dos lembrantes, as idades e o sexos**

Gezuino Moçambite Rurino, 76 anos, masculino/ Carmem Aicate Amia, 65 anos, feminino/ Angélica Nuani Curitima, 76 anos, feminino/ Sildo de Souza Cruz, 75 anos, masculino.

**Quantidade total de lembrantes**

4

**Entendedentes**

**Escreva os nomes completos dos entendedentes, as idades e o sexos**

Não há.

**Quantidade total de entendedentes**

0

**Aprendizes**

**Escreva os nomes completos dos aprendizes, as idades e o sexos**

Claudemir de Souza Moreira, 36 anos, masculino/ José, 27 anos, masculino/ Whashington Gerome Macedo, 35

anos, masculino.

### Quantidade total de aprendizes

3

### Atitude linguística da comunidade

#### Qual papel vocês gostariam que a língua Kokama assumisse na comunidade?

Em que todos os Kokama da comunidade entendessem e falassem a sua língua materna.

#### Por que é importante, para vocês, usar a língua Kokama na comunidade?

Para assumir de vez por toda a identidade e assim acabar com o preconceito que falam que não somos mais índios por não falarem mais a língua Kokama.

#### Quais contribuições vocês gostariam que fossem feitas pela comunidade com respeito à língua Kokama?

Então, eles gostariam que os governos, as instituições e outros órgãos, que analisassem esta situação. E que os órgãos competentes apoiassem o nosso resgate. Dando oportunidade de trazer de volta uma parte da cultura que tanto querem e que tanto sonham. - Identificando as escolas, como escolas indígenas. -Fazer um projeto específico para a recuperação da língua com os conhecedores da língua Kokama.

#### Quais os aspectos mais importantes dos seus modos de vida vocês gostariam que continuassem?

Como já falaram. Eles gostariam que continuasse em primeiro momento a língua. Depois os outros aspectos da cultura, como: danças, festas, pintura e outros, que tanto querem ter de volta.

#### Quais aspectos dos seus modos de vida vocês gostariam de mudar?

Olha, os Kokama da comunidade não conseguiram entender muito bem essa pergunta. Mas sugeriram o seguinte: Ter melhores condições de vida para todos os Kokama da comunidade. Com condições financeiras economicamente. Com estudos para crianças e jovens. Com escola com qualidade. Saúde para todos e direitos iguais.

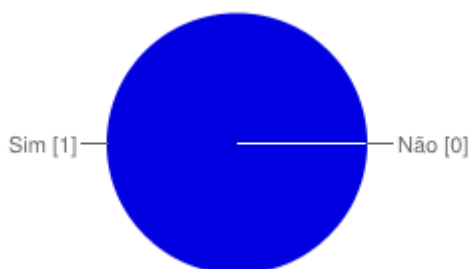
#### Marque qual (ou quais) a atitude linguística da comunidade em direção à revitalização linguística da língua Kokama?

- |   |   |     |
|---|---|-----|
| a) Produzir programas e materiais de aprendizagem de língua sem visar uma fluência completa ou restabelecimento da língua como principal língua de comunicação. | 1 | 33% |
| b) Serem fluentes na língua usando-a no dia-a-dia.  | 1 | 33% |
| c) Querem se tornar bilíngues (falar português e Kokama)  | 1 | 33% |
| d) Querem aprender a língua por curiosidade?  | 0 | 0%  |
| e) Têm medo de errar quando querem falar a língua?  | 0 | 0%  |

### Explique por que escolheram as alternativas

O povo Kokama da comunidade indígena Guanabara Mukuika, escolheram as três primeiras alternativas por estarem devidamente correspondendo as suas expectativas quanto a revitalização da língua Kokama.

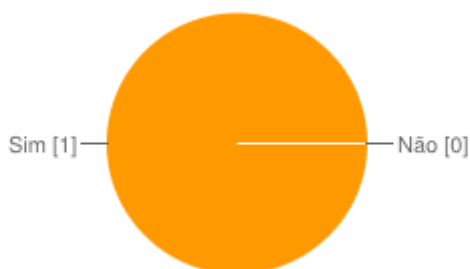
**As pessoas da comunidade gostariam de visitar outras comunidades Kokama para participar de eventos de língua e cultura Kokama?**



Sim **1** 100%

Não **0** 0%

**A comunidade gostaria de ter um Centro de Documentação da língua e da cultura Kokama (Museu Casa de Tradição Kokama), com livros, CDs, DVDs, fotos, entre outros?**



Sim **1** 100%

Não **0** 0%

**Escreva na língua Kokama uma frase que represente a sua comunidade.**

Ta tujuka Guanabara Mukuika. 'Minha terra Guanabara II'

**Escreva uma mensagem na língua Kokama que a comunidade deseja passar para outras comunidades ou outras pessoas de fora.**

Uriakate Guanabara mukuika. Epe kana muki. 'Bem vindo a Guanabara II. Com todos vocês'

### Observações do pesquisador

#### Professor-Pesquisador descreva outras discussões que ocorreram na comunidade ou que você observou.

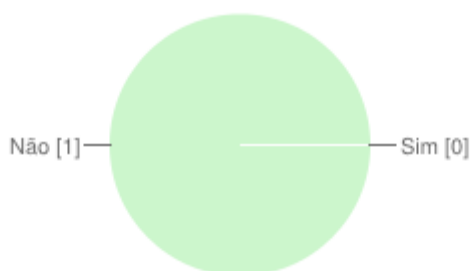
Então, durante toda a pesquisa na Aldeia Indígena Kokama Guanabara mukuika, houve um grande interesse todos querem a recuperação e valorização da língua e cultura como um todo. Os Kokama da Aldeia pensavam que os dias que eu estava pesquisando, eles achavam que ia ter aulas de língua Kokama. E logo eu informava dizendo que não era aula, era apenas uma pesquisa para a rede kokama. E que todas estas informações eram de extrema importância para todos nós. Mas, eles continuavam querendo que eu desse aulas de língua Kokama, como mostra algumas fotos eu reunido com eles. Houve também um pequeno impasse logo no primeiro momento da pesquisa com os professores que lecionam na aldeia. Enquanto isso toda a comunidade estava a par da situação todos sabiam que era eu que estava fazendo este trabalho. E eles não são indígenas, por isso que gerou um certo impasse, mas logo todos entenderam e tudo ocorreu bem.

#### Inclusão digital pró-ativa das comunidades Kokama e da língua Kokama

##### Onde há computadores na comunidade?

Ainda não há respostas para esta pergunta.

##### Há acesso à internet na comunidade?



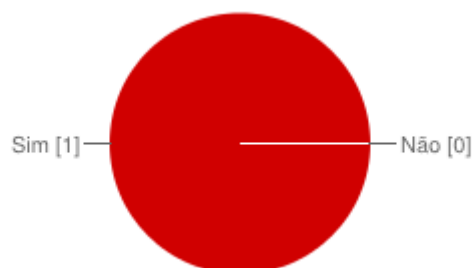
Sim **0** 0%

Não **1** 100%

##### Quais operadoras de celular operam na comunidade?

vivo

##### Tem energia elétrica na comunidade?



Sim **1** 100%

Não **0** 0%

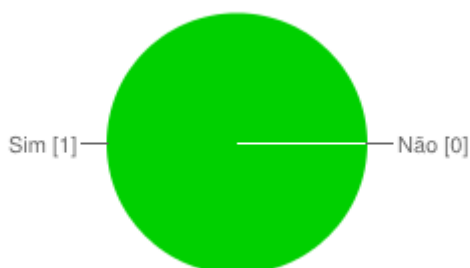
**Qual é a forma de energia?**



Gerador **0** 0%

Iluminação pública **1** 100%

**A comunidade gostaria de ver a língua Kokama sendo usada nos computadores e em páginas da internet?**



Sim **1** 100%

Não **0** 0%

**Escreva um pouco sobre a presença da língua Kokama nos computadores e na internet.**

Só assim, os Kokama teriam um incentivo a mais para com sua linguagem. Dando oportunidades para os nossos jovens e crianças estarem mais próximos de sua cultura. principalmente hoje onde a tecnologia aumenta e avança a cada dia. E nós indígenas temos por obrigações estar muito mais perto destas informações. E isso será de extrema importância para nós.

**Em quais outros ambientes a comunidade gostaria de ver e praticar a língua Kokama?**

Livros **1** 14%

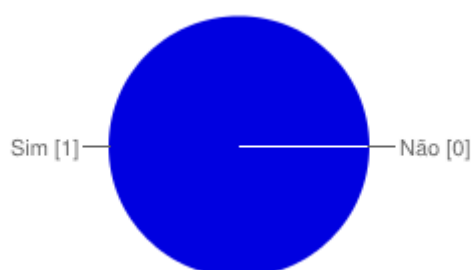
em casa **1** 14%

Escolas **1** 14%

placas de sinalização **1** 14%

DVDs	<b>1</b>	14%
estabelecimentos governamentais e não-governamentais	<b>0</b>	0%
Celular	<b>0</b>	0%
Rádio	<b>1</b>	14%
Outros	<b>1</b>	14%

**A comunidade gostaria de ter um Programa de rádio comunitária para ouvir música e informações na língua Kokama?**



Sim **1** 100%

Não **0** 0%

**A comunidade gostaria de ter cursos de:**

Informática	<b>1</b>	33%
Fotografia	<b>1</b>	33%
Filmagem	<b>1</b>	33%
Outros	<b>0</b>	0%

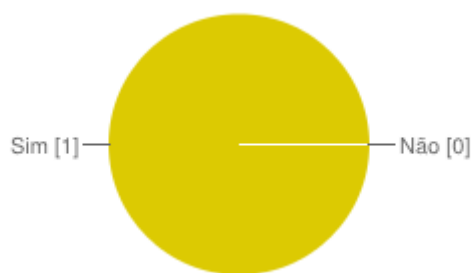
### **Pesquisa cultural**

**Marque abaixo os costumes que os Kokama gostariam de compartilhar com outras comunidades**

Reuniões na comunidade com pessoas de fora também presentes	<b>1</b>	7%
Festas tradicionais na comunidade	<b>0</b>	0%

Cerimônias religiosas tradicionais	<b>0</b>	0%
Cerimônias de cura / rezas	<b>1</b>	7%
Cerimônias católicas / cultos evangélicos na aldeia	<b>0</b>	0%
Velório / ritos fúnebres	<b>0</b>	0%
Culinária (ingredientes usados e receitas)	<b>1</b>	7%
Confecção de Artesanato	<b>1</b>	7%
Roçado	<b>1</b>	7%
Pescaria	<b>1</b>	7%
Caçada	<b>1</b>	7%
Brincadeiras infantis, banho no rio	<b>1</b>	7%
Jogo de futebol na aldeia	<b>1</b>	7%
Viagens de barco	<b>1</b>	7%
Situações de compra e venda na aldeia entre “parentes”	<b>1</b>	7%
Namoro e casamento	<b>1</b>	7%
Danças	<b>0</b>	0%
Pinturas	<b>1</b>	7%
Arte	<b>0</b>	0%
Músicas	<b>1</b>	7%
Remédios (plantas medicinais)	<b>1</b>	7%
Outros	<b>0</b>	0%
<b>Os Kokama costumam contar os mitos (histórias) na comunidade?</b>		





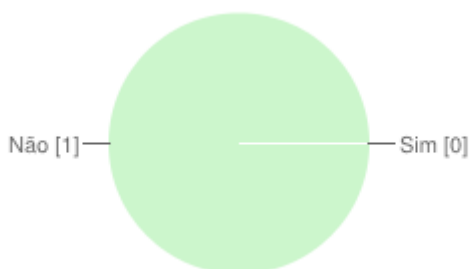
Sim **1** 100%

Não **0** 0%

#### Em quais momentos? Quais são os mitos?

Os mais velhos da comunidade contam as histórias Kokama em suas próprias residências - nas suas casas. Isso, só os mais velhos que lembram de algumas coisa de antigamente.

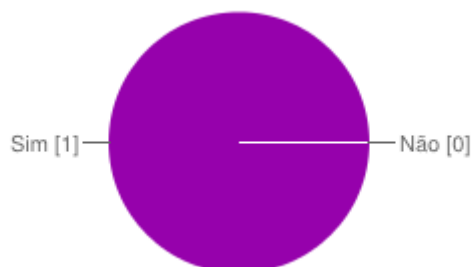
#### Tem festas tradicionais Kokama na comunidade?



Sim **0** 0%

Não **1** 100%

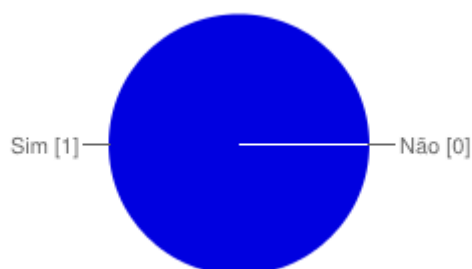
#### A comunidade gostaria de ter projeto de extração de óleo de Andiroba, de Copaíba, mel de abelha e outras alternativas viáveis na região?



Sim **1** 100%

Não **0** 0%

**A comunidade gostaria de desenvolver turismo para visitantes em sua terra?**



Sim **1** 100%

Não **0** 0%

**Escreva um pouco como seria este turismo.**

O turismo em nossa terra deveria ser o seguinte: Como a terra não tem grande extensão fundiária, então seria a melhor maneira os dois igarapés que divide a terra Kokama. Por isso os dois igarapés seriam a melhor opção turística em nosso território.

**As pessoas da comunidade cantam músicas Kokama?**



Sim **1** 100%

Não **0** 0%

**Quais instrumentos musicais são usados?**

Tambor, maracá e flauta.

**Quais são as comidas tradicionais Kokama mais comuns na comunidade?**

Mujica de peixe assado e cozido, pupeca, peixe assado moquiado, farinha de banana e macaxeira, pupunha, batata, cará e fruta pão, caiçuma e chicha .

**Quais os peixes mais comuns na comunidade?**

Bacú, pirabotão, pacu, cuiucuiu, sardinha, arenga, piau, peixe cachorro, mandi, curimatã, bodó.

**Quais religiões atuam na comunidade?**

Cruzada (Irmandade de Santa Cruz - Fundada pelo irmão José)

Fonte: organizado pela autora. Aplicação da Pesquisa Sociolinguística: Washington Gerôme Macedo. 2012.

**5.3.3.2.1 Reflexões sobre a pesquisa sociolinguística**

Considerando o levantamento feito pelos professores-pesquisadores e as suas respostas dadas aos formulários, pudemos observar que há valorização da identidade indígena Kokama. Os Kokama desejam preservar a sua língua e identidade para que essa herança não seja perdida. Na primeira comunidade, São José, já foi dado um passo com o ensino-aprendizagem da língua Kokama na escola, tendo 18 professores e 550 estudantes envolvidos, mas faltam ainda atrativos para reunir pessoas para praticar a língua Kokama fora da sala de aula. Já na segunda comunidade, Guanabara II, há grande vontade em aprender e requerem a contratação de professor bilíngue na escola para auxiliar na valorização e ensino da língua.

As comunidades mostraram a vontade de compartilhar a sua cultura com outras comunidades, por meio de intercâmbios, o que pode favorecer a aprendizagem da língua Kokama. Não há acesso à internet nas duas comunidades, mas as pessoas desejam ver a língua Kokama neste ambiente virtual e em outros locais e meios, tais como, DVDs, livros, escolas, placas de sinalização, rádio, alto-falante, entre outros, o que mostra a atitude linguística de promover a língua e a cultura Kokama.

Como pudemos ver na pesquisa em Guanabara II, os Kokama têm sofrido preconceito por parte dos não indígenas e dos indígenas por “não falarem” mais a sua língua fluentemente. Portanto, falar a língua ancestral é para eles, uma forma de mostrar a sua identidade indígena, a qual está viva. Ademais, falar a língua por todas as gerações e ter contato com gravações dos seus próprios parentes fortalece os laços de parentesco e de afeto que tanto os Kokama prezam. Falar e entender a língua Kokama na comunicação cotidiana é muito importante, pois, para os Kokama.

Os professores-pesquisadores se denominaram “aprendizes” da língua Kokama no formulário. O que pode significar que eles assim, se colocam como pessoas ativas na busca pelo fortalecimento, ou seja, todas as vezes que eles tiverem a oportunidade de aprender a língua, irão aprender. Tanto o Leonel Magalhães de Souza quanto o Washington Gerôme Macedo vêm buscando “falantes” da língua Kokama para desenvolver o aprendizado da língua de maneira imersa. Assim criam as suas próprias metodologias de aprendizagem.

A seguir apresentamos um resumo dos dados obtidos na pesquisa sociolinguística com respeito à quantidade de pessoas que possuem os níveis de fala<sup>314</sup> falante, lembrante, entendedor e aprendiz (Tab. 8).

Tabela 8 - Dados dos “níveis de fala” da língua Kokama das comunidades. 2012.

<b>Dados dos “níveis de fala” da língua Kokama das comunidades</b>		
Comunidade	Comunidade: São José, Santo Antônio do Içá - AM	Comunidade: Guanabara II, Benjamin Constant – AM
Pesquisador:	Leonel Magalhães de Souza	Washington Gerôme Macedo
Falantes	4	0
Lembrantes	5	4
Entendentes	0	0
Aprendizes	21	3

Fonte: Pesquisa sociolinguística aplicada em São José e Guanabara II. 2012.

### 5.3.4 Respostas de estudantes Kokama

A disciplina “Introdução à Língua e à Cultura Kokama”<sup>315</sup> oferecida em 2013 na modalidade a distância pelo ambiente virtual <<http://aprender.unb.br/>> registrou 103 participantes de diversas comunidades Kokama, a maioria composta por alunos de graduação. No capítulo 7 são apresentadas as demais reflexões dessa disciplina.

A atividade introdutória da disciplina indicava o seguinte para os participantes:

**Contato com a língua Kokama:** Escreva sobre como foi o seu contato com a língua e a cultura Kokama. Se o contato começou quando você era criança com os parentes, etc. **Curso de língua Kokama:** Se você já fez algum curso sobre a língua Kokama, informe sobre o local, ano e duração do curso. Fale um pouco sobre o curso, enfatizando o que ele lhe proporcionou em termos de aprendizagem da língua Kokama (Introdução à língua e à cultura Kokama Ambiente virtual aprender UnB, 2013)

A maioria dos participantes acrescentou às informações solicitadas, os seus sentimentos com respeito à língua e à cultura Kokama. Portanto, considerando a abertura do método, isso foi um incentivo para incluir essa etapa no MAACL, tendo em vista a

<sup>314</sup> Ver a explicação dos níveis de fala no capítulo 7.

<sup>315</sup> Ver mais detalhes no capítulo 7.

importância das reflexões levantadas pelos estudantes. Já sabendo isso de início, outros estudos podem aprimorar essa etapa de forma a construir, em colaboração com os participantes do curso a distância, um quadro dinâmico dessas atitudes e comportamentos. Vejamos alguns trechos importantes para a análise de atitudes e comportamentos com respeito à língua Kokama neste contexto de curso a distância.

[...] para que no futuro meus filhos e netos venham a falar e viver a cultura do meu povo e também que tenhamos grandes professores da nossa cultura. E que nossa língua e cultura fique conhecida no Brasil e no mundo passando de geração a geração do meu povo. Estou muito feliz de esta cursando esta área de conhecimento da língua e da cultura do meu povo. [...] prender a falar um pouco a língua Kokama com a minha avó, cuja a mesma falava muito bem. hoje estou buscando aprender mais, pois devido a muitos preconceitos não procurei valorizar. Mas hoje sei o imenso valor que tenho como indígena.[...]esse é o primeiro curso que vou fazer para adquirir conhecimento na língua materna, meus avós são falantes da língua materna é por isso que estou ingressado no curso de língua e cultura Kokama para interagir gramaticalmente e com os falantes podendo assim repassar meus conhecimentos a outras pessoas. [...] assim pretendo conseguir conhecer mas sobre esse povo e conseguir falar e interpretar sua língua, esse povo que vive tao perto de todos e nao sao percebidos e nem tem sua cultura valorizada (participante não indígena). [...] hoje sinto orgulho de me assumir como Kokama.[...] espero resgatar minhas origens, culturas e aprender mais e mais com meus parentes. [...] pretendo obter um bom conhecimento e multiplicar cada vez mais em minha comunidade. [...] Meu primeiro contato com a língua materna foi através dos falantes do nosso município. [...] busco cada vez mais me aprofundar na cultura e no linguajar (Trechos das respostas da atividade introdutória de estudantes da disciplina Introdução à língua e à cultura Kokama oferecida na modalidade a distância no ambiente *aprender.unb* em 2013).

A partir desses trechos é possível observar as atitudes e comportamentos tidos pelos estudantes neste contexto - ambiente virtual de aprendizagem que possui interação com professores e estudantes de diversas regiões. Muitos dos participantes conhecem falantes da língua Kokama que muitas vezes são os seus próprios parentes, por isso buscam aprender mais a língua para poderem se comunicar com eles. Há o desejo de aprender mais com os parentes Kokama de outras comunidades também. O fato de estarem vivendo um período de reconhecimento dos seus direitos como indígenas, resultado da luta de muitos anos, faz com que sintam orgulho de poderem valorizar a sua cultura. Concluímos, então, que há grande interesse e motivação em fortalecer a língua e a cultura Kokama de forma interativa e com integração entre as pessoas, fortalecendo assim os laços que os unem.

A atitude de valorizar a cultura Kokama é também o motivo da participação no curso por parte de pessoas que não são indígenas ou que não se reconheciam como indígenas. Muitos tiveram o primeiro contato com a língua Kokama quando eram crianças, com seus pais e/ou avós, quando estes falavam algumas palavras que os mais jovens não identificavam como sendo da língua Kokama, ou eram afastados desse conhecimento, devido ao preconceito. Outros puderam aprender a língua desde criança com os seus parentes ou com outros “falantes” que residem no município. Alguns já tinham feito curso de capacitação em língua Kokama com o Padre Ronald MacDonell, outros estavam tendo o primeiro contato com a língua recentemente. A língua Kokama foi bastante citada com o termo língua materna e sempre se referiram a meu povo, minha/nossa cultura, o que mostra a valorização da identidade indígena. Os participantes citaram bastante também a vontade em contribuir com a sua comunidade e ampliar os seus conhecimentos. Alguns dos participantes são professores-pesquisadores em suas comunidades, já trabalhando no ensino-aprendizagem da língua Kokama. Portanto, a busca dos estudantes é essencialmente pela valorização.

Com esses exemplos de atitude e comportamento linguístico que surgiram nas respostas dos estudantes, observamos ser importante o aprofundamento dessas discussões e reflexões em ambientes virtuais de aprendizagem e em páginas da internet coordenadas pelos Kokama. Seria interessante a gravação em vídeo de depoimentos desse tipo, em que os entrevistados incluíssem palavras e frases na língua Kokama nos seus discursos.

### 5.3.5 Pesquisa sociométrica

A sociometria pode ser entendida como o estudo dos vínculos existentes entre indivíduos, enquanto formadores sociais, podendo “ser definida como um tratamento quantitativo das relações humanas preferenciais” (GUIMARÃES, 1970, apud BORTONIRICARDO, 2011, p. 86)<sup>316</sup>.

A pesquisa sociométrica elaborada por Viegas (2014b)<sup>317</sup> buscou analisar tanto a posição pessoal como as relações sociais. Observou a escolha que cada pessoa faz com respeito aos laços afetivos, os quais são vistos como canais comunicativos, não excluindo os demais canais. Analisou a escolha pelos meios em que a língua pode ser usada, tais como o celular, o computador, a televisão, o rádio, etc.; e ainda a modalidade preferencial de uso da

---

<sup>316</sup> Ver mais detalhes no capítulo 7.

<sup>317</sup> Para visualizar o formulário completo Cf. o Apêndice-B: VIEGAS, Chandra W. Pesquisa Sociométrica. Método de Análise de Atitude e Comportamento Linguístico (MAACL). Brasília, 2014b.

língua: oral (conversas, áudio, vídeo) e/ou escrita (mensagens sms, chat, bilhetes, cartas, textos), as quais mostram as probabilidades de uso da língua. A pesquisa possibilitou também apreciar em que áreas é preciso investir mais na criatividade para a aprendizagem. A pesquisa foi voltada para a turma da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), localizada em Benjamin Constant-AM, da disciplina “Aprendizagem de língua e cultura Kokama: interação e criação” oferecida no ambiente virtual de endereço <<http://aprender.unb.br/login/index.php>>. A aplicação contou com o apoio presencial da professora auxiliar e tutora Ligiane P. dos Santos Bonifácio.

Segue o resumo das respostas dos 24 estudantes que responderam às questões da pesquisa sociométrica (Quadro 15). A primeira questão que solicita o nome do estudante está marcada com valor 1(um) para os que responderam ao formulário e com valor 0 (zero) para os que não responderam, mas foram indicados por seus colegas na questão “Indique três nomes de colegas da turma que você conversaria mais na língua Kokama”.

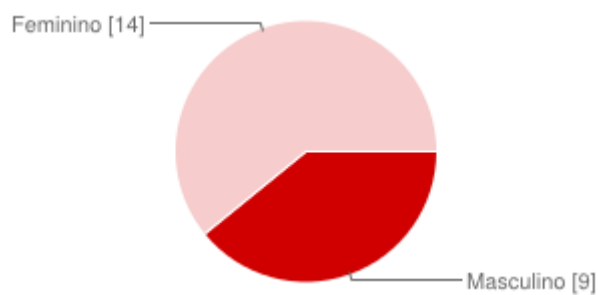
Quadro 15 - Pesquisa Sociométrica, Benjamin Constant, 2014.

<b>RESUMO DAS RESPOSTAS DA PESQUISA SOCIOMÉTRICA</b>		
<b>Nome</b>		
Adreia	<b>0</b>	0%
Adrielle	<b>1</b>	4%
Alírio	<b>1</b>	4%
Ana Flávia	<b>1</b>	4%
Daniel	<b>0</b>	0%
Eduardo	<b>1</b>	4%
Eoliloni	<b>1</b>	4%
Gregório	<b>0</b>	0%
João	<b>1</b>	4%
Joel	<b>0</b>	0%
Jolícia	<b>1</b>	4%
Jose Maria	<b>1</b>	4%
Judite	<b>1</b>	4%
Leidiane	<b>1</b>	4%
Lener	<b>1</b>	4%
Lúcia	<b>1</b>	4%
Luiz	<b>1</b>	4%
Luz	<b>1</b>	4%
Manuel	<b>0</b>	0%
Marcos	<b>0</b>	0%
Maricelia	<b>1</b>	4%
Marlene	<b>1</b>	4%



Meiry	<b>1</b>	4%
Mirli	<b>0</b>	0%
Monalisa	<b>1</b>	4%
Natasha	<b>0</b>	0%
Nicer	<b>1</b>	4%
Nilo	<b>1</b>	4%
Professora	<b>0</b>	0%
Raiane	<b>0</b>	0%
Raquel	<b>1</b>	4%
Ritte	<b>1</b>	4%
Rosilene	<b>1</b>	4%
Rosimere	<b>1</b>	4%
Shon	<b>0</b>	0%
Wesley	<b>0</b>	0%
<b>Idade</b>		
13	<b>2</b>	8%
15	<b>1</b>	4%
16	<b>3</b>	13%
17	<b>1</b>	4%
20	<b>2</b>	8%
22	<b>1</b>	4%
26	<b>1</b>	4%
28	<b>1</b>	4%
29	<b>2</b>	8%

33	<b>1</b>	4%
34	<b>1</b>	4%
36	<b>1</b>	4%
39	<b>2</b>	8%
43	<b>2</b>	8%
46	<b>1</b>	4%
54	<b>1</b>	4%
66	<b>1</b>	4%

**Sexo**

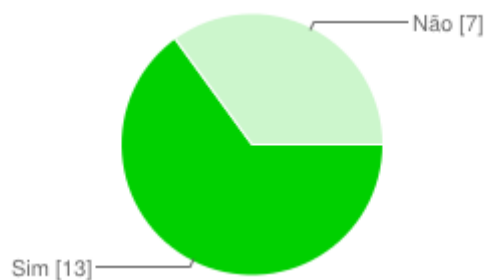
Masculino	<b>9</b>	39%
Feminino	<b>14</b>	61%

**Você se considera?**

Falante	<b>1</b>	3%
Lembrante	<b>10</b>	31%
Entendente	<b>5</b>	16%
Aprendiz	<b>16</b>	50%
Outros	<b>0</b>	0%

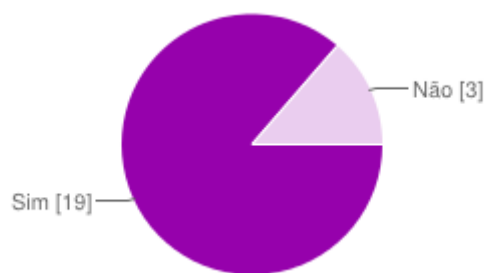
**Refleta sobre as questões.**

**Em quais ambientes ou eventos interativos você acha que poderia usar a língua Kokama?**

**Escola**

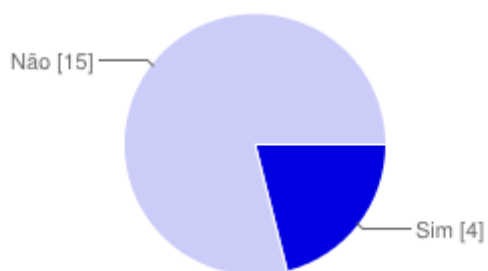
Sim **13** 65%

Não **7** 35%

**Casa**

Sim **19** 86%

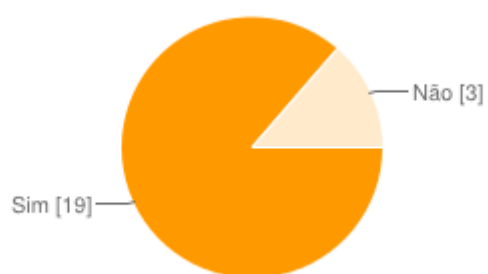
Não **3** 14%

**Quadras de esporte**

Sim **4** 21%

Não **15** 79%

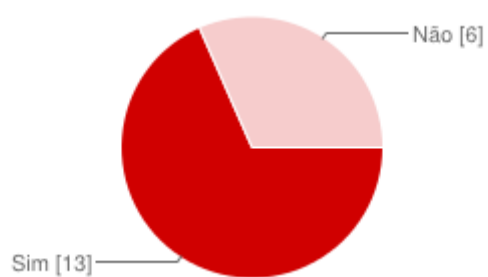
**Reuniões**



Sim **19** 86%

Não **3** 14%

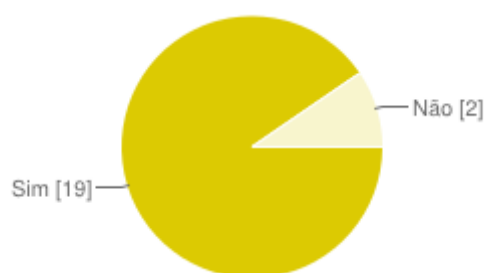
### Passeios



Sim **13** 68%

Não **6** 32%

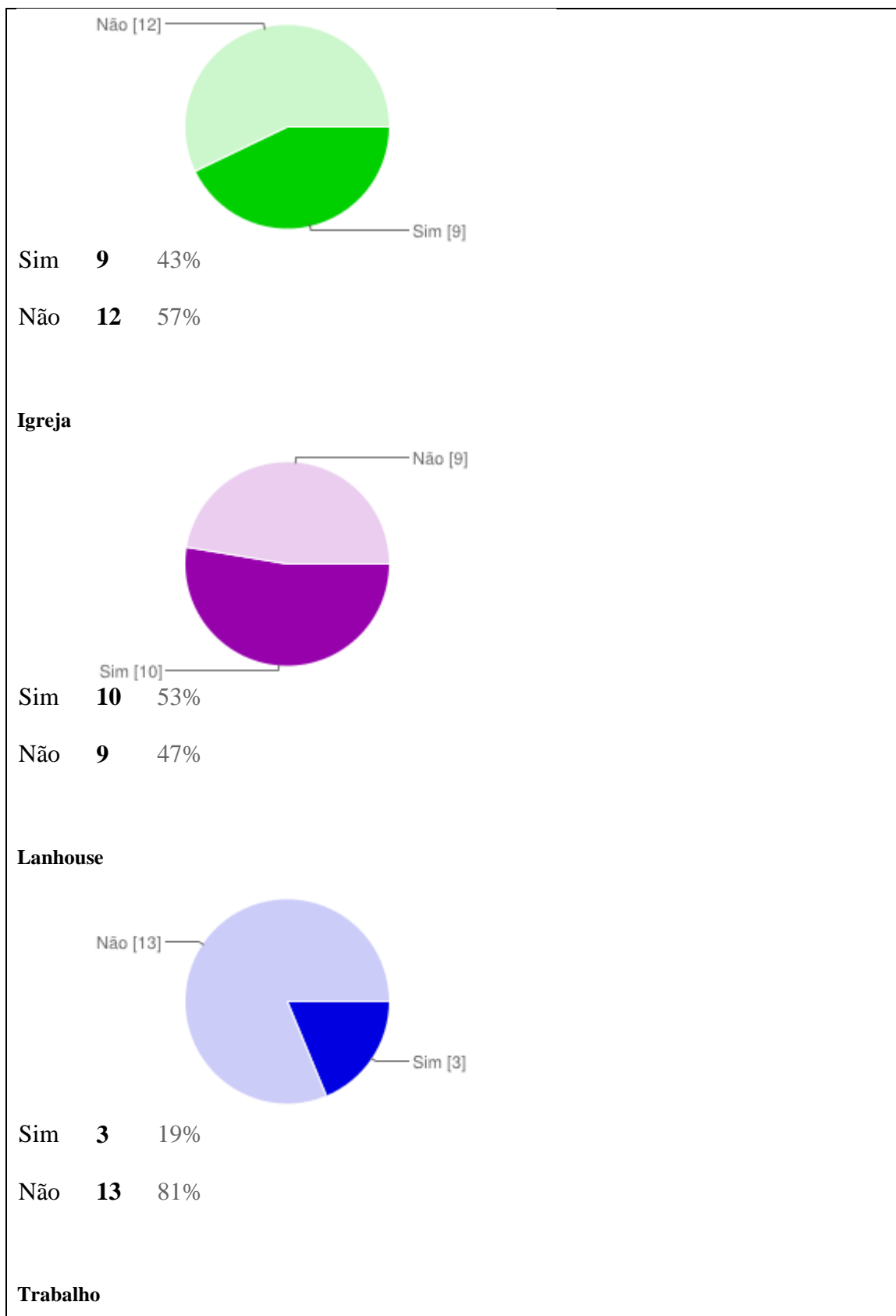
### Brincadeiras

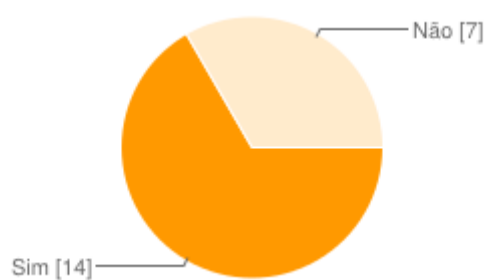


Sim **19** 90%

Não **2** 10%

### Festas

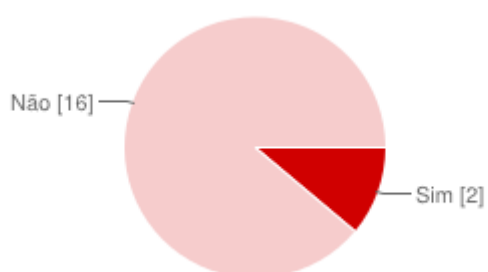




Sim **14** 67%

Não **7** 33%

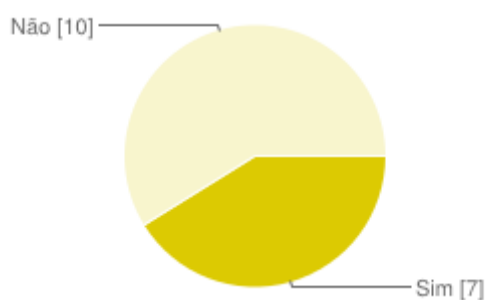
### Comércio



Sim **2** 11%

Não **16** 89%

### Instituições do governo



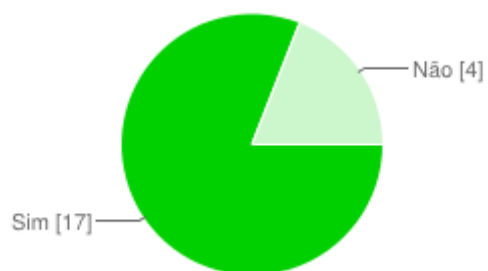
Sim **7** 41%

Não **10** 59%

### Outros ambientes

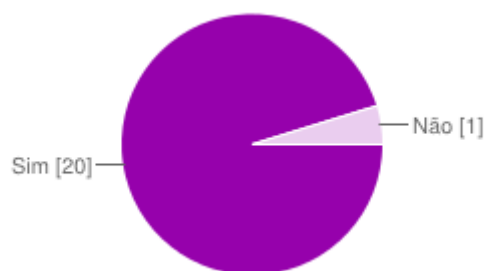
Em eventos e congressos nas comunidades, cidades, etc Só falo na aula de Kokama Universidade

**Com quais pessoas você gostaria de conversar na língua Kokama?**

**Professor(a)**

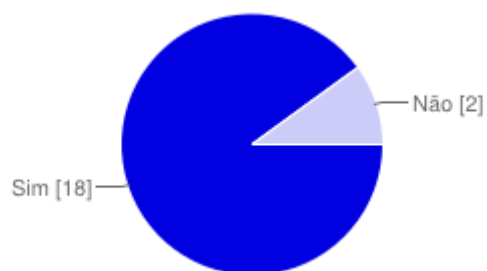
Sim **17** 81%

Não **4** 19%

**Mãe e pai**

Sim **20** 95%

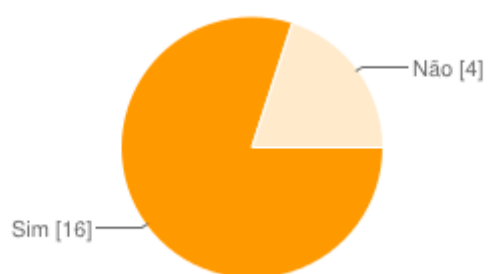
Não **1** 5%

**Irmãos e irmãs**

Sim **18** 90%

Não **2** 10%

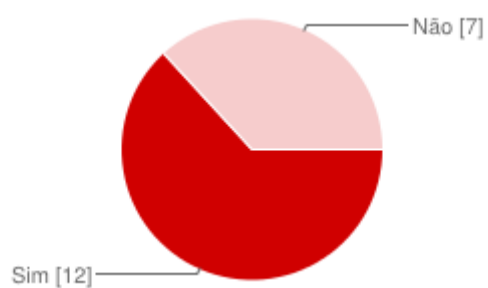
**Primos (as)**



Sim **16** 80%

Não **4** 20%

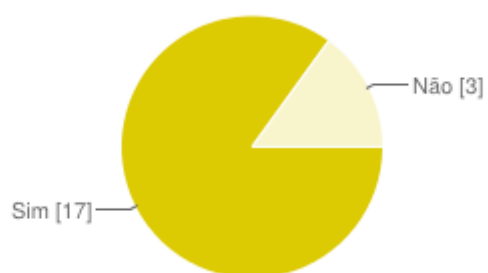
#### Marido e esposa



Sim **12** 63%

Não **7** 37%

#### Filhos(as)

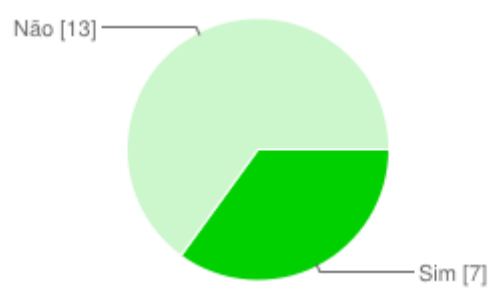


Sim **17** 85%

Não **3** 15%

#### Namorado(a)

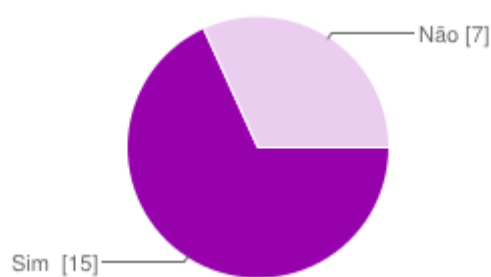




Sim **7** 35%

Não **13** 65%

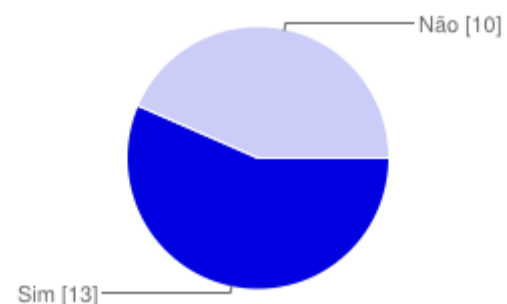
#### Com todos os colegas da turma



Sim **15** 68%

Não **7** 32%

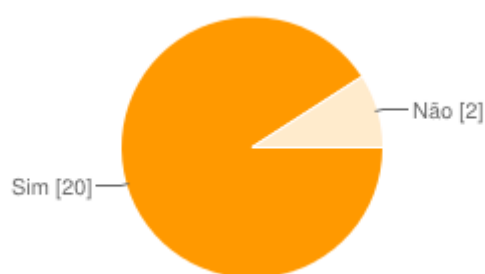
#### Amigos em geral



Sim **13** 57%

Não **10** 43%

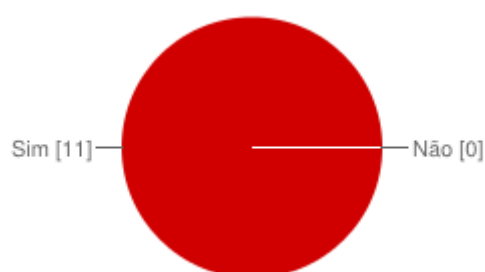
#### Outros Kokama (desconhecidos)



Sim **20** 91%

Não **2** 9%

**Com todos citados acima**



Sim **11** 100%

Não **0** 0%

**Indique três nomes de colegas da turma que você conversaria mais na língua Kokama**

Adreia	<b>1</b>	4%
Adrielle	<b>1</b>	4%
Alírio	<b>3</b>	11%
Ana Flávia	<b>1</b>	4%
Daniel	<b>2</b>	7%
Eduardo	<b>8</b>	29%
Eoliloni	<b>0</b>	0%
Gregório	<b>1</b>	4%
João	<b>3</b>	11%

Joel	<b>1</b>	4%
Jolícia	<b>0</b>	0%
Jose Maria	<b>0</b>	0%
Judite	<b>1</b>	4%
Leidiane	<b>1</b>	4%
Lener	<b>1</b>	4%
Lúcia	<b>3</b>	11%
Luiz	<b>1</b>	4%
Luz	<b>0</b>	0%
Manuel	<b>1</b>	2%
Marcos	<b>1</b>	2%
Maricelia	<b>1</b>	2%
Marlene	<b>1</b>	2%
Meiry	<b>5</b>	12%
Mirli	<b>1</b>	2%
Monalisa	<b>0</b>	0%
Natasha	<b>3</b>	7%
Nicer	<b>5</b>	12%
Nilo	<b>5</b>	12%
Professora	<b>2</b>	5%
Raiane	<b>2</b>	5%
Raquel	<b>1</b>	2%
Ritte	<b>7</b>	17%
Rosilene	<b>2</b>	5%
Rosimere	<b>1</b>	2%

Shon 2 5%

Wesley 1 2%

**Você prefere, ou ainda vai preferir conversar em Kokama utilizando quais artifícios?**

Cara a cara (oral) 18 23%

Telefone (oral) 12 16%

Chat (bate-papo pela internet) 9 12%

Bilhetes, cartas 17 22%

Vídeo (pela internet) 8 10%

Áudio gravado para ouvir e responder 13 17%

Outros 0 0%

**Você gostaria de usar a língua Kokama todos os dias ou em ocasiões específicas? Quais seriam as ocasiões?**

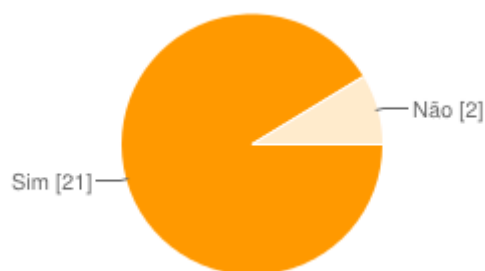
todos os dias 17 65%

ocasiões específicas 9 35%

**Quais seriam as ocasiões?**

Sim eu gostaria de falar com o meu pai todos os dias. Assembleias, entrevistas e pesquisas de campo Sim! Reuniões, dar bom dia ou boa tarde aos meus parentes ao encontrar e em minha casa Gostaria de conversar em sala de aula Seria na ocasião de momentos importantes Na minha casa Sim, gosto de falar com meu pai e minha mãe Eu gostaria de usar língua Kokama nas reuniões, cumprimentando, Era na karuka para os povos. Seriam nas ocasiões, como em uma reunião entre lideranças Kokama Se eu pudesse era em todos momentos quando se encontrassem com a pessoa que fala Eu gostaria de usar a língua Kokama todos os dias em sala de aula Nas aulas de aprendizado da língua e nas comunidades com os falantes da língua Todos os dias, tanto nas comunidades ou nas cidades com o povo Kokama. Quando fosse fazer uma apresentação Todos os dias por que por meio dessa comunicação nós podemos praticar mais a nossa língua materna.

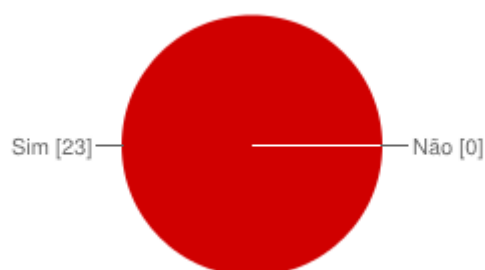
**Você conhece algum falante da língua Kokama?**



Sim **21** 91%

Não **2** 9%

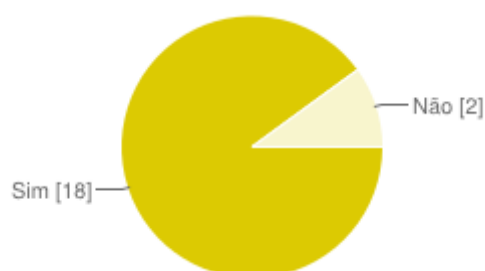
**7- Você gostaria de conhecer mais pessoas falantes da língua Kokama?**



Sim **23** 100%

Não **0** 0%

**Você tentaria conversar em Kokama com o falante?**



Sim **18** 90%

Não **2** 10%

**O que poderia ter numa página colaborativa (construída em conjunto) de aprendizagem de língua e cultura Kokama na internet ?**

Dicionário

**24** 18%

Rádio	<b>13</b>	10%
Curso de língua Kokama	<b>23</b>	17%
Áudio (com gravações de entrevistas, falantes da língua Kokama)	<b>17</b>	13%
Vídeos	<b>19</b>	14%
Jogos em língua Kokama	<b>18</b>	13%
Materiais diversos	<b>20</b>	15%
Outros	<b>0</b>	0%

### **O que mais poderia ter na página da internet dos Kokama?**

Dicionário Música, danças, e-mail, facebook Email, facebook, gmail Eu gostaria que tivesse dicionário e curso de língua Kokama para dar mais a facilidade de aprendizagem. Um dicionário. Se tivesse um dia pra conversar Gostaríamos que tivéssemos acesso Gostaria que tenho dicionário, vídeos e outros materiais, como e-mail, facebook. Eu gostaria de ter dicionário na língua Kokama pra aprender mais. Pode ser encontrado algumas coisas sobre sua etnia dos Kokama, vestimenta, etc. Entrevista, reportagens, vídeos sobre a cultura, vestimenta e a origem da etnia e os acontecimento o que passaram nos séculos e décadas. Eu gostaria que estivesse dicionário e curso de língua Kokama para dar mais com facilidade. Poderia ter e-mail, facebook, gmail. Historinhas, musiquinhas, algumas palavras mais comuns. Os dicionários, as cores e pituras da nossa cultura Através do email para interagir a comunicação em que vivemos. Informações sobre a cultura dos Kokama, assim como as atividades que envolvem pesca, trabalho, convivência social, etc. Muitas coisas, como exemplo: foto, palavras, história, vestimenta dos antigos Kokama. Fotos, textos, rituais, assembleias Danças culturais, fotos de trabalho, artesanato, eventos, jogos Poderia ter mais palavras em Kokama para aprender mais a língua Kokama. POderia ter e-mail, facebook, gmail.

### **MEMÓRIA**

#### **Quais as formas de manter as memórias dos Kokamas vivas, em movimento?**

Conversar com os filhos e esposa com os vizinhos, para poder manter a linguagem viva; para não esquecer. Com isso, pretendemos continuar resgatando mais para entender melhor com essa continuação, pretendo ser uma famosa falante. A memória dos cocamas e fazer um projeto de resgate da cultura do costume e de todo o que o povo cocama perdeu durante as décadas passadas e buscar os últimos falantes vivos e resta a fala que é o mais importante para aqueles que buscam o resgate de sua etnia. Estudando para ela não ser esquecida, praticando a língua Kokama e suas cultura. Conversando a língua e aprendendo mais sobre a nossa cultura. Ensinando os que não sabem e falando pra não esquecer. Com as pessoas que fala. Resgatando, e continuar estudando a nossa língua materna e falando com nossos parentes. Na minha opinião é manter no momento para todos os Kokama Para manter a memória viva do povo Kokama continuar resgatando cada dia mais, falar ou interagir entre colegas vizinhos. Memória dos Kokama vivas em movimento estudando em sala de aula a professora ensina muito Kokama. Resgatando mais palavras e continuar praticando a nossa língua materna em todos os lugares, com os parentes, etc. Na minha opinião e manter mais e sempre lembrar das cultura e costumes e sempre. Trabalhar na sala de aula já com as palavras aprendidas ou ter professor que se dediquem na linguagem e trabalhar com os anciãos na sala de aula ou ainda fazer roda de conversa com os velhos falantes. Fazer livros em quadrinhos com objetos e nomes. Procurando as pessoas que falam e falar todos os dias. Em reuniões e outros eventos culturais. Mantendo a nossa cultura Kokama. Colocar em prática o que nós estamos aprendendo no dia-a-dia. Fazer projetos para resgate da língua Kokama e culturas e realizar cursos para capacitação dos jovens e formar professores para ser distribuído para as comunidades. Reunir as pessoas

falante para poder praticar e desenvolver com os jovens. Falar todos os dias a língua Kokama Falar na língua Kokama todos os dias, para não esquecer a nossa língua. Resgatando mais palavras e continuando. Praticando a nossa língua materna em todos os lugares, com os parentes, etc. Resgatando mais palavra e continuando praticando a nossa língua materna a todos os lugares, com os parentes, etc. Sempre praticando para ela não ser esquecida para as pessoas ver como a língua Kokama é legal. Na minha opinião, é manter mais e sempre lembrar das cultura e costumes e sempre praticar a língua Kokama. Desenvolvendo atividades que promovam a socialização de pessoas que pertençam a etnia Kokama, buscando resgatar a cultura e a língua desse povo. Mantendo a fala todos os dias, tanto na casa ou na escola, com um professor na sala de aula. Por meio do registro em documentários, textos escritos, encontros culturais, textos, transmissão dentro do campo étnico, na família.

Fonte: Viegas (2014b)

### 5.3.5.1 Reflexões sobre a pesquisa sociométrica

A pesquisa sociométrica mostrou alguns comportamentos linguísticos dos Kokama, os quais estão voltados para a valorização da língua e da cultura Kokama, como se pode ver nas ações propostas pelos estudantes para que as memórias<sup>318</sup> dos Kokama continuem vivas, tais como: “Resgatando, e continuar estudando a nossa língua materna e falando com nossos parentes”; “Para manter a memória viva do povo Kokama continuar resgatando cada dia mais, falar ou interagir entre colegas vizinhos”; “Trabalhar na sala de aula já com as palavras aprendidas ou ter professor que se dediquem na linguagem e trabalhar com os anciãos na sala de aula ou ainda fazer roda de conversa com os velhos falantes”; “Fazer livros em quadrinhos com objetos e nomes, fazer um projeto de resgate da cultura do costume e de todo o que o povo cocama perdeu durante as décadas passadas e buscar os últimos falantes vivos”.

Interessante observar que 21 estudantes, de um total de 24, disseram conhecer algum falante da língua Kokama e 100% dos estudantes afirmaram ter vontade de conhecer outros falantes da língua Kokama, o que mostra possibilidades de interações entre os estudantes e os falantes. 65% dos estudantes escolheram a opção de falar a língua Kokama todos os dias, enquanto 35% preferem usar a língua em ocasiões específicas. Observe que a porcentagem de pessoas que escolheu usar a língua Kokama todos os dias é alta. Quanto aos artifícios, ou meios, para usar a língua Kokama a preferência foi pelo uso oral (cara a cara) com 23%; seguida dos bilhetes e cartas 22%; do áudio gravado para ouvir e responder 17%; Telefone (oral) 16%; *Chat* (bate-papo pela internet) 12% e do Vídeo (pela internet) 10%. Com base nesses dados o professor e o tutor podem criar atividades usando conversas “cara a cara” e troca de bilhetes e cartas, por exemplo.

<sup>318</sup> A dica de cada participante na última questão (“Quais as formas de manter as memórias dos Kokamas vivas, em movimento?”). do resumo das respostas da pesquisa sociométrica no Quadro 14 é separada por um espaço em branco entre as orações:

Na pergunta sobre o que poderia ter numa página colaborativa (construída em conjunto) de aprendizagem de língua e cultura Kokama na internet, as escolhas pelas opções sugeridas pelo formulário, foram as seguintes: Dicionário: 18%, Curso de língua Kokama: 17 %, Vídeos: 14%, Áudio (com gravações de entrevistas, falantes da língua Kokama): 13% e Rádio: 10%. Já no complemento desta pergunta em que os estudantes podiam escrever livremente dando indicações sobre o que mais poderia ter numa página da internet, houve grande presença do Dicionário, *e-mail*, *Facebook* (site de rede social) e *Gmail* (serviço de *e-mail*); e uma multiplicidade de indicações, tais como: “Historinhas, musiquinhas, algumas palavras mais comuns. Os dicionários, as cores e pinturas da nossa cultura”; “Através do email para interagir a comunicação em que vivemos”; “Informações sobre a cultura dos Kokama, assim como as atividades que envolvem pesca, trabalho, convivência social, etc.”; “Muitas coisas, como exemplo: foto, palavras, história, vestimenta dos antigos Kokama”; “Fotos, textos, rituais, assembleias”; “Danças culturais, fotos de trabalho, artesanato, eventos, jogos”; “Poderia ter mais palavras em Kokama para aprender mais a língua Kokama”.

Todas essas escolhas e indicações dos estudantes podem auxiliar no planejamento colaborativo das formas de aprendizagem presenciais e a distância.

#### **5.4. Algumas reflexões**

As pesquisas de atitude e comportamento linguístico dos Kokama são essenciais para o desenvolvimento de ambientes de aprendizagem da língua e da cultura Kokama. A interação entre os aprendizes e os falantes é primordial para manter em fluxo a memória do povo Kokama. O intercâmbio, por meio de confraternizações, comércios, etc. entre as pessoas das comunidades favorece o fortalecimento. O encontro de falantes da língua Kokama que mantinham as suas memórias da língua “adormecidas” vem sendo o maior estímulo para o desenvolvimento da “aprendizagem em rede”.

O método que seguimos de observação e avaliação relativa da condição de vitalidade da língua Kokama na visão dos próprios Kokama possibilitou demonstrar como os Kokama estão envolvidos com o fortalecimento e como vêm realizando ações, ou mesmo refletindo sobre o que pode ser feito para que a língua e a cultura tenham continuidade. Nesse sentido, então, as pessoas envolvidas são ativas na busca pelo fortalecimento, realizando “troca de saberes” por meio das interações. Pudemos ter uma noção, tanto quantitativa, como



qualitativa, do diagnótstico momentâneo de como os Kokama veem a sua língua e a sua cultura e de como a língua vem sendo rememorada e praticada.

O próprio método contribuiu, ao mesmo tempo, para incentivar os encontros presenciais e as interações virtuais entre as pessoas que estão de alguma forma, ligadas ao fortalecimento dessa língua. Isso foi possível, justamente pela abertura metodológica em que os caminhos encontravam-se em aberto para que os agentes criassem os seus percursos e reflexões. Portanto, a criatividade e a construção do conhecimento estiveram presentes na pesquisa de comportamento e atitude linguística.

## 6. MULTILINGUISMO NO CIBERESPAÇO

---

O presente capítulo trata da presença e interação das línguas no ciberespaço, principalmente na *Web*. Línguas consideradas “minoritárias” coexistem na internet junto a outras línguas, em diversos tipos de relações, sendo que a busca pelo fortalecimento linguístico representa um desses tipos. Apresentamos aqui algumas referências que auxiliam nas reflexões relativas ao multilinguismo no ciberespaço (DIKI-KIDIRI, 2007; D’ANGELIS, 2011) e demais análises relacionadas à presença da língua Kokama no ciberespaço.

### 6.1 O multilinguismo no ciberespaço

A inclusão de línguas minoritárias no ciberespaço foi discutida na obra **Como assegurar a presença de uma língua no ciberespaço?** de autoria de Marcel Diki-Kidiri (2007) a pedido da Unesco. Esse autor considera a internet como o ambiente mais favorável para afirmar a presença de uma língua no ciberespaço, levando em conta as possibilidades de declinações infinitas, desde a página pessoal até o portal multimídia. Para a criação de uma página (sítio) Diki-Kidiri (2007) propõe que haja uma preparação e indica a observação das seguintes questões:

Um sítio escrito numa língua menos favorecida só pode ser consultado pelos falantes dessa mesma língua. Isso torna-se difícil se os falantes não souberem ler nem escrever na sua própria língua. Aqui, o sítio pode servir de incentivo para os encorajar. Quando se acaba de elaborar uma ortografia para uma língua menos favorecida, é preferível conceber a criação de um sítio bilíngue, utilizando simultaneamente a língua menos favorecida em questão e uma língua de maior alcance falada na região<sup>319</sup>. Neste caso, é importante zelar pela presença da língua menos favorecida nos botões e comandos de navegação, bem como em todas as mensagens destinadas ao visitante do sítio, a fim de evitar que ela se torne um mero objecto de curiosidade e perca todo o seu estatuto de língua de trabalho na Rede. (DIKI-KIDIRI, 2007, p. 37)

Abdul Waheed Khan, Vice-Director Geral para a Comunicação e Informação da Unesco, comenta no preâmbulo da obra de Diki-Kidiri (2007), que as tecnologias da informação e da comunicação podem contribuir como importante meio de comunicação entre diferentes comunidades linguísticas, devido ao papel que desempenham nas transformações

---

<sup>319</sup> Ver, por exemplo, a página da Associação YSB SAHNGO. Disponível em: <<http://sango.free.fr>>. Acesso em: 21 ago. 2013.

linguísticas mundiais. Entretanto, ressalva que elas poderão agravar a marginalização das línguas no ciberespaço.

Existem cerca de 6 000 línguas no mundo, das quais 12 correspondem a 98 % das páginas web. O inglês, que detém 72 % dessas páginas é, indubitavelmente, o idioma dominante, segundo um estudo feito por O'Neill, Lavoie e Bennet, em 2003. Assim, o desafio perante a comunidade internacional será o de ultrapassar os obstáculos, colossais, por forma a assegurar a criação de um ciberespaço multilíngue e culturalmente diversificado. No intuito de alcançar este objectivo, a Unesco – com a ajuda da União Latina e o contributo intelectual do perito Marcel Diki-Kidiri – publica o presente documento técnico, no âmbito da série de publicações do «Programa Informação para Todos». De acordo com a «Recomendação sobre a promoção e uso do multilinguismo e o acesso universal ao ciberespaço», adoptada pela Conferência Geral da Unesco aquando a 32ª Sessão, a presente publicação pretende contribuir para facilitar a tomada de decisões a favor da inclusão de novas línguas no espaço digital (DIKI-KIDIRI, 2007, p. 4).

Diki-Kidiri (2007) apresenta as seguintes etapas desafiadoras para a inclusão de uma língua no ciberespaço:

- ◆ Elaboração de recursos linguísticos;
- ◆ Elaboração dos recursos informáticos;
- ◆ Elaboração dos conteúdos culturais;
- ◆ Desenvolver a comunidade dos utilizadores.

### **6.1.1 Elaboração de recursos linguísticos**

Para se elaborar os recursos linguísticos de uma língua, Diki-Kidiri (2007, p. 11) afirma que é preciso “dotar a língua de um mínimo de recursos linguísticos”, ou seja, determinar um sistema de escrita para assim poder elaborar obras de referência, tais como: uma gramática, um dicionário e um grande acervo de textos.

Diki-Kidiri (2007, p. 11) ressalva que o linguista, o responsável por esse tipo de trabalho, colete dados junto aos falantes por meio de gravações. A partir daí o linguista deve transcrever o material coletado utilizando o alfabeto fonético internacional (API), seguida da análise fonológica e dos tons, quando necessário. O próximo passo é a elaboração de uma ortografia “capaz de ter em conta o conjunto das necessidades de expressão escrita dos falantes” (DIKI-KIDIRI, 2007, p. 14).

Conforme Diki-Kidiri (2007, p. 17) quando uma língua for incluída no ciberespaço é necessário que se crie termos técnicos referentes ao novo espaço, como por exemplo, correio eletrônico, conectar-se, descarregar, publicar, redes, sítio, os quais são indispensáveis. O desenvolvimento terminológico deve ser desenvolvido junto à comunidade, com o intuito de fornecer à língua neologismos “culturalmente aceitáveis”.

### **6.1.2 Elaboração dos recursos informáticos**

Dos recursos informáticos de base para a inclusão de uma língua no ciberespaço, destaca-se o jogo de caracteres e os tipos de letra. De acordo com Diki-Kidiri (2007) a definição de um jogo de caracteres a partir da lista dos caracteres retidos para a ortografia dessa mesma língua é o primeiro recurso informático a ser elaborado para uma língua que ainda não possui nenhum. Caso o jogo de caracteres não contenha nenhum caractere especial<sup>320</sup>, pode-se rapidamente usufruir de programas informáticos. Entretanto, se for necessária a criação de caracteres especiais, antes, cabe conferir se estes não se encontram já nos tipos de letra disponíveis na Internet, tais como *Lucida Sans*, *Unicode*, *Gentium*, *Doulos SIL 8*, ou nos tipos de letra africanos dos Programas integrados BPI 9. Se os caracteres necessários não forem encontrados nos alfabetos já existentes, deve-se criar o próprio jogo de caracteres para a língua e verificar se o novo jogo poderá servir para outras línguas locais, comenta Diki-Kidiri:

É aconselhável verificar se este novo jogo pode também servir outras línguas da região, a fim de melhor rentabilizar os esforços empregues e garantir a possibilidade de produzir, posteriormente, textos multilíngues sem haver necessidade de modificar os tipos de letra de uma língua para outra (DIKI-KIDIRI, 2007, p. 27).

### **6.1.3 Elaboração dos conteúdos culturais**

Para Diki-Kidiri (2007, p. 35) é importante elaborar conteúdos culturais, que podem ser de natureza textual, sonora ou iconográfica, passíveis de serem digitalizados para serem transferidos para a Rede, ou para o ciberespaço para serem compartilhados.

### **6.1.4 Desenvolver a comunidade dos utilizadores**

---

<sup>320</sup> Caractere especial: aquele que não se encontra nos jogos de caracteres padrão dos computadores (DIKI-KIDIRI 2007, p. 21).

Diki-Kidiri (2007, p. 41) afirma que é essencial a existência de uma comunidade de utilizadores, instruída na sua própria língua para que esta sobreviva no ciberespaço. O autor ressalta que, muitas vezes, as línguas menos favorecidas possuem poucos falantes, sendo imprescindível o seu ensino aos mais jovens. As associações das comunidades podem auxiliar nessa formação, buscando também o apoio de instituições para terem mais recursos humanos e financeiros. Frisamos aqui um fator importante apontado pelo autor sobre a formação dessa comunidade: “A consolidação desta comunidade não poderá ser uma actividade anterior ao acesso da língua ao ciberespaço, mas uma atividade permanente que opera no sentido de dar vida à língua nesse espaço” (DIKI-KIDIRI, 2007, p. 41).

É indicado também que a comunidade busque o ensino bilíngue nas escolas, amparado juridicamente no âmbito da Educação Nacional, com o incentivo das administrações locais.

Diki-Kidiri (2007, p. 43) apresenta algumas questões para refletirmos, como por exemplo, as vantagens, além das educativas, de uma política que favoreça a diversidade linguística, proporcionando também o desenvolvimento econômico, em que poderão ser criados empregos nas áreas de tradução, redação de manuais, edição e animação. Finalizamos, portanto, as ideias desse autor, com uma de suas conclusões:

No intuito de promover e valorizar a diversidade linguística e cultural no ciberespaço, será conveniente ajudar as línguas menos favorecidas a aceder a este espaço. Se é possível fazê-lo com uma pequena língua oral não escrita e ameaçada de extinção, tanto mais fácil será com todas as línguas menos favorecidas em melhor situação (DIKI-KIDIRI, 2007, p. 43).

## **6.2 Inclusão da língua Kokama no ciberespaço**

Para avaliar a inclusão da língua Kokama no ciberespaço, analisamos a relação das etapas propostas por Diki-Kidiri (2007) com as nossas experiências de ensino-aprendizagem da língua Kokama e com as ocorrências da língua Kokama no ciberespaço, encontradas no mapeamento<sup>321</sup>.

### **6.2.1 Elaboração de recursos linguísticos no caso Kokama**

Tendo em vista o número de publicações de estudos descritivos da língua Kokama (Cocama, Kukama, Kokama-Kokamilla, kukama-kukamiria), considera-se que os recursos

---

<sup>321</sup> Ver cap. 5.

linguísticos dessa língua encontram-se bem desenvolvidos para que a sua inclusão no ciberespaço possa se ampliar. Entretanto, como na maioria dos casos das línguas do mundo, há o dilema da ortografia, considerando que por ser uma língua, cujos falantes migraram do Peru e Colômbia para o Brasil, se estabeleceram variantes em cada um desses países. A preocupação quanto à escolha da escrita é tida pelos próprios “falantes”, professores-pesquisadores e usuários indígenas Kokama da internet, estando aí envolvidas questões identitárias. Uma das maiores preocupações dos Kokama no Brasil é com a escrita a ser usada em materiais didáticos e na escola indígena.

As resoluções quanto à escolha da ortografia poderão favorecer o fortalecimento da língua no ciberespaço, sem que haja o desprezo de outras variantes que são usadas *on-line*, mas uma delas - ou mais de uma - poderá representar os falantes da língua Kokama de algumas comunidades. Além disso, pesquisas atualizadas sobre a variação linguística nos três países em que a língua Kokama está presente podem auxiliar na escolha da(s) escrita(s)<sup>322</sup>.

Para se criar um Wikcionário ou um projeto em alguma língua na Wikimedia, por exemplo, é importante que se tenha alguma ortografia indicada pelas comunidades envolvidas. A escolha de determinada escrita é mais uma questão sociopolítica, e a tecnologia pode se adaptar a essas escolhas. A autodeterminação dos Kokama é o fator mais relevante nessa questão da escrita e dos usos da língua.

Ademais, a língua Kokama já está sendo usada na internet<sup>323</sup>. Os Kokama agem ativamente na criação de caminhos e espaços para dar fluxo às suas expressões na língua Kokama. Assim, na pragmática digital, a língua Kokama se contextualiza às novas formas de ocorrência linguística proporcionadas pelas TICs, ampliando dessa maneira, os seus ambientes de prática, comunicação e diversas formas de interação.

Assim, faz-se importante apoiar as iniciativas dos Kokama, principalmente no que tange a cursos de capacitação em TICs e em linguística, assim como na criação de laboratórios de informática e em investimento na valorização da cultura Kokama como um todo, incentivando assim a autonomia e as parcerias.

## 6.2.2 Elaboração dos recursos informáticos no caso Kokama

---

<sup>322</sup>Cf. os estudos atuais sobre variação linguística da língua Kokama no Peru da Dra. Rosa Vallejos Yopán. Vallejos que apresentou a Conferência “Consecuencias estructurales de la obsolescencia y la revitalización lingüística: documentando la variación entre los hablantes de kukama-kukamiria” (Conferência em 9 de outubro de 2014 Facultad de Humanidades – PUCP, Peru)

<sup>323</sup>Encontra-se usuários da internet nos *Websites*, blocos, redes sociais, *e-mail*, ambiente virtual de aprendizagem, etc.

A língua Kokama não apresenta grafemas que não constem no sistema UNICODE<sup>324</sup>, sendo facilmente encontrados no tipo de letra *Times New Roman*. Não havendo a necessidade de criação de **caractere especial** (DIKI-KIDIRI, 2007, p. 21) o processo de escrita no ciberespaço fica mais rápido. No UNICODE a língua Kokama está inserida nos códigos<sup>325</sup> ISO 639, especificamente 639-3. O único desafio na escrita da língua Kokama é a representação do “ï” que, às vezes é representado pelo “y”, na escrita de línguas indígenas do Brasil, no caso aqui a Kokama, ou ainda com representação improvisada pelo símbolo “+” (adição) ou entre traços “-i-”. Essas representações seriam para agilizar a escrita no computador, já que o “ï” não se encontra diretamente no teclado. No entanto, alguns Kokama utilizam o “ï” mesmo, inserindo símbolo ou usando o atalho correspondente, ou até mesmo copiando e colando o símbolo. Outra forma de acelerar a escrita seria por meio da criação de um teclado virtual de língua Kokama, o qual poderia abarcar esse símbolo.

### 6.2.3 Elaboração dos conteúdos culturais no caso Kokama

A elaboração dos conteúdos culturais dos Kokama vem sendo feita pelas comunidades Kokama, por meio de gravação de danças, músicas, conversas, relatos, encenações, etc. Na disciplina Língua Kokama do **Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões**, realizado em Filadélfia, Benjamin Constant-AM, durante os anos de 2006 a 2011, os estudantes, que também eram professores em suas comunidades foram incentivados a realizar pesquisas sobre a língua Kokama com os anciãos e registrar histórias, conhecimentos e representações culturais, por meio de recursos audiovisuais e textuais. O resultado disso foram diversas pesquisas escritas e gravadas em áudio e/ou vídeo, um CD de Músicas Tradicionais (2006), uma série audiovisual de DVDs **Material de apoio para professores Kokáma**, num total, até agora de 3 Volumes, entre outros materiais. Posteriormente, mesmo depois de formados, os professores-pesquisadores continuam a realizar as gravações em vídeo e a realizar as pesquisas.

No mapeamento da língua e da cultura Kokama no ciberespaço, constatou-se inúmeras fontes de conteúdos culturais que estão acessíveis a quem desejar consultar, como por exemplo, a mostra interativa *Ríos de saber* da FORMABIAP apresentado no capítulo 3.

---

<sup>324</sup> Unicode é um padrão de codificação de caracteres internacionais (ANDERSON, 2011). Para mais discussões sobre o tema veja o artigo *The Importance of Script Encoding for Multilingualism in the Digital World: The Script Encoding* de Deborah Anderson, 2011.

<sup>325</sup> Fonte: SIL. Disponível em: < <http://www.sil.org/iso639-3/documentation.asp?id=cod> > Acesso em 20 de jun. 2014.

### 6.2.4 Desenvolver uma comunidade de utilizadores no caso Kokama

Por meio do mapeamento da presença dos Kokama no ciberespaço pôde-se constatar que muitos Kokama já utilizam a internet para expressar suas ideias, trocar conhecimentos com as pessoas, conversar com os parentes, realizar pesquisas de todos os tipos, entre outras interações. Muitos possuem perfis no *Facebook* e endereço de *e-mail*. Alguns mantêm páginas próprias tais como blogues e canais no *YouTube*. Com as disciplinas a distância<sup>326</sup>, alguns alunos se interessaram a fazer cursos de informática.

Ao mesmo tempo, para muitos Kokama, principalmente daquelas comunidades mais afastadas das cidades que não têm acesso à internet, o computador, em geral, é um equipamento incomum. Levando em conta as considerações de Hinton (2001d, p. 266), sobre o assunto, pode-se desenvolver utilizadores Kokama com o intuito de realizar a inclusão digital pró-ativa (D'ANGELIS, 2011) das comunidades, ou seja, promover, assim, a sua autonomia. Ao mesmo tempo, é importante valorizar e investir nas tecnologias indígenas e tecnologias sociais das comunidades.

### 6.3 A inclusão digital pró-ativa de línguas e comunidades

D'Angelis (2010, p. 1) distingue “inclusão digital” de “inclusão digital de línguas”, e, ao colocar esta questão na área das línguas e comunidades indígenas, delimita mais a diferenciação para “inclusão digital de comunidades indígenas” de “inclusão digital de línguas indígenas”. Para esse autor, tanto a primeira como a segunda poderiam acontecer uma sem a outra. Entretanto, considera que a *inclusão digital de línguas indígenas* só faz sentido juntamente com a *inclusão digital de comunidades indígenas*. E a *inclusão digital das comunidades indígenas* sem a *inclusão digital das suas línguas* poderia ter um resultado muito ruim tanto para as comunidades como para as línguas.

D'Angelis (2011, p. 8) defende que o único modelo compatível com a perspectiva da autonomia e com o conceito de uso livre é o de **inclusão digital pró-ativa**. O autor coloca algumas condições necessárias para que esse modelo esteja presente (Quadro 16).

Quadro 16 - Inclusão digital pró-ativa (D'ANGELIS, 2011)

<b>Inclusão Digital Pró-Ativa</b>
-----------------------------------

<sup>326</sup> Ver capítulo 7.



Quando o <b>fluxo</b> da informação e dos conteúdos se dá <b>bidirecionalmente</b> .
Quando os temas de interesse, as pautas da produção de conteúdos e o julgamento da pertinência e da adequação dos conteúdos divulgados são <b>decididos com a participação</b> da comunidade concernida.
Quando as <b>manifestações e formas linguísticas e culturais próprias</b> das comunidades concernidas <b>são privilegiadas</b> na veiculação dos conteúdos publicizados nos sítios ou páginas de seu interesse.
Quando as <b>ferramentas e instrumentos materiais e intelectuais</b> necessários aos processos de inclusão não permaneçam na dependência de terceiros, mas <b>sejam de conhecimento e controle das comunidades envolvidas ou sejam de uso público</b> , acessível a elas.

Fonte: D'Angelis (2011, p.9)

Em contrapartida, D'Angelis (2011) mostra algumas características vinculadas à inserção de uma língua indígena na *Web* sem a participação ativa da comunidade que configura a inclusão digital passiva (Quadro 17).

Quadro 17 - Inclusão digital passiva (D'ANGELIS, 2011)

<b>Inclusão Digital Passiva</b>
A inserção (no mundo digital) de conteúdos na língua local não está voltada, primordialmente, ao fortalecimento da língua em questão e da cultura própria da comunidade linguística que faz uso dela.
A inserção (no mundo digital) de conteúdos na língua local não está voltada ao atendimento de necessidades, interesses ou desejos da comunidade linguística em questão (e por ela reconhecidos como tais).
Falantes nativos da língua em questão não têm acesso à internet ou perspectiva próxima desse acesso e de utilizá-la.
A inserção (no mundo digital) de conteúdos na língua local atende a interesses proselitistas (religiosos, políticos ou outros) orientados de fora da comunidade linguística em questão.
A inserção (no mundo digital) de conteúdos na língua local não pode ser objeto de observação e avaliação crítica de uma comunidade de falantes nativos.

Fonte: D'Angelis (2011, p.3)

Fator relevante no processo de inclusão de línguas indígenas no meio virtual é o fortalecimento dessas línguas. As condições para que isso ocorra são apresentadas por D'Angelis (Quadro 18).

Quadro 18 - Inclusão digital para o fortalecimento das línguas indígenas (D'ANGELIS, 2011)

<b>Inclusão digital para o fortalecimento das línguas indígenas</b>
---

<p><b>A comunidade linguística</b> que faz uso da língua em questão <b>distribui-se, especialmente, por várias aldeias ou territórios</b> (contínuos ou descontínuos) e, quanto mais fragmentada em distintas comunidades e tanto mais ampla sua área de dispersão geográfica, tanto mais encontrará valor e utilidade para a comunicação à distância via internet.</p>
<p><b>A língua indígena encontra-se ameaçada ou enfraquecida</b> diante das investidas e do crescente emprego (mesmo que por falantes bilíngues) da língua majoritária, que toma espaços até mesmo da oralidade na comunidade indígena, de forma que a comunidade linguística em questão precisa descobrir, criar e explorar novos nichos, novos lugares de interação social relevantes para dedicá-los à sua língua ancestral.</p>
<p>O <b>desenvolvimento da escrita em língua indígena</b> [não estamos falando de simples criação de ortografias ou de mera alfabetização] propicia oportunidades de (ou, que exigem a) modernização da língua, e a publicização na internet opera como um estímulo (editorial) à produção escrita.</p>
<p>O rádio, a televisão, o vídeo, o cinema, o CD, os computadores e a internet são alguns dos lugares sociais de mais prestígio criados, mantidos e instrumentalizados pelos não índios para dar divulgação e credibilidade às suas ideias, crenças e valores, e para emprestar força e respeitabilidade às suas línguas, partidos, instituições, religiões e culturas. Não usar essas ferramentas em favor das sociedades indígenas, suas línguas, suas culturas e seus valores, <b>quando tais instrumentos atingem suas populações diretamente, na língua do colonizador</b>, é de uma ingenuidade atroz.</p>

Fonte: D'Angelis (2011, p.5-6)

D'Angelis problematiza, então, sobre as questões da inclusão de línguas indígenas na

*Web*:

E se em dez anos, qualquer criança ou jovem indígena de uma determinada etnia terá acesso a computadores e à internet (portanto, estará incluído digitalmente), quais línguas ele verá no computador e na *web*? Obviamente o Português, mas também o Inglês, o Espanhol, etc. Tudo, ou todas, menos a língua dele, se não fizermos um trabalho para isso, e desde já. E qual é o impacto de os jovens não verem sua língua na internet? A diferença está entre os extremos de não ver sua língua na internet e, se for feliz, de que ela esteja lá. Não ver sua língua na internet, naquilo que lhe parecerá o maior espaço de divulgação e circulação de idéias e informações, só acarretará em um enorme número de crianças e jovens indígenas um desprezo por sua tradição cultural, e arraigará neles a convicção de que a língua de seus antepassados não tem papel ou função no mundo moderno. Só se 'guarda' por tradição, como folclore. (D'ANGELIS, 2010, p. 4)

Por outro lado, D'Angelis ressalta que se a criança ou jovem indígena, quando conhecer a *Web* puder ver a sua língua representada nesse espaço, poderá ter boas repercussões na sua autoimagem.

[...] encontrar também lá a sua própria língua materna, em espaços igualmente relevantes, úteis e desafiadores de informação e de divulgação de ideias, de debate e de trabalho, sua imagem de sua língua materna, sua imagem da herança de seus antepassados e sua autoestima receberão um

impacto altamente positivo e decisivo para seu futuro (D'ANGELIS , 2010, p. 4).

A *Web* é, pois, para D'Angelis (2010, p. 4), um espaço pleno para uso dessas línguas, tanto na oralidade como na escrita, o que contribuirá para a modernização e o desenvolvimento das mesmas. D'Angelis (2010, p. 5) destaca que algumas pessoas poderiam questionar se a introdução de computadores e com eles a internet para as comunidades não seria uma invasão cultural. Pondera afirmando que isso depende de como é realizado o processo. Se há a participação da comunidade de forma autônoma na produção de conteúdo, pode gerar bons frutos através das parcerias e das trocas de conhecimento livre. Esse tipo de questionamento sobre a implantação de tecnologias já é bastante antigo. D'Angelis aborda o tema:

Mas a invasão cultural não precisa ser de uma tecnologia como o computador, embora possam ser outras tecnologias industriais: a motosserra, o motor de popa, a filmadora, etc. A invasão cultural pode ser levada no bolso ou apenas na própria mente do invasor: pode ser a própria escrita, ou então a pregação religiosa alienígena (cristã, islâmica ou qualquer outra). Nesse sentido, a inclusão digital passiva é uma invasão cultural. De fato, qualquer “inclusão passiva” é uma invasão cultural. O que chamo de “inclusão passiva” de um elemento cultural é aquela intromissão na cultura que se faz por interesse de fora dela e voltada a satisfazer esses interesses alienígenas (D'ANGELIS , 2010, p. 5).

Um desafio para a inclusão digital pró-ativa, proposta por D'Angelis, e o fortalecimento das línguas indígenas é a produção de conteúdos em língua local pelas comunidades envolvidas. D'Angelis (2011, p. 11) apresenta alguns meios que poderiam garantir essa produção (Quadro 19):

Quadro 19 - Produção de conteúdos em língua local (D'ANGELIS, 2011)

<b>Produção de conteúdos em língua local</b>
Os mesmos governos e Estados nacionais responsáveis por políticas integracionistas, que envolvem desde a disseminação de escolas e materiais didáticos em língua portuguesa até a construção de empreendimentos hidrelétricos e de transporte de pessoas e cargas em territórios indígenas, ou a universalização do acesso à televisão, estão moralmente obrigados a prover as mesmas comunidades das condições e recursos necessários a seus projetos ou programas de inclusão digital pró-ativa.
Projetos de inclusão digital, envolvendo a produção de conteúdos em língua local bem como a criação, disseminação e democratização dos instrumentos e ferramentas intelectuais para sua implementação, não podem ser conduzidos como ação marginal de programas de formação (inicial

ou continuada) de professores indígenas e práticas similares. Tais projetos exigem formulação independente, coordenação local próprias e recursos específicos para seu planejamento e execução.

Como muitas sociedades já praticaram (incluindo Estados Nacionais), o **recurso à tradução** de obras clássicas ou, por algum critério, importantes, produzidas em outras línguas, é um dos valiosos recursos para rápida produção de conteúdo em línguas locais, ao mesmo tempo em que, pelos desafios que oferecem ou impõem, contribuem decisivamente à modernização da língua. Trata-se de obras literárias, científicas, artísticas (teatro e cinema), etc.

Uma outra forma de produção rápida em língua local é a gravação (e veiculação) de **entrevistas ou depoimentos com falantes nativos** (em geral aproveita-se o recurso para o registro da memória histórica, de experiências pessoais marcantes, de conhecimentos particulares desenvolvidos por indivíduos diferenciados do grupo, etc.).

Fonte: Adaptado de D'Angelis (2011, p. 11-12)

D'Angelis coordena o projeto “Web Indígena”, o qual foi apresentado no capítulo 3 desta tese. As reflexões apontadas por D'Angelis, assim como as experiências vindas dos participantes do projeto “Web Indígena” são muito importantes para aqueles que buscam fortalecer línguas no ciberespaço. As ações de aprendizagem apresentadas no Capítulo 7 relacionam-se às questões levantadas por D'Angelis.

#### 6.4 A diversidade linguística no mundo digital

Foi realizado na Universidade de Brasília, Brasil, em 2011, o **II Simpósio Internacional sobre o Multilinguismo no Ciberespaço**, o qual contou com a participação de pesquisadores de diversos países. O simpósio foi organizado principalmente pelo Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET), do Instituto das Letras (IL) da Universidade de Brasília, em conjunto com a Rede Mundial pela Diversidade Linguística (Maaya) e com suporte institucional da Unesco, da União Internacional de Telecomunicações (UIT) e da Organização Internacional da Francofonia (OIF)<sup>327</sup>.

Nesse simpósio foram discutidas e apresentadas questões que podem auxiliar no fortalecimento de línguas, assim como nas reflexões acerca da diversidade linguística no mundo digital. Na primeira conferência do simpósio, **Por que medir a diversidade linguística no mundo digital?**, o palestrante Daniel Pimienta, diretor da *Fundación-Redes y*

<sup>327</sup> Organização do II Simpósio Internacional sobre o Multilinguismo no Ciberespaço. Disponível em: <<http://www.let.unb.br/simc/index.php/organizacao>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

*Desarrollo* (FUNREDES)<sup>328</sup>, localizada na República Dominicana, observou que saímos de um período de muita criatividade para um período de monopólio de grandes empresas na internet, o que tornaria a diversidade um tema muito complexo. Segundo Pimienta, muitas pessoas consideram que o Inglês ainda é a língua dominante no ciberespaço, entretanto os dados mostram que o declínio do inglês começou em 1995 (informação verbal)<sup>329</sup>.

Conforme Pimienta, a Wikipédia possuía 264 línguas, enquanto o *Google* possuía 45 línguas. Considerou, portanto naquela época, ano de 2011, que o *Google* usava muito mais a língua inglesa do que outras línguas, caracterizando assim um monopólio linguístico (informação verbal)<sup>330</sup>.

Por outro lado, construir os próprios conteúdos de acordo com as culturas indígenas é um desafio. Consoante Pimienta, os chineses e os russos possuem seus próprios motores de busca na internet (informação verbal)<sup>331</sup>. O ideal é que cada língua tenha o seu motor de busca, pois a força de uma língua no ciberespaço tem implicações econômicas e culturais (PIMIENTA, 2011, p.11)<sup>332</sup>. Ao mesmo tempo conectar pessoas, somente, não é o bastante. Nesse sentido, o grande desafio para as páginas de línguas minoritárias é a elaboração de conteúdo. Portanto, apenas a criação de um “domínio” para uma língua, obviamente, não resolveria o problema de política linguística (informação verbal)<sup>333</sup>. Outro fator importante que foi abordado por Pimienta refere-se à dificuldade de se medir a qualidade dos conteúdos dessas páginas. Finalmente, Pimienta enfatiza que o interesse pela diversidade linguística tem crescido no ciberespaço, e que o tamanho da rede é infinito e os aplicativos e formas são continuamente aprimorados, e que há, por exemplo, uma previsão de que a internet seja, no futuro, “falada” (informação verbal)<sup>334</sup>.

O professor Francisco Cláudio Sampaio de Menezes da Universidade de Brasília (UnB), o qual compôs a equipe da organização do simpósio supracitado, vem discutindo a questão da diversidade linguística no mundo digital, tanto como membro da Unesco, como coordenador de administração do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) do Ministério da Ciência e Tecnologia. Atualmente, Menezes é professor no curso de

<sup>328</sup> Desde 2006 a FUNREDES mantém o *Observatorio de la diversidad lingüística y cultural en la internet*. Disponível em: <<http://funredes.org/lc/>>. Acesso em: 7 ago. 2014.

<sup>329</sup> PIMIENTA, Daniel. Por que medir a diversidade linguística no mundo digital?. 8 de nov.2011. Conferência proferida no II Simpósio Internacional sobre o Multilinguismo no Ciberespaço. Universidade de Brasília, Brasil.

<sup>330</sup> Idem, ibdem.

<sup>331</sup> Idem, ibdem.

<sup>332</sup> PIMIENTA, Daniel. Por que medir a diversidade linguística no mundo digital? II Simpósio Internacional sobre o Multilinguismo no Ciberespaço. Universidade de Brasília. 8 de nov.2011. PowerPoint da Conferência. Disponível em: <<http://www.let.unb.br/simc/index.php/programapt>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>333</sup> PIMIENTA, op. cit.

<sup>334</sup> PIMIENTA, op. cit.

graduação Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LET-MSI)<sup>335</sup>, o qual foi criado recentemente na UnB, sob sua coordenação. Um de seus trabalhos é intitulado “Multilingualismo no Ciberespaço: Utopias e Realidades de um Desafio Mundial<sup>336</sup>”. No II Simpósio Internacional sobre o Multilinguismo no Ciberespaço, Menezes apresentou, e posteriormente publicou o seguinte trabalho: “Recursos humanos para o multilinguismo digital: uma experiência em marcha<sup>337</sup>”. Neste trabalho Menezes (2011) comenta sobre a importância dos atores, tais como as instituições mundiais, os governos, o setor privado e a academia, além dos aspectos técnicos envolvidos na diversidade linguística no mundo digital. Menezes (2011) considera, ao mesmo tempo, a transição da sociedade da informação para a sociedade do conhecimento, na qual a diversidade predomina.

Abordamos nesta tese, tal como Menezes (2011), a questão dos atores envolvidos, no caso aqui, com o fortalecimento da língua e da cultura Kokama, com base na perspectiva da ciência das redes, da sociolinguística, da sociologia e da antropologia, observando a atuação desses atores tanto no mundo digital como em outros ambientes<sup>338</sup>.

Com base no panorama sobre a diversidade linguística no ciberespaço traçado por Pimienta (2011), concordamos que não se pode simplesmente criar uma página na internet como estratégia de revitalização linguístico-cultural. É preciso desenvolver as ações, tendo em vista, as indicações de Diki-Kidiri (2007) e D’Angelis (2010, 2011). Assim como Pimienta (2011), consideramos a importância de se medir a diversidade linguística no mundo digital. Por isso mapeamos a presença da língua e cultura Kokama no ciberespaço utilizando métodos próprios<sup>339</sup>.

Nos últimos anos, tem aumentado a presença na internet de falantes de outros idiomas que não o Inglês, o que pode ser observado ao se analisar a coluna de crescimento dos usuários na internet, relacionando-os às suas respectivas línguas na Tab. 9, no período de 2000 a 2013, em que o Árabe, o Russo, o Chinês e o Português apresentam maior

<sup>335</sup>Curso de graduação Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI). Disponível em: <<http://www.let.unb.br/lea/>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>336</sup>MENEZES, Francisco Cláudio Sampaio de. Multilingualismo no Ciberespaço: Utopias e Realidades de um Desafio Mundial. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) do Ministério da Ciência e Tecnologia. 2º Seminário sobre Informação na Internet. Museu Nacional Brasília, DF, Brasil. 29/07/2008. 24 p.

<sup>337</sup>MENEZES, Francisco Cláudio Sampaio de. Recursos humanos para o multilinguismo digital: uma experiência em marcha. 2º Simpósio Internacional sobre Multilinguismo no Ciberespaço. Brasília, 7-8-9 – Nov – 2011. Disponível em: <[http://www.let.unb.br/simc/celular/img/pdf/Menezes\\_C1%C3%A1udio.pdf](http://www.let.unb.br/simc/celular/img/pdf/Menezes_C1%C3%A1udio.pdf)>. Acesso em 29 jul. 2014. 5 p.

<sup>338</sup> Ver capítulos 4, 5, 6 e 7.

<sup>339</sup> Ver o Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC) no capítulo 4 e o Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRz) no capítulo 7.

crescimento. Pode-se ver também na Tab. 9 como a penetração da internet<sup>340</sup> foi maior entre os idiomas Japonês, Alemão e Russo:

Tabela 9 - As 10 línguas mais usadas na Web: números de usuários da internet por língua. 31 de dezembro de 2013

Top Ten Languages Used in the Web - December 31, 2013 (Number of Internet User by Language)					
TOP TEN LANGUAGES IN THE INTERNET	Internet Users by Language	Internet Penetration (% Population)	Users Growth in Internet (2000 - 2013)	Internet Users % of World Total (Participation)	World Population for Language (2014 Estimate)
<u>English</u>	<b>800,625,314</b>	58.4 %	468.8 %	28.6 %	1,370,977,116
<u>Chinese</u>	<b>649,375,491</b>	46.6 %	1,910.3 %	23.2 %	1,392,320,407
<u>Spanish</u>	<b>222,406,379</b>	50.6 %	1,123.3 %	7.9 %	439,320,916
<u>Arabic</u>	<b>135,610,819</b>	36.9 %	5,296.6 %	4.8 %	367,465,766
<u>Portuguese</u>	<b>121,779,703</b>	46.7 %	1,507.4 %	4.3 %	260,874,775
<u>Japanese</u>	<b>109,626,672</b>	86.2 %	132.9 %	3.9 %	127,103,388
<u>Russian</u>	<b>87,476,747</b>	61.4 %	2,721.8 %	3.1 %	142,470,272
<u>German</u>	<b>81,139,942</b>	85.7 %	194.9 %	2.9 %	94,652,582
<u>French</u>	<b>78,891,813</b>	20.9 %	557.5 %	2.8 %	377,424,669
<u>Malay</u>	<b>75,459,025</b>	26.6 %	1,216.9 %	2.7 %	284,105,671
<b>TOP 10 LANGUAGES</b>	<b>2,362,391,905</b>	48.5 %	696.1 %	84.3 %	4,856,715,562
<b>Rest of the Languages</b>	<b>440,087,029</b>	19.0 %	585.2 %	15.7 %	2,325,143,057
<b>WORLD TOTAL</b>	<b>2,802,478,934</b>	39.0 %	676.3 %	100.0 %	7,181,858,619

NOTES: (1) Top Ten Languages Internet Stats were updated for December 31 2013. (2) Internet Penetration is the ratio between the sum of Internet users speaking a language and the total population estimate that speaks that specific language. (3) The most recent Internet usage information comes from data published by Nielsen Online, International Telecommunications Union, GfK, and other reliable sources. (4) World population information comes mainly from the U.S. Census Bureau. (5) For definitions, methodology and navigation help, see the Site Surfing Guide. (6) Stats may be cited, stating the source and establishing an active link back to Internet World Stats. Copyright © 2014, Miniwatts Marketing Group. All rights reserved worldwide.

Fonte: Reproduzido de Top Ten Languages Used in the Web. Internet world stats<sup>341</sup>.

Com respeito ao uso de línguas em *websites* na internet, o inglês é usado por 55.8% de todos os *websites*, conhecidos pela empresa W3 Techs, que contêm língua como conteúdo, conforme dados de 30 de junho de 2014<sup>342</sup>, dispostos na Tab. 10.

Tabela 10 - Utilização de língua como conteúdo de *websites* (30 de junho de 2014)

Utilização de língua como conteúdo de <i>websites</i>	
English	55.8 %

<sup>340</sup> Penetração da Internet é a razão entre a soma de usuários de internet que falam uma determinada língua e a estimativa da população total que fala essa língua. Tradução da legenda da Tabela Top Ten Languages Used in the Web. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats7.htm>> Acesso em 30 de ago. 2014.

<sup>341</sup> Top Ten Languages Used in the Web. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats7.htm>> Acesso em 30 jun. 2014

<sup>342</sup> W3 Techs. Disponível em: <[http://w3techs.com/technologies/overview/content\\_language/all](http://w3techs.com/technologies/overview/content_language/all)> Acesso em 30 jun. 2014.

---

German	6.1 %
Russian	5.8 %
Japanese	5.0 %
Spanish, Castilian	4.7 %
French	4.0 %
Chinese	3.0 %
Portuguese	2.3 %
Italian	1.9 %
Polish	1.7 %
Turkish	1.4 %
Dutch, Flemish	1.3 %
Persian	0.8 %
Arabic	0.8 %
Czech	0.7 %
Swedish	0.6 %
Korean	0.5 %
Indonesian	0.4 %
Vietnamese	0.4 %
Romanian, Moldovan	0.4 %
Greek	0.4 %
Danish	0.3 %
Hungarian	0.3 %
Thai	0.3 %
Finnish	0.2 %
Slovak	0.2 %
Bulgarian	0.2 %
Norwegian	0.2 %
Hebrew	0.1 %
Lithuanian	0.1 %
Croatian	0.1 %
Ukrainian	0.1 %
Norwegian Bokmål	0.1 %
Serbian	0.1 %
Slovenian	0.1 %
Catalan, Valencian	0.1 %

W3Techs.com, 30 June  
2014

Percentages of websites using various content  
languages

Note: a website may use more than one content  
language

---

Fonte: Usage of content languages for  
websites.W3 Techs.com, 30 jun. 2014.

Conforme a W3Techs as línguas seguintes são usadas como conteúdo por menos de 0,1% dos *websites*<sup>343</sup>. Note que há presença de línguas indígenas como as línguas Cree, Guarani, Quéchua e Maori:

- ◆ Latvian
- ◆ Estonian

- ◆ **Maori**
- ◆ Old English

---

<sup>343</sup> Lista Disponível em: [http://w3techs.com/technologies/overview/content\\_language/all](http://w3techs.com/technologies/overview/content_language/all)> Acesso em: 30 jun. 2014.

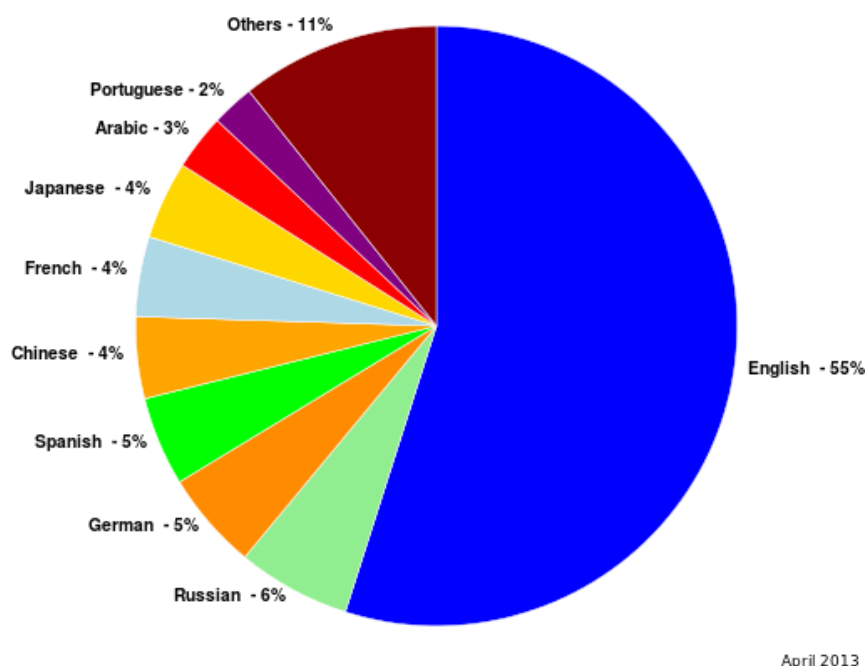


- ✦ Malay
- ✦ Azerbaijani
- ✦ Hindi
- ✦ Bengali
- ✦ Icelandic
- ✦ Macedonian
- ✦ Bosnian
- ✦ Mongolian
- ✦ Albanian
- ✦ Galician
- ✦ Northern Sami
- ✦ Armenian
- ✦ Georgian
- ✦ Tamil
- ✦ Urdu
- ✦ Basque
- ✦ Afrikaans
- ✦ Kazakh
- ✦ Norwegian Nynorsk
- ✦ Belarusian
- ✦ Filipino, Pilipino
- ✦ Sinhala, Sinhalese
- ✦ Kanuri
- ✦ Uzbek
- ✦ Breton
- ✦ Malayalam
- ✦ Burmese
- ✦ Kurdish
- ✦ Telugu
- ✦ Abkhazian
- ✦ Khmer, Cambodian
- ✦ Marathi
- ✦ Swahili
- ✦ Nepali
- ✦ Pushto, Pashto
- ✦ Bambara
- ✦ Bashkir
- ✦ Irish
- ✦ Kannada
- ✦ Luba-Katanga
- ✦ Tuvalu
- ✦ Welsh
- ✦ Panjabi, Punjabi
- ✦ Amharic
- ✦ Esperanto
- ✦ Lao
- ✦ Sanskrit
- ✦ Tagalog
- ✦ Faroese
- ✦ Gujarati
- ✦ Luxembourgish, Letzeburgesch
- ✦ Akan
- ✦ **Guarani**
- ✦ Oromo
- ✦ **Quechua**
- ✦ Tigrinya
- ✦ Western Frisian
- ✦ Cebuano
- ✦ Palauan
- ✦ Romansh
- ✦ Sicilian
- ✦ Southern Sotho
- ✦ Volapük
- ✦ Maltese
- ✦ Somali
- ✦ Kirghiz, Kyrgyz
- ✦ Twi
- ✦ Latin
- ✦ Tatar
- ✦ Ewe
- ✦ Uighur, Uyghur
- ✦ Asturian, Bable, Leonese, Asturleonese
- ✦ Tajik
- ✦ Corsican
- ✦ Haitian, Haitian Creole
- ✦ Kalaallisut, Greenlandic
- ✦ Occitan, Provençal
- ✦ Sundanese
- ✦ Zhuang, Chuang
- ✦ Chamorro
- ✦ Hausa
- ✦ Limburgan, Limburgish
- ✦ Tonga
- ✦ Turkmen
- ✦ Igbo
- ✦ Interlingua
- ✦ Kinyarwanda
- ✦ Lingala
- ✦ Zulu
- ✦ Walloon
- ✦ Yiddish
- ✦ Yoruba
- ✦ Afar
- ✦ Aragonese
- ✦ Assamese
- ✦ Avestan
- ✦ Chechen
- ✦ **Cree**
- ✦ Dzongkha
- ✦ Gaelic, Scottish Gaelic
- ✦ Galibi Carib
- ✦ Ganda
- ✦ Interlingue, Occidental
- ✦ Kabyle
- ✦ Kongo
- ✦ Lower Sorbian
- ✦ Mirandese
- ✦ Neapolitan
- ✦ Nepal Bhasa, Newari
- ✦ Oriya
- ✦ Ossetian, Ossetic
- ✦ Papiamentu
- ✦ Romany
- ✦ Rundi
- ✦ Samoan
- ✦ Shona

- ✦ Chuvash
- ✦ Ido
- ✦ Javanese
- ✦ Low German, Low Saxon
- ✦ Malagasy
- ✦ Sign Languages
- ✦ Sindhi
- ✦ Tibetan
- ✦ Upper Sorbian
- ✦ Xhosa

O Gráfico 6 apresenta melhor visualização do uso de línguas em conteúdos de *websites*, com dados de abril de 2013 da W3Techs:

Gráfico 6 - Utilização de língua de conteúdo em *websites* (abril de 2013)

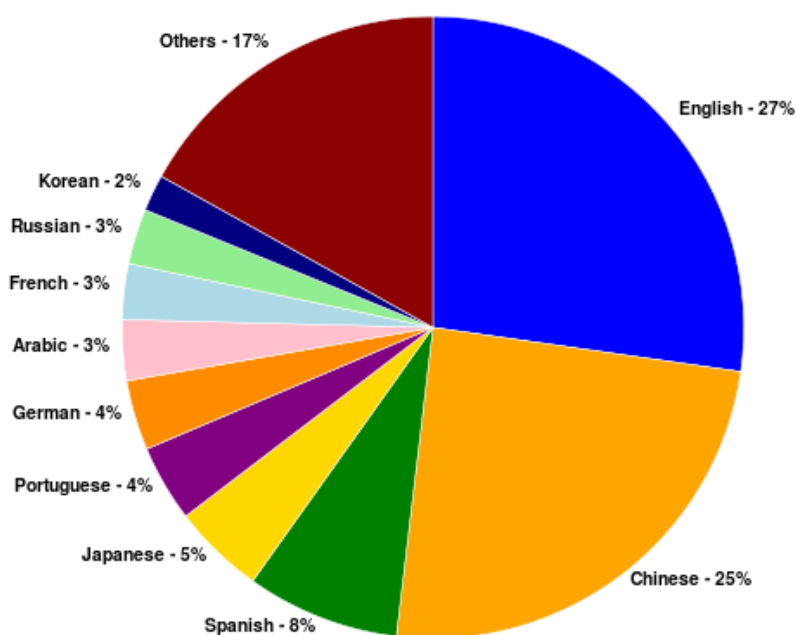


Fonte: Reproduzido de Jeff Ogden (W163) - Own work, based on data from "Usage of content languages for websites", W3Techs.com, a division of Q-Success DI. Wikipedia, Global internet usage<sup>344</sup>.

O próximo gráfico apresenta a visualização do número de usuários da internet por idioma, com dados de 22 de abril de 2012 (Gráfico7):

<sup>344</sup>Utilização de língua de conteúdo em websites Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Global\\_Internet\\_usage](http://en.wikipedia.org/wiki/Global_Internet_usage)> Acesso em 30 jun. 2014.

Gráfico 7 - Número de usuários da internet por línguas (abril de 2012)



Fonte: Reproduzido de Jeff Ogden (W163) - Own work, based on data from "Number of Internet Users by Language", Internet WorldStats, Miniwatts Marketing Group<sup>345</sup>.

O Português, idioma oficial do Brasil, é a terceira língua mais usada em redes sociais<sup>346</sup>, a nona mais usada como conteúdo de *websites* (Gráfico 6) e a quinta em número de usuários na internet (Gráfico 7).

Outros estudos primordiais para o estudo do tema da diversidade linguística no mundo digital são: *Twelve years of measuring linguistic diversity in the Internet: balance and perspectives*<sup>347</sup> e *Measuring Linguistic Diversity on the Internet*<sup>348</sup>.

#### 6.4.1 O multilinguismo nos projetos da Wikimedia Foundation

Os projetos da *Wikimedia Foundation*<sup>349</sup>, organização sem fins lucrativos, com escritório em San Francisco na Califórnia, EUA, fundada em 2003, com o objetivo de

<sup>345</sup> "Number of Internet Users by Language", Internet WorldStats, Miniwatts Marketing Group. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Global\\_Internet\\_usage](http://en.wikipedia.org/wiki/Global_Internet_usage)> Acesso em 30 jun. 2014.

<sup>346</sup> Dado do artigo "O português conquistou a Internet, agora quer ser língua oficial nas organizações internacionais". Ana Dias Cordeiro. 20/09/2013 - 14:54. Disponível em: <<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/o-portugues-conquistou-a-internet-e-agora-quer-ser-lingua-oficial-nas-organizacoes-internacionais-1606507>> Acesso em 20 de jun 2014

<sup>347</sup> PIMIENTA, Daniel, PRADO, Daniel e BLANCO, Álvaro. Twelve years of measuring linguistic diversity in the Internet: balance and perspectives. Unesco. Paris. 2009. 58 p.

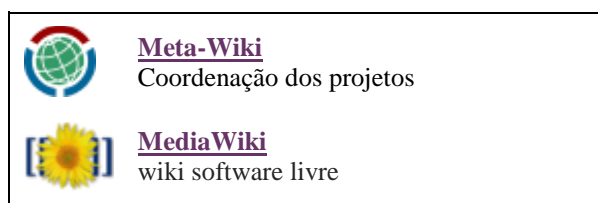
<sup>348</sup> PAOLILLO, John; PIMIENTA, Daniel., PRADO, Daniel, et al.. Measuring Linguistic Diversity on the Internet. Unesco. Paris. 2005. 109 p.

incentivar o crescimento, o desenvolvimento, e distribuição de conteúdo multilíngue livre, podem auxiliar no fortalecimento de línguas e na aprendizagem em rede. Atualmente são diversos projetos, que podem conter conteúdos interligados, como por exemplo, uma página da Wikipedia (Enciclopédia livre), além do texto comum, pode conter imagens e/ou áudios que estejam ao mesmo tempo no *Wikimedia Commons* (Imagens, sons e vídeos). Podem-se ver a seguir os projetos listados gerenciados pela Wikimedia (Quadro 20):

Quadro 20 - Projetos da Fundação Wikimedia. 2014.

Projetos da Fundação Wikimedia	
	<b><u>Wikipedia</u></b> Enciclopédia livre
	<b><u>Wikiquote</u></b> Coletânea de citações
	<b><u>Wikcionário</u></b> Dicionário de várias línguas
	<b><u>Wikispecies</u></b> Diretório de espécies
	<b><u>Wikinotícias</u></b> Fonte de notícias livres
	<b><u>Wikisource</u></b> Documentos originais livres
	<b><u>Wikimedia Commons</u></b> Imagens, sons e vídeos
	<b><u>Wikiversidade</u></b> Centro ilimitado do aprender
	<b><u>Wikilivros</u></b> Livros didáticos e manuais livres
	<b><u>Wikivoyage</u></b> Guia livre de viagem
	<b><u>Wikidata</u></b> Base de dados livre

<sup>349</sup> Wikimedia Foundation. Disponível em: <<http://wikimediafoundation.org/wiki/Home>> Acesso em 20 de jun 2014. Para mais informação sobre os projetos ver “Our projects”. Disponível em: <[http://wikimediafoundation.org/wiki/Our\\_projects](http://wikimediafoundation.org/wiki/Our_projects)> Acesso em 20 de jun 2014



Fonte: Wikimedia Foundation<sup>350</sup>

Todo o conteúdo gerenciado pela *Wikimedia Foundation* é aberto, ou mais especificamente, possui a licença chamada *GNU Free Documentation License* (Licença GNU de Documentação Livre)<sup>351</sup>. Ao considerar a *Wikimedia Foundation* como um dos ambientes de diversas interações entre falantes de idiomas de diversas partes do mundo, sendo um dos ambientes com mais presença de multilinguismo no ciberespaço, demos início às avaliações de alguns recursos de seus projetos.

A Wikipédia, um dos projetos da *Wikimedia Foundation* é, atualmente, a enciclopédia mais consultada em todo o mundo e a que abarca o maior número de línguas no meio digital.

A Wikipédia é a enciclopédia maior e mais popular do mundo. É on-line, livre para usar para qualquer finalidade, e livre de publicidade. Wikipédia contém mais de 32 milhões de artigos de autoria por voluntários em mais de 287 línguas, e é visitado por mais de 490 milhões de pessoas todos os meses, tornando-se um dos sites mais populares do mundo<sup>352</sup>.

Embora a Wikipédia ainda não seja uma fonte de referência usual no meio acadêmico, milhares são os estudantes que a consultam diariamente. O conteúdo da Wikipédia, principalmente em inglês está cada vez mais aprimorado, devido às contribuições dos colaboradores. O estudo<sup>353</sup> de biblioteconomia de Ribeiro e Gottschalg-Duque (2011), em que foram comparados verbetes das duas maiores enciclopédias digitais em inglês, Wikipédia e a Enciclopedia Britânica, buscou analisar se a proibição da citação da Wikipédia no meio acadêmico poderia ser justificada. Segundo Ribeiro e Gottschalg-Duque (2011), a

<sup>350</sup> Wikimedia Founbdation. Our projects. Disonível em: < [http://wikimediafoundation.org/wiki/Our\\_projects](http://wikimediafoundation.org/wiki/Our_projects)>. Acesso em 20 de jun. 2014.

<sup>351</sup>“GNU Free Documentation License (português: *Licença GNU de Documentação Livre*) é uma licença para documentos e textos livres publicada pela Free Software Foundation. É inspirada na GNU General Public License, da mesma entidade, que é uma licença livre para software. A GNU FDL permite que textos, apresentações e conteúdo de páginas na internet sejam distribuídos e reaproveitados, mantendo, porém, alguns direitos autorais e sem permitir que essa informação seja usada de maneira indevida. A licença não permite, por exemplo, que o texto seja transformado em propriedade de outra pessoa, além do autor ou que sofra restrições a ser distribuído da mesma maneira que foi adquirido”. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/GNU\\_Free\\_Documentation\\_License](http://pt.wikipedia.org/wiki/GNU_Free_Documentation_License)> . Acesso em 20 de jun. 2014.

<sup>352</sup> About Wikimedia. Disponível em: <http://wikimediafoundation.org/wiki/FAQ/en>>. Acesso em 25 jun. 2014.

<sup>353</sup>RIBEIRO, A. L. R.; GOTTSCHALG-DUQUE, C. Wikipédia e Enciclopédia Britânica: informação confiável? Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação-RBBD. São Paulo, v.7, n.2, p. 172-185, jul./dez. 2011.

Enciclopedia Britânica possui uma história de atuação de longa data, criada em 1768, e a pioneira no mundo digital em 1994, através da *Britannica Online*, com 19 editores em tempo integral e a colaboração de mais de quatro mil peritos. Já a Wikipédia permite que qualquer internauta possa ser um colaborador. Por isso os autores indagaram: “Como fonte de informação a Wikipédia é confiável? A contribuição do público em geral, sem exigências de qualificação comprovada para discorrer sobre determinado assunto, produz conteúdo relevante do ponto de vista didático-pedagógico?” (RIBEIRO e GOTTSCHALG-DUQUE, 2011, p. 172). O resultado foi obtido por meio da análise da arquitetura da informação. Em análise do primeiro item, “escala de erros”, foi constatado que 50 % de ambas as enciclopédias estavam corretos. Foi analisada também a quantidade de palavras complementares às omissões e o índice de itens ocorridos nas Enciclopédias. Constatou-se que a Wikipédia apresentou maior qualidade na informação disponível nos 14 verbetes selecionados para análise.

Mas é o suficiente para se permitir a citação da Wikipédia no ambiente acadêmico? De acordo com os resultados finais, ainda há um índice de imprecisão alto; 50 % dos verbetes analisados continham ao menos uma ocorrência de um dos critérios de avaliação estabelecidos para a comparação. Quanto ao conteúdo, a confiabilidade da Wikipédia se equipara com o da Enciclopédia Britânica na área de Biblioteconomia (RIBEIRO e GOTTSCHALG-DUQUE, 2011, p. 181).

Possivelmente esses dados tenham mudado a favor da Wikipédia em língua inglesa, atualmente no ano de 2014, dado o seu tamanho desenvolvimento. No Brasil, a produção de artigos vem sendo paulatina, sendo mais investida a tradução de páginas da Wikipédia em inglês para a Wikipédia em Português, que possui atualmente 831.808 artigos em português<sup>354</sup>.

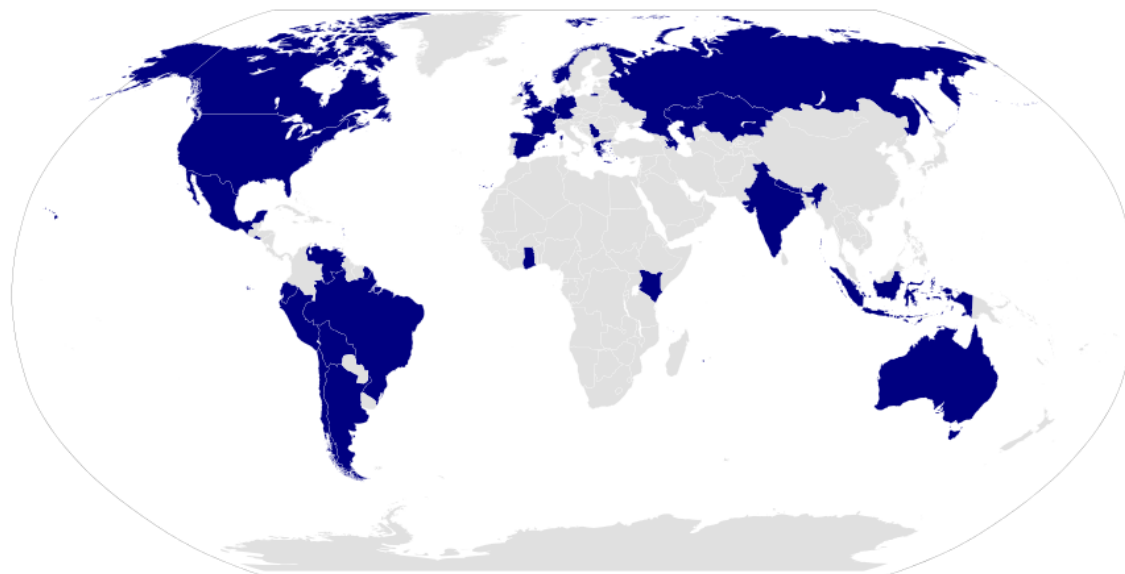
Com respeito à participação de indígenas nos projetos da Wikimedia, na página Wikimedia Línguas Indígenas<sup>355</sup>, a qual é uma tradução parcial da *Wikimedia Indigenous Languages*<sup>356</sup> pode ser constatada a participação de indígenas de várias partes do mundo, como se pode ver na Fig. 33 a seguir:

<sup>354</sup> Sobre a Wikipedia. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Sobre\\_a\\_Wikip%C3%A9dia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Sobre_a_Wikip%C3%A9dia) Acesso em: 30 de jun. 2014.

<sup>355</sup> Wikimedia Línguas Indígenas. Disponível em: [http://meta.wikimedia.org/wiki/Wikimedia\\_Indigenous\\_Languages/pt-br](http://meta.wikimedia.org/wiki/Wikimedia_Indigenous_Languages/pt-br) Acesso em: 21 jun. 2014.

<sup>356</sup> Wikimedia Indigenous Languages. Disponível em: [http://meta.wikimedia.org/wiki/Wikimedia\\_Indigenous\\_Languages](http://meta.wikimedia.org/wiki/Wikimedia_Indigenous_Languages). Acesso em: 21 jun. 2014.

Figura 33 - Mapa dos países com pelo menos um participante indígena na Wikimedia. 2012



Fonte: Reproduzido de Wikimedia Indigenous Languages - MapCC BY-SA 3.0. Created: September 1 2012<sup>357</sup>.

Nesse sentido, realizamos uma análise qualitativa sobre a inclusão das línguas indígenas brasileiras nos projetos da Wikimedia Foundation, junto aos membros da “Lista de e-mails da Wikimedia Brasil”. A nossa análise “inclusão das línguas indígenas brasileiras na Wikimedia” é de cunho estritamente reflexivo, com o intuito de contribuir com questões para as pessoas que forem trabalhar de forma prática com a inclusão digital pró-ativa de línguas e comunidades indígenas. A seguir apresentamos alguns trechos das discussões suscitadas na referida lista (Quadro 21).

Quadro 21 - Trechos da discussão “inclusão das línguas indígenas brasileiras na Wikimedia”. 2014.

Chandra Viegas

22 de março de 2014 23:15

Para: "Lista de emails da Wikimedia Brasil. / Brazilian Wikimedia Chapter" [wikimediabr-l@lists.wikimedia.org](mailto:wikimediabr-l@lists.wikimedia.org)

Assunto: Línguas indígenas brasileiras na Wikimedia

Olá para todos!

Venho abrir um debate sobre a inclusão das Línguas Indígenas Brasileiras na Wikimedia. Conforme o último Censo realizado pelo IBGE no ano de 2010 a população indígena do Brasil é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. A presença destas línguas no ciberespaço é de suma importância para o reconhecimento e para a valorização. As ações que envolvem esse processo de inclusão fazem parte da política linguística desejada no Brasil. Para que as línguas estejam no ciberespaço é importante que a elaboração de todo o conteúdo e da decisão de inclusão, ou não, envolva os respectivos falantes das comunidades. As pessoas das comunidades linguísticas podem fazer parcerias com universidades, escolas, laboratórios de informática, ou podem criar o conteúdo em suas próprias comunidades, ou onde se encontrarem. Para continuar o debate, já iniciado pelo Mateus Nobre com a língua

<sup>357</sup> Wikimedia Indigenous Languages - MapCC BY-SA 3.0. Created: September 1 2012. Disponível em: <[http://meta.wikimedia.org/wiki/Wikimedia\\_Indigenous\\_Languages/pt-br](http://meta.wikimedia.org/wiki/Wikimedia_Indigenous_Languages/pt-br)> Acesso em 30 de jun. 2014

Nheengatu, venho apresentar algumas reflexões e perguntas para os interagentes da lista. Observação: a Oona sugeriu que se começasse pela língua oral, incluindo vídeos, áudios e imagens na (commons.wikimedia.org). e propondo a transcrição colaborativa dos materiais. Seguem as questões:

1- Quais são as etapas necessárias para se incluir uma língua na wikimedia? Para incluir na wikipedia seria o mesmo procedimento? Lembro que li em algum lugar que era necessário ter uma amostra de textos. A intenção é incluir as línguas dentro do menu de opções.

2- Quais são as opções de direitos autorais das imagens, textos, vídeos? Já que alguns indígenas disseram que empresas já usaram imagens gráficas sem a permissão deles e outra preocupação é com os conhecimentos relacionados com as ervas medicinais, sementes, etc, que sofrem com a biopirataria, em que muitas vezes empresas internacionais ou nacionais registram a patente sem considerar a propriedade indígena.

Vinicius Siqueira<sup>358</sup>

24 de março de 2014 13:04

Oi Chandra,

Complementando as respostas anteriores:

1) *“Quais são as etapas necessárias para se incluir uma língua na wik imedia? Para incluir na wikipedia seria o mesmo procedimento? Lembro que li em algum lugar que era necessário ter uma amostra de textos. A intenção é incluir as línguas dentro do menu de opções”.*

A Wikipédia (um dos projetos Wikimedia) está disponível em mais de 200 línguas. Existe a possibilidade de se criar uma enciclopédia em língua indígena, como o projeto original do Mateus de instituir a Wikipédia em Nheengatu. Acredito que o primeiro passo será escolher uma língua, reunir pessoas que conheçam essa língua e que estejam dispostas a escrever uma série de artigos no idioma proposto. Os critérios para a criação de um projeto em um idioma que ainda não exista estão publicados aqui [1] e passo a relatá-los:

#### I) Requisitos de elegibilidade

(a) O projeto nesse idioma não deve existir;

(b) O idioma precisa ter um código ISO 639 1-3 válido (se não houver, é preciso tentar obtê-lo, porque a WMF não faz isso por nós);

(c) O idioma precisa ser suficientemente único, de modo que não possa coexistir em projetos com outro idioma (por exemplo, variantes regionais e outros);

(d) O idioma tem um número suficiente de falantes nativos vivos para compor uma comunidade de editores e um público viáveis (é permitida a criação do Wikisource em línguas sem falantes nativos);

#### II) Requisitos de aprovação

(a) Há um projeto em teste ativo em uma das plataformas de "construção" (no caso da Wikipédia, seria o Incubator);

(b) Há um esforço de tradução do MediaWiki para a língua em questão, de modo a não deixar as pessoas que não

Se você acha que preenche os critérios de elegibilidade, deve proceder ao pedido à Comitê de Línguas para a abertura de um projeto-teste [2]. E eles poderão aprovar.

Não se assuste com essa "burocracia". Não parece, mas é simples. O mais importante é reunir uma comunidade disposta a tocar o projeto e mantê-lo vivo. Mostrar serviço. Nós também estamos aqui para ajudá-la com todo esse procedimento. Mas lembre-se que também existem outros projetos, além da Wikipédia, que podem ser utilizados para difundir a cultura desses povos. O Luiz (e outros) pode dar umas ideias sobre como usar o Commons ou o Wikisource com essa finalidade.

Seja bem-vinda!

1 - [https://meta.wikimedia.org/wiki/Language\\_proposal\\_policy#Requisites](https://meta.wikimedia.org/wiki/Language_proposal_policy#Requisites)

<sup>358</sup>SIQUEIRA, Vinicius. RE: [Wikimedia Brasil] Línguas indígenas brasileiras na Wikimedia. Lista de emails do Movimento Wikimedia Brasil <wikimediabr-l@lists.wikimedia.org> Mensagem recebida por <chandraviegas@gmail.com> em 24 mar. 2014.



2 - [https://meta.wikimedia.org/wiki/Language\\_committee/Handbook\\_%28requesters%29](https://meta.wikimedia.org/wiki/Language_committee/Handbook_%28requesters%29)

Michel Castelo Branco<sup>359</sup>

25 de março de 2014 12:51

*1- Quais são as etapas necessárias para se incluir uma língua na wik imedia? Para incluir na wik ipedia seria o mesmo procedimento? Lembro que li em algum lugar que era necessário ter uma amostra de textos. A intenção é incluir as línguas dentro do menu de opções.*

Primeiro, sugiro escolher um projeto. Há vários na WMF, e de maneira bem sucinta, o mais simples seria carregar os registros fonográficos, visuais ou audiovisuais no Commons. É um projeto multilíngue e não é preciso criar nada, apenas carregar os arquivos ao projeto já existente. Tampouco isso inclui a língua no menu de opções, apenas publica material que pode ser utilizado para os demais projetos. Parece um bom

ponto de partida. Em seguida, sugiro desenvolver espaços dentro dos projetos em língua portuguesa: expandir verbetes na Wikipédia em português sobre o povo [1] e seu idioma [2], uma categoria no Wikcionário em português contendo as explicações e sinônimos para o léxico na língua-alvo [3], uma categoria no Commons para as imagens, sons e vídeos relacionados à etnia [4], Finalmente, sobre os projetos específicos na língua, acho que seria mais simples começar pelo Wiktionary, para o qual acredito haver mais fontes para o conteúdo já publicadas (dicionários, trabalhos acadêmicos em antropologia, etc). Mas é só um palpite, é importante conversar com a comunidade interessada para saber que tipo de conteúdo é mais adequado, que fontes existem, etc. Aliás, naquele processo de solicitação de criação de um novo projeto, o voluntário que estará defendendo a criação deve ser capaz de responder esses questionamentos. Eu participei na criação de dois projetos em Esperanto (wikinews e wikisource), talvez possa ajudar com alguma coisa nessa etapa. O Vinícius também já explicou os passos para criação de um projeto em uma nova língua, no Incubator (ou Beta, para o Wikiversity). É por aí mesmo.

[1] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Enawen%C3%AA-naw%C3%AA>

[2] [http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_enawen%C3%AA-naw%C3%AA](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_enawen%C3%AA-naw%C3%AA)

[3] <http://pt.wiktionary.org/wiki/Categoria:Enawen%C3%AA-naw%C3%AA>

[4] <http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Enawen%C3%AA-naw%C3%AA>

Michel Castelo Branco<sup>360</sup>

26 de março de 2014 21:42

É por isso mesmo que acho que o começo não é a pédia. Um wikcionário poderia ser mais útil. E, antes disso, os espaços dentro dos projetos multilíngues ou em língua portuguesa, como o Commons, Wikcionário, Wikinotícias e Wikipédia. Os verbetes relacionados na WP estão paupérrimos. Mas, como disse, depende do que pretende a comunidade interessada em manter o projeto. Um projeto é algo social, não deve ser trabalho de um único editor. A atividade no projeto-teste é, inclusive, um dos critérios para aprovação de novos projetos. Começar em wikiprojetos dentro de projetos já existentes seria uma forma de criar um movimento, na minha opinião.

Fonte: Trechos da discussão “Línguas indígenas brasileiras na Wikimedia”. Lista de emails do Movimento Wikimedia Brasil <wikimediabr-l@lists.wikimedia.org>. Março de 2014.

A importância da Wikimedia no fortalecimento de línguas já havia sido levantada por D’Angelis (2011). No capítulo 3 desta tese vimos exemplos de projetos inseridos na Wikimedia como forma de fortalecer línguas. Ressaltamos aqui a importância da inclusão

<sup>359</sup> BRANCO, Michel Castelo. RE: [Wikimedia Brasil] Línguas indígenas brasileiras na Wikimedia. Lista de emails do Movimento Wikimedia Brasil <wikimediabr-l@lists.wikimedia.org> Mensagem recebida por <chandraviegas@gmail.com> em 25 mar. 2014.

<sup>360</sup> Idem. 26 mar. 2014.

digital pró-ativa, como defende D'Angelis (2011), em que a criação dos conteúdos precisa estar de acordo com os objetivos das respectivas comunidades com participação e interação ativa de seus membros. Após a análise das interações na Lista de *e-mails* da Wikimedia Brasil, por sugestão de um dos editores da Wikipédia, Michel Castelo Branco, foi iniciado um teste de criação de verbetes em língua Kokama no Wikcionário (Projeto da Fundação Wikimedia), cuja descrição de desenvolvimento do dicionário *on-line* pode ser vista no capítulo 7 na seção “Línguas em rede” da presente tese.

Foi feita também pelo editor Michel Castelo Branco, uma expansão do artigo Cocamas<sup>361</sup>, situado na Wikipédia, o qual possuía anteriormente nível 1 e passou a ter nível 3 no que se refere à qualidade. O editor utilizou as obras de referência disponíveis como base.

#### 6.4.2 Google tradutor

O Google Tradutor é uma ferramenta de tradução instantânea que é, atualmente, compatível com 80 idiomas. O usuário pode traduzir palavras, frases e páginas da *Web*. Essa ferramenta é muito utilizada por estudantes, viajantes, etc. É muito usado no *Google Chrome* para fazer traduções de páginas da *Web* automaticamente. É possível ao usuário indicar melhor tradução, além de poder ouvir o áudio automático respectivo ao texto incluído na ferramenta. Para gerar as traduções o Google tradutor confere o padrão em centenas de milhares de documentos daquela língua, para assim gerar uma melhor tradução. Esse tipo de tradução é chamado de “tradução automática estatística”, mas com as análises concomitantes de traduções humanas o resultado se aperfeiçoa<sup>362</sup>. Segue no Quadro 22 os idiomas compatíveis com o Google tradutor:

Quadro 22 - Idiomas compatíveis com o Google Tradutor em 30 de junho de 2014

<b>Idiomas compatíveis com o Google Tradutor em 30 de junho de 2014</b>
---

<sup>361</sup> Cocamas. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cocamas>> Acesso em: 30 de jun. 2014.

<sup>362</sup> Fonte: Google Traduzir. Disponível em: < [http://translate.google.com.br/about/intl/pt-BR\\_ALL/](http://translate.google.com.br/about/intl/pt-BR_ALL/)> Acesso em: 30 de jun. 2014.

<b>africâner</b>	· esloveno	· ioruba	· persa
<b>albanês</b>	· espanhol	· irlandês	· polonês
<b>alemão</b>	· esperanto	· islandês	· português
<b>árabe</b>	· estoniano	· italiano	· punjabi
<b>armênio</b>	· finlandês	· japonês	· romeno
<b>azerbaidjano</b>	· francês	· javanês	· russo
<b>basco</b>	· galego	· kannada	· sérvio
<b>bengali</b>	· galês	· Khmer	· somália
<b>bielo-russo</b>	· georgiano	· laosiano	· suaíle
<b>bósnio</b>	· grego	· latim	· sueco
<b>búlgaro</b>	· gujarati	· letão	· tagalo
<b>catalão</b>	· hauçá	· lituano	· tailandês
<b>Cebuano</b>	· hebraico	· macedônico	· tâmil
<b>chinês</b>	· hindi	· malaio	· tcheco
<b>coreano</b>	· Hmong	· maltês	· telugo
<b>crioulo</b>	· holandês	· maori	· turco
<b>haitiano</b>	· húngaro	· marathi	· ucraniano
<b>croata</b>	· Igbo	· mongol	· urdu
<b>dinamarquês</b>	· indonésio	· nepalês	· vietnamita
<b>eslovaco</b>	· inglês	· norueguês	· yiddish
			· zulu

Fonte: Google Traduzir. Disponível em: <[http://translate.google.com.br/about/intl/pt-BR\\_ALL/](http://translate.google.com.br/about/intl/pt-BR_ALL/)> Acesso em: 30 jun. 2014.

Novas línguas estão sendo lançadas no serviço de tradução do Google Tradutor. São nove línguas que se estendem pela África, Ásia e Oceania, as quais têm mais de 200 milhões de falantes nativos, coletivamente (Quadro 23).

Quadro 23: Novas línguas inseridas no Google Tradutor em 10 de dezembro de 2013

Novas línguas inseridas no Google Tradutor em 10 de dezembro de 2013	
<p>África</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>♦ <b>Hausa</b> (Harshen Hausa), falado na Nigéria e os países vizinhos, com 35 milhões de falantes nativos</li> <li>♦ <b>Igbo</b> (Asụsụ Igbo) falado na Nigéria, com 25 milhões de falantes nativos</li> <li>♦ <b>Yoruba</b> (Èdè iorubá) falado na Nigéria e os países vizinhos, com 28 milhões de falantes nativos</li> <li>♦ <b>Somália</b> (Af-Soomaali) falado na Somália e em outros países em todo o Corno de África, com 17 milhões de falantes nativos</li> <li>♦ <b>Zulu</b> (isiZulu) falado na África do Sul e outros países africanos ao sul-oeste, com 10 milhões de falantes nativos</li> </ul>	<p>Ásia</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>♦ <b>Mongólia</b> (Монгол хэл), língua oficial na Mongólia e também falado em partes da China, com 6 milhões de falantes nativos</li> <li>♦ <b>Nepali</b> falada no Nepal e na Índia, com 17 milhões de falantes nativos</li> <li>♦ <b>Punjabi</b> (roteiro Gurmukhi) falado na Índia e no Paquistão, com 100 milhões de falantes nativos</li> </ul>
Nova Zelândia	

- ♦ **Maori** (Te Reo Māori), falado na Nova Zelândia com 160 mil falantes

Fonte: Google translate Blog. Disponível em: < <http://googletranslate.blogspot.com.br/#googtrans/en/pt-BR>> Acesso em: 30 jun. 2014.

Dentre as línguas abarcadas pelo *Google* tradutor está a língua indígena Maori, da Austrália, inserida em 2013, graças à participação intensa e **esforço voluntário de falantes nativos apaixonados**<sup>363</sup>. A língua Maori já contava, desde 2009, com motor de busca em sua própria língua, o Google Nova Zelândia: <*google.co.nz*>, criado pelos voluntários maori que trabalharam intensamente para traduzir milhares de frases e palavras, possibilitando o acesso à rede com imersão na língua nativa, sendo a língua Maori uma das primeiras a ser traduzida para a internet<sup>364</sup>.

A ferramenta Google tradutor pode ser interessante para o fortalecimento de línguas indígenas brasileiras, considerando o grande número de usuários da internet que são falantes de línguas indígenas no Brasil, que de forma similar à língua Maori, podem trabalhar colaborativamente.

Apesar da tradução do Google tradutor apresentar limitações quanto à qualidade, essa ferramenta é bastante útil para consultas rápidas. As traduções das línguas mais usadas na internet vêm melhorando a cada dia.

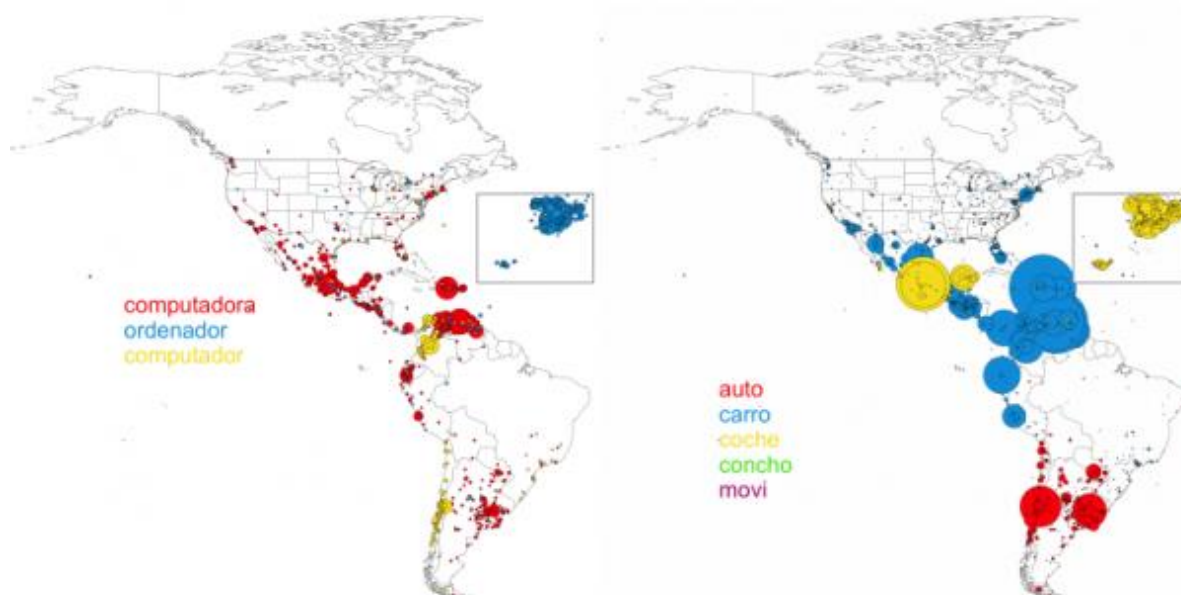
### 6.4.3 Twitter

O *Twitter* - uma rede social e servidor para *microblogging* - vem sendo usado por falantes de diversas línguas do mundo. Por meio da análise da linguística computacional é possível conferir quais são as línguas mais usadas e as formas que são preferidas pelos falantes, como por exemplo, a forma para “carro” e “computador” (Fig. 34):

<sup>363</sup> Fonte: Google translate Blog. Disponível em: < <http://googletranslate.blogspot.com.br/#googtrans/en/pt-BR>> Acesso em 30 de jun. 2014.

<sup>364</sup> Fonte: Google Nova Zelandia Blog. Disponível em: < <http://google-newzealand.blogspot.com.br/2013/07/e-aroaha-ana-ki-tou-reo-tena-awhinatia.html>> Acesso em: 30 de junho de 2014.

Figura 34 - Linguística Computacional do Twitter. 2014.



Fonte: Reproduzido de Computational Linguistics of Twitter Reveals the Existence of Global Superdialects. MIT Technology Review. 7 de Agosto de 2014<sup>365</sup>.

## 6.5 A presença da língua Kokama no ciberespaço

Com base no mapeamento da presença dos Kokama no ciberespaço<sup>366</sup>, por meio do Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC), pudemos observar, na segunda fase da aplicação do método, o uso da língua Kokama em algumas páginas, principalmente na *Web*, fazendo a filtragem das ocorrências com presença da língua Kokama. Desse modo, organizamos um quadro em forma de matriz (array multi-dimensional) contendo a ocorrência, a data, a modalidade de apresentação da língua (oral, escrita) e o meio (vídeo, áudio, texto) pelo qual ela aparece. Incluímos também o tipo da plataforma e a região geográfica a que se refere (Quadro 24).

Quadro 24 - Presença da Língua Kokama (Kukama, cocama) na internet. Jun. 2014 – ago. 2014.

Presença da língua Kokama (Kukama, cocama) na internet					
Ocorrência (Título)	Data	Modalidade (oral, escrita)	Meio (vídeo, áudio, texto)	Plataforma	País
Derrame de petróleo em chambira <sup>367</sup>	26/03/2011	Língua oral	vídeo	YouTube (Canal XBOANEGR AX)	Peru
Vídeo denuncia:	29/10/2010	Língua oral	vídeo		

<sup>365</sup> Computational Linguistics of Twitter Reveals the Existence of Global Superdialects. MIT Technology Review. 7 de Agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.technologyreview.com/view/529836/computational-linguistics-of-twitter-reveals-the-existence-of-global-superdialects/>> Acesso em: 7 ago. 2014.

<sup>366</sup> Ver. Cap. 4.

<sup>367</sup> Derrame de petróleo em chambira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cO6lFV6fN54>>

derrame de petróleo en el río marañón (versión corta) <sup>368</sup>					
Kak+ri Kukama! (el kukama vivo) <sup>369</sup>	16/06/2014	Língua oral e escrita	Vídeo, descrição, legenda.	YouTube (Canal Robertin Tanantino)	Peru
Tana kukama (somos Cocama) <sup>370</sup>	27/08/2013	Língua oral (música) e escrita	Vídeo		
Erapaka Waina (HD) - Grupo IKITU <sup>371</sup>	11/09/2013	Língua oral (música) e escrita (legenda)	Vídeo		
Ríos de Saber: muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana <sup>372</sup>	Datas variadas (56 ocorrências <sup>373</sup> )	Língua Escrita e oral	Texto e áudio	FORMABIAP (Site de instituição)	Peru
Radio ucamara <sup>374</sup>	07/11/2013	Língua oral	Vídeo	YouTube (Canal Radoc Ucamara)	Peru
Kumbarikira: Hip hop de niños y niñas del pueblo Kukama Kukamiria <sup>375</sup>	26/07/2013	Língua escrita e oral (música e descrição do vídeo)	Vídeo		
Kumbarikira, reportaje en	05/08/2013	Língua oral (música)	Vídeo		

<sup>368</sup>Vídeo denuncia: derrame de petróleo en el río marañón (versión corta). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s0TvBjrpbyQ>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>369</sup>Kak+ri Kukama! (el kukama vivo). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q0WgeSkRo80>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>370</sup>Tana kukama (somos Cocama). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UrnPZkxTx2o&list=UU5ZEAQninOcmSAUG7hkaJ2g&index=8>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>371</sup>ERAPAKA WAINA (HD) - Grupo IKITU. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a3WwkyMO8hY&list=UU5ZEAQninOcmSAUG7hkaJ2g>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>372</sup>Ríos de saber. Busca por língua Kukama. Disponível em: <<http://www.riosdesaber.org/?pg=00007&lg=ES>> Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>373</sup> Ver Quadro nº 25.

<sup>374</sup> Radio ucamara documentar. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gt36jA5v5pI>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>375</sup>Kumbarikira: Hip hop de niños y niñas del pueblo Kukama Kukamiria. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fx4UfVuO7II>> Acesso em: 20 jun. 2014.

televisión nacional <sup>376</sup>					
Radio Ucamara Documentary <sup>377</sup>	27/07/2013	Língua oral	Vídeo	YouTube (Canal Create your voice)	
Ikuari School - Kumbarikira <sup>378</sup>	26/07/2013	Língua oral e escrita	Vídeo		
Ikara Ukuri Canto De Dormir (Cantos De Los Kokama) <sup>379</sup>	Junho de 2014	Língua oral e escrita	Áudio e texto do título	SoundCloud (Canal Amazonas)	Colômbia
Timelito (Cantos De Los Kokama) <sup>380</sup>	Junho de 2014	Língua oral	Áudio e texto do título		
En Lengua Kukama ¡Pura Energia! <sup>381</sup>	Julho de 2014	Língua oral	Áudio	SoundCloud (Cosmovisión Kukama)	Peru
Kumparik+ra yaparachi (La danza del Gallinazito) <sup>382</sup>	Fevereiro de 2014	Língua oral	Áudio		
Festival milenar <sup>383</sup>	03/10/2012	Língua oral	Vídeo	Portal (G1 Globo Tv: Bom dia Amazônia)	Brasil
Língua Kokama <sup>384</sup>	11/08/2012	Língua oral	Vídeo	YouTube (Canal chandraviegas)	Brasil
ACIK-SPO-AM-dança kokama- 2ª	13/11/2012	Língua oral (música)	Vídeo (música)		

<sup>376</sup> Kumbarikira, reportaje en televisión nacional. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=DRngBXinRmU&list=UUkSfG0xv4mAHKv-be3\\_0Qag](https://www.youtube.com/watch?v=DRngBXinRmU&list=UUkSfG0xv4mAHKv-be3_0Qag)> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>377</sup> Radio Ucamara Documentary. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2iDLT90Nx0Q&list=UUHdeoHxlaA8HtNLQMXHdsla>> Acesso em: 12 jun. 2014

<sup>378</sup> IKUARI SCHOOL – KUMBARIKIRA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JxovOS7ueP0&list=UUHdeoHxlaA8HtNLQMXHdsla&index=15>> Acesso em: 12 jun. 2014

<sup>379</sup> Ikara Ukuri Canto De Dormir (Cantos De Los Kokama). Disponível em: <<https://soundcloud.com/amazonas/22-ikara-ukuri-canto-de-dormir>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>380</sup> Timelito (Cantos De Los Kokama). Disponível em: <<https://soundcloud.com/ama-zonas/18-timelito-cantos-de-los>> Acesso em: 20 jul. 2014.

<sup>381</sup> En Lengua Kukama ¡PURA ENERGIA!. Disponível em: <<https://soundcloud.com/cosmovisionkukama/en-lengua-kukama-pura-energia>> Acesso em: 20 jul. 2014.

<sup>382</sup> Kumparik+ra yaparachi (La danza del Gallinazito). Disponível em: <<https://soundcloud.com/cosmovisionkukama/kumbarikira-la-danza-del>> Acesso em: 20 jul. 2014.

<sup>383</sup> Festival milenar. Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-amazonica-am/bom-dia-amazonia/v/associacao-indigena-no-amazonas-realiza-festival/2169534/>> Acesso em: 12 jun. 2014

<sup>384</sup> Língua Kokama – TV Navegar. <https://www.youtube.com/watch?v=iX-sSQPnVXc>

FAP-2009 <sup>385</sup>					
Língua Kokama – TV Navegar <sup>386</sup>	2009	Língua oral	Vídeo	TV Navegar	Brasil
A luta que não quer pará <sup>387</sup>	23/03/2014	Língua oral	Vídeo	YouTube (Canal Roberto Padilha Filho Kokama)	Brasil
Kokama kumira mama!(língua Materna) <sup>388</sup>	19/03/2014	Língua oral e escrita (título)	Vídeo		
Kokama Tradição E Movimento <sup>389</sup>	19/03/2014	Língua oral (música)	Vídeo		
Dança Tradicional Kokama <sup>390</sup>	19/03/2014	Língua oral (música)	Vídeo		
Linguística kokama um documentário de alberison serrão <sup>391</sup>	08/03/2013	Língua oral e escrita	Vídeo	YouTube (Canal Alberison serrão de melo)	Brasil
Rádio web Jovens comunicador@s <sup>392</sup> OFC-SPO Primeiro programa “A voz da juventude Kokama” da comunidade de Monte Santo-São Paulo de Olivença-AM	2013	Língua oral	Áudio	Site (Jovens Indígenas comunicadores )	Brasil
Escola Indígena kokama Yatyry Ikwá realiza arraiá na	17/07/2013	Língua escrita	Texto		

<sup>385</sup> ACIK-SPO-AM- DANÇA KOKAMA- 2ª FAP-2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WNxQr0aNYKs>> Acesso em: 12 jun. 2014.

<sup>386</sup> Língua Kokama – TV Navegar. Disponível em: <<http://tvnavegar.com.br/video/?idv=84>> Acesso em: 12 jun. 2014.

<sup>387</sup> A luta que não quer pará Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CyNH65x0FKI>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>388</sup> KOKAMA kumira mama!(língua Materna). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SnVSjgyjp1g>> Acesso em: 20 jun. 2014

<sup>389</sup> KOKAMA TRADIÇÃO E MOVIMENTO. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Si8db8Cm3rE>> Acesso em: 20 jun. 2014

<sup>390</sup> Dança tradicional Kokama. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hi6FAIrb3JQ>> Acesso em: 20 jun. 2014

<sup>391</sup> Linguística kokama um documentário de alberison serrão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nRalfGk-rmo>> Acesso em: 21 jun. 2014

<sup>392</sup> Rádio web Jovens comunicador@s. Disponível em: <<http://jovens-ars.com/>> Acesso em: 21 jun. 2014.



comunidade Monte Santo <sup>393</sup>					
III Festival da Cultura Indígena Paulivense <sup>394</sup>	15/05/2014	Língua escrita	Texto		
AM – I Festa Cultural do Povo Kokama: À Milenar <sup>395</sup>	20/09/2012	Língua escrita (cartaz de divulgação)	Texto	Site (Racismo ambiental)	Brasil
Associação dos Índios Kokama residentes no município de Manaus-AKIM <sup>396</sup>	05/07/2013	Língua escrita	Texto	Blogger (Akim Kokama)	Brasil
Pesquisadores na comunidade Nova Esperança Kokama do ramal do Brasileirinho, na cidade de Manaus-AM <sup>397</sup>	01/07/2013	Língua escrita	Texto	Site (Nova Cartografia Social da Amazônia)	Brasil
Niños de Nauta revalorizan lengua nativa <sup>398</sup>	02/08/2013	Língua oral (música)	Vídeo	TV Perú Notícias	Peru
Presentación Etnias Urbanas.flv <sup>399</sup>	28/02/2010	Língua oral e escrita (descrição)	Vídeo	YouTube (Canal XdeMalkolm)	Peru
Mimuki <sup>400</sup>	14/09/2011	Língua oral e	Vídeo		

<sup>393</sup> Escola Indígena kokama Yatyry Ikwá realiza arraiá na comunidade Monte Santo. Disponível em: <http://jovens-ars.com/?p=705>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>394</sup> 3 Festival da Cultura Indígena Paulivense. Disponível em: < <http://jovens-ars.com/?p=1728>> Acesso em: 12 jun. 2014.

<sup>395</sup> Cartaz da AM – I Festa Cultural do Povo Kokama: A Milenar. Disponível em: <<http://racismoambiental.net.br/2012/09/am-i-festa-cultural-do-povo-kokama-a-milenar/>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>396</sup> Associação dos Índios Kokama residentes no município de Manaus-AKIM. Disponível em: < <http://kokamanaus.blogspot.com.br/2013/07/a-historia.html>> Acesso em: 12 jun. 2014.

<sup>397</sup> <http://novacartografiasocial.com/pesquisadores-na-comunidade-nova-esperanca-kokama-do-ramal-do-brasileirinho-na-cidade-de-manau-am/>

<sup>398</sup> Niños de Nauta revalorizan lengua nativa. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=S4JxgqAnvbo&index=2&list=LLkSfG0xv4mAHKv-be3\\_0Qag](https://www.youtube.com/watch?v=S4JxgqAnvbo&index=2&list=LLkSfG0xv4mAHKv-be3_0Qag)> Acesso em: 12 jun. 2014

<sup>399</sup> Presentación Etnias Urbanas.flv. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=uQqa8P6-c8&list=UUyEPIn50wWfIrVJw0xzkQAA&index=33>> Acesso em: 12 jun. 2014

<sup>400</sup> Mimuki (kanto kukama-danza mestiza). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fjLVftbcPww&list=UUyEPIn50wWfIrVJw0xzkQAA>> Acesso em: 20 jun. 2014.

		escrita (descrição e legenda)			
Orígenes Amazónikos (yapay westaka versión) <sup>401</sup>	16/11/2010	Língua oral e escrita (descrição e legenda)	Vídeo		
III Festival Yrapakatun 2012.capitulo 07 <sup>402</sup>	23/09/2012	Língua oral (música)	Vídeo	YouTube (Canal Pablo Taricuarima)	Peru
El Tahuampero Miner <sup>403</sup>	01/07/2012	Língua oral	Vídeo		
3 Festival Yrapakatun 2012-Capitulo 02.wmv <sup>404</sup>	10/05/2012	Língua oral (músicas)	Vídeo		
Artesanía Cocama <sup>405</sup>	16/12/2010	Língua oral (música)	Vídeo		
Niños de Nauta cantando en Kukama( Loreto, Perú), Expoamazonica 2013 Iquitos	31/08/2013	Língua oral e escrita	Vídeo	YouTube (Canal Victor richard cuadros soldevilla)	Peru
El Rescate de la Lengua Cocama <sup>406</sup>	18/08/2013	Língua oral e escrita	Vídeo	YouTube (Canal ifj co)	Peru
Kokamas comunicadores	Criado em 20/05/2013	Língua escrita	texto	Facebook (grupo fechado)	Brasil
Associação indígena dos povos kokama – PTKRKTT	Criada em 25/08/2012	Língua escrita	texto	Facebook (página aberta)	Brasil
<i>Cosmovision</i>	Criada em	Língua escrita e	Texto, vídeo e	Facebook	Peru

<sup>401</sup> Orígenes Amazónikos (yapay westaka versión). Disponível em: >Acesso em: 20 jun. 2014.

<<https://www.youtube.com/watch?v=ei1KNH5t0CA&list=UUyEPln50wWfIrVJw0xzkQAA&index=30>

<sup>402</sup> Festival Yrapakatun 2012.capitulo 07. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7EASBfQleIc&index=6&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>>Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>403</sup> EL TAHUAMPERO MINER. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WfUDPeElq7s&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg&index=9>>Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>404</sup> III FESTIVAL YRAPAKATUN 2012-CAPITULO 02.wmv. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sGZ-NUt6Jq&index=17&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg> Acesso em: 20 jun. 2014

<sup>405</sup> Artesanía Kokama. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GeUDLTLXLE&index=22&list=UUU6l8WNDK-n7V9qijd55MSg>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>406</sup> El Rescate de la Lengua Cocama. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pQLyomrWYAk>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<i>Kukama</i>	11/01/2011	oral	áudio	(página aberta)	
Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama	Criado em 26/02/2013	Língua escrita e oral	Texto, vídeo e áudio	Facebook (grupo fechado)	Brasil
Kokama Kakiri	Criado em 02/06/2014	Língua escrita e oral	Texto, vídeo e áudio	Facebook (grupo fechado)	Brasil
Kokama rádio Web <sup>407</sup>	Criado em 2014	Língua escrita	Texto	Google+ (Página de Roberto P. F.)	Brasil
Gramática cocama: Lecciones para el aprendizaje del idioma cocama <sup>408</sup>	1972	Língua escrita	Texto	Site (SIL Peru) Sumer Institute of Linguistics Peru: Investigating the languages and cultures of Peru	Peru
Cuatiaran 1 <sup>409</sup>	1956	Língua escrita	Texto		
Cuatiaran 1A <sup>410</sup>	1957	Língua escrita	Texto		
Cuatiaran 2 <sup>411</sup>	1956	Língua escrita	Texto		
Cuatiaran 2A <sup>412</sup>	1957	Língua escrita	Texto		
Cuatiaran 3 <sup>413</sup>	1956	Língua escrita	Texto		
Cuatiaran 4 <sup>414</sup>	1957	Língua escrita	Texto		
Cuatiaran 4A <sup>415</sup>	1957	Língua escrita	Texto		
Cuatiaran 5 <sup>416</sup>	1957	Língua escrita	Texto		
Cuatiaran I-1 <sup>417</sup>	1960	Língua escrita	Texto		
Cuatiaran I-2 <sup>418</sup>	1961	Língua escrita	Texto		
Ini ícua cuatiarayara <sup>419</sup>	1956	Língua escrita	Texto		

<sup>407</sup> Kokama rádio Web. Disponível em: <<https://plus.google.com/104066308396614999348/about>> . Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>408</sup> Gramática cocama: Lecciones para el aprendizaje del idioma cocama. Disponível em: < [http://www01.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=928474530144&Lang=eng](http://www01.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=928474530144&Lang=eng)> Acesso em 14 set. 2012.

<sup>409</sup> Cuatiaran 1. Disponível em: < [http://www01.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=928474528639&Lang=eng](http://www01.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=928474528639&Lang=eng) Acesso em 14 set. 2012.

<sup>410</sup> Cuatiaran 1A. Disponível em: < [http://www01.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=928474527726&Lang=eng](http://www01.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=928474527726&Lang=eng) Acesso em 14 set. 2012.

<sup>411</sup> Cuatiaran 2. Disponível em: < [http://www01.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=928474527710&Lang=eng](http://www01.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=928474527710&Lang=eng) Acesso em 14 set. 2012.

<sup>412</sup> Cuatiaran 2. Disponível em: < [http://www01.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=928474527743&Lang=eng](http://www01.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=928474527743&Lang=eng) Acesso em 14 set. 2012.

<sup>413</sup> Cuatiaran 3. Disponível em: < [http://www01.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=928474527451&Lang=eng](http://www01.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=928474527451&Lang=eng) Acesso em 14 set. 2012.

<sup>414</sup> Cuatiaran 4. Disponível em: < [http://www01.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=928474527929&Lang=eng](http://www01.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=928474527929&Lang=eng) Acesso em 14 set. 2012.

<sup>415</sup> Cuatiaran 4A. Disponível em: < [http://www01.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=928474528543&Lang=eng](http://www01.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=928474528543&Lang=eng) Acesso em 14 set. 2012.

<sup>416</sup> Cuatiaran 5. Disponível em: < [http://www01.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=928474528720&Lang=eng](http://www01.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=928474528720&Lang=eng) Acesso em 14 set. 2012.

<sup>417</sup> Cuatiaran I-1. Disponível em: < [http://www01.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=92847452822&Lang=eng](http://www01.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=92847452822&Lang=eng) Acesso em 14 set. 2012.

<sup>418</sup> Cuatiaran I-2. Disponível em: < [http://www01.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=928474528050&Lang=eng](http://www01.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=928474528050&Lang=eng) Acesso em 14 set. 2012.

Vamos a leer cocama <sup>420</sup>	1967	Língua escrita	Texto		
Words of Life (Histórias da Bíblia em áudio e lições) <sup>421</sup>	Sem data	Língua oral	Áudio	Site (Global Recordings Network)	Peru (corrigir no mapeamento)
Grupo Yrapakatun <sup>422</sup>	Sem data	Língua escrita	Texto	Blogger (Pablo Taricuarima)	Peru
Cosmovision Kukama <sup>423</sup>	08/09/2009	Língua escrita	Texto		
Pinturas <sup>424</sup>	2009, 2010, 2014	Língua escrita	Texto (Títulos das pinturas)		
Arte y Ecología Nativa <sup>425</sup>	10/04/2012	Língua escrita	Texto		
Aprendiendo kukama-kukamiria: aves pequeñas <sup>426</sup>	13/08/2014	Língua escrita e oral	Texto e vídeo	YouTube (Canal Proyecto de documentación del kukama-kukamiria)	Peru
Aprendiendo kukama-kukamiria: peces <sup>427</sup>	12/08/2014	Língua escrita e oral	Texto e vídeo		
Icaro kukama-kukamiria <sup>428</sup>	16/02/2012	Língua escrita e língua oral	Texto e Vídeo		
Urukuria La Mujer Lechuza <sup>429</sup>	01/09/2014	Língua escrita e língua oral	Texto e Vídeo	YouTube (Canal Mariska van dalfsen)	Peru

<sup>419</sup>Ini ícua cuatiarayara. Disponível em: <[http://www01.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=928474528767&Lang=eng](http://www01.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=928474528767&Lang=eng)>. Acesso em 14 set. 2012.

<sup>420</sup> Vamos a leer cocama. Disponível em: <[http://www01.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=928474528566&Lang=eng](http://www01.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=928474528566&Lang=eng)>

<sup>421</sup> Words of Life (Histórias da Bíblia em áudio e lições. Disponível em: <<http://globalrecordings.net/pt/program/C23601>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>422</sup> Grupo Yrapakatun. Disponível em: <<http://yrapakatuncultural.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>423</sup> Cosmovision Kukama. Disponível em: <<http://cosmovisioncocama.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>424</sup> Pinturas. Disponível em: <<http://ptaricuarima.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>425</sup> Arte y Ecología Nativa. Disponível em: <<http://arteyecologianativa.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>426</sup> Aprendiendo kukama-kukamiria: aves pequeñas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KR7GtWJWZrA&list=UU6VmilY2fdMGHnJf-tKKscQ>>. Acesso em: 9 ago. 2014.

<sup>427</sup> Aprendiendo kukama-kukamiria: peces. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bM7RJrtSMU&list=UU6VmilY2fdMGHnJf-tKKscQ>>. Acesso em: 9 ago. 2014.

<sup>428</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=zKIEIA9ILW8&list=UU6VmilY2fdMGHnJf-tKKscQ>

<sup>429</sup> Urukuria La Mujer Lechuza. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h17gAZgU6OE&list=UUw93SbONd9pgOX5X7KFZbFQ>>. Acesso em: 2 set. 2014.

kokama komamilla songs <sup>430</sup>	21/07/2014	Língua oral	Vídeo	YouTube (Canal Llaquipallay Expeditions)	Peru
Ini kak+rinanin <sup>431</sup>	fev. 2014	Língua escrita e oral	Texto e Vídeo	Vimeo (Canal Cosmovisión Kukama)	Peru
AÑUJILLO, La lucha Kukama en el rio Nanay (II parte) <sup>432</sup>	nov. 2013.	Língua oral	Vídeo		
Enseñanza shishaja <sup>433</sup>	2013	Língua oral	Vídeo	Vimeo ( Canal Juan Felipe Pardo)	Colômbia
REEL of documentaries <sup>434</sup> (El canto cocama, documentário 2007, 02:03 min)	2012	Língua oral	Vídeo		

Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Tabela elaborada com base no Mapeamento da presença dos Kokama no ciberespaço. Período de junho a agosto de 2014. Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC): Etapa 2: Filtragem com presença de língua. Organização da matriz (array multi-dimensional).

Outros tipos de dados podem ser incluídos no mapeamento, como por exemplo, os trabalhos acadêmicos e livros que envolvem a língua e o povo Kokama. Pode-se encontrar um bom levantamento desses materiais no *Glottolog*, site que contém informações de referência abrangente para as línguas do mundo, especialmente as línguas menos conhecidas, no *link* <<http://glottolog.org/resource/languoid/id/coca1259>>, e na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú no *link* <<http://www.etnolinguistica.org/search:site/a/p/q/kokama>>.

A seguir o Quadro 25 apresenta os dados de ocorrência detalhados da língua Kokama na mostra interativa Ríos de saber:

Quadro 25 - Ocorrência da língua Kokama na mostra interativa Ríos de saber. FORMABIAP. Ago. 2014.

<b>Ocorrência da língua Kokama na mostra interativa Ríos de saber. FORMABIAP</b>			
TÍTULO EM ESPANHOL E EM KUKAMA (entre parênteses)	DATA	ÂMBITO	MODALIDADE E TIPO
1 A los kukamas el Camungo nos orienta en el monte (Kamiki ra kumitsa ikaratsen ini Kukama ukuapuka)	24/09/2013	Relato, mito, conto	Escrita/texto

<sup>430</sup>kokama komamilla songs. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=srwoY1FZAMk>> .Acesso em: 21 jul. 2014.

<sup>431</sup> Ini kak+rinanin. Disponível em: <<http://vimeo.com/84850131>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

<sup>432</sup>AÑUJILLO, La lucha Kukama en el rio Nanay (II parte). Disponível em: <<http://vimeo.com/61697615>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

<sup>433</sup>Enseñanza shishaja. Disponível em: <<http://vimeo.com/54844912>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

<sup>434</sup> <http://vimeo.com/43088995>

	+w+raticuara)			
2	Arcaneada de víbora (Miy icara)	19/11/2008	Canto, medicina	Escrita/texto Oral/audio
3	Así vivimos (Ini Kak+r+nanin)	19/02/2013	Canto	Escrita/texto Oral/audio
4	Baile del Gallinazito (Kumparik+ra Yaparachi)	24/09/2013	Baile, dança	Escrita/texto Oral/audio
5	Canción para pescar con balista (Tiniari kanutipu)	24/09/2013	Canto	Escrita/texto
6	Colores y Diseños en la Tinaja. (Tawanu yiai Waratanu Muritsu)	02/11/2013	Técnica de cerámica	Escrita/texto
7	Como elaborar una canoa (tana yauki irara iwira akaiwatsui)	01/07/2014	Técnica de construção	Escrita/texto
8	Como hacer una chacra (Maniatipa ini yauki ku)	16/12/2013	Técnica de construção	Escrita/texto
9	Como parece los tejidos (Maniatipa katupe yupinkana)	24/09/2013	Relato, mito, conto	Escrita/texto
10	Curación con sacha maní. (Mutsanakapa sachamanimuki)	01/07/2014	Medicina	Escrita/texto
11	Curacion con tabaco (mutsana p+timamuki)	01/07/2014	Medicina	Escrita/texto
12	Curación para desarrollar la inteligencia (Mutsanaka ikuarintara)	24/09/2013	Medicina	Escrita/texto
13	Danza de la Sachavaca (Tapira Yaparachi)	24/09/2013	Baile, dança	Escrita/texto
14	Danza de los mellizos (Meretsekana yaparachi)	20/03/2013	Canto, baile, dança	Escrita/texto
15	Danza del curaca (Yaparachi kuraka)	24/09/2013	Baile, dança	Escrita/texto Oral/audio
16	Discurso indígena para adquirir la resina del capinuri (Kuatiniwa kai mutsana)	25/11/2008	Ritual, medicina	Escrita/texto
17	Discurso para extraer la hoja de Mucura (Piatatsenpuka Kiumiri Kumitsan)	24/09/2013	Medicina	Escrita/texto
18	El Ayaymama (Iwiratimama)	02/01/2000	Relato, mito, conto	Escrita/texto
19	El bufeo colorado (Ipirawira pitanin)	28/12/2008	Relato, mito, conto	Escrita/texto
20	El espíritu de la boa que causa embarazo maligno (tsawa muiwatsu ya yauki m+m+ran waynanu kukamanu)	24/09/2013	Relato, mito, conto	Escrita/texto
21	El gallinacito (kumpar+k+ra)	02/05/2011	Canto	Escrita/texto
22	El origen de la playa (Itini katupe paranatsui)	30/06/2014	Relato, mito, conto	Escrita/texto
23	El respeto a la muerte (Luto kacharina)	28/09/2008	Ritual, festa	Escrita/texto
24	Elaboracion de abanicos con fibras de chambira (Tuku marawatsui)	24/09/2013	Arte textil	Escrita/texto
25	Elaboración de flecha de pesca (Yaukitsen uwakana yapichikatara ipira)	24/09/2013	Técnica de construção	Escrita/texto
26	Gallinazo mensajero (Urupu kumitsautsu)	30/06/2014	Relato, mito, conto	Escrita/texto
27	Ícaro para calmar la lluvia (Ikaro amanatarata)	14/12/2013	Canto	Escrita/texto
28	La boa Negra (Tsukuritsuni)	04/11/2008	Relato, mito, conto	Escrita/texto
29	La callampa como alimento para guía espiritual (Awiraru eyun)	01/11/2008	Medicina	Escrita/texto
30	La cutipa del pejejo cuando las mujeres estan	24/09/2013	Relato, mito,	Escrita/texto

	embarazadas (kaniupari a+maniapuka wainakana m+m+ran ritamaka kukama-kukamiria)		conto, medicina	
31	La danza del airado (Tsawatin yapurachi)	24/09/2013	Ritual, medicina, baile, dança	Escrita/texto
32	Los icaros para cazar palometas (Ini ikara- kana ipurkari-tara tapaka)	24/09/2013	Canto	Escrita/texto
33	Los Mellizos (Meretsekana (kukama-kukamiria)	24/09/2013	Canto	Escrita/texto Oral/audio
34	Masato de yuca (kaitsuma yaw+ri (kukama-kukamiria)	12/01/2010	Canto	Escrita/texto
35	origen de la apacharama (itak+pi)	02/07/2014	Relato, mito, conto	Escrita/texto
36	Origen de la chacra (katupetsuri ku)	20/11/2013	Relato, mito, conto	Escrita/texto
37	Origen de la chuchuwasi. (Katupe chuchuwatsi)	24/09/2013	Relato, mito, conto	Escrita/texto
38	Origen de la cosmovision kukama (Kuarachi katupetsuri)	17/03/2007	Relato, mito, conto	Escrita/texto
39	Origen de la flecha (Imina mikura awa akuatsitsuri)	07/08/2008	Técnica de caça ou pesca	Escrita/texto
40	Origen de la Garza (Umari katupetsui)	24/09/2013	Relato, mito, conto	Escrita/texto
41	Origen de la Garza (Imintsaraka Umari Tsuru)	24/09/2013	Relato, mito, conto	Escrita/texto Oral/audio
42	Origen de la huangana (Tayatsu katupe)	15/12/2013	Relato, mito, conto	Escrita/texto
43	Origen de la vaca marina (Mania tipa katupe yuwara)	24/09/2013	Relato, mito, conto	Escrita/texto
44	Origen de la yuca blanca (Uwari yaw+ri tini)	24/09/2013	Relato, mito, conto, comida	Escrita/texto
45	Origen de las plantas (katupepuka m+t+makana)	30/06/2014	Relato, mito, conto	Escrita/texto
46	Origen de las plantas medicinales (Imintsaraka mutsanakakana)	25/11/2005	Relato, mito, conto; Medicina; Técnica de agricultura ou de silvicultura	Escrita/texto
47	Origen de pez vaca marina (Aypatsui ipira yuwara)	26/09/2008	Relato, mito, conto	Escrita/texto
48	Origen del ayahuasca y ayahuma (Aypatsui mutsana chichipu reay akaya)	16/11/2008	Relato, mito, conto, medicina	Escrita/texto
49	Origen del sanango (Uwari tsananku)	24/09/2013	Relato, mito, conto, medicina	Escrita/texto
50	Origen del Tamshi (Imintsaraka +t+um)	24/09/2013	Relato, mito, conto, arte textil	Escrita/texto
51	Origen del tejido en el pueblo Kukama (Maniatipa katupe yupin Kukama ritamaka)	24/09/2013	Relato, mito, conto	Escrita/texto
52	Pesca con la resina del arbol de la catahua (Ini yapichica ipira iwachi kaipu)	08/10/2008	Técnica de caça ou pesca	Escrita/texto
53	Pesca de paiche con arpón en la cocha (+tatsapa ipurkari)	24/09/2013	Relato, mito, conto	Escrita/texto
54	Significado del diseño sobre la cerámica. (Mauta tsanatupaka)	15/11/2008	Técnica de cerâmica, arte	Escrita/texto

			gráfica	
55	Técnica para cazar animales (Ipurkaritsen animarukana)	07/12/2013	Técnica de caça ou pesca	Escrita/texto
56	Uso de la verdolaga para curar la inflamación del Riñón (Meruchi muitsana)	22/11/2012	Medicina	Escrita/texto

Fonte: Ríos de Saber: muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana. Disponível em: <http://www.riosdesaber.org/?pg=00007&lg=ES>> Acesso em: 5 ago. 2014

Nota: Tabela elaborada com base na busca por língua kokama no Ríos de Saber. Período de junho a agosto de 2014. Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC): Etapa 2: Filtragem com presença de língua. Organização da matriz (array multi-dimensional).

Diante dos exemplos de ocorrência da língua Kokama na tabela **Língua Kokama (Kukama, cocama) na internet**, pode-se conferir que a língua Kokama e seus falantes estão presentes na internet. Os pesquisadores Kokama têm produzido e compartilhado materiais em vídeo, áudio, textos, artes gráficas, etc. Lideranças Kokama têm se mostrado na internet abordando aspectos importantes de sua cultura e de sua língua. No canal do *YouTube Proyecto de documentación del kukama-kukamiria*, por exemplo, há vídeos voltados para a aprendizagem da língua Kokama em que falantes nativos do Peru apresentam a pronúncia de algumas palavras Kokama seguidas da escrita correspondente.

Nessa pesquisa na internet foi possível encontrar, além de amostras da língua e da cultura Kokama que auxiliam para a “aprendizagem em rede”, informações mais específicas sobre a língua Kokama, como por exemplo, os discursos na língua Kokama usados para se fazer pedidos às plantas medicinais:

“En el pueblo kukama se realiza los discursos para hacer las peticiones a las madres de las plantas medicinales, con la finalidad que los remedios de la naturaleza nos curen definitivamente de las enfermedades que se nos presenta en nuestro pueblo kukama” (Kuatiniwa kai mutsana “Discurso indígena para adquirir la resina del capinuri” (MURAYARI, 2008)<sup>435</sup>

E esta outra informação sobre um tipo de comunicação usada pelos Kokama antigamente:

A história dos Kokama foi lembrada por Eldson Panduro, que a ouviu do pai. Ele disse que os Kokama viviam às margens do Solimões e que a alimentação era à base de peixe e comidas típicas do povo, como mingau de banana, cana de açúcar, caisuma, pajuaru, pupeca etc. Depois de sofrerem ameaça de não indígenas, fugiram para os lagos mais distantes da região e igarapés. Após a redução da violência, voltaram para as margens dos rios. Ao conhecerem os direitos garantidos na Constituição, lutaram pela demarcação de suas terras. Afirmou que procuram manter suas tradições,

<sup>435</sup> Kuatiniwa kai mutsana “Discurso indígena para adquirir la resina del capinuri”, Conocedor: Jacinto Murayari Mozombitecolector Juan Manuel Vasquez Murayari 2008-11-25. Peru, Loreto, Requena, Maquia - - Obreros. Rios de saber. Disponível em: < <http://www.riosdesaber.org/?pg=00007&lg=ES>> Acesso em: 20 jun. 2014.



transferindo os conhecimentos tradicionais para as novas gerações. No passado, a comunicação dos Kokama era feita por meio do atrito de pedras<sup>436</sup> (OFICINA, 2011).

Neste último trecho que selecionamos Afonso Lopez fala da importância da relação dos Kokama com o meio natural.

Nosotros los cocamas mantenemos una relacion permanente com nuestro medio natural herancia de nuestros antepassados que vivimos en el presente y los vamos transmitindo a nuestros hijos porque mantener intacta nuestra indentidad e fortalecer-lo significa no perder esta relacion com lo médio natural com nuestros espíritos, en la profunbdidad de lo rio estan los espíritos, en el espacio donde vivimos estan los espíritos de nuestros antepassados, y en território donde vivimos estan los focéis de nuestro antepassados esta los humbigos de nuestros hijos e estan los humbigos de nosotros mismos esta relacion que nos une permanentemente com nuestro território, com nuestro rio, com nuestros espititos (Depoimento de Alfonso Lopez, 2010)<sup>437</sup>.

A língua Kokama está, pois, intrinsecamente ligada ao meio natural. Ter conhecimento sobre os tipos de discursos e das formas de comunicação amplia a visão sobre a aprendizagem dessa língua.

Quando a “máquina” ainda não conhece uma língua, o mapeamento tem que ser feito assim manualmente. Na mensuração da presença de língua na internet, mais especificamente na Web, pode-se utilizar os recursos da Web semântica, como abordamos no capítulo 4, quando descrevemos o MMPLCC. Nesse sentido criam-se vocabulários compartilhados, ontologias e algoritmos de reconhecimento de linguagem<sup>438</sup>. Outros recursos que podem auxiliar nessa mensuração são o Processamento de Linguagem Natural (PLN) e a linguística de corpus da linguística computacional.

Algumas vezes a língua, no caso aqui a Kokama, pode apresentar um tipo de ocorrência, que seria preciso conferir se é possível reconhecer por meio de um algoritmo, como por exemplo, a língua escrita presente em imagens de vídeos como no canal do *YouTube Proyecto de documentación del kukama-kukamiria*, ou em legendas, ou ainda a língua pode apresentar variações na escrita ou na pronúncia de cada localidade ainda não

<sup>436</sup> Oficina de Troca de Saberes sobre os Direitos e os Cuidados com as Crianças e Disseminação da Convenção nº 169 da OIT. Programa Conjunto das Nações Unidas Segurança Alimentar e Nutricional de Mulheres e Crianças Indígenas no Alto Solimões (AM) e em Dourados (MS). São Paulo de Olivença. 2011.

<sup>437</sup> Depoimento de Alfonso Lopez (04:46- 05:27min). Video denuncia: derrame de petróleo en el río marañón (versión corta). Canal do youtube: Xboanegrax. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s0TvBjrpbyQ>> Acesso em: 12 jun. 2014.

<sup>438</sup> Ver os resultados apresentados pela empresa W3 Techs no presente capítulo e os estudos que apresntamos no capítulo 4.

descritas. Para reconhecer essas ocorrências é muito importante, pois, o conhecimento que o pesquisador tem da língua.

Nesse sentido, cada Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MPLCC) pode ser contextualizado aos tipos de ocorrências. Algumas estratégias podem ser usadas para facilitar a localização dessas ocorrências como, por exemplo, o uso de palavras específicas para o reconhecimento e/ou uso de *hashtags* escolhidas pelos usuários. Como por exemplo, “#linguakokamaaudiobrasil”, ou alguma expressão na língua indígena.

A organização dos dados do mapeamento pode ser feita manualmente em tabelas em forma de matriz, como foi feito na presente tese, ou por meio de uso de programas de organização de banco de dados. Já a busca usando *browsers* pode ser manual ou por meio de programas de processamento analítico de dados *on-line*.

No mapeamento da presença da língua Kokama na internet, pode-se constatar que as ocorrências da língua Kokama estão distribuídas em páginas que possuem como conteúdo principal, outras línguas consideradas majoritárias, tais como o Português, o Espanhol e o Inglês. As ocorrências da língua Kokama na internet são, em sua maioria, representadas por títulos, descrições, letras de música, saudações, frases, cantos, falas, depoimentos, registros de anciãos, filmes ou discursos específicos, como o usado para conversar com as plantas. Ainda não há *websites* que possuem como conteúdo principal ou completo a língua Kokama (comandos, textos, *links*, etc.). No entanto, considerando a emergência da língua Kokama, é bem provável que sejam criados *websites* nessa língua.

### **6.5.1 Análises descritivas gerais da língua Kokama no Facebook**

O *Facebook*, site e serviço de “rede social”, possibilita o compartilhamento de conteúdos por meio de publicações, ou postagens. Cada uma das postagens pode ser curtida com um *click* pelos interagentes e também é possível inserir comentários interativos. Nessa perspectiva cada um faz uso da plataforma de maneira a se comunicar de acordo com as suas vontades. É possível customizar a privacidade dos espaços dessa rede social, em que o interagente escolhe de quem será amigo, quem poderá ver suas publicações e pode também excluir os comentários indesejados, etc. Nas páginas públicas do *Facebook*, os conteúdos são abertos, no entanto “pertencentes” a quem criou a página. Muitas vezes, são usadas as línguas indígenas em postagens de páginas pessoais e para trocar comentários com os parentes indígenas, assim como na customização das fotos de capa de páginas pessoais ou públicas, em que são incluídos alguns dizeres na língua indígena. Outra forma de diálogo no *Facebook* é o

*chat* (bate-papo), no qual também muitos indígenas conversam com seus parentes e amigos em diversas línguas. O *Facebook* tem sido usado também como plataforma de aprendizagem associada a outras páginas e aplicativos na internet.

Existem algumas páginas e grupos Kokama no *Facebook*, a saber: Kokamas comunicadores (grupo fechado), Kokama ACIK (página pessoal da Associação das comunidades Indígenas Kocama de São Paulo de Olivença), Akim índios Kokama (página pessoal da Associação dos Índios Kokama residentes no município de Manaus-AKim), Associação indígena dos povos kokama – PTKRKTT (página aberta), *Cosmovisión Kukama* (página aberta, site sobre sociedade e cultura), *Yrapakatun* (grupo aberto), Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama (grupo fechado), Kokama Kakiri (grupo aberto), entre outras páginas e grupos. Muitos Kokama possuem páginas pessoais, em que alguns usam a língua Kokama nas publicações, principalmente para saudar os parentes e nos comentários das fotos e imagens.

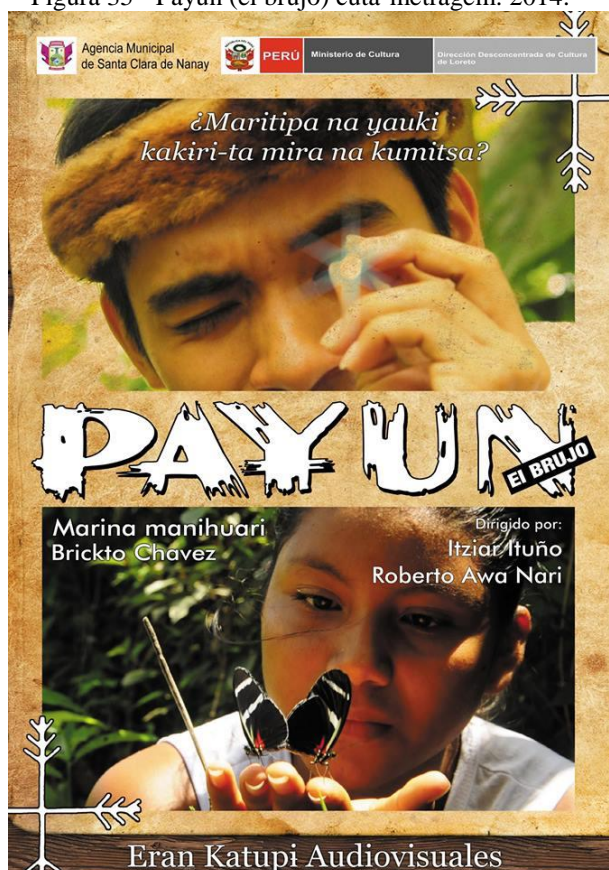
O grupo do *Facebook* “kokama kakiri” e a página “Cosmovisión kukama” apresentam bastante ocorrência da língua Kokama em diversas postagens. No entanto não foi possível incluir os dados quantitativos dessas postagens na “Rede da língua Kokama na internet”. Foi possível incluir a referência desse grupo e dessa página, bem como os seus dados básicos gerais, os quais sinalizam que há ocorrência da modalidade escrita e oral pelo meio de áudio, vídeo e escrita e das regiões geográficas Brasil e Peru. Um aplicativo que consiga medir o uso dessas línguas em fortalecimento no *Facebook* pode ser uma alternativa, pois são dados muito importantes, considerando o alto grau de interatividade do ambiente.

Um exemplo da ocorrência da língua Kokama na página “Cosmovisión kukama” pode ser visto na descrição e na própria imagem (Fig. 35) de uma de suas postagens:

Era ipi kuema irwanu! " ¿Maritipa na yauki kak+ri-ta mira na kumitsa? ¿Y tú que harías para recuperar tu lengua?". Pronto publicaremos "PAYUN (el brujo)" un cortometraje sobre la revitalización de nuestro idioma Kukama que ya es oficial en el estado peruano. INI W+KAN KUMITSA KUKAMAPU, KUKAMAKANA EMETE KAK+RI!!! (Cosmovisión Kukama, 7 de agosto de 2014)<sup>439</sup>.

<sup>439</sup>Cosmovisión Kukama, 7 de agosto de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/CosmovisionKukama/photos/a.434417486569931.104307.190450427633306/830460516965624/?type=1&theater>> Acesso em: 9 ago. 2014.

Figura 35 - Payun (el brujo) curta-metragem. 2014.



Fonte: Cosmovisión Kukama, 7 de agosto de 2014, Página pública do Facebook.

## 6.6 Algumas Considerações

O ciberespaço tem comportado cada vez mais línguas de diversas partes do mundo. É importante medir a diversidade linguística na internet para assim termos o conhecimento de uso dessas línguas e dos fenômenos sociolinguísticos que aí ocorrem.

A língua Kokama está presente na internet juntamente com os seus falantes e aprendizes, os quais vêm desenvolvendo o seu letramento digital, por meio de cursos de capacitação e práticas livres, para assim atuarem de maneira ativa como já vêm fazendo. Alguns falantes podem não estar diretamente presentes na internet, mas as suas mensagens são gravadas por pesquisadores Kokama e instituições parceiras que as veiculam por meio de redes sociais e blogs.

O mapeamento da presença da língua Kokama no ciberespaço permitiu observar a ocorrência de variações no uso dessa língua na internet, o que demonstra a vivacidade da língua Kokama nesse ambiente. São múltiplas as possibilidades de aprendizagem na *Web* que podem contribuir para a educação diferenciada com vistas ao fortalecimento da língua e da cultura Kokama.

## 7. ANÁLISE DE REDES E APRENDIZAGENS

---

O presente capítulo está dividido em duas partes. Na primeira parte esboçamos alguns pontos de vista de Bortoni-Ricardo (2011) sobre as redes, relacionados às áreas: antropologia social, psicologia e sociolinguística. Tratamos também da nova ciência das redes discutida por Barabási (2009), da rede de idiomas (LEE; OU, 2008), dos sistemas complexos e aprendizagem em rede (SIEMENS, 2008) e da noção de redes de Moraes (2002). Na segunda parte dispomos as análises do que chamamos de “línguas em rede”.

### 7.1 Análises de redes

O estudo de Stella Maris Bortoni-Ricardo sobre a análise de redes relacionada às línguas auxilia nas reflexões sobre fortalecimento de línguas e culturas. Bortoni-Ricardo (2011) aborda diferentes tradições na aplicação da análise de redes, mas principalmente a técnica sociométrica relacionada à abordagem antropológica da função social da estrutura de redes em alguns estudos de comunidades. Aborda também a pesquisa sociolinguística relacionada à aplicação do paradigma de redes nas relações em redes de fala. Os principais autores contemplados por Bortoni-Ricardo (2011) que citaremos aqui são Barnes (1954, 1969), Mitchell (1969, 1973), Guimarães (1970, 1972) e Milroy (1980).

O paradigma de redes é uma ferramenta de análise que, para Bortoni-Ricardo (2011, p. 84), parece relacionar-se a uma mudança de perspectiva científica ao tratar o indivíduo, não mais de forma isolada, mas sim em relação com outros indivíduos num conjunto complexo de relações sociais.

Para Mitchel (1973, apud BORTONI-RICARDO 2011, p. 84) uma rede social é “basicamente pensada como o conjunto real de vínculos de todos os tipos no interior de um conjunto de indivíduos”.

Bortoni-Ricardo menciona duas correntes de estudos de redes, uma relacionada à psicologia, a qual trata de pesquisas de pequenos grupos e grupos artificialmente construídos de forma experimental e a outra ligada à sociologia (e/ou antropologia social), que segue o método de observação participante em comunidades reais (Quadro 26).

Quadro 26 - Estudos de redes (BORTONI-RICARDO, 2011)

Estudos de redes	
<b>Psicologia</b>	<b>Sociologia (e/ou antropologia social)</b>
Grupos pequenos	Comunidades

Grupos artificiais	Grupos reais
Uso da relação diádica como um meio de analisar lideranças, escolhas de amizades, fluxo de informações, etc.	Interesse voltado não nos atributos das pessoas, mas nos vínculos das relações sociais como forma de explicar o comportamento das pessoas. Uso da força explanatória.

Fonte: Bortoni-Ricardo (2011)

Na área da antropologia social, Michell (1969, p. 12 apud BORTONI-RICARDO 2011, p. 86) classifica as características de redes como “**morfológicas**, referentes ao padrão dos vínculos na rede, e **interacionais**, relacionadas à natureza e conteúdo dos vínculos”. Já Guimarães (1970, apud BORTONI-RICARDO 2011, p. 86) faz a seguinte distinção (Quadro 27):

Quadro 27 - Propriedades da rede (GUIMARÃES, 1970)

Propriedades da rede	
Propriedades estruturais ou topológicas	Propriedades funcionais ou operacionais
Número de indivíduos	Fluxo de informação
Distância social e organizacional sobre os indivíduos	Conteúdo de comunicação
	Papéis sociais e normas

Fonte: Guimarães, 1970, apud BORTONI-RICARDO 2011, p. 86.

Portanto a concepção antropológica de redes investiga o conteúdo normativo dos vínculos nas redes sociais com respeito aos seus atributos. Já a abordagem sociométrica de redes, no campo da psicologia, está voltada para a análise de comunicação em comunidades:

A sociometria pode ser definida como um tratamento quantitativo das relações humanas preferenciais (Guimarães, 1970); algumas vezes, ela é referida como a “técnica da nomeação” e serve basicamente como um recurso para a mensuração de contatos interpessoais. Em sentido amplo, a sociometria comporta diversas técnicas de medidas, coleta de dados e análise de padrões interacionais, bem como de estrutura de comunicação em um sistema social (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 86).

A metodologia de pesquisa que utiliza as técnicas sociométricas pode ir desde uma simples pergunta: “Quem são seus três melhores amigos no grupo X?”, até um conjunto de perguntas relacionadas ao tema de frequência da interação ou a outros aspectos de contato interpessoal (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 87). Muitas vezes, as perguntas sociométricas são empregadas para complementar o exercício de observação direta do pesquisador.

Os recursos utilizados para demonstrar os dados sociométricos obtidos nas pesquisas são o sociograma e a matriz sociométrica ou sociomatriz, as quais são, como observa Mitchell

(1973, p.23, apud BORTONI-RICARDO, 2011, p. 88), “representações simbólicas de um conjunto abstrato de relações. Para que elas se tornem significativas, o analista deve saber o que as linhas de fato representam e em que aspectos elas são consideradas isomórficas com a realidade”.

O estudo sociométrico citado por Bortoni-Ricardo (2011, p. 88) é o de Guimarães (1972), cujo foco é “a integração comunicativa”, em que as escolhas sociométricas dos proprietários das casas de 20 comunidades rurais do Estado de Minas Gerais no Brasil, representavam laços de amizade informal. As escolhas são indicadas por cada pessoa, mostrando os três melhores amigos com quem mais conversavam. Nesse sentido os laços de amizade são vistos como indicativos de “canais ativos de comunicação”.

Na perspectiva antropológica-social Bortoni-Ricardo cita o trabalho de Mitchell (1969) que trata do conteúdo dos vínculos e seu aspecto normativo.

Mitchell (1969) define o conteúdo dos vínculos de uma rede social como os significados que os membros da rede atribuem a seu relacionamento, tais como obrigações de parentesco, cooperação religiosa etc.; e, em estudo posterior (1973), elabora o aspecto normativo desse conteúdo, o qual é associado com as expectativas que dois indivíduos têm, um em relação ao outro, de acordo com suas características e atributos sociais (MITCHELL, 1969, apud BORTONI-RICARDO, 2011, p. 90).

Na área do comportamento social, Bortoni-Ricardo (2011) apresenta o primeiro estudo sistemático com respeito aos traços morfológicos de uma rede, o de Barnes (1954), no qual a todas as pessoas se atribui o mesmo status numa rede de relações. A rede é, portanto, nesse contexto, “uma imagem de um campo social em que indivíduos são representados por pontos e sua interação uns com os outros por linhas” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 91). Barnes usou as expressões *small mesh* e *large mesh* (tessitura miúda e tessitura larga), estabelecendo as bases para diferenciar as sociedades rurais ou de pequena escala e as sociedades urbanas ou de massa com respeito às redes. Barnes utiliza o conceito de **densidade de rede** em que o número de vínculos que existe na realidade é relacionado à potencialidade de número máximo de vínculos que poderiam existir.

Para medir a densidade de rede, Barnes (1969, p. 63, apud BORTONI-RICARDO, 2011, p. 91) utiliza a seguinte equação, em que 200 é um número fixo; “a” refere-se ao número real de vínculos e “n” ao número total de pessoas na rede:

$$D = \frac{200a}{n(n-1)} \quad (1)$$

Como exemplo para análises de densidade de rede, Bortoni-Ricardo (2011) apresenta dois sociogramas (Fig. 36):

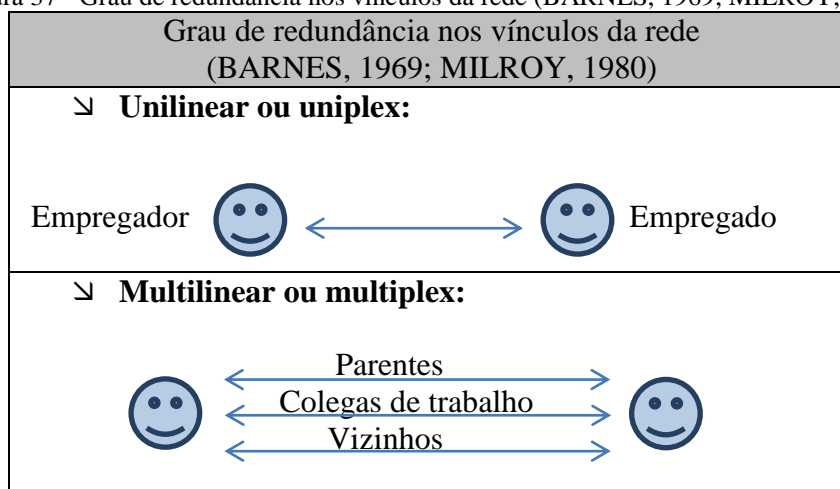
Figura 36 - Análises de densidade de rede (BORTONI-RICARDO, 2011)

Análises de densidade de rede	
Estrutura de rede de alta densidade	Estrutura de rede de baixa densidade
A densidade é: $\frac{200.9}{20} = 90\%$	A densidade é: $\frac{200.5}{20} = 50\%$

Fonte: elaborada pela autora com base em Bortoni-Ricardo (2011, p. 91-92)

Bortoni-Ricardo (2011) levanta uma noção que parecia estar implícita nos estudos de Barnes, mais especificamente aos conceitos de tessitura miúda e tessitura larga, a noção de **grau de redundância** nos vínculos da rede. Tal noção foi comentada por Milroy (1980). Aplicando-a entre duas pessoas os tipos de vínculos podem ser por relação de uma só capacidade ou mais de uma ligação (Fig. 37).

Figura 37 - Grau de redundância nos vínculos da rede (BARNES, 1969; MILROY, 1980)



Fonte: elaborada pela autora com base em Bortoni-Ricardo (2011, p. 92).

Resumimos, então, as questões apresentadas sobre o conceito de tessitura miúda e tessitura larga, aplicadas às redes. Apresentamos a seguir a compilação das tendências observadas em cada tipo de sociedade (Quadro 28):



Quadro 28 - Traços morfológicos de uma rede (BARNES, 1954, 1969)

Traços morfológicos de uma rede (BARNES, 1954, 1969)	
Pequenas sociedades	Sociedades de massa
Sistema tradicional e fechado	Sistema urbano e aberto
Tessitura miúda	Tessitura larga
Mais vínculos (multiplexidade)	Menos vínculos (uniplexidade)
Alta densidade	Baixa densidade

Fonte: Bortoni-Ricardo (2011)

No campo da sociolinguística, a análise de redes foi empregada inicialmente por meio do conceito de redes sociais como unidade teórica auxiliar na construção da definição de comunidade de fala. Segundo Bortoni-Ricardo (2011, p. 94) a tradição sociolinguística rejeitou a definição de **comunidade** como fonte única de traços linguísticos e postulou uma série de critérios definidores relacionados ao domínio de um código linguístico. Para a autora o fato do conceito de redes estar em um nível abaixo de abstração em relação ao conceito de comunidade é o motivo de ser útil à teoria sociolinguística, como por exemplo, pode-se analisar redes interacionais do tipo: família, círculo de amizade, grupos de interesse ou ocupacionais, etc.

Outro aspecto estudado na sociolinguística, utilizando analiticamente o conceito de redes, é a influência das relações internas e externas nos grupos.

Diversos sociolinguistas investigaram a conexão entre o isolamento das redes e manutenção de línguas, tanto em pequenas aldeias que estejam sendo exposta a correntes de inovação quanto em grupos territorialmente definidos em ambientes metropolitanos, que exibem um alto nível de coesão interna em virtude de polarização de valores sociais, étnicos ou religiosos. Em ambos os casos, as redes de tessitura miúda associam-se à preservação de linguagem minoritária e não padrão, enquanto as redes abertas são marcadas por preferência pela linguagem culturalmente dominante ou supraregional (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 100).

Para Bortoni-Ricardo (2011, p. 100) esses estudos têm contribuído para avaliar questões complexas tais como: a relação entre os fatores socioecológicos e políticos com a manutenção ou o rompimento da diglossia, e a manutenção de variedades não padrão em ambientes urbanos, embora haja grande influência normativa por parte da língua padrão. A **alternância de códigos** entre os membros das redes de tessitura miúda é vista como “situacional”, em que uma das línguas é escolhida conforme a situação social, ou como “metafórica”, relacionada aos tipos de tópicos ou assuntos, em que as pessoas acrescentam metaforicamente frases do vernáculo local à conversa mantida na variedade padrão com o

intuito de dar confidencialidade ao discurso. Outro estímulo para alternância de código é a escolha da língua dependendo do tipo de interlocutor em situações variadas.

Outro estudo abordado por Bortoni-Ricardo (2011, p. 105) é o de Milroy (1980), cujo estudo é voltado para as redes pessoais densas e multiplex em bairros proletários já estabelecidos e como essas redes “podem exercer pressões contraistitucionais, isolando seus membros de valores hegemônicos” e ainda sendo “uma fonte de motivação para a manutenção de variedade de baixo prestígio no repertório de moradores das cidades, não obstante a ubíqua influência da língua padrão Milroy (1980, apud Bortoni-Ricardo, 2011, p. 105).

### **7.1.1 A nova ciência das redes**

Segundo um dos autores mais influentes sobre a nova ciência das redes, Albert-László Barabási, o fundamento do pensamento atual acerca das redes é a teoria dos grafos, um imenso ramo da matemática. O pioneiro na investigação da teoria de grafos foi o matemático Leonhard Euler, que em 1736 demonstrou aos moradores da cidade de Königsberg, os quais indagavam se seria possível cruzar as sete pontes interconectadas da cidade, sem jamais passar pela mesma ponte duas vezes, que não era possível realizar tal façanha, enquanto não fosse construída uma nova ponte. Euler criou um grafo em que as pontes eram os links e as faixas de terra eram os nós, concluindo que “nós que possuem um número ímpar de links devem ser o ponto de partida ou de chegada do percurso” (BARABÁSI, 2009, p.11).

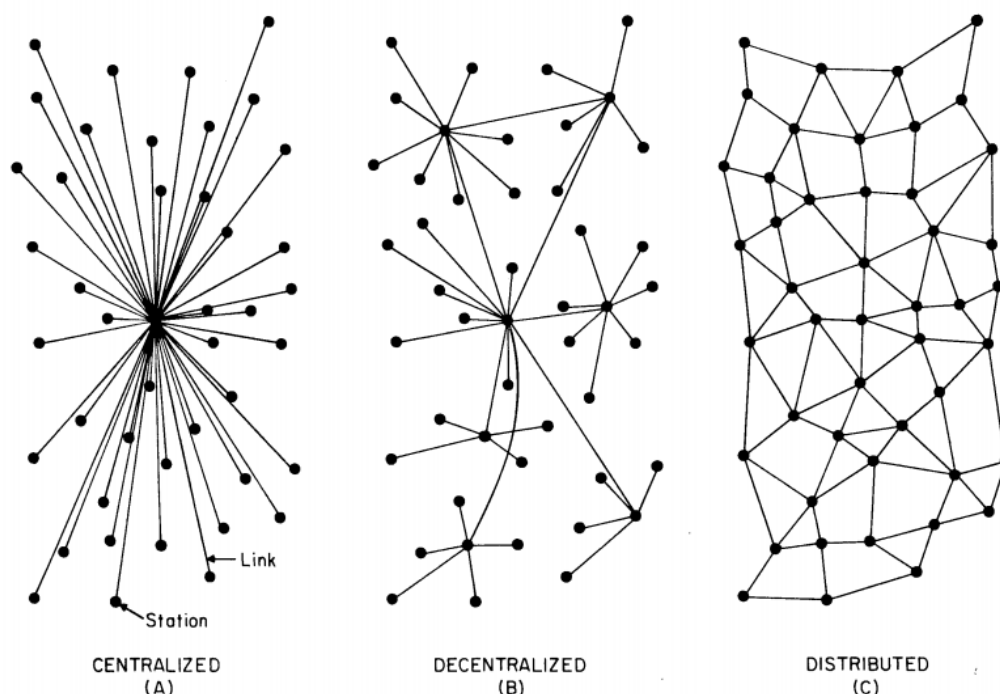
Posteriormente a teoria dos grafos desenvolveu-se com as contribuições de outros matemáticos, passando da resolução de problemas e do estudo das propriedades dos grafos para uma questão fundamental, a saber: “como se formam os grafos ou, termos mais comuns, como se formam as redes” (BARABÁSI, 2009, p.12). Até esse momento os matemáticos analisavam grafos (redes) regulares, mas então foram pesquisar como se formavam as redes reais. Os matemáticos Paul Erdős e Alfréd Rényi focaram-se nesse desafio e então criaram um problema matemático descrito por Barabási (2009), o qual se tratava de uma festa organizada de forma que só poderiam ser convidadas pessoas que não conhecessem nenhuma das outras que estivessem na lista. Na festa onde seriam oferecidos vinhos e queijo, uma mensagem direcionada de que um dos vinhos era uma rara garrafa de Porto envelhecido deveria ser compartilhada apenas com um dos novos conhecidos. Erdős e Rényi sugeriram que demoraria apenas “30 minutos para que se formasse uma única rede social invisível comportando os convidados na sala” (BARABÁSI, 2009, p.14) e todos estariam tomando Porto reserva, por meio de ligações aleatórias entre as pessoas.

Portanto, antes a teoria dos grafos direcionava-se aos grafos regulares e com o avanço dos estudos de Erdős e Rényi, na década de 1950, a teoria dos grafos passou a ser influenciada pela teoria das redes randômicas, em que “a maioria dos nós possui o mesmo número de links e não existem nós com grande quantidade de links” [...] semelhante a uma rede viária nacional, em que os nós são as cidades e os links, as principais rodovias que as ligam” (BARABÁSI, 2009, p.64)

Segundo Barabási (2009), Paul Baran em 1959 foi responsável por desenvolver um sistema de comunicação que sobrevivesse a um ataque nuclear. Ao perceber a vulnerabilidade das topologias da rede de comunicação existentes naquela época, que eram em sua maioria centralizadas e descentralizadas, Baran atribuiu a arquitetura ideal, em termos de sobrevivência, à “rede distribuída em forma de malha, semelhante a um sistema rodoviário, suficientemente redundante para que mesmo se alguns nós fossem derrubados, vias alternativas mantivessem a conexão entre o restante deles” (BARABÁSI, 2009, p.130).

Nesse sentido, Baran verificou que havia três topologias de redes de comunicação naquela época, as quais foram reproduzidas por Barabási (2009, p. 131) e aqui (Fig. 38):

Figura 38 - As redes centralizada, descentralizada e distribuída (BARAN, 1964)



Fonte: reproduzido de Baran, 1964, p. 2.

Considerando esses três tipos de rede, centralizada, descentralizada e distribuída, Baran indicou a arquitetura distribuída para ser a base da internet. Atualmente a internet, “rede de roteadores que se comunicam entre si através de protocolos” (BARABÁSI, 2009, p.133), tomou vida própria e segue os princípios de Baran, com exceção do formato em rodovia que serviria como prevenção da vulnerabilidade a ataques.

Atualmente, a Internet se desenvolve segundo decisões distribuídas em termos locais, com base no “quando necessário”. Todo mundo, das empresas às instituições educacionais, adiciona nós e links sem precisar da permissão de uma autoridade central. Tampouco existe uma rede única. Redes independentes, mas interligadas, coexistem e operam, regulando-se por nomes como WNET, vBNS ou Abilene (BARABÁSI, 2009, p.134).

Em 1967, Stanley Milgram, descobriu os “seis graus de separação”<sup>440</sup>. Seu objetivo era descobrir a distância entre duas pessoas quaisquer nos Estados Unidos, embalado pela questão: “quantos conhecidos são necessários para conectar dois indivíduos selecionados ao acaso?” (BARABÁSI, 2009, p. 25). Milgram selecionou duas pessoas-alvo, para quem as cartas deveriam chegar. Mas para chegar até elas, Milgram enviou uma remessa de cartas a moradores aleatoriamente selecionados. Nas cartas havia basicamente, um sumário, uma foto de uma das pessoas-alvo, nome e endereço. A pessoa deveria seguir as instruções e enviar a carta a quem ela imaginasse que conhece a pessoa-alvo, ou enviar diretamente a pessoa-alvo, caso a conhecesse. Com isso, o resultado foi uma média de 5,5 pessoas intermediárias, número que foi arredondado para seis. Assim ficou confirmado que vivemos em um “mundo pequeno”, como comenta Barabási:

Stanley Milgram nos conscientizou de que não apenas estamos conectados, mas também vivemos em um mundo no qual ninguém está mais do que a alguns poucos apertos de mão de qualquer outra pessoa. Em outras palavras, vivemos em um mundo pequeno (*small world*) (BARABÁSI, 2009, p. 27).

Nas redes de “mundo pequeno”, as conexões dos nós também são feitas de forma aleatória como nas redes randômicas, só que poucos links extras já seriam suficientes para reduzir drasticamente a separação média entre os nós (BARABÁSI, 2009, p. 47). Essa descoberta foi feita por Duncan Watts e Steven Strogatz, em trabalho publicado em 1988. Para chegar à descoberta Watts e Strogatz introduziram no estudo uma grandeza chamada de

---

<sup>440</sup> Cf. a obra Seis Graus de Separação: A evolução da ciência de redes em uma era conectada de Duncan J. Watts, 2009.

coeficiente de clusterização (*Clustering coefficient*), “o qual informa o grau de coesão de nosso círculo de amigos” (BARABÁSI, 2009, p. 42).

Os modelos de redes randômicas de Erdős e Rény (1959) e o de redes de mundo-pequeno de Watts e Strogatz (1988), por apresentarem conexões aleatórias, “descrevem uma sociedade profundamente igualitária, cujos links são regulados pelo lance de um dado” (BARABÁSI, 2009, p. 48).

Contrariamente a esses modelos, foi descoberto por Gladwell um fenômeno chamado de conectores (*hubs*) “nós que contêm um número anormalmente grande de links” (BARABÁSI, 2009, p.51). Esse fenômeno já intrigava a equipe de pesquisa de Barabási, a qual havia visto que os hubs são uma característica fundamental da maioria das redes, dos sistemas complexos que vão desde a economia à célula.

Os *hubs* são o mais forte argumento contra a visão utópica de um ciberespaço igualitário. Sim, todos temos o direito de colocar o que quisermos na *Web*. Mas alguém perceberá? Se a *Web* fosse uma rede randômica, teríamos a mesma chance de ser vistos e ouvidos. Coletivamente criamos *hubs*, *Websites* a que todo mundo se conecta. (BARABÁSI, 2009, p.53).

Nesse sentido a hierarquia dos onipresentes *hubs* e as leis de potências predizem “que cada rede sem escala terá diversos *hubs* de grande porte que definirão fundamentalmente a topologia da rede” (BARABÁSI, 2009, p.65). Assim, uma rede sem escala (*scale-free*) pode ser representada da seguinte forma: “[...] muitos nós possuem apenas poucos links, articulados por poucos *hubs* altamente conectados. Visualmente, esse esquema é muito similar ao sistema de tráfego aéreo, em que um número grande de pequenos aeroportos é conectado entre si por poucos *hubs* maiores” (BARABÁSI, 2009, p.64).

O Quadro 29 mostra alguns tipos de redes complexas, os quais foram abordados aqui e os seus respectivos autores.

Quadro 29 - Alguns tipos de redes complexas (BARABÁSI, 2009).

ALGUNS TIPOS DE REDES COMPLEXAS		
Redes aleatórias (randômicas)	Redes pequeno-mundo ( <i>small world</i> )	Redes sem escala ( <i>scale-free</i> )
Erdős e Rény (1959)	Watts e Strogatz (1998)	Barabasi e Albert (1999)

Fonte: Barabási (2009).

A relação entre a linguística e os sistemas complexos, tais como as redes, foi tratada por Max Kueiming Lee and Sheue-Jen Ou, no artigo *Language Networks as Complex Systems*. O termo *Language Networks*, “redes de idioma”, é considerado nesse artigo como

sistemas complexos de palavra em níveis sintático e semântico. Além disso, é contemplada a noção de como a escolha de tipos de “redes de idioma” pode implicar na aquisição ou aprendizagem de uma língua. Segundo Lee e Ou (2008) a linguística começou a simular “redes de idioma” como sistemas complexos no início dos anos de 1990.

Starting in the late eighties, with a growing discontent with analytical methods in science and the growing power of computers, researchers began to study complex systems such as living organisms, evolution of genes, biological systems, brain neural networks, epidemics, ecology, economy, social networks, etc. In the early nineties, the research gradually spread into the language field. Linguistics began to simulate language networks as complex systems at word, syntactic and semantic levels. This is in contrast to the conventional Chomsky’s hierarchy structure and analytical approach. Some researchers even tried to simulate the origin of language, a topic which used to be suspended in European academes a century ago. The numerous researches indicated that language networks are showing some properties of complex systems: scale-free, small world, self-organization and emergence (LEE; OU, 2008, p.1)<sup>441</sup>.

Para Lee e Ou (2008) as teorias de sistema complexo estão começando a refletir o mundo real de uma forma mais efetiva. A topologia de sistemas complexos é constituída por nós e links, em que os nós são os elementos ou membros do sistema e links são as conexões entre os nós. Os links podem ser direcionados ou não direcionados, ponderados ou não ponderados. Ao se ter uma visualização da estrutura de nós e as respectivas ligações, pode-se caracterizar o sistema por meio do cálculo do grau médio (*degree average*) de nó, do comprimento médio da via (*Average path length*) e do coeficiente de agrupamento (*clustering*) do sistema (LEE; OU, 2008, p.2).

Lee e Ou (2008) apresentam análises de comparações entre línguas, as quais geram redes semânticas e sintáticas contendo os fenômenos supracitados *small-world* e *scale-free* que são relacionados aos sistemas complexos. Conforme Lee e Ou (2008), tais fenômenos podem estar presentes também na relação entre os sistemas complexos e o ensino-aprendizagem de línguas na sala de aula, como se pode ver a seguir:

---

<sup>441</sup> Tradução: “A partir do final dos anos oitenta, com um crescente descontentamento com os métodos analíticos da ciência e o poder crescente de computadores, os pesquisadores começaram a estudar sistemas complexos, tais como os organismos vivos, a evolução dos genes, sistemas biológicos, redes neurais do cérebro, epidemias, ecologia, economia, redes sociais, etc. No início dos anos noventa, a pesquisa gradualmente se espalhou para o campo da linguagem. A Linguística começou a simular redes de linguagem como sistemas complexos de palavra, em níveis sintático e semântico. Isto está em contraste com a estrutura hierárquica e abordagem analítica convencional de Chomsky. Alguns pesquisadores ainda tentaram simular a origem da linguagem, um tema que costumava ser suspenso em academias europeias há um século. As inúmeras pesquisas indicaram que as redes de linguagem estão mostrando algumas propriedades de sistemas complexos: sem escala, mundo pequeno, auto-organização e emergência” (LEE; OU, 2008, p.1, tradução nossa).

Podemos considerar que o ensino-aprendizagem de línguas na sala de aula também é um sistema complexo, já que a linguagem por si só, como foi discutido até agora é um sistema complexo. O sistema de ensino/aprendizagem de línguas é feito de componentes, tais como alunos, professores, livros, currículo, línguas e ambiente. Tendo isso em mente, todo o ensino-aprendizagem pode ser modelado como um sistema complexo “aninhado”, uma vez que cada componente do sistema é também um sistema complexo por si só. As relações ou ligações entre esses componentes/agentes a serem investigados são a interação entre alunos e professores, recursos linguísticos montados por professores e alunos, professores e currículo, o ambiente de sala de aula e alunos/professores e alunos fora do ambiente da sala de aula, por exemplo. Além disso, essas interações são dinâmicas e fluidas ao momento: a coadaptação entre os alunos, professores e contexto muda o tempo todo; a alteração em um, poderia causar a mudança no outro. A gama de conexão é através de níveis de organização social e humana, bem como através de escalas de tempo, e qualquer ação é amarrado na web de conexões para vários sistemas (LEE; OU, 2008, p. 9, tradução nossa)

Lee e Ou (2008, p. 9) nos direcionam para olhar especificamente para cada componente do sistema complexo, em que cada estudante pode ser visto como um sistema complexo, pois faz o seu próprio caminho de aprendizagem, considerando a interferência de outras línguas, idade, objetivos, status social, motivação pessoal. Para Lee e Ou (2008) os sistemas complexos geraram uma mudança de paradigma no princípio de ensino de línguas, antes mais voltado ao ensino pelo raciocínio (*grammaring*), e, recentemente, mais direcionado ao não ensino da gramática (por inculcar as regras). Isso porque a linguagem é vista como um sistema complexo dinâmico, e não uma forma homogênea contida em livros didáticos para se adquirir.

Outra teoria que influencia as nossas análises é a do “ator-rede” desenvolvida por diversos pesquisadores, dentre os quais Michel Callon e Bruno Latour. Essa teoria encontra-se na área de estudos de ciência, tecnologia e sociedade<sup>442</sup>.

Moraes (2002)<sup>443</sup> sintetiza muito bem a noção de rede desenvolvida por Callon (1986):

A noção de rede remete a fluxos, circulações, alianças, movimentos. A noção de rede de atores não é redutível a um ator sozinho nem a uma rede. Ela é composta de séries heterogêneas de elementos, animados e inanimados conectados, agenciados. Por um lado, a rede de atores deve ser diferenciada dos tradicionais atores da sociologia, uma categoria que exclui qualquer componente não-humano. Por outro lado, a rede também não pode ser confundida com um tipo de vínculo que liga de modo previsível elementos

<sup>442</sup>Para conhecer mais sobre a teoria do ator-rede Cf. LATOUR, Bruno. Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012, 399p.

<sup>443</sup>MORAES, Márcia Oliveira. Sobre a noção de rede e a singularidade das ciências. *Revista Documenta*. Ano 7I, nº 12/13, pp. 57-70, 2001-2002.

estáveis e perfeitamente definidos, porque as entidades das quais ela é composta, sejam elas naturais, sejam sociais, podem a qualquer momento redefinir sua identidade e suas mútuas relações, trazendo novos elementos para a rede. Neste sentido, uma rede de atores é simultaneamente um ator cuja atividade consiste em fazer alianças com novos elementos, e uma rede que é capaz de redefinir e transformar seus componentes (MORAES, 2002, p. 70)<sup>444</sup>.

O conceito que auxilia na compreensão da aprendizagem relacionada a sistemas complexos é o de “aprendizagem em rede”, abordado por George Siemens, teórico que estuda a aprendizagem na era digital. Na sua reflexão sobre as redes relacionadas à aprendizagem, ressalva que:

As redes sustentaram a aprendizagem humana bem antes da proliferação da tecnologia evidente na sociedade atual. O desenvolvimento de competências na caça, coleta e agricultura exigem que o conhecimento seja compartilhado com cada nova geração. Após o estabelecimento da agricultura, por exemplo, a geração mais nova aprende com o trabalho já realizado pelos seus antecessores. Pequenos avanços em novas técnicas e ferramentas serviram para melhorar continuamente as disciplinas como a agricultura, a serralharia, e, mais recentemente, a filosofia e as ciências. A aprendizagem em rede é hoje mais evidente, pois encontra a sua existência em estruturas explícitas de rede: redes de telefonia móvel, a internet e a web. É provável que cada geração se sinta como guardião de novos pontos de vista e avanços científicos, considerando o enorme progresso apresentado pelas gerações anteriores. Ao discutir aprendizagem em rede, nós nos encontramos em um pequeno pico de uma grande montanha. As estruturas de rede agora proeminentes em tecnologia foram previamente fornecidas por interações sociais, pergaminhos escritos, escritos religiosos, e as estruturas de comunicação de generais, reis e imperadores (SIEMENS, 2008, p.1, tradução nossa)<sup>445</sup>.

Podemos citar, por exemplo, em sociedades indígenas, os guardiões dos conhecimentos que envolvem a cura de doenças, os chamados pajés ou xamãs. Os conhecimentos indígenas culturais são passados para as novas gerações com o intuito de deixar vivos todos os conhecimentos desenvolvidos pelas gerações anteriores, o que parece estar relacionado com o que é chamado por Siemens (2008) de “aprendizagem em rede”.

---

<sup>444</sup> Moraes (2002) baseou-se em Callon (1986, p.83-103).

<sup>445</sup> Texto original: “Networks have underpinned human learning well before the proliferation of technology evident in society today. The development of expertise in hunting, gathering, and farming require knowledge to be shared with each new generation. Upon inculcation into farming, for example, the younger generation built on the work of others. Small advances in new techniques and tools served to continually advance disciplines such as farming, blacksmithing, soldiering, and more recently, philosophy and sciences. Network learning is today more evident because it finds its existence in explicit network structures: mobile phone networks, the internet, and the web. Each generation likely views itself as the guardian of new intellectual insight and scientific advances, overlooking the enormous progress brought forward by previous generations. When discussing network learning, we find ourselves on a small pinnacle of a large mountain. The network structures now prominent in technology were previously served by social interactions, written scrolls, religious writings, and the communication structures of generals, kings, and emperors” A brief history of networked learning (SIEMENS, 2008, p.1).



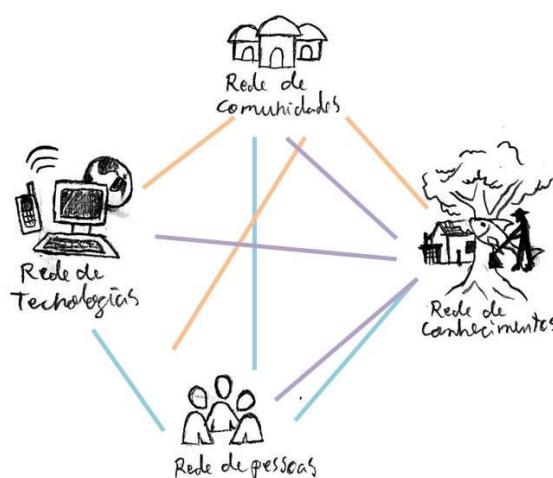
Dessa maneira, a língua é um dos maiores bens culturais de um povo, pois nela estão expressos todos os seus conhecimentos (RODRIGUES, 2002), o que a faz um patrimônio da humanidade.

## 7.2 Línguas em rede

O referido conceito de “aprendizagem em rede” (SIEMENS, 2008) é o ponto de partida da nossa análise denominada “línguas em rede”, que se refere à observação de que as línguas estão em rede tanto nos ambientes geograficamente localizados como nos meios digitais. Outra característica do termo “línguas em rede” refere-se ao termo *language Networks* usado por Lee e Ou (2008), em que as línguas podem ser comparadas em seus aspectos semânticos e sintáticos e ainda serem relacionadas aos sistemas complexos com respeito ao ensino-aprendizagem de línguas.

Em contextos de fortalecimento de línguas em que as TICs estão presentes é importante considerar as ressalvas de D’Angelis (2010, 2011) quanto à inclusão digital pró-ativa, os passos para incluir uma língua no ciberespaço dados por Diki-Kidiri (2007), as observações sobre a documentação audiovisual e o uso do computador de Hinton (2001d) e as observações de Menezes (2011) sobre a participação dos recursos humanos para a diversidade linguística. Ao mesmo tempo outras entidades (actantes, atores), além das tecnologias, podem se tornar perceptíveis. Tenha a seguinte visualização: Vamos desenvolver o uso das tecnologias? Mas e as pessoas que estão interagindo com essas tecnologias? Essas pessoas também fazem parte de comunidades? E quais são os conhecimentos que essas pessoas desenvolvem? Dessa forma, as entidades relacionais: pessoas, conhecimentos, comunidades e tecnologias, referentes aos Kokama, estabeleceram-se inicialmente no que chamamos de Rede Kokama, como se pode ver na Fig. 39.

Figura 39 - Primeiro esboço da Rede Kokama. 2012.



Fonte: elaborado pela autora. Arte por João Lima, 2012.

Todavia, surgiram outras entidades que parecem interagir no fortalecimento da língua e da cultura Kokama. Com o mapeamento da presença Kokama no ciberespaço, observamos a presença de diversas redes, por isso optamos por reunir as análises no que chamamos de “Línguas em rede”, tendo em vista a noção de rede de Callon (1986) que remete a fluxos, alianças, movimentos, não sendo redutível a um ator sozinho nem a uma rede, sendo, essa noção, composta de elementos heterogêneos, animados e inanimados, humanos e não humanos conectados e agenciados, podendo “a qualquer momento redefinir sua identidade e suas mútuas relações, trazendo novos elementos para a rede” (MORAES, 2002, p. 70).

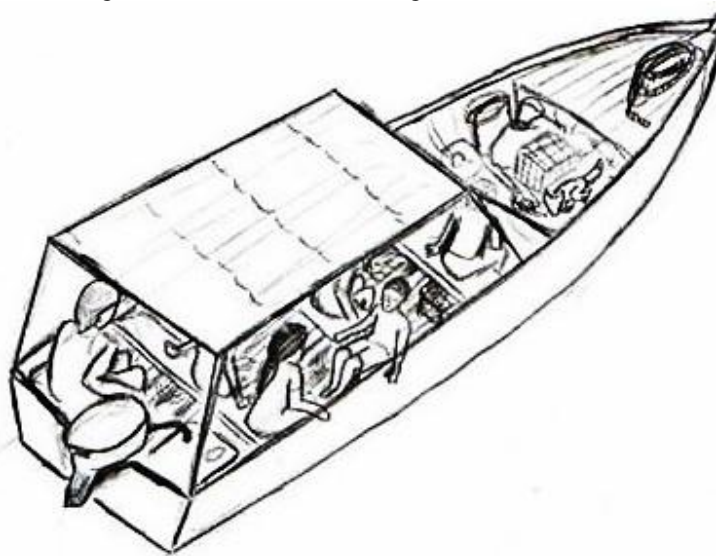
Na aprendizagem de línguas, como observa Lee e Ou (2008), os componentes/agentes (livros, professores, estudantes, línguas, ambiente) estão em interação formando sistemas complexos, ou redes. Assim, analisamos algumas das entidades que se relacionam para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama formando assim sistemas complexos. As entidades analisadas ou citadas nesta tese são: pessoas, conhecimentos, comunidades, tecnologias, línguas, instituições, associações e organizações, escolas, animais, plantas e os 3 mundos (terra, ar e água). Tais entidades são sistemas complexos em si mesmos e estão relacionados de forma a resultar em variados tipos de redes. Outras entidades também interagem no fortalecimento, as quais podem ser analisadas em outros trabalhos.

### 7.2.1 Pessoas

Os movimentos das lideranças Kokama, iniciados na década de 1980 para compartilhar os conhecimentos culturais e as informações sobre os direitos indígenas, deixando-os em fluxo, por meio de visitas para conversas reflexivas em reuniões nas comunidades, podem ser interpretados aqui neste trabalho como “aprendizagem em rede”. As entidades - ou atores - envolvidas nessa aprendizagem seriam, principalmente, as pessoas (lideranças, pessoas que estão no barco, pessoas que estão na comunidade, etc.), os conhecimentos (conhecimentos culturais, informações sobre os direitos indígenas, etc.), as tecnologias (barco como meio actante de comunicação e interação, etc.), os 3 mundos (o rio seria a água que faz parte dos 3 mundos) e as comunidades (as comunidades visitadas pelas lideranças).

Portanto, essas entidades seriam os atores e estariam relacionados por meio de *links* ou arestas em “redes de aprendizagem”. A Figura 40 mostra a imagem de um tipo de barco, tecnologia da região, a qual vai muito além de ser um meio de transporte, sendo geradora de diversas relações, tais como: comerciais, afetivas, educacionais, políticas, entre outras. Professores-pesquisadores, lideranças e articuladores, muitas vezes, viajam em barcos menores do que o da Figura 40 e sem cobertura de proteção da chuva e do sol, chegando até igarapés de difícil acesso para visitar aldeias e comunidades.

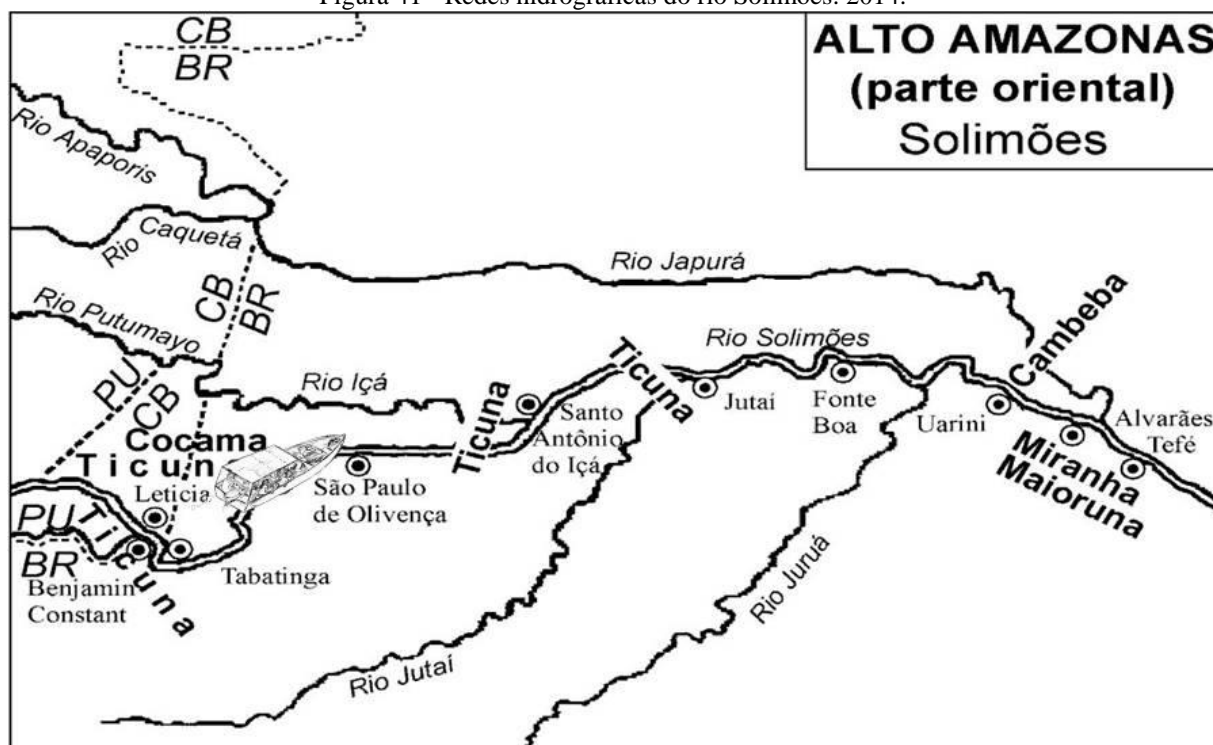
Figura 40 - Pessoas e a tecnologia barco



Fonte: Arte por Breno Sanginez Zeballos

O meio de comunicação que continua sendo bastante vivenciado atualmente por lideranças e professores-pesquisadores para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama, inclusive para encontrar os “falantes da língua Kokama” poderia ser representado pelas redes hidrográficas do rio Solimões (Fig. 41).

Figura 41 - Redes hidrográficas do rio Solimões. 2014.



Fonte: Adaptado do mapa de Julio Cezar Melatti (2011, p. 6)<sup>446</sup>. Arte do barquinho por Breno Sanginez Zeballos. 2014.

A articulação dessas redes por meio da multiliderança pode ter incentivado a criação de diversas associações e organizações indígenas Kokama, que foram criadas para defender os direitos indígenas e investir na valorização da língua e da cultura Kokama.

Nas redes humanas, a auto-regulação se dá pela ação das múltiplas lideranças, virtualmente representadas por cada um dos integrantes do sistema, devidamente detentores de poder por definição. A desconcentração do poder na rede gera o fenômeno da multiliderança – e é o seu exercício que produz a dinâmica multifacetada, as soluções originais, a capacidade adaptativa, a criatividade e a inventividade próprias da rede<sup>447</sup> (WWF-Brasil. p. 48).

<sup>446</sup>MELATTI, Julio Cezar. Áreas Etnográficas da América Indígena. Alto Amazonas. Capítulo 15. Brasília. 2011.19.p.

<sup>447</sup> WWF-Brasil. Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização. 2003. Disponível em: < [http://www.aliancapelainfancia.org.br/pdf/redes\\_wwf.pdf](http://www.aliancapelainfancia.org.br/pdf/redes_wwf.pdf) > Acesso em: 20 jun. 2014.

Tradicionalmente, a organização política Kokama é descentralizada, na qual os líderes exercem a sua autoridade ao seu grupo doméstico ou família extensa<sup>448</sup>. Desse modo,

[...] as relações de parentesco são o lastro principal da organização interna dos Kokama e há uma relação estreita entre proximidade física e genealógica. Uma comunidade é formada essencialmente por grupos de parentes e entre todas elas há fortes vínculos que as relacionam às demais (RAMOS, 1994)<sup>449</sup>.

Segundo Santos e Souza (2012)<sup>450</sup>, em estudo antropológico de comunidades Kokama do Médio Solimões, mais especificamente os Kokama da região da foz do Jutai, as relações de parentesco podem se estender a “co-residentes” por meio da construção de relações e alianças que se transformam ao longo do tempo, havendo uma conversão da afinidade em consanguinidade. Santos e Souza (2012) observa também a ocorrência de sistemas complexos com a formação de redes de atores nos movimentos dos povos indígenas considerados emergentes, tais como os Kokama e os Miranha do Médio Solimões, além de comentar sobre os estudos de redes no nordeste importantes para a emergência indígena (ANDRADE, 2002, 2008; ARRUTI, 2006, apud SANTOS E SOUZA, 2012, p. 5).

Portanto, as ações voltadas ao fortalecimento e valorização da língua e da cultura Kokama, iniciadas no início de 1980 e continuadas até o presente, estimularam a criação de “redes Kokama”. O Sr. Antonio Januário Samias e seu filho Francisco Guerra Samias começaram a visitar os lugares onde havia pessoas da etnia Kokama com o intuito de realizar reuniões, incentivando assim a criação de **comunidades**<sup>451</sup> e apoiando o fortalecimento da língua e da cultura Kokama.

<sup>448</sup> Pib Socioambiental. Povo kokama. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kokama/451>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>449</sup> Resumo do relatório de Ramos (1994). Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/616706/pg-33-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-17-07-2003>>

<sup>450</sup> SANTOS, Rafael Barbi Costa e; SOUZA Mariana Oliveira e. “Todo amazonense é índio”: o argumento inclusivo dos indígenas emergentes no médio Solimões. 28ª RBA - GT04 - Amazônia e Nordeste indígenas: por uma etnologia transversa. 2012.

<sup>451</sup> “... Falo agora sobre comunidade que será, que é coisa importante, a gente pode ser ajudado de alguns, gente que pode ajudar, que tem dinheiro, alguma coisa. Eu digo, então bora fazer uma reunião, vamos. Quando que podemos fazer? Vamos fazer sábado, chama todos, avisa todos, avisa hoje, sábado todo mundo tá aqui. Aí chamamos e já juntamos e começamos a conversar: Bem pessoal, nós mandamos convidar vocês aqui pra nós resolver uma coisa aqui, vamos fazer uma comunidade. Vamo ver se nos pode ter alguma ajuda dos outros. Aí dizer então vamos, vamos trabalhar de forma assim, vamos ajudar um ao outro. Aí o outro disse: vamos, que eu nunca vi comunidade, mas eu vou querer agora, como é a comunidade tem que ser ajudado mesmo? É tem que ser ajudado, ajudado quer dizer, a comunidade, vamos morar todos juntos, unido e trabalhar unido também assim, tudo ajudando um ao outro. Então vamos. E aí começamos destravando desde daquele tempo...” (Sr. Antônio Samias, cacique Kokama, depoimento dado a Ana Suelly A. C. Cabral, Sapotal, Tabatinga-AM, Brasil, 1988).

A linguista Ana Suelly Arruda Câmara Cabral realizou pesquisa junto a falantes da língua Kokama no Brasil entre 1988 e 1996. Passou a pesquisar essa língua a convite do Professor Francisco Samias, através de Jussara Gomes Grüber, ainda em 1987. Grüber entregara à época uma carta de Francisco à Ana Suelly solicitando apoio para o ensino da língua Kokama na escola da aldeia de Sapotal, AM, Brasil. Durante o tempo que atuou junto à comunidade de Sapotal, Cabral teve a oportunidade de contribuir para as “redes Kokama” acompanhando o Sr. Antônio Januário Samias em busca de falantes Kokama residentes em Letícia, em Tabatinga e em Benjamin Constant. À medida que identificavam falantes Kokama fortaleciam as redes, promovendo encontros e realizando gravações das conversas, músicas e “contações de história” em língua Kokama, o que pode ser chamado aqui de “aprendizagem em rede”.

Destacamos também a atuação do Padre Ronald MacDonell, do CIMI, que tem se empenhado em ensinar a língua Kokama em algumas comunidades no Brasil. MacDonell vem sendo convidado pelos Kokama para realizar oficinas da língua Kokama. O professor-pesquisador Leonel Magalhães de Souza (Kokama) registrou em vídeo algumas dessas oficinas e fez a editoração do material em DVD. Outros professores de língua Kokama vêm elaborando materiais didáticos próprios para a educação diferenciada, como é o caso da Profa. Altaci Corrêa Rubim e do Prof. Washington Gerôme Macedo.

No ano de 2007, três Kokama para participarem de um grande evento<sup>452</sup> sobre línguas indígenas na Universidade de Brasília. Francisco Samias, Felisberto Maurício e Leonel Magalhães de Souza compuseram a mesa-redonda **Línguas indígenas brasileiras fortemente ameaçadas 3: O caso Kokama**<sup>453</sup> com o tema **Iniciativas dos Kokama do Brasil para reavivar sua língua e sua cultura**, promovendo assim a sua língua e cultura.

A situação da interação das pessoas do povo Kokama no processo de fortalecimento é bastante diversa. Há a participação intensa pela busca de retomada da língua de pessoas **catalisadoras** - pessoas altamente motivadas, que na maioria das vezes são também professores-pesquisadores e/ou lideranças. Um sistema *on-line* que inclua os memoriais e depoimentos dessas pessoas pode ser uma boa alternativa quanto a esse registro. Ainda no decorrer das análises das outras entidades as pessoas voltarão a aparecer, considerando que elas estão em interação com outras entidades.

---

<sup>452</sup>“Encontro de Povos e Culturas Tupí”, seguido do “Workshop sobre Línguas Indígenas Ameaçadas: estratégias de preservação e de revitalização”, ambos coordenados pelo Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília (LALI/UnB).

<sup>453</sup> Participavam da mesa também: Ana Suelly A. C. Cabral com o tema “Os Kokama do Brasil: 20 anos de luta pela reconquista da identidade, da terra, da cultura e da língua”, e Angel Corbera Mori com o tema “Os Kokama da Amazônia Peruana”.

A busca por falantes da língua Kokama continuou. Os professores-pesquisadores, estudantes do **Curso de licenciatura para professores do Alto Solimões**, encontraram falantes que tinham guardado a língua Kokama na memória, como se pode ver nas listas apresentadas na **pesquisa sociolinguística**<sup>454</sup>, no relatório do José Maria Moraes Arcanjo adiante e nos registros audiovisuais.

Muitos Kokama voltaram a falar ou aprenderam a língua Kokama como forma de afirmação étnica. As pesquisas desenvolvidas pelos professores-pesquisadores Kokama possibilitaram encontrar “falantes” da língua Kokama que antes não se denominavam como tal. O Sr. Luiz Chota, Kokama e “falante”, em entrevista concedida ao professor Kokama Leonel Magalhães de Souza em 2010, comentou: “Agora tão procurando, então vou ensinar”.

A relação dos “aprendizes” da língua Kokama com os “falantes” seja por meio “presencial”, seja pelo meio digital, é essencial para o acesso à língua em seu estado de uso. Assim como para os demais níveis de fala. Os “lembrantes” e os “entendentes” podem aprimorar o conhecimento da língua por meio desse contato e até relembrar algumas palavras e expressões da língua Kokama.

Os “níveis de fala” da língua Kokama, aqui apresentados, foram especificados conforme reflexões sobre o conhecimento da língua, junto aos professores Kokama no **Curso de Licenciatura Para professores Indígenas do Alto Solimões** e com base no estudo de Campbell e Muntzel (1989):

As línguas que foram base do seu estudo são apresentadas com a identificação de suas respectivas localizações geográficas, afiliação genética e número de falantes. Estes são classificados de acordo com um contínuo de proficiência do uso da língua, a saber: *S* para *strong* (forte/pleno) ou (quase totalmente competente); *I* para *imperfect* (imperfeito), i.e. para razoavelmente fluente *semi-speakers* (semi-falantes); *W* *weak semi-speakers* (semi-falante fraco) com competência de fala mais restrita; e *R* para *rememberers* (lembradores), os quais conhecem somente algumas palavras ou frases isoladas (CAMPBELL E MUNTZEL, 1989, p. 181, apud VIEGAS, 2010, p.36).

Seguem os “níveis de fala” (Quadro 30) que estão associados com os conceitos que foram utilizados como referência para o preenchimento dos formulários da Pesquisa sociolinguística e da Pesquisa Sociométrica<sup>455</sup>, tendo sido feitas algumas atualizações e associações com os níveis de fala abordados por Campbell e Muntzel (1989):

---

<sup>454</sup> Ver capítulo 5.

<sup>455</sup> Ver capítulo 5.

Quadro 30 - Níveis de fala da Língua Kokama  
NÍVEIS DE FALA DA LÍNGUA KOKAMA

FALANTES	Pessoas que são fluentes na língua Kokama, mesmo não a usando no dia-a-dia, pois guardaram a língua na memória. (Strong, forte, pleno)
LEMBRANTES	Pessoas que falam somente algumas palavras ou frases isoladas ( <i>weak semi-speakers</i> ). Pessoas com competência de fala restrita.
ENTENDENTES (lembrantes) passivos)	Pessoas que compreendem aquilo que ouvem na língua, mas que não falam na língua Kokama.
APRENDIZES	Os adultos, jovens ou crianças que estão aprendendo a língua Kokama <sup>456</sup> .

Fonte: Pesquisa sociolinguística (VIEGAS, 2014a) e Pesquisa sociométrica (VIEGAS, 2014b)

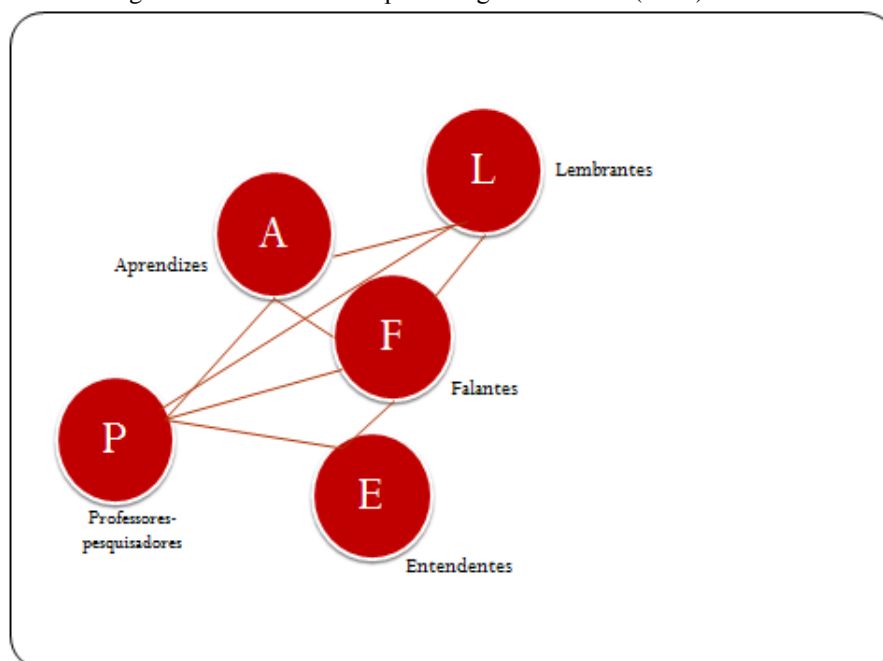
As definições e classificações por níveis de fala Kokama poderão se alterar com o decorrer do tempo, conforme se apresente a situação linguística, ou por pontos de vista diferentes.

Observamos que a aprendizagem da língua e da cultura Kokama pelas interações na rede de pessoas, principalmente por **Falantes**, **Lembrantes**, **Entendentes**, **Aprendizes**, e pela atuação dos **Professores-pesquisadores**, os quais têm incentivado o intercâmbio entre as pessoas, pode ser interpretada aqui como “aprendizagem em rede” no sentido discutido por Siemens (2008). A Fig. 42 a seguir mostra essas interações entre pessoas que buscam aprender a língua Kokama:

<sup>456</sup> Na pesquisa sociolinguística de 2012 o conceito de “aprendiz” foi mais especificado, a saber: “Aprendizes: Os adultos, jovens ou crianças, que porventura aprenderam a língua Kokama, de forma significativa para a comunidade, como por exemplo, os professores de língua Kokama ou os parentes dos *falantes*”. Na pesquisa Sociométrica de Viegas (2014) o conceito de “aprendiz” utilizado foi mais amplo assim como consta nesta tabela: Aprendiz: “Os adultos, jovens ou crianças que estão aprendendo a língua Kokama”.



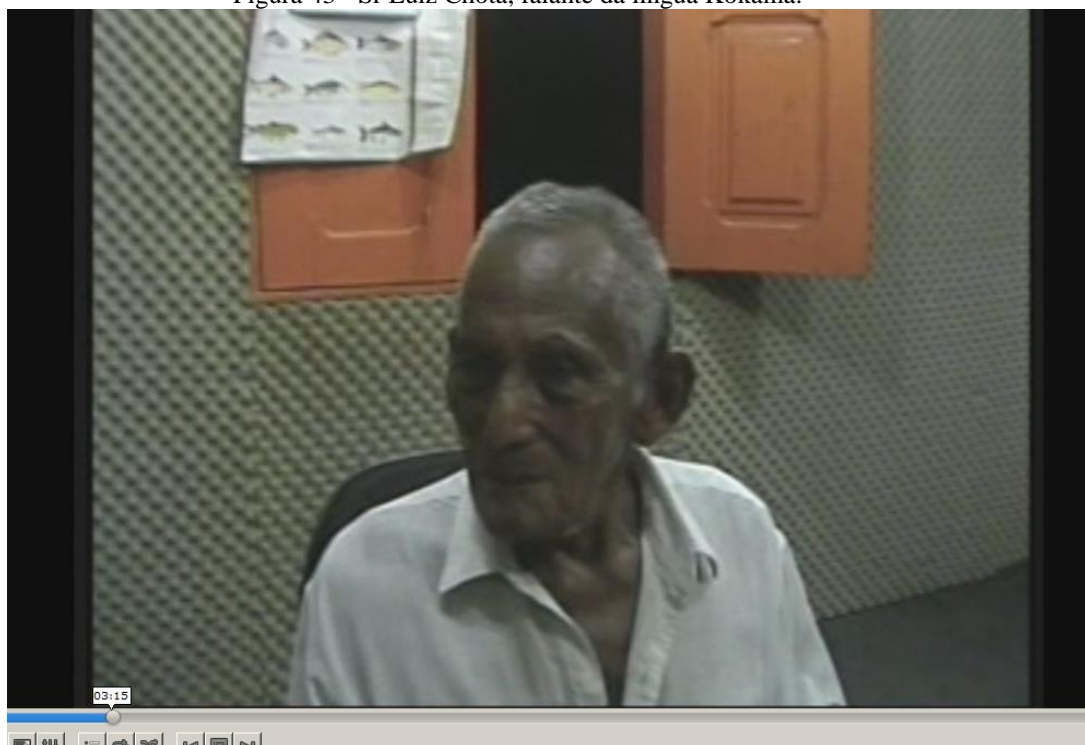
Figura 42 - Pessoas em “aprendizagem em rede” (2014)



Fonte: elaborada pela autora.

O Sr. Luis Chota de 90 anos de idade, morador de dentro do Rio Içá, desde criança escutava a sua mãe falar a língua Kokama, mas não a falava só a entendia. No ano de 1996 ele começou a aprender a falar a língua, ano em que surgiram organizações Kokama na região, conforme Leonel Magalhães de Souza, um dos professores-pesquisadores do Curso de Licenciatura, esse foi um estímulo para o Sr. Luiz Chota falar a língua. Leonel Magalhães de Souza realizou pesquisas junto a esse falante da língua Kokama (VIEGAS, 2010, p.111). Esses registros foram incluídos no DVD Kokama Volume 3 da série “Material de apoio para professores Kokama” (Fig. 43).

Figura 43 - Sr Luiz Chota, falante da língua Kokama.



Fonte: DVD Volume 3. Pesquisa de Leonel Magalhães de Souza com o Sr. Luiz Chota da Comunidade de São José, Santo Antônio do Içá, Amazonas. 2011<sup>457</sup>.

### 7.2.1.1 A Rede Jovens Indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões-REJICARS

A criação da **Rede Jovens Indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões-REJICARS** foi fruto das oficinas de comunicação realizadas pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) como parte do Programa Conjunto de Segurança Alimentar e Nutricional de Mulheres e Crianças Indígenas (PCSAN)<sup>458</sup>, parceria da Organização das Nações Unidas (ONU) com o governo Brasileiro. Com o empoderamento do uso de meios de comunicação os jovens viram-se estimulados a atuarem em suas próprias comunidades. O fato de haver não somente uma etnia nas oficinas estimulou a interação, possibilitando o diálogo mais aberto e cooperativo entre os povos da região.

Em 2012, as lideranças indígenas dos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga e São Paulo de Olivença, os gestores municipais, o Dsei ARS, Funai ARS, organizações indígenas e outros parceiros começaram a planejar

<sup>457</sup>“Sr. Luis Xota de 90 anos de idade, morador de dentro do Rio Iça. Sr. Luiz Chota desde criança escutava a sua mãe falar a língua Kokama, mas não a falava só a entendia. No ano 1996 ele começou a aprender a falar a língua, ano em que surgiram organizações Kokama na região, conforme Leonel Magalhães de Souza, um dos professores-pesquisadores do Curso de Licenciatura, esse foi um estímulo para o Sr. Luiz Chota falar a língua. Leonel Magalhães de Souza realizou pesquisas junto a esse senhor” (VIEGAS, 2010, p.111).

<sup>458</sup> Jovens Indígenas Comunicadores: Nossa Rede. Disponível em: < [http://jovens-ars.com/?page\\_id=6](http://jovens-ars.com/?page_id=6) > Acesso em: 25 jun. 2014

os locais das oficinas de comunicação com jovens indígenas. Em Benjamin Constant, a comunidade escolhida foi a de Filadélfia, onde vivem jovens ticunas. Na primeira seleção na comunidade, foram escolhidos 14 jovens e adolescentes (meninos e meninas). Este ano, mais 10 jovens passaram a fazer parte do grupo. Em São Paulo de Olivença, a primeira comunidade que recebeu o projeto foi a kokama Colônia São Sebastião. O grupo selecionado foi de crianças, com monitores jovens. Um deles já mostrou atitude e levou a ideia para sua comunidade, a kokama Monte Santo. Lá, mais 12 jovens também foram selecionados, este ano, pelos próprios jovens e lideranças, e já estão aprendendo a fazer a diferença usando a comunicação. No município de Tabatinga, participam jovens de duas comunidades ticunas: Umariçu I e Umariçu II. O grupo também já cresceu. Começou com 14 e agora já são 20 meninos e meninas. Durante as oficinas, aprendemos a fazer jornal mural e no computador, fotografar, gravar e editar programas de rádio e vídeo, entrevistar pessoas de nossa comunidade, lideranças e autoridades de outros lugares (Jovens Indígenas Comunicadores: Nossa Rede)<sup>459</sup>.

Os jovens da **REJICARS** vêm atuando nas mais diversas questões sociais e artísticas em cidades e comunidades locais e “sempre são levados em conta os aspectos culturais de cada povo”<sup>460</sup>. Algumas das questões abordadas pelos jovens, conforme pesquisa na internet, são:

- ◆ Alcoolismo e drogas
- ◆ Amamentação
- ◆ Artes cênicas
- ◆ Artesanato
- ◆ Comidas e bebidas típicas
- ◆ Doenças sexualmente transmissíveis
- ◆ Festivais
- ◆ Fotografia
- ◆ Gravidez na adolescência
- ◆ Intercâmbio
- ◆ Jornalismo
- ◆ Legislação
- ◆ Línguas indígenas
- ◆ Músicas tradicionais
- ◆ Nutrição na fase da adolescência

<sup>459</sup> Jovens Indígenas Comunicadores: Nossa Rede. Disponível em: < [http://jovens-ars.com/?page\\_id=6](http://jovens-ars.com/?page_id=6) > Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>460</sup> Portal EBC. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/educacao/galeria/audios/2012/09/jovens-indigenas-do-amazonas-recebem-capacitacao-em-comunicacao>> Acesso em: 12 jun. 2014.

- ◆ Racismo
- ◆ Rádio
- ◆ Segurança alimentar
- ◆ Transporte
- ◆ Violência

Em maio de 2013, foi lançado o site da Rede Jovens indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões (Fig. 44), com o apoio da ONU<sup>461</sup>, contendo produções audiovisuais e conteúdo sobre direitos humanos<sup>462</sup>:

Figura 44 - Site dos Jovens indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões. 2003.



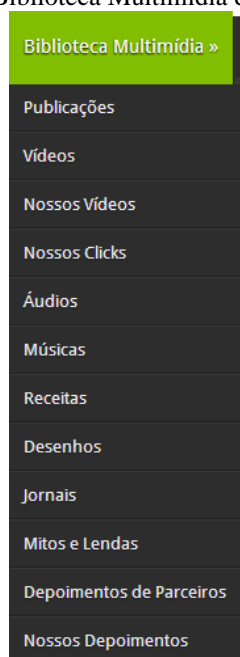
Fonte: Página Principal do site dos Jovens indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões. Disponível em: <<http://jovens-ars.com/>> Acesso em: 10 ago. 2014.

Na “Biblioteca Multimídia” desse site podem-se encontrar diversos temas, tais como os da Fig. 45 a seguir:

<sup>461</sup> Com apoio da ONU, jovens indígenas do Alto Rio Solimões lançam site sobre direitos humanos. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/com-apoio-da-onu-jovens-indigenas-do-alto-rio-solimoes-lancam-site-sobre-direitos-humanos/>> Acesso em: 10 ago. 2014.

<sup>462</sup> Jovens indígenas do Alto Rio Solimões, no Amazonas, lançam site com produções audiovisuais sobre direitos humanos. Disponível em: <[http://www.unicef.org/brazil/pt/media\\_25450.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/media_25450.htm)> Acesso em: 25 jun. 2014.

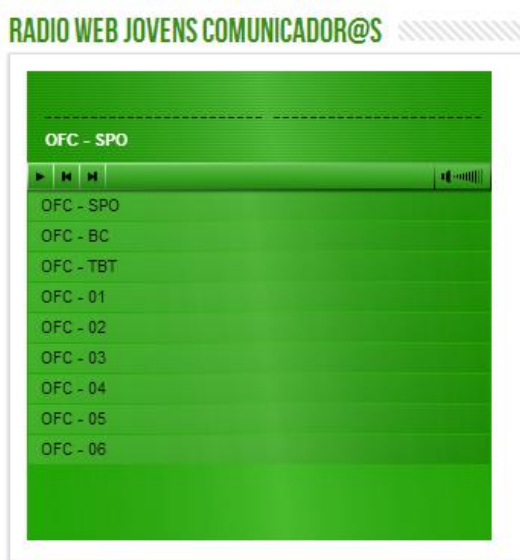
Figura 45 - Biblioteca Multimídia da REJICARS



Fonte: Página Principal do site dos Jovens indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões. Disponível em: <<http://jovens-ars.com/>> Acesso em: 10 ago. 2014.

Gracildo Kokama, articulador da Rede Jovens indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões, produz junto com outros jovens da comunidade de Monte Santo, São Paulo de Olivença, AM, programas de rádio usando a tecnologia Alto-falante (“Boca-de-ferro”). Os jovens da rede produzem também uma rádio Web (Fig. 46):

Figura 46 - Rádio Web Jovens Comunicador@s



Fonte: Página Principal do site dos Jovens indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões. Disponível em: <<http://jovens-ars.com/>> Acesso em: 10 ago. 2014.



Os jovens comunicadores Kokama produziram uma série de jornalismo chamada TV Kokaminha, dividida em quatro partes<sup>463</sup>, a qual possui como um dos temas principais a alimentação saudável.

O impacto socioeconômico e cultural tem alterado os hábitos alimentares dos povos indígenas, trazendo consigo algumas consequências na saúde e no desenvolvimento infantil, a parceria do UNICEF com a nutrição, por meio desse projeto de comunicação com jovens Ticunas e Kokamas tem tentado resgatar os hábitos alimentares culturais, para melhoria do perfil nutricional não somente de crianças mas em todas as faixas etárias, pois uma alimentação saudável é sinônimo de saúde”, nutricionista do Dsei-ARS/SPO, (Vanderlane de Souza Pereira. Disponível em: <[http://jovens-ars.com/?page\\_id=180](http://jovens-ars.com/?page_id=180)> Acesso em: 4 jun. de 2014. Depoimentos de parceiros).

A seguir apresentamos a Fig. 47 com as imagens dos vídeos da série TV Kokaminha:

Figura 47 - Série de jornalismo TV Kokaminha. 2013.



Fonte: Site da Rede Jovens Indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões. Biblioteca Multimídia: Vídeos. Disponível em: <[http://jovens-ars.com/?page\\_id=364](http://jovens-ars.com/?page_id=364)> . Acesso em: 4 jun. 2014.

<sup>463</sup> TV Kokaminha. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zf8pLGyM9nE>> Acesso em: 4 jun. 2014.

Os depoimentos de parceiros e componentes da rede Jovens Indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões mostram a importância da atuação dessa rede nas comunidades:

Como coordenador do DSEI Alto Rio Solimões, posso testemunhar que a parceria do distrito com o UNICEF nas atividades das oficinas de comunicação nas escolas indígenas foi uma oportunidade única que ao mesmo tempo resgatou a autoestima da população e trouxe experiências nunca antes vividas para esses jovens. A população indígena hoje através das oficinas pode viver e compartilhar a realidade da saúde indígena do DSEI e multiplicar de diferentes formas o fluxo de informações nos sete municípios e nos doze pólo base de abrangência do Alto Rio Solimões. Espero contar com o UNICEF no sentido de manter viva nossa parceria e proporcionar assim outros projetos que tem e muito a contribuir com a qualidade de vida e a saúde da população indígena (Coordenador Distrital de Saúde Indígena, Daniel Lacerda. Disponível em:< [http://jovens-ars.com/?page\\_id=180](http://jovens-ars.com/?page_id=180)> Acesso em 4 de jun. de 2014. Depoimentos de parceiros)

Segue outro depoimento:

O projeto de comunicação do UNICEF implantado em São Paulo de Olivença, especialmente na Colônia São Sebastião, está sendo de fundamental importância para a comunidade, para as nossas crianças indígenas Kokamas, que estão adquirindo conhecimentos na área da tecnologia, para ajudarem a resgatar e preservar a nossa cultura. Também para aprender nos alimentar corretamente. Esperamos dar continuidade, contribuindo para nossa valorização cultural. Estamos muito felizes. Recentemente, tivemos um de nossos jovens em Brasília. Esperamos que tenham outras oportunidades. Queremos agradecer muito ao UNICEF (Presidente da ACIK/SPO, Lucimar Kokama. Disponível em:< [http://jovens-ars.com/?page\\_id=180](http://jovens-ars.com/?page_id=180)> Acesso em: 4 jun. de 2014. Depoimentos).

As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e têm estado presentes no cotidiano dos jovens indígenas comunicadores, com o apoio de instituições, de lideranças e das comunidades. Assim, a rede de Jovens Indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões vem atuando de forma ativa interagindo com pessoas, tecnologias, conhecimentos, entre outros:

Aprendemos a fotografar, fazer jornais murais e no computador, programas de rádio, vídeos e criamos este nosso site. Tudo isso para falar, com a nossa voz, nosso jeito, nosso olhar, sobre os direitos humanos, e principalmente, os das crianças e de nós jovens indígenas. Com essa ferramenta internet, podemos levar nossas ideias, informações, registros e opiniões para muito mais longe. O site também permite nossa comunicação à distância com todos os nossos colegas das oficinas e, a partir de agora, somos uma verdadeira Rede de Jovens Indígenas Comunicador@s do Alto Rio Solimões. E queremos ver essa rede crescer, com a participação de outros jovens das


muitas etnias que existem no Brasil! Vamos nos conectar mais, parentes, e fortalecer nossa participação! [...] Esse site e nossas redes sociais são resultado de nossa primeira construção coletiva, envolvendo representantes dos núcleos de comunicação dos três municípios durante encontro de cinco dias em Tabatinga. Nasceram essas ferramentas online e, principalmente, nossa Rede de Jovens Indígenas Comunicador@s. E não vamos parar por aqui... nossa rede só está começando! (Jovens Indígenas Comunicadores: Nossa Rede. Disponível em: < [http://jovens-ars.com/?page\\_id=6](http://jovens-ars.com/?page_id=6)> Acesso em: 4 jun. 2014)

Atualmente Gracildo Kokama é considerado o líder da Juventude Kokama em São Paulo de Olivença (SPO), Amazonas, desenvolvendo diversas ações e estimulando sempre o protagonismo dos Kokama. Os Jovens Indígenas comunicadores Kokama que fazem parte da **REJICARS** criaram o blogue “Jovens Kokama em ação” para divulgar as suas ações e os direitos indígenas (Fig. 48).

Figura 48 - Jovens Kokama em ação

jovenskokamaemacao.wordpress.com

## JOVENS KOKAMA EM AÇÃO




busca

Search ...

ARTIGOS RECENTES

- > POPULAÇÃO INDÍGENA KOKAMA SE MOBILIZAM EM DEFESA DE SUAS TERRAS TRADICIONALMENTE OCUPADAS
- > JOVENS INDÍGENAS REALIZAM ENCONTRO PARA DEBATER POLÍTICAS INDIGENISTA
- > JOVENS KOKAMAS RESGATAM SUA CULTURA ATRAVÉS DA DANÇA
- > RESGATANDO A



POPULAÇÃO INDÍGENA KOKAMA SE MOBILIZAM EM DEFESA DE SUAS TERRAS TRADICIONALMENTE OCUPADAS

No final do mês de novembro de 2013, no dia 30, ocorreu uma mobilização da população Kokama das Comunidades de Monte Santo e São Francisco Xavier, localizada em São Paulo [...]

10 de Dezembro de 2013  
Deixe o seu comentário



busca

Search ...

BLOGROLL

- > Discuss
- > Get Inspired
- > Get Polling
- > Get Support
- > Learn WordPress.com
- > Theme Showcase
- > WordPress Planet
- > WordPress.com News

META

- > Registrar
- > Iniciar sessão

Fonte: Blogue dos Jovens Kokama em ação. Disponível em: < <http://jovenskokamaemacao.wordpress.com/2013/09/>> Acesso em: 10 ago. 2014.

## 7.2.2 Conhecimentos



Os conhecimentos em fluxo na “aprendizagem em rede” dos Kokama são todos aqueles conhecimentos indígenas e não indígenas que compõem a interculturalidade. Em material entregue pela coordenação do **Curso de Licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões** a nós professores, havia considerações a respeito da experiência pioneira do curso, a qual buscava além de outros objetivos, fortalecer a política pública já prevista na LDB:

**Art. 78.** O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilingüe e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos: **I** - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências; **II** - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias (Artigo 78 da LDB)<sup>464</sup>.

Nesse sentido, nós professores, buscamos incentivar, além das atividades de sala de aula, as pesquisas nas comunidades. Diversos materiais foram produzidos pelos alunos, cujo conteúdo pode ser conferido nos trechos dos relatórios e no Quadro 26 que enumera os trabalhos dos professores-pesquisadores Kokama.

Quadro 26 -Trabalhos dos pesquisadores Kokama. 2009-2011.

TRABALHOS DOS PROFESSORES-PESQUISADORES KOKAMA					
Nº 1-Relatório					
Nº de registro	Tipo	Formato	Autor	Nº de páginas	Descrição
1.1	relatório	manuscrito	Washington Gerome Macedo	2 ps.	A comunidade indígena Kokama Guanabara II e a língua Kokama (2010).
1.2	relatório	manuscrito	José Maria Moraes Arcanjo	3 p.	A pesquisa de José Maria nas comunidades Monte Santo, São Francisco Xavier e São Joaquim, no Município de São Paulo de Olivença-AM e as pesquisas realizadas com a sua mãe Sra. Arzelina Cruz Moraes sobre a língua e a Cultura dos Kokama (2010).
1.3	relatório	manuscrito	Leonel Magalhães de Souza	4 p.	O trabalho de Leonel na Escola Indígena Municipal Maria Pinto Pereira, localizada na comunidade de São José no Município de Santo

<sup>464</sup>LDB - Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/11684035/artigo-78-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>

					Antônio do Içá; e a pesquisa com os idosos Sr. Luiz Chota e o Sr. João Ramos. Santo Antônio do Içá-AM (2010).
1.4	relatório	manuscrito	Osias Aicate Aiambo	9 p.	Relatório da entrevista em Guanabara II. Osias discorre e reflete sobre o trabalho dos alunos e professores da área de Letras do Curso de licenciatura na comunidade de Guanabara II. Apresenta opiniões vindas de pessoas da comunidade sobre o projeto de filmagens dos DVDs, com as respectivas assinaturas dos participantes da Reunião. Guanabara II-AM (2011).
Quantidade total					4
<b>Nº 2- Resenha</b>					
<b>Nº de registro</b>	<b>Tipo</b>	<b>Formato</b>	<b>Autor</b>	<b>Nº de páginas</b>	<b>Descrição</b>
2.1	resenha	manuscrito	Amarildo	3p.	Resenha sobre o Curso de Licenciatura para Professores Indígenas do Alto Solimões, a qual aborda os seus “dois lados da moeda: o lado maquiado da perfeição e a dura realidade dos indígenas vivida durante essa jornada”. Filadélfia-Benjamin Constant-AM (2011).
Quantidade Total					1
<b>Nº 3- Pesquisa de língua e da Cultura dos Kokama</b>					
<b>Nº de registro</b>	<b>Tipo</b>	<b>Formato</b>	<b>Autor</b>	<b>Nº de páginas</b>	<b>Descrição</b>
3.1	pesquisa	manuscrito	José Maria Moraes Arcanjo	21 p.	Um pouco da história e ocupação. Entrevista com a Sra Arzelina Cruz Moraes sobre “A ocupação dos Kokama na Amazônia e o confronto com os europeus”. O contato dos Kokama com os não indígenas e a proibição do uso da língua indígena. Moradia, ocupação dos homens e das mulheres, as vestes, alimentação, enfeites, os pajés e os doentes, bebidas, ervas. Os Kokama e os Kambeba. Passagem da fase do menino e da menina para a adolescência. Pesquisa de palavras e frases em português para serem ditas na língua Kokama, feita por meio de entrevista a Sra. Arzelina. São Paulo de Olivença-AM, (2010).
3.2	pesquisa	manuscrito	Leonel Magalhães de Souza	14p.	Pesquisa sobre vocabulário Kokama. Animais de pena, animais de pelos, peixes, cobras, plantas, anatomia, insetos, frases diversas. (2010)
Quantidade Total					2
<b>Nº 4- Memorial</b>					
<b>Nº de</b>	<b>Tipo</b>	<b>Formato</b>	<b>Autor</b>	<b>Nº de</b>	<b>Descrição</b>

<b>registro</b>				<b>páginas</b>	
4.1	memorial	manuscrito	Osias Aicate Aiambo	5 p.	-Identificação pessoal, -Identificação dos pais, -Aonde nasceram os avós maternos e paternos, -currículo escolar, Vida profissional, -como ficou sabendo sobre o curso de licenciatura, Como foi a luta para ingressar no curso, -as dificuldades passadas durante o curso e reflexões, -a participação da comunidade, - O apoio da família, -o contato com a língua Kokama, - experiências no curso de licenciatura, - agradecimentos. (2011)
4.2	memorial	manuscrito	Lúcia Maria Lopes	8 p.	
4.3	memorial	manuscrito	José Maria Moraes Arcanjo	5 p.	
4.4	memorial	manuscrito	Orlanda Salvador Sandoval	3 p.	
4.5	memorial	manuscrito	Edimar Ribeiro Ramires	5 p.	
4.6	memorial	manuscrito	Luciana Macedo Tananta	15p.	
4.7	memorial	manuscrito	Leonel Magalhães de Souza	11p.	
Quantidade total					7
<b>Nº 5 – CARTILHA (tema, público-alvo, objetivos, metodologia, atividades)</b>					
<b>Nº de registro</b>	<b>Tipo</b>	<b>Formato</b>	<b>Autor</b>	<b>Nº de páginas</b>	<b>Descrição</b>
5.1	cartilha	manuscrito	Luciana Macedo Tananta	39p.	Tema: Escrita em língua Kokama. Público alvo: crianças em nível de alfabetização que falam a língua portuguesa como primeira língua. (2011)
5.2	cartilha	manuscrito	Edimar Ribeiro Ramires	5p.	Tema: Yakana (as frutas). Público alvo: 1ª série.
5.3	cartilha	manuscrito	Orlanda Salvador Sandoval	24p.	Tema: Termos de parentesco e pronomes possessivos na língua Kokama. Público-alvo: 1º e 2º ano do ensino médio
5.4	cartilha	manuscrito	Lúcia Maria Lopes	9p.	Tema: Os números naturais em Kokama. Público-alvo: 1ª série
5.5	cartilha	manuscrito	José Maria Moraes Arcanjo	7p.	Tema: Aprender a língua e a cultura em Kokama. Público-alvo: alunos e moradores da comunidade. (2010)
5.6	Cartilha (resumo)	manuscrito	Leonel Magalhães de Souza e José Maria Moraes Arcanjo	8p.	Tema: Aprender a língua e a cultura em Kokama. (2009)
5.7	Cartilha (resumo)	manuscrito	Lúcia Maria Lopes, Orlanda Salvador Sandoval, Luciana Macedo Tananta	5p.	Tema: pronomes pessoais. (2009)
5.8	Cartilha (resumo)	manuscrito	Edimar Ribeiro Ramires, Osias Aicate Aiambo	3p.	Tema: Pronúncia do Kokama (2009)
5.9	Cartilha (resumo)	manuscrito	Lúcia Maria Lopes	2p.	Tema: numerais (2009)
Quantidade Total					9
<b>Nº 6- Depoimento</b>					
<b>Nº de registro</b>	<b>Tipo</b>	<b>Formato</b>	<b>Autor</b>	<b>Nº de páginas</b>	<b>Descrição</b>
6.1	depoimento	manuscrito	Osias Aicate Aiambo	3p	Depoimento sobre o DVD 3 (2011)
Quantidade Total					1

Fonte: organizado pela autora com base nos trabalhos produzidos pelos professores-pesquisadores.

O próprio ato de pesquisar, conversar, observar, ou seja, interagir, já é uma forma de desenvolver conhecimentos. Os registros apresentados no Quadro 26 são exemplos de alguns resultados dessas interações. Destacamos a seguir alguns trechos dos relatórios dos professores-pesquisadores Kokama, sendo que três desses professores fizeram parte do projeto **Rede de estudos, pesquisas e formação de professores pesquisadores em lingüística e educação escolar indígena** do Observatório da Educação Escolar indígena (Edital nº 01/2009/ CAPES/SECAD/INEP), Projeto nº 005. O projeto foi desenvolvido nos anos de 2010 e 2011, sob a coordenação da Profa. Ana Suely A. C. Cabral, do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília. Como bolsista desse projeto e como professora auxiliar de língua Kokama no Curso de Licenciatura para professores Indígenas do Alto Solimões, acompanhei as atividades realizadas pelos professores-pesquisadores.

1) **Professore-pesquisador:** Washington Gerôme Macedo

**Título:** A comunidade indígena Kokama Guanabara II e a língua Kokama (2010).

A comunidade indígena Kokama Guanabara mukuika está situada às margem esquerda do rio Solimões no Município de Benjamin Constant-AM. Onde vivem os Kokama há mais de 30 anos. Fundada nas décadas de 70 por 5 famílias vindo de outras regiões que reuniram-se juntos com objetivo de seguirem a irmandade da Santa Cruz. Hoje, Guanabara mukuika está com uma população de aproximadamente 600<sup>465</sup> pessoas que residem e sobrevivem da agricultura, pesca, criação de animais e produtos retirados da floresta. Em relação à língua Kokama. Esta é a parte da cultura que mais nos preocupa. Bom. Logo que chegaram as primeiras famílias aqui, quase todas as pessoas mais antigas falavam e entendiam a língua Kokama, com o passar do tempo, essas pessoas todas faleceram e entendiam a língua kokama, com o passar do tempo, essas pessoas todas faleceram e os que ficaram não falavam mais apenas o Sr. André Januário Samias, que resistiu e não perdeu de vez as suas lembranças. Através de incentivos o Sr. André, incentivava as pessoas para prenderem não só as danças, músicas que ele cantava. E algumas pessoas já estavam falando e entendendo algumas palavras. Mas depois de seu falecimento, o que as pessoas pensam agora. Onde a nossa escola não valoriza a cultura e nem a linguagem. Temos dois professores kokama na comunidade, mas nenhum dos dois trabalham com a língua, e os outros professores não são kokama, todos são não índios. Todos lecionam na língua portuguesa. E isso, vem nos causando um problema. Graças ao meu incentivo com a língua e a cultura onde venho trabalhando incansadamente estudando e pesquisando, dando aulas nas comunidades do município de Benjamin Constant, com o meu próprio esforço, para ver um dia a língua kokama sendo falada novamente. E agora nós agradecemos todas as pessoas

---

<sup>465</sup> Em pesquisa sociolinguística realizada pelo mesmo pesquisador em 2012 o número exato de pessoas foi de 390.

envolvidas neste processo como: as professoras da UEA, os próprios professores kokama que não medem esforços diante desta causa tão preocupante. Vendo esta situação nós professores Kokama envolvidos na causa, estamos elaborando alguns materiais que ajudarão muito nesta revitalização que tanto sonhamos (Washington Gerôme Macedo, Guanabara Mukuika, 14 de julho de 2010).

## 2) **Professore-pesquisador:** Osias Aicate Aiambo

### **Título:** Relatório da entrevista em Guanabara II.

Osias Aicate Aiambo organizou os preparativos para algumas de nossas visitas à Guanabara II e fez um relatório bastante ilustrativo dessas visitas, as quais foram realizadas, além de outros locais, no centro comunitário com a presença das crianças, jovens, adultos e o cacique da comunidade, Sr. Fidel Cahuasa Mapiama. Osias discorre e reflete sobre o trabalho dos alunos e professores da área de Letras do Curso de licenciatura na comunidade de Guanabara II. Apresenta opiniões vindas de pessoas da comunidade sobre o projeto de filmagens dos DVDs, com as respectivas assinaturas dos participantes da Reunião. Guanabara II-AM (2011). Seguem alguns trechos do relatório:

Por motivo que todos os esperavam o reavivamento na aldeia, essa grande cultura, em poder multiplicar o contexto das escritas, falas e pronúncias e enriquecer o vocabulário dos demais kokamas que vive neste rincão amazonense. [...] Tomando como 1ª parte da entrevista na comunidade Guanabara II. Foi, ao chegar na casa do cacique o Sr. Fiedel Cahuasa Mapiama demos uma pequena pausa onde ele nos acolheu em sua residência com carinho, fortes abraços, grande diálogos com todos os professores acadêmicos orientadores desta jornada profissional. Na qual ele comentou sobre o respeito dos nossos DVDs feito na comunidade G.II, indagou ele com emoção, que foi interessante ter feito o filme será uma orientação para todos os kokama como se fosse uma história do povo dos nossos antepassados e agora presencialmente, tudo em prol do povo indígena e que só assim a comunidade pode crescer na fala, escrita, diálogos e não fica esquecido sobre a revitalização. A comunidade ficou comovida em poder ouvir, delirar sobre as situações da importância do crescimento do dom cultural, para os alunos, filhos, nora, sogra e todos os que tiveram presente naqueles dias do vídeo. E logo em seguida passou a voz para a viúva do ex-cacique André Januário Samias a Sra. Angelina Uani Curintima, e ela incansavelmente penosa falou que nessa hora do filme todo mundo estava animado, mas ela se sentiu muita falta do seu ex-marido André, pela falta de poder fazer a abertura do filme com aquela sua própria fala, dança e cântico bonito que ele tinha dentro dele, lamentavelmente ela acabou de chorar e lágrimas até alguns minutos em seu coração. [...] E segundo o profissional do instrutor de artesanatos Sr. Mauro diz que fabrica o bumbo, maracá e outros materiais especialmente aprendeu observando os vovós mais antigos os antepassados Kokamas como por exemplo: Sra. Angelina e ela fazia o colar, paneiro, rede e outros materiais. Voltando para o cacique Fidel comentou também como se sentiram com o trabalho da equipe dos professores Kokama e a professora, orientadora Chandra e Altaci e

Washington. Apesar de nunca ter visto a equipe, apenas dois do grupo, Washington e Osias, ficou extremamente contente alegre e tranquilo, não só com os visitantes mas sim, com o ensinamento da revitalização da língua em poder reviver solto as línguas presas, é especialmente uma libertação, ânimo para o povo. Como ponto positivo da comunidade disseram que nós os pesquisadores do grupos acadêmicos fomos ótimos porque todos nós alunos somos pessoas paciente, calmo, tranquilo e construtor de filmes, abordagens das produções de DVDs. [...] E que eles gostaram de ouvir na prática as músicas kokamas, foi muito excelente, e se tivesse mais tempo ainda seria melhor, os alunos do local se animaram com o trabalho aplicado e ficaram tranquilo. Falaram também que esse material pode ser um auxílio de ajuda, para pronunciar, na expressão vocal, sotaque da língua no aprendizado do povo. Porém este material, pode ser aplicado em todas as séries, inclusive com as crianças, além de ser um resgate vale a pena serem aplicados em todas as turmas escolar dos kokamas no Brasil, futuramente pode valer este tipo de trabalho, para o povo, as crianças são exemplos, para as pessoas que ficarem no seu trono. A comunidade pensaram para aqueles dias o providenciamento na questão dos alimentos naquele dia e gostaram da alimentação que trouxeram da cidade. A ideia sobre o recepcionamento de alimentos naqueles dias foi da Sra. Zuleide Curintima Samias a esposa do cacique Fidel Cahuasa Mapiama, por exemplo: na mugica, guisado de peixe, carne assado, mingau, caiçuma, peixe assado, bodó cozido e assado, café, suco de banana em fim todas as comidas típicas da região. [...] Através dos alunos acadêmicos de letras em kokamas, que hoje, a escola municipal indígena Guanabara II, já é, reconhecida como indígenas kokama, referente a ser indígena que, o próximo ano de 2012 a escola estará funcionando a pronúncia da 2ª língua, segundo o apoio do município de Benjamin Constant, Amazonas. Excelentemente todos nós kokamas gostamos do filme realizado naqueles dias feito na comunidade com a apresentação da Chandra e da Altaci e os seus queridos componentes dos filmes flautistas no entanto fazia parte também o Sr. Mauro, Fidel Santos Ipuchima. A parte atraente que chamou mais atenção do filme para a comunidade foi sobre o filme do **jovem garça, homem panema**, marupiara, o homem que perdeu a sua mulher e as músicas como: *Sapurara ipira mimuki*. O que deu certo, foi que não choveu naquele dia, foi ótimo tranquilo. E o que não gostaram foi na questão do tempo, que faltou os dias, esgotaram os minutos, para dar a continuidade e as pessoas ficaram querendo mais, amais. E o que faltou concluir no trabalho aplicado foi providenciar os instrumentos mais apropriados ainda, para aqueles belíssimos dias, que cantamos as músicas e a presença do ex-cacique André Januário Samias e outros alunos vizinhos kokamas das comunidades, e assim, foram chegando mais alunos das outras próximas comunidades, quando ouviram que a música estava sendo cantada e filmada. Os ensaios para o filme foram feito imediato no centro comunitário Guanabara II, a música, filme e gravação pro outro lado próximo à casa do cacique Fidel. [...] Deu abertura do evento, sobre representação do filme DVDs o sr. Fidel Cahuasa Mapiama o cacique atual, no horário das 11:50 hs. Dando a sua palestra sobre a motivação da educação indígena kokama em Guanabara II. Logo em seguida passou a voz para a professora Altaci que comentou sobre revitalização do filme kokama, porém sendo entrevistada pela professora Chandra e pelo Sr. Alírio das outras etnia em continuidade a professora Orlanda expressou também sobre a sua profissão muito bom na questão para nativo Kokama desta comunidade e Sra. Elisangela Kokama expressou sobre os direitos iguais dos indígenas, que é igual como em todos povos. Todas as aulas foram feitas em diálogo em palestras, vídeos e reuniões. Finalmente este belíssimo trabalho foi

aplicado de acordo com as dificuldades dessa comunidade no percurso de três vezes as reuniões programado, pois os pais, alunos e comunitários ficaram ciente em poder participar deste trabalho maravilhoso, que a Universidade do Estado do Amazonas. Pessoalmente com as comunidades e professores que somos nós acadêmicos da Educação no Brasil. Não foi tão fácil para realizar essas atividades, enfrentamos barreiras, barrancos, até mesmo os fenômenos da natureza, graça que um dia tivemos com saúde e perfil firme, para palestrar combater com esses tipos de atividades, pois todos os alunos gentileza desta aldeia foram excelente na questão da atenção como professores e gestores da organização do projeto, abaixo relacionado comprova o trabalho relacionado ao nosso talento, com os nomes dos participantes na assembleia em Guanabara II (Osias Aicate Aiambo, 28 de agosto de 2011).

3) **Professor-pesquisador:** José Maria Moraes Arcanjo

**Título:** Pesquisas nas comunidades Monte Santo, São Francisco Xavier e São Joaquim, no Município de São Paulo de Olivença-AM

Relatório da pesquisa de José Maria nas comunidades Monte Santo, São Francisco Xavier e São Joaquim, no Município de São Paulo de Olivença-AM e as pesquisas realizadas com a sua mãe Sra. Arzelina Cruz Moraes sobre a língua e a Cultura dos Kokama (2010).

O relatório que aqui apresento é o resultado das minhas pesquisas realizadas na comunidade Monte Santo, São Francisco Xavier e comunidade São Joaquim. O relatório traz uma pequena introdução, falando um pouco da ideia central da pesquisa, em seguida o roteiro segue os passos sequenciando os assuntos e o dia das pesquisas. Iniciei as minhas pesquisa no dia 17 de março de 2010. A pessoa entrevistada foi a minha mãe dona Arzelinda Cruz Moraes, ela tem 73 anos de idade, filha de José Fernande e dona Joaquina Cruz. Com ela eu fiquei trabalhando até o dia 29 de maio de 2010. Obteve como resultado palavras simples e pequenas frases, o trabalho foi feito assim eu falava em português e ela respondia em kokama as palavras e frases. Eu tentei copiar em kokama e não sei os erros ortográfico na língua. Em seguida no dia 19 de abril, ela falou sobre um fato acontecido da passagem e o contato deles com algumas pessoas no trecho Peru e Amazonas. Ela se lembrava dos nomes de alguns rios que o seu pai sempre falava para ela. No dia 22 de abril de 2010, falamos das moradias de habitação dos Kokamas, e dos ataques aos inimigos. No dia 28, falamos da tradição e das fabricações das artes e das comidas típicas do povo. No dia 30 de abril continuei a pesquisa falando sobre as vestes masculina e feminina. Em seguida no dia 05 de maio de 2010, pesquisei sobre o uso dos enfeites, sequenciando no dia 13 de maio, continuei a busca de informação sobre a perda da língua e suas vestes, quando foi no dia 16 de maio, trabalhei sobre os pajés e a cura dos doentes e todos os processamentos. Seguindo a pesquisa, sobre as bebidas e ervas usadas pelos pajés. E no dia 28, procurei a saber sobre a vivência dos Kokamas e Kambebas, fazendo as entrevistas sobre, a faze das meninas e meninos para adolescentes. Até aqui eu trabalhei com a dona Arlenina porque eu vi que ela era uma pessoa muito útil infelizmente ela adoeceu assim mesmo eu ainda gravei algumas palavras quando ela já se encontrava no leito e quando foi no dia 3 de julho eu foi até a comunidade de São

Joaquim em busca de entrar em contato com o Sr. Anízio. Onde também eu tive a oportunidade de gravar um pequeno trecho da fala e o mesmo franquiou para trabalhar na pesquisa. Procurei a saber, quantas pessoas falantes ainda tinha, ele disse que naquele local tinha Sr. Anízio, Arquilau, Candido, e na comunidade da Jordania, tinha o sr. Felizberto, Sra. Raimunda. Mas não foi possível chegar em todos. Mas espero na continuação chegar lá. Buscar mais informações. Com relação ao resgate da língua e da cultura, o Curso de Licenciatura, a disciplina Língua Kokama nos tem fortalecido a busca dos falantes, e junto a nossos professores Chandra, Altaci, Washington, que estão fazendo um trabalho muito ótimo na teoria e prática, e junto nos ajuda elaborar os nossos materiais didáticos. A comunidade São Francisco está muito esperançosa no resgate, os jovens tem muita vontade de aprender a língua e estão aguardando a oportunidade de ser trabalhada. Chegamos ao final desse relatório que segue mas ou menos o roteiro da pesquisa do projeto Observatório nas comunidades indígenas, e na minha escola estarei colhendo trabalhos e resultado de materiais e irei já trabalhar no ano de 2011, já entrando a disciplina na grade curricular do município. (José Maria Moraes Arcanjo, 2010)

4) **Professor-pesquisador:** Leonel Magalhães de Souza

**Título:** Pesquisa

O trabalho de Leonel na Escola Indígena Municipal Maria Pinto Pereira, localizada na comunidade de São José no Município de Santo Antônio do Içá; e a pesquisa com os anciãos Sr. Luiz Chota e o Sr. João Ramos em Santo Antônio do Içá-AM (2010).

A Escola Indígena Municipal Maria Pinto Pereira, do município de Santo Antônio do Içá, localizada na comunidade de São José. Antes, essa Escola não tinha a disciplina de língua Kokama, na grade curricular. Há dois anos atrás, lideranças da comunidade, reuniram junto com o secretário municipal da educação e logo foi incluída na grade da escola. O cacique contratou uma professora que trabalhou seis meses, porém não recebeu por motivos políticos, as crianças passaram o resto do ano passado e o começo deste ano sem aula de língua Kokama. Em maio deste ano de 2010, o diretor da Escola me convidou para uma reunião com a comunidade, o qual ele, senhor Valte Vieira Pará, apresentou-me como orientador pedagógico voluntário da língua Kokama, para mim foi ótimo, só assim eu poderia colocar em prática meu aprendizado. Então iniciei o trabalho elaborando pequenas cartilhas, mesmo com dificuldade de digitação e impressão da mesma consegui. Nossa escola não tem computador nem impressora. Bem; elaborei uma cartilha com cinco folhas e tirei setenta e cinco cópias, paguei todas pois onde a secretaria mandou eu tirar, a máquina estava sem tinta. Mas tudo bem, entreguei as cartilhas aos professores e orientei todos num curso de uma semana com duração de uma hora aula ao dia, foi muito proveitoso e os professores junto com o diretor e mais as pessoas que participaram adoraram, pois esse estudo é para os professores mas fica livre para quem da comunidade quiser participar. Agora quando eu voltar daqui da nona etapa, tenho que passar mais uma semana ensinando os meus colegas professores, isso ficou certo que de bimestre em bimestre eu tenha que da esse curso como forma de capacitação, mas agora eu estou muito bem preparado, pois não preciso alugar computador para digitar a cartilha e nem pagar impressora para tirar cópia, pois a bolsa que estou recebendo resolveu o meu problema em relação



ao meu trabalho na escola e na pesquisa, eu ainda estou alugando a filmadora, mas depois que eu, através da bolsa pagar o computador e a impressora, comprei uma filmadora. Essa ajuda que agora estou tendo está servindo muito para meu trabalho e da escola, o computador que tirei a prestação junto com a impressora fica também à disposição do diretor para fazer o trabalho da escola. Já fiz algumas gravações de CD-R e DVD, com som e imagem de falantes da língua Kokama onde vai servir bastante na próxima capacitação na escola. Só assim os professores vão poder olhar e ouvir o verdadeiro falante nato, falando para eles na língua kokama, todas essas filmagens com efeito e reprodução já foi feito no computador comprado com a ajuda da bolsa que agora é uma imensa ajuda para desenvolver o trabalho da língua Kokama na escola e na comunidade. Ainda não precisei sair da comunidade para fazer a filmagem, aproveitei o passeio do seu Luiz Chota, vindo da comunidade dele a São José e fiz a gravação, já com seu João Ramos Neto ele mora aqui mesmo na cidade e fizemos a gravação aqui mesmo em minha casa. Termino por aqui, agradecendo do fundo do meu coração, a todos e a todas que buscaram esse recurso para que eu desenvolvesse esse trabalho na minha escola e na minha comunidade, que Deus continue abençoando a todos e a todas que daí da cidade, sabe mais do que ninguém como é a dificuldade no interior, principalmente aqui no Amazonas, Alto Solimões, que a paz esteja com todos vocês. Até a próxima se Deus assim o quiser (Leonel Magalhães de Souza, 2010).

### 7.2.3 Comunidades

Cada pessoa possui a sua língua, ou na maioria das vezes possui mais de uma língua e utiliza de conhecimentos construídos individual e socialmente, interage em comunidades geográficas, sociais e virtuais e faz uso de tecnologias para diversos fins. Por sua vez, cada comunidade possui sua língua, ou línguas, seus conhecimentos, suas comunidades menores (bairros, escolas, instituições, grupos, etc.) e suas tecnologias, as quais possuem linguagens ou características próprias.

As comunidades Kokama vêm se formando ao longo dos anos em que os Kokama migraram da Colômbia e principalmente do Peru para o Brasil, onde se estabeleceram. As comunidades Kokama estão geograficamente localizadas em vários pontos do Alto e Médio Solimões e nos arredores de Manaus. A demarcação de Terras Indígenas (TIs) dos Kokama no Amazonas vem possibilitando a organização dos Kokama nesses locais.

Os Kokama de diversas comunidades vêm realizando o intercâmbio de conhecimentos, confraternizações, comércio, trocas, etc. Essas comunidades têm cada uma as suas peculiaridades e importância em suas respectivas regiões. São 265<sup>466</sup> comunidades Kokama

---

<sup>466</sup> Estimativa dada por Altaci Corrêa Rubim na reportagem do Jornal Campus de 7 a 27 de maio de 2013 (numero 396 Ano 43): Com a palavra: as Tribos.

no Brasil. Em duas dessas comunidades foram aplicadas pesquisas sociolinguísticas que podem ser visualizadas no capítulo 5 desta tese.

Com o mapeamento da presença Kokama no ciberespaço<sup>467</sup> pudemos registrar grande ocorrência de “comunidades virtuais” distribuídas por blogues, *websites*, redes sociais, etc. Já o registro da rede da língua Kokama na internet, analisada pelo Método de Rede Composta Relacional Zomm (MRCRz) permitiu apresentar a diversidade de ocorrências da língua Kokama nessas comunidades. Mais adiante será apresentada essa rede.

#### 7.2.4 Tecnologias

Ao se apropriaram das TICs, principalmente da internet, onde há as trocas de conhecimentos, de materiais didáticos, ideias, divulgação de projetos e reuniões, no que pode ser chamado aqui de “aprendizagem em rede”, os Kokama têm dado continuidade ao fluxo de conhecimentos e aspirações. O ciberespaço é, portanto permeado por diversas “redes Kokama”, as quais favorecem interações entre os Kokama que estão em diversas comunidades, municípios e países.

O que tem sido observado é que os meios de comunicação podem auxiliar na interação entre as pessoas que buscam a retomada da língua. Alex Primo (2008) discute as diferentes formas de relação entre as pessoas com os meios de comunicação de cada época. Na pós-modernidade as pessoas passaram a desenvolver processos de cooperação *on-line*. Esses meios que podem auxiliar na interação das instituições, das associações e organizações, dos professores-pesquisadores e dos demais atores envolvidos, são os meios de comunicação. É defendida, portanto, aqui a ideia de que, para que uma língua pertencente a uma sociedade distribuída geograficamente de forma descontínua, cujo conhecimento é restrito a um número ínfimo de pessoas por localidade, um dos meios mais eficazes de estimular a aquisição e uso dessa língua é o seu fortalecimento enquanto língua de identidade, a partir da formação e dinamização de **redes** de interação e da promoção e divulgação da língua e cultura nativas. Essa ideia é consoante às observações feitas por Dangelis (2010, 2011) relacionadas à inclusão digital pró-ativa e ao uso dos meios de comunicação disponíveis nas proximidades das comunidades.

Foi observado no mapeamento que os Kokama vêm desenvolvendo essas redes de interação de forma ativa. A maioria dos contatos e interações entre as pessoas que pudemos

---

<sup>467</sup> Ver capítulo 4.

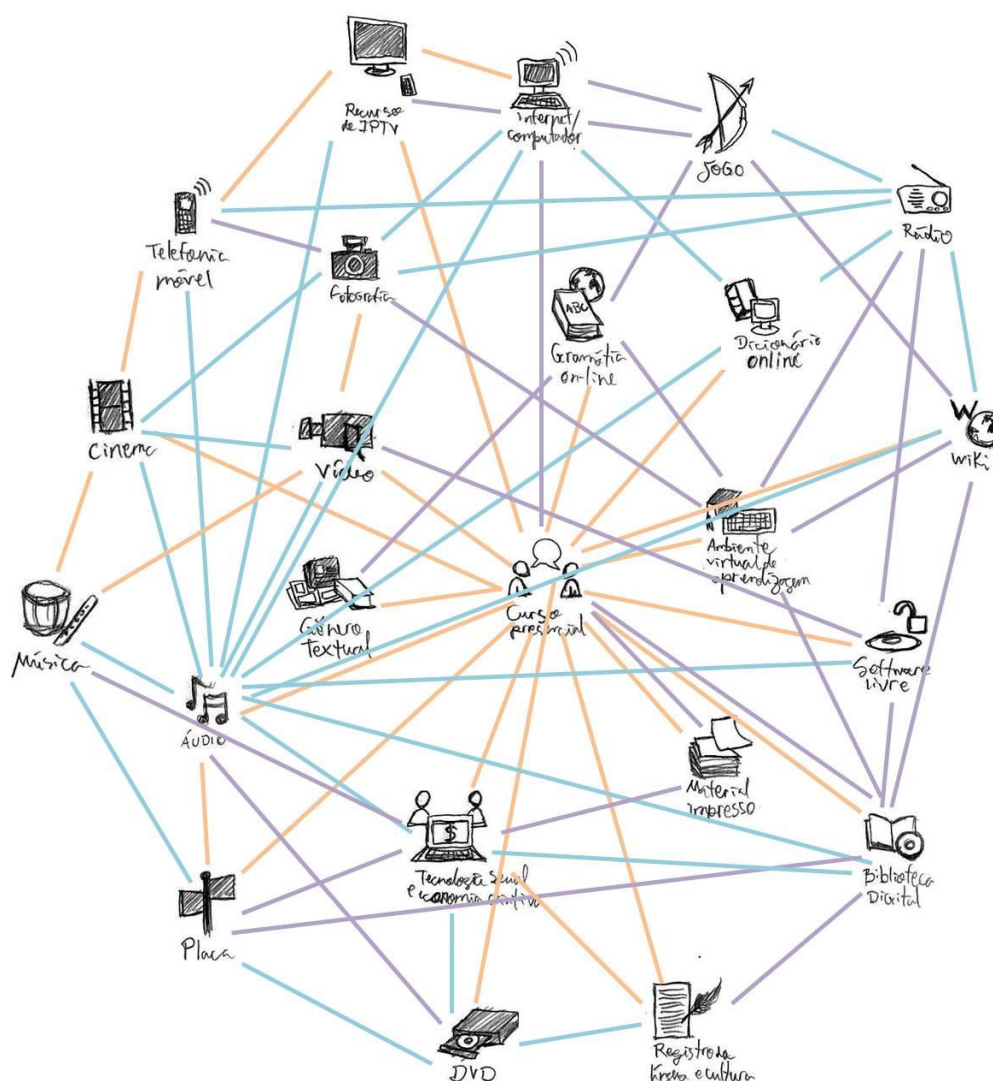
presenciar estabeleceu-se por meio de conversas pela internet e pelo telefone móvel, nos quais têm sido compartilhados materiais didáticos, ideias, sabedorias, conhecimentos, artes, etc. As tecnologias mais usadas foram: o computador (*Moodle, facebook, gmail, youtube*), o celular (aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*) e DVDs (audiovisuais). Tais interações propiciaram a aprendizagem em rede.

As **tecnologias para a aprendizagem em rede** são tecnologias que já vêm sendo utilizadas no fortalecimento da língua e da cultura Kokama e outras tecnologias potenciais. Elas são voltadas para a Educação a Distância (EaD) e para o ensino-aprendizagem presencial, assim como para o compartilhamento livre de conhecimentos, em rede, entre pessoas e comunidades Kokama. Pudemos desenvolver algumas dessas tecnologias juntamente com os Kokama, outras realizamos análises com respeito à possibilidade de criação, levando em conta que “as novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos” (CASTELLS, 1999, p.69).

A ideia é que essas tecnologias estejam interligadas e possuam o modelo comunicacional no formato “todos-todos” (LEVY, 1999, p. 63) em que todas as tecnologias se comuniquem entre si, além de permitir a comunicação dos usuários com essas tecnologias, assim como as Novas tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs), as quais permitem a interatividade com os usuários, ou seja, não transmitindo a informação de forma unidirecional. Com os recursos da Web 3.0, Web semântica, é possível melhorar a recuperação dessas informações interligadas.

O modelo a seguir representa o esboço de tecnologias interligadas (Fig. 49):

**Figura 49 - Tecnologias para aprendizagem em rede. 2012.**



Fonte: elaborada pela autora. Arte por João Lima. Brasília, 2012.

Algumas das tecnologias para aprendizagem em rede são abordadas nas próximas seções deste capítulo, incluindo uma breve apresentação de cada uma delas, seguidas de seus desenvolvimentos junto aos Kokama, ou apenas mostrando as suas potencialidades.

#### 7.2.4.1 DVDs

Os recursos audiovisuais vêm sendo bastante utilizados na educação e no fortalecimento de línguas, como por exemplo, o Kit de DVDs dos Cineastas Indígenas<sup>468</sup>, os DVDs dos Kokama, dos Asuriní do Xingu, dos Asuriní do Tocantins, etc. Os DVDs já foram utilizados fortemente como recurso de EaD em diversos países. No Brasil um projeto de

<sup>468</sup> Ver capítulo 3.

sistema educacional que já tem história e vem rendendo muitos frutos é o Telecurso<sup>469</sup>, o qual inclui o DVD como recurso de EaD.

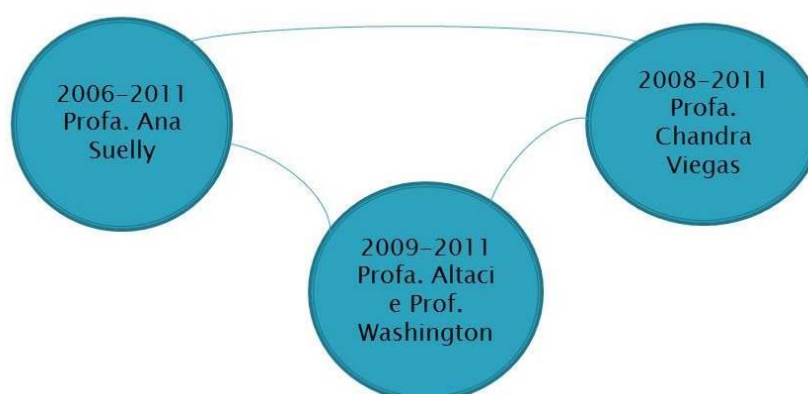
Fator muito importante no processo de criação dos DVDs voltados para o fortalecimento linguístico/cultural é a participação ativa da comunidade linguística envolvida e a sua contextualização cultural.

#### 7.2.4.1.1 Desenvolvimento da tecnologia DVDs para o caso Kokama

Os DVDs aqui apresentados possuem um formato com *menu*, em que os usuários podem escolher as opções, tais como: músicas, áudio, vídeos, aula, diálogos, histórias, pesquisa, fotos, etc. Sendo portanto um material didático audiovisual, o qual possibilita o ensino-aprendizagem em EaD de forma mais diversificada. Cada volume recebeu um título na língua Kokama para assim estimular o uso da língua em materiais didáticos.

A produção da série de DVDs intitulada **Material de apoio para professores Kokama** teve início em 2009, durante o **Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões** oferecido pela Universidade do Estado do Amazonas em parceria com a Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngües (OGPTB), no qual se formou uma rede de professores (Fig. 50).

**Figura 50 - Rede de professores de Língua Kokama no Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões (2006-2011)**



Fonte: elaborada pela autora

<sup>469</sup> Telecurso. Disponível em <<http://www.telecurso2000.org.br/>> . Acesso em: 20 set. 2012.

Uma das conquistas de ensino voltado para os Kokama foi através desse curso de licenciatura<sup>470</sup>. Os dados da turma em que era ensinada a língua Kokama são apresentados no Quadro 27.

Quadro 27 - Curso de licenciatura para professores Indígenas do Alto Solimões (2006-2011)

<b>Curso de licenciatura para professores Indígenas do Alto Solimões</b>	
Coordenação	Até a quarta etapa: Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngües (OGPTB) A partir da quinta etapa: Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
Local	Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngües (OGPTB), Aldeia Filadélfia, Benjamin Constant-AM, Brasil.
Área do conhecimento	Estudo da Linguagem. Opção de curso: Língua Kokama, Língua Portuguesa e Língua Espanhola.
Etapas	Etapas presenciais e etapas intermediárias: total de 10 Etapas. Carga horária total: 3.340 horas
Número de alunos	I-V Etapa = 18 alunos (estudantes Kokama de todas as áreas) V-X Etapa = 7 alunos (estudantes Kokama com opção de curso: Estudo da linguagem)
Duração	2006 a 2011.

Fonte: elaborado pela autora.

Foi nesse curso que iniciei o meu contato com os Kokama como professora auxiliar de Língua Kokama, juntamente com os professores Ana Suely A. C. Cabral, Altaci Corrêia Rubim (Kokama) e Washington Gerôme Macedo (Kokama). Durante o curso, a nossa turma visitou duas comunidades próximas, podendo assim realizar intercâmbio de conhecimentos com diversas pessoas envolvidas com o fortalecimento. A conexão entre os professores que se apoiavam foi bastante produtiva, por possibilitar aos estudantes uma diversidade de olhares.

A produção dos DVDs começou em 2009. O DVD Kokama **Volume 1** da série **Material de apoio para professores Kokama** foi criado depois que os professores-pesquisadores, estudantes do curso de licenciatura, produziram o seu primeiro vídeo sobre a língua Kokama, em fevereiro de 2009 (Etapa 6), quando da passagem do cineasta Jorge Bodanzky pela Aldeia Filadélfia, Benjamin Constant-AM, para realização de oficinas de produção de vídeo oferecidas a comunidades do Amazonas pelo projeto da TV Navegar. A oficina estava sendo oferecida aos indígenas Tikuna, mas oportunamente pedimos aos ministrantes da oficina a câmera de filmagem emprestada para que pudéssemos gravar alguma

<sup>470</sup> Ver Projeto: Curso de licenciatura para professores Indígenas do Alto Solimões. Proposta apresentada à Universidade do Estado do Amazonas pela Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngües. Benjamin Constant, 2005. Disponível em: < <http://ensinosuperiorindigena.files.wordpress.com/2012/01/ppp-li-uea.pdf>> Acesso em: 20 set. 2012.

coisa em sala de aula junto aos estudantes Kokama. Após um dia de treino conseguimos produzir o vídeo “Língua Kokama”<sup>471</sup> com a participação ativa de todos (Fig. 51).

Figura 51 - Vídeo "Língua Kokama" (2009)



Fonte: DVD Kokama Volume1. 2009.

Entre uma Etapa e outra do curso, fiquei pensando em como apresentar esse vídeo aos professores-pesquisadores. O vídeo já estava na internet, mas como a maioria não tinha acesso constante a este meio, pensei em gravar uma cópia do vídeo para cada um dos produtores. Depois pensei nas fotos, em como seria interessante os professores-pesquisadores poderem mostrá-las aos parentes e amigos. Selecionei, então, o material em pastas, incluído também áudio e músicas e solicitei ao Jorge Pennington, membro da equipe das oficinas audiovisuais da TV Navegar na época, que fizesse a autoriação<sup>472</sup> do material em forma de DVD para que as pessoas das comunidades Kokama pudessem assistir e ouvir o material no aparelho de DVD pela televisão, a qual é uma das tecnologias utilizadas na região. Jorge Pennington fez essa gentileza por conta própria na época, pois não havia tempo para buscarmos recursos financeiros. Por isso, também, produzi a capa. O Volume 1 (Fig. 52) foi feito, então, sem

<sup>471</sup>O vídeo “Língua Kokama” pode ser acessado no site da TV Navegar. Disponível em: <<http://www.tvnavegar.com.br/video/?idv=84>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

<sup>472</sup>“No processo de autoriação em DVDs é possível realizar a inserção de arquivos de áudio, vídeos e legendas, além de criar botões e menus interativos com opções de navegação” (Play-R. Atorção em DVDs)> Disponível em: <<http://www.play-r.com.br/?servicos=autoracao-em-dvd>>. Acesso em: 20 jul. 2014.



recursos, sendo uma expressão de criatividade. A partir de então não paramos mais e fomos produzindo os outros DVDs.

Assim, na Etapa seguinte (Etapa 7), o vídeo que fiz a direção, já editado, foi distribuído aos seus produtores, os professores-pesquisadores Kokama.

Figura 52 - Capa do DVD Kokama Volume 1 (2009)



Fonte: Capa do DVD Kokama Volume 1<sup>473</sup>.

Na produção do DVD Kokama **Volume 2** saímos do contexto de sala de aula como ambiente de filmagem e fomos à comunidade Guanabara II, localizada a vinte minutos de Benjamin Constant, descendo o Rio Javari. Lá apresentamos o DVD Volume 1 para a comunidade, a qual infelizmente acabava de perder o então Cacique, Sr. André Januário Samias. Filmamos, com o consentimento da família e da comunidade, o velório do Cacique como um registro histórico para os Kokama, pois ele era um dos últimos falantes plenos da língua Kokama no Brasil, e deixara fortes influências na comunidade (Fig.53), tendo passado para seus familiares algum conhecimento sobre a língua.

<sup>473</sup> VIEGAS, C. W. ; CABRAL, A. S. A. C.; MACEDO, W. G.; LOPES, L. M.; ARCANJO, J. M. M.; SOUZA, L. M. de; SANDOVAL, O. S.; TANANTA, L. M.; RAMIRES, E. R.; AIAMBO, O. A. 2009. Material de apoio para professores Kokáma: Makatipa na utsu? 'Aonde você vai?'. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - DVD - Volume 1).



Figura 53 - Entrevista com o Sr. Mauro Cahuasa Mapiana



Fonte: DVD Volume 2: Material de Apoio para professores Kokama. 2010.

Nota: Entrevista feita por Leonel Magalhães de Souza ao Sr. Mauro Cahuasa Mapiana (construtor de instrumentos, músico e artesão)

Ainda neste Volume filmamos a oficina “Álbum Seriado” ministrado pela Profa. Altaci Corrêa Rubim (Fig. 54), em que eram divididos álbuns por temas, como peixes e folhas de plantas específicas da região, com a intenção de compartilhar conhecimentos tradicionais com os mais jovens.

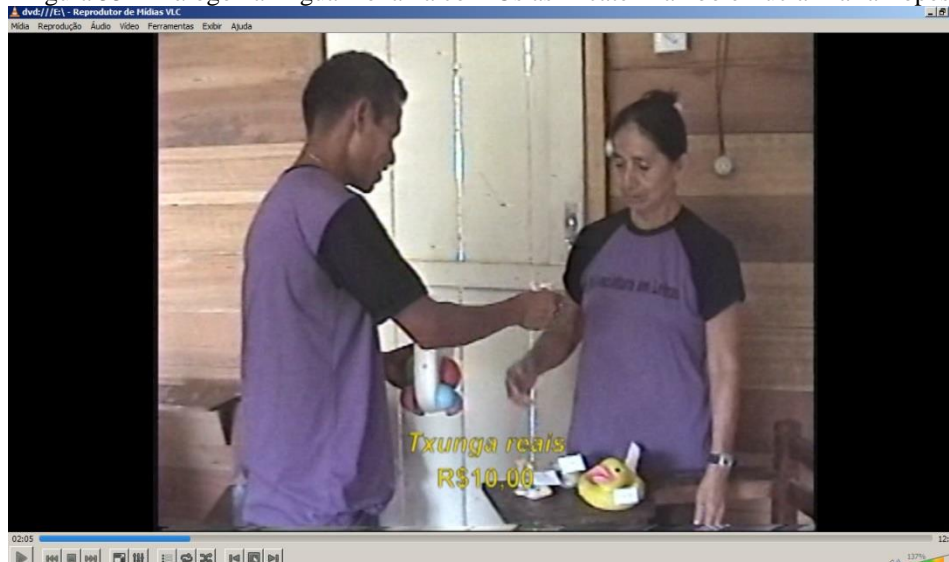
Figura 54 - Álbum seriado ministrado pela Profa. Altaci Corrêa Rubim



Fonte: DVD Volume 2. 2010

Filmamos também, diálogos retirados da gramática de Faust (1972), interpretados pelos estudantes, os quais se esforçaram para compreenderem bem os textos e para os encenarem. Foi uma forma de os estudantes, que são professores em suas comunidades, experienciarem momentos com a câmera de filmar e em falar a língua (Fig. 55).

Figura 55 - Diálogo na língua Kokama com Osias Aicate Aiambo e Lúcia Maria Lopes



Fonte: DVD Volume 2. 2010.

Para o DVD Volume 2 a Profa. Ana Suelly A. C. Cabral gravou uma aula da Lição 10 da gramática de Faust (1972), incluindo explicações adicionais, o que facilitou o estudo dessa Lição (Fig. 56).

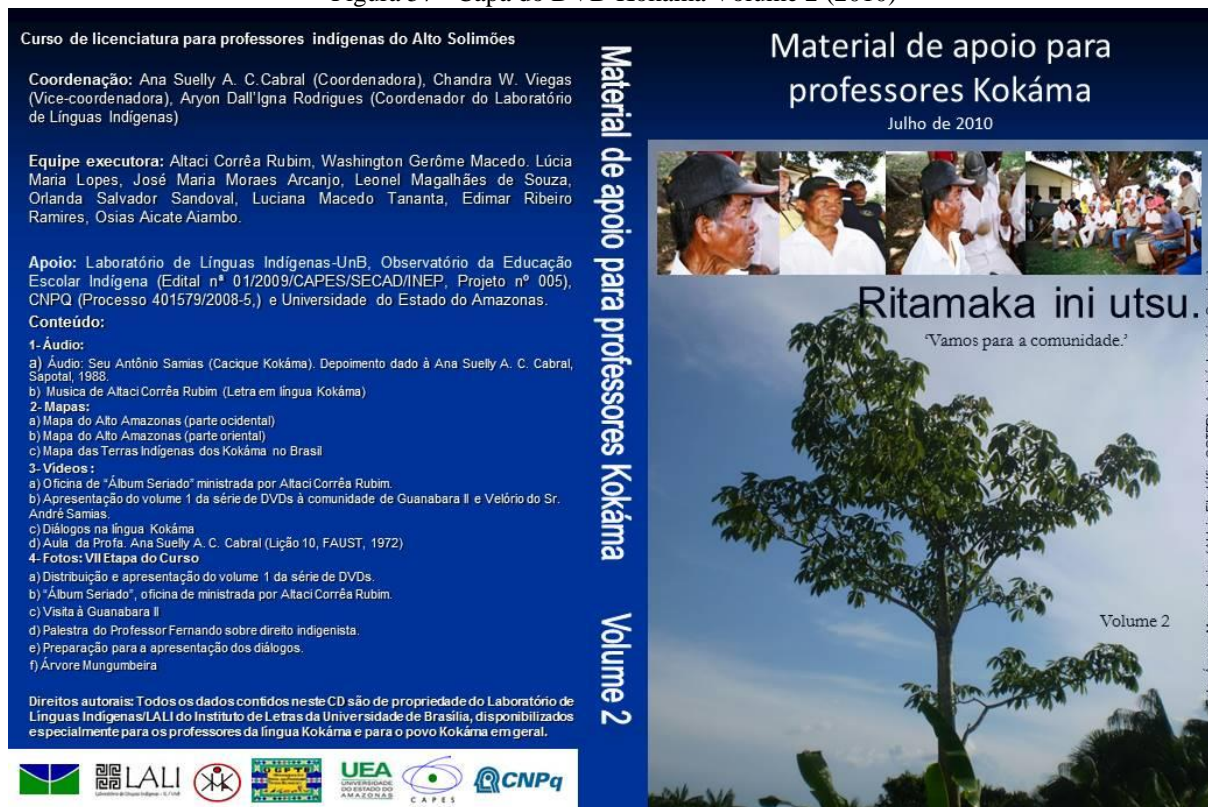
Figura 56 - Aula da Profa. Ana Suelly A. C. Cabral



Fonte: DVD Volume 2:

A capa do DVD Volume 2 (Fig.57) foi elaborada com imagens do Sr. André Januário Samias para assim homenageá-lo e com a árvore mungumbeira indicada por Leonel Magalhães de Souza.

Figura 57 - Capa do DVD Kokama Volume 2 (2010)



Após sairmos do ambiente da sala de aula, isso se tornou muito proveitoso, por envolver a comunidade Guanabara II nas atividades práticas e na produção. A realização de filmagens nas margens do Rio Solimões e a ida de barco em busca de garças e seus voos para as filmagens do DVD Kokama **Volume 3**, por exemplo, foram um estímulo para os professores-pesquisadores e para mim que estava filmando, certamente.

Os cenários já estavam prontos, as casas à margem do rio, tudo contribuiu. Continuamos as filmagens do Volume 3 na comunidade Guanabara II que nos recebeu com muito apreço. A notícia dessas filmagens espalhou-se rapidamente pelas comunidades próximas. Representantes da Comunidade Nova Terra (*Kunumi Tuiuka*) chegaram, então, à comunidade Guanabara II, entre eles o Cacique Julio Wanuyres Rimayti e o agente de saúde Felipe Rios Awanari. Este último se tornou um personagem importante na história *Kunumi*

<sup>474</sup> VIEGAS, C. W.; CABRAL, A. S. A. C.; RUBIM, A. C.; MACEDO, W. G.; AIAMBO, O. A.; ARCANJO, J. M. M.; LOPES, L. M.; RAMIRES, E. R.; SANDOVAL, O. S.; SOUZA, L. M. de; TANANTA, L. M. 2010. Material de apoio para professores Kokáma: Ritamaka ini utsu. 'Vamos para a comunidade'. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - DVD - Volume 2)



*umari* ‘Jovem Garça’. Para as filmagens os estudantes confeccionaram os seus próprios figurinos que continham grafismos Kokama, assim como confeccionaram a roupa do jovem garça com o apoio da professora de artes, Evany Nascimento, e dois alunos de artes. Essa professora auxiliou também na preparação de voz para a apresentação de três músicas Kokama. Todo este processo de preparação levou cerca de cinco dias e as filmagens das duas histórias e das três músicas ocorreram em dois dias, um tempo consideravelmente pequeno. Apesar do curto tempo e da falta de infraestrutura, todo o resultado foi muito apreciado pelos Kokama. O apoio do novo cacique da comunidade Guanabara II, Fideles Cahuasa Mapiama e de sua esposa Zuleide Curitima Samias, filha do cacique anterior, André Januário Samias, foi de grande importância. Tanto nos ensaios como nas apresentações das histórias e das músicas, os adultos e as crianças participaram ativamente.

Foram incluídas duas histórias nesse Volume, *Awa akwatsepan* e *Kunumi umari*, ambas retiradas de um livro produzido pelo Programa de *Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana*-FORMABIAP/AIDSESEP/ISPP, Loreto, Peru. Essas histórias foram interpretadas e adaptadas para a escrita da língua Kokama que estava sendo usada no curso de licenciatura<sup>475</sup>, além de serem acrescentadas algumas falas dos personagens para servir à linguagem audiovisual. Nessas histórias colocamos as legendas em língua Kokama e em Português de forma simultânea, como se pode ver nas Fig. 58 e 59 seguintes:

---

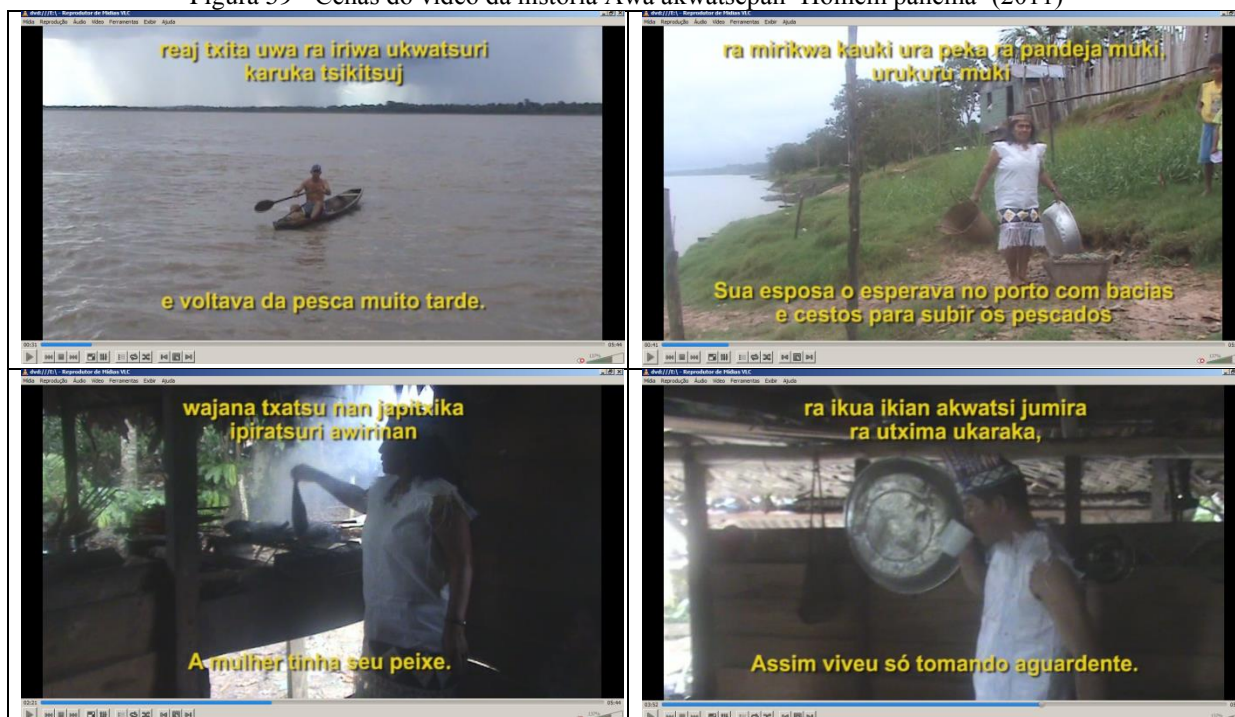
<sup>475</sup> A escrita da língua Kokama que estava sendo usada no Curso de Licenciatura para professores Indígenas do Alto Solimões tratava-se de uma proposta de escrita elaborada pela linguista Ana Suelly A. C. Cabral em conjunto com pesquisadores Kokama do Alto Solimões com base na variante estudada por ela durante vinte anos nessa localidade, contendo empréstimos lexicais tanto do Espanhol, como do Português.

Figura 58 - Cenas do vídeo da história Kunumi umari 'Jovem Garça' (2011)



Fonte: DVD Kokama Volume 3. Material de apoio para professores Kokáma: Kokáma kumitsa 'Fala Kokáma'. Histórias. 2011.

Figura 59 - Cenas do vídeo da história Awa akwatsepan 'Homem panema' (2011)



Fonte: DVD Kokama Volume 3. Material de apoio para professores Kokáma: Kokáma kumitsa 'Fala Kokáma'. Histórias. 2011.

Registramos a arte do Sr. Mauro Cahuasa Mapiana, músico, artesão e construtor de instrumentos musicais Comunidade Guanabara II, Amazonas, Brasil (Fig. 60).

Figura 60 - Cenas do vídeo Artesanato do Sr. Mauro Cahusa Mapiana. Comunidade Guanabara II, Amazonas, Brasil. 2011.



Fonte: DVD Kokama Volume 3. Material de apoio para professores Kokáma: Kokáma kumitsa 'Fala Kokáma'. Vídeos. 2011.

Foi feita a gravação de três músicas que foram interpretadas (Fig. 61) a partir do CD *Canciones de los pueblos Tikuna y Kukama-Kukamiria* produzido pelo Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana-FORMABIAP/AIDSESEP/ISPP, Loreto, Peru.

Figura 61 - Cena do vídeo da música Japaj Westaka (Yapay Westaka). Comunidade Guanabara II, Amazonas, Brasil.



Fonte: DVD Kokama Volume 3. Material de apoio para professores Kokáma: Kokáma kumitsa 'Fala Kokáma'. Músicas. 2011.

Os materiais produzidos pelo Programa de *Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana* (FORMABIAP), nos quais nos baseamos, foram trazidos pelo Padre



Ronald MacDonell, o qual esteve numa viagem de pesquisa ao Peru junto com uma equipe do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), e posteriormente ao compartilhar este material comentou: “Nós do CIMI queremos colaborar com as faculdades como a UEA e a UnB na revitalização das línguas indígenas: já estamos somando forças!”<sup>476</sup>. MacDonell entregou os materiais à Profa. Altaci Corrêa Rubim que os levou para serem compartilhados no curso de licenciatura.

No Volume 3 houve algo que valorizou muito o material: a gravação de **falantes** da língua Kokama feita por dois professores-pesquisadores Kokama, como parte de suas pesquisas pelo Projeto **Rede de Estudos, Pesquisas e Formação de Professores Pesquisadores em Lingüística e Educação Escolar Indígena** (Observatório da Educação Escolar Indígena/CAPES). Leonel Magalhães de Souza gravou o Sr. Luiz Chota de 90 anos, o qual reside dentro do Rio Içá na Comunidade São José e o Sr. João Ramos Neto, também do município de Santo Antonio do Içá. (Fig. 62 e 63).

Figura 62 - Cena do vídeos do Sr. Luiz Chota e João Ramos. Pesquisador: Leonel Magalhães de Souza. Santo Antônio do Içá. 2010.



Fonte: DVD Kokama Volume 3. Material de apoio para professores Kokáma: Kokáma kumitsa 'Fala Kokáma'. Pesquisas. Pesquisador: Leonel Magalhães de Souza. Falante: Luiz Chota.

<sup>476</sup>MACDONELL, Ronald B. Re: Urgente. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <chandraviegas@yahoo.com.br> em 8 jul. 2010.

Figura 63 - Cena do vídeo do Sr. João Ramos Neto. Pesquisador: Leonel Magalhães de Souza. Santo Antônio do Içá. 2010.



Fonte: DVD Kokama Volume 3. Material de apoio para professores Kokáma: Kokáma kumitsa 'Fala Kokáma'. Pesquisas. Pesquisador: Leonel Magalhães de Souza. Falante: João Ramos Neto. Santo Antônio do Içá. 2011.

O pesquisador José Maria Moraes Arcanjo gravou o cacique Anízio Moraes da Comunidade de São Joaquim (Município de São Paulo de Olivença) e a Sra. Alzelina Cruz Moraes de 73 anos, sua mãe, da Comunidade Monte Santo (Município de São Paulo de Olivença-AM) (Fig. 64 e 65). Infelizmente a Sra. Alzelina ficou doente, tendo sido internada em Manaus, vindo a falecer em julho de 2010. Por indicação de Arcanjo, oferecemos, então, o Volume 3 em sua homenagem.

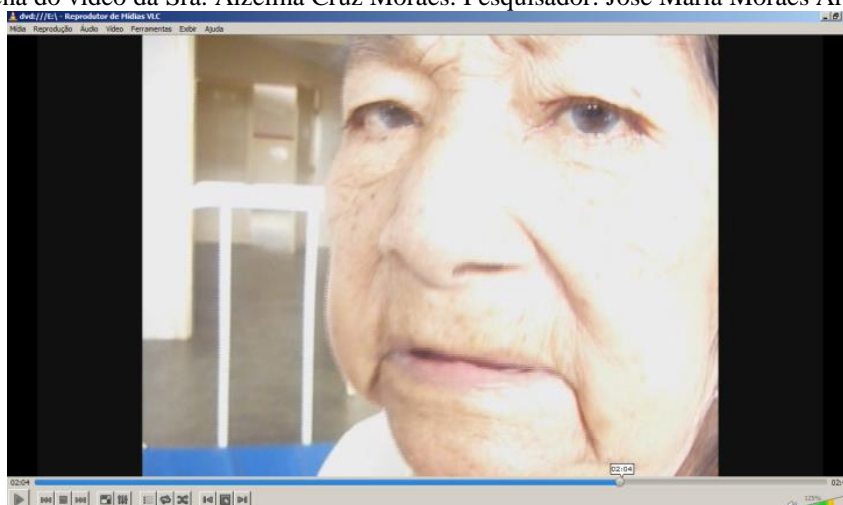
Figura 64 - Cena do vídeo do Sr. Anízio Moraes. Pesquisador: José Maria Moraes Arcanjo. Comunidade de São Joaquim-SPO, Amazonas.



Fonte: DVD Kokama Volume 3. Material de apoio para professores Kokáma: Kokáma kumitsa 'Fala Kokáma'. Pesquisas. Pesquisador: José Maria Moraes Arcanjo. Falante: Cacique Anízio Moraes. 2011.



Figura 65 - Cena do vídeo da Sra. Alzelina Cruz Moraes. Pesquisador: José Maria Moraes Arcanjo. Amazonas.



Fonte: DVD Kokama Volume 3. Material de apoio para professores Kokáma: Kokáma kumitsa 'Fala Kokáma'. Pesquisas. Pesquisador: José Maria Moraes Arcanjo. Falante: Alzelina Cruz Moraes. 2011.

Na gravação do vídeo “Fala das lideranças” na comunidade Guanabara II, o cacique Fidel Cahuasa Mapiama fala sobre a importância de se ter professores bilíngues contratados para trabalharem na comunidade, assim como da relevância do nosso trabalho na comunidade (Fig. 66). Outras lideranças também se pronunciaram.

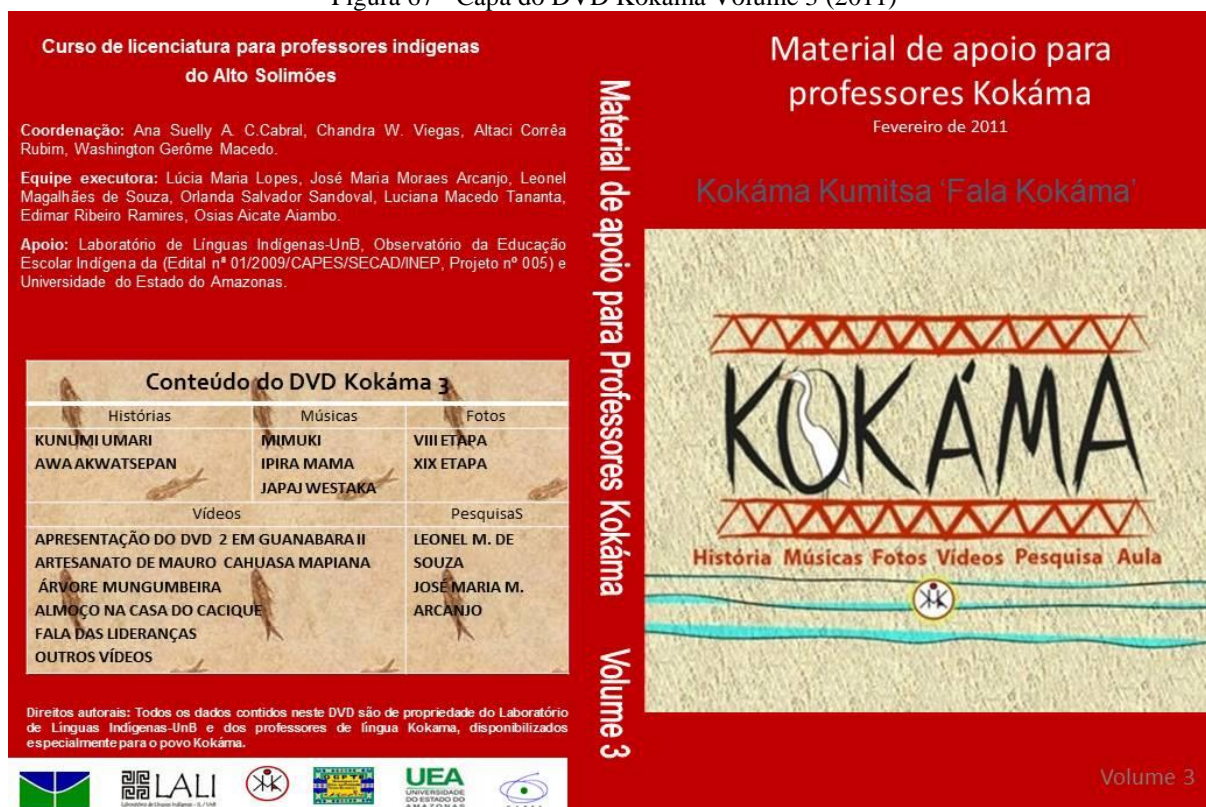
Figura 66 - Cena do vídeo “Fala das lideranças”. Comunidade Guanabara II, Benjamim Cosntant, Amazonas.



Fonte: DVD Kokama Volume 3. Material de apoio para professores Kokáma: Kokáma kumitsa 'Fala Kokáma'. Vídeos. Fala das lideranças. 2011.

Segue a capa do DVD Kokama Volume 3, em que foi usada como imagem de fundo a fibra natural de tururi e o desenho da garça relacionado a uma das histórias ensinadas no DVD (Fig. 67).

Figura 67 - Capa do DVD Kokama Volume 3 (2011)



Fonte: Capa do DVD Kokama Volume 3<sup>477</sup>. 2011.

Apresentamos, a seguir, o Quadro 28 com os conteúdos dos três DVDs:

Quadro 28 - Conteúdo dos DVDs da série: Material de apoio para professores Kokama (2009-2011)

CONTEÚDO DOS DVDS KOKAMA: Material de apoio para professores Kokama		
Volume 1 (jul. 2009)	Volume 2 (jul. 2010)	Volume 3 (fev. 2011)
<b>1- Dados em áudio:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ dados em áudio (alguns dos dados coletados pela Dra. Ana Suely A. C. Cabral juntamente com pesquisadores Kokama, no período de 1988 a 1996, editados por Chandra W. Viegas)</li> </ul>	<b>1- Áudio:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Áudio: Seu Antônio Samias (Cacique Kokama). Depoimento dado à Ana Suely A. C. Cabral, Sapotal, 1988.</li> <li>▶ Musica de Altaci Corrêa Rubim (Letra em língua Kokama)</li> </ul>	<b>1- Histórias:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Kunumi umari</li> <li>▶ Awa akwatsepan</li> </ul>
<b>2- Vídeo Kokama:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Vídeo produzido pelos graduandos Kokama na</li> </ul>	<b>2- Vídeos :</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Oficina de “Álbum Seriado” ministrada por</li> </ul>	<b>2-Vídeos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ apresentação do DVD 2 em Guanabara II</li> </ul>

<sup>477</sup> VIEGAS, C. W.; CABRAL, A. S. A. C.; RUBIM, A. C.; AIAMBO, O. A.; ARCANJO, J. M. M.; LOPES, L. M.; MACEDO, W. G.; RAMIRES, E. R.; SANDOVAL, O. S.; SOUZA, L. M. de; TANANTA, L. M. 2011. Material de apoio para professores Kokáma: Kokáma kumitsa 'Fala Kokáma'. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - DVD - Volume 3)

<p>VI Etapa, com direção de Chandra W. Viegas e edição de Jorge D. Pennington: www.tvnavegar.com.br</p>	<p>Altaci Corrêa Rubim.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Apresentação do Volume 1 da série de DVDs à comunidade de Guanabara II e Velório do Sr. André Samias.</li> <li>▶ Diálogos na língua Kokama</li> <li>▶ Aula da Profa. Ana Suelly A. C. Cabral (Lição 10, FAUST, 1972)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Artesanato de Mauro Cahuasa Mapiana</li> <li>▶ Almoço na casa do cacique Fideles</li> <li>▶ Árvore Mungumbeira</li> <li>▶ Fala das lideranças</li> <li>▶ Bastidores</li> <li>▶ Ensaios</li> <li>▶ outros vídeos</li> </ul>
<p><b>3- Fotos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ 20 anos de OGPTB</li> <li>▶ V Etapa</li> <li>▶ VI Etapa</li> <li>▶ Graduandos com habilitação em Português, Espanhol e Kokama</li> </ul>	<p><b>3- Fotos:</b></p> <p><b>7 Etapa do Curso</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Distribuição e apresentação do volume 1 da série de DVDs.</li> <li>▶ “Álbum Seriado”, oficina ministrada por Altaci Corrêa Rubim.</li> <li>▶ Visita à Guanabara II</li> <li>▶ Palestra do Professor Fernando sobre direito indigenista.</li> <li>▶ Preparação para a apresentação dos diálogos.</li> <li>▶ Árvore Mungumbeira</li> </ul>	<p><b>3- Fotos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ VIII etapa</li> <li>▶ IX etapa</li> </ul>
<p><b>4- Músicas tradicionais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ 1º CD dos Kokama, gravadas pela Dra. Ana Suelly A. C. Cabral</li> </ul>	<p><b>4- Mapas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Mapa do Alto Amazonas (parte ocidental)</li> <li>▶ Mapa do Alto Amazonas (parte oriental)</li> <li>▶ Mapa das Terras Indígenas dos Kokama no Brasil</li> </ul>	<p><b>4- Músicas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Mimuki</li> <li>▶ Ipira mama</li> <li>▶ Japaj westaka</li> <li>▶ Músicas tradicionais</li> </ul>
		<p><b>5- Pesquisas:</b></p> <p>-Leonel M. de Souza</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Sr. Luiz Chota</li> <li>▶ Sr. João Ramos</li> </ul> <p>-José Maria M. Arcanjo</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Anízio Moraes e Hilda Moraes</li> <li>▶ Sra. Alzelina Cruz Moares</li> </ul>

Fonte: DVDs da série: Material de apoio para professores Kokama.

As etapas de criação dos DVDs Kokama seguiram, portanto, os passos básicos:

- ◆ Realização de fotografias e de gravações de áudio e imagens

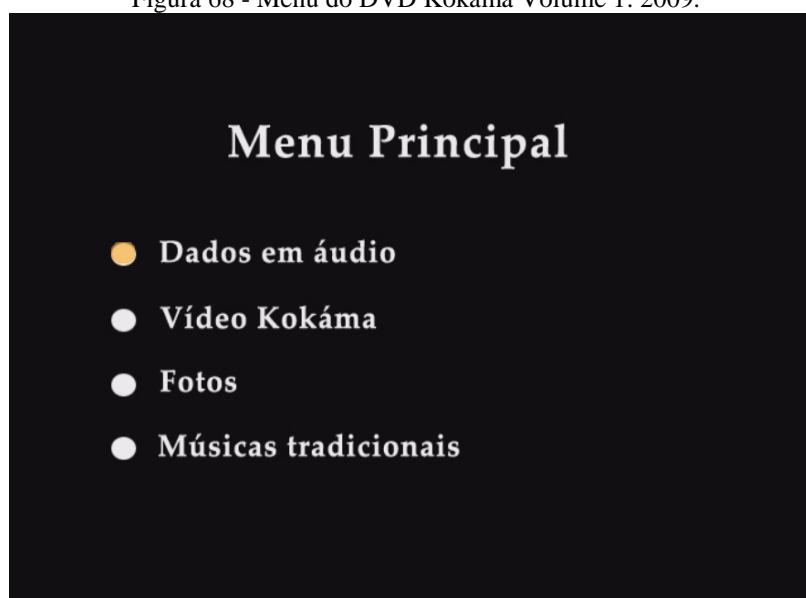
- ◆ Seleção e organização dos materiais
- ◆ Criação da capa
- ◆ Autoração

A autoração dos DVDs Kokama foi feita utilizando o Programa *Adobe Premier CS5*<sup>478</sup>, pelo qual se realizaram as ações:

- ▶ Edição de vídeos
- ▶ Inclusão de legendas
- ▶ Criação do menu
- ▶ Criação dos links
- ▶ Trilha sonora

O DVD Kokama Volume 1, por ter sido a nossa primeira elaboração, possui um *menu* mais simples (Fig. 68):

Figura 68 - Menu do DVD Kokama Volume 1. 2009.



Fonte: Material de apoio para professores Kokáma: *Makatipa na utsu? 'Aonde você vai?'*. DVD - Volume 1, 2009.

No *menu* do DVD Kokama Volume 2 foram incluídas algumas imagens, dando um caráter mais artístico ao material (Fig. 69):

---

<sup>478</sup> Outros programas podem ser utilizados para realizar a autoração.



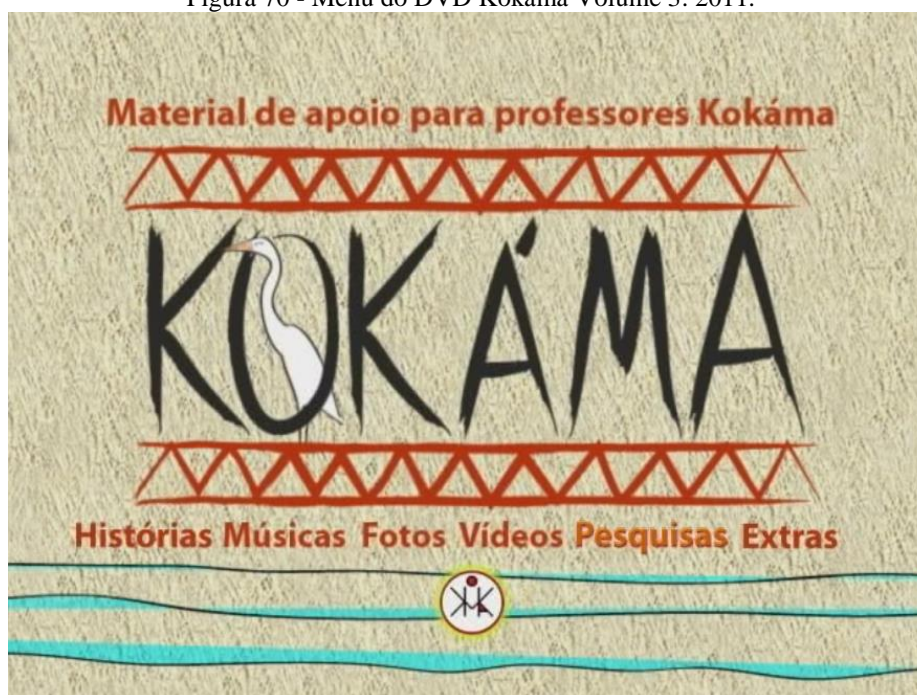
Figura 69 - Menu do DVD Kokama Volume 2. 2010.



Fonte: Material de apoio para professores Kokáma: *Ritamaka ini utsu*. 'Vamos para a comunidade'. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - DVD - Volume 2. 2010).

Já no menu do DVD Kokama Volume 3 utilizamos a imagem da fibra do **tururi**<sup>479</sup> como plano de fundo e uma imagem da garça que se refere a história do “Jovem Garça” que se encontra neste DVD (Fig.70):

Figura 70 - Menu do DVD Kokama Volume 3. 2011.



<sup>479</sup> Fibra vegetal utilizada na região para fazer vestimentas, telas de pintura, entre outros.

Fonte: Material de apoio para professores Kokáma: Kokáma kumitsa 'Fala Kokáma'. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - DVD - Volume 3. 2011.

A produção desses DVDs só foi possível, devido à “aprendizagem em rede” que nós, professores, nos propusemos a vivenciar, em que cada um contribuiu com os seus conhecimentos e sua criatividade para a realização desses materiais audiovisuais, cujas técnicas relacionadas foram apropriadas pelos Kokama<sup>480</sup>. Além disso, o que também possibilitou a produção foi o apoio das comunidades Kokama, das lideranças e a criação do conteúdo de forma interativa com os professores-pesquisadores e demais membros das comunidades.

Os DVDs como recurso de compilação têm se mostrado bastante estimulantes para os que querem aprender a língua Kokama. Particularmente, os métodos complementares, como o audiovisual, textual, auditivo, assim como os jogos, as brincadeiras, as músicas e principalmente o emprego da criatividade entre os envolvidos na criação desses materiais didáticos e artísticos favorecem o processo de ensino-aprendizagem. Desde as filmagens à elaboração de figurinos, à decoração do texto, até à escolha da capa do DVD, todas essas etapas juntas tornam-se um processo rico de criatividade que resultou em um material palpável, que pode ser levado para casa e assistido quando for de opção do usuário.

Quanto ao uso do DVD, um dos estudantes do Curso de Licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões, Osias Aicate Aiambo, o qual participou da produção dos DVDs Kokama, sendo também o protagonista de um dos mitos filmados, nos cedeu o seguinte depoimento:

O meu filho Vinícius Peres falou muito sobre o DVD Kokama apesar que ele tem apenas três aninhos ficou muito emocionado, comovido em poder ver e assistir o filme produzido, por exemplo, aquela parte que fala “*etsun tsen, etsun tsen, etsun tsen* (isso sim)” que quando ele vê, ele também fica pulando e também atrai outros coleguinhas [...] quando ele viu o pai dele, eu Osias [...] ele falou para a mãe dele Rosiane, chorando que ele queria ver o pai dele na TV fazendo a cena do Jovem Garça e até mesmo ele fica falando com os coleguinhas em palavras Kokama usando o mesmo sotaque do Leonel (narrador da história) até terminar o filme e quando terminava ele chorava pedindo outra vez... (depoimento de Osias Aicate Aiambo, 02/09/11)

Pudemos perceber até o presente que, com a experiência com os DVDs, o material audiovisual envolve mais pessoas, independente da idade, participando da produção as crianças, os adultos e os anciãos. O material audiovisual é uma forma mais lúdica e mais

---

<sup>480</sup> Além da produção dessas 3 volumes dos DVDs Kokama, Cf.. os DVDs e filmagens e gravações feitas pelos professores-pesquisadores nas pesquisas das etapas intermediárias apresentadas no Capítulo 5.

próxima da cultura, já que as filmagens são realizadas nas próprias comunidades, até incentivando a criação de outros métodos como os livros, outros tipos de gravações, etc. Vale ressaltar que o público-alvo dos DVDs não são as instituições, mas sim os próprios Kokama, ou seja, “dos Kokama para os Kokama”.

Figura 71 - Menu das fotos. Material de apoio para professores Kokama, DVD. Volume 3. 2011.



Fonte: Material de apoio para professores Kokama, DVD. Volume 3. Fotos: Filmagens em Guanabara II. 2011. Arte por Jorge Pennington.

Figura 72 - Ensaio das músicas Kokama para gravação do DVD Volume 3. Guanabara II, Benjamim Constant – AM.



Fonte: Material de apoio para professores Kokama, DVD Volume 3. Fotos: Filmagens em Guanabara II. 2011.

#### 7.2.4.2 Ambiente virtual de aprendizagem-AVA

O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) é um dos recursos da Educação a Distância (EaD), o qual “é um sistema projetado para facilitar o gerenciamento de cursos *on-line*. Também é utilizado como ferramenta suplementar ou de apoio em cursos presenciais” (COSTA, 2011, p.1). Há outras denominações dadas ao AVA, sendo que as mais comuns são: *Managed Learning Environment* (MLE); *Course Management System* (CMS); *Learning Management System* (LMS); *Learning Plataform* (LP).

O AVA é, pois, um *software*, que pode ser livre ou não. Há diversos softwares no mercado, mas escolhemos o *Moodle* (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*), um *software* livre, de licença GPL-GNU, criado em 2001, o qual possibilita a criação de cursos *on-line* interativos e flexíveis, além de “páginas de disciplinas, grupos de trabalho e comunidades de aprendizagem, estando disponível em 75 línguas diferentes. Conta com 25.000 websites registrados, em 175 países”<sup>481</sup>, favorecendo assim, a formação de comunidades de aprendizagem colaborativa. O *Moodle* possui, portanto, um histórico de uso

<sup>481</sup> Moodle. Wikipédia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Moodle>> Acesso em 23 set. 2012



bastante avançado e melhorias constantes, por meio da interação na comunidade virtual de seus utilizadores pelo mundo.

Tendo o estudante como elemento principal na EaD, partimos para a elaboração de um curso utilizando o *Moodle*<sup>482</sup>. Willis (1996, apud RODRIGUES; BARCIA, 2010, p.5) considera essencial o planejamento instrucional para se criar um curso a distância, dispondo o ciclo genérico composto por quatro etapas necessárias nesse processo: Design, Desenvolvimento, Avaliação e Revisão.

Um fator muito importante num curso a distância é a formação de recursos humanos especializados. Para Costa (2010) um exemplo de recurso humano que deve ser repensado e trabalhado na EAD é a Tutoria. O tutor trabalha de forma a “amparar o aluno em sua caminhada em busca do conhecimento e garantir sua presença no ambiente on-line” (COSTA, 2010, p. 2). A avaliação de um curso a distância, para Costa (2010, p. 2) é medido, de certa maneira, pelas taxas de evasão apresentadas nos cursos, as quais podem ser por várias razões, todavia, quando estas puderem ser superadas, o professor-tutor torna-se um elemento-chave e tem uma parcela considerável nesse processo. Isso nos leva então para a área da tutoria ativa, a qual deve ser “engajada e consciente no usufruto das ferramentas síncronas e assíncronas” (COSTA, 2010, p. 2) do AVA.

#### 7.2.4.2.1 Desenvolvimento da tecnologia Moodle para o caso Kokama

Considerando a nossa vivência de ensino-aprendizagem da língua Kokama no curso presencial **Curso de Licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões** no período de 2006 a 2011, pensamos em dar continuidade às interações com os estudantes. Tendo em vista que o curso de licenciatura havia finalizado e não existia perspectiva de abertura de novo vestibular, começamos a refletir sobre a criação de um curso a distância.

Desenvolvemos, então, a disciplina **Introdução à Língua e à Cultura Kokama**, a primeira disciplina de uma língua indígena a ser oferecida na modalidade a distância por uma universidade brasileira, a Universidade de Brasília (UnB). Estiveram vinculados a essa disciplina o Projeto de ação contínua de Extensão **Fortalecimento da herança linguística e cultural dos povos nativos do Brasil: contribuição à formação de professores pesquisadores indígenas** desenvolvido por pesquisadores do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) da UnB e o Projeto de Extensão **Oficinas de capacitação e**

---

<sup>482</sup> O *Moodle* está disponível para *download* gratuito. Disponível em: < <http://www.moodle.org.br/>> Acesso em 23 set. 2012





**assessoria às organizações indígenas no Alto Solimões da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)**, polo Benjamin Constant e o polo Tabatinga-AM da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).













A seleção do material foi feita com base nas experiências de uso dos mesmos no curso de licenciatura. A gramática de Faust (1972), devido ao seu caráter pedagógico, serviu de roteiro para a elaboração de atividades diversas e para a elaboração de outros materiais didáticos, os quais tiveram caráter interativo proporcionado pelo *Moodle* e incentivado pelo tutor. Utilizamos como fonte para as atividades com áudio na língua Kokama as gravações feitas por Cabral (1988-1996). Foram propostas também atividades extraclasse em que os alunos realizaram pesquisas nas comunidades. Os resultados dessas pesquisas foram incluídos pelos participantes no AVA com os detalhes em textos e vídeo e/ou áudio.

A maioria das pessoas que se inscreveram nessa disciplina eram estudantes de graduação e de pós-graduação, de origem Kokama, sendo que alguns eram de outras etnias ou não indígenas. A disciplina foi dividida em dois módulos com carga horária de 26 horas pela internet e 34 horas extraclasse, gerando um total de 60 horas. Teve duração de três meses. Disciplina ofertada no primeiro semestre de 2013. As atividades pela internet foram mais assíncronas, no sentido de que os estudantes podiam escolher o horário desejado para acessar, postar e interagir no AVA ou por e-mail e podendo ao mesmo tempo fazer uso das ferramentas comunicativas síncronas (*Chat*, por exemplo). No caso dos estudantes da UFAM as tutoras presenciais Inara do Nascimento Tavares e, posteriormente, Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio usavam os materiais disponibilizados na disciplina para ministrar aulas presenciais por meio da comunicação síncrona complementando com conhecimentos nas áreas de antropologia e de letras.

Foram inscritos 103 participantes de diversas localidades. O conteúdo da disciplina pode ser visualizado nas atividades disponibilizadas no Quadro 29.

Quadro 29 - Conteúdo da disciplina Introdução à língua e à cultura Kokama. 2013.

Conteúdo da disciplina Introdução à língua e à cultura Kokama	
MÓDULO 1	MÓDULO 2
<p><b>ATIVIDADE 1</b>   <u>ILCK MATERIAL 1 – ALFABETO KOKAMA</u> Documento PDF   <u>ILCK MATERIAL 2 - SUBSTANTIVOS</u> Documento PDF   <u>ILCK MATERIAL 3 - PARTES DO CORPO HUMANO</u> Documento PDF</p>	<p><b>ATIVIDADE 1</b>            Vamos continuar os estudos dos numerais em Kokama e iniciar as atividades interativas com a primeira atividade de diálogo. Observem os documentos abaixo.</p> <p>♦  <u>ILCK MATERIAL 9 - NUMERAIS</u></p>

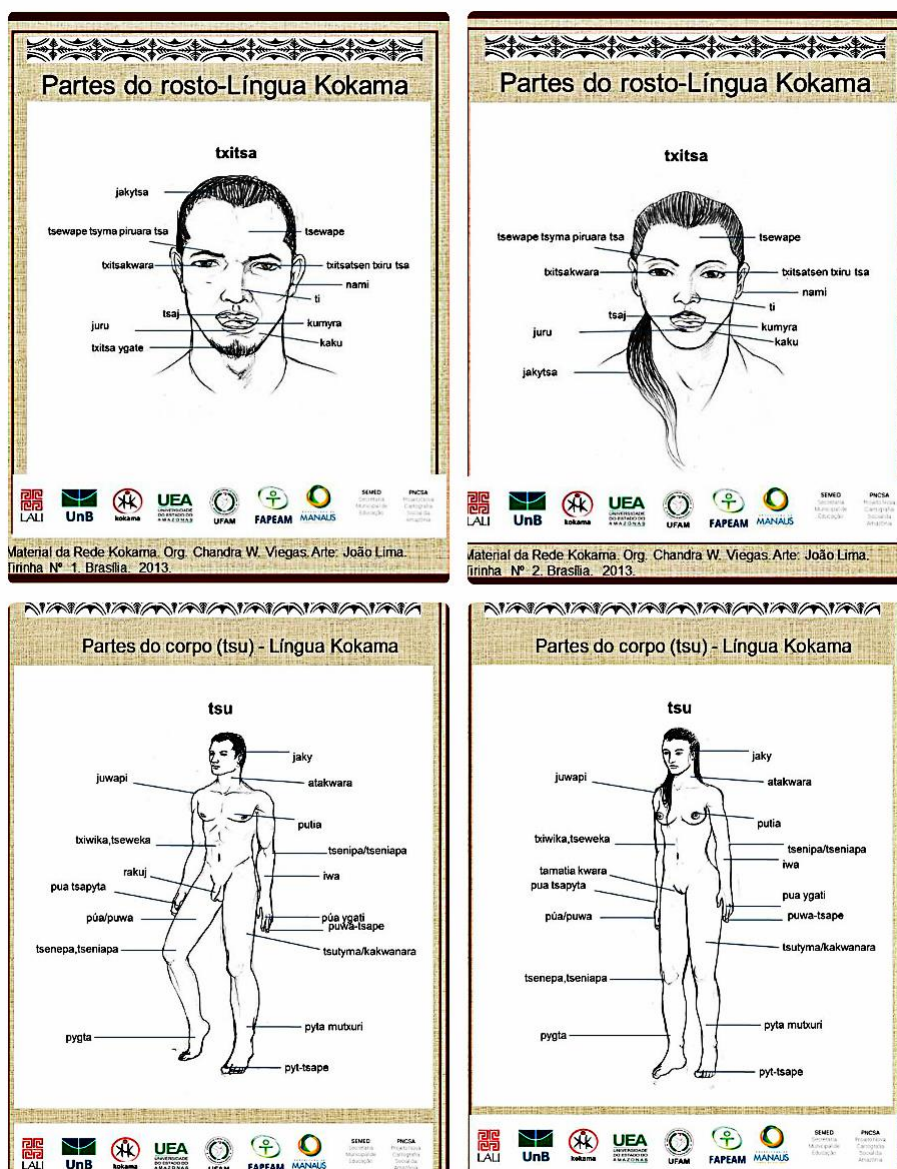
<p> <a href="#">ILCK MATERIAL 4 - TERMOS DE PARENTESCO</a> Documento PDF</p> <p> <a href="#">ILCK MATERIAL 5 - PRONOMES POSSESSIVOS E DEMONSTRATIVOS</a> Documento PDF</p> <p> <a href="#">ILCK MATERIAL 6 - NUMERAIS</a> Documento PDF</p> <p> <a href="#">Glossário de Linguística</a></p> <p> <a href="#">Fórum Pronomes possessivos e demonstrativos</a></p> <p> <a href="#">Fórum numerais</a></p> <p> <a href="#">Áudio numerais</a></p>	<p><a href="#">continuação</a> Documento PDF</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>♦  <a href="#">ILCK MATERIAL 8 - DIÁLOGOS</a> Documento PDF</li> <li>♦  <a href="#">ILCK MATERIAL 10 - Fórum livre</a> Documento PDF</li> <li>♦  <a href="#">Fórum numerais-continuação</a></li> <li>♦  <a href="#">ATIVIDADE DO DIÁLOGO</a> Diálogo</li> <li>♦  <a href="#">Fórum Kumitsaka</a></li> </ul>
<p><b>PRIMEIRA ATIVIDADE EXTRACLASSE</b> Pesquisa com falantes e conhecedores da língua Kokama do Brasil e/ou do Peru. A pesquisa pode ser feita em grupo (no máximo 5 pessoas) ou individualmente.</p> <p> <a href="#">PRIMEIRA ATIVIDADE EXTRACLASSE</a> Documento PDF</p> <p> <a href="#">Fórum Atividade Extraclasse</a></p> <p> <a href="#">Exemplo de gravação de introdução de pesquisa</a> Arquivo de áudio</p> <p> <a href="#">ILCK instruções - converter áudios e vídeos</a> Documento PDF</p> <p> <a href="#">ILCK Instruções – Atividade Extraclasse</a> Documento PDF</p> <p> <a href="#">ILCK instruções youtube</a></p>	<p style="text-align: center;"><b>ATIVIDADE FINAL</b></p> <p>Para encerrar a disciplina vamos realizar a atividade final. Sigam as orientações contidas no material: <a href="#">ILCK MATERIAL 11 - ATIVIDADE FINAL</a>. Bom trabalho!</p> <p> <a href="#">ILCK MATERIAL 11 - ATIVIDADE FINAL</a> Documento PDF</p> <p> <a href="#">Dona Etília erura iruaka atawari tsupia</a>. Arquivo de áudio</p> <p> <a href="#">Fórum Nova Frase</a></p> <p> <a href="#">Glossário Kokama</a></p> <p> <a href="#">animação kokama</a> Arquivo</p> <p> <a href="#">animação 2 kokama</a> Arquivo</p> <p> <a href="#">Fórum Aplicativo Celular</a></p> <p> <a href="#">Fórum Conhecimentos Kokama</a></p> <p> <a href="#">Avaliação da disciplina</a></p>

Fonte: elaborado pela autora.

Com inspiração nas fichas do *Perú folclórico*<sup>483</sup> desenvolvemos para a disciplina Introdução à Língua e à Cultura Kokama, algumas fichas/tirinhas como materiais didáticos, com o intuito de trazer elementos para a produção de novas orações e textos pelos estudantes, como as fichas do corpo humano na língua Kokama, as quais podem ser usadas também no estudo de outras áreas do conhecimento (Fig. 73).

<sup>483</sup> Ver capítulo 3.

Figura 73 - Fichas do copo humano na língua Kokama



Fonte: Materiais didáticos do curso a distância: Introdução à Língua e à Cultura Kokama. Arte por João Lima. Brasília. 2013.

Na primeira atividade dos numerais foram incluídos áudios (CABRAL,1988-1996) contendo numerais relacionados à quantidade dos seres. Na segunda atividade dos numerais foi incluído o sistema de quantificação na língua Kokama, o qual é baseado no mesmo sistema usado na língua Quéchuá. Foi indicado aos estudantes que escrevessem alguns numerais, tais como: 38, 269, 917, 3.698, 1.961 e 16. Alguns alunos preferiram prolongar a atividade e escreveram do numeral 1 até o 345 e outros complementaram e fizeram revisão. O resultado foi um material dos numerais que vai do 1 (um) ao 1.000 (mil). Alguns exemplos do sistema numérico usado na língua Kokama são: 345 (*mutsapiryka patxa iruaka txunga pitxka*) e 1.000 (*waranga*).

345	<i>Mutsapyryka</i> Três	<i>patxa</i> cem	<i>iruaka</i> quatro	<i>txunga</i> dez	<i>Pitxka</i> cinco
1.000	<i>Waranga</i> Mil				

Na atividade extraclasse, ou trabalho de campo, formaram-se grupos de até cinco pessoas para realizar pesquisa junto a falantes, lideranças e conhecedores da língua Kokama nas comunidades, o que resultou em trabalhos contendo entrevistas em áudio, texto, vídeo e imagens. O Quadro 30 mostra os detalhes da atividade.

Quadro 30 - Atividade Extraclasse da disciplina a distância “Introdução à Língua e à Cultura Kokama”. 2013.

<p>▶ <b>1-Incluir os seguintes dados na introdução da Pesquisa:</b></p> <p><b>Dados da entrevista:</b> Local: Data: <b>Dados do(s) Pesquisador(es):</b> Nome completo: Naturalidade: Onde reside atualmente: E-mail (se possuir): <b>Dados do(s) Entrevistado(s):</b> Nome: Idade: Sexo (feminino ou masculino): Naturalidade: Onde reside atualmente: Apreendeu a língua Kokama com qual idade:</p> <p>▶ <b>2- Relatem como foi feita a pesquisa de forma resumida e incluam os desafios e dificuldades de fazer a atividade.</b></p> <p>▶ <b>3- Registro da pesquisa</b> Registrar em áudio ou em vídeo Peça ao entrevistado para contar uma história na língua Kokama. Pode ser uma história sobre a comunidade, sobre a infância dele, ou sobre outro assunto. A entrevista pode ser gravada em áudio ou em vídeo.</p> <p>▶ <b>4- Incluam o áudio ou vídeo registrado no Fórum Atividade Extraclasse no Tópico Primeira atividade extraclasse.</b></p> <p>▶ <b>5- Interação com os participantes</b> Escolham pelo menos um trabalho de algum colega no Fórum Atividade Extraclasse no tópico Primeira atividade extraclasse e façam comentários sobre esse trabalho.</p>
---

Fonte: elaborado pela autora.

Nota: A atividade extraclasse - trabalho de campo - foi incluída como uma das etapas do Método de Análise de Atitude e Comportamento Linguístico (MAACL).

Houve 34 postagens de estudantes contendo a descrição da pesquisa no “Fórum Atividade Extraclasse”.

O grupo de Jacinta Rubim Moreira, Francisca Rubim Miranda, Francismary Rubim Miranda, Laura Sheine Rubim e Alberto Junior Rubim Miranda, por exemplo, fez uma filmagem na Comunidade Nova Esperança Kokama com a conhecedora da língua Kokama

Maria do Perpetuo. No vídeo gravado, ela ensina a receita de uma comida típica dos Kokama, a pupeca, falando na língua Kokama e depois traduzindo para o português.

Gleison de Almeida Martins realizou pesquisa sobre a Aldeia Indígena da Barreira da Missão de Baixo (Nova Esperança). Em visita ao Núcleo de Educação Indígena de Tefé (NEI-Tefé), entrevistou o Sr. Antônio Santos de Souza, indígena da etnia Kokama, o que resultou em um relato em áudio, que aborda a fundação e a realidade dessa aldeia do município de Tefé, incluindo a situação da língua Kokama. Gleison de Almeida Martins, juntamente com a sua esposa Silvanei de Souza Castilho, também professora-pesquisadora, realizaram uma entrevista com uma peruana viajante, Stephan, a qual contou sobre o seu conhecimento do povo e da língua Kokama e compartilhou duas músicas kokama trazidas do Peru com os pesquisadores.

Os participantes de São Paulo de Olivença Juvenal Moraes Arcanjo, Mariete Evangelista da Silva, Maria Alcilene Oliveira Muçambito, entre outros, entrevistaram o Sr. Arquilau Arcanjo da Silva de 82 anos que mora na Comunidade São Joaquim. Na filmagem da entrevista, o Sr. Arquilau comenta que se lembra da língua Kokama e os pesquisadores o estimulam a falar, então ele fala o nome para peixe ‘*ipira*’ e nomes específicos de alguns peixes. Conforme os pesquisadores vão conversando com ele, alguns discursos na língua Kokama são feitos pelo Sr. Arquilau, que também conta histórias da comunidade e sobre a demarcação de terra.

O grupo composto pelos pesquisadores José Maria Moraes Arcanjo, Celson Pereira da Silva, Joisineide Salvador Arcanjo, Edmar Iauaricane Sanchez, Marizete Urbano Arcanjo, residentes na Comunidade Monte Santo, São Paulo de Olivença-AM, enviou gravações em vídeo da dança *makuku*, da fala do Cacique Anízio Moraes e da apresentação dos músicos Kokama em homenagem ao dia do índio na escola municipal indígena Kokama Edson Pereira Arcanjo<sup>484</sup> na aldeia Colônia São Sebastião. Os pesquisadores entrevistaram os músicos Kokama, denominados como “autores falantes da língua materna”, a saber: Felisberto Maurício (vocalista), José Ari Moraes (tocador de cavaquinho); Jassinto Panduro Moraes (tocador de bumbo), Eldson Panduro Maurício (tocador de maracá).

Outro grupo de participantes de São Paulo de Olivença realizou pesquisa na Aldeia Santa Maria da Colônia, a qual é afastada da aldeia onde residem. Esse grupo formado pelos pesquisadores Prudêncio dos Santos Maurício, Romário Pereira Simão, Perivaldo Simão dos

---

<sup>484</sup>Ver mais informações sobre a escola. Disponível em: <http://www.escol.as/9213-escola-indigena-kokama-edson-pereira-arcanjo>

Santos, Roberval Pereira Simão, Willen Simão dos Santos e Sônia Maria Simão dos Santos, entrevistou a Sra. Avelina Arcanjo Panduro de 95 anos.

Além desses, outros trabalhos foram realizados pelos grupos que se formaram. Os participantes da disciplina gostaram bastante de realizar o trabalho de campo, apesar dos desafios enfrentados durante a pesquisa. Os trabalhos de pesquisa da atividade extraclasse contêm informações e conhecimentos de grande valor. Os entrevistados contam sobre o seu contato com a língua Kokama, incluindo conteúdos que remetem a atitudes e comportamentos linguísticos e ainda informações históricas de suas regiões. Nesse sentido, a publicação desses materiais pelos autores pode ser uma forma de fortalecer a língua e a cultura Kokama.

Em 2013, a Profa. Altaci Corrêa Rubim e a participante Laura Sheine Rubim de Souza, acadêmica do curso de Letras da UEA, desenvolveram duas animações, por meio do aplicativo *Talkin cat* para celular, contendo música e falas na língua Kokama. A música utilizada é de autoria de Rubim e se chama *myma (mîma)*. Os personagens principais das animações são um “gatinho” e um “papagaio”. Incluímos as animações em formato de vídeo na atividade final do curso a distância, em que era indicado assistir e depois comentar no Fórum Aplicativo Celular. As animações foram muito apreciadas pelos participantes como forma de aprendizagem. Portanto, como incentivaram as produtoras das animações, os aplicativos para celular são uma tecnologia que pode ser usada na aprendizagem da língua Kokama.

A atividade sobre os conhecimentos Kokama<sup>485</sup> possibilitou o levantamento de conteúdo a ser trabalhado em cursos a distância, em que os participantes se colocaram ativamente no processo de aprendizagem. Algumas sugestões de conteúdo indicadas pelos participantes foram: músicas, contos, versos, gravações com os anciãos, teatro, diálogos, artesanatos, vídeos, pesca, alimentação, danças, origem dos Kokama, mais atividades de trabalho de campo, lendas, remédios caseiros e ervas medicinais.

Com o mapeamento da presença Kokama que fizemos no ciberespaço, pudemos encontrar tipos de acervos que podem contribuir para a “aprendizagem em rede”, assim como para a valorização da pesquisa e dos autores envolvidos. O acervo “*Ríos de saber: muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana*”<sup>486</sup> é um modelo que pode inspirar a criação de uma biblioteca digital ou uma revista digital ou alguma página na

---

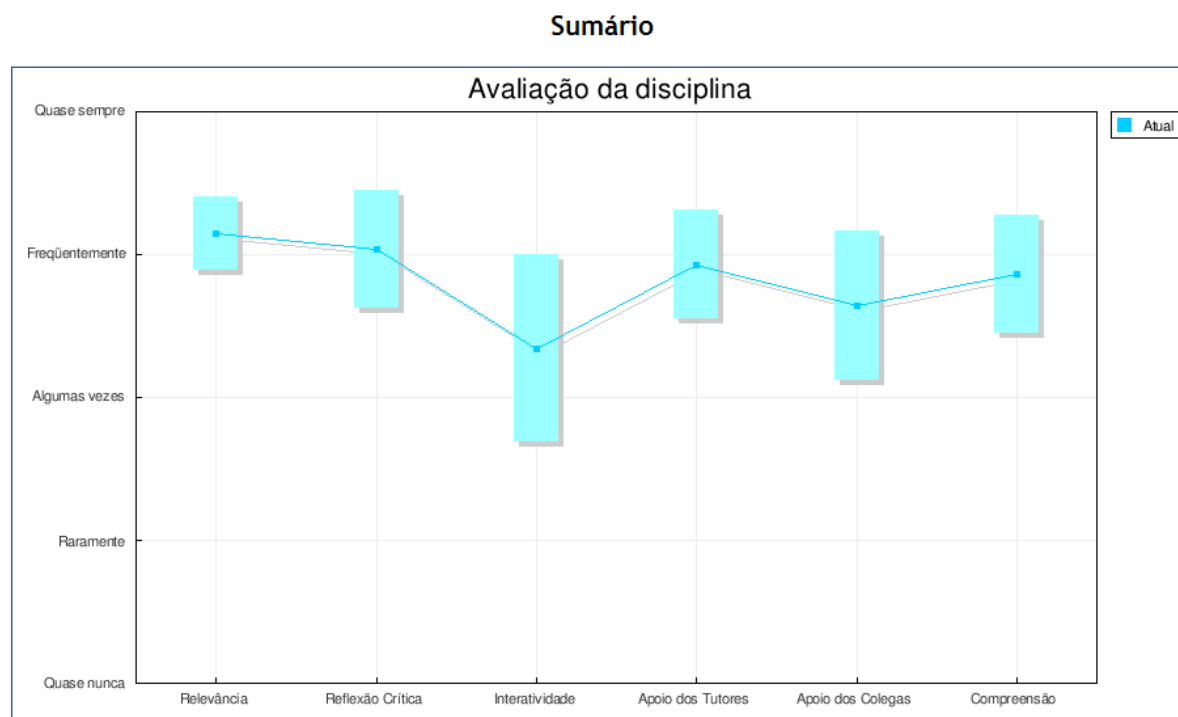
<sup>485</sup> Foi indagado aos participantes o seguinte: “Quais os conhecimentos dos Kokama que vocês acham que poderiam ser registrados e ensinados no curso a distância e incluídos em materiais didáticos?” (Atividade Final. Fórum ConhecimentosKokama. Introdução à língua e à Cultura Kokama. 2013)

<sup>486</sup>Ríos de saber : muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana. Disponível em: < <http://www.riosdesaber.org/?pg=00007&lg=ES>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

internet que possa acompanhar o AVA de aprendizagem da língua e da cultura Kokama, contendo as publicações dos participantes do curso a distância com os dados das pesquisas (coletores, conhecedores, autores, data, local, descrição, entre outras fontes) para assim poderem ser visualizadas por todas as pessoas que buscam valorizar a língua e a cultura Kokama. Do mesmo modo, as ocorrências encontradas no mapeamento no ciberespaço podem contribuir para a elaboração de conteúdos na EaD.

O resultado da avaliação da disciplina “Introdução à língua e à cultura Kokama” que foi respondida por 24 participantes, mostrou que os estudantes consideram o conteúdo da disciplina relevante e indicam que a interatividade poderia ser ainda mais praticada (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Avaliação da disciplina Introdução à Língua e à Cultura Kokama. AVA: aprender.unb.br 2013.



Documentação de Moodle relativa a esta página

Fonte: Avaliação da Disciplina Introdução à Língua e à cultura Kokama. <aprender.unb.br>. 2013.

Com o intuito de intensificar a interação, desenvolvemos outra disciplina intitulada “Aprendizagem de Língua e Cultura Kokama: interação e criação”. A primeira atividade dessa disciplina chamava-se “Festival de Ideias”, a qual foi inspirada no texto “Para



configurar ambientes de cocriação interativa”<sup>487</sup> (FRANCO, 2013). Nessa atividade, os estudantes escolhiam temas livres e formavam grupos de pesquisa, o que resultou no **Seminário: Língua e Cultura Kokama: ação e interação** realizado em março de 2014 na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), articulado pela Prof.<sup>a</sup> Ligiane P. dos Santos Bonifácio. Os temas apresentados pelos Kokama no seminário foram os seguintes:

- ◆ Ervas Medicinais;
- ◆ Culinária;
- ◆ Horta, Roça, Agricultura;
- ◆ Pescaria;
- ◆ Música e dança;
- ◆ Lendas, histórias, literatura

Com a experiência que tivemos com essas duas disciplinas a distância, pudemos constatar uma gama de possibilidades de interações, em que o AVA proporciona muitas vantagens para a aprendizagem da língua Kokama, considerando a participação de pessoas de diversas comunidades. Observamos que a presença de um tutor presencial em cada região contribui para as interações e para a aprendizagem colaborativa. Faz-se importante investir na formação e capacitação de professores e tutores indígenas Kokama para assim poderem, com autonomia, desenvolver metodologias relacionadas à educação diferenciada no âmbito da EaD.

Analisaremos, a seguir, três redes que foram desenvolvidas ou estimuladas a partir das disciplinas a distância: Rede de professores de Língua Kokama a distância, Rede três colegas e Rede Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama:

### **Rede de professores de Língua Kokama a distância**

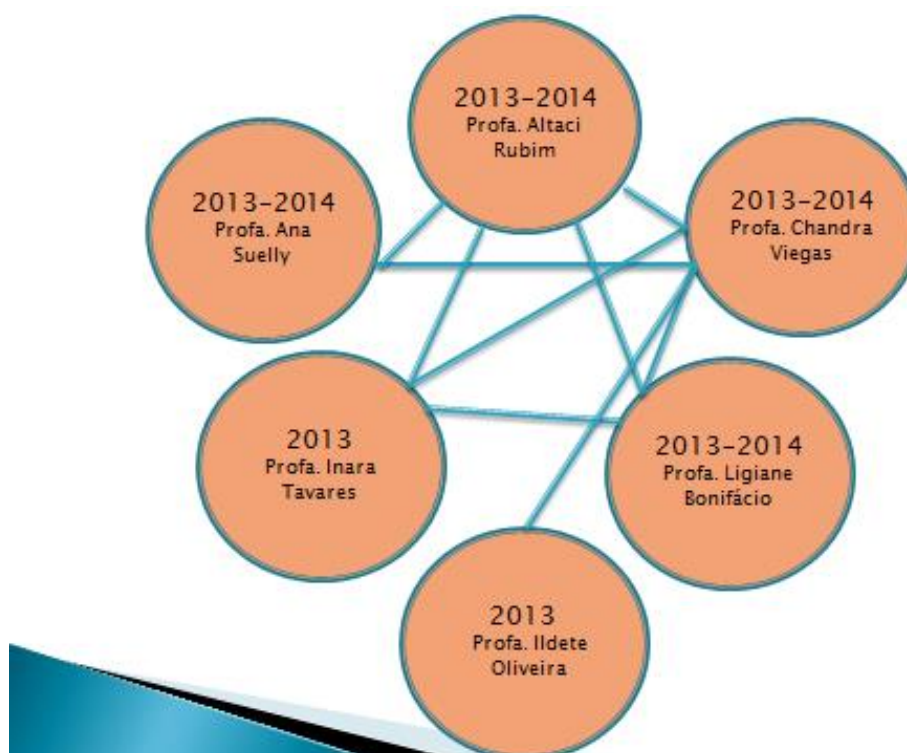
O desenvolvimento do AVA junto aos Kokama foi realizado também pela “aprendizagem em rede” com a participação ativa dos estudantes e pela rede de professores de língua Kokama nos cursos a distância do AVA <aprender.unb.br>, a saber: Ana Suelly Arruda C. Cabral (professora responsável), Chandra Wood Viegas (professora auxiliar e

---

<sup>487</sup> FRANCO, Augusto de. Para configurar ambientes de cocriação interativa. 2013. Disponível em: < <http://net-hcw.ning.com/page/para-configurar-ambientes-de-cocriacao-interativa> > Acesso em: 12 set. 2013.

tutora), Altaci Corrêa Rubim (professora auxiliar e tutora), Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio (professora auxiliar e tutora), Inara do Nascimento Tavares (professora auxiliar e tutora), Ildete Freitas Oliveira (professora auxiliar e tutora) (Fig. 74).

Figura 74 - Rede de professores de Língua Kokama a distância. 2013-2014.



Fonte: elaborada pela autora.

### Rede “três colegas”

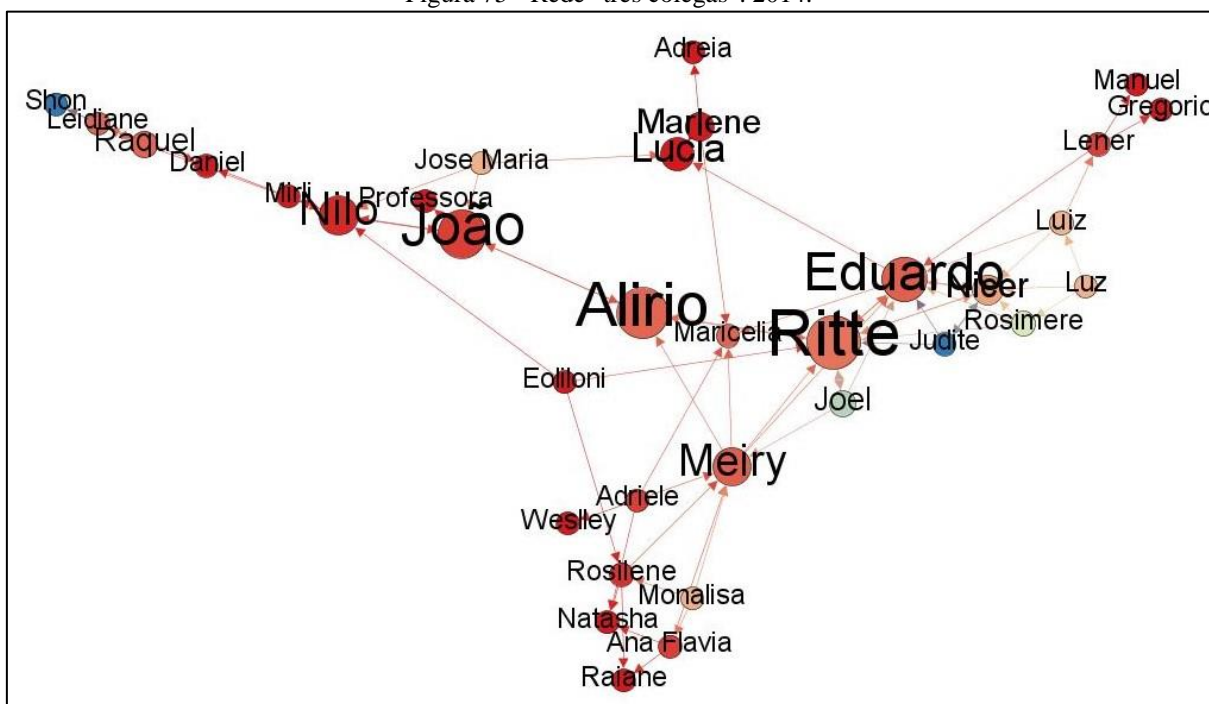
O estudo sociométrico de Guimarães (1972, apud BORTONI-RICARDO, 2011, p. 89) envolveu “a integração comunicativa”, a qual foi medida por meio das escolhas, em que cada pessoa indicava os três melhores amigos com quem mais conversava. Tais escolhas representavam laços de amizade informal. Nesse sentido, os laços de amizade foram vistos por Guimarães (1972) como indicativos de “canais ativos de comunicação”. Com base nesse estudo desenvolvemos uma pesquisa sociométrica<sup>488</sup> voltada para os estudantes Kokama do curso a distância “Aprendizagem de língua e cultura Kokama: interação e criação”, na qual

<sup>488</sup> Ver. A pesquisa sociométrica completa no capítulo 5.

havia uma questão com o seguinte direcionamento para a escolha de laços: “Indique três nomes de colegas da turma que você conversaria mais na língua Kokama”<sup>489</sup>.

A partir das escolhas dos estudantes referentes a essa questão da pesquisa sociométrica, foi possível conferir os “canais ativos de comunicação” (GUIMARÃES, 1972), os quais podem contribuir para a aprendizagem da língua Kokama. Os demais canais que não apareceram ativos nas escolhas podem ser, ao mesmo tempo, estimulados de alguma forma pelo professor. Tais escolhas representam um determinado momento. As relações e interações não são estáticas, o que poderia trazer outros resultados se for feita outra análise sociométrica em outras condições. A imagem da “rede três colegas” foi criada para melhor visualização, por meio do software *Gephi 0.8.2*. Esta rede mostra os vínculos entre os estudantes (Fig. 75).

Figura 75 - Rede "três colegas". 2014.



Fonte: elaborada por Chandra W. Viegas e Renato Fabbri. Brasília 2014<sup>490</sup>. Data: 21/05/2014. Visualização: *Gephi 0.8.2*

Nota: A Rede "três colegas" foi elaborada com base na questão “Indique três nomes de colegas da turma que você conversaria mais na língua Kokama” da Pesquisa Sociométrica (VIEGAS, 2014b).

A “rede três colegas” contém 34 nós (estudantes) e 70 arestas (vínculos), sendo que a professora da turma de apoio presencial da disciplina também foi escolhida por estudantes. Considerando que foram 24 estudantes que responderam à pesquisa, os demais escolhidos (10 estudantes) para conversação não estavam presentes neste dia da pesquisa, mesmo assim foram indicados pelos colegas. Interessante observar que a maioria dos colegas que foram

<sup>489</sup> Ver a porcentagem de escolhas na pesquisa sociométrica, Capítulo 5.

<sup>490</sup> **Rede Três colegas** do curso a distância Aprendizagem de língua e cultura Kokama: interação e criação  
Date: 21/05/2014. Program: Gephi 0.2.8. Tamanho betwe. Clust. Direcionada rótulos.

mais indicados para conversação se consideraram como “lembrantes” numa outra questão da mesma pesquisa sociométrica. O que pode indicar a maior busca por aqueles que conhecem a língua Kokama e/ou escolha devida a laços afetivos. A densidade da “rede três colegas” pode ser medida utilizando a fórmula de Barnes (1972):

$$D = \frac{200a}{n(n-1)} \quad (1)$$

$$D = \frac{200 \times 70}{34(34-1)} = 12,47\% \quad (2)$$

### **Rede Aprendizagem colaborativa de Língua e Cultura Kokama**

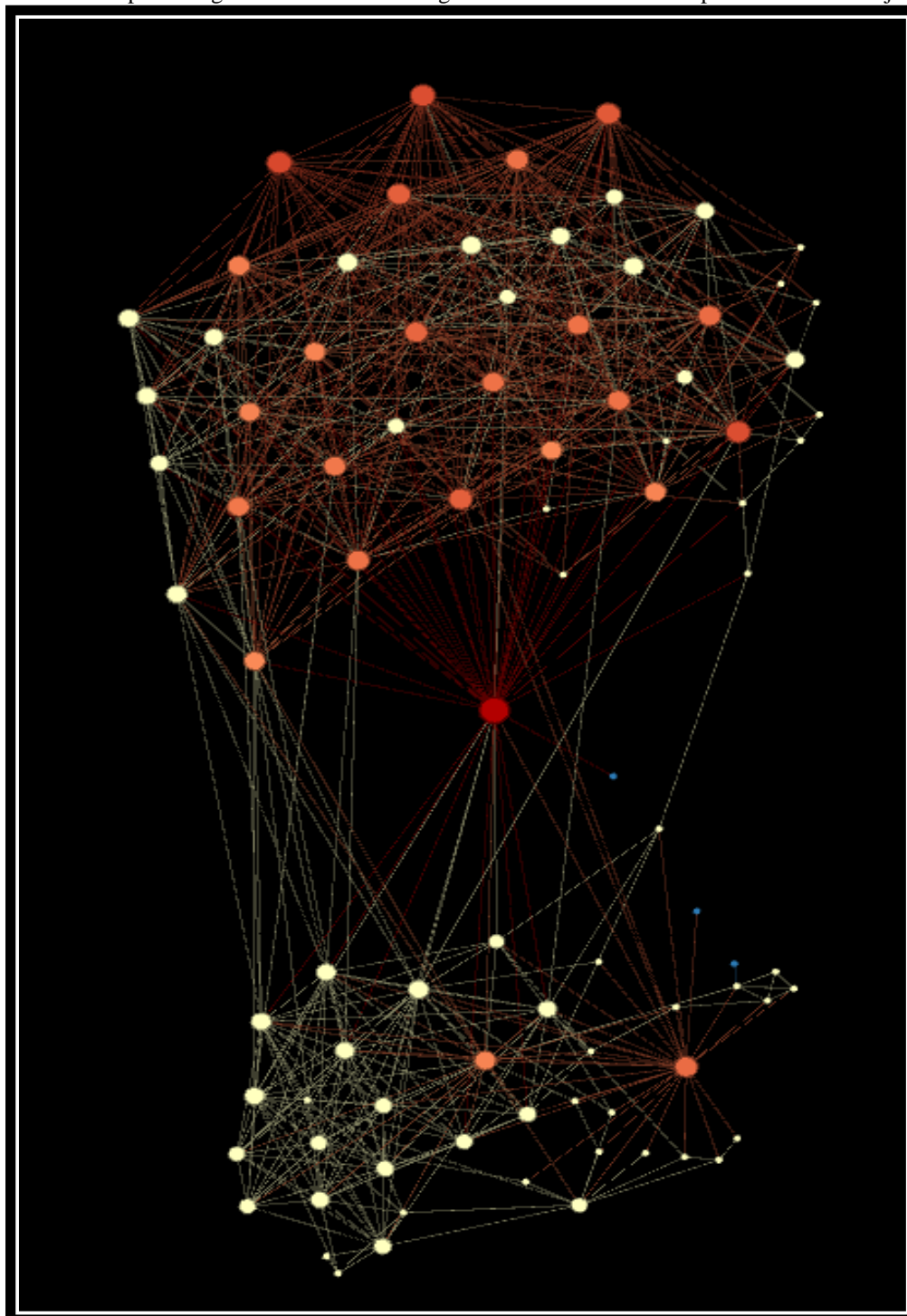
A observação das entidades em rede é funcional para o planejamento linguístico de fortalecimento. Por exemplo, os caminhos das relações podem ser aproveitados para propósitos interativos. As redes sociais têm deixado vestígios relevantes para estas análises que podem, por exemplo, auxiliar no desenvolvimento de plataformas interativas de aprendizagem em rede, nas quais se pode projetar os caminhos e *links* de forma a facilitar as interações livres entre os agentes. As redes podem ser de interação, de parentesco, de amizade, etc. As análises<sup>491</sup> apresentadas a seguir referem-se ao grupo do *Facebook* “Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama”<sup>492</sup>, criado em 2013 para auxiliar nas interações dos participantes das disciplinas a distância e compartilhar experiências de fortalecimento. Esta é uma rede de amizades (Figuras 76 e 77).

---

<sup>491</sup> As análises dos grafos da “Rede Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama” contaram com a colaboração de Renato Fabbri, doutorando do Instituto de Física de São Carlos, Universidade de São Paulo (IFSC/USP). Renato Fabbri indicou as análises possíveis das comunidades *on-line* voltadas para a cultura Kokama usando os programas *Gephi* e *Netvizz*. Depois revisou os resultados, indicando alterações.

<sup>492</sup> Grupo do *Facebook* inicialmente chamado de “Kokama”.

Figura 76 - Rede Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama. Grupo do Facebook. 6 jun. 2014.

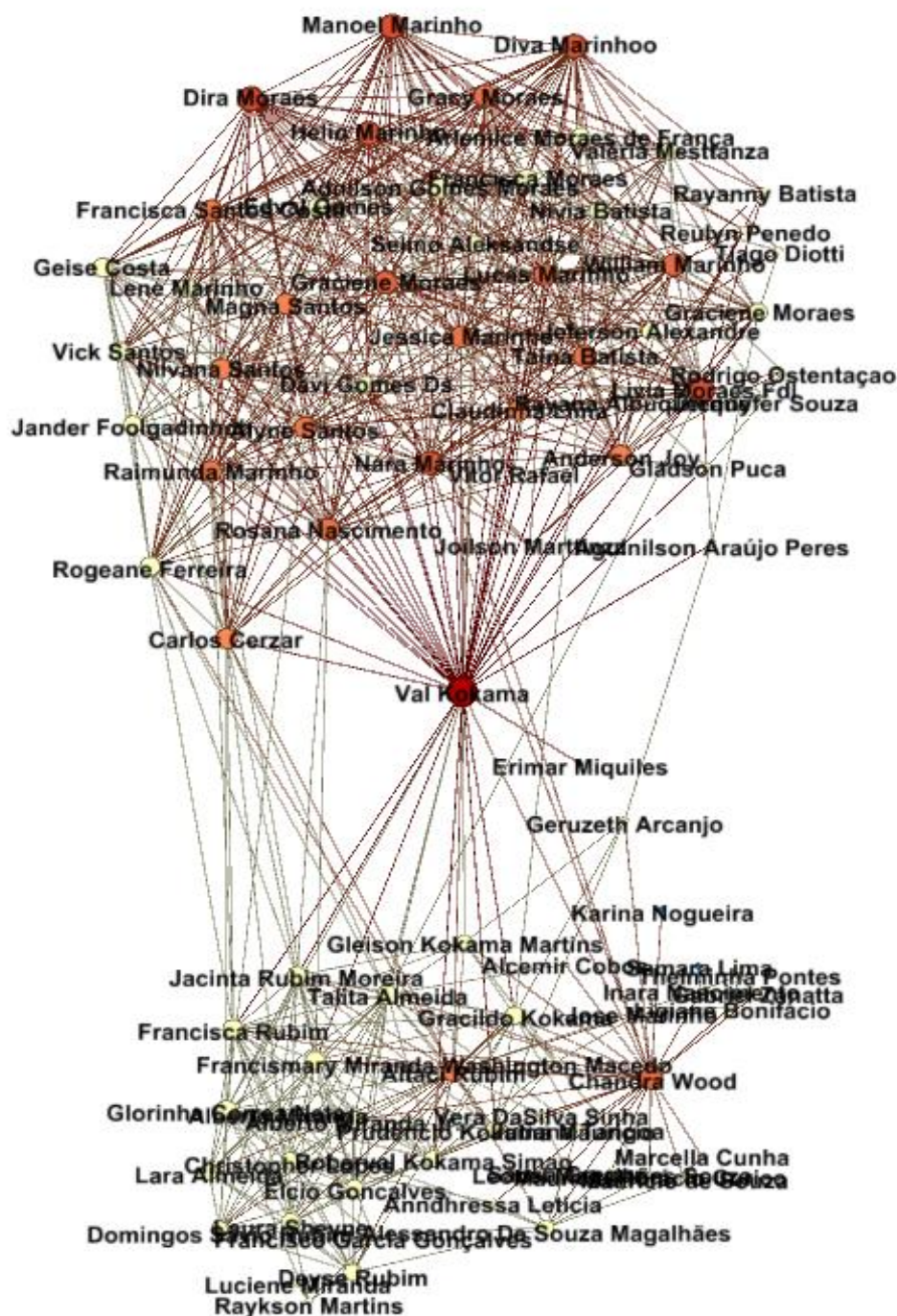


Fonte: Rede de amizades do grupo do Facebook - Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama. Elaboração: Chandra W. Viegas e Renato Fabbri. Brasília. 6 de junho de 2014<sup>493</sup>. Visualização: *Gephi 0.8.2*

<sup>493</sup> Facebook group: Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama. Date: 06/06/2014. Program: netvizz v1.0. Friendship connections: download: 89 nodes, 707 edges. Classification: degree.



Figura 77 - Rede Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama (com nomes dos agentes). Grupo do Facebook. 6 jun. 2014.



Fonte: Rede de amizades do grupo do Facebook - Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama. Elaboração: Chandra W. Viegas e Renato Fabbri. Brasília. Data: 06/06/2014<sup>494</sup>. Visualização: *Gephi 0.8.2*

<sup>494</sup> Facebook group: Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama. Date: 06/06/2014. **Program:** **netvizz v1.0**. Friendship connections: download: 89 nodes, 707 edges. Classification: degree

Informações gerais da rede de amizades do grupo **Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama**: Números de nós: 89; Números de arestas: 707 e diâmetro igual a 5. Os nós representam as pessoas e as arestas representam as conexões de amizade entre as pessoas. O diâmetro representa a maior distância de grafo entre dois nós quaisquer da rede, ou seja, quão separados estão os dois nós mais distantes. Portanto, para se chegar ao nó mais distante (menos conectado) dessa rede, é preciso passar por 5 nós (pessoas). O raio é igual a 3.

Apresentamos algumas análises de redes que podem ser aplicadas a grupos. Foi utilizado o aplicativo *netvizz v1.0* para capturar os dados e o *software Gephi 0.8.2*<sup>495</sup> para visualização do gráfico, geração de rede por classificação e exportação de imagem. Foram analisadas as seguintes características: **Grau**, **Centralidade de intermediação** (*betweenness centrality*), **Coefficiente de clusterização** (*clustering coefficient*) e **Densidade**.

O **grau** refere-se aqui à quantidade de conexões de amizade de cada pessoa que está no grupo, sendo que todas as pessoas que estão interligadas fazem parte do grupo. O grau médio dessa rede possui o valor de: 15,888. Ou seja, a média da rede é de 15 amigos dentro do grupo, por pessoa. Segue a Tab. 11 com os valores detalhados.

Tabela 11 - Grau da rede Aprendizagem de língua e cultura Kokama. 6 jun. 2014.

<b>Grau da rede Aprendizagem de língua e cultura Kokama</b>	
Quantidade de nós	Variação de valores na quantidade de conexões com os demais nós
10	48 a 30
12	29 a 26
9	25 a 22
10	21 a 18
9	17 a 13
7	12 a 8
8	7 a 6
13	5 a 4
8	3 a 2
3	1

Fonte: elaborada pela autora com base nos dados obtidos no *Gephi 0.8.2* em 6 de junho de 2014.

Nota: Leia-se 10 nós (pessoas) possuem de 48 a 30 amigos na rede e assim por diante.

A **Centralidade de intermediação** (*betweenness centrality*) “mede a frequência com que o nó aparece nos caminhos mais curtos entre nós da rede” (*Gephi 0.8.2*). Com essa medida é possível conferir aqueles nós que são mais “centrais” quanto ao critério de intermediação. No caso dessa análise há dois nós mais centrais (Tab. 12).

<sup>495</sup> Com base no Tutorial Quick start do Gephi. Disponível em: <[http://gephi.org/tutorials/gephi-tutorial-quick\\_start.pdf](http://gephi.org/tutorials/gephi-tutorial-quick_start.pdf)> Acesso em 10 de junho de 2014

Tabela 12 - Centralidade de intermediação da rede Aprendizagem de língua e cultura Kokama. 6 jun. 2014.

<b>Centralidade de intermediação da rede Aprendizagem de língua e cultura Kokama</b>	
Quantidade de nós	Varição de valores de Centralidade de intermediação
2	963 e 957
6	276 a 177
12	137 a 57
19	53 a 19
15	17 a 8
18	7 a 1
13	0,821 a 0,037
9	0

Fonte: elaborada pela autora com base nos dados obtidos no *Gephi 0.8.2* em 6 de junho de 2014.

**Coefficiente de clusterização (clustering coefficient)** é uma medida que mostra o agrupamento dos nós em um gráfico, a qual serve para a detecção de comunidades. O coeficiente de clusterização médio dessa rede é de 0,685. A Tab. 13 apresenta as medidas encontradas nessa rede.

Tabela 13 - Coeficiente de clusterização da rede Aprendizagem de língua e cultura Kokama. 6 jun. 2014.

<b>Coeficiente de clusterização da rede Aprendizagem de língua e cultura Kokama</b>	
Quantidade de nós	Varição de valores para Coeficiente de clusterização
6	1
8	0,978 a 0,857
6	0,846 a 0,813
13	0,81 a 0,743
6	0,722 a 0,7
18	0,686 a 0,63
11	0,623 a 0,574
11	0,564 a 0,447
5	0,418 a 0,293
2	0,236 e 0,189
3	0

Fonte: elaborada pela autora com base nos dados obtidos no *Gephi 0.8.2* em 6 de junho de 2014.

A **densidade** mede o quão o grafo está de ser completo. Um grafo completo tem todas as arestas possíveis e densidade igual a **1** (um). Conforme a fórmula de Barnes (1969) supracitada, a densidade da rede **Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama** é 0,181, considerando que essa rede possui 89 agentes e 707 laços de amizade (arestas) no dia 6 de junho de 2014. O grafo completo da rede Aprendizagem de língua e cultura Kokama teria o número máximo de arestas de **3.916**, em que cada nó (pessoas) se ligaria a todos os nós da rede. Esse valor representa a potencialidade de criação de laços de amizade dentro da rede.

### **Análises relacionais**



A rede possui seis nós com valor mais alto (valor igual a 1 (um)) no coeficiente de clusterização, sendo que esses nós não são os de grau mais conectado (maior grau). Dentre os nós mais conectados há valores menores para clusterização, variando entre 0,686 e 0,189, sendo que este último valor está também relacionado a um dos nós mais centrais. Três nós apresentam clusterização com valor igual a zero. Vejamos alguns valores relacionais na Tab. 14.

Tabela 14 - Análises relacionais da rede Aprendizagem de língua e cultura Kokama. 6 jun. 2014.

<b>Análises relacionais da rede Aprendizagem de língua e cultura Kokama</b>		
Nós	Grau	Centralidade de intermediação
altaci	26	276,036
francisca	27	7,2
raimunda	28	45,063
alyne	28	63,201
taina	29	77,795
rosana	29	57,093
lucas	29	21,685
gracy	29	17,905
jessica	29	21,071
william	30	74,649
chandra	30	957,767
graciene	31	188,601
nara	32	232,458
helio	32	21,603
diva	33	46,659
livia	35	196,181
manoel	35	36,673
dira	36	30,92
val	48	963,68

Fonte: elaborada pela autora com base nos dados obtidos no *Gephi 0.8.2* em 6 de junho de 2014.

Com base na Tab. 14, observamos que os graus maiores nem sempre coincidem com os maiores valores de centralidade de intermediação. Os agentes mais conectados têm a centralidade de conexão (grau) mais forte. Já os agentes com maior centralidade de intermediação têm mais centralidade como intermediadores. Estas discrepâncias mostram as diferentes formas de ser central que os participantes podem assumir.

### **Reflexões sobre grupos do *Facebook***

Cria-se um grupo<sup>496</sup> no *Facebook* (site e serviço de rede social) para juntar pessoas com interesses comuns. Muitos desses grupos são como grupos de discussão em que cada membro contribui e interage quando assim deseja. Há a possibilidade de incluir fotos, e arquivos, além das postagens no mural principal. Quem cria o grupo, automaticamente fica sendo o seu administrador, podendo posteriormente passar esta função a outro membro ou indicar outros membros para exercerem esta função em conjunto. Nesse sentido, quando se trata de fortalecimento de língua e cultura, consideramos a importância de se ter uma equipe de administradores e não apenas um, para assim contribuir para a interação. Quanto ao grupo ser aberto (qualquer um pode ver as publicações) ou fechado (apenas quem é do grupo pode ver as publicações) a escolha pode ser feita pelos criadores ou pelos membros. O nome de um grupo, referindo a uma língua indígena, se for, por exemplo, para fins específicos como a aprendizagem, pode ser melhor não usar um nome geral referente à língua, como “Kokama”, por exemplo, mas usar um nome (título) mais específico como, por exemplo: “Aprendizagem colaborativa de língua e cultura kokama”, ou “Jovens comunicadores kokama”, ou “Kokama Kakiri”, ou “Cosmovisión Kukama”, como são os nomes de algumas páginas e grupos do *Facebook* que buscam valorizar a língua e a cultura Kokama. Essa observação não busca restringir a interação e nem criar grupos isolados, mas sim incentivar a criação de diversos grupos, que seriam comunidades de interesses que geram a diversidade de discussões. Isso pode ser pensado, pois alguns povos indígenas podem ter várias comunidades geográficas e virtuais com diversos interesses e parcerias diferentes. Mas a escolha do nome fica a critério do(s) criador(es) do grupo. Já quando a página é de uma associação ou organização indígena, normalmente é usado como título o próprio nome destas. Uma combinação de alguma palavra com nome geral indígena pode surtir mais efeito na comunicação que se deseja fazer, como por exemplo, Luta Tupinambá<sup>497</sup>, com 511 curtidas, Campanha Tupinambá<sup>498</sup>, com 1.033 curtidas, Somos Gurani Kaiawá, com 4.609<sup>499</sup> curtidas. As curtidas referem-se ao ato de “curtir” uma página ou comunidade que seja do interesse da pessoa, assim ela passa a acompanhar o que vem sendo publicado.

A campanha “Somos Todos Guarani Kaiowa” – *hashtags*: “#SouGuaraniKaiowa”/ “#SomosTodosGuaraniKaiowa” - gerada após a publicação de uma carta dos índios Guarani-

<sup>496</sup>Noções básicas de grupo. Central de Ajuda do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/167970719931213>>. Acesso em 20 jul. 2014.

<sup>497</sup>Luta Tupinamba. Disponível em: <<https://www.facebook.com/LutaTupinamba>>. Acesso em 20 jul. 2014.

<sup>498</sup>Campanha Tupinambá. Disponível em: <<https://www.facebook.com/campanhatupinamba>>. Acesso em 20 jul. 2014.

<sup>499</sup>Somos Gurani Kaiawá. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SomosGuaraniKaiowa>>. Acesso em 20 jul. 2014.

Kaiowá do Mato Grosso do Sul, Brasil, sobre os problemas criados pela pedida de despejo de suas terras, surtiu muitos efeitos no ano de 2012 em que as pessoas começaram a incluir “*Guarani Kaiowa*” ao seu nome do *Facebook* como forma de apoio à campanha, como comenta Brum (2012).

A partir dessa rede de pressão, as instituições – governo federal, congresso, judiciário etc – foram obrigadas a colocar a questão na pauta. Depois de dias, em alguns casos semanas, a imprensa repercutiu o que ecoava nas redes. Alguns dos grandes jornais enviaram repórteres para a região, colonistas escreveram artigos com diferentes pontos de vista. O movimento de adesão à causa guarani caiová nas redes sociais – sua articulação, significados e consequências – é um fenômeno fascinante. E, por sua força e novidade, traz com ele uma série de questões que possivelmente precisem de muito tempo para serem respondidas – e que não têm uma resposta só. Esta coluna se propõe a pensar a principal marca desse movimento: a adesão pelas *hashtags* “#SouGuaraniKaiowa”/ “#SomosTodosGuaraniKaiowa” e pelo acréscimo de “Guarani Kaiowa” ao primeiro nome das pessoas no Twitter e no Facebook. Exemplo: “Luísa Molina Guarani Kaiowa”. *Hashtag* é, na prática, uma espécie de slogan usado para marcar uma posição compartilhada e replicada, indexada pelos mecanismos de busca e medida nos “trending topics” (frases mais publicadas) do Twitter. Sempre começa por “#” e não admite separação das palavras. Nas redes sociais, a grafia de guarani caiová obedece à forma como os indígenas escrevem a sua língua no cone sul – com “k” e “w”, em vez de “c” e “v” (BRUM, 2012)<sup>500</sup>.

As interações no grupo “Aprendizagem colaborativa de língua e cultura Kokama” têm sido importantes para o fortalecimento da língua e da cultura kokama, pois houve o compartilhamento de fotos, textos, músicas, vídeos, materiais, entrevistas, conversas, etc. Foram feitos alguns contatos entre os participantes que se conheceram no grupo.

O *Facebook* tem sido usado por pessoas que buscam revitalizar línguas, como os exemplos supracitados e a página da língua Tongva<sup>501</sup>, que era falada na Califórnia, mas há cerca de 50 anos não vem sendo usada<sup>502</sup>. Nessa página é introduzido um áudio de uma nova palavra, de uma frase ou de uma música por dia.

#### 7.2.4.3 Biblioteca digital/virtual e acervos digitais

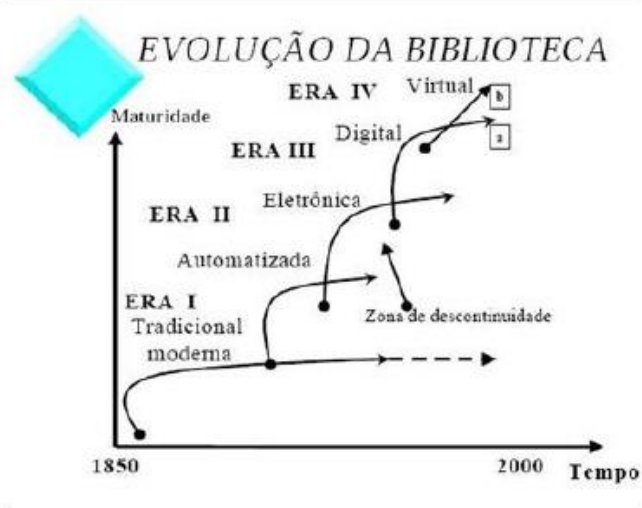
<sup>500</sup> Sobrenome: “Guarani Kaiowa”. Eliane Brum. Revista Época, Globo.com. 26/11/2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/11/sobrenome-guarani-kaiowa.html>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>501</sup> TongvaLanguage. Disponível em: <<https://www.facebook.com/TongvaLanguage>>. Acesso em 20 jul. 2014.

<sup>502</sup> Social media used to revive extinct language. Disponível em: <<http://phys.org/news/2014-07-social-media-revive-extinct-language.html>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

As formas para se armazenar e compartilhar o conhecimento ficaram mais dinâmicas com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs). Com isso as bibliotecas passaram a investir em meios mais acessíveis e interativos. Há controvérsias quanto aos conceitos de “biblioteca digital”, “biblioteca virtual” e “repositórios”, as quais parecem ser devido ao aceleramento da criação de novos *softwares*, aplicativos, etc., cujos sistemas de “armazenamento” e “busca” mudam ou se aprimoram constantemente. Percebemos também um uso não padronizado destes termos em nomes de bibliotecas em diversos países. Entretanto há estudos na literatura onde podemos encontrar tais definições. Andrade-Pereira (2009)<sup>503</sup> apresenta o modelo (Fig. 78) de “Evolução da Biblioteca” de Cunha (2000):

Figura 78 - Evolução tecnológica da biblioteca (CUNHA, 2000)

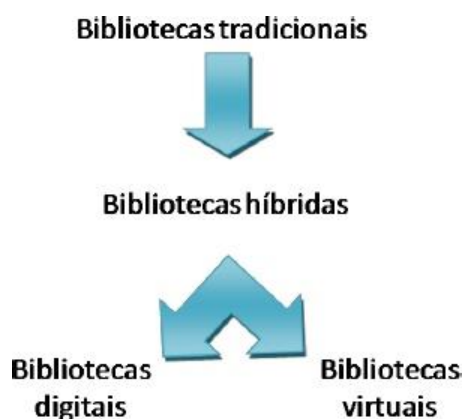


Fonte: Reproduzido de Cunha, 2000, p. 75, apud Andrade-Pereira, 2009, p. 113.

Andrade-Pereira (2009), em seu estudo, resume a evolução tecnológica das bibliotecas no seguinte modelo (Fig. 79):

Figura 79 - Evolução das bibliotecas (ANDRADE-PEREIRA, 2009)

<sup>503</sup> Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/66713089/Bibliotecas-digitais-e-virtuais-no-contexto-da-EaD-produtos-e-servicos-on-line-para-usuarios-remotos>> Acesso em 20 set.2012.



Fonte: Andrade-Pereira (2009, p. 112)

No Quadro 31 apresentamos os tipos de bibliotecas abordados por Andrade-Pereira (2009).

Quadro 31 - Tipos de bibliotecas (ANDRADE-PEREIRA, 2009)

Tipos de Bibliotecas (ANDRADE-PEREIRA, 2009)	
<b>Biblioteca Tradicional</b>	“coleção de livros organizados a partir de uma classificação do conhecimento humano, inserida em um ambiente físico” (MARQUES, 2009, p. 19, apud ANDRADE-PEREIRA, 2009, p. 114).
<b>Biblioteca Híbrida</b>	“aquela que possui a estrutura física com acervo e serviços, onde o usuário pode locomover-se fisicamente até o local para desfrutar dos documentos e serviços de informação ou ele também pode acessar no meio digital os catálogos <i>on-line</i> remotamente e desfrutar de alguns serviços como o de renovação e o de reserva de materiais. No entanto, esse tipo de biblioteca não disponibiliza o acesso aos documentos em texto completo” (ANDRADE-PEREIRA, 2009, p. 117).
<b>Biblioteca Digital</b>	“é entendida como aquela que possui, além do acervo físico, o acervo digital em texto completo para consulta, além de serviços oferecidos remotamente” (ANDRADE-PEREIRA, 2009, p. 119).
<b>Biblioteca Virtual</b>	“é aquela disponibilizada na <i>web</i> , com acesso via internet e que possui o seu acervo com acesso a textos completos e serviços prestados remotamente, sem a presença de um local físico para consulta do usuário. Há muitas controvérsias sobre a real definição de bibliotecas virtuais, pois elas ainda se confundem com o conceito de bibliotecas digitais” (ANDRADE-PEREIRA, 2009, p. 122).

Fonte: Andrade-Pereira (2009, p. 114-122).

Andrade-Pereira acrescenta mais um tipo de biblioteca, a **biblioteca 2.0**, a qual seria um “resultado da biblioteca virtual incrementada com ferramentas de comunicação e informação da *web*” (CAMPOS, 2007, p. 2, apud ANDRADE-PEREIRA, 2009, p. 122). Há diversas vantagens nesse tipo de biblioteca que podem auxiliar na EaD, como por exemplo, a permissão para que os usuários também mudem a biblioteca e possam ter interação com o bibliotecário, utilizando-se, acima de tudo, dos recursos da *Web 2.0*. Como vimos no capítulo 4 os recursos da *Web* vêm se desenvolvendo e assim novas formas de acesso e interação vêm sendo criadas.

Lévy (1999, p.64) resume as diferentes dimensões da comunicação ligadas à cibercultura que podem auxiliar na criação de bibliotecas e acervos interativos (Quadro 32).

Quadro 32 - Diferentes dimensões da comunicação (LÉVY, 1999)

<b>Diferentes dimensões da comunicação (LÉVY, 1999, p.64)</b>		
	Definição	Exemplos
Mídia	Suporte de informação e de comunicação	Impressos, cinema, rádio, televisão, telefone, CD-ROM, Internet (computadores + telecomunicação) etc.
Modalidade perceptiva	Sentido implicado pela recepção da informação	Visão, audição, tato, odor, gosto, cinestesia.
Linguagem	Tipo de representação	Línguas, músicas, fotografias, desenhos, imagens animadas, símbolos, dança, etc.
Codificação	Princípio do sistema de gravação e de transmissão das informações	Analógico, digital
Dispositivo informacional	Relações entre elementos de informação	Mensagens com estrutura linear (textos clássicos, música, filmes)/Mensagens com estrutura em rede (dicionários, hiperdocumentos)/Mundos virtuais (a informação é o espaço contínuo; o explorador ou seu representante estão imersos no espaço)/Fluxos de informações
Dispositivo comunicacional	Relação entre os participantes da comunicação	Dispositivo um-todos, em estrela (imprensa, rádio e televisão)/ Dispositivo um-um, em rede (correio, telefone)/Dispositivo todos-todos, no espaço (conferências eletrônicas, sistemas para ensino ou trabalho cooperativo, mundos virtuais com diversos participantes, WWW)

Fonte: reproduzido de Lévy (1999, p.64).

A seguir apresentamos alguns exemplos de bibliotecas, acervos e repositórios digitais. O Projeto *Gutenberg* foi criado em 1971 por *Michael Hart*, sendo “a primeira biblioteca digital do mundo, desenvolvida para viabilizar uma coleção de livros eletrônicos gratuitos a partir de volumes físicos e com direitos autorais livres”<sup>504</sup>, devido ao seu caráter de acesso livre e domínio público.

Um projeto mais atual, criado em 2000, é a *Greenstone Digital Library software*. Conforme sua página<sup>505</sup>, essa biblioteca é um *software* multilíngue - *open-source*, emitida nos termos da Licença Pública Geral (GNU) - para construir e distribuir coleções de bibliotecas digitais. O *software* é produzido pelo projeto *New Zealand Digital Library* na *University of Waikato* e desenvolvido e distribuído em cooperação com a Unesco e

<sup>504</sup> Projeto *Gutenberg*. Disponível em: <<http://revolucaoebook.com.br/quarenta-anos-livro-digital/>> Acesso em: 20 set. 2012.

<sup>505</sup> *Greenstone Digital Library software*. Disponível em:< <http://www.greenstone.org/>> Acesso em: 20 set. 2012.

a *Human Info NGO*. Foi inicialmente desenvolvido para os indígenas Maori da Nova Zelândia.

Consta na página da *Greenstone* que o objetivo do projeto é capacitar usuários - universidades, bibliotecas e outras instituições de serviço público - para que eles construam as suas próprias bibliotecas digitais, mostrando assim, a preocupação com as implicações sociais do uso de tecnologias da informação e comunicação. Diversas bibliotecas digitais já foram criadas no mundo utilizando esse *software*, como se pode ver na publicação da Unesco *Greenstone: Un software libre de código abierto para la construcción de bibliotecas digitales. Experiencias en América Latina y el Caribe*<sup>506</sup>. No Brasil, a pesquisadora que vem tendo experiência com Bibliotecas digitais, como o *software* livre *Greenstone*, é a Claudia Wanderley<sup>507</sup>, a qual escreveu a seção que fala das experiências no Brasil nessa publicação da Unesco, intitulada “Bibliotecas digitais multilingues: uma proposta inclusiva”.

Outra iniciativa que busca o compartilhamento de conhecimentos por meio de biblioteca virtual é a iniciativa pessoal de Qullana Qhapaq Amaru que em sua página do *Facebook* fez a seguinte postagem:

Desde hace 8 años colecciono e-Books, también fotocopié y escanee innumerables archivos antiguos de la Biblioteca Nacional. Durante 2 años iba todos los días a la B.N para poder avanzar en mis investigaciones sobre el mundo andino. Acabo de contabilizar que tengo 17,485 libros en 126GB de peso. Tengo más libros de los que podré leer en toda mi vida (Lo cual me apena, amo leer y siempre agrego mas libros a la lista). La razón por la que escribo es porque estoy pensando hacer Mi Biblioteca Virtual de acceso público para que todos puedan acceder a los e-Books. Pienso que el acceso a la educación y la cultura es un derecho universal. Pero a la vez tengo dudas de si esto sea una buena idea. Les pido sus opiniones al respecto. O pueden dar su aprobación mediante un like. Si llegamos a 100 likes subiré mi Biblioteca Virtual a la nube para que lo puedan leer online (Mi Biblioteca Virtual. Qullana Qhapaq Amaru, 15 de agosto de 2014 às 13:14. Página pessoal do Facebook<sup>508</sup>)

A postagem de Qullana Qhapaq Amaru recebeu 310 curtidas (likes), 15 compartilhamentos e 104 comentários. Dada à reciprocidade de interesses Amaru criou um

<sup>506</sup> Greenstone: Un software libre de código abierto para la construcción de bibliotecas digitales. Experiencias en América Latina y el Caribe. Unesco. 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001887/188719s.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

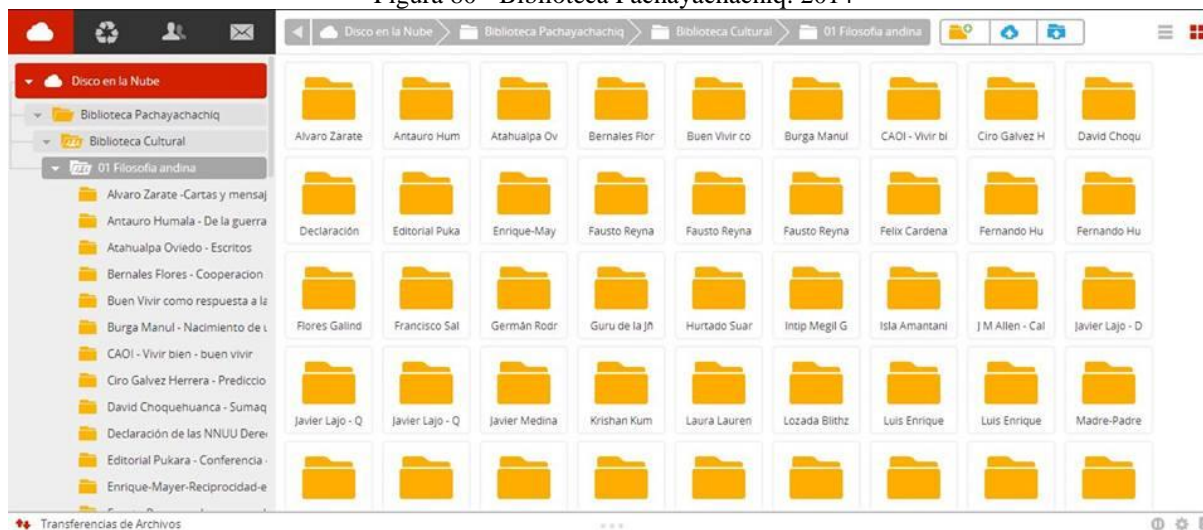
<sup>507</sup> Claudia Wanderley. Pesquisadora no Centro de Memória, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

<sup>508</sup> Mi Biblioteca Virtual. Postagem de Qullana Qhapaq Amaru, 15 de agosto de 2014 às 13:14. Página pessoal do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/qhapaq.amaru/posts/687536721340046>> Acesso em: 27 ago. 2014.

grupo no Facebook especificamente para a Biblioteca Pachayachachiq<sup>509</sup>, considerada por ele como uma biblioteca virtual comunitária de acesso livre à cultura andina.

Amaru organizou e compartilhou a biblioteca no servidor *Mega*<sup>510</sup> (Fig. 80).

Figura 80 - Biblioteca Pachayachachiq, 2014



Fonte: Publicação de Qullana Qhapaq Amaru no grupo aberto do Facebook “Biblioteca Pachayachachiq”. 18 de agosto de 2014. Disponível em: < <https://mega.co.nz/#F!V1xwzYZS!pzNd62UY8SCaXXxE8CDndw> > Acesso em: 27 ago. 2014.

Considerando a grande busca das pessoas pela biblioteca, Amaru criou uma lista onde as pessoas podem se inscrever para receber as atualizações da Biblioteca virtual Pachayachachiq (Fig. 81).

<sup>509</sup> Biblioteca

Pachayachachiq.

Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/groups/bibliotecapachayachachiq>> Acesso em: 27 ago. 2014.

<sup>510</sup> Mega. Disponível em: < <https://mega.co.nz/#privacycompany> > Acesso em: 27 ago. 2014.



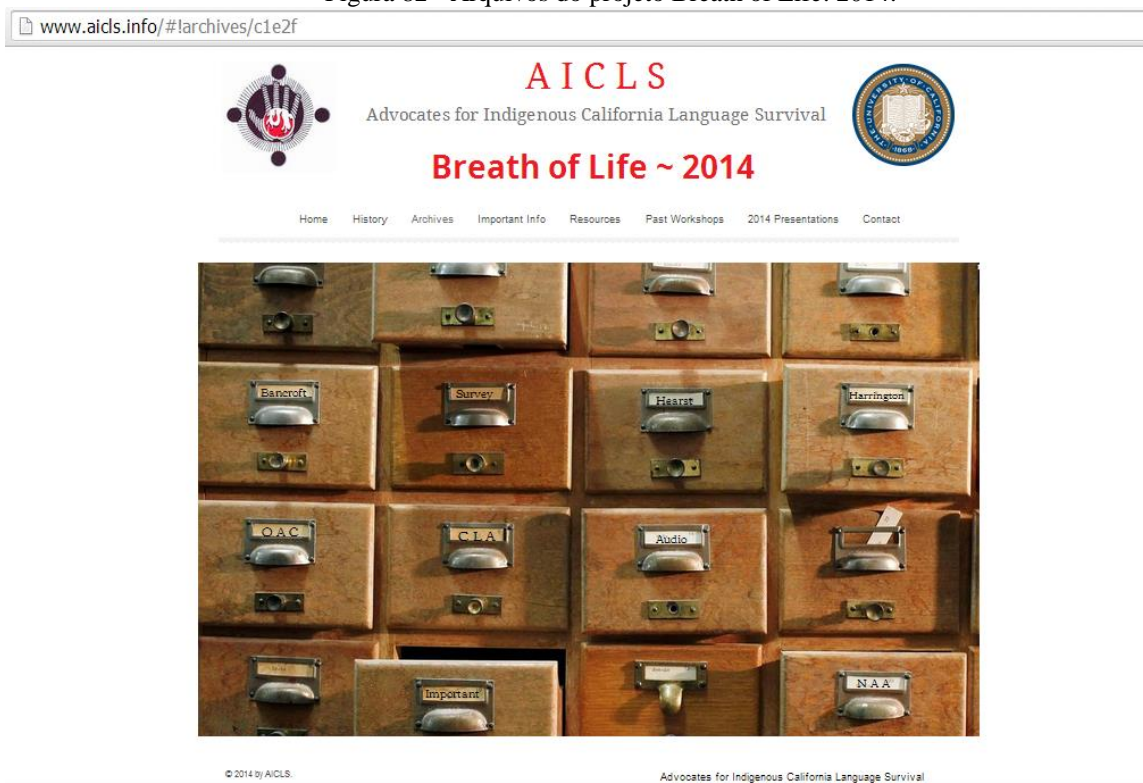
Figura 81 - Lista da Biblioteca Pachayachachiq. 2014



Fonte: Lista da Biblioteca Pachayachachiq. Disponível em: < <http://www.pachayachachiq.com/go/biblioteca/>>  
Acesso em: 27 ago. 2014.

Outro exemplo é o programa *Breath of Life* dos *Advocates for Indigenous California Language Survival* que permite acesso a acervos com o intuito de contribuir para o fortalecimento de línguas e culturas. (Fig. 82).

Figura 82 - Arquivos do projeto Breath of Life. 2014.



Fonte: Arquivos do Breath of Life. Advocates for Indigenous California Language Survival. Disponível em: <http://www.aicls.info/#!archives/c1e2f>> Acesso em: 27 jul. 2014.

Ao clicar nas “gavetinhas” virtuais (Fig. 82) pode se ter acesso aos conteúdos dos acervos. Por exemplo, quando se clica em *Audio* o usuário é encaminhado para a página do Museu de Antropologia Phoebe A. Hearst<sup>511</sup> onde contêm recursos para pesquisadores, tais como “Recursos no Museu de Antropologia Phoebe A. Hearst”, “Outros Recursos On-line”, “Resources na UC Berkeley” e “sites de Museu relacionados”.

Nos “Recursos no Museu de Antropologia Phoebe A. Hearst” são encontrados os dados de áudios que estão organizados por seções contendo as transcrições e descrições das gravações do período 1900–1949. Em “Outros Recursos On-line” se encontra o catálogo e arquivo *on-line* das línguas indígenas da Califórnia, Oeste da América do Norte e Américas (Fig. 83).

<sup>511</sup> Phoebe A. Hearst Museum of Anthropology. Disponível em: <<http://hearstmuseum.berkeley.edu/research/resources>> Acesso em: 27 jul. 2014.

Figura 83 - Arquivo *on-line* das línguas indígenas da Califórnia, Oeste da América do Norte e Américas. 2014.

← → ↻ 🏠 [cla.berkeley.edu](http://cla.berkeley.edu)

## CALIFORNIA LANGUAGE ARCHIVE

*A catalog and online archive of the indigenous languages of California, western North America, and the Americas*

Not logged in  
Log in

HOME EXPLORE COLLECTIONS ABOUT US ACCESS HELP LOGIN

Search collections

Include material only if it contains online content

Contributing repositories:  
Bancroft Library | Berkeley Language Center  
Phoebe A. Hearst Museum of Anthropology  
Survey of California and Other Indian Languages

Featured: William H. Jacobsen Washo sound recordings

From the mid-1950s to the late 1960s, William H. Jacobsen worked with Hank Pete, Roy James, and other Washo speakers to create nearly 33 hours of sound recordings, which include songs, spoken texts, and elicited vocabulary and sentences. [\[Learn more.\]](#)

Explore collections

© 2014 The Regents of the University of California. The California Language Archive is managed by the Survey of California and Other Indian Languages, Department of Linguistics, UC Berkeley

Fonte: Os Regentes da Universidade da Califórnia. O Arquivo Idioma Califórnia é gerido pela Pesquisa da Califórnia e outras línguas indígenas, Departamento de Linguística, UC Berkeley. Disponível em: <<http://cla.berkeley.edu/>> Acesso em: 27 jul. 2014.

A política de acesso aos arquivos desses repositórios segue três condições básicas de acesso, em que o depositante (linguistas, antropólogos, ou herdeiros, sendo altamente recomendada a presença de membros da comunidade para definição de acesso) do material determina qual será o tipo de condição escolhida: “acesso irrestrito”, “acesso local”, “acesso restrito”. Em geral os repositórios incentivam a escolha pelo acesso irrestrito a materiais referentes às línguas, mas às vezes é indicado utilizar o acesso restrito como no caso de canções sagradas, outros materiais culturalmente sensíveis, ou gravações de natureza pessoal<sup>512</sup>.

Na conferência *Breath of Life* de 2014 houve a participação de 62 indígenas e 40 linguistas trabalhando em conjunto para explorar os arquivos linguísticos da Universidade de Berkeley, cujo departamento de Linguística é o mais antigo da América do Norte. Nessa conferência um participante indígena confirmou a importância do programa *Breath of Life* quando relatou que a sua língua, antes adormecida, vem se revitalizando. Quando ele retornou

<sup>512</sup>O acesso a coleções. Arquivo on-line das línguas indígenas da Califórnia, Oeste da América do Norte e Américas. Disponível em: <<http://cla.berkeley.edu/access>> Acesso em: 27 jul. 2014.

a sua aldeia levando palavras que havia encontrado nos arquivos do programa e as falou com sua avó, ela o corrigiu, mostrando que poderia voltar a falar a língua (MACLAY, 2014)<sup>513</sup>.

O programa *Breath of Life* complementa o Programa de Aprendizagem de língua Mestre-Aprendiz (Master-Apprentice Language Learning Program)<sup>514</sup>. Leanne Hinton, uma das autoras bastante citada na presente tese é uma das fundadoras desses programas.

Museus que estão relacionados com os estudos de línguas indígenas no Brasil vêm também construindo e disponibilizado acervos digitais para acesso:

“[...] surgem no Brasil iniciativas para criar acervos digitais de línguas indígenas — especialmente em Museus: No Museu Paraense Emílio Goeldi<sup>515</sup> (do Ministério de Ciência e Tecnologia, MCT, em Belém do Pará), e no Museu do Índio<sup>516</sup> (da FUNAI, no Rio de Janeiro), em cooperação com pesquisadores do Museu Nacional (da Universidade Federal do Rio de Janeiro)” (PALIM, 2009)<sup>517</sup>.

O Museu Nacional localizado no Rio de Janeiro, Brasil, possui um Acervo de Línguas Indígenas<sup>518</sup>, contendo mais de sete mil itens, incluindo documentação de línguas indígenas faladas no Brasil, dentre as quais, o Arquivo Curt Nimuendajú (SOARES, 2010, p.6)<sup>519</sup>.

Outro tipo de acervo digital é o *website* **Enolingüística.org**<sup>520</sup> da Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, um repositório de informações sobre línguas indígenas sul-americanas, contendo vários tipos de materiais, tais como livros raros, artigos, dissertações e teses, e ainda uma a lista de discussão sobre línguas indígenas da América do sul, chamada **Etnolingüística**, a qual pesquisadores podem se associar gratuitamente.

<sup>513</sup> MACLAY, Kathleen. Giving the ‘Breath of Life’ to endangered languages. New Center. UC Berkeley. 5 de Agosto de 2014. Disponível em: <http://newscenter.berkeley.edu/2014/08/05/giving-the-breath-of-life-to-endangered-languages/>. Acesso em: 5 ago. 2014.

<sup>514</sup> Master-Apprentice Language Learning Program. Disponível em: <http://aicls.org/> Acesso em: 26 jul. 2014.

<sup>515</sup> Museu Paraense Emílio Goeldi. Disponível em: [http://saturno.museu-goeldi.br/lingmpep/portal/?page\\_id=476](http://saturno.museu-goeldi.br/lingmpep/portal/?page_id=476). Acesso em: 26 jul. 2014.

<sup>516</sup> Museu do Índio. Disponível em: <http://prodoclin.museudoindio.gov.br/index.php/projetos>. Acesso em: 26 jul. 2014.

<sup>517</sup> O portal de documentação Linguística (PALIM). Padrões dos acervos de Línguas Indígenas do Museu. Disponível em: <http://pubman.mpdl.mpg.de/pubman/item/escidoc:1466308:14/component/escidoc:1466460/Drude%202008%20-%20PALIM.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2014.

<sup>518</sup> O Centro de Documentação de Línguas Indígenas (CELIN) incorpora materiais textuais e sonoros das línguas indígenas faladas no Brasil, cuja base de dados pode ser acessada em: [www.minerva.ufrj.br](http://www.minerva.ufrj.br). O CELIN está Localizado no Museu Nacional/UFRJ (Setor de Linguística, Departamento de Antropologia).

<sup>519</sup> Guia de fontes e bibliografia sobre línguas indígenas e produção associada: documentos do CELIN / organizadora, Marília Facó Soares; colaboradores, Lourdes Cristina Araújo Coimbra...[et al.]. -- Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2010. 452 p. (Série Livros ; 42).

<sup>520</sup> Etnolingüística. Disponível em: <http://www.etnolingustica.org/>. Acesso em: <20 jun. 2014.

Centros, Núcleos, Laboratórios e outros órgãos que matêm pesquisas com línguas indígenas no Brasil vêm digitalizando os arquivos de pesquisas antigas, assim como criando novos arquivos digitais, constituindo acervos de línguas indígenas brasileiras, como é o caso do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) da Universidade de Brasília, Brasil. Aryon D'Igna Rodrigues, fundador do LALLI, conhecedor e incentivador dos estudos das línguas indígenas brasileiras, produziu antes do seu falecimento a Lista das línguas indígenas brasileiras<sup>521</sup> que se encontra no acervo digital do LALLI (Fig. 84).

Figura 84 - Lista das línguas indígenas brasileiras, 2013.

The screenshot shows the website interface for LALLI (Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas - IL / UnB). The main heading is 'Línguas Indígenas Brasileiras'. Below this, there is a book cover for 'Línguas Indígenas Brasileiras' by Aryon Dall'Igna Rodrigues. To the right of the cover, the following information is provided:

- Lista das *línguas indígenas brasileiras* produzida pelo Prof. Dr. **Aryon Dall'Igna Rodrigues**.
- Formato: 21 x 29,7cm
- Tipo de documento eletrônico: PDF
- Tamanho do arquivo: 6,2 Mb
- Quantidade de páginas: 29

At the bottom of the page, there are three columns of information:

- Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas**: Copyright © 1999-2013. Todos os direitos reservados. Links for História and Eventos.
- Publicações**:
  - Livros
  - Rev. Bras. de Ling. Antrop.
  - Material multimídia
- Pesquisadores**:
  - Residentes
  - Associados

Fonte: Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) da Universidade de Brasília. Lista das línguas indígenas brasileiras, 2013.

Os projetos desenvolvidos pelo LALLI envolvem a criação de diferentes formas de acervos, como audiovisuais, sonoros, textuais, musicais, etc.. Alguns exemplos de projetos coordenados pelo LALLI são “Rede de estudos, pesquisas e formação de professores pesquisadores em lingüística e educação escolar indígena”, “Consolidação da estrutura do banco de dados de línguas indígenas do Brasil e de áreas adjacentes”, “A língua Asuriní do Tocantins: projeto piloto para a metodologia geral do Inventário Nacional da Diversidade Lingüística<sup>522</sup>” e “Fortalecimento da herança lingüística e cultural dos povos nativos do Brasil: contribuição à formação de professores pesquisadores indígenas”

<sup>521</sup> RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas brasileiras. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29 p. Disponível em: <http://www.laliunb.com.br>. Acesso em: 12 jun. 2014.

<sup>522</sup> Ver cap. 3.



Jorge Domingues Lopes<sup>523</sup>, pesquisador do LALLI/UnB, desenvolveu no ano de 2013 um *software* chamado *Línguas – Banco de Dados para Documentação Linguística*. Trata-se de um programa de gerenciamento de banco de dados baseado no Microsoft Access 2010 com MS Visual Basic for Applications 7.0, cuja principal finalidade é auxiliar o trabalho de pesquisadores na documentação e análise de línguas, sobretudo de línguas indígenas brasileiras. A versão 3.9 do programa *Línguas* foi finalizada em junho de 2014.

Esse *software* (Fig. 85) pode contribuir para a autonomia de pesquisadores indígenas e não indígenas na criação de seus próprios acervos, assim como para o desenvolvimento de acervos digitais comunitários.

Figura 85 - Línguas: banco de dados para documentação linguística. 2013.



Fonte: Imagem para divulgação concedida pelo autor do programa. Copyright © 2013 Jorge Domingues Lopes.

Esse programa pode armazenar uma grande quantidade de dados em diferentes bases, tais como: Textos, Enunciados, Léxico, Elementos gramaticais e Informações sobre corpus, sons, arquivos, bibliografia e pessoas (Fig. 86).

<sup>523</sup>Jorge Domingues Lopes é professor da Universidade Federal do Pará (UFPA) e pesquisador do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília, Brasil.

Figura 86 - Opções da Área de Dados para criação de diferentes bases do programa Línguas: banco de dados para documentação linguística



Fonte: Imagem para divulgação concedida pelo autor do programa. Copyright © 2013 Jorge Domingues Lopes.

Quanto à criação de bibliotecas voltadas para línguas e usuários indígenas, levamos em conta a observação feita por D'Angelis (2011):

No Brasil contemporâneo (e em parte importante da América do Sul) bibliotecas digitais em línguas indígenas terão menos relevância e pouco conteúdo a armazenar, de modo que repositórios digitais são, nesse caso, mais compatíveis com o estado atual dessas línguas e mais adequados aos seus usuários podendo incluir tanto materiais escritos, quanto iconográficos e em áudio-vídeo (incluindo jogos) (D'ANGELIS, 2011, p.13).

Pudemos encontrar informações que indicam que as bibliotecas digitais já permitem o acesso a diversos tipos de materiais, possibilitando dessa forma, que a biblioteca e o repositório sejam mais bem aproveitados, como sugere D'Angelis (2011). Além disso, os documentos podem estar interligados como, por exemplo, em um texto de conversação na língua indígena pode haver o texto escrito seguido das imagens, áudios e vídeos associados.

Com o aumento do uso da rede mundial de computadores e dos avanços tecnológicos que facilitam a publicação e difusão de informações, as bibliotecas digitais surgiram com objetivo de dar acesso a toda informação digital armazenada em um determinado repositório de dados. Estes dados podem ser de diferentes tipos de objetos digitais (documentos, imagens, planilhas, vídeos, programas, etc.), devidamente catalogados por metadados, geralmente com interface de acesso via Web (World Wide Web) (OLIVEIRA; DE CARVALHO, 2011)

Segundo Oliveira e Carvalho (2011), as bibliotecas digitais estão associadas ao repositório de dados que possuem acervos armazenados em formato digital. Esse repositório pode ser centralizado ou distribuído. Oliveira e Carvalho (2011) dispõem as ferramentas para implementação de Bibliotecas Digitais, que são em sua maioria *softwares livres* com códigos abertos, a saber: Archimèd, ARNO, CDSware, DSpace, EPrints, Fedora, i-Tor, MyCoRe e OPUS. Desde 2005, o repositório de serviços do **Fedora** (*Flexible Extensible Digital Object Repository Architecture*), um desses *softwares livres*, recebeu recursos da Web Semântica, o que possibilitou combinar “redes de informações semânticas do conteúdo com suporte a persistência e gestão do conteúdo digital” (OLIVEIRA; DE CARVALHO, 2011, p.8). Desse modo, os objetos do repositório podem ser tratados como nós de um grafo, cujo conteúdo pode ser consultado. Nesse processo de gerenciamento de dados, estão presentes também as ontologias, podendo contribuir aqui a elaboração que fizemos dos vocabulários simples com linguagem *Resource Description Framework* (RDF) e do levantamento dos vetores e seus relacionamentos<sup>524</sup>. Portanto, as bibliotecas digitais vêm se aprimorando com os recursos da Web Semântica.

O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) foi o desenvolvedor do primeiro sistema de informação brasileiro a implementar os Arquivos Abertos no país, A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>525</sup>. Esse Instituto vem apoiando o projeto Biblioteca Digital Brasileira (BDB), inanciado pelo governo brasileiro com o intuito de criar um portal único que dê acesso aos principais repositórios de informação digital do país, envolvendo “a criação de um sistema cooperativo abrangente, operado integralmente na Internet” (OLIVEIRA; DE CARVALHO, 2011, p.4). O IBICT também apoia a criação de Bibliotecas Virtuais Temáticas (BVT). Milton Shintaku, coordenador de Articulação, Geração e Aplicação de Tecnologia, é o responsável , no IBICT,

---

<sup>524</sup> Ver Esquemas 1-5, Capítulo 4.

<sup>525</sup> Cf. MACÊDO et al. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações: ações para melhoria na qualidade dos dados. Repositório Institucional do IBICT. Cadernos BAD, 2014, N. 2, jul-dez. Disponível em: <<http://repositorio.ibict.br/handle/123456789/437>> . Acesso em: 2 nov. 2014.



pelo sistema BVT<sup>526</sup>, baseado em *software livre*, o qual possibilita a organização e a disponibilização de conteúdos na Internet. Outra atuação do IBICT refere-se ao Sistema para Construção de Repositórios Institucionais Digitais (DSpace), que é uma versão brasileira do *software livre* DSpace, criada em 2004 por esse Instituto. O DSpace, também a cargo de Shintaku, permite o gerenciamento da produção científica em qualquer tipo de material digital<sup>527</sup>. Nesse sentido, o IBICT vem realizando cursos de capacitação do *software livre* DSpace, ficando por conta da instituição, o arquivamento e publicação dos dados em servidor próprio.

Diante das discussões sobre a criação de acervos, bibliotecas e repositórios digitais consideramos ser preciso valorizar as formas próprias dos indígenas de lidar com os seus conhecimentos:

Desde muito antes da introdução da escola, os povos indígenas vêm elaborando, ao longo de sua história, complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobrenatural. O resultado são valores, concepções e conhecimentos científicos e filosóficos próprios, elaborados em condições únicas e formulados a partir de pesquisa e reflexões originais. Observar, experimentar, estabelecer relações de causalidade, formular princípios, definir métodos adequados, são alguns dos mecanismos que possibilitaram a esses povos a produção de ricos acervos de informação e reflexões sobre a Natureza, sobre a vida social e sobre os mistérios da existência humana (Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, 1998, p.22)

Se um povo ou uma comunidade indígena decidir por conciliar as suas formas de acervos tradicionais com outras formas de acervos usando as TICs, que a criação e desenvolvimento sejam feitos de forma autônoma pelos indígenas, incluindo parceiros de suas escolas.

#### 7.2.4.3.1 Desenvolvimento da tecnologia Biblioteca Virtual e Digital para o caso Kokama

No mapeamento da presença Kokama no ciberespaço pudemos encontrar alguns acervos como “Ríos de saber: muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la

---

<sup>526</sup> Para fazer *download* do *software livre* BVT e ler os manuais, veja a página do sistema. Disponível em: <<http://www.ibict.br/pesquisa-desenvolvimento-tecnologico-e-inovacao/sistema-para-construcao-de-bibliotecas-virtuais-tematicas-%28bvt%29/bibliotecas-virtuais-tematicas>>. Acesso em: 2 nov. 2014.

<sup>527</sup> DSpace. IBICT. Disponível em: <<http://www.ibict.br/pesquisa-desenvolvimento-tecnologico-e-inovacao/Sistema-para-Construcao-de-Repositorios-Institucionais-Digitais/apresentacao>>. Acesso em: 2 nov. 2014.

Amazonia peruana”<sup>528</sup> e a “Biblioteca Multimídia dos Jovens Indígenas Comunicadores”<sup>529</sup>. Além de todo o acervo da língua Kokama em vídeos, áudios e textos que podem ser encontrados na *Web*.

Nos cursos a distância “Introdução à língua e à Cultura Kokama” e “Aprendizagem de Língua e Cultura Kokama: interação e criação” usamos o recurso de inclusão de arquivos em pastas, constituindo biblioteca geral de cada curso, cujos materiais serviram para a “aprendizagem em rede”, por meio da interação.

Para a criação e desenvolvimento de bibliotecas digitais Kokama de forma pró-ativa pode-se levar em conta as seguintes reflexões:

- ◆ Realização de cursos de capacitação;
- ◆ Avaliações de quais tipos de conteúdo poderiam ser compartilhados;
- ◆ Continuação da pesquisa da presença da língua e da cultura Kokama no ciberespaço;
- ◆ Continuação da realização dos registros com os falantes da língua Kokama;
- ◆ Reconhecimento dos atores (comunicadores, lideranças, professores-pesquisadores, parceiros, etc), projetos, associações e organizações indígenas Kokama que estão envolvidos no processo de fortalecimento;
- ◆ Pensar em como seria organizado o banco de dados dos materiais e dos compartilhamentos;
- ◆ Escolher qual tipo de plataforma (rede social, biblioteca virtual, repositório virtual, museu interativo, wiki, curso a distância, portal, site, *software*, aplicativos ou até mesmo uma combinação desses elementos)
- ◆ Refletir, juntamente com as lideranças das comunidades Kokama, sobre como ficariam organizados os servidores, onde ficariam localizados e quem ficaria responsável pela segurança de acesso.
- ◆ Refletir sobre a criação de bibliotecas físicas e museus que possam oferecer armazenamento, tratamento e compartilhamento físico e virtual dos materiais.

#### 7.2.4.4 Dicionário *on-line*

Dicionários *on-line* vem sendo usados para divulgar e fortalecer línguas, auxiliando assim na “aprendizagem em rede”. Alguns dos dicionários incluem o recurso de áudio, o que

---

<sup>528</sup>Ríos de saber : muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana. Disponível em: < <http://www.riosdesaber.org/?pg=00007&lg=ES>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

<sup>529</sup> Biblioteca Multimídia dos Jovens Indígenas Comunicadores. Disponível em:< <http://jovens-ars.com/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

facilita muito para o aprendizado da língua podendo o aprendiz consultar a pronúncia de cada verbete. Além disso, pode ser usado por meio de vários recursos, como a internet, aplicativo para celular, mp3. Isso pôde ser concluído por meio de realização de busca na internet de dicionários *on-line* disponíveis para consulta livre.

No caso do Brasil pesquisamos por dicionários de língua portuguesa, de línguas indígenas e de língua de sinais. Pesquisamos também dicionários de línguas de outros países, sobretudo de línguas indígenas e do português do Brasil/Europeu. Consideramos aqui como dicionário *on-line* aqueles que possuem opções de busca de palavras e/ou línguas, não listando aqueles que possuem o texto estático, como no formato em *pdf*, por exemplo. Os dicionários *on-line* selecionados foram os seguintes:

#### Dicionários *on-line* no Brasil:

- 1- iDicionário Aulete<sup>530</sup> (Dicionário Caldas Aulete)
- 2- Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa<sup>531</sup>
- 3- Dicionário inFormal<sup>532</sup>
- 4- Dicionário online de Português<sup>533</sup>:
- 5- Dicionário Oguata Português-Tupi Guarani<sup>534</sup>:
- 6- Vocabulários e dicionários de línguas indígenas brasileiras<sup>535</sup>
- 7- Wikiccionário<sup>536</sup>
- 8- Dicionário da Língua Brasileira de Sinais<sup>537</sup>
- 9- Dicionário Criativo<sup>538</sup>
- 10- Dicionário Audiovisual Guarani Yvy Rupa<sup>539</sup>.
- 11- Dicionário Xerente<sup>540</sup>

<sup>530</sup> iDicionário Aulete. Disponível em: <[http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital](http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital)>. Acesso em: 15 abr. 2012

<sup>531</sup> Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 15 abr. 2012

<sup>532</sup> Dicionário informal. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2012

<sup>533</sup> Dicionário online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2012

<sup>534</sup> Dicionário Oguata Português-Tupi Guarani. Disponível em:

<<http://www.oguata.com/Nhanderu/dicionario.htm>> Acesso em: 15 abr. 2012

<sup>535</sup> Vocabulários e dicionários de línguas indígenas brasileiras. Disponível em: <<http://www.indios.info/>> Acesso em: 15 abr. 2012

<sup>536</sup> Wikiccionário. Disponível em: <<http://pt.wiktionary.org/wiki/>> Acesso em: 15 abr. 2012

<sup>537</sup> Dicionário da Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>> Acesso em: 15 abr. 2012

<sup>538</sup> Dicionário criativo. Disponível em: <<http://dicionariocriativo.com.br/>> . Acesso em: 31 jul. 2014.

<sup>539</sup> Dicionário Audiovisual Guarani Yvy Rupa. Comunidade do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Dicion%C3%A1rio-Audiovisual-Guarani-Yvy-Rupa/1444537735821572?sk=info>> Acesso em: 31 jul. 2014.

Dicionários *on-line* de línguas indígenas, Português do Brasil/Europeu e outras línguas no mundo:

- 1- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)<sup>541</sup>
- 2- Interactive Guarani Dictionary<sup>542</sup>
- 3- Ojibwe People's Dictionary<sup>543</sup>
- 4- On-line Cree dictionary<sup>544</sup>
- 5- Tuvan ⇔ English: online Talking Dictionary<sup>545</sup>
- 6- Ho ⇔ English: online Talking Dictionary<sup>546</sup>
- 7- Siletz Dee-ni ⇔ English: online Talking Dictionary<sup>547</sup>
- 8- Matukar ⇔ English: online Talking Dictionary<sup>548</sup>
- 9- Chamacoco ⇔ English: online Talking Dictionary<sup>549</sup>
- 10- Remo ⇔ English: online Talking Dictionary<sup>550</sup>
- 11- Muniche ⇔ English/Muniche ⇔ castellano: online Talking Dictionary<sup>551</sup>
- 12- Sora ⇔ English: online Talking Dictionary<sup>552</sup>
- 13- Comparative Celtic Lexicon<sup>553</sup>
- 14- The Lenape Talking Dictionary<sup>554</sup>
- 15- Passamaquoddy/Maliseet Dictionary<sup>555</sup>
- 16- Dicionário Tupi Guarani (aplicativo)<sup>556</sup>

<sup>540</sup> Dicionário Xerente: Disponível em: < <https://www.facebook.com/dicionarioxerente?fref=ts> > Acesso em: 31 jul. 2014.

<sup>541</sup> Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP). Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx>> Acesso em : 15 abr. 2012

<sup>542</sup> Interactive Guarani Dictionary. Disponível em: <<http://www.romanistik.uni-mainz.de/cgi-bin/guarani/dictionary>> Acesso em: 5 abr. 2012

<sup>543</sup> Ojibwe People's Dictionary . Disponível em: <<http://ojibwe.lib.umn.edu/>> Acesso em: 5 abr. 2012

<sup>544</sup> On-line Cree dictionary. Disponível em: <<http://www.creedictionary.com/>> Acesso em: 11 mai. 2012

<sup>545</sup> Harrison, K. David and Gregory D.S Anderson. Tuvan Talking Dictionary. 2006. Disponível em: <<http://tuvan.swarthmore.edu/>> .Acesso em: 5 ago. 2012.

<sup>546</sup> Ho Talking Dictionary. Disponível em: <<http://ho.swarthmore.edu/>>. Acesso em: 5 ago. 2012.

<sup>547</sup> Siletz Dee-ni Talking Dictionary. Disponível em: <[http://siletz.swarthmore.edu/index.php?fields=all&semantic\\_ids=&q=dog](http://siletz.swarthmore.edu/index.php?fields=all&semantic_ids=&q=dog)> Acesso em: 5 agost. 2012.

<sup>548</sup> Matukar Talking Dictionary. Disponível em: <<http://matukar.swarthmore.edu/>> .Acesso em: 5 ago. 2012.

<sup>549</sup> Chamacoco Talking Dictionary. Disponível em: <<http://chamacoco.swarthmore.edu/>>. Acesso em: 5 ago. 2012.

<sup>550</sup> Remo Talking Dictionary. Disponível em: <<http://remo.swarthmore.edu/>>. Acesso em: 5 agost. 2012.

<sup>551</sup> Muniche Talking Dictionary. Disponível em: <<http://muniche.swarthmore.edu/>> .Acesso em: 5 ago. 2012.

<sup>552</sup> Sora Talking Dictionary. Disponível em: <<http://sora.swarthmore.edu/>>. Acesso em: 5 ago. 2012.

<sup>553</sup> Comparative Celtic Lexicon. Disponível em: < <http://celtic.swarthmore.edu/>>. Acesso em: 5 ago. 2012.

<sup>554</sup> The Lenape Talking Dictionary. Disponível em: <<http://www.talk-lenape.org/introduction.php>> .Acesso em: 5 ago. 2012.

<sup>555</sup> Passamaquoddy/Maliseet Dictionary. Disponível em: <<http://pmportal.org/browse-dictionary>> .Acesso em: 5 ago. 2012.

- 17- Avañee (Diccionario Guarani) aplicativo<sup>557</sup>  
 18- Nheengaré (Dicionário de Nheengatu) aplicativo<sup>558</sup>  
 19- Ayapaneco (Dicionário social)<sup>559</sup>

Os “dicionários falados” (*Talking Dictionary*) *on-line* que se encontram na lista supracitada foram desenvolvidos com apoio do Projeto *Enduring Voices* com a *National Geographic Society* e o Institute para Línguas Ameaçadas *Living Tongues* pelo linguista K. David Harrison e colaboradores na Swarthmore College.

Os dicionários - alguns dos quais representam a primeira vez que uma língua foi gravada ou escrita em qualquer lugar - contêm mais de 32.000 entradas de palavras em oito línguas ameaçadas, mais de 24 mil gravações de áudio de falantes nativos pronunciando palavras e frases, acompanhados de fotografias e de objetos das culturas representadas (SWARTHMORE.17/02/2012. tradução nossa)<sup>560</sup>.

Alguns dos dicionários listados estão disponíveis também para uso em tecnologias móveis como no caso de aparelhos celulares (*smartphone*) por meio de aplicativos. O dicionário mais interativo encontrado foi o da língua **Ayapaneco**, em que os aprendizes de diversas partes do mundo podem ler e ouvir as palavras, escolhendo uma delas para fazer a gravação audiovisual, podendo compartilhá-la na página do dicionário social Ayapaneco e nas redes sociais. Outro tipo de dicionário interativo encontrado foi o **Dicionário Audiovisual Guarani Yvy Rupa**, o qual “é construído a partir da produção de curtas-metragens realizado por cineastas Guarani na *Yvy Rupa* (território tradicional Guarani), para circularem entre as aldeias e serem utilizados como material didático nas escolas bilíngues indígenas”<sup>561</sup>.

Tendo em vista a grande presença de indígenas na internet, foi observado nessa análise que existem poucos dicionários *on-line* de línguas faladas no Brasil. A criação desse tipo de

<sup>556</sup>Dicionário Tupi Guarani (aplicativo). Disponível em: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=leus.inocomp.app.tupiguarani>>. Acesso: em 31 jul. 2014. Acesso em: 31 jul. 2014.

<sup>557</sup>Avañee (Diccionario Guarani) aplicativo. Disponível em: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=py.com.twistedapp.avanee>>. Acesso: em 31 jul. 2014.

<sup>558</sup>Nheengaré (Dicionário de Nheengatu) aplicativo. Disponível em: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=simbio.se.nheengare>>. Acesso: em 31 jul. 2014.

<sup>559</sup>Ayapaneco (Dicionário social). Disponível em: <<http://www.ayapaneco.com/en/>> Acesso: em 31 jul. 2014.

<sup>560</sup>“The dictionaries - some of which represent the first time that a language has been recorded or written down anywhere - contain more than 32,000 word entries in eight endangered languages, more than 24,000 audio recordings of native speakers pronouncing words and sentences, and photographs of objects from the cultures represented”. Linguist K. David Harrison Unveils Talking Dictionaries for Vanishing Languages. Swarthmore. Disponível em: <<http://www.swarthmore.edu/news-archive-2009-2011/linguist-k-david-harrison-unveils-talking-dictionaries-vanishing-languages>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

<sup>561</sup>Dicionário Audiovisual Guarani Yvy Rupa. Comunidade do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Dicion%C3%A1rio-Audiovisual-Guarani-Yvy-Rupa/1444537735821572?sk=info>> Acesso em: 31 jul. 2014.

“dicionário falado” acompanhado da escrita pode contribuir para o fortalecimento dessas línguas<sup>562</sup>.

#### 7.2.4.4.1 Desenvolvimento da tecnologia Dicionário *on-line* para o caso Kokama

A ideia de desenvolver essa tecnologia surgiu da necessidade de elaboração de dicionário multilíngue (Kokama, Português, Espanhol) de utilidade para os Kokama, muitos dos quais estão localizados em áreas de difícil acesso, em que há ausência de bibliotecas ou outro ambiente apropriado para o armazenamento e preservação de materiais impressos. No entanto, ressaltamos a importância da criação de bibliotecas e/ou museus que possam oferecer acesso físico aos materiais.

Dicionários *on-line* permitem acesso rápido e interativo para os que acessam a internet. Após a análise das interações na Lista de emails da Wikimedia Brasil, por sugestão de um dos editores da Wikipedia, Michel Castelo Branco, foi iniciado um teste de criação de verbetes em língua Kokama com base, principalmente na gramática de Faust (1972), contendo alguns exemplos contextuais de acordo com as obras dos seguintes autores: Espinosa (1989) Vallejos (2010), Cabral (1995) e Viegas (2010). A edição foi feita pelo editor voluntário da Wikipédia, Michel Castelo Branco. Numa página de Wikipédia não há um único responsável pelas edições, mas sim colaboradores. O editor criou uma categoria cocama dentro do Wikcionário em língua portuguesa. Nessa categoria, foram inseridas pelo editor, com base nas obras consultadas por ele, 259 páginas com entradas em cocama, as quais podem ser acessadas na **categoria cocama** (Fig. 87) e na tabela organizada também pelo editor voluntário. Foram incluídos na tabela Vocabulário cocama<sup>563</sup> os itens dos verbetes, para que assim, fique mais fácil de se ter uma visualização geral do conteúdo, facilitando, ao mesmo tempo, a revisão e inclusão de conteúdo por parte de futuros colaboradores. A categoria cocama foi organizada por classes gramaticais, temas e outras subcategorias, como por exemplo, fala feminina e fala masculina, considerando a diferenciação que existe na língua Kokama entre essas duas falas, como no uso dos pronomes pessoais e demonstrativos.

---

<sup>562</sup> Para o tema de criação de dicionários voltados para a preservação de línguas indígenas, Cf. *A Dictionary for Whom?* De Leanne Hinton e William F Weigel, 2002.

<sup>563</sup> Ver Anexo – A.

Figura 87 - Categoria cocama no Wikcionário em língua portuguesa. Jun. 2014.

pt.wiktionary.org/wiki/Categoria:Cocama

Wikcionário  
O dicionário livre

Página principal  
Portal comunitário  
Esplanada  
Mudanças recentes  
Novas entradas  
Entrada aleatória  
Categorias  
Ajuda  
Donativos

Ferramentas  
Páginas ligadas a esta  
Alterações relacionadas  
Páginas especiais  
Versão para impressão  
Enlace permanente  
Informações da página

Noutros idiomas  
Français

Categoria **Discussão** Ler Editar Histórico Pesquisa

**Categoria:Cocama** Suas doações nos permitem funcionar!

Esta categoria contém verbetes de palavras e expressões no idioma cocama, organizados por classes gramaticais, temas e outras subcategorias.

**Subcategorias**  
Esta categoria contém as seguintes 25 subcategorias (de um total de 25).

**!**

- ▶ Entrada (Cocama) (260 P)
- ▶ Predefinição (Cocama) (1 P)

**A**

- ▶ Adjetivo (Cocama) (16 P)
- ▶ Advérbio (Cocama) (17 P)

**C**

- ▶ Ciência (Cocama) (1 C)
- ▶ Classe gramatical (Cocama) (7 C)
- ▶ Cor (Cocama) (4 P)

**D**

- ▶ Dissílabo (Cocama) (82 P)

**E**

- ▶ Entrada com imagem (Cocama) (28 P)

**E cont.**

- ▶ Entrada com pronúncia (Cocama) (3 P)

**F**

- ▶ Fala feminina (Cocama) (8 P)
- ▶ Fala masculina (Cocama) (6 P)

**G**

- ▶ Gramática (Cocama) (1 C)

**L**

- ▶ Linguística (Cocama) (2 C)

**M**

- ▶ Monossílabo (Cocama) (7 P)

**N**

- ▶ Numeral (Cocama) (1 C)
- ▶ Numeral cardinal (Cocama) (4 P)

**O**

- ▶ Oxítona (Cocama) (1 P)

**P**

- ▶ Polissílabo (Cocama) (59 P)
- ▶ Pronome (Cocama) (8 P)
- ▶ Prosódia (Cocama) (6 C)

**S**

- ▶ Substantivo (Cocama) (94 P)

**T**

- ▶ Trissílabo (Cocama) (112 P)

**V**

- ▶ Conjunção (Cocama) (2 P)
- ▶ Verbo (Cocama) (123 P)

**Códigos ISO 639:**  
ISO 639-3: **cod**

Fonte: Categoria cocama criada dentro do Wikcionário em língua portuguesa, projeto da Wikimedia Foundation. Edição de Michel Castelo Branco (Editor Voluntário da Wikipédia). Disponível em: <http://pt.wiktionary.org/wiki/Categoria:Cocama> Acesso em: 30 jun. 2014.

A seguir apresentamos três exemplos de verbetes criados pelo editor com base nas obras consultadas (Fig. 88, 89 e 90)

Figura 88 - verbe "mena" (Categoria cocama: Substantivo). Jun. 2014.

mena Suas doações nos permitem funcionar!

**índice** [esconder]

- 1 Cocama
  - 1.1 Substantivo
    - 1.1.1 Notas
    - 1.1.2 Referências

**Cocama** [editar]

**Substantivo** [editar]

**me.na**

- marido<sup>[cod 1]</sup>

**Notas** [editar]

- ↑ FAUST, 2008, p.154

**Referências** [editar]

- (em espanhol) FAUST, Norma. *Gramatica Cocama - Lecciones para el aprendizaje del idioma cocama*. Série Lingüística Peruana, nº 6. 3ª edição. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2008.

Categorias: Substantivo (Cocama) | Dissílabo (Cocama)

Fonte: Mena. Substantivo. Categoria cocama criada dentro do Wikcionário em língua portuguesa, projeto da Wikimedia Foundation. Edição de Michel Castelo Branco (Editor Voluntário da Wikipédia). Disponível em: <http://pt.wiktionary.org/wiki/mena> . Acesso em: 30 de jun. 2014.

Figura 89: Verbetes "miricua" (mirikua (Categoria cocama: Substantivo). Jun. 2014.

Criar uma conta Entrar

Entrada [Discussão](#) [Citações](#) Ler [Editar](#) [Histórico](#)

---

## miricua Suas doações nos permitem funcionar!

**índice** [esconder]

1 Cocama

  1.1 Substantivo

    1.1.1 Notas

    1.1.2 Referências

---

**Cocama** [editar]

---

**Substantivo** [editar]

**mi.ri.cu.a**

1. esposa<sup>[cod 1]</sup>

**Notas** [editar]

1. ↑ FAUST, 2008, p.154

**Referências** [editar]

- (em espanhol) FAUST, Norma. *Gramatica Cocama - Lecciones para el aprendizaje del idioma cocama*. Série Linguística Peruana, nº 6. 3ª edição. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2008.

Categorias: [Substantivo \(Cocama\)](#) | [Polissílabo \(Cocama\)](#)

Fonte: Miricua. Substantivo. Categoria cocama criada dentro do Wikcionário em língua portuguesa, projeto da Wikimedia Foundation. Edição de Michel Castelo Branco (Editor Voluntário da Wikipédia).. Disponível em: <<http://pt.wiktionary.org/wiki/miricua>> . Acesso em: 30 de jun. 2014.

Figura 90 - Verbetes "tuyuka" (tujuka) (Categoria cocama: Substantivo). Jun. 2014.

Suas doações nos permitem funcionar!

## tuyuka

**índice** [esconder]

1 Cocama

  1.1 Substantivo

    1.1.1 Sinónimos

    1.1.2 Notas

    1.1.3 Referências

---

**Cocama** [editar]

---

**Substantivo** [editar]

**tuy.u.ka**

1. terra<sup>[cod 1]</sup>

*kuarachi amanamuki metimaratarin tuyuka yanuka.*<sup>[cod 2]</sup> (o sol e a chuva fertilizam a terra)

*emete tuyuka nuan.*<sup>[cod 3]</sup> (aqui tem terra grande)

**Sinónimos** [editar]

- tujuka

**Notas** [editar]

1. ↑ FAUST, 2008, p.158

2. ↑ ESPINOSA, 1989, p.224

3. ↑ YOPÁN, 2010, p.772

**Referências** [editar]

- (em espanhol) ESPINOSA, Lucas. *Breve Diccionario Analítico Castellano-Tupi del Peru - Sección Cocama*. Iquitos (PER): Ediciones C.E.T.A., 1989. ISBN 84-89295-43-3.
- (em espanhol) FAUST, Norma. *Gramatica Cocama - Lecciones para el aprendizaje del idioma cocama*. Série Linguística Peruana, nº 6. 3ª edição. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2008.
- (em inglês) YOPÁN, Rosa Vallejos. *A Grammar of Kokama-Kokamilla*. Dissertação. University of Oregon. 2010

Categorias: [Substantivo \(Cocama\)](#) | [Trissílabo \(Cocama\)](#) | [Entrada com imagem \(Cocama\)](#)





Fonte: Tuyuka. Substantivo. Categoria cocama criada dentro do Wikcionário em língua portuguesa, projeto da Wikimedia Foundation. Edição de Michel Castelo Branco (Editor Voluntário da Wikipédia). Disponível em: <<http://pt.wiktionary.org/wiki/tuyuka>>. Acesso em: 30 de jun. 2014.

A categoria cocama foi um teste de análise realizado dentro do Wikcionário de língua portuguesa. Para se criar um Wikcionário em língua Kokama propriamente dito, é preciso que haja uma escrita - ou mais de uma escrita, incluindo variações - que seja aceita ou proposta pelas comunidades envolvidas, assim como a participação ativa dos Kokama na edição do conteúdo. Não obstante, as obras antigas já existentes e as novas obras que estão sendo publicadas atualmente referentes à língua Kokama possibilitam que editores (qualquer pessoa pode ser um editor na Wikipedia) divulguem estes conhecimentos, tendo em vista as regras de inclusão de conteúdo da Wikimedia.

É possível melhorar os verbetes já existentes com o apoio de colaboradores, incluindo mais informações linguísticas, dados lexicográficos e o áudio e imagem respectivos. Também é possível incluir mais de um áudio para cada verbete se assim os editores escolherem.

#### 7.2.4.5 Rádio

O rádio tem sido muito usado como meio de comunicação para fortalecer línguas e culturas. Dentre as rádios Web criadas e gerenciadas por comunicadores indígenas no Brasil destacamos a Rádio Yandê<sup>564</sup> e a Rádio Kiriri<sup>565</sup>.

##### 7.2.4.5.1 Desenvolvimento da tecnologia rádio para o caso Kokama

Os Jovens indígenas comunicadores, os quais compõem a Rede Jovens Indígenas Comunicadores do Alto Rio Solimões-REJICARS para fortalecer e valorizar os seus conhecimentos e realizar diversas ações e oficinas de comunicação, disponibilizaram em seu *site* o programa “Rádio web Jovens comunicador@s OFC-SPO primeiro programa”<sup>566</sup>. “A voz da juventude Kokama” é outra produção de rádio feita na comunidade de Monte Santo, São Paulo de Olivença-AM, um programa diário apresentado por Gracildo Kokama, articulador da REJICARS, por meio da tecnologia Boca-de-ferro (alto-falante).

<sup>564</sup> Rádio Yandê. Disponível em: <http://radioyande.com/> Acesso em 10 jun 2014.

<sup>565</sup> Rádio Kiriri. Disponível em: <<https://radiokiriri.wordpress.com/>> . Acesso em 10 jun 2014.

<sup>566</sup> Jovens indígenas comunicadores. Disponível em: <<http://jovens-ars.com/>> . Acesso em 10 jun 2014.

Outra rádio produzida por indígenas Kokama que pudemos conhecer foi o Coletivo de rádio livre e jornalismo popular, **Voz da Ilha 100.5fm**, da qual o prof. Gleison Martins do município de Tefé, AM, que participou do curso a distância “Introdução á língua e a cultura Kokama” faz parte. Dispomos a descrição dessa rádio:

Somos um coletivo de rádio livre e jornalismo popular, atuamos no bairro do Abial do Município de Tefé, com nossas atividades como: Cursos, Oficinas e Viagens, aos mais diversos lugares de Tefé, Alvarães, Uarini, Jutaf e Fonte Boa. Lutamos pela Democratização dos Meios de Comunicação e este site lhe mostrará de tudo um pouco do que acontece por aqui, somos militantes contra as dominações que a sociedade sofre atualmente (Voz da Ilha)<sup>567</sup>.

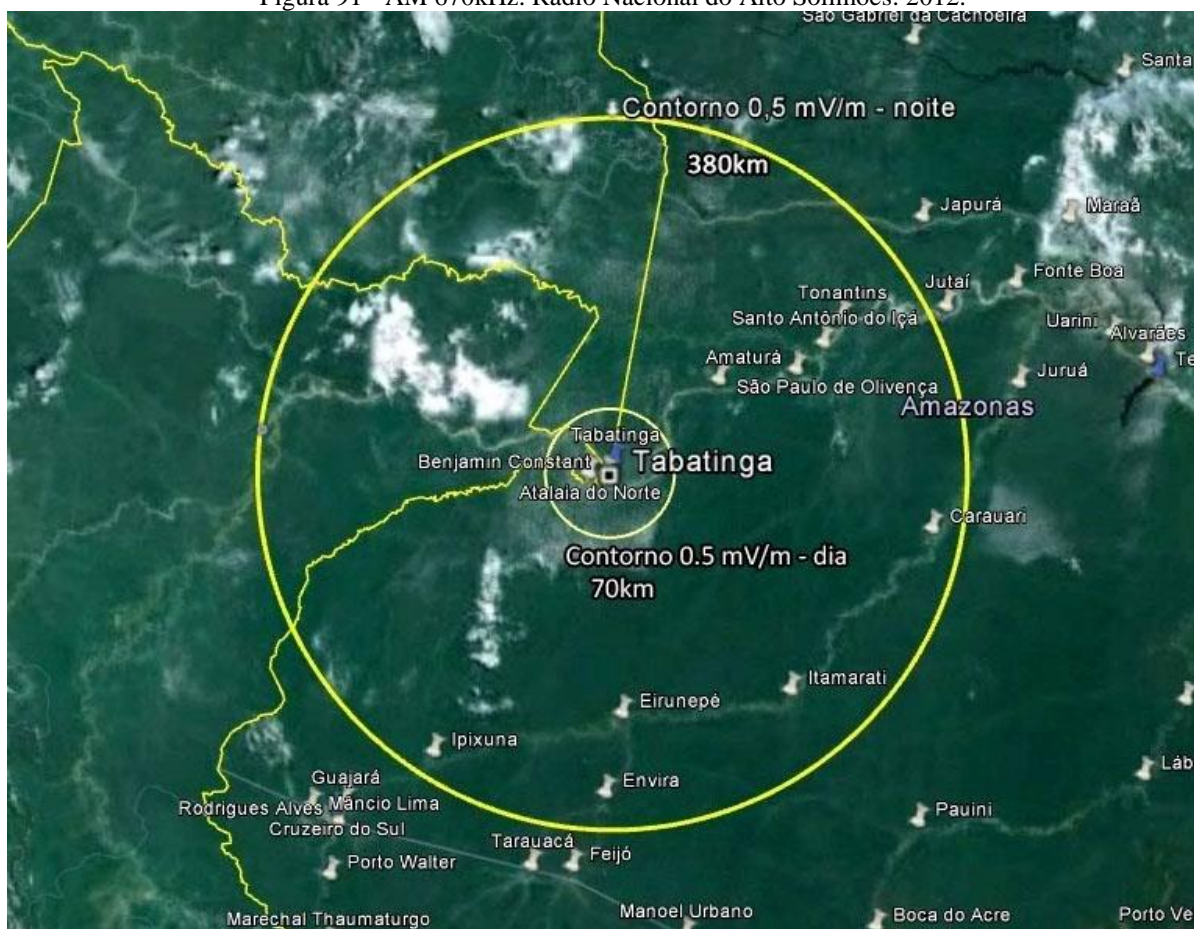
Muitas são as comunidades Kokama que possuem o serviço de Alto-falante (Boca-de-ferro), a qual pode ser uma tecnologia para o fortalecimento da língua e cultura, como foi visto no programa do Gracildo Kokama. Nós pudemos incentivar a produção colaborativa de programas de rádio na segunda atividade da disciplina a distância “Aprendizagem de língua e cultura Kokama: interação e criação”.

Uma possibilidade de parceria na região para a veiculação de programas é a Rádio Nacional do Alto Solimões ligada a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), com suas versões AM e FM, cujos alcances de transmissão podem ser vistos nas Figuras 91 e 92 a seguir:

---

<sup>567</sup> Voz da Ilha. Disponível em: <<http://vozdailha.radiolivre.org/>> . Acesso em: 21 jun. 2014.

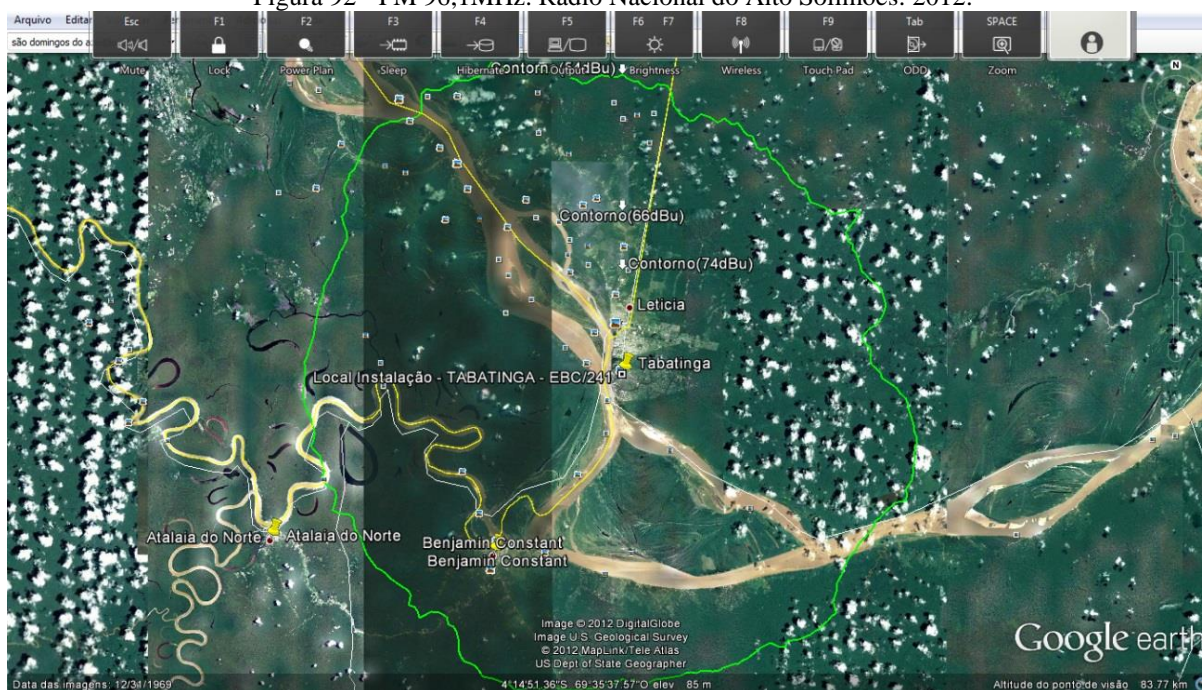
Figura 91 - AM 670kHz. Rádio Nacional do Alto Solimões. 2012.



Fonte: Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Brasília, 18 dez. 2012.

Nota: O círculo menor representa a cobertura diurna e o círculo maior representa a cobertura noturna. Este mapa foi feito por programa de computador que gera coberturas potenciais a partir de dados como potência e localização do transmissor. A cobertura real é sempre um pouco diferente, às vezes para mais, na maior parte para menos em relação à projeção do computador.

Figura 92 - FM 96,1MHz. Rádio Nacional do Alto Solimões. 2012.



Fonte: Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Brasília, 18 dez. 2012.

Nota: Este mapa foi feito por programa de computador que gera coberturas potenciais a partir de dados como potência e localização do transmissor. A cobertura real é sempre um pouco diferente, às vezes para mais, na maior parte para menos em relação à projeção do computador.

#### 7.2.4.5 WordSmith

A presente análise preliminar foi uma resposta ao Forum 2 da Oficina “Utilização da ferramenta computacional WordSmith Tools em Análise de Discurso”. A análise foi feita com base em alguns dos registros da língua Kokama realizados entre os anos de 2010 a 2013, momento em que vem sendo rememorada por alguns de seus falantes.

##### 7.2.4.5.1 Sobre os dados analisados

No âmbito do movimento de fortalecimento linguístico/cultural Kokama existe a pesquisa dos professores-pesquisadores Kokama, cujo conteúdo é obtido por meio de entrevistas e gravações livres de discursos na língua Kokama. Os anciãos entrevistados tiveram que deixar de usar a língua nativa por muito tempo, como vimos no capítulo 5, mas a guardaram na memória. Para a presente análise foram selecionados alguns dados audiovisuais dessas pesquisas do período de 2010 a 2013, momento em que os professores-pesquisadores Kokama encontraram falantes que ainda recordam como falar de forma natural e fluida em sua língua nativa. Essas gravações estão nos DVDs Kokama da série “Material de apoio para professores Kokama”.

O objetivo da análise com o programa *WordSmith Tools* foi identificar as palavras que mais ocorrem nos discursos dos falantes Kokama. Primeiramente os dados foram transcritos já na grafia da língua Kokama. Depois do texto salvo no formato *\*txt* foi passado para o *WordSmith*. Então, foi criada a *WordList*, onde aparecem as ocorrências quantitativas das palavras. A palavra que apresentou mais ocorrência foi o pronome pessoal *ta* ‘eu, meu’, com 109 frequências, o qual é marca de fala masculina<sup>568</sup>, o que indica que a marca que diferencia as falas em gênero no discurso, pelo menos no discurso masculino, não se perdeu com o tempo, já que os discursos analisados eram de homens. Ao passar o mesmo texto para o *Concordancer* e realizar a busca para o pronome *ta* pôde ser verificado que a sua ocorrência permanece na ordem sintática predominante do Kokama, SVO (Sujeito/Verbo/Objeto) e como

---

<sup>568</sup> Na língua Kokama há diferenças entre a fala do homem e a fala da mulher encontradas em pronomes pessoais, demonstrativos, em termos de parentesco, entre outros.

pronome possessivo também aparece como é descrito em estudos linguísticos dessa língua, precedendo o nome.

O pronome demonstrativo *ikiaka* ‘aqui’, com 11 frequências, também é uma marca de fala masculina o que demonstra, assim como o **ta**, a conservação da marca de gênero no discurso.

Os verbos *kumitsa* ‘falar, conversar’ (51 frequências), *tseta* ‘querer’ (19 frequências), *kurata* ‘beber’ (18 frequências), *kamata* ‘trabalhar’ (11 frequências) são importantes para se identificar a concordância com outros elementos chaves que compõem os discursos identitários dos falantes Kokama, assim como os itens lexicais *ipira* ‘peixe’ (17 frequências) e *tujuka* ‘terra’ (7 frequências).

Essas ocorrências e os contextos discursivos em que ocorrem podem contribuir para elaboração de recursos interativos, como por exemplo, um dicionário *on-line* Kokama, assim como para o desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas.

### 7.2.5 Línguas

Consideramos aqui as línguas como sistemas complexos conforme a concepção dada por Lee e Ou (2008). Assim, na aprendizagem de uma língua há diversos elementos em interação, tais como materiais didáticos, ambientes virtuais, metodologias, aprendizes, etc. As línguas interagem também com outras línguas nas máquinas, nas conversas, nas diferentes formas de expressão. No caso da língua Kokama, há relações entre esta e o Português, o Espanhol, o Quéchua, o Tupinambá, entre outras línguas que fizeram parte da sua formação. A maioria dessas línguas e a língua Tikuna estão em intenso contato com a língua Kokama, gerando assim fenômenos sociolinguísticos. Na *Web*, a língua Kokama está relacionada, principalmente com essas línguas, e potencialmente com todas as outras línguas que aí coexistem. No *site* do projeto “Idiomas em risco”, onde há um mapa interativo<sup>569</sup> das línguas ameaçadas, é apresentado o grau de vitalidade da língua Kokama (Kukama, Cocama-Cocamilla) (Fig. 93). A língua Kokama encontra-se no grau “Ameaçado”. Conforme dados de 1993 deste projeto, a língua Kokama possuía 5 falantes no Brasil. No entanto, como vimos no Capítulo 5 a quantidade de falantes vem crescendo no Brasil, dadas as condições de resistência e de emergência da língua Kokama.

---

<sup>569</sup> Ver capítulo 3.



Figura 93 - Vitalidade da língua Cocama-Cocamilla. Projeto Endangered Languages. 22 jul. 2014.



Fonte: Vitalidade da língua Cocama-Cocamilla Projeto Endangered Languages. Disponível em: <http://www.endangeredlanguages.com/lang/20282> > Acesso em 22 jul. 2014.

### 7.2.5.1 Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRZm)

Conforme o mapeamento da presença Kokama no ciberespaço, por meio do **Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC)**, no qual houve, na segunda etapa, a filtragem com presença da língua Kokama na internet<sup>570</sup>, cujos dados podem ser conferidos no capítulo 6, foi registrada a **Rede da língua Kokama na internet** utilizando o programa *Gephi 0.8.2*, para assim apresentarmos uma visualização do protagonismo dos Kokama na internet no que se refere ao fortalecimento da sua língua. Essa rede foi criada, principalmente, pelos Kokama e o contexto. Em decorrência aos dados obtidos pela filtragem e a sua organização em tabelas em forma de matriz (array multi-dimensional), desenvolvi o **Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRZm)**, para assim registrar e gerar visualizações da rede. Recaptulamos a seguir os parâmetros usados na organização dos dados obtidos na filtragem:

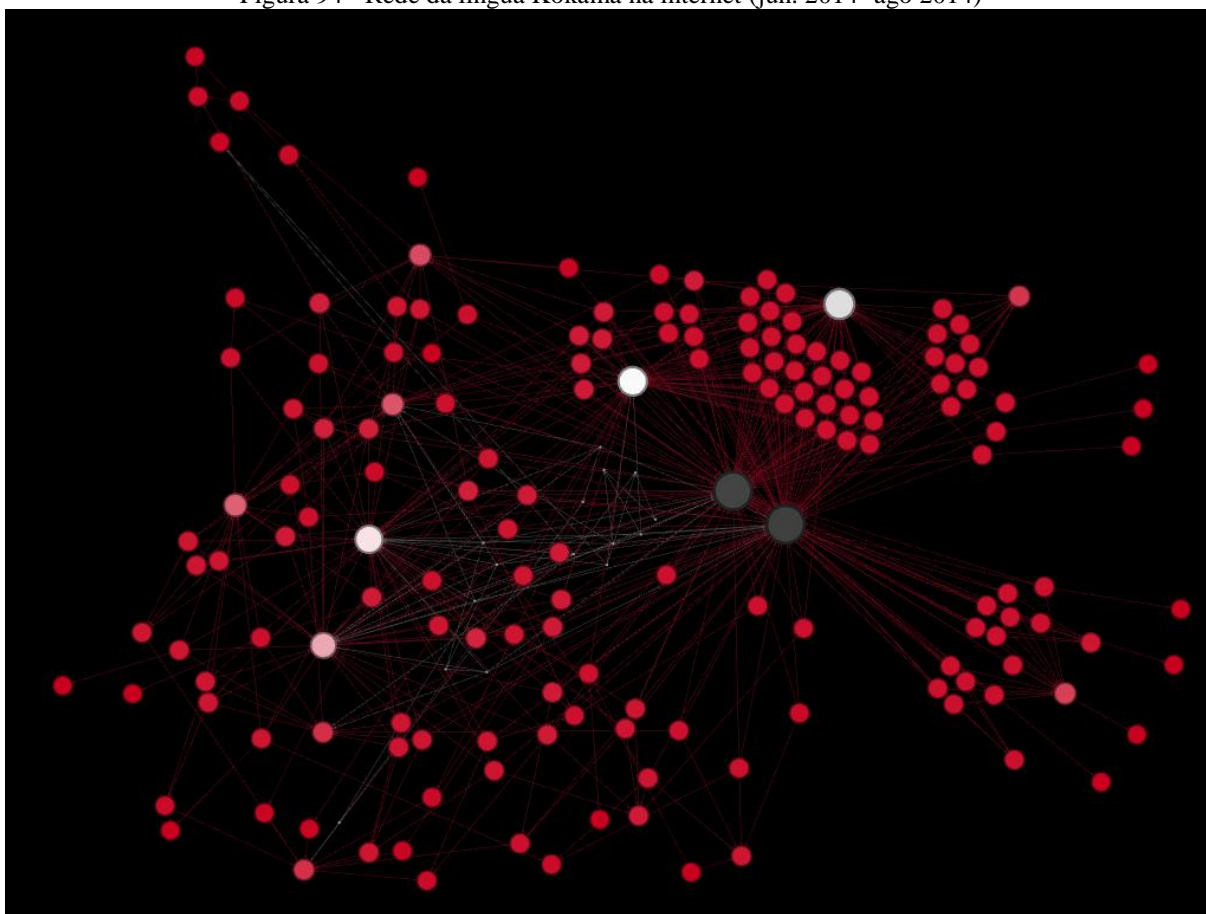
- ◆ Ocorrência (título do material)

<sup>570</sup> Ver Quadro 24, Capítulo 6.

- ◆ Modalidade (oral e/ou escrita)
- ◆ Data (ano da inclusão do material ou da publicação, quando não há data de inclusão)
- ◆ Meio (vídeo, áudio, texto/escrita)
- ◆ Plataforma (nome do site, blogue ou rede social)
- ◆ Região geográfica (Peru, Brasil, Colômbia)

Esses parâmetros são os “nós” da **Rede da língua Kokama na internet**: Os dados obtidos nesse mapeamento podem ser organizados das mais diferentes formas para gerar a visualização desejada pelo pesquisador. Essa organização foi escolhida com o intuito de apresentar uma visão geral da presença da língua Kokama na internet que possa contribuir para pesquisas posteriores. As “arestas” mostram links da **Rede da língua Kokama na internet** que fazem a ligação entre conteúdo (ocorrência) a modalidade da língua, o período histórico (data) em que foram incluídos ou publicados os materiais, o meio pelo qual a língua se expressa, o tipo de plataforma virtual utilizada e a origem geográfica dessa ocorrência. A seguir apresentamos as imagens (Figuras 94 e 95) do resultado da organização desses dados no *Gephi 0.8.2*.

Figura 94 - Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014)

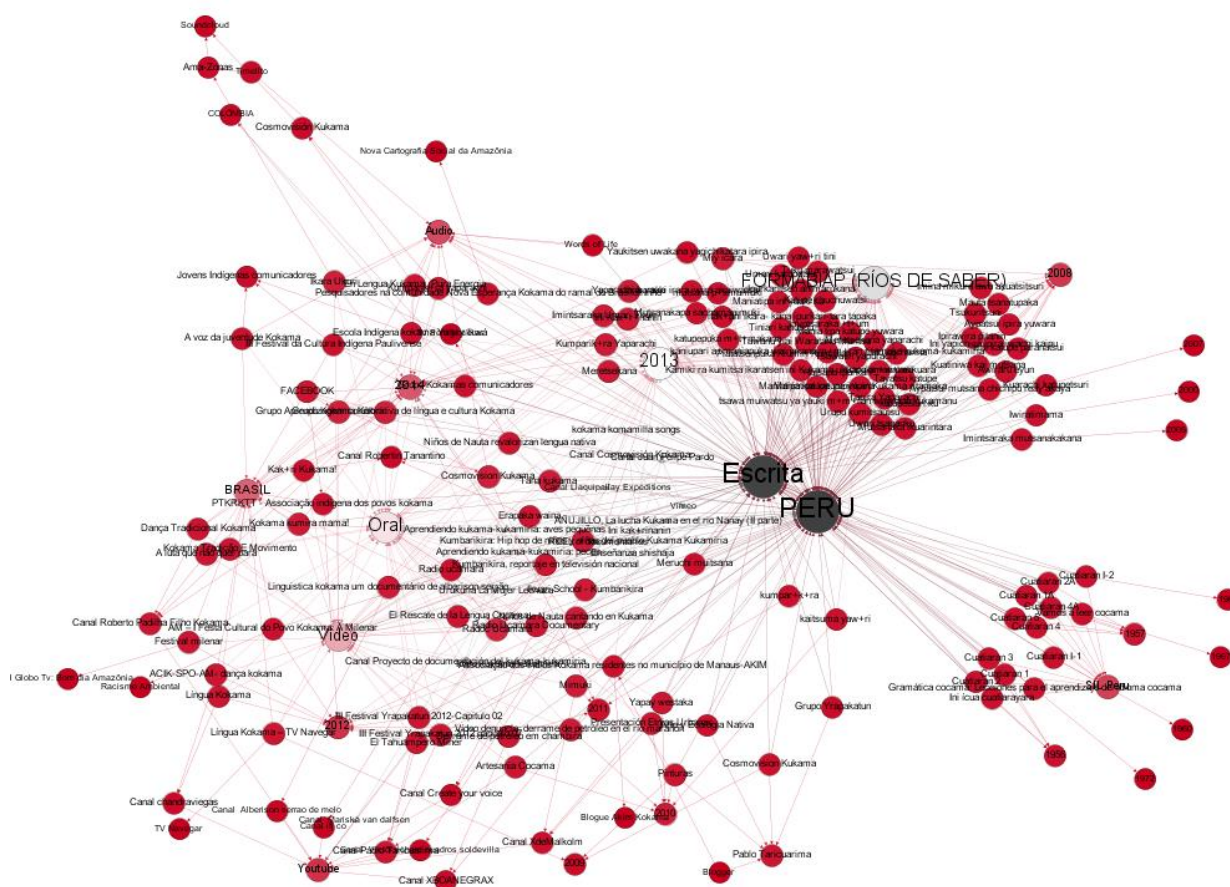


Fonte: elaborado pela autora.

Nota: Visualização da rede composta relacional gerada pelo programa *Gephi 0.8.2*. Organização dos dados do mapeamento da presença da língua Kokama na internet, por: Ocorrência (título do material), Modalidade (oral e escrita), Data, Meio (vídeo, áudio, texto/escrita), Plataforma (canal do youtube, soundcloud, site, blog, rede social), Região geográfica (Peru, Brasil, Colômbia). Dados coletados de junho a agosto de 2014.



Figura 95 - Rede da língua Kokama na internet com os parâmetros (jun. 2014- ago 2014)



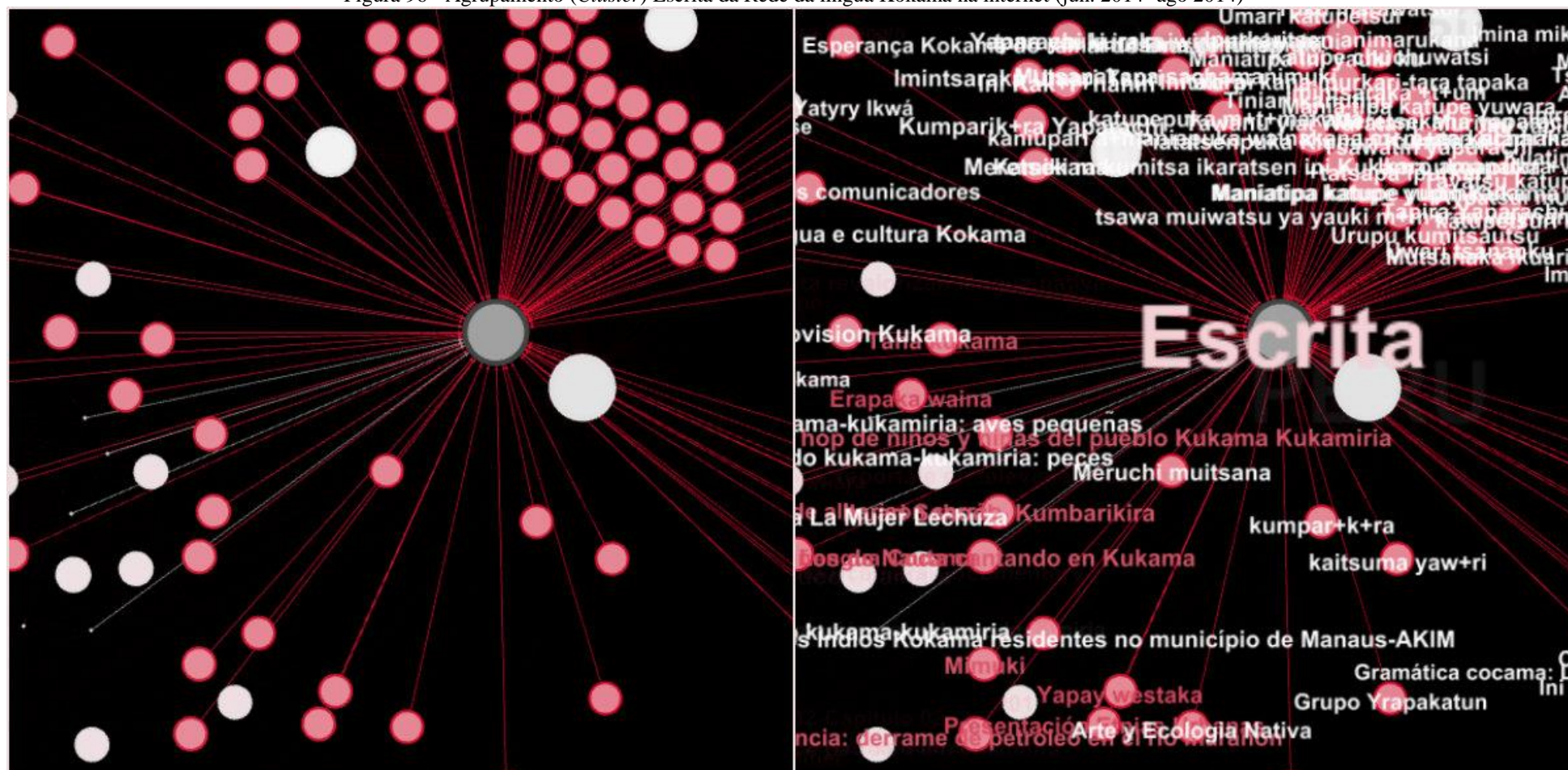
Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Visualização da rede composta relacional gerada pelo programa *Gephi 0.8.2*. Organização dos dados do mapeamento da presença da língua Kokama na internet, por: Ocorrência (título do material), Modalidade (oral e escrita), Data, Meio (vídeo, áudio, texto/escrita), Plataforma (canal do youtube, soundcloud, site, blog, rede social), Região geográfica (Peru, Brasil, Colômbia). Dados coletados de junho a agosto de 2014.

Como vimos anteriormente as redes podem ser constituídas por diversos tipos de parâmetros, como por exemplo: rede de amizades, rede de interações entre os amigos, rede de parentesco, rede de conhecimentos, etc. A **Rede da língua Kokama na internet**, por seguir diversos parâmetros ao mesmo tempo - ocorrência, modalidade, data, meio, plataforma e região geográfica – é uma rede composta. Portanto essa rede mostra a diversidade de ocorrências da língua Kokama na internet e também apresenta períodos que tiveram inserção de publicações e as plataformas, meios e modalidades que têm sido mais presentes. Isso pode ser visto ao se fazer um *zoom* no agrupamento (*cluster*) que mostra grande presença de língua Kokama na sua modalidade escrita, seguida da oral. E também o meio vídeo seguido do áudio. O ano de 2013 foi o período de maior inserção de materiais na internet pelos Kokama. O Peru aparece com maior frequência de inclusão de materiais, seguido do Brasil e da Colômbia, o que pode indicar a importância de se fazer intercâmbios de “troca de saberes”

presenciais e virtuais entre as pessoas desses países. A seguir dispomos as imagens dos agrupamentos (*clusters*) que puderam ser identificados na rede (Figuras 96-104).

Figura 96 - Agrupamento (*Cluster*) Escrita da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014)

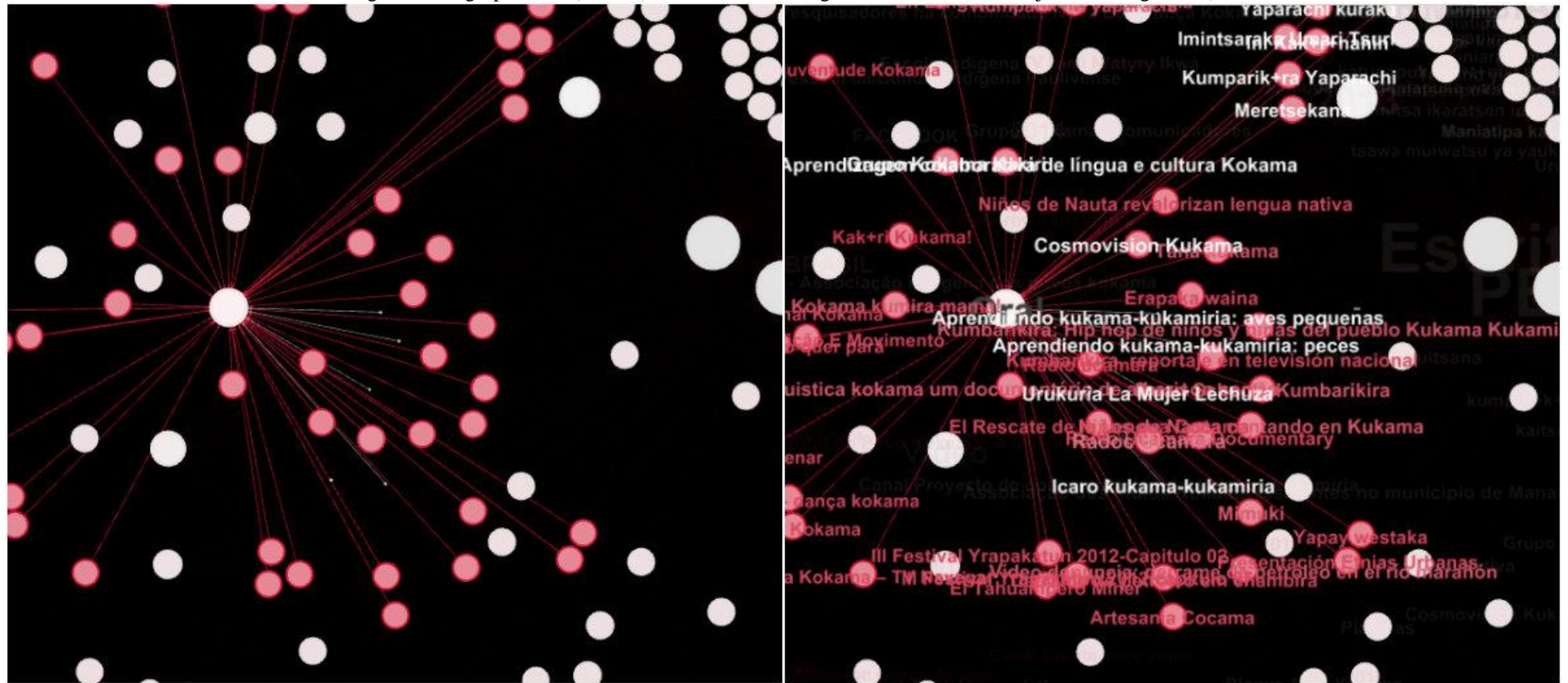


Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Visualização gerada pelo programa *Gephi 0.8.2*. Organização dos dados do mapeamento da presença da língua Kokama na internet, por: Ocorrência (título do material), Modalidade (oral e escrita), Data, Meio (vídeo, áudio, texto/escrita), Plataforma (canal do youtube, vimeo, soundcloud, site, blog, rede social), Região geográfica (Peru, Brasil, Colômbia). Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRZm). Dados coletados de junho a agosto de 2014.



Figura 97 - Agrupamento (Cluster) Oral da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014)

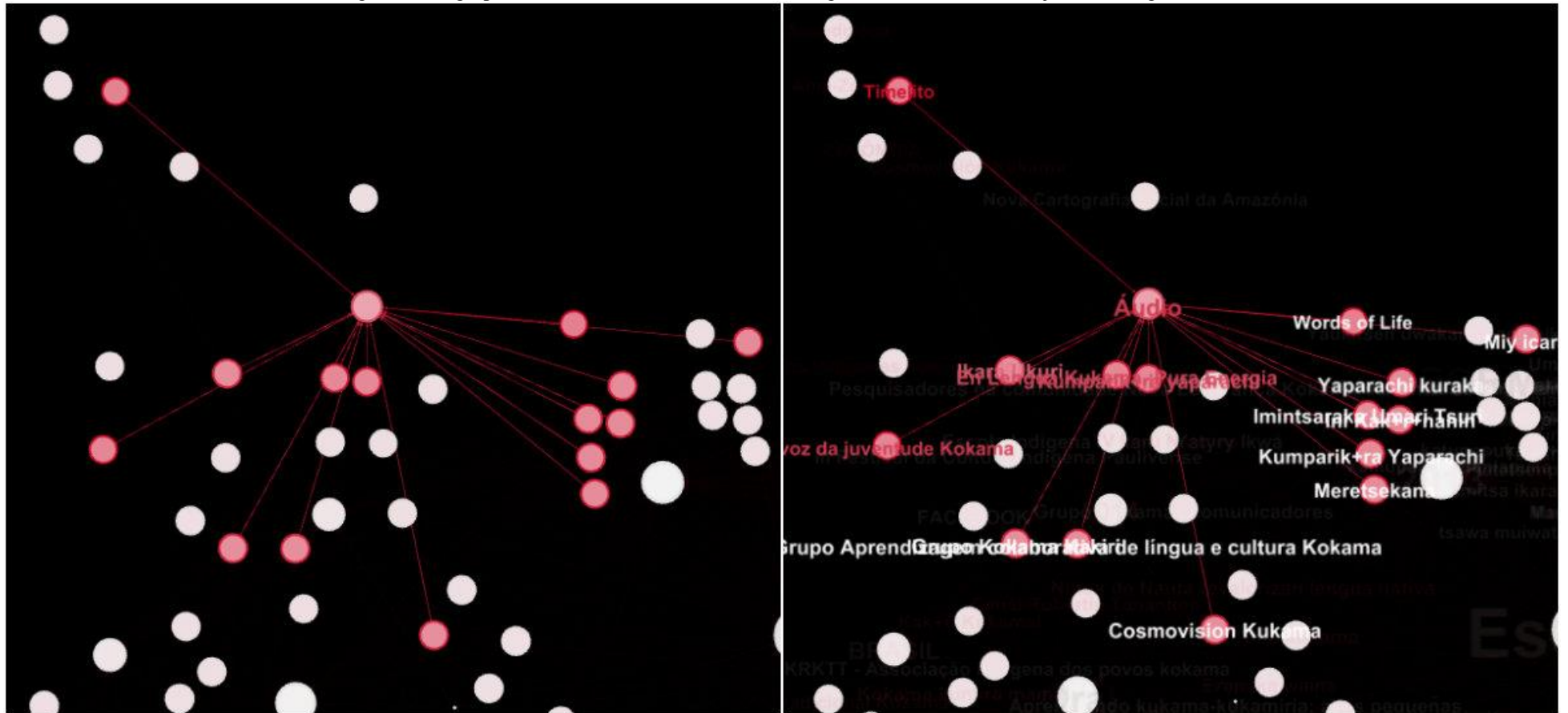


Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Visualização gerada pelo programa *Gephi 0.8.2*. Organização dos dados do mapeamento da presença da língua Kokama na internet, por: Ocorrência (título do material), Modalidade (oral e escrita), Data, Meio (vídeo, áudio, texto/escrita), Plataforma (canal do youtube, vimeo, soundcloud, site, blog, rede social), Região geográfica (Peru, Brasil, Colômbia). Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRZm). Dados coletados de junho a agosto de 2014.



Figura 99 - Agrupamento (*Cluster*) Áudio da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014)

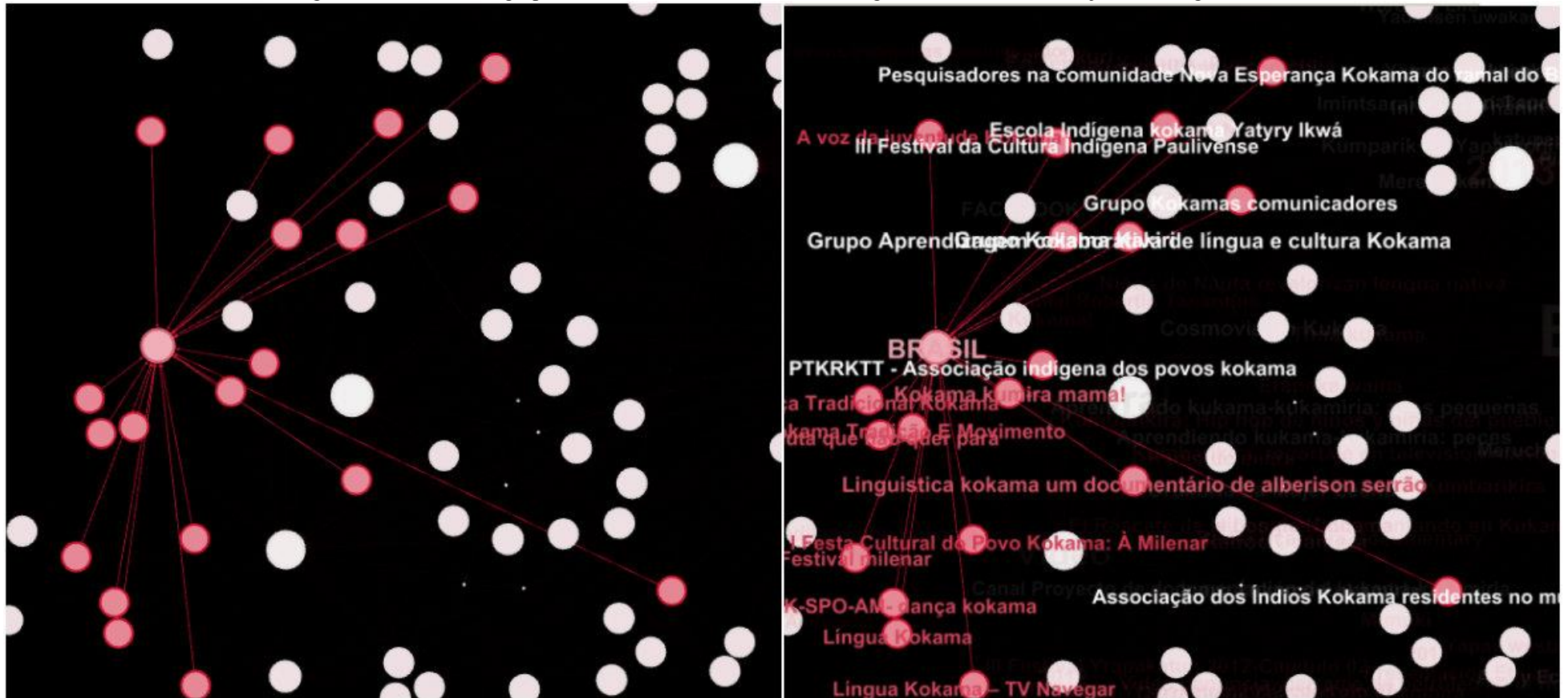


Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Visualização gerada pelo programa *Gephi 0.8.2*. Organização dos dados do mapeamento da presença da língua Kokama na internet, por: Ocorrência (título do material), Modalidade (oral e escrita), Data, Meio (vídeo, áudio, texto/escrita), Plataforma (canal do youtube, vimeo, soundcloud, site, blog, rede social), Região geográfica (Peru, Brasil, Colômbia). Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRZm). Dados coletados de junho a agosto de 2014.



Figura 100 - Zoom do Agrupamento (Cluster) Brasil da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014)



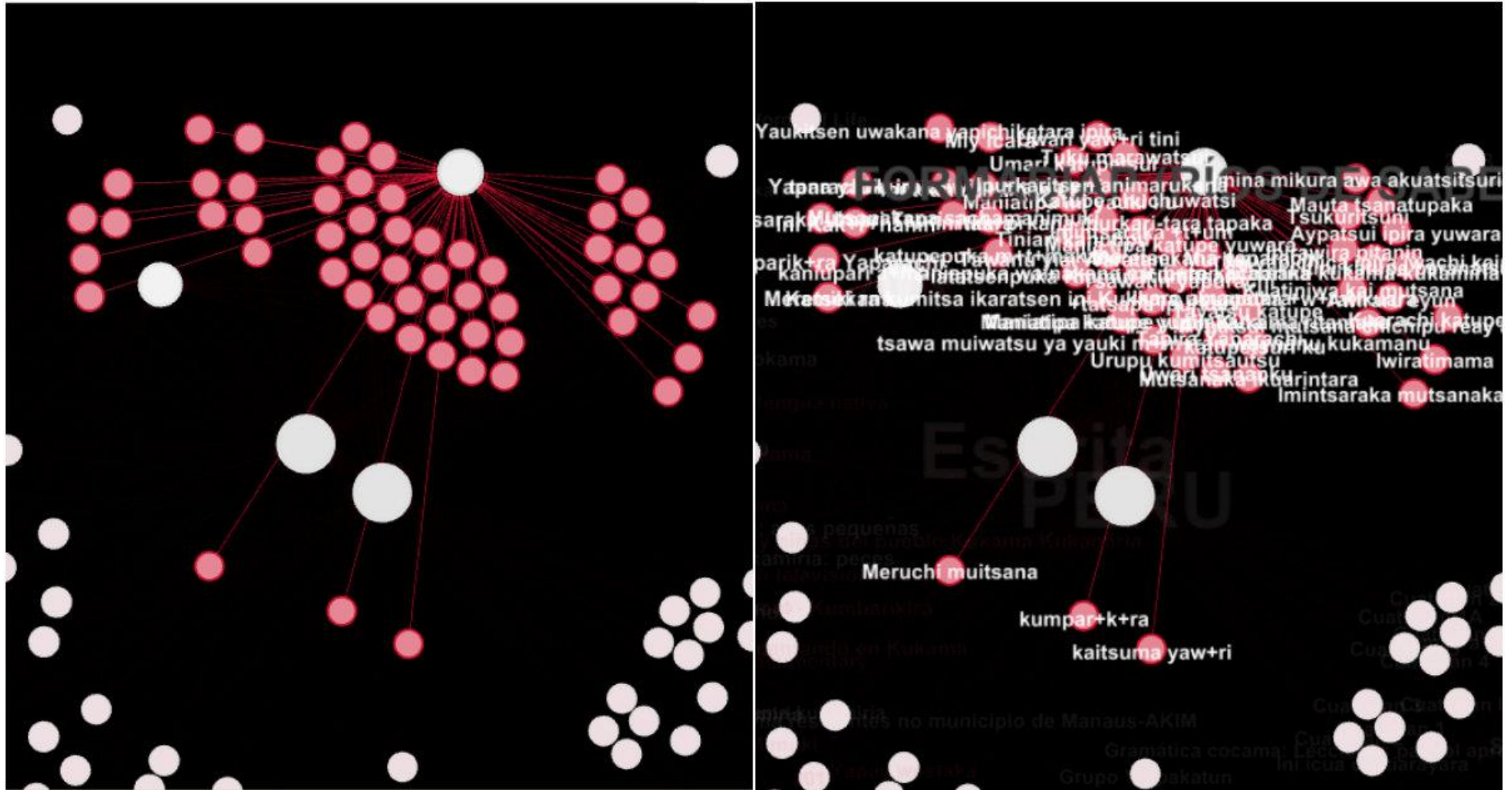
Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Visualização gerada pelo programa *Gephi 0.8.2*. Organização dos dados do mapeamento da presença da língua Kokama na internet, por: Ocorrência (título do material), Modalidade (oral e escrita), Data, Meio (vídeo, áudio, texto/escrita), Plataforma (canal do youtube, vimeo, soundcloud, site, blog, rede social), Região geográfica (Peru, Brasil, Colômbia). Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRZm). Dados coletados de junho a agosto de 2014.





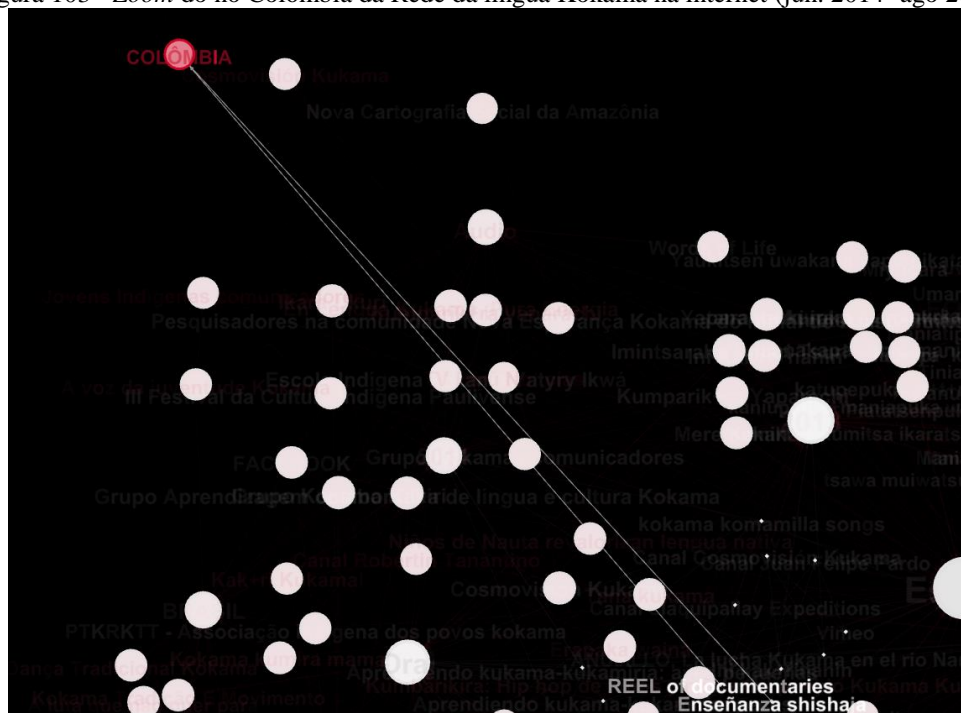
Figura 102 - Zoom do Agrupamento (Cluster) Ríos de saber da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014)



Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Visualização gerada pelo programa *Gephi 0.8.2*. Organização dos dados do mapeamento da presença da língua Kokama na internet, por: Ocorrência (título do material), Modalidade (oral e escrita), Data, Meio (vídeo, áudio, texto/escrita), Plataforma (canal do youtube, vimeo, soundcloud, site, blog, rede social), Região geográfica (Peru, Brasil, Colômbia). Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRZm). Dados coletados de junho a agosto de 2014.

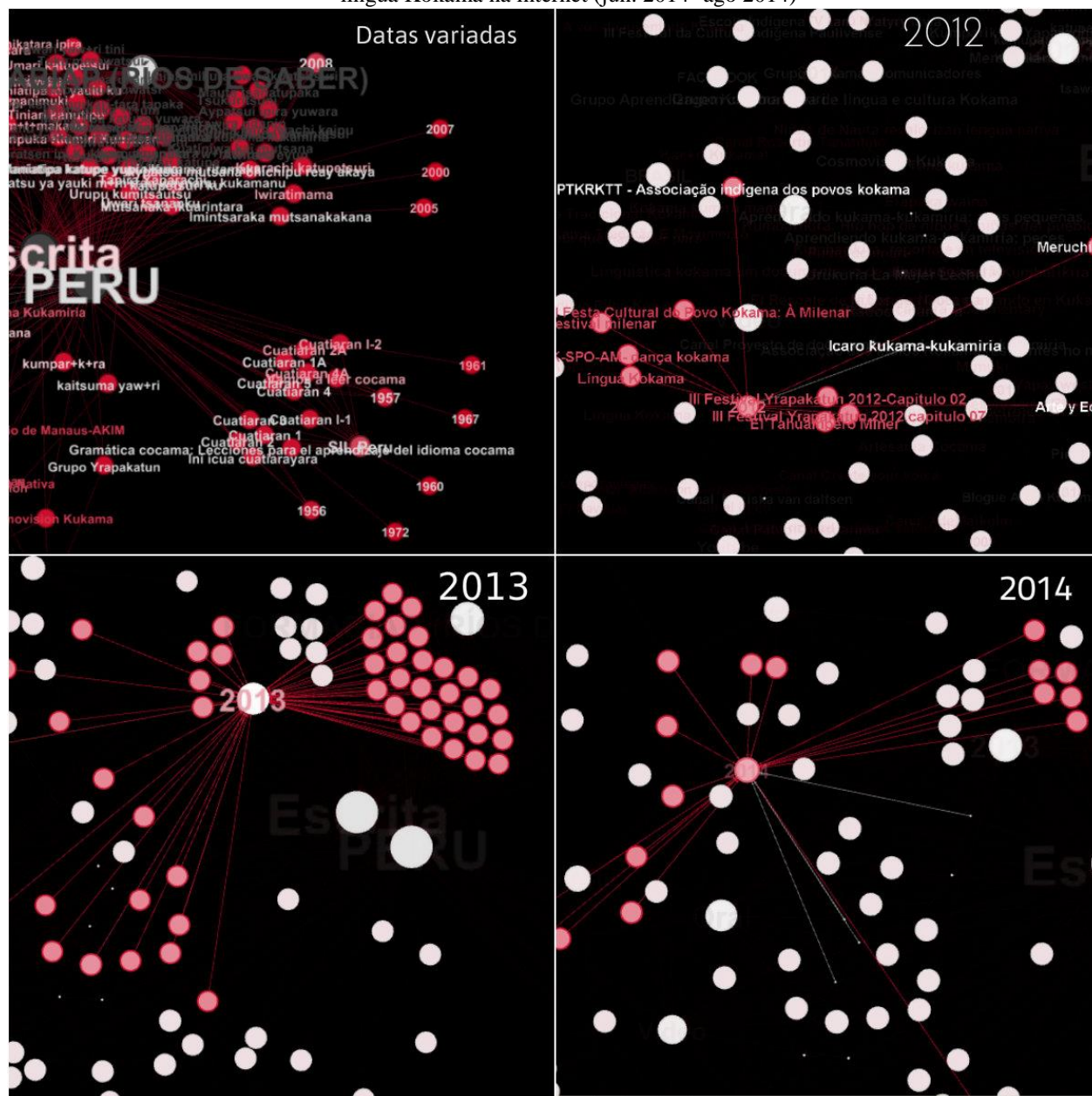
Figura 103 - Zoom do nó Colômbia da Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014)



Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Visualização gerada pelo programa *Gephi 0.8.2*. Organização dos dados do mapeamento da presença da língua Kokama na internet, por: Ocorrência (título do material), Modalidade (oral e escrita), Data, Meio (vídeo, áudio, texto/escrita), Plataforma (canal do youtube, vimeo, soundcloud, site, blog, rede social), Região geográfica (Peru, Brasil, Colômbia). Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRZm). Dados coletados de junho a agosto de 2014.

Figura 104 - Zoom das datas variadas e dos Agrupamentos (*Clusters*) dos anos 2012, 2013 e 2014. Rede da língua Kokama na internet (jun. 2014- ago 2014)



Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Visualização gerada pelo programa *Gephi 0.8.2*. Organização dos dados do mapeamento da presença da língua Kokama na internet, por: Ocorrência (título do material), Modalidade (oral e escrita), Data, Meio (vídeo, áudio, texto/escrita), Plataforma (canal do youtube, soundcloud, site, blog, rede social), Região geográfica (Peru, Brasil, Colômbia). Dados coletados de junho a agosto de 2014.

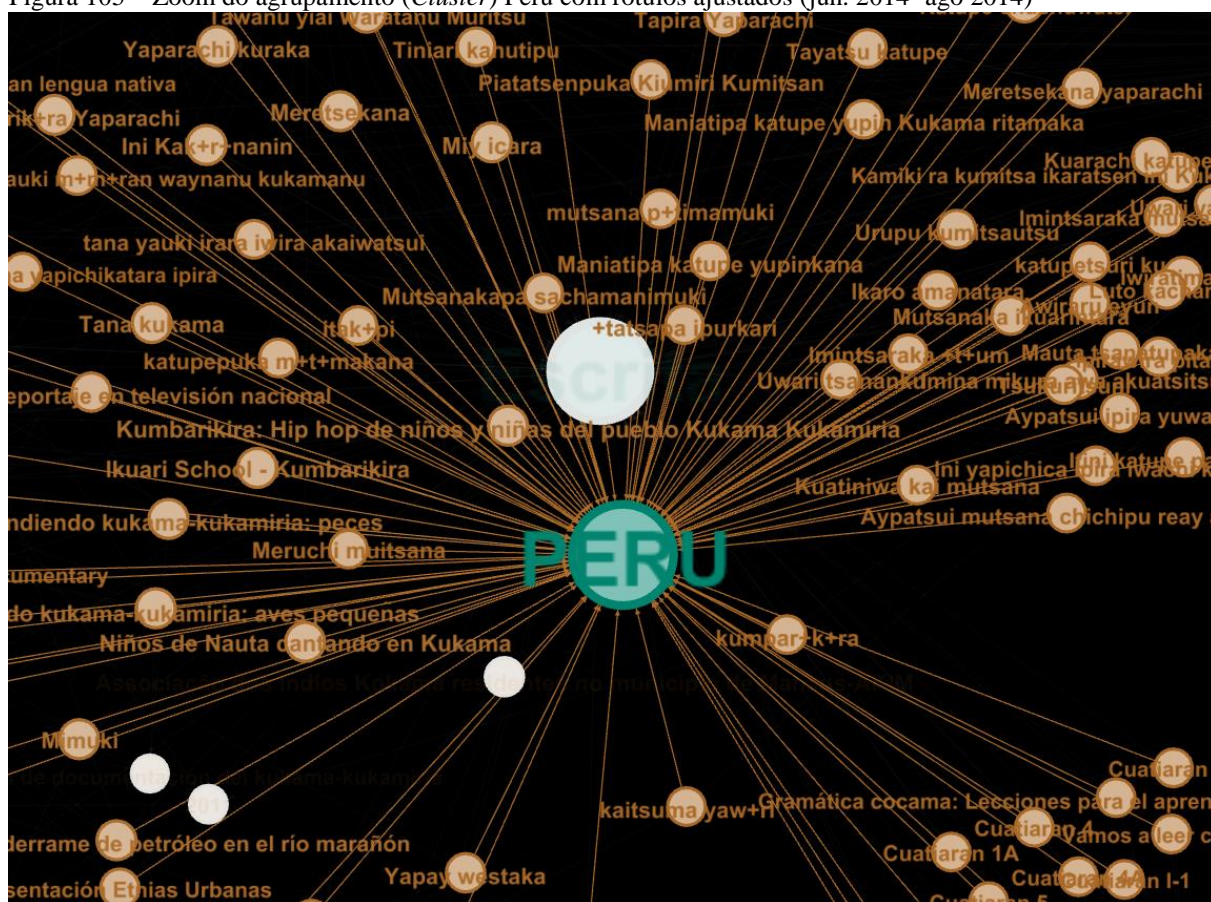
Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRZm). Dados coletados de junho a agosto de 2014.



Além dessas datas apresentadas nos agrupamentos (*clusters*) na Fig. 104, outras datas tiveram inserção de materiais, tais como os anos de 2008, 2009, 2010, 2011, etc.

As visualizações anteriores tiveram o foco na clusterização. Mas outras customizações são possíveis. A seguir apresentamos outras formas de visualização (Figuras 105 e 106) geradas pelo *Gephi 0.8.2* com o ajuste dos rótulos aos nós para propiciar melhor leitura dos títulos das ocorrências.

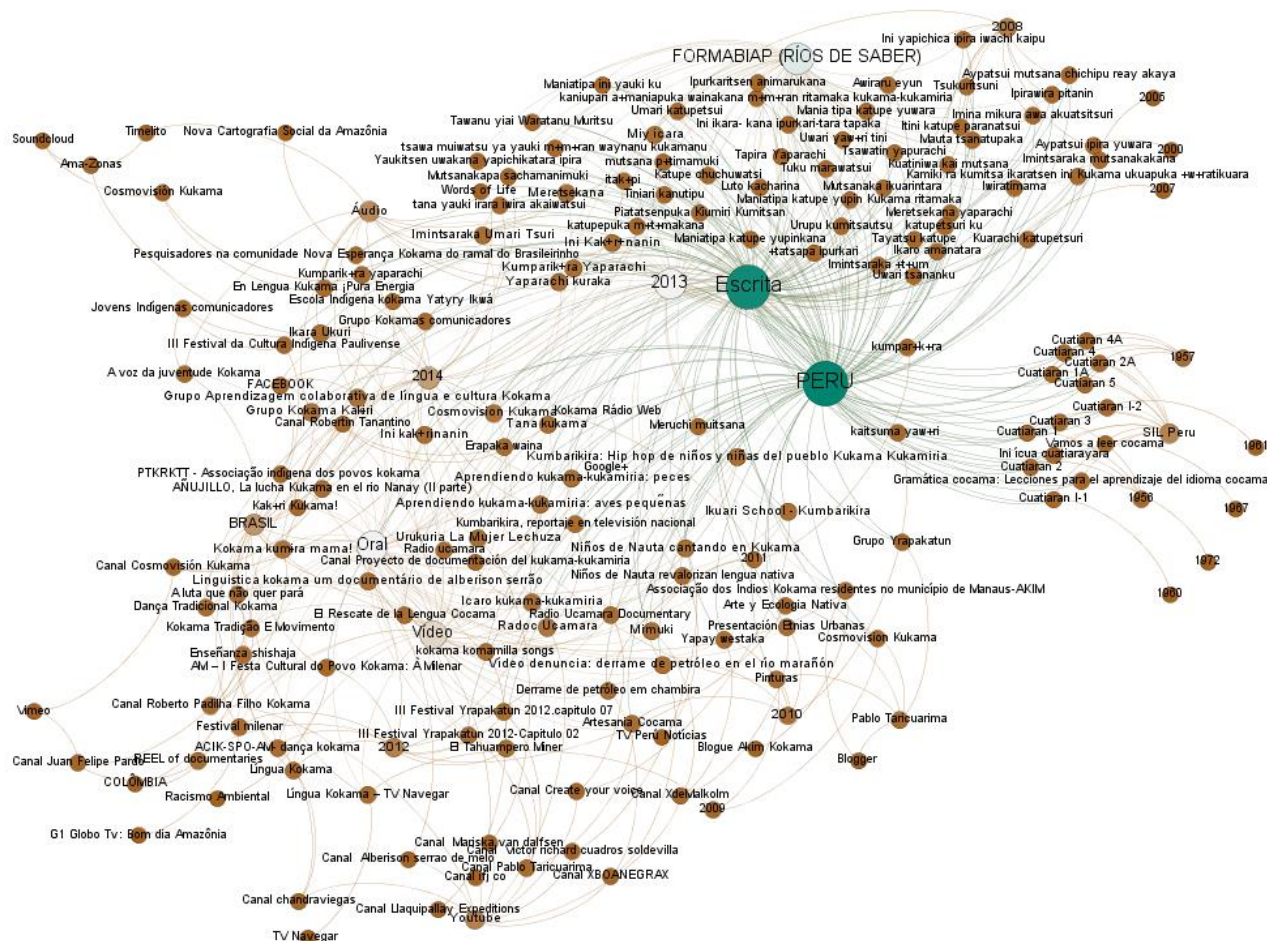
Figura 105 – Zoom do agrupamento (*Cluster*) Peru com rótulos ajustados (jun. 2014- ago 2014)



Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Visualização gerada pelo programa *Gephi 0.8.2*. Organização dos dados do mapeamento da presença da língua Kokama na internet, por: Ocorrência (título do material), Modalidade (oral e escrita), Data, Meio (vídeo, áudio, texto/escrita), Plataforma (canal do youtube, soundcloud, site, blog, rede social), Região geográfica (Peru, Brasil, Colômbia). Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRZm). Dados coletados de junho a agosto de 2014

Figura 106 - Rede da língua Kokama na internet com rótulos ajustados e arestas curvas (jun. 2014- ago 2014)



Fonte: elaborada pela autora.

Nota: Visualização gerada pelo programa *Gephi 0.8.2*. Organização dos dados do mapeamento da presença da língua Kokama na internet, por: Ocorrência (título do material), Modalidade (oral e escrita), Data, Meio (vídeo, áudio, texto/escrita), Plataforma (canal do youtube, vimeo, soundcloud, site, blog, rede social), Região geográfica (Peru, Brasil, Colômbia). Dados coletados de junho a agosto de 2014.

É importante salientar que as redes são dinâmicas, por isso a **Rede da língua Kokama na internet** registrada com base nas consultas de junho a agosto do ano de 2014 na internet representa apenas um momento. Os dados da presença da língua Kokama na internet estarão sempre em transformação podendo as configurações da presença da língua Kokama na internet formarem visualizações de redes diferentes em outros momentos. Além disso, os dados que constam na **Rede da língua Kokama na internet** são os que tivemos conhecimento, sinalizando que outros dados podem existir além dos que apresentamos.

Como pudemos ver a língua Kokama está bastante presente na internet e tudo indica que tal presença venha a crescer, dado o seu crescimento já observado entre os meses em que consultamos os materiais. Em consulta à mostra interativa *Ríos de Saber*, por exemplo, em junho de 2014 havia 47 itens e em agosto já há 56 itens relacionados à língua Kokama

(Kukama). A maioria dos materiais que consultamos na internet com presença da língua Kokama é de autoria dos próprios Kokama. Isso mostra que os Kokama estão se apropriando das TICs e também estão desenvolvendo suas próprias metodologias de “aprendizagem em rede”.

Tendo esses dados pode-se futuramente comparar o uso da língua Kokama com o uso do Espanhol, Português e outras línguas nos contextos obtidos pelo mapeamento da presença indígena Kokama no ciberespaço. Assim como abordar fenômenos sociolinguísticos do uso da língua Kokama nesses contextos. O desenvolvimento de ferramentas para análises de línguas indígenas por meio da Web semântica, como citamos anteriormente, pode aprimorar esse tipo de mapeamento no ciberespaço.

Ao revisar a presente seção, Renato Fabbri observou que o método que desenvolvi na presente tese – chamado aqui de Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRZm) – de fazer a rede composta e analisar cada critério de relacionamento vem contribuir para a análise de grafos. Com base no seu conhecimento de redes, Fabbri considerou que esse método de fazer a rede composta de vértices relacionados e vértices que os relacionam, e fazer *zoom* em cada caso, é bastante apropriado para o tipo de estudo antropológico-social e sociolinguístico aqui abordado. Portanto, a análise é uma contribuição potencialmente inédita como método de análise de redes. Este método é fruto direto da observação da língua Kokama *on-line* através de redes complexas e visualizações, que é a contribuição central desta seção (FABBRI, 5 out. 2014)<sup>571</sup>.

## 7.2.6 Cultura material e imaterial

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 - artigos 215 e 216 - reconheceu a existência de bens culturais de natureza material e imaterial, os quais formam o patrimônio cultural de um povo.

Os Bens Culturais de Natureza Imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). [...] O Patrimônio Cultural Imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e

---

<sup>571</sup> FABBRI, Renato. [mensagem pessoal], mensagem recebida por Chandra Wood. Bate-papo do Facebook. Em 5 out. 2014.

continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (IPHAN: Patrimônio imaterial)<sup>572</sup>

### Já o patrimônio material

[...] é formado por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis – núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais – e móveis – coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos (PORTAL BRASIL, 2009)<sup>573</sup>.

Com a criação do **Programa Nacional do Patrimônio Imaterial** (PNPI)<sup>574</sup>, instituído pelo Decreto 3.551 de 2 de agosto de 2000, a diversidade étnica e cultural passou a ser mais valorizada pela política cultural do Brasil, no que se refere ao registro, à salvaguarda, à preservação, à disseminação, à promoção e ao incentivo às iniciativas e práticas de preservação da sociedade.

Tendo em vista que a cultura material está intrinsecamente ligada à cultura imaterial, a dança, a música, a pintura, a culinária, o artesanato, etc., cada um desses elementos possuem as suas formas de transmissão e expressão, a sua linguagem. Assim as expressões culturais relacionam pessoas, conhecimentos, valores e ambientes, como se pode ver no relato de um “conhecedor” Kokama:

El pueblo Kukama-Kukamiria, una de las forma de transmitir nuestro conocimientos es a través de las danzas porque es parte de nuestra riqueza cultural .Además es un evento social para mantener una series de relaciones y prácticas de valores entre nosotros mismos y los seres espirituales. Los Kukama tenemos muchas danzas de agradecimiento, caza, etc. Los grandes conocedores son nuestros sabios o abuelos que son ellos que transmitieron a toda la generación para así mantener viva nuestra cultura. Las danzas han sido siempre una actividad comunitaria que nos transmiten muchos conocimientos (Colector: Lessy Susana SOUZA HUAYMANA (24/09/2013) Conocedor: Juan Manuel Vásquez Murayari, Ríos de Saber, Kukama, Danza del curaca)<sup>575</sup>

<sup>572</sup>IPHAN: Patrimônio imaterial. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>>. Acesso em: 6 ago. 2014.

<sup>573</sup> PORTAL BRASIL. Conheça as diferenças entre patrimônios materiais e imateriais. Publicado em 31/10/2009. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/10/conheca-as-diferencas-entre-patrimonios-materiais-e-imateriais>>. Acesso em: 6 ago. 2014.

<sup>574</sup>Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=201>> Acesso em: 6 ago. 2014.

<sup>575</sup> Ríos de Saber: muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana. Disponível em: < <http://www.riosdesaber.org/?pg=00007&lg=ES>>. Acesso em: 6 ago. 2014.

As tecnologias indígenas têm estado presentes no fortalecimento da língua e da cultura Kokama, como por exemplo, a arte de construir instrumentos musicais e artesanatos do Sr. Mauro Cahuasa Mapiama de Guanabara II, Benjamim Constant, AM. A arte tem sido uma forma de expressar a cosmovisão Kokama (Cocama) como tem feito o artista Pablo Taricuarima<sup>576</sup> do Peru e o grupo do qual participa, *Yrapakatun*. Taricuarima desenvolveu o projeto artístico “Arte y Ecología Nativa” na Escuela Nacional de Bellas Artes em Lima, Peru. No âmbito desse projeto, Taricuarima realizou pesquisas de campo em comunidades Kokama no Peru para aprender sobre a cosmovisão e técnicas ancestrais praticadas. A rede, “Atoka Cocama”, foi uma das cinco técnicas que Taricuarima aprendeu na sua investigação. Taricuarima utilizou também a metáfora da rede para a sua pesquisa.

La red era una de cinco técnicas aprendidas en la investigación, se llamaba “Atoka Cocama”, se iniciaba desde un punto izquierdo hacia otros puntos al lado derecho de forma espiral, la característica importante del “Atoka Cocama” era que durante el proceso de elaboración no se requería realizar con nudos para formar el tejido como tela de araña.[...] Cuando empezaba a tejer la red, era difícil asimilar el reto del proyecto, por el dolor que ocasionaba en las manos al tirar muchas veces la fibra y ver más de 50 kilogramos de sogas de cabulla para cumplir la meta. Sin embargo la inspiración que impulsaba mi trabajo era interactuar con mi obra y pensar en mis abuelos antiguos indígenas, que inventaban sus propias tecnologías para sobrevivir y facilitar su vida diaria, cuando hacían las fibras para hacer sus hamacas y shicras.[...] La simbología de la red que integro a varias personas afines al propósito del proyecto, se construyo en el transcurso de la investigación y en los viajes realizados para el trabajo de campo: departamento de Junín y Loreto. En el camino se encontró a cada integrante del performance final. Los atrapa sueños medianos fueron auténticos realizados con recursos naturales recolectados en la selva amazónica, lianas curativas como el plantas medicinales (TARICUARIMA, Atoka Cocama, 2011)<sup>577</sup>.

Em uma das etapas do projeto, Taricuarima, junto com outros artistas, fez uma instalação na *Escuela Nacional de Bellas Artes* da “Atoka Cocama”, um “filtro dos sonhos” de 12 metros tecido com fibra natural (Fig. 107).

---

<sup>576</sup> Ver Capítulo 3.

<sup>577</sup>TARICUARIMA, Pablo. ATOKA COCAMA. Publicado em:25/11/2011. Disponível em: <<http://arteyecologianativa.blogspot.com.br/>> Acesso em 30 jun. 2014.



Figura 107 - Atoka Cocama. Pablo Taricuarima. 2012.



Fonte: “Atoka Cocama”. Projeto “Arte y Ecología Nativa”. 2012.

Pablo Taricuarima: Disponível em: <<http://arteyecologianativa.blogspot.com.br/>> .

Acesso em: 29 jul. 2014.

Aspectos culturais dos Kokama têm tido expressão, igualmente, na criação de materiais didáticos, os quais podem ser vistos, ao mesmo tempo, como materiais artísticos. Exemplos desses materiais são os DVDs que apresentamos no presente capítulo, os vídeos produzidos no Brasil e no Peru e os materiais bilíngues produzidos pela doutoranda em linguística da Universidade de Brasília, também da etnia Kokama, Altaci Corrêa Rubim. Ademais, o destaque é dado, nesses materiais, às músicas, tanto às tradicionais como às novas interpretações e criações musicais feitas pelos Kokama.

A Associação Indígena dos Caciques do Povo Kokama do Município de Tabatinga (PTKRKTT) realizou em 2012 o primeiro festival da etnia em Tabatinga - I Festa Cultural do Povo Kokama: À Milenar - no qual os Kokama dançaram, apresentaram músicas, se pintaram e usaram vestimentas tradicionais. O Sr. Francisco Guerra Samias (Fig. 108) falou do orgulho de ser Kokama em entrevista ao “Bom dia Amazônia”:

A pintura no rosto e braços é sinônimo de respeito entre os índios. Os traços identificam os Kokama: - “A pintura significa que a gente é verdadeiro índio Kokama” (fala de uma indígena Kokama) [...] É através da dança que os kokamas buscam repassar para os índios mais novos a tradição de seu povo [...] As roupas feitas a partir da fibra de tucum e tururi também fazem parte do ritual. Durante o festival os mais antigos fizeram questão de falar na língua materna. Para os Kokamas é preciso fortalecer a cultura em tempos de modernidade: - “Todos nós sentimos orgulhoso de ser kokama, de ser um

povo que tenha cultura” (fala do Sr. Francisco Guerra Samias). O primeiro Festival dos povos kokama, A Milenar, reuniu 70 índios da região do Alto Solimões e dos países vizinhos Colômbia e Peru. (GLOBOTV. Associação indígena no Amazonas realiza festival. 03/10/2012)<sup>578</sup>

Figura 108 - Associação indígena no Amazonas realiza festival. Sr. Francisco Guerra Samias. 2012.



Fonte: GLOBOTV. Bom dia Amazônia. Associação indígena no Amazonas realiza festival. 03/10/2012.

### 7.2.7 Instituições, associações e organizações

As organizações e associações Kokama têm sido criadas para representar as comunidades Kokama na defesa dos seus direitos. Essas vêm atuando, além de outras ações, na busca pelo fortalecimento da língua e da cultura Kokama por meio de parcerias com empresas privadas, organizações governamentais e não governamentais, entre outros.

No mapeamento da presença Kokama no ciberespaço pudemos encontrar, principalmente parcerias voltadas para a capacitação e empoderamento dos Kokama, nas áreas de comunicação, nutrição, manejos sustentáveis, etc. Apresentamos o Quadro 33 com algumas associações e organizações Kokama localizadas no Brasil que encontramos na *Web*. Este quadro poderá ser complementado posteriormente de forma colaborativa, considerando que existem muitas outras Associações Kokama além destas.

<sup>578</sup> GLOBOTV. Bom dia Amazônia. Associação indígena no Amazonas realiza festival. 03/10/2012. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-amazonica-am/bom-dia-amazonia/v/associacao-indigena-no-amazonas-realiza-festival/2169534/>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

Quadro 33 - Algumas Associações e Organizações Kokama encontradas na Web. Brasil. Junho de 2014.

ALGUMAS ASSOCIAÇÕES E ORGANIZAÇÕES KOKAMA		
NOME	SIGLA	LOCAL
Associação das Comunidades Indígenas Kokamas de São Paulo de Olivença	ACIK	São Paulo de Olivença SPO
Associação dos Caciques Indígenas de São Paulo de Olivença	Acispo	São Paulo de Olivença SPO
Associação Indígena dos Caciques do povo kokama do Município de Tabatinga-am. Putuka tapiya kuraka ritama kokama tawa tini	PTKRKTT	Tabatinga-AM
Associação do Povo Kokama da Sede de Tonantins	APKST	Tonantins-AM
Organização Indígena Kokama do Amazonas	OIKAM	
Associação Indígena Kokama de Sapotal	AIKS	Sapotal-Tabatinga-AM
Associação de Moradores da Comunidade Indígena Kokama de Santa Luzia	Amciksl	Jutai/AM
Associação Comunitária Indígena Nova Esperança do Povo Kokama da Barreira da Missão de Baixo	ACINEPK	Tefé AM
Associação de Moradores Indígenas Kokama de Tabatinga	AMIKCT	Tabatinga-AM
Associação dos Cocamas do Município da Amaturá	ACMA	Amaturá-AM
Associação dos Moradores da Aldeia Acapuri de Cima	AAAC	Acapuri de cima-AM
Confederação das Organizações Indígenas do Amazonas Apurinã, Kambeba, Karapanã, Katukina do Rio Biá, Kokama, Matsés, Miranha, Mura, Ticuna, Witoto	COIAM	Manaus-AM
Coordenação de Apoio aos Índios Kokama -	COIAMA	Manaus-AM
Federação Indígena pela Unificação e Paz Mundial – Povos: Kambeba, Kokama, Matis, Ticuna, Tukano	FIUPAM	Tabatinga-AM
Organização de Desenvolvimento e Sustentabilidade Econômica para os Povos Indígenas – Povos: Baré, Desana, Kambeba, Kokama, Tariana, Ticuna, Tukano	ODESPI	Manaus-AM
Organização Geral de Caciques das Comunidades Indígenas do Povo Kokama	OGCCIPK	Alto Solimões (Amazonas)
Federação das Associações Indígenas Kokama do Alto Solimões		Alto Solimões (Amazonas)
Associação Kokama Indígena de Manaus	AKIM	Manaus

Fonte: elaborado pela autora. Mapeamento da presença dos Kokama no ciberespaço. Junho de 2014<sup>579</sup>.

Alguns projetos desenvolvidos por associações e organizações Kokama visando o fortalecimento de sua língua e cultura foram apresentados para concorrer ao Prêmio Culturas Indígenas<sup>580</sup> nas edições: Ângelo Cretã (2006), Xicão Xukuru (2007), e Marçal Tupã-Y (2010):

<sup>579</sup> Fontes diversas e <http://pib.socioambiental.org/pt/c/iniciativas-indigenas/organizacoes-indigenas/lista-de-organizacoes>

<sup>580</sup> Culturas indígenas. Disponível em: <<http://culturasindigenas.org/initiatives/>>. Acesso em: 5 abr. 2012.

- ↘ (668) Resgate e Valorização da Cultura Milenar dos Povos Kokama (2007)
- ↘ (897) Curso de Recuperação de Línguas e Culturas Indígenas Kokama (2007)
- ↘ (351) Cultura Indígena Cokama (Premiado) (2006)
- ↘ (431) Regate da língua do Povo Cocama (2006)
- ↘ (466) Guanabara II (2006)
- ↘ (468) Indígena Kokama - Tagatinga - AM (2006)
- ↘ (187) AMIKCT-Para o nosso próprio terreno (2007)
- ↘ (363) Resgate e Fortalecimento da Culinária do Povo Kocama (2007)
- ↘ (378) Yarica - Outra Vez (2007)

Na descrição da iniciativa “Curso de Recuperação de Línguas e Culturas Indígenas Kokama” desenvolvida pela Organização Geral de Caciques das Comunidades Indígenas do Povo Kokama (OGCCIPK), formada por 85 comunidades, por exemplo, consta que “o trabalho de resgate da língua materna e da cultura começou em 2001, depois de ser aprovado em Assembleia Geral” (PRÊMIO, 2008, p.251)<sup>581</sup>.

No ano de 2006 foi inaugurada pelos Kokama uma “megamaloca”, espaço cultural, em Sapotal, Tabatinga, Amazonas, Brasil, com a presença de apoiadores, artistas, indígenas das comunidades e lideranças Kokama, tais como: Francisco G. Samias, Cristóvão M. Moçambique e Eládio R. Curico, entre outras. Houve apresentação de danças tradicionais, músicas e o batizado de um menino Kokama.

As associações e organizações Kokama, vêm, portanto, desenvolvendo iniciativas para fortalecer a língua e a cultura Kokama de maneira autônoma. Dessa forma, contribuem, ao mesmo tempo, para articular as comunidades e suas ações.

Universidades também vêm apoiando o fortalecimento, tais como a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e a Universidade de Brasília (UnB), as quais atuam em parceria com os Kokama, desenvolvendo projetos colaborativos.

### 7.2.8 Escolas

---

<sup>581</sup>Prêmio culturas indígenas. São Paulo: SESC SP, 2008. 432p.

Com base nos resultados da pesquisa sociolinguística apresentada no capítulo 5 a escola é bastante representativa para os Kokama no que se refere à busca pelo ensino-aprendizagem bilíngue (Português e Kokama).

A pesquisa sociolinguística buscou identificar, entre outras questões, a presença da língua Kokama na escola. Na parte do formulário referente aos dados da aprendizagem da língua Kokama na comunidade, foram feitas as seguintes perguntas: “Tem aprendizagem de língua Kokama na comunidade?; A aprendizagem da língua Kokama é na escola ou em outro ambiente, ou em ambos?; Quantos alunos assistem às aulas e qual a faixa de idade deles?”. Foi indicado também no formulário para que se fizesse uma descrição de como ocorrem essas aulas ou formas de aprendizagem.

Aqui neste trabalho a entidade “escolas” é vista, pois, como uma das entidades que está relacionada ao fortalecimento da língua e da cultura Kokama, compondo a noção de “línguas em rede”, tendo em vista a citação de sua importância pelas pessoas envolvidas. No registro de vídeo que fizemos para os DVDs Kokama na comunidade Guanabara II no ano de 2010, lideranças falam da importância de se ter professores bilíngues para atuarem nas escolas das comunidades. Na pesquisa sociolinguística de Leonel Magalhães de Souza em 2012, por exemplo, a escola da comunidade São José do município de Santo Antônio do Içá possui ensino-aprendizagem da língua Kokama com um total de 550 estudantes. Outra escola que tem sido palco para ações de fortalecimento é a Escola Municipal Indígena Kokama *Yatyry Ikwá*<sup>582</sup> da comunidade Monte Santo em São Paulo de Olivença-AM, município onde se desenvolve, desde 2011, projeto de “resgate” da língua Kokama em todas as escolas<sup>583</sup>. Almeida e Rubim (2012) apresentam reflexões sobre a importância do reconhecimento pelo Ministério da Educação (MEC) das escolas das comunidades Kokama como “escolas indígenas” pautadas na educação diferenciada. Almeida e Rubim (2012) citam algumas “escolas Kokama” e tratam da importância da educação para a formação da identidade e para assegurar direitos territoriais.

Assim, faz-se importante realizar o levantamento das escolas indígenas em comunidades Kokama e da situação da presença da língua Kokama nesses ambientes.

### **7.2.9 Animais, plantas e os três mundos (terra, ar e água).**

<sup>582</sup> Ver mais informações no site da escola. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/siteescolakokama/home>>. Acesso em: 20 out. 2014.

<sup>583</sup> Segundo José Maria Moraes Arcaño. Atividade “Conhecimentos Kokama” da disciplina a distância Introdução à língua e à cultura Kokama, 2013.

No mapeamento da presença Kokama no ciberespaço e em materiais didáticos encontramos informações sobre os discursos na língua Kokama que os Kokama utilizam para se comunicarem com as plantas e com os animais, tanto em mitos, como no trabalho de cura. Esses discursos podem ser vistos, por exemplo, no acervo *Ríos de Saber: muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana*<sup>584</sup>. No Capítulo 6 dispomos alguns exemplos dessas ocorrências na análise da presença da língua Kokama no ciberespaço. Os animais também têm aparecido de forma artística em materiais didáticos para o incentivo da aprendizagem da língua Kokama, tanto nos produzidos pela FORMABIAP, como nos produzidos pela doutoranda Kokama Altaci Corrêa Rubim.

Os “três mundos”, os quais são sistemas complexos que estão em interação, cada qual com a sua linguagem, encontram-se vinculados aos Kokama, como se pode ver no documentário Radio Ucamara radio (*Ucamara Documentary*): O povo kokama está vinculado ao rio. O território é o que está na terra, água e o ar, os 3 mundos<sup>585</sup>.

Portanto, essas entidades são essenciais no fortalecimento da língua e da cultura Kokama, dadas as suas intrínsecas relações.

### 7.2.10 Algumas reflexões

Embora as redes Kokama, tenham algumas características das redes de tessitura miúda (BARNES, 1969), tais como multiplexidade e sistema fechado, em certa medida, no que tange à língua ancestral Kokama, essas redes que estão envolvidas no fortalecimento parecem atuar com padrões interacionais (MICHEL, 1969) - relacionados à natureza e conteúdo dos vínculos - diferentemente daquelas redes de tessitura miúda supracitadas, pois o fluxo de informação, o conteúdo de comunicação e os papéis sociais e normas, parecem atuar por meio da “troca de saberes” e não pelo isolamento, o que parece estar caracterizado por uma busca eminente pela interculturalidade. Não obstante, essa característica não é aplicada a todas as comunidades Kokama, considerando que há uma diversidade de tipos de redes Kokama. Algumas dessas comunidades podem ser caracterizadas como de tessitura miúda, considerando o “alto nível de coesão interna em virtude de polarização de valores sociais, étnicos ou religiosos” (BORTONI-RICARDO, 2011). Fazemos essas análises com base nos

---

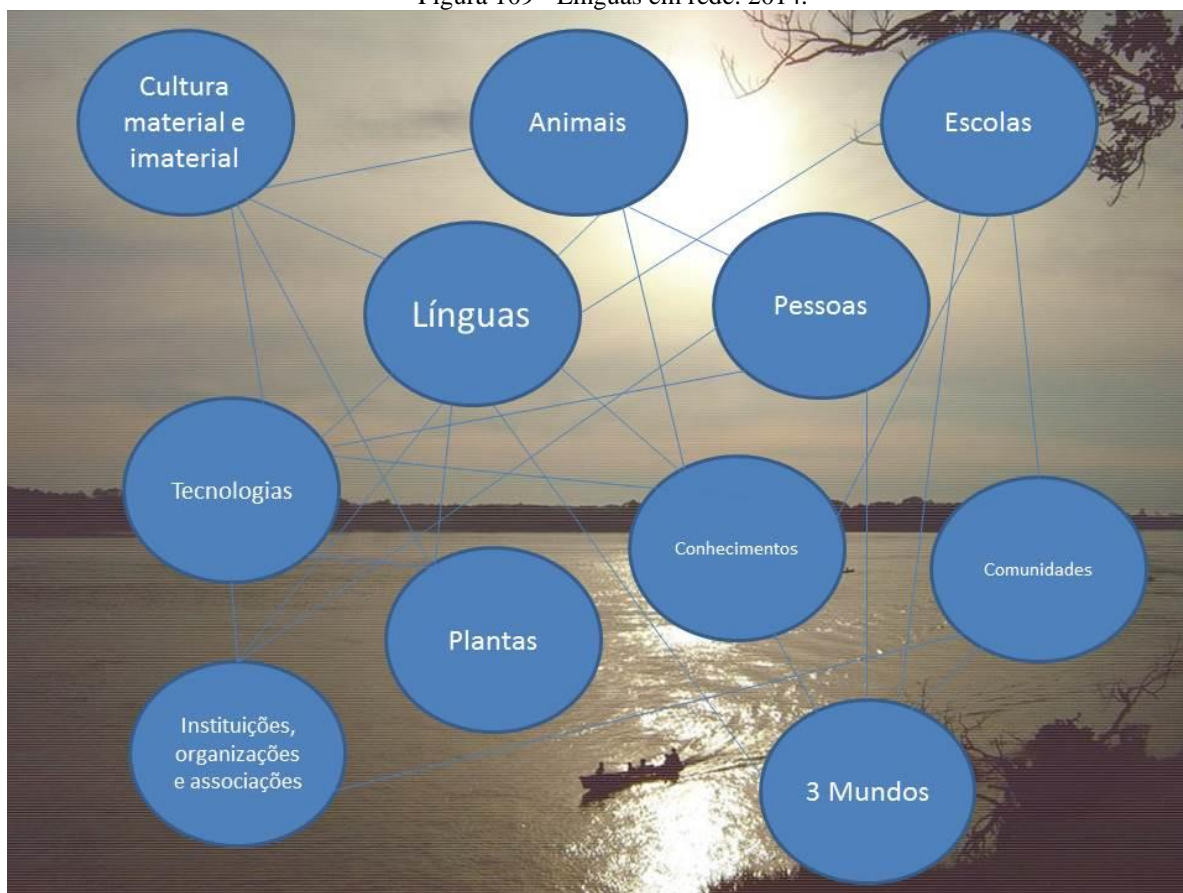
<sup>584</sup> Ver capítulo 3 e 6.

<sup>585</sup> Documentário Radio Ucamara radio (*Ucamara Documentary*), 2:28 – 2:50 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2iDLT90Nx0Q&feature=share>> Acesso em: 21 jun. 2014.

estudos apresentados por Bortoni-Ricardo (2011). Para se aprofundar tais reflexões é preciso associá-las aos demais estudos na área da sociolinguística que tratam da conexão entre o isolamento das redes e a “manutenção” de línguas.

As entidades apresentadas nesse capítulo podem ser vistas na Fig. 109 que representa a noção de “Línguas em rede”:

Figura 109 - Línguas em rede. 2014.



Fonte: elaborada pela autora.

Nota: As entidades em interação no que chamamos de “línguas em rede”. A imagem de fundo, fotografia de Chandra W. Viegas, 2008, foi usada aqui para representar as redes hidrográficas que dão a ideia de fluxo para as interações das entidades.

Essas entidades estão em interação. A imagem de fundo foi usada aqui para representar as redes hidrográficas - utilizadas como meio de comunicação pelos Kokama - que dão a ideia de fluxo para as interações das entidades. Como foi comentado anteriormente, essas foram as entidades que emergiram, conforme fomos realizando a pesquisa desta tese. A rede “Línguas em rede” é, pois, uma representação dos agentes que analisamos. Tal representação não possui “moldura”, o que dá o sentido de que outras entidades podem emergir.



Na cibercultura, as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) passaram a interagir com as línguas. No entanto, “línguas em rede” não implica necessariamente no uso de NTICs, mas sim na interação da língua com outras línguas e entidades. “Línguas em rede” para o fortalecimento de línguas e culturas remete à língua em fluxo, em uso nas interações. Outras tecnologias são envolvidas nesse sentido, como as tecnologias ou técnicas indígenas e as chamadas “tecnologias sociais”<sup>586</sup>, como por exemplo, manejos sustentáveis, formas de cultivo, farma-hortos, entre outros<sup>587</sup>.

Para D’Angelis, as próprias línguas podem ser vistas como tecnologias sociais:

[...] são tecnologias, porque elas são uma construção, uma elaboração histórica humana, pela qual a gente se apropria do conhecimento do mundo, pela qual a gente se situa e constroi a nossa intervenção no mundo, pela qual a gente organiza o entendimento que a gente tem do mundo [...] (Wilmar D’angelis fala sobre as línguas como tecnologias sociais - 28:17min.a 30:18 min. Fórum Permanente: Acesso a informação: Participação e inclusão no espaço digital)<sup>588</sup>.

Esse esquema da “línguas em rede” e as análises desenvolvidas neste trabalho, relembando os vetores, entidades ou atores e relações ou matrizes, assim como a interação desses elementos formando sistemas ou redes oferecem recursos para elaboração de modelos sistêmicos ou relacionais. Portanto, é importante que, um planejamento linguístico “continuado” (Hinton) e aberto a interações, leve em consideração esses fenômenos dinâmicos das redes.

---

<sup>586</sup>“Tecnologia Social compreende produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social.É um conceito que remete para uma proposta inovadora de desenvolvimento, considerando a participação coletiva no processo de organização, desenvolvimento e implementação. Está baseado na disseminação de soluções para problemas voltados a demandas de alimentação, educação, energia, habitação, renda, recursos hídricos, saúde, meio ambiente, dentre outras”(FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL). Disponível em: <<http://www.fbb.org.br/tecnologiasocial/o-que-e/#>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

<sup>587</sup>A Fundação Banco do Brasil, órgão que apoia as tecnologias sociais, mantém um “Banco de Tecnologias Sociais”, o qual é uma base de dados acessível que abrange informações sobre as tecnologias sociais certificadas pelo Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social. Disponível em: <<http://www.fbb.org.br/tecnologiasocial/banco-de-tecnologias-sociais/pesquisar-tecnologias/>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

<sup>588</sup>Wilmar D’angelis fala sobre as línguas como tecnologias sociais (28:17min.a 30:18 min). Mesa Redonda: Prof. Dr. Wilmar D’Angelis (IEL/UNICAMP); Profa. Dra. Cláudia Wanderley (CLE/UNICAMP); Prof. Dr. Cláudio Menezes (UnB) Fórum Permanente: Acesso a informação: Recursos digitais, disseminação de conhecimento e valorização do conteúdo local Universidade Estadual de Campinas - 30 de março, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n2zCvUpS6C0>> Acesso em: 28 jul. 2014.



### 7.3 Reflexões finais

Chegamos ao final desse trabalho, o qual buscou apresentar, principalmente uma visão ampla no âmbito da sociolinguística das questões que envolvem o fortalecimento de línguas e culturas, passando pela política e planejamento linguístico e mostrando alguns exemplos de projetos significativos nesse sentido. Na análise do caso da língua e da cultura Kokama pudemos ver como os Kokama estão se fortalecendo cada vez mais, por meio das interações entre as entidades. Essas interações podem ser vistas como uma forma de “aprendizagem em rede”, o que gera a noção de “línguas em rede”, como interpretado nesta tese. Tratamos das entidades e ações dos Kokama no Brasil, no Peru e na Colômbia, as quais têm marcado presença tanto nos “espaços físicos” quanto no ciberespaço. Essa presença é analisada por meio da noção de “línguas em rede” e dos métodos MAACL, MMPLCC e MRZR.

Buscamos mostrar como os conhecimentos Kokama interagem com a cibercultura. A comunicação pelas redes hidrográficas, reuniões, rituais, entre outros aspectos da cultura Kokama vêm se fortalecendo ainda mais com as Novas tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs). A realização de um festival Kokama, por exemplo, associado ao compartilhamento de registros (fotos, vídeos, áudios) na internet, nas redes sociais virtuais, estimulam ainda mais a realização e criação desses festivais de maneira presencial.

A produção de DVDs, por outro lado, tem estimulado o encontro presencial de falantes, lembrantes, entendedentes, aprendizes, etc. Há, portanto, o empoderamento dos Kokama quanto ao uso de tecnologias da cibercultura, em que eles escolhem as suas interações para expressar os seus conhecimentos e anseios, assim como para realizar a “aprendizagem em rede”. Como vimos, esta aprendizagem não envolve, necessariamente, o uso das NTICs. Outras tecnologias e outras entidades que emergirem podem fazer com que a língua e a cultura estejam em fluxo, não isoladas, não adormecidas, mas em interação.

Vimos que a política linguística pode ser mais bem tratada, quando combinada com o planejamento linguístico, e que não existe uma fórmula que sirva para todos os casos de fortalecimento. Passamos pela legislação brasileira e o seu tratamento dado às línguas indígenas face ao idioma oficial do Brasil, o Português. Foram destacadas algumas iniciativas do governo federal, das universidades, das ONGs, das comunidades, dos professores-pesquisadores, das lideranças indígenas, entre outros, que vêm contribuindo para o fortalecimento de línguas e culturas indígenas.

Tratamos de aspectos da Educação a Distância (EaD) e como os Kokama vêm interagindo nos ambientes virtuais de aprendizagem juntamente com colaboradores. A

formação de tutores Kokama é o próximo passo para o empoderamento dos Kokama na criação de conteúdos, métodos e abordagens para combinar formas tradicionais indígenas de aprendizagem com formas inovadoras resultantes da criatividade em fluxo dos agentes envolvidos. A pesquisa sociométrica trouxe elementos que podem contribuir nesse sentido.

As pesquisas sociolinguísticas nas duas comunidades Kokama, Guanabara II, Benjamin Constant, AM e São José, Santo Antônio do Içá, AM resultaram em diagnósticos relativos da situação de uso da língua Kokama e do comportamento e atitude linguística, assim como contribuíram com informações importantes para a inclusão digital pró-ativa e para a valorização cultural e interações entre as comunidades Kokama. Com a etnografia colaborativa pudemos apresentar alguns olhares acerca da atitude e comportamento linguístico, e acerca das questões sociolinguísticas dessas duas comunidades e, ainda, sobre algumas das ações que desenvolvemos juntamente aos Kokama.

As pesquisas com os conhecedores da língua e da cultura Kokama têm sido primordiais neste momento em que a língua Kokama vem emergindo na memória dos falantes e lembrantes. A interação dos pesquisadores com os “falantes”, muitas vezes se dá de maneira natural, em sua própria residência, conversando, relembrando a língua, ou ainda de forma um pouco mais preparada, em entrevista, mas em um contexto de troca de conhecimentos. Muitos dos registros realizados com esses falantes já puderam ser sistematizados para diversos usos visando o fortalecimento, como a “aprendizagem em rede” por meio dos DVDs, vídeos, áudios e textos na internet, entre outros materiais.

O mapeamento da presença Kokama no ciberespaço ilustrou os temas principais que vem sendo abordados pelos Kokama e sobre eles na internet; e ainda possibilitou encontrar acervos da língua e da cultura Kokama e observar como os agentes Kokama vem usando a língua Kokama na internet com o intuito de fortalecê-la.

Voltando às questões levantadas no Capítulo 1, esboçamos as reflexões finais. **Há possibilidade de restabelecer-se a transmissão geracional tradicional nas comunidades indígenas com alto grau de contato e onde predomina a língua portuguesa ou outra língua dominante?** Vimos que irá depender de quantos falantes ainda existem nas comunidades em questão, do nível de conhecimentos que eles têm sobre a língua e a qualidade e quantidade de registros dessa língua. Dependerá também da atitude linguística perante a língua ancestral. Considerando a cultura como algo dinâmico pode-se pensar em formas renovadas de transmissão geracional dessas línguas. Nesse sentido, existe na Califórnia, Estados Unidos, por exemplo, o programa Mestre-Aprendiz (*Master-Apprentice*

*Language Learning Program*)<sup>589</sup> que busca a produção de novos “falantes” por meio do método de aprendizagem de imersão de línguas indígenas locais, para que assim as comunidades possam desenvolver os próprios métodos de transmissão. No caso dos Kokama, professores-pesquisadores do Curso de Licenciatura para professores Indígenas do Alto Solimões realizaram diversas visitas a “falantes” da língua Kokama para assim realizar registros e aprender com eles pela imersão e interação de conhecimentos. Com essas experiências, os professores-pesquisadores produziram materiais didáticos e passaram a ensinar a língua também para crianças. Esse tipo de processo de transmissão requer muitos anos de aprendizagem, ou seja, muitas gerações são necessárias para que a língua se restabeleça ou tenha continuidade.

#### **As tecnologias terão lugar importante no ensino-aprendizagem dessas línguas?**

As Novas tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs), pelo que pudemos observar, já vêm desempenhando papel importante na aprendizagem da língua Kokama. A internet em geral, e mais especificamente as redes sociais, as comunidades virtuais, o *Moodle*, o rádio *online*, os DVDs, os aplicativos, o *e-mail*, como pudemos ver no decorrer desta tese já são ambientes de uso da língua Kokama. Projetos, como o **Web indígena**, por exemplo, têm mostrado a importância da presença das línguas indígenas nessas tecnologias. A qualquer momento podem surgir novas tecnologias, as quais podem ser criadas também pelos indígenas.

**Os recursos tecnológicos produzirão novos “falantes programados”?** Isso já é possível. Com o desenvolvimento da Web semântica, da Web Simbiótica, da robótica e da tecnologia *wearable*<sup>590</sup>, poderá ser mais comum a presença de “falantes programados” de diversas línguas. Robôs humanoides já vêm sendo usados em escolas com fins educacionais desde o ensino infantil. Esses robôs são capazes de realizar diversas funcionalidades, inclusive ensinar línguas. O “Robô humanoide NAO”, por exemplo, é capaz de ensinar 22 línguas<sup>591</sup>. No entanto, a tecnologia não substitui uma comunidade viva de falantes, mas pode

<sup>589</sup> *Master-Apprentice Language Learning Program*. Disponível em: <<http://aicls.org/>> Acesso em: 26 jul. 2014.

<sup>590</sup> Tecnologia *wearable*: tecnologia de vestir. Acessórios e roupas inteligentes que possuem computador e outras tecnologias avançadas, os quais podem ser vestidos ou ligados ao corpo, tais como relógios, óculos, pulseiras, fones, etc, capazes de realizar diversas funções. Cf. a postagem “20 produtos com tecnologia de vestir. Saiba o que é *wearable technology*!”. Disponível em: < <http://porquenaopenseinisso.com.br/2014/01/06/20-produtos-tecnologicos-que-voce-ira-vestir-saiba-o-que-e-wearable-technology/>> Acesso em 5 ago. 2014.

<sup>591</sup> Dominando 22 línguas, robôs dançam Michael Jackson, PSY e podem revolucionar educação. Portal Correio UOL. Publicado em: 22/07/2014. Disponível em: < <http://portalcorreio.uol.com.br/noticias/ciencia-e-tecnologia/lancamentos/2014/07/22/nws,243577,41,373,noticias,2190-dominando-linguas-robos-jogadores-robocup-revolucionar-educacao-mundial.aspx>>. acesso em: 5 ago. 2014.

contribuir para preservar e ensinar línguas, bem como colocar os falantes em conexão (Global Voices online)<sup>592</sup>.

**O que comunidades como as comunidades Kokama desejam em relação à sua língua em estágio de fortalecimento?** Com a Pesquisa de Atitude e Comportamento Linguístico por meio do MAACL, do Capítulo 5, pudemos chegar a dados qualitativos e quantitativos por meio das análises das seguintes etapas: pesquisa sociolinguística, pesquisa das etapas intermediárias, respostas e trabalhos de campo de estudantes Kokama de cursos a distância, pesquisa sociométrica e observação no ciberespaço. Os dados mostram uma busca pela valorização da língua e da cultura com ações ativas dos Kokama tanto nos ambientes “físicos” quanto no meio digital. As parcerias com as instituições e outras entidades mostram a importância da interculturalidade como uma perspectiva de “troca de saberes”. Muitas são as dificuldades enfrentadas pelos indígenas para se afirmarem em meio à cultura e língua dominante, mas o que foi observado é que os seus direitos vem sendo mais vivenciados em virtude de seus próprios esforços. Ainda há muitos direitos básicos a serem melhorados, tais como o direito à terra, à saúde, à educação diferenciada, ao transporte escolar, entre outros, os quais influenciam também no fortalecimento da língua e da cultura dos Kokama. A maioria dos entrevistados nas pesquisas deseja usar a língua Kokama todos os dias, como meio de comunicação com seus parentes, vizinhos e amigos, principalmente em casa e na escola. Requerem a contratação de professores bilíngues em Português e Kokama para trabalharem nas escolas indígenas.

**As redes podem contribuir para o fortalecimento linguístico-cultural?** Certamente esta questão poderá ser mais aprofundada e detalhada pelos atores que estão intensamente envolvidos no fortalecimento. As interações que tivemos durante alguns anos com esses atores, assim como a bibliografia examinada, podem dar luz aqui a algumas reflexões.

Primeiramente, faz-se *mister* ressaltar que o fortalecimento discutido nessa tese relaciona-se à diversidade linguística e ao multilinguismo no ciberespaço. Portanto não cabe associar o fortalecimento como um meio para dominar ou reprimir outras línguas. Assim, ao considerar os atores, como agentes de suas próprias escolhas, a noção de rede de Callon (1986) pode contribuir, sim, para o fortalecimento, em que as redes deixam em fluxo os conhecimentos.

Pudemos ver que as redes “tradicionais” da cultura Kokama, tais como a navegação pelas redes hidrográficas, as “rodas de conversa” ou reuniões, encontros presenciais,

---

<sup>592</sup> Global Voices. Disponível em: <<http://rising.globalvoicesonline.org/blog/2014/02/21/top-10-things-you-need-to-know-about-endangered-languages>> Acesso em: 20 jun. 2014.

intercâmbios, os festivais, as danças, os artesanatos, as músicas, a culinária, etc., incentivam as redes digitais e/ou virtuais da cibercultura e vice-versa. Desse modo, as entidades discutidas no Capítulo 7, entre elas a língua e a cultura, por interagirem, dando fluxo e vida a si mesmas e umas às outras, se fortalecem. As redes virtuais têm, portanto, incentivado os intercâmbios presenciais, como se pode ver nas ações dos Jovens Indígenas Comunicadores.

Por meio do Método de Mapeamento da Presença de Língua e Cultura no Ciberespaço (MMPLCC) constatamos a presença dos Kokama no ciberespaço e a formação de redes, as quais vêm contribuindo bastante para a aprendizagem da língua Kokama e para a valorização da cultura. Uma dessas redes, a rede da língua Kokama na internet foi registrada utilizando o *software Gephi 0.8.2* e analisada com o Método de Rede Composta Relacional Zoom (MRCRz).

**O que é “línguas em rede”?** “Línguas em rede” não significa “línguas na internet”, mas sim, que as línguas, vistas como sistemas complexos, estão em interação com outras entidades. Nesse sentido, a internet é um dos ambientes em que as línguas podem interagir.

Para SIEMENS (2008) uma das dificuldades de se praticar a aprendizagem em rede na universidade é a categorização de áreas do conhecimento de forma isolada, aqui buscamos correlacionar algumas dessas áreas para abordar o tema do fortalecimento linguístico e cultural dos Kokama. O aspecto multidisciplinar, abordando várias áreas do conhecimento, demonstrou que é impossível realizar um trabalho deste porte com base em uma ou duas teorias somente.

Finalizamos aqui com o Quadro 34, o qual mostra as dez das questões principais que as pessoas precisam saber sobre as línguas ameaçadas, segundo *Global Voices*, incluindo reflexões sobre as tecnologias e a internet:

Quadro 34 - Top 10 das questões que você precisa saber sobre as línguas ameaçadas. 2014.

Top 10 dos aspectos que você precisa saber sobre as línguas ameaçadas
<b>10.</b> Desde o início do século XX, as línguas minoritárias foram mudando para línguas dominantes em ritmo acelerado e sem precedentes.
<b>9.</b> Até metade das 7.105 línguas do mundo pode estar correndo risco de desaparecer.
<b>8.</b> Muitas línguas ameaçadas nunca foram gravadas e nunca foram escritas.
<b>7.</b> A perda de línguas está acontecendo em quase todos os países do mundo.
<b>6.</b> As línguas minoritárias são uma parte importante do património cultural imaterial da humanidade.
<b>5.</b> Ativistas de línguas indígenas e aliados de profissionais da linguagem muitas vezes trabalham na obscuridade, por pouca ou nenhuma remuneração.
<b>4.</b> Documentação linguística é um trabalho tedioso, mas fascinante.
<b>3.</b> Programas de revitalização de língua são projetos ao longo da vida.
<b>2.</b> A Internet não está matando as línguas minoritárias.

**1. A tecnologia digital nunca vai substituir uma comunidade viva de falantes, mas pode ajudar a preservar e ensinar línguas, bem como colocar os falantes em conexão.**

Fonte: Global Voices online<sup>593</sup>. Tradução nossa.

---

<sup>593</sup>Global Voices. Disponível em: <<http://rising.globalvoicesonline.org/blog/2014/02/21/top-10-things-you-need-to-know-about-endangered-languages> > Acesso em: 20 jun. 2014.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; RUBIM, Altaci Corrêa. Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. Brasília. Volume 4, Número 1, 67-80 p., jul. 2012.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (Coord.). Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processos de capacitação de povos e comunidades tradicionais: Povos Kokama e Tikuna Benjamin Constant-AM: demarcação contra devastação. Equipe de pesquisa, Reginaldo Conceição da Silva ... [et al.]. – Manaus : UEA, 2013. 12 p.
- ANDERSON, Deborah. *The Importance of Script Encoding for Multilingualism in the Digital World: The Script Encoding*. II Simpósio Internacional sobre o Multilinguismo no Ciberespaço. Brasília, 7/8/9 nov. 2011.
- AQUINO, Leticia de Souza. *Pesquisas sociolinguísticas entre os Asuriní do Tocantins. Contribuição para o inventário nacional da diversidade linguística (INDL)*. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- ARACIL, L. *Conflicte linguistic I normalitzacio linguistic a l'Europa nova*, 1965 (versão francesa, mimeo.) e 1982 (versão catalã).
- ARAUJO, Ana Carvalho Ziller. *Cineastas indígenas: um outro olhar : guia para professores e alunos*. Olinda, PE: Video nas Aldeias, 2010.
- ATHAYDE, Simone. Cientistas, engenheiros e artistas: Produções materiais e tecnológicas dos povos indígenas são fruto de uma complexa teia de saberes e significados. *Revista de História*. 01/04/2013. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/cientistas-engenheiros-e-artistas>> Acesso em 11 de junho de 2014.
- BARABÁSI, Albert-László. *Linked: A nova ciência dos networks*. São Paulo: Leopardo Editora. 2009.
- BARAN, Paul. *On distributed communications: I. Introduction to distributed communications networks* (Memorandum RM-3420-PR August 1964). Santa Monica: The Rand Corporation, 1964.
- BARNES, J. A. (1954). *Class and committee in a Norwegian island parish*. *Human Relations*, 7, 39-58.
- BARNES, J. Networks and political processes. In James Clyde Mitchell (Ed.), *Social networks in urban situations*. Manchester, Engl.: University of Manchester Press, 1969.
- BERNHEIM, Carlos T.; CHAUI, Marilena de Souza. *Challenges of the university in the knowledge society, five years after the World Conference on Higher Education*. Paris: UNESCO, 2003.

BORGMANN, Albert. *Technology and the character of contemporary life*. 1984.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Análises de redes: um modelo dinâmico para abordar a mudança na língua. In: *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Tradução: Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 81-113.

BRANT, Elizabeth A.; AYOUNGMAN, Vivian. A practical guide to language renewal. *Canadian Journal of Native Education*, 16(2), 42-77, 1989.

BRASIL. Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm)>. Acesso em 14 jun. 2014

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 35ª Edição Atualizada em 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao.htm)> Acesso em 14 jun. 2014

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)> Acesso em 14 jun. 2014

BRASIL. Resolução CEB nº 3 de 10 de novembro de 1999. Fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03\\_99.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_99.pdf)> . Acesso em: 15 jun. 2014

BRASIL. Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)> . Acesso em: 15 jun. 2014.

BRASIL. Decreto 6.861 de 27 de maio de 2009. Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6861.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6861.htm)>. Acesso em: 15 jun. 2014

BRASIL. Decreto nº 7.387, 9 de dezembro de 2010. Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm)> Acesso em: 15 jun. 2014

BRASIL. Resolução CNE/CEB Nº 5. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso\\_2013/PDFs/resol\\_federal\\_05\\_12.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_05_12.pdf)> Acesso em: 15 jun.

BRASIL. Portaria nº 1.704, de 19 de abril de 2013, objetivando a definição de limites da Terra Indígena GUANABARA, constante do processo FUNAI/2389/2008. Disponível em: < <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/53391240/dou-secao-1-22-04-2013-pg-35>> Acesso em 20 jun. 2014.



BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm)> Acesso em: 15 jun. 2014

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio imaterial. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>>. Acesso em: 6 ago. 2014.

BRASIL. Programa de Inclusão Digital do Governo Federal. Disponível em: <<http://www.gesac.gov.br/>> Acesso em: 20 ago. 2012.

BRUM, Eliane. Sobrenome: “Guarani Kaiowa”. Revista *Época*, Globo.com. 26/11/2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/11/sobrenome-guarani-kaiowa.html>> Acesso em: 20 jun. 2014.

BUNGE, Mario. Treatise on basic philosophy. Dordrecht, Reidel, Tomo 7: *Philosophy of science and technology*. 1985.

CABRAL, A. S. A. C. *Contact-Induced Language Change in the Western Amazon: The Non-Genetic Origin of the Kokama Language*. 415 f. (tese de doutorado). University of Pittsburgh, 1995.

\_\_\_\_\_. C. Relatório de identificação étnica do Kokama de Sapotal, Sacambú e Jutimã. Brasília: FUNAI, 1996.

\_\_\_\_\_. Dados em áudio coletados junto aos Kokama. Sapotal-AM-Brasil (1988-1996).

CABRAL, A. S. A. C. En qué sentido el Kokáma no es una lengua Tupí-Guaraní. In: *Actas del I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*. Lima: Universidad Ricardo Palma, Lima, 2000, v. II, p. 237-251.

\_\_\_\_\_. New observations on the constitution of Kokáma/Omágua: a language of the boundary Brazil, Peru, and Colombia. In: Leo Wetzels. (Org.) *Symposium on Languages and Cultures in the Andean/Amazonian Border*. Amsterdam: CNWS Publications, 2007, v. 1, p. 365-379.

CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. . Evidências de crioulização abrupta em Kokáma?. *Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, Brasília, v. 13, p. 180-186, 2003.

CABRAL, A. S. A. C. (Org). *Contribuições para o Inventário da Língua Asuriní do Tocantins: Projeto Piloto para a Metodologia Geral do Inventário Nacional da Diversidade Linguística*.-Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas/UnB, 2012.

CABRAL, A, S, A, C; VIEGAS, C, W. Reduções lexicais e gramaticais na fala dos últimos falantes nativos do Kokáma no Brasil. *Anais do SILEL*. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

CALLON, M. Society in the Making: The Study of Technology as a Tool for Sociological Analysis. In: Bijker, W.; Hughes, T.P. & Pinch, T. (eds) *The Social Construction of Technological Systems. New Directions in the Sociology and History of Technology*. Cambridge, Mass, The Mit Press, 1986. pp.83-103.

CALVET, L.-J. Sociolinguística: uma visão crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002. 176 p.

\_\_\_\_\_. *As políticas linguísticas*. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola; Florianópolis: IPOL, 2007. 166 p.

CAMPBELL, L.; MUNTZEL, M. C. The structural consequence of language death. In: Dorian, N. C. (org.). *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 181-196.

CARNEIRO, M. de C.; GUTIERREZ, E. O. ; VIEGAS, C. W. ; CABRAL, A. S. A. C. . Multilinguisme : inclusion de cultures dans des récits audiovisuels. In: *III Symposium International sur le Multilinguisme dans le Cyberspace*, 2012, Paris. Programme et actes en ligne. Paris: Maaya Réseau Mondial pour la Diversité Linguistique, 2012. 18 p. Disponível em: <<http://www.maayajo.org/IMG/SIMC/Carneiro.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

CASTELLS, M.. *A sociedade em rede: A era da informação: Economia, sociedade e cultura*; v.1, 6ª ed. aum. 13ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra. Título original: *The rise of the network society*; Tradução: Roneide Venancio Majer, 1999. 698 p.

CATEGORIA COCAMA. Wikcionário de Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://pt.wiktionary.org/wiki/Categoria:Cocama>> Acesso em 25 de jun. 2014

CELIN. Centro de Documentação de Línguas Indígenas (CELIN). UFRJ. Rio de Janeiro. Disponível em: em: <[www.minerva.ufrj.br](http://www.minerva.ufrj.br)>. Acesso em: 26 jul. 2014.

CHUNAKI: ikuatupa 1. Programa de Formación de Maestros Bilíngües de la Amazonía Peruana – FORMABIAP/AIDSESEP/ISPPL. Série: *Lectura*. Primera edición, mar. 1999, Iquitos, Peru.

CONVENÇÃO n° 169 sobre povos indígenas e tribais e Resolução referente à ação da OIT / Organização Internacional do Trabalho. - Brasília: OIT, 2011. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3764>>. Acesso em: 15 jun. 2014

COCAMA CUATIARAN ERA ERUCUATATA. [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. 1957. 36 p. Disponível em: <[http://www.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=20858](http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20858)> cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

COSTA, Cássio M. A. Evolução Histórica e Características da EAD. *Curso de Capacitação de Tutores EAD na Plataforma Moodle*, Módulo 1 – Unidade 1. 2010.

CUATIARAN 1 [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. Republica Peruana. 1956. 34 p. Disponível em: <[http://www.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=20846](http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20846)>. Acesso em: 5 abr. 2012.

CUATIARAN 1A [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. Republica Peruana. 1957. 32 p. Disponível em: <[http://www.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=20851](http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20851)>. Acesso em: 5 abr. 2012.

CUATIARAN 2 [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. Republica Peruana 1956. 36 p. Disponível em: <[http://www.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=20847](http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20847)>. Acesso em: 5 abr. 2012.

CUATIARAN 2A [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. Republica Peruana. 1957. 40 p. Disponível em: <[http://www.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=20852](http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20852)>. Acesso em: 5 abr. 2012.

CUATIARAN 3 [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. Republica Peruana. 1956. 44 p. Disponível em: <[http://www.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=20848](http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20848)>. Acesso em: 5 abr. 2012.

CUATIARAN 4 [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. Republica Peruana 1957. 36 p. Disponível em: <[http://www.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=20849](http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20849)>. Acesso em: 5 abr. 2012.

CUATIARAN 4A [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. Republica Peruana. 1957. 40 p. Disponível em: <[http://www.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=20853](http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20853)>

CUATIARAN 5 [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. Republica Peruana. 1957. 35 p. Disponível em: [http://www.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=20850](http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20850)>. Acesso em: 5 abr. 2012.

CUATIARAN I-1. [Yarinacocha]: [Instituto Lingüístico de Verano]. Republica Peruana 1960. 36 p. Disponível em: <[http://www.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=20854](http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20854)>. Acesso em: 5 abr. 2012.

CUATIARAN I-2. 1961. [Yarinacocha]: [Instituto Lingüístico de Verano]. Republica Peruana. 36 p. Disponível em: <[http://www.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=20855](http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20855)>. Acesso em: 5 abr. 2012.

CUPANI, Alberto. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. *Scientle Studia*. V. 2. N.4. São Paulo. 2004. 493-518 p.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Línguas indígenas precisam escritores? Como formá-los?* Linguagem e letramento em foco. Campinas: CEFIEL - Centro de Formação Continuada do IEL-Unicamp; Brasília: Ministério da Educação. 2005. 48 p.

\_\_\_\_\_. *Como nasce e por onde se desenvolve uma tradição escrita em sociedades de tradição oral?*. Campinas,SP: Ed. Curt Nimuendajú. 2007. 48 p.

\_\_\_\_\_. Do Índio na Web à Web Indígena Mesa: *Inclusão Digital de Línguas Indígenas*. VIII Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas. 24 a 28 de maio de 2010, Dourados (MS), UFGD, 2010. Publicado em W.R. D'Angelis & E. A. Vasconcelos (Orgs.), *Conflito linguístico e direitos das minorias indígenas*. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, 2011, p. 111-121.

\_\_\_\_\_. *Acesso à Informação Digital: O caso dos portais kanhga.org e portalkaingang.org*. UnB – Brasília, DF – 26 abr. 2011. PowerPoint da Palestra ministrada aos estudantes da Universidade de Brasília, 2011.

DIKI-KIDIRI, Marcel. *Como Assegurar a Presença de uma Língua no Ciberespaço?* UNESCO, Título Original: «Comment Assurer la Présence d'une Langue dans le Cyberspace», Editor: Cláudio Menezes, 2007. 80p. Disponível em: <[http://portal.unesco.org/ci/en/files/24122/122027702017Cyberspace\\_PO.pdf/Cyberspace\\_PO.pdf](http://portal.unesco.org/ci/en/files/24122/122027702017Cyberspace_PO.pdf/Cyberspace_PO.pdf)> Acesso em 20 abr. 2012

ERDŐS, P.; RÉNYI, A.. *On Random Graphs I*. Publicationes Mathematicae, Debrecen 6, , 1959, p. 290–297

ESPINOSA, Lucas. *Breve Dicionário Analítico Castellano-Tupí del Perú*. Sección Cocama. Iquitos-Perú, 1989.

FAUST, Norma. Brief Cocama vocabulary = Vocabulário Kokama. In: *Série linguística especial, no. 1*, 56-75. Rio de Janeiro, 1959.

\_\_\_\_\_. Cocama clause types. In: David Bendor-Samuel (ed.), *Tupi studies 1*, 73-105. Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics and Related Fields, 29. Norman: Summer Institute of Linguistics of the University of Oklahoma. 1971.

\_\_\_\_\_. *El lenguaje de los hombres y mujeres en cocama*. Perú Indígena 10(22-23): 115-17. 1963

\_\_\_\_\_. *Gramática Cocama: Lecciones para el Aprendizaje del Idioma Cocama*. *Série Linguística Peruana*, Nº 6. Ministério de Educacion. Instituto Linguístico de Verano, 1972.

FAUST, Norma; PIKE, Evelyn G. O sistema fonêmico do Kokama. Tradução para o português de Enny Marins de Lima. p. 11 a 55. In: *Série Linguística Especial*, Publicações do Museu Nacional. N.º 1, Rio de Janeiro, Brasil, 1959.

FEENBERG, Andrew. *Transforming technology*. 2002.

FERGUSON, C. *Diglossia*, in *Word*, nº 15, 1959.

FERREIRA, Lucimar Luisa. Vozes indígenas no ciberespaço: funcionamento discursivo de blogs. Instituto de Estudos da Linguagem. Unicamp. v. 5 (2011): *XVI Seminário de Teses em Andamento* - artigos 2011. 560-569 Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/viewFile/1298/1495>> Acesso em: 23 jun. 2014.

FISHMAN, Joshua A. Reversing language shift: Theoretical and empirical foundations of assistance to threatened languages. *Multilingual Matters*, 1991.

FRANCO, Augusto. Topologias de rede. *Carta Rede Social* 168.17 jul. 2008. Disponível em: <[http://augustodefranco.locaweb.com.br/cartas\\_comments.php?id=249\\_0\\_2\\_0\\_C](http://augustodefranco.locaweb.com.br/cartas_comments.php?id=249_0_2_0_C)> . Acesso em: 23 set. 2011.

FRANCO, Augusto. *Para configurar ambientes de cocriação interativa*. Disponível em: <<http://net-hcw.ning.com/page/para-configurar-ambientes-de-cocriacao-interativa>>. Acesso em: 12 set. 2013.

FREIRE, José Ribamar Bessa. *Da Língua Geral ao Português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. 240 f. Tese (doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). 2003.

\_\_\_\_\_. Aqui começa o Brasil. Diário do Amazonas. *Taqui pra ti*. 20/01/2008. Disponível em: <<http://www.taquiprati.com.br/cronica.php?ident=102>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

FREITAS, Marcos Antônio Braga de. *O povo kokama: Um caso de reafirmação de identidade étnica*. 106 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2002.

RIBEIRO, A. L. R.; GOTTSCHALG-DUQUE, C. Wikipédia e Enciclopédia Britânica: informação confiável? *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação-RBBD*. São Paulo, v.7, n.2, p. 172-185, jul./dez. 2011.

GOW, Peter. "Ex-cocama": identidades em transformação na Amazônia peruana. *Mana* vol. 9 n°.1 Rio de Janeiro. Abr. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132003000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132003000100004) Acesso em: 20 jun. 2014.

GREENSTONE: Un software libre de código abierto para la construcción de bibliotecas digitales. Experiencias en América Latina y el Caribe. UNESCO. 2010. 210 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001887/188719s.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

GUIMARÃES, L. L. Network analysis: an approach to the study of communication systems. *Technical Report* 12. Department of communication, Michigan State University, 1970.

GUIMARÃES, L. L. *Communication Integrtrion in Modern and Tradicional Social Systems : a comparative Analysis Across Twenty Comunities os Minas Gerais, Brazil*. Tese: Michigan: Michigan State University. 1972.

HARRISON, K. David; ANDERSON, Gregory D. S. Tuvan Talking Dictionary. 2006. Disponível em: <<http://tuvan.swarthmore.edu/>> . Acesso em: 5 ago. 2012.

HAUGEN, E. Linguistics and Language Planning, in William Bright (org.). *Sociolinguistics*. La Haye: Mouton, 1966.

HAUGEN, E. Planning in Modern Norway, in *Anthropological Linguistics*, 1/3, 1959.

HAUGEN, E. The Implementation of Corpus Planning: Teory and Practice, in: *Cobarrubias; Fishman (orgs.), Progress in Language Planning. International Perspectives*. Haia: Mouton, 1983.

HEIDEGGER, Martin. La pregunta por la técnica. Traducción de Eustaquio Barjau en HEIDEGGER, M., *Conferencias y artículos*, Ediciones del Serbal, Barcelona, 1994, pp. 9-37.

HELB Linha do tempo sobre a história do ensino de línguas no Brasil, PGLA, UnB. Disponível em: <[http://www.helb.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=48:oficializacao-da-lingua-brasileira-de-sinais-libras&catid=1061:2002&Itemid=2](http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=48:oficializacao-da-lingua-brasileira-de-sinais-libras&catid=1061:2002&Itemid=2)> . Acesso em: 3 abr. 2014.

HINTON, L; HALE, K. (Eds.) *The green book of language revitalization*. New York: Academic Press, 2001

HINTON Leanne; WEIGEL, William F. A Dictionary for Whom? Tensions between Academic and Nonacademic Functions os Bilingual Dictionaries. In: William Frawley, Kenneth C. Hill, Pamela Munro (Eds). *Making dictionaries. Preserving Indigenous Languages of the Americas*. Regents of the University of California, 2002.

HINTON, Leanne. Language revitalization: an overview. In: HINTON, L; HALE, K. (Eds.) *The green book of language revitalization*. New York: Academic Press. 2001a. p. 3-18.

\_\_\_\_\_. Language Planning. In: HINTON, L; HALE, K. (Eds.) *The green book of language revitalization*. New York: Academic Press, 2001b. p. 51-59.

\_\_\_\_\_. Teaching Methods. In: HINTON, L; HALE, K. (Eds.) *The green book of language revitalization*. New York: Academic Press, 2001d. p. 179-189.

\_\_\_\_\_. Audio-Video Documentation. In: HINTON, L; HALE, K. (Eds.) *The green book of language revitalization*. New York: Academic Press, 2001d. p. 265-271.

\_\_\_\_\_. Sleeping Languages: Can They Be Awakened?. In: HINTON, L; HALE, K. (Eds.) *The green book of language revitalization*. New York: Academic Press, 2001e. p. 413-417.

III Symposium International sur le Multilinguisme dans le Cyberspace (III SIMC), 21-23 Novembre 2012, Paris/France. Disponível em: <<http://www.maayajo.org/spip.php?article168>>. Acesso em: : 3 abr. 2014.

INI ÍCUA CUATIARAYARA. 1956. [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. 2 booklets 34, 32 p. Disponível em: [http://www.sil.org/americas/peru/show\\_work.asp?id=20857](http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20857).

Ini kak+rinanin. Disponível em: <<http://vimeo.com/84850131>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010: População Indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2194&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2194&id_pagina=1)> Acesso em: 20 ago. 2012.

INSTITUTO DE PESQUISA AMBIENTAL DA AMAZÔNIA. Disponível em: <[http://www.ipam.org.br/busca?cx=011565497047437778831%3A3pusxefumho&cof=FORID%3A10&ie=UTF-8&tbs=cdr%3A1%2Ccd\\_min%3A1%2F1%2F2008%2Ccd\\_max%3A12%2F06%2F2014%2Csbid%3A1&q=Kokama&sa=Buscar](http://www.ipam.org.br/busca?cx=011565497047437778831%3A3pusxefumho&cof=FORID%3A10&ie=UTF-8&tbs=cdr%3A1%2Ccd_min%3A1%2F1%2F2008%2Ccd_max%3A12%2F06%2F2014%2Csbid%3A1&q=Kokama&sa=Buscar)>. Acesso em: 11 jun. 2014.

ITOHÃ PATAXÓ HÃHÃHÃE (Edmar). O índio e a tecnologia. Índios onLine. Disponível em: [http://www.indiosonline.net/o\\_indio\\_e\\_a\\_tecnologia/](http://www.indiosonline.net/o_indio_e_a_tecnologia/)> Acesso em: 20 jun. 2014.

JEFF OGDEN (W163). *Usage of content languages for websites*, W3Techs.com, a division of Q-Success DI. Wikipedia, Global internet usage. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Global\\_Internet\\_usage](http://en.wikipedia.org/wiki/Global_Internet_usage)> Acesso em 30 jun. 2014.

JORNAL DA UNICAMP. *Caingangue na rede*. Campinas, 29 de novembro a 12 de dezembro de 2010 – ANO XXIV – Nº 483. Disponível em: [http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/novembro2010/ju483\\_pag05.php#](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/novembro2010/ju483_pag05.php#)> Acesso em: 20 jun. 2013.

JOVENS INDÍGENAS COMUNICADORES. Site. Disponível em: <<http://jovens-ars.com/>> Acesso em 11 jun. 2014

JOVENS KOKAMA EM AÇÃO. Blogue Disponível em: <<http://jovenskokamaemacao.wordpress.com/2013/09/>> Acesso em: 10 ago. 2014.

*Kanhgág Jógo*. Disponível em: <[www.kanhgag.org](http://www.kanhgag.org)> Acesso em: 20 set. 2012

KAMAIURÁ, Aisanain Paltu. *Uma análise linguístico-antropológica de exemplares de dois gêneros discursivos Kamaiurá*. 109 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília.

KAMAIURÁ, Aisanain Paltu; VIEGAS, Chandra W. (dir.). *Kwaryp - Alegria do Sol* (Legendado) Filme. Línguas em vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s0HiGwKtpZU> Acesso em: 3 abr. 2014.

KAXINAWÁ, Joaquim Mana Paulo. *Confrontando registros e memórias sobre a língua e a cultura Huni Kuin: de Capistrano de Abreu aos dias atuais*. 194 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

KAXINAWÁ, Joaquim Mana Paulo. *Hãtxa Kenea meniti*. Literaterras-FALE/UFMG. Belo Horizonte. 2013.

KLOSS, H. *Research Possibilities on Group Bilingualism: A Report*. Québec: CIRB, 1969.

LA PRIMERA DIGITAL. *Renacer Cocama*. 25 de setembro de 2010. Disponível em: [http://www.diariolaprimeraperu.com/online/cultura/renacer-cocama\\_70898.html](http://www.diariolaprimeraperu.com/online/cultura/renacer-cocama_70898.html)>Acesso em: 2 jun. 2012.

LAFONT, L. Un Problème de culpabilité sociologique: la diglossie franco-occitane, in *Langue Française*, nº 9, 1971.

LASSITER, Luke Eric. *The Chicago Guide to Collaborative Ethnography*. The University of Chicago Press. 2005.

LATOURE, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012, 399p.

LEE, Max Kueiming; OU, Sheue-Jen. *Language Networks as Complex Systems*. 2008.

LEMONS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013. 296 p.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro. Ed. 34,1993. 208 p.

\_\_\_\_\_. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo, Edições Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. 264 p.

LIMA, Júnio César de; DE CARVALHO, Cedric Luiz. *Ontologias - OWL (Web Ontology Language) Technical Report - RT-INF\_004-05 - Relatório Técnico*. 2005 – Junho. Instituto de Informática, Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <[http://www.inf.ufg.br/sites/default/files/uploads/relatorios-tecnicos/RT-INF\\_004-05.pdf](http://www.inf.ufg.br/sites/default/files/uploads/relatorios-tecnicos/RT-INF_004-05.pdf)>. Acesso em: 7 nov. 2014.

LÍNGUA KOKÁMA. Identidade Indígena. TV Navegar. Disponível em: <<http://www.tvnavegar.com.br/video/?idv=84>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

LÍNGUAS EM VÍDEO, 2013. Disponível em: <<http://www.let.unb.br/lea/linguas-em-video/>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

LIVING Tongues-Institute for Engangered Languages' Disponível em: <http://www.livingtongues.org/> Acesso em: 20 jun. 2014.

MACÊDO et al. *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações: ações para melhoria na qualidade dos dados*. Repositório Institucional do IBICT. Cadernos BAD, 2014, N. 2, jul-dez. Disponível em: <<http://repositorio.ibict.br/handle/123456789/437>> . Acesso em: 2 nov. 2014.

MACLAY, Kathleen. *Giving the 'Breath of Life' to endangered languages*. New Center. UC Berkeley. 5 de Agosto de 2014. Disponível em: <http://newscenter.berkeley.edu/2014/08/05/giving-the-breath-of-life-to-endangered-languages/>>. Acesso em: 5 ago. 2014.

MAHER, T. M. *Em busca do conforto linguístico e metodológico no Acre indígena*. Artigo publicado em Trabalhos em Linguística Aplicada. IEL: Unicamp, 2008.

MAHER, T. M (Org). Comissão Pró-Índio do Acre. *Instrumentos Metodológico para Levantamento Sociolinguístico* (org. Tereza Maher). Projeto Políticas Linguísticas no Acre Indígena. Rio Branco: CPI/Acre, 2007.



MATTAR, João *Interatividade e Aprendizagem* Disponível em: <[http://educacaosustentabilidadepedagogiaavm.wikispaces.com/file/view/disciplina08\\_cap16\\_1ivro\\_ead.pdf](http://educacaosustentabilidadepedagogiaavm.wikispaces.com/file/view/disciplina08_cap16_1ivro_ead.pdf)> Acesso em 23 de jun. 2014.

MATTAR, João. *Aprendizagem em ambientes virtuais: teorias, conectivismo e MOOCs*. PUC-SP e UAM. 2011

MELATTI, Julio Cezar. Áreas Etnográficas da América Indígena. *Alto Amazonas*. Capítulo 15. Brasília. 2011.19.p.

MENA, Marta. *A EaD na América Latina: tendências, realizações e desafios*. 2002.

MENEZES, Francisco Cláudio Sampaio de. Multilinguismo no Ciberespaço: Utopias e Realidades de um Desafio Mundial. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) do Ministério da Ciência e Tecnologia. *2º Seminário sobre Informação na Internet*. Museu Nacional Brasília, DF, Brasil. 29/07/2008. 24 p.

MENEZES, Francisco Cláudio Sampaio de. Recursos humanos para o multilinguismo digital: uma experiência em marcha. *2º Simpósio Internacional sobre Multilinguismo no Ciberespaço*. Brasília, 7-8-9 – Nov – 2011. Disponível em: <[http://www.let.unb.br/simc/celular/img/pdf/Menezes\\_CI%C3%A1udio.pdf](http://www.let.unb.br/simc/celular/img/pdf/Menezes_CI%C3%A1udio.pdf)>. Acesso em 29 jul. 2014. 5 p.

MENDONÇA, Thaís de. *Tecnologia, Informação e Inclusão*. TICs nas escolas. Volume 4, N:3: Juventude e internet: Indígenas recriam a própria imagem em vídeo. UNESCO. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001585/158532por.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2014.

MITCHELL, J. C. *Social Networks in Urban Situation*. Manchester: Manchester University Press. 1969.

MITCHELL, J. C. Networks, Norms and Institutions , in: Boissevain , J. C. e Mitchell, J. C (orgs), *Networks Analysis: Studies in Human Interaction*. Haia: Monton. 1973.

MOHAMMAD, Sareh Aghaei, NEMATBAKHSH, Ali, and FARSANI, Hadi Khosravi. Evolution Of The World Wide Web: From WEB 1.0 TO WEB 4.0. *International Journal of Web & Semantic Technology (IJWest)* Vol.3, No.1, January 2012.

MORAES, Márcia Oliveira. Sobre a noção de rede e a singularidade das ciências *Revista Documenta*. Ano VIII, nº 12/13, pp. 57-70, 2001-2002.

MOURA, Luciene Silva de Oliveira - terça, 10 julho 2012, 20:22, Fórum do cafezinho, assunto: Aplicação de conteúdos, Curso de Capacitação de tutores em EaD.

MUSEU DO ÍNDIO. Disponível em: <http://prodoclin.museudoindio.gov.br/index.php/projetos>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Disponível em: <[http://saturno.museu-goeldi.br/lingmpeg/portal/?page\\_id=476](http://saturno.museu-goeldi.br/lingmpeg/portal/?page_id=476)>. Acesso em: 26 jul. 2014.

NAÇÕES UNIDAS, 2011, *Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas*. Rio de Janeiro, Nações Unidas, Disponível em: <[http://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS\\_pt.pdf](http://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS_pt.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2014

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA. Projeto Mapeamento Social. Disponível em: < <http://novacartografiasocial.com/fasciculos/projeto-mapeamento-social/> > Acesso em: 11 jun. 2014

PALIM. O portal de documentação Linguística (PALIM). Padrões dos acervos de Línguas Indígenas do Museu. Disponível em: <<http://pubman.mpdl.mpg.de/pubman/item/escidoc:1466308:14/component/escidoc:1466460/Drude%202008%20-%20PALIM.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

O'REILLY, Tim. *What Is Web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software*. [S.l.]: O'Reilly Publishing, 2005.

OIT 169. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3764>>. Acesso em: 15 jun. 2014

OIT 169. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3764>> Acesso em: 15 jun. 2014

OLIVEIRA, Gilvan Müller de (Org.). *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, Novas Perspectivas em Política Linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2003.

OLIVEIRA, R. R.; DE CARVALHO, C. L. *Bibliotecas Digitais e o Repositório Fedora*. Relatório Técnico. Instituto de Informática, Universidade Federal de Goiás. Abr. 2011, 30 p. Disponível em: < [http://www.portal.inf.ufg.br/sites/default/files/uploads/relatorios-tecnicos/RT-INF\\_002-11.pdf](http://www.portal.inf.ufg.br/sites/default/files/uploads/relatorios-tecnicos/RT-INF_002-11.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2014.

ONUBR. Nações Unidas no Brasil. Disponível em: < <http://www.onu.org.br/index.php?s=Kokama&x=0&y=0>> Acesso em: 11 jun. 2014.

ORGANIZAÇÃO GERAL DOS PROFESSORES TICUNAS BILÍNGÜES. Curso de Licenciatura para Professores Indígenas do Alto Solimões. Benjamin Constant, 2005. Disponível em: <<http://ensinosuperiorindigena.files.wordpress.com/2012/01/ppp-li-uea.pdf>> Acesso em: 20 set. 2012.

PABLO TARICUARIMA. Meus Bogs (Blogger). Disponível em: <<https://www.blogger.com/profile/02939152608742187025>> Acesso em: 3 out. 2012

PAOLILLO, John; PIMIENZA, Daniel, PRADO, Daniel, et al.. *Measuring Linguistic Diversity on the Internet*. Unesco. Paris. 2005. 109 p.

PARA recordar la vida: Relatos de origen del Pueblo Kukama-Kukamiria. Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana – FORMABIAP/AIDSESEP/ISPPPL. Série: *Visiones y conocimientos Indígenas*. Primera edición, Outubro, 2003, Iquitos, Peru.

PEREIRA, Eliete da Silva. *Ciborgues indígenas@s.br: a presença nativa no ciberespaço*. 170 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. 2007.

PIB SOCIOAMBIENTAL. Povo kokama. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kokama/451>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

PICANÇO et al. *Conversando sobre interatividade*. Oficinas do Laboratório Virtual da FAGED/UFBA. Disponível em: <[http://www.faced.ufba.br/~dept02/sala\\_interativa/texto\\_grupo.html](http://www.faced.ufba.br/~dept02/sala_interativa/texto_grupo.html)>. Acesso em: 5 jun. 2012. [2---]

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. *Reflexões sociolinguísticas sobre línguas indígenas ameaçadas*. Goiânia: Ed. da UCG, 2009. 157 p.

PIMIENGA, Daniel, PRADO, Daniel e BLANCO, Álvaro. *Twelve years of measuring linguistic diversity in the Internet: balance and perspectives*. Unesco. Paris. 2009. 58 p.

PIMIENGA, Daniel. Por que medir a diversidade linguística no mundo digital? *II Simpósio Internacional sobre o Multilinguismo no Ciberespaço*. Universidade de Brasília. 8 de nov. 2011. PowerPoint da Conferência. Disponível em: <<http://www.let.unb.br/simc/index.php/programapt>> Acesso em: 20 jun. 2014.

PORTAL BRASIL. Conheça as diferenças entre patrimônios materiais e imateriais. Publicado em 31/10/2009. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/10/conheca-as-diferencas-entre-patrimonios-materiais-e-imateriais>>. Acesso em: 6 ago. 2014.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. Kokama. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Kokama>>

PRÊMIO CULTURAS INDÍGENAS. São Paulo: SESC SP, 2008. 432p. Edição português, inglês e espanhol. il. Vários colaboradores.

PRIMO, Alex. Fases do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade. In: *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Orgs: Nelson De Luca Pretto, Sérgio Amadeu da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 51-68.

PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PROGRAMA DE ÍNDIO. Ikorë – projetos culturais e artísticos. Disponível em: <<http://www.programadeindio.org/index.php?q=Kokama&s=pi>>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

PRUDENT, L.-F. Diglossie et intellecte, In: *Languages*, nº 61, 1981.

Rádio Kiriri. Disponível em: < <https://radiokiriri.wordpress.com/>> Acesso em 10 jun 2014.

RENESE, Nicodème de. *Perspectivas indígenas sobre e na internet: Ensaio regressivo sobre o uso da comunicação em grupos ameríndios no Brasil*. 144 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011.

RÍOS DE SABER. Muestra interactiva del patrimonio cultural inmaterial de la Amazonia peruana. FORMABIAP. Disponível em: <<http://www.riosdesaber.org/?pg=00007&lg=ES>> Acesso em: 24 jun. 2014.

RODRIGUES, Aryon D. Panorama das Línguas Indígenas da Amazônia. Em: F. Queixalós & Renault-Lescure (orgs): *As línguas amazônicas hoje*. São Paulo, IRD/ISA/MPEG, 2000, pp. 15-28.

RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RODRIGUES, A. D. *Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção*. Laboratório de Línguas Indígenas. 2009. Disponível em: <[http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/fevereiro/linguas\\_indigenas\\_brasileiras\\_ameaadas\\_de\\_extino.pdf](http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/fevereiro/linguas_indigenas_brasileiras_ameaadas_de_extino.pdf)> acesso em 20 set. 2012.

RODRIGUES, A. D. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

RODRÍGUEZ, Sandra Patricia González. *Diagnóstico Sociolingüístico de la zona ribereña del río Amazonas: Ronda, Mocagua y La Libertad*. Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica, Lima. 2000.

RUBIM, Altaci Corrêa. *Identidade dos professores indígenas e processo de territorialização*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas-UFAM, 2011.

RUBIM. Altaci Corrêa. Com A Palavra: As Tribos. *Jornal Campus*. 7 a 27 de maio de 2013 (Número 396 Ano 43):

RUBIN, J.; JERNNUD, B. (orgs.). *Can Language be Planned?* Honolulu: The University Press of Hawaií, 1971.

SABIDURÍAS del pueblo kukama-kukamiria. programa de formación de maestros bilíngües de la amazonía peruana – formabiap/AIDSESP/ISPPL. Série: *Visiones y conocimientos Indígenas*. Primera edición, Julho, 2009, Iquitos, Peru.

SANTOS, Rafael Barbi Costa e; SOUZA Mariana Oliveira e. “Todo amazonense é índio”: o argumento inclusivo dos indígenas emergentes no médio Solimões. 28ª RBA - GT04 - *Amazônia e Nordeste indígenas: por uma etnologia transversa*. 2012

SARAIVA, Terezinha. Educação a distância no Brasil: lições da história. In: *Em aberto*, Brasília, ano 16, n.70, abr/jun 1996.

SIEMENS, J. *A brief history of networked learning*. September 28, 2008. Disponível em <[elearn.space.org/.../HistoryofNetworkLearning.rtf](http://elearn.space.org/.../HistoryofNetworkLearning.rtf)> Acesso em: 15 jun. 2014.

SOARES, Marília Lopes da Costa Facó. *A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajara*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1979.

SOARES, Marília Facó (Org). *Guia de fontes e bibliografia sobre línguas indígenas e produção associada: documentos do CELIN* /colaboradores, Lourdes Cristina Araújo Coimbra...[et al.]. -- Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2010. 452 p. (Série Livros; 42).

SOUSA, M. R. F. *et al.* InfoArch: uma ontologia para modelar o domínio da Arquitetura da Informação para Web. *Liinc em Revista*, v.7, n.1, março 2011, Rio de Janeiro, p. 264-282. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>> Acesso em: 25 jun. 2014.

STOCKS, Anthony. *Los Nativos Invisibles: Notas sobre la Historia y Realidad Actual de los Cocamilla del Rio Huallaga*. Lima: CAAAP. 1981.

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (Município). Lei nº. 145 de 11 de dezembro de 2002. Dispõe sobre a co-oficialização das línguas Nheengatu, Tukano e Baniwa a Língua Portuguesa no município de São Gabriel da Cachoeira, Estado do Amazonas, Brasil. Disponível em: <<http://www.ipol.org.br/imprimir.php?cod=83>> . Acesso em: 15 jun. 2014

TARICUARIMA, Pablo. *Yrapakatun*. Disponível em: <http://yrapakatuncultural.blogspot.com.br/>. Acesso em 02 jun. 2012.

TARICUARIMA, Pablo. *Atoka Cocama*. Publicado em: 25/11/2011. Disponível em: <<http://arteyecologianativa.blogspot.com.br/>> Acesso em 30 jun. 2014.

TAYLOR, Chris. Friends Reunite, Save Dying Language. *Mashable*. 19 de maio de 2014. Disponível em: <http://mashable.com/2014/05/19/friends-save-dying-language/> Acesso em: 23 jun.2014

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TOZZI, Vincenzo. Reti federate eventualmente connesse: Architettura e prototipo per la Rete Mocambos. Tesi di Laurea per il Corso di Laurea in Informatica presso Facoltà di Scienze Matematiche, Fisiche e Naturali, 2011. Disponível em: <<http://www.mocambos.org/voz-livre/Tesi-vince.pdf/view>> Acesso em 25 abr. 2012.

UNESCO. *Red Book of Endangered Languages*. 1993.

UNESCO. *Challenges of the university in the knowledge society*, five years after the World Conference on Higher Education. Paris: 2003. Série Documentos Ocasionais de Fórum da UNESCO.

UNICEF Brasil. Disponível em: <<http://sponew.blogspot.com.br/search?q=Kokama> Acesso em: 11 jun. 2014.

UNIVERSAL DECLARATION ON LINGUISTIC RIGHTS. *World Conference on Linguistic Rights*. Barcelona, Spain, 9 Jun. 1996. Disponível em: <<http://www.unesco.org/cpp/uk/declarations/linguistic.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014

VALLEJOS, Rosa Yopán. Morfemas Funcionales en Cocama-Cocamilla. In: Miranda Esquerre, Luis (Ed). *Actas del I Congreso de Lenguas Amerindias de Sudamérica*. Universidad Ricardo Palma. Lima, Peru. 2000.

\_\_\_\_\_. Guía Metodológica para el desarrollo de competencias comunicativas en Kukama-Kukamiria como segunda lengua. Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana – FORMABIAP/AIDSESEP/ISPPL. Série: *Visiones y conocimientos Indígenas*. Primera edición, Julho, 2002, Iquitos, Peru.

\_\_\_\_\_. *Basic Clauses in Kokama-Kokamilla*. M. A. Thesis University of Oregon. 2004.

\_\_\_\_\_. *Entre flexión y derivación: Examinando algunos morfemas en Cocama-Cocamilla*. Ponencia presentada en el Congreso de Idiomas Indígenas de Latino America II, University of Texas at Austin, 2005.

\_\_\_\_\_. Fonología de la variedad kukamiria del río Huallaga. Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana, Serie: *Fonología*, Iquitos, Peru. 2006.

\_\_\_\_\_. *El sistema de Casos en la Lengua Cocama: Variedad Cocamilla*. Tesis de Licenciatura. Universidad Nacional Mayor de San Marcos. 2000.

VIEGAS, Chandra W. *Natureza e Direções das mudanças lingüísticas observadas entre os últimos falantes do kokáma nativos do Brasil*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Lingüística-PPGL da Universidade de Brasília-UnB, 2010.

VIEGAS, Chandra W. (Org.). Pesquisa Sociolingüística. *Método de Análise de Atitude e Comportamento Lingüístico* (MAACL). Brasília, 2014a.

VIEGAS, Chandra W. Pesquisa Sociométrica. *Método de Análise de Atitude e Comportamento Lingüístico* (MAACL). Brasília, 2014b.

VIEGAS, C. W.; CABRAL, A. S. A. C.; MACEDO, W. G.; LOPES, L. M.; ARCANJO, J. M. M.; SOUZA, L. M. de; SANDOVAL, O. S.; TANANTA, L. M.; RAMIRES, E. R.; AIAMBO, O. A. 2009. *Material de apoio para professores Kokáma: Makatipa na utsu? 'Aonde você vai?'*. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - DVD - Volume 1).

VIEGAS, C. W.; CABRAL, A. S. A. C.; RUBIM, A. C.; MACEDO, W. G.; AIAMBO, O. A.; ARCANJO, J. M. M.; LOPES, L. M.; RAMIRES, E. R.; SANDOVAL, O. S.; SOUZA, L. M. de; TANANTA, L. M. 2010. *Material de apoio para professores Kokáma: Ritamaka ini utsu. 'Vamos para a comunidade'*. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - DVD - Volume 2)

VIEGAS, C. W.; CABRAL, A. S. A. C.; RUBIM, A. C.; AIAMBO, O. A.; ARCANJO, J. M. M.; LOPES, L. M.; MACEDO, W. G.; RAMIRES, E. R.; SANDOVAL, O. S.; SOUZA, L. M. de; TANANTA, L. M. 2011. *Material de apoio para professores Kokáma: Kokáma kumitsa 'Fala Kokáma'*. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - DVD - Volume 3)

VISIONES-KUKAMIRIA em relación al bosque y la sociedad. Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana – FORMABIAP/AIDSESEP/ISPPL. Série: *Visiones y conocimientos Indígenas*. Primera edición, Julho, 2009, Iquitos, Peru.

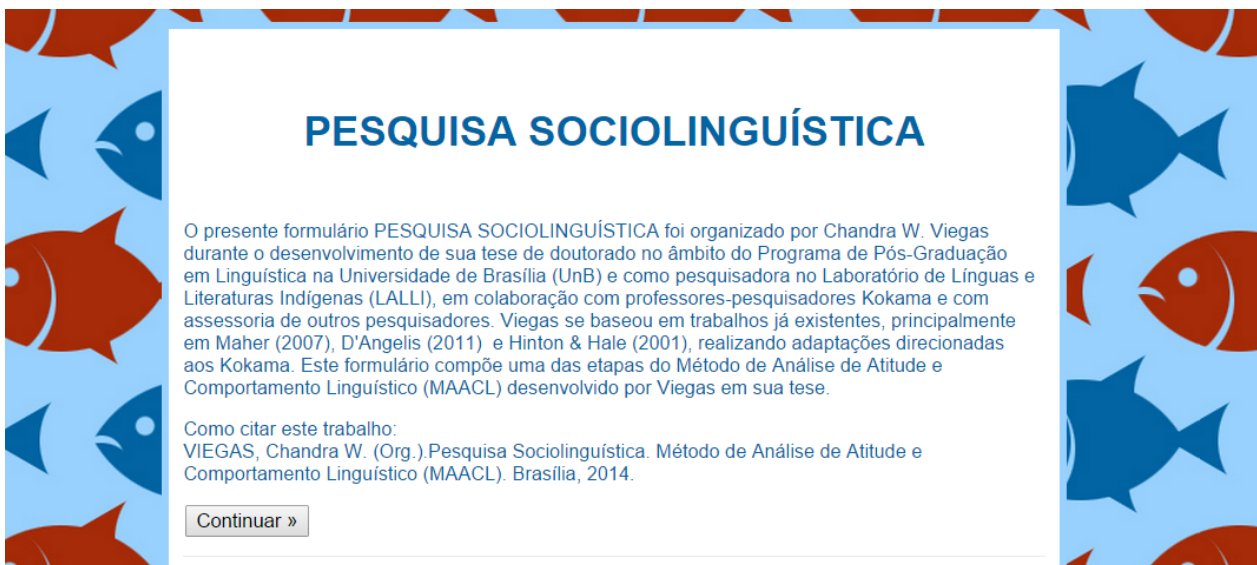
WAISMAN, Thais. As empresas no Brasil e a cultura tecnológica: a internet, os avanços e as universidades corporativas. *Escola do Futuro* – USP – SP, 2010.

WATTS, Duncan J. *Seis Graus de Separação: A evolução da ciência de redes em uma era conectada*. Tradução André Alonso Machado. São Paulo: Leopardo, 2009. 269 p.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois?* Porto Alegre: Sulina, 2003.

WWF-BRASIL. *Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização*. Aliança pela infância, 2003. 91 p. Disponível em: <[http://www.aliancapelainfancia.org.br/pdf/redes\\_wwf.pdf](http://www.aliancapelainfancia.org.br/pdf/redes_wwf.pdf)> Acesso em: 20 jun. 2014

## APÊNDICE A – Pesquisa Sociolinguística - Formulários Google



**PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA**

O presente formulário PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA foi organizado por Chandra W. Viegas durante o desenvolvimento de sua tese de doutorado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade de Brasília (UnB) e como pesquisadora no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI), em colaboração com professores-pesquisadores Kokama e com assessoria de outros pesquisadores. Viegas se baseou em trabalhos já existentes, principalmente em Maher (2007), D'Angelis (2011) e Hinton & Hale (2001), realizando adaptações direcionadas aos Kokama. Este formulário compõe uma das etapas do Método de Análise de Atitude e Comportamento Linguístico (MAACL) desenvolvido por Viegas em sua tese.

Como citar este trabalho:  
VIEGAS, Chandra W. (Org.) Pesquisa Sociolinguística. Método de Análise de Atitude e Comportamento Linguístico (MAACL). Brasília, 2014.



## PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

\*Obrigatório

### Dados do pesquisador

Nome do pesquisador \*

Nome indígena  
se houver

Idade \*

Sexo \*

- Masculino  
 Feminino

Formação \*

- Ensino Fundamental  
 Ensino Médio  
 Educação Superior  
 Pós-graduação  
 Outro:

Endereço Profissional

Telefone

endereço eletrônico (e-mail) \*

## PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

\*Obrigatório

### Dados gerais da comunidade

Nome da comunidade \*

Município \*

Rio \*

Povos indígenas que vivem na comunidade \*

Terra Indígena (T.I.)

Situação de demarcação da Terra Indígena - T.I.

Cacique

Data da pesquisa \*

dd/mm/aaaa

Associações e organizações kokama que atuam na comunidade

Nome e sigla

« Voltar

Continuar »

# PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

## População da comunidade

Faixa de idade e genero

Faixa de idade 0 a 12 anos masculino

Quantidade

Faixa de idade 0 a 12 anos feminino

Quantidade

Faixa de idade 13 a 30 anos masculino

Quantidade

Faixa de idade 13 a 30 anos feminino

Quantidade

Faixa de idade 31 a 45 anos masculino

Quantidade

Faixa de idade 31 a 45 anos feminino

Quantidade

Faixa de idade 46 a 60 anos masculino

Quantidade

Faixa de idade 46 a 60 anos feminino

Quantidade

Faixa de idade: Mais de 60 anos masculino

Quantidade

Faixa de idade: Mais de 60 anos feminino

Quantidade

**NÚMERO TOTAL DE PESSOAS**

Quantidade

**NÚMERO DE FAMÍLIAS**

Quantidade

« Voltar Continuar »

## PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

### Alfabetização na comunidade

Qual é o grau de alfabetização da comunidade Kokama? Ou seja, quantos (e em que faixas etárias) são os alfabetizados?

**Faixa de idade: 0 a 12 anos masculino**

Quantidade

**Faixa de idade: 0 a 12 anos feminino**

Quantidade

**Faixa de idade: 13 a 30 anos masculino**

Quantidade

**Faixa de idade: 13 a 30 anos feminino**

Quantidade

**Faixa de idade: 31 a 45 anos masculino**

Quantidade

**Faixa de idade: 31 a 45 anos feminino**

Quantidade

**Faixa de idade: 46 a 60 anos masculino**

Quantidade

**Faixa de idade: 46 a 60 anos feminino**

Quantidade

**Faixa de idade: Mais de 60 anos masculino**

Quantidade

**Faixa de idade: Mais de 60 anos feminino**

Quantidade

**NÚMERO TOTAL DE PESSOAS ALFABETIZADAS**

Quantidade

## PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

### PRÁTICAS DE LEITURA NA COMUNIDADE

O que as pessoas na comunidade leem? Em que língua os textos que essas pessoas leem estão escritos? O que as pessoas da comunidade escrevem?

#### PRÁTICAS DE LEITURA NA COMUNIDADE

Marque as práticas de leitura que são mais comuns na comunidade

- Cartas e bilhetes
- Jornais e revistas
- Cartazes, avisos
- Materiais religiosos (Bíblia, panfletos, hinários, orações / rezas)
- Histórias, mitos
- Anotações pessoais (caderno)
- Relatórios (de viagem, de reuniões, etc...)
- Atas de reuniões
- Notícias
- Tarefas escolares
- Letras de música
- Livros diversos
- Outro:

#### Qual é o nível de letramento na comunidade?

Qual é o nível de letramento na comunidade? Ou seja, que coisas importantes na vida das pessoas da comunidade dependem da leitura e da escrita, e qual a intensidade do uso da leitura e da escrita na vida cotidiana das famílias (excetuando a escola)?

## PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

\*Obrigatório

### Dados sobre a aprendizagem da língua Kokama na comunidade

Tem aprendizagem da língua Kokama na comunidade? \*

- Sim  
 Não

A aprendizagem da língua Kokama é?

- na escola  
 em outro ambiente

Escreva os lugares onde ocorrem as aulas ou eventos

Nomes das escolas ou dos ambientes em que ocorrem as aulas ou eventos

Descreva como é feita essa aprendizagem da língua Kokama nesses ambientes

Quando começou o ensino e como ele acontece

A comunidade tem algum material ou estratégia de revitalização da língua e da cultura kokama?

Escreva sobre (Quando começou? Como é o trabalho?)

Tem professor de língua Kokama na comunidade?

- Sim  
 Não

Tem quantos professores de língua Kokama na comunidade?

Como é escolhido o professor de língua Kokama na comunidade?

Selecione mais de uma opção se for o caso.

- concurso  
 indicação  
 Outro:

**Se há aulas de língua Kokama na comunidade, preencha abaixo quantos alunos assistem às aulas, de acordo com as suas idades.**

**Faixa de idade: 0 a 12 anos masculino**

Quantidade

**Faixa de idade: 0 a 12 anos feminino**

Quantidade

**Faixa de idade: 13 a 30 anos masculino**

Quantidade

**Faixa de idade: 13 a 30 anos feminino**

Quantidade

**Faixa de idade: 31 a 45 anos masculino**

Quantidade

**Faixa de idade: 31 a 45 anos feminino**

Quantidade

**Faixa de idade: 46 a 60 anos masculino**

Quantidade

**Faixa de idade: 46 a 60 anos feminino**

Quantidade

**Faixa de idade: Mais de 60 anos masculino**

Quantidade

**Faixa de idade: Mais de 60 anos feminino**

Quantidade

**NÚMERO TOTAL DE ESTUDANTES**

Quantidade

**Descreva outras formas de aprendizagem da língua Kokama que a comunidade gostaria de ter fora da escola**

[« Voltar](#) [Continuar »](#)

## PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

### Dados sobre os falantes, os lembrantes, os entendedentes e os aprendizes da língua Kokama da comunidade:

Níveis de fala:

1- Falantes:

(Pessoas que são fluentes na língua Kokama, mesmo não a usando no dia-a-dia, pois guardaram a língua na memória (Strong, forte, pleno).

2- Lembrantes:

(Pessoas que falam somente algumas palavras ou frases isoladas (weak semi-speakers. Pessoas com competência de fala restrita.)

3- Entendedentes (lembrantes passivos):

(Pessoas que compreendem aquilo que ouvem na língua, mas que não falam na língua Kokama)

4- Aprendizes:

(Os adultos, jovens ou crianças que estão aprendendo a língua Kokama).

### Falantes

Escreva os nomes completos dos falantes, as idades e o sexos.

Exemplo: Maria da Silva, 75 anos, feminino/José da Silva, 77 anos, masculino

Quantidade total de falantes

### Lembrantes

Escreva os nomes completos dos lembrantes, as idades e o sexos

Exemplo: Maria da Silva, 75 anos, feminino/José da Silva, 77 anos, masculino

Quantidade total de lembrantes



## Entendentes

**Escreva os nomes completos dos entendentes, as idades e o sexos**

Exemplo: Maria da silva, 75 anos, feminino/José da Silva, 77 anos, masculino

**Quantidade total de entendentes**

## Aprendizes

**Escreva os nomes completos dos aprendizes, as idades e o sexos**

Exemplo: Maria da silva, 75 anos, feminino/José da Silva, 77 anos, masculino

**Quantidade total de aprendizes**

« Voltar

Continuar »

## PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

### Atitude linguística da comunidade

As próximas questões são importantes para o planejamento linguístico, então, o professor-pesquisador pode incentivar a realização de reuniões na comunidade com a presença de lideranças, professores, falantes, lembrantes, entendedores, aprendizes e famílias para conversar sobre a revitalização da língua Kokama. Após as reuniões, escreva uma resposta que corresponda ao desejo da comunidade como um todo.

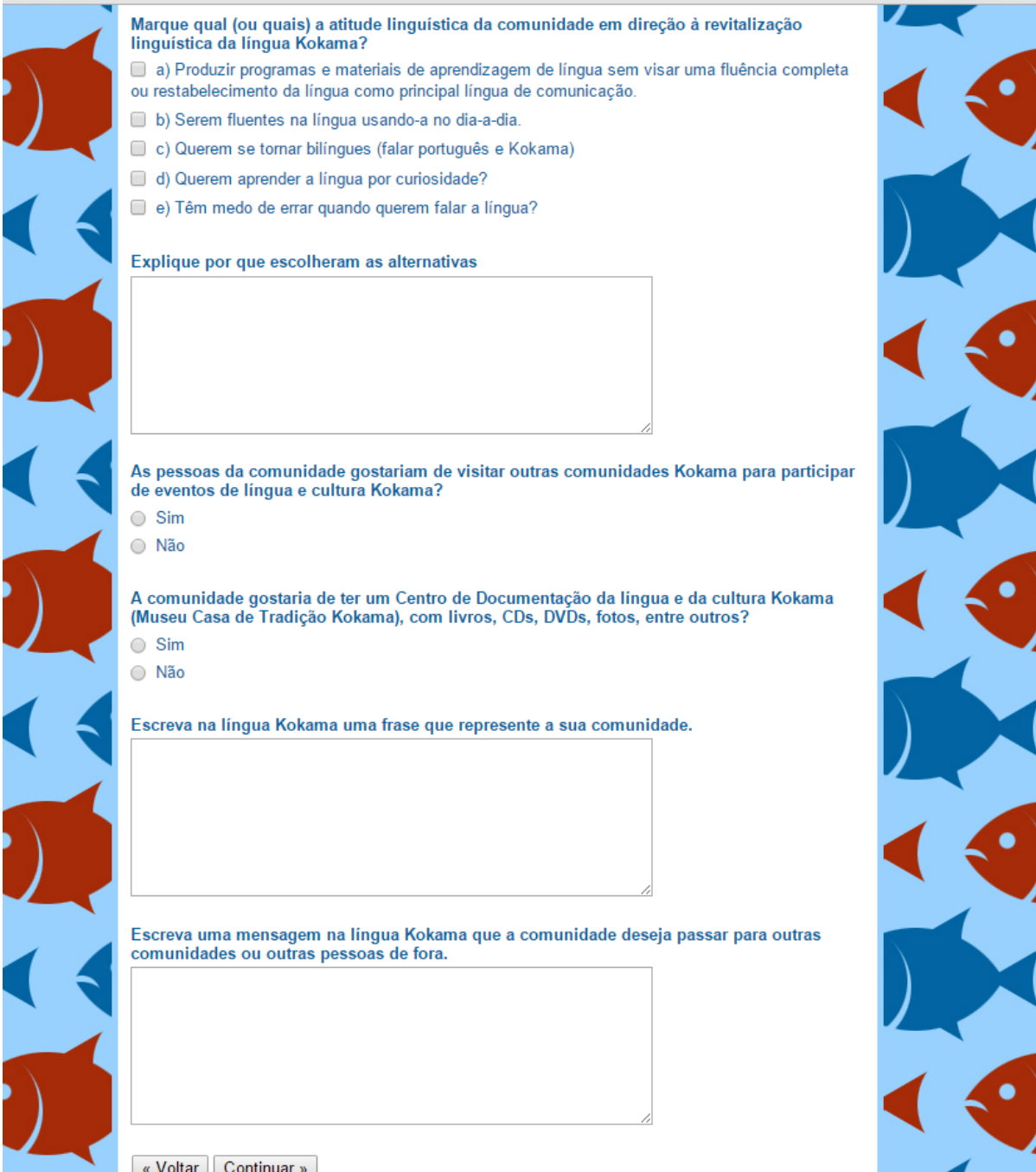
Qual papel vocês gostariam que a língua Kokama assumisse na comunidade?

Por que é importante, para vocês, usar a língua Kokama na comunidade?

Quais contribuições vocês gostariam que fossem feitas pela comunidade com respeito à língua Kokama?

Quais os aspectos mais importantes dos seus modos de vida vocês gostariam que continuassem?

Quais aspectos dos seus modos de vida vocês gostariam de mudar?



**Marque qual (ou quais) a atitude linguística da comunidade em direção à revitalização linguística da língua Kokama?**

- a) Produzir programas e materiais de aprendizagem de língua sem visar uma fluência completa ou restabelecimento da língua como principal língua de comunicação.
- b) Serem fluentes na língua usando-a no dia-a-dia.
- c) Querem se tornar bilíngues (falar português e Kokama)
- d) Querem aprender a língua por curiosidade?
- e) Têm medo de errar quando querem falar a língua?

**Explique por que escolheram as alternativas**

**As pessoas da comunidade gostariam de visitar outras comunidades Kokama para participar de eventos de língua e cultura Kokama?**

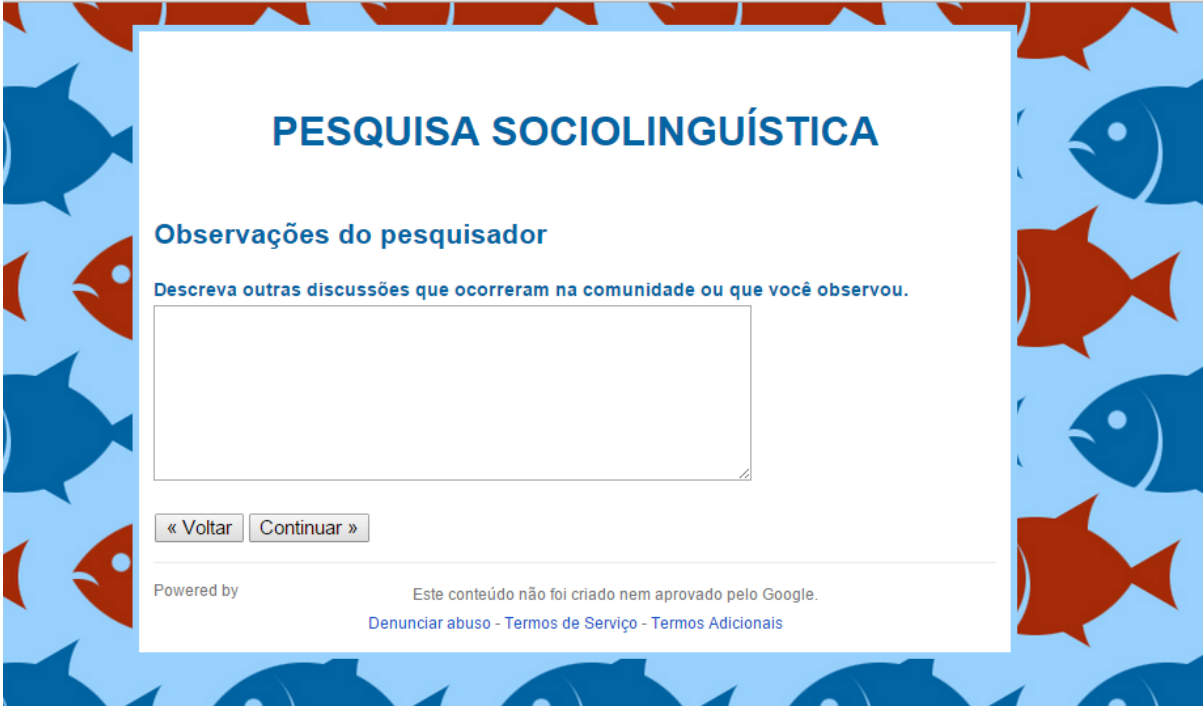
- Sim
- Não

**A comunidade gostaria de ter um Centro de Documentação da língua e da cultura Kokama (Museu Casa de Tradição Kokama), com livros, CDs, DVDs, fotos, entre outros?**

- Sim
- Não

**Escreva na língua Kokama uma frase que represente a sua comunidade.**

**Escreva uma mensagem na língua Kokama que a comunidade deseja passar para outras comunidades ou outras pessoas de fora.**




## PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

### Observações do pesquisador

Descreva outras discussões que ocorreram na comunidade ou que você observou.

---

Powered by  Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.  
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

## PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

### Inclusão digital pró-ativa das comunidades Kokama e da língua Kokama

Observações:

Os tipos de conexão à internet são: dial-up, banda larga (em cabos coaxiais, fibras ópticas ou cabos metálicos), Wi-Fi, satélites e tecnologia 3G.

Alguns dos tipos de velocidade de internet são: 50 Kbps a 350 Kbps (internet discada), 400 Kbps, 750Kbps e de 1Mbps atingindo até velocidades gigabit.

#### Onde há computadores na comunidade?

Pode marcar mais de uma opção

- residências
- escolas
- órgãos públicos
- lanhouse
- Outro:

#### Há acesso à internet na comunidade?

- Sim
- Não

#### Onde há acesso à internet?


Pode marcar mais de uma opção

- residências
- escolas
- órgãos públicos
- lanhouse
- Outro:

#### Existem empresas que oferecem serviço de internet na comunidade?

- Sim
- Não

Qual o nome da(s) empresa(s) e o tipo de serviço de internet (via satélite, Soluções Móveis, fibra ótica, etc) e velocidade (400 Kbps, 750Kbps, etc) que oferecem na comunidade?



**A SEDUC (Secretaria de Educação do Estado do Amazonas) transmite internet para as escolas públicas da comunidade?**

Sim  
 Não

**Qual é a velocidade da internet nas escolas?**

**Há serviço de antena Gesac (programa do Governo Federal) na comunidade?**

Sim  
 Não

**Quais operadoras de celular operam na comunidade?**

**Tem energia elétrica na comunidade?**

Sim  
 Não

**Qual é a forma de energia?**  
Pode marcar mais de uma

Gerador  
 Iluminação pública

**A comunidade gostaria de ver a língua Kokama sendo usada nos computadores e em páginas da internet?**

Sim  
 Não

**Escreva um pouco sobre a presença da língua Kokama nos computadores e na internet.**

**Em quais outros ambientes a comunidade gostaria de ver e praticar a língua Kokama?**  
Marque quantos quiser

livros  
 em casa  
 escolas  
 placas de sinalização  
 DVDs  
 estabelecimentos governamentais e não-governamentais  
 celular  
 rádio  
 Outro:

A comunidade produz programas de rádio no alto-falante (boca-de-ferro) para ouvir músicas e informações na língua kokama?

- Sim  
 Não  
 Outro:

A comunidade gostaria de ter cursos de:

Marque quantos quiser

- Informática  
 Fotografia  
 Filmagem  
 Edição  
 Outro:

Selecione 10 famílias da comunidade que possuam crianças, jovens, adultos e idosos. Inclua a quantidade total de equipamentos que cada família possui.

Computador: quantidade total de cada família

Aparelho de CD

quantidade total de cada família

Aparelho de DVD

quantidade total

Aparelho de rádio

quantidade total

Celular

quantidade total

## Pesquisa cultural

Após realizar reunião com a comunidade marque abaixo os costumes que os Kokama gostariam de compartilhar com outras comunidades, por meio de encontros festivos e/ou materiais didáticos que descrevam esses costumes (DVDs, livros, histórias em quadrinhos, aplicativos na internet, etc.).

Se for de vontade da comunidade reúna histórias, descrições, desenhos, filmagens, fotos, músicas feitas por seus membros e acrescente no formulário. Inclua os dados de autoria:

- Quem fez a obra (pode ser uma pessoa, muitas ou de toda a comunidade);
- Quando a obra foi feita (Data);
- Local da produção

Esses materiais podem ser organizados pela comunidade com o intuito de fazer publicações por meio de parcerias e/ou para a criação de acervos locais, bibliotecas, museus, entre outros.

### Marque abaixo os costumes que os Kokama gostariam de compartilhar com outras comunidades

Marque quantos quiser

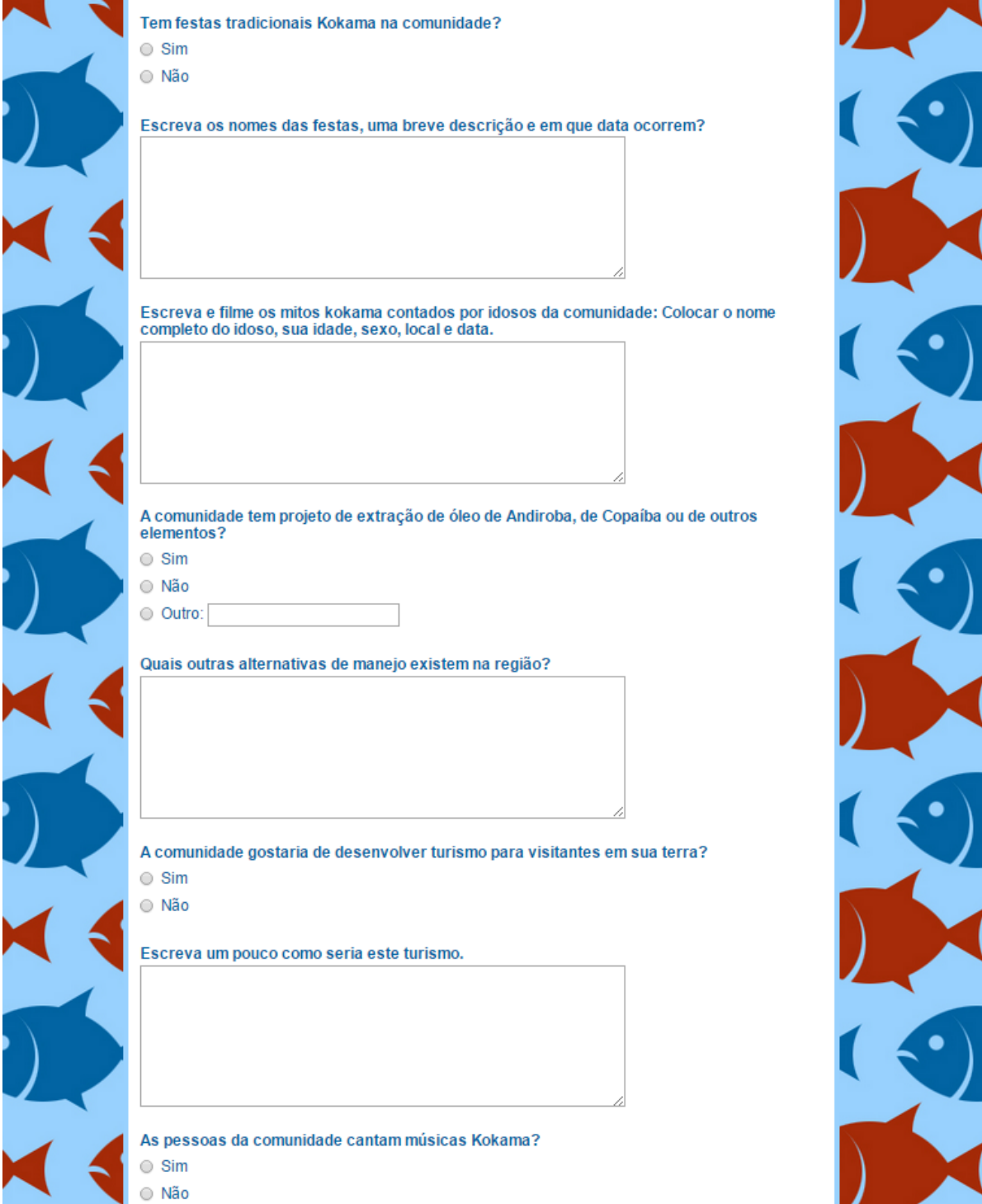
- Reuniões na comunidade com pessoas de fora também presentes
- Festas tradicionais na comunidade
- Cerimônias religiosas tradicionais
- Cerimônias de cura / rezas
- Cerimônias católicas / cultos evangélicos na aldeia
- Velório / ritos fúnebres
- Culinária (ingredientes usados e receitas)
- Confecção de Artesanato
- Roçado
- Pescaria
- Caçada
- Brincadeiras infantis, banho no rio
- Jogo de futebol na aldeia
- Viagens de barco
- Situações de compra e venda na aldeia entre "parentes"
- Namoro e casamento
- Danças
- Pinturas
- Arte
- Músicas
- Remédios (plantas medicinais)
- Outro:

Os kokama costumam contar os mitos (histórias) na comunidade?

- Sim
- Não

Em quais momentos? Quais são os mitos?





**Tem festas tradicionais Kokama na comunidade?**

Sim  
 Não

**Escreva os nomes das festas, uma breve descrição e em que data ocorrem?**

**Escreva e filme os mitos kokama contados por idosos da comunidade: Colocar o nome completo do idoso, sua idade, sexo, local e data.**

**A comunidade tem projeto de extração de óleo de Andiroba, de Copaíba ou de outros elementos?**

Sim  
 Não  
 Outro:

**Quais outras alternativas de manejo existem na região?**

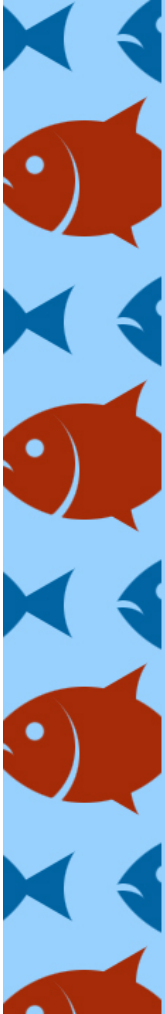
**A comunidade gostaria de desenvolver turismo para visitantes em sua terra?**

Sim  
 Não

**Escreva um pouco como seria este turismo.**

**As pessoas da comunidade cantam músicas Kokama?**

Sim  
 Não



Quais instrumentos musicais são usados?

Quais são as comidas tradicionais kokama mais comuns na comunidade?

Quais os peixes mais comuns na comunidade?

Quais religiões atuam na comunidade?

## PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

### Apoio e Assessorias

#### Apoio

Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília – LALLI por meio dos seguintes projetos:

Capes/Observatório da Educação Escolar Indígena. Rede de estudos, pesquisas e formação de professores pesquisadores em linguística e educação escolar indígena (Edital nº 01/2009/CAPES/SECAD/INEP) projeto nº 005.

Capes/ Rede de Formação de Novos Pesquisadores em Línguas Indígenas Brasileiras - Projeto PROCAD 233/2007

Projeto de extensão de ação contínua – Peac/UnB: Fortalecimento da herança linguística e cultural dos povos nativos do Brasil. Contribuição à formação de professores pesquisadores indígenas. Em andamento.

#### Assessorias

Profa. Dra. Ana Suelly A. C. Cabral  
Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) - UnB  
Professora do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP)  
Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Instituto de Letras – UnB

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis  
Vice-Coordenador do CELCAM - UNICAMP  
Pesquisador Associado do LAFAPE-IEL  
Professor do Departamento de Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Instituto de Estudos da Linguagem - IEL - UNICAMP

Profa. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher  
Professora associada MS5.1 (Livre-docente) do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas e coordenadora do Curso de Letras do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/UNICAMP

Dr. Tel Amiel  
Pesquisador do Núcleo de Informática Aplicada à Informação-NIED-UNICAMP  
Co-coordenador de projetos de intercâmbio bi-nacionais focados em tecnologia, educação e cultura (CAPES/FIPSE)  
Colaborador da Cátedra UNESCO de Multilinguismo e Produção de Conteúdo no Mundo Digital (UNICAMP)

Prof. Francisco Cláudio Sampaio de Menezes  
Professor Assistente do curso Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação- LEA- UnB,  
Doutorando em Ciência da Informação na Universidade de Brasília

Altaci Corrêa Rubim (Kokama)  
Pesquisadora do Projeto Nova Cartografia da Amazônia  
Gerente de Educação Indígena – UEA  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística-UnB  
Profa. de Língua Kokama

Professores-Pesquisadores da língua Kokama:

Washington Gerôme Macedo, Lúcia Maria Lopes, José Maria Moraes Arcanjo, Leonel Magalhães de Souza, Luciana Macedo Tananta, Edimar Ribeiro Ramires, Osias Aiccate Aiambo, Orlanda Salvador Sandoval.

« Voltar Continuar »

## PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

### Referências

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Do Índio na Web à Web Indígena Mesa: Inclusão Digital de Línguas Indígenas . VIII Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas. 24 a 28 de maio de 2010, Dourados (MS), UFGD, 2010. Publicado em W.R. D'Angelis & E. A. Vasconcelos (Orgs.), Conflito linguístico e direitos das minorias indígenas. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, 2011, p. 111-121.

HINTON, L; HALE, K. (Eds.) The green book of language revitalization. New York: Academic Press, 2001.

MAHER, T. M (Org.). Comissão Pró-índio do Acre. "Instrumentos Metodológico para Levantamento Sociolinguístico" (org. Tereza Maher). Projeto Políticas Linguísticas no Acre Indígena. Rio Branco: CPI/Acre, 2007.

TIC Domicílios e TIC Empresas 2010. Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil - Comitê Gestor da Internet no Brasil-CGI.br, 2010.

Nunca envie senhas em Formulários Google.

## PÊNDICE B - Pesquisa Sociométrica - Formulários Google

### PESQUISA SOCIOMÉTRICA

O presente formulário PESQUISA SOCIOMÉTRICA foi elaborado por Chandra W. Viegas durante o desenvolvimento de sua tese de doutorado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade de Brasília (UnB), como pesquisadora no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) e Professora auxiliar e tutora da disciplina Aprendizagem de língua e cultura Kokama: interação e criação. A pesquisa buscou analisar tanto a posição pessoal como as relações sociais. Observou a escolha que cada pessoa faz com respeito aos laços afetivos, os quais são vistos como canais comunicativos, não excluindo os demais canais. Analisou a escolha pelos meios em que a língua pode ser usada, tais como o celular, o computador, a televisão, o rádio, etc.; e a ainda a forma preferencial de uso da língua: oral (conversas, áudio, vídeo) e/ou escrita (mensagens sms, chat, bilhetes, cartas, textos), as quais mostram as probabilidades de uso da língua. A pesquisa possibilitou também apreciar em que áreas é preciso investir mais na criatividade. Essa pesquisa foi voltada para a turma da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), localizada em Benjamin Constant-AM, da disciplina “Aprendizagem de língua e cultura Kokama: interação e criação” oferecida no ambiente virtual de endereço <<http://aprender.unb.br/login/index.php>>. A aplicação contou com o apoio presencial da professora auxiliar e tutora Ligiane P. dos Santos Bonifácio e dos participantes da disciplina que preencheram.

Como citar este trabalho:  
VIEGAS, Chandra W. Pesquisa Sociométrica. Método de Análise de Atitude e Comportamento Linguístico (MAACL), Brasília, 2014.

### PESQUISA SOCIOMÉTRICA

#### Participantes

---

**Nome**

- Adreia
- Adriele
- Alírio
- Ana Flávia
- Daniel
- Eduardo
- Eoliloni
- Gregório
- João
- Joel
- Jolícia
- Jose Maria
- Judite
- Leidiane
- Lener
- Lúcia
- Luiz
- Luz
- Manuel
- Marcos
- Maricelia
- Marlene
- Meiry
- Mirli
- Monalisa
- Natasha
- Nicer
- Nilo
- Professora
- Raiane
- Raquel
- Ritte
- Rosilene
- Rosímere
- Shon
- Wesley

**Idade**

13

15

16

17

20

22

26

28

29

33

34

36

39

43

46

54

66

**Sexo**

Masculino

Feminino

**Você se considera?**

Níveis de fala: 1- Falantes: (Pessoas que são fluentes na língua Kokama, mesmo não a usando no dia-a-dia, pois guardaram a língua na memória. 2- Lembrantes: (Pessoas que falam somente algumas palavras ou frases isoladas. Pessoas com competência de fala restrita. 3- Entendentes (lembrantes passivos): (Pessoas que compreendem aquilo que ouvem na língua, mas que não falam na língua Kokama) 4- Aprendizes: (Os adultos, jovens ou crianças que estão aprendendo a língua Kokama).

Falante

Lembrante

Entendente

Aprendiz

Outro:



## PESQUISA SOCIOMÉTRICA

Refleta sobre as questões.

Imagine você passando por estas ocasiões na realidade.

Em quais ambientes ou eventos interativos você acha que poderia usar a língua Kokama?

Escola

- Sim
- Não

Casa

- Sim
- Não

Quardras de esporte

- Sim
- Não

Reuniões

- Sim
- Não

Passeios

- Sim
- Não

Brincadeiras

- Sim
- Não

Festas

- Sim
- Não

Igreja

- Sim
- Não

Lanhouse

- Sim
- Não

Trabalho

- Sim
- Não

Comércio

- Sim
- Não

Instituições do governo

- Sim
- Não

Outros ambientes

Com quais pessoas você gostaria de conversar na língua Kokama?

Professor(a)

- Sim
- Não

Mãe e pai

- Sim
- Não

Irãos e irmãs

- Sim
- Não

Primos (as)

- Sim
- Não

Marido e esposa

- Sim
- Não

Filhos(as)

- Sim
- Não

Namorado(a)

- Sim
- Não

Com todos os colegas da turma

- Sim
- Não

Amigos em geral

- Sim
- Não

Outros kokama (desconhecidos)

- Sim
- Não

Com todos citados acima

- Sim
- Não



Indique três nomes de colegas da turma que você conversaria mais na língua Kokama

- Adreia
- Adriele
- Alirio
- Ana Flávia
- Daniel
- Eduardo
- Eoiloni
- Gregório
- João
- Joel
- Jolícia
- Jose Maria
- Judite
- Leidiane
- Lener
- Lúcia
- Luiz
- Luz
  
- Manuel
- Marcos
- Maricelia
- Marlene
- Meiry
- Mirli
- Monalisa
- Natasha
- Nicer
- Nilo
- Professora
- Raiane
- Raquel
- Ritte
- Rosilene
- Rosimere
- Shon
- Wesley

## PESQUISA SOCIOMÉTRICA

Você prefere, ou ainda vai preferir conversar em Kokama utilizando quais artificios?

- Cara a cara (oral)
- Telefone (oral)
- Chat (bate-papo pela internet)
- Bilhetes, cartas
- Vídeo (pela internet)
- Áudio gravado para ouvir e responder
- Outro:

Você gostaria de usar a língua Kokama todos os dias ou em ocasiões específicas? Quais seriam as ocasiões?

- todos os dias
- ocasiões específicas

Quais seriam as ocasiões?

Você conhece algum falante da língua Kokama?

- Sim
- Não

7- Você gostaria de conhecer mais pessoas falantes da língua Kokama?

- Sim
- Não

Você tentaria conversar em kokama com o falante?

- Sim
- Não

O que poderia ter numa página colaborativa (construída em conjunto) de aprendizagem de língua e cultura Kokama na internet ?

- Dicionário
- Rádio
- Curso de língua Kokama
- Áudio (com gravações de entrevistas, falantes da língua Kokama)
- Vídeos
- Jogos em língua Kokama
- Materiais diversos
- Outro:

O que mais poderia ter na página da internet dos Kokama?

## PESQUISA SOCIOMÉTRICA

### MEMÓRIA

Quais as formas de manter as memórias dos Kokamas vivas, em movimento?

## PESQUISA SOCIOMÉTRICA

### Apoio

Laboratório de Línguas e Culturas Indígenas (LALLI) da Universidade de Brasília, por meio do Projeto de Extensão Fortalecimento da herança linguística e cultural dos povos nativos do Brasil: contribuição à formação de professores pesquisadores indígenas - PEAc vinculado à disciplina "Aprendizagem de língua e cultura Kokama: interação e criação" oferecida no ambiente virtual de endereço <<http://aprender.unb.br/login/index.php>>

Profa. Ana Suelly A. C. Cabral  
Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) - UnB  
Professora do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) do Programa de Pós-Graduação em Linguística Instituto de Letras - Universidade de Brasília.  
Coordenadora do Projeto de extensão Fortalecimento da herança linguística e cultural dos povos nativos do Brasil: contribuição à formação de professores pesquisadores indígenas  
Responsável pela disciplina Aprendizagem de língua e cultura Kokama: interação e criação

Profa. Ligiane P. dos Santos Bonifácio  
Mestra em Ciências da Linguagem  
Coordenadora do Curso de Graduação em Letras  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM/ Instituto de Natureza e Cultura - INC  
Professora auxiliar e tutora da disciplina Aprendizagem de língua e cultura Kokama: interação e criação

Participantes da disciplina Aprendizagem de língua e cultura Kokama: interação e criação

[« Voltar](#) [Continuar »](#)

## PESQUISA SOCIOMÉTRICA

### REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Análises de redes: um modelo dinâmico para abordar a mudança na língua. In: Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. Tradução Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 81-113.

GUIMARÃES, L. L. Communication Integrtrion in Modern and Tradicional Social Systems : a comparative Analysis Across Twenty Communities os Minas Gerais, Brazil. Tese: Michigan: Michigan State University. 1972.

[« Voltar](#) [Enviar](#)

Nunca envie senhas em Formulários Google.

**ANEXO A - Vocabulário Cocama - Planilhas Google**

REVISÃO	COD	PT	REF	REF-P	CLASSE	NÚM SÍLABAS	TONICIDAD	SEPARAÇÃO	GÊNER	EXEMPLO-COD	EXEMPLO-PT	REF-EXEMPLO
	ahua	gente	FAUST 2008	149	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{a}}.hua				
	ahuarindi	aguardente	FAUST 2008	149	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	a.hua.{{rin}}.di				
	ahuati	milho	FAUST 2008	149	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	a.{{hua}}.ti				
	ahuii	alguns, poucos	FAUST 2008	149	Pronome	Trissílabo	Paroxítona	a.hu.{{i}}.ri				
	aicua	adoecer	FAUST 2008	149	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ai.{{cu}}.a				
	aicuan	doente	FAUST 2008	149	Adjetivo	Dissílabo	Oxítona	ai.{{cuan}}				
	aipa	oresoer	FAUST 2008	149	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{ai}}.pa				
	aipan	adulto	FAUST 2008	149	Adjetivo	Dissílabo	Oxítona	ai.{{pan}}				
	aipata	criar	FAUST 2008	149	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ai.{{pa}}.ta				
	aipuca	neste momento	FAUST 2008	149	Advérbio	Trissílabo	Paroxítona	ai.{{pu}}.ca				
	aitsehuanan	um pouco	FAUST 2008	149	Advérbio	Polissílabo	Paroxítona	ai.tse.{{hua}}.nan				
	ajan	este	FAUST 2008	149	Pronome	Dissílabo	Oxítona	a.{{jan}}	FEM			
	alcojor	álcool	FAUST 2008	149	Substantivo	Trissílabo	Oxítona	al.co.{{jor}}				
	amasca	alcançar	FAUST 2008	149	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	a.{{mas}}.ca				
	amira	finado	FAUST 2008	149	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	a.{{mi}}.ra				
	amua	outro	FAUST 2008	149	Adjetivo	Dissílabo	Paroxítona	{{a}}.mua				
	amuapuca	outro tempo	FAUST 2008	149	Advérbio	Polissílabo	Paroxítona	a.mua.{{pu}}.ca				
	anate	ter sede	FAUST 2008	149	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	a.{{na}}.te				
	apitse	mais	FAUST 2008	149	Advérbio	Trissílabo	Paroxítona	a.{{pi}}.tse				
	aquita	meter	FAUST 2008	150	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	a.{{qui}}.ta				
	aquicha	ter medo	FAUST 2008	150	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	a.{{qui}}.cha				
	ashun	mais	FAUST 2008	150	Advérbio	Dissílabo	Oxítona	a.{{shun}}				
	atahuari	galinha	FAUST 2008	150	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	a.ta.{{hua}}.ri				
	atsirica	desoer pelo rio, fluir	FAUST 2008	150	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	a.tsi.{{ri}}.ca				
	aya	picar, balear, ferir	FAUST 2008	150	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{ay}}.a				
	ayan	picado, baleado, ferido	FAUST 2008	150	Adjetivo	Dissílabo	Oxítona	ay.{{an}}				
	ayuca	golpear, bater	FAUST 2008	150	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ay.{{u}}.ca				
	ayucaca	lutar	FAUST 2008	150	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	ay.u.{{ca}}.ca				
	camata	trabalhar	FAUST 2008	150	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ca.{{ma}}.ta				
	camatari	trabalhando	FAUST 2008	150	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	ca.ma.{{ta}}.ri				
	camatata	ferramenta de trabalho	FAUST 2008	150	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	ca.ma.ta.{{ta}}.ta				
	camutun	manhã	FAUST 2008	150	Substantivo	Trissílabo	Oxítona	ca.mu.{{tun}}				
	canata	luz, claridade	FAUST 2008	150	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	ca.{{na}}.ta				
	cansi	sete	FAUST 2008	150	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{can}}.si				
	caruca	tardar, ser de tarde	FAUST 2008	150	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ca.{{ru}}.ca				
	caruta	morder	FAUST 2008	150	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ca.{{ru}}.ta				
	catun	medida, tamanho	FAUST 2008	150	Substantivo	Dissílabo	Oxítona	ca.{{tun}}				
	catupe	aparecer	FAUST 2008	150	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ca.{{tu}}.pe				
	chicari	buscar	FAUST 2008	151	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	chi.{{ca}}.ri				
	chiru	roupa	FAUST 2008	151	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{chi}}.ru				
	chiruta	vestir	FAUST 2008	151	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	chi.{{ru}}.ta				
	chiruti	nu	FAUST 2008	151	Adjetivo	Trissílabo	Paroxítona	chi.{{ru}}.ti				
	chichima	ser cego	FAUST 2008	151	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	chi.{{chi}}.ma				
	chipi	preço, valor	FAUST 2008	151	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{chi}}.pi				
	chipita	pagar	FAUST 2008	151	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	chi.{{pi}}.ta				
	chipyara	caro	FAUST 2008	151	Adjetivo	Polissílabo	Paroxítona	chi.pi.{{ya}}.ra				

REVISÃO	COD	PT	REF	REF-P	CLASSE	NÚM SÍLABAS	TONICIDAD	SEPARAÇÃO	GÊNER	EXEMPLO-COD	EXEMPLO-PT	REF-EXEMPLO
	chungá	dez	FAUST 2008	152	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{chun}}.ga				
	cuarachi	sol			Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	cua.{{ra}}.chi				
	cuema	amanhecer	FAUST 2008	151	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{cue}}.ma				
	cumitsa	falar, dizer	FAUST 2008	151	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	cu.{{mi}}.tsa				
	cumitsaca	conversar	FAUST 2008	151	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	cu.mi.{{tsa}}.ca				
	cumitsara	contar, falar sobre	FAUST 2008	151	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	cu.mi.{{tsa}}.ra				
	cumitsata	fazer falar	FAUST 2008	151	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	cu.mi.{{tsa}}.ta				
	cumira	língua	FAUST 2008	151	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	cu.{{mi}}.ra				
	cupe	cultivar	FAUST 2008	151	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{cu}}.pe				
	cupehuara	cultivador	FAUST 2008	151	Adjetivo	Polissílabo	Paroxítona	cu.pe.{{hua}}.ra				
	cupetata	instrumento para cultivar	FAUST 2008	151	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	cu.pe.{{ta}}.ta				
	curata	beber, tomar	FAUST 2008	151	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	cu.{{ra}}.ta				
	curatan	bebida	FAUST 2008	151	Substantivo	Trissílabo	Oxítona	cu.ra.{{tan}}				
	curatata	dar de beber	FAUST 2008	151	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	cu.ra.{{ta}}.ta				
	curiqui	dinheiro	FAUST 2008	151	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	cu.{{ri}}.qui				
	emete	ter	FAUST 2008	152	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	e.{{me}}.te				
	emiran	comida	FAUST 2008	152	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	e.mi.{{ran}}				
	era	bom	ESPINOSA 1989		Adjetivo	Dissílabo	Paroxítona	{{e}}.ra		era tsa kwema	bom dia	ESPINOSA p.?
	eran	bom	FAUST 2008	152	Adjetivo	Dissílabo	Oxítona	e.{{ran}}				
	erata	melhorar, cuidar	FAUST 2008	152	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	e.{{ra}}.ta				
	eretse	muito	FAUST 2008	152	Advérbio	Trissílabo	Paroxítona	e.{{re}}.tse				
	erura	trazer	FAUST 2008	152	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	e.{{ru}}.ra				
	erutsu	levar	FAUST 2008	152	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	e.{{ru}}.tsu				
	eyu	oomer	FAUST 2008	152	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{ey}}.u				
	eyun	comida	FAUST 2008	152	Substantivo	Dissílabo	Oxítona	ey.{{un}}				
	eyutupa	lugar para comer	FAUST 2008	152	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	ey.u.{{tu}}.pa				
	huaca	vaca	FAUST 2008	152	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{hua}}.ca				
	huarica	subir	FAUST 2008	152	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	hua.{{ri}}.ca				
	huatari	faltar	FAUST 2008	152	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	hua.{{ta}}.ri				
	huica	ser forte	FAUST 2008	152	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{hui}}.ca				
	huicata	fortalecer	FAUST 2008	152	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	hui.{{ca}}.ta				
	huira	pássaro, ave	FAUST 2008	152	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{hui}}.ra				
	hura	hora	ESPINOSA 1989		Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{hu}}.ra		Yuan yawachima mukuika hura tapiariari.	João chegou duas horas atrasado.	ESPINOSA p.?
	ichari	deixar	FAUST 2008	153	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	i.{{cha}}.ri				
	icua	saber, conhecer	FAUST 2008	152	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{i}}.cua				
	icouaca	pensar	FAUST 2008	152	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	i.{{cua}}.ca				
	icouachi	ontem	FAUST 2008	152	Advérbio	Trissílabo	Paroxítona	i.{{cua}}.chi				
	icuan	sábio	FAUST 2008	153	Adjetivo	Dissílabo	Oxítona	i.{{cuan}}				
	icouata	avisar	FAUST 2008	153	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	i.{{cua}}.ta				
	icun	hoje	FAUST 2008	153	Advérbio	Dissílabo	Oxítona	i.{{cun}}				
	ikiaka	aqui			Pronome	Polissílabo	Paroxítona	i.ki.{{a}}.ka				
	inu	eles, elas	FAUST 2008	153	Pronome	Dissílabo	Paroxítona	{{i}}.nu	FEM			
	ipia	lenha	FAUST 2008	153	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	i.{{pi}}.a				
	ipiyara	trazer lenha	FAUST 2008	153	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	i.pi.ay.{{a}}.ra				
	ipira	peixe			Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	i.{{pi}}.ra				
	inhua	voltar	FAUST 2008	153	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	i.{{ri}}.hua				

REVISÃO	COD	PT	REF	REF-P	CLASSE	NÚM SÍLABAS	TONICIDAD	SEPARAÇÃO	GÊNER	EXEMPLO-COD	EXEMPLO-PT	REF-EXEMPLO
	irihuaquina	dar a volta	FAUST 2008	153	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	i.ri.hua.{{qui}}.na				
	irihuata	devolver	FAUST 2008	153	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	i.ri.{{hua}}.ta				
	irua	amigo, parente	FAUST 2008	153	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	i.{{ru}}.a				
	iruaka	quatro	ESPINOSA 1989		Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	i.ru.{{a}}.ka		<i>Yuan uwatú iruaka legua iwiratiupe.</i>	João caminhou quatro léguas pela selva.	ESPINOSA p.?
	iruata	acompanhar	FAUST 2008	153	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	i.ru.{{a}}.ta				
	iruataca	misturar	FAUST 2008	153	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	i.ru.a.{{ta}}.ca				
	itini	areia, praia	FAUST 2008	153	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	i.{{ti}}.ni				
	iun	amarelo	FAUST 2008	153	Adjetivo	Monossílabo	Oxítona	{{iun}}				
	iara	canoa			Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{ia}}.ra				
	iata	nadar	FAUST 2008	156	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{ia}}.ta				
	iatira	primeiro	FAUST 2008	156	Adjetivo	Trissílabo	Paroxítona	ia.{{ti}}.ra				
	icratsen	menino, menina	FAUST 2008	156	Substantivo	Trissílabo	Oxítona	i.cra.{{tsen}}				
	ihuirá	árvore, madeira	FAUST 2008	156	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	i.{{hui}}.ra				
	iin	fritura	FAUST 2008	156	Substantivo	Monossílabo	Oxítona	{{iin}}				
	iita	fritar, cozinhar	FAUST 2008	156	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{ii}}.ta				
	ipituni	escuro	FAUST 2008	156	Adjetivo	Polissílabo	Paroxítona	i.pi.{{tu}}.ni				
	ira	mentir	FAUST 2008	156	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{i}}.ra				
	itse	ser assustado	FAUST 2008	156	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{i}}.tse				
	itseta	assustar, surpreender	FAUST 2008	156	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	i.{{tse}}.ta				
	iwira	árvore, madeira	ESPINOSA 1989		Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	i.{{wi}}.ra		<i>shirinka iwira</i>	seringueira	ESPINOSA p.?
	kamata	trabalhar	ESPINOSA 1989		Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ka.{{ma}}.ta		<i>ta kamata ria ukuatsi nianan</i>	eu trabalho tanto quanto tu	ESPINOSA p.?
	kuarachi	sol, dia	ESPINOSA 1989	420	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	kua.{{ra}}.chi		<i>kuarachi perata ukuatsi.</i>	o sol brilha muito.	ESPINOSA p.98
	kumitsa	falar, conversar	ESPINOSA 1989		Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ki.{{mi}}.tsa		<i>Yuan kumitsa yanuki.</i>	João fala baixo.	ESPINOSA p.?
	kurata	beber	ESPINOSA 1989		Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ku.{{ra}}.ta		<i>eran kurata miruran?</i>	é bom para beber?	ESPINOSA p.?
	leashoa	ler	FAUST 2008	153	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	le.{{ash}}.ca				
	legua	légua	ESPINOSA 1989		Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{le}}.gua		<i>Yuan uwatú iruaka legua iwiratiupe.</i>	João caminhou quatro léguas pela selva.	ESPINOSA p.?
	mainani	cuidar	FAUST 2008	154	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	mai.{{na}}.ni				
	memira	filho de mulher	FAUST 2008	154	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	me.{{mi}}.ra				
	memiracuña	filha de mulher	FAUST 2008	154	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	me.mi.ra.{{cu}}.ña				
	mena	marido	FAUST 2008	154	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{me}}.na				
	menayara	ser casada, ter marido	FAUST 2008	154	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	me.nay.{{a}}.ra				
	menia	cunhado de mulher	FAUST 2008	154	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	me.{{ni}}.a				
	metima	planta	FAUST 2008	154	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	me.{{ti}}.ma				
	metimara	plantar (uma planta)	FAUST 2008	154	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	me.ti.{{ma}}.ra				
	miricua	esposa	FAUST 2008	154	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	mi.ri.{{cu}}.a				
	miricuayara	ser casado, ter esposa	FAUST 2008	154	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	mi.ri.cu.ay.{{a}}.ra				
	miriquia	cunhada de homem	FAUST 2008	154	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	mi.ri.{{qui}}.a				
	mishu	gato			Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{mi}}.shu				
	mima	animal doméstico	FAUST 2008	154	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{mi}}.ma				
	mimara	criar animais	FAUST 2008	154	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	mi.{{ma}}.ra				
	mimata	domesticar	FAUST 2008	154	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	mi.{{ma}}.ta				
	mita	mentir			Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{mi}}.ta				
	mukuika	dois	ESPINOSA 1989		Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	mu.{{kui}}.ka		<i>Yuan yawachima mukuika hura tapiariari.</i>	João chegou duas horas atrasado.	ESPINOSA p.?
	mutsana	remédio	FAUST 2008	155	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	mu.{{tsa}}.na				
	mutsanaca	medicar	FAUST 2008	155	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	mu.tsa.{{na}}.ca				
	mutsapirika	quatro	ESPINOSA 1989		Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	mu.tsa.pi.{{ni}}.ka		<i>iklakatsúi mutsapirika legua kukana yuti</i>	as granjas estão a três metros.	ESPINOSA p.?



REVISÃO	COD	PT	REF	REF-P	CLASSE	NÚM SÍLABAS	TONICIDAD	SEPARAÇÃO	GÊNER	EXEMPLO-COD	EXEMPLO-PT	REF-EXEMPLO
	nami	orelha	FAUST 2008	155	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{na}}.mi				
	nana	abacaxi			Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{na}}.na				
	ñapitsara	homem	FAUST 2008	155	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	ña.pi.{{tsa}}.ra				
	parana	rio			Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	pa.{{ra}}.na				
	pariatsuca	sofrer, ser pobre	FAUST 2008	155	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	pa.ria.{{tsu}}.ca				
	paya	irmã de mulher	FAUST 2008	155	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{pay}}.a				
	pe	caminho	FAUST 2008	155	Substantivo	Monossílabo	Oxítona	{{pe}}				
	pecuara	caminho	FAUST 2008	155	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	pe.{{cua}}.ra				
	penu	nós			Pronome	Dissílabo	Paroxítona	{{pe}}.nu	FEM			
	petima	tabaco	FAUST 2008	155	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	pe.{{ti}}.ma				
	piata	pedir	FAUST 2008	155	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	pi.{{a}}.ta				
	pitani	vermelho	ESPINOSA 1989		Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	pi.{{ta}}.ni		<i>sisa pitani</i>	flor vermelha	ESPINOSA p.?
	pitanin	vermelho			Adjetivo	Trissílabo	Oxítona	pi.ta.{{nin}}				
	piuca	limpar	FAUST 2008	155	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	pi.{{u}}.ca				
	pita	pé			Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{pi}}.ta				
	pitsa	rede	FAUST 2008	155	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{pi}}.tsa				
	pua	mão			Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{pu}}.a				
	puachiru	anel	FAUST 2008	155	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	pu.a.{{chi}}.ru				
	puka	sorrir			Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{pu}}.ka				
	purepe	comprar	FAUST 2008	156	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	pu.{{re}}.pe				
	purepeta	vender	FAUST 2008	156	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	pu.re.{{pe}}.ta				
	purepetara	vender	FAUST 2008	156	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	pu.re.pe.{{ta}}.ra				
	quehue	irmão de mulher	FAUST 2008	156	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{que}}.hue				
	quirita	quebrar	FAUST 2008	156	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	qui.{{ri}}.ta				
	quihuirá	irmão de mulher	FAUST 2008	156	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	qui.{{hui}}.ra				
	ria	assim	FAUST 2008	157	Advérbio	Dissílabo	Paroxítona	{{ri}}.a	MASC			
	riaca	muito, mais que, suficie	FAUST 2008	157	Advérbio	Trissílabo	Paroxítona	ri.{{a}}.ca	MASC			
	riaiti	também	FAUST 2008	157	Advérbio	Trissílabo	Paroxítona	ri.{{ai}}.ti	MASC			
	sufrihsca	sofrer	FAUST 2008	157	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	su.{{frish}}.ca				
	ta	eu (fala masculina)			Pronome	Monossílabo	Oxítona	{{ta}}	MASC			
	taira	filha de homem	FAUST 2008	157	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{tai}}.ra				
	taira	filho de homem	FAUST 2008	157	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	ta.{{i}}.ra				
	tana	nós			Pronome	Dissílabo	Paroxítona	{{ta}}.na	MASC			
	tapiariari	atrasado	ESPINOSA 1989		Verbo	Polissílabo	Paroxítona	ta.pi.a.ri.{{a}}.ri		<i>Yuan yawachima mukuika hura tapiariari.</i>	João chegou duas horas atrasado.	ESPINOSA p.?
	tata	fogo			Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{ta}}.ta				
	tawa	oor, cores			Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{ta}}.wa				
	tini	branco	ESPINOSA 1989		Adjetivo	Dissílabo	Paroxítona	{{ti}}.ni		<i>sisa tini</i>	flor branca	ESPINOSA p.?
	tsa	eu	FAUST 2008	13	Pronome	Monossílabo	Oxítona	{{tsa}}	FEM	<i>tsa papaca tsutsui.</i>	eu vou à casa de meu pai.	FAUST, p.13
	tsachi	doer	FAUST 2008	158	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{tsa}}.chi				
	tsachita	fazer doer	FAUST 2008	158	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	tsa.{{chi}}.ta				
	tsacu	ser quente	FAUST 2008	158	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{tsa}}.cu				
	tsapa	imediatamente	FAUST 2008	158	Advérbio	Dissílabo	Paroxítona	{{tsa}}.pa				
	tsapuqui	chamar	FAUST 2008	158	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	tsa.{{pu}}.qui				
	tsaquita	cortar	FAUST 2008	158	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	tsa.{{qui}}.ta				
	tsatsatsima	gritar	FAUST 2008	158	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	tsa.tsa.{{tsi}}.ma				
	tsehueca	estômago, abdômen	FAUST 2008	158	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	tse.{{hue}}.ca				



REVISÃO	COD	PT	REF	REF-P	CLASSE	NÚM SÍLABAS	TONICIDAD	SEPARAÇÃO	GÊNER	EXEMPLO-COD	EXEMPLO-PT	REF-EXEMPLO
	tsehueacuara	estômago, abdômen	FAUST 2008	158	Substantivo	Polissílabo	Paroxitona	tse.hue.ca.{{cua}}.ra				
	tsemuta	alimentar	FAUST 2008	158	Verbo	Trissílabo	Paroxitona	tse.{{mu}}.ta				
	tsenu	ouvir, escutar	FAUST 2008	158	Verbo	Dissílabo	Paroxitona	{{tse}}.nu				
	tseta	querer	ESPINOSA 1989		Verbo	Dissílabo	Paroxitona	{{tse}}.ta		manitpa na tseta?	o que você quer?	ESPINOSA p.?
	tsii	suar	FAUST 2008	158	Verbo	Monossílabo	Oxítona	{{tsii}}				
	tsima	lado	FAUST 2008	158	Substantivo	Dissílabo	Paroxitona	{{tsi}}.ma				
	tsimara	margem	FAUST 2008	158	Substantivo	Trissílabo	Paroxitona	tsi.{{ma}}.ra				
	tsiqui	pescar (com anzol)	FAUST 2008	158	Verbo	Dissílabo	Paroxitona	{{tsi}}.qui				
	tsire	ter frio	FAUST 2008	158	Verbo	Dissílabo	Paroxitona	{{tsi}}.re				
	tsirecaca	refrescar	FAUST 2008	158	Verbo	Polissílabo	Paroxitona	tsi.re.{{ca}}.ca				
	tsireta	esfriar	FAUST 2008	158	Verbo	Trissílabo	Paroxitona	tsi.{{re}}.ta				
	tsiretaca	esfriar	FAUST 2008	158	Verbo	Polissílabo	Paroxitona	tsi.re.{{ta}}.ca				
	tsu	carne	FAUST 2008	158	Substantivo	Monossílabo	Oxítona	{{tsu}}				
	tsucuara	oorpo	FAUST 2008	158	Substantivo	Trissílabo	Paroxitona	tsu.{{cua}}.ra				
	tsucuta	lavar	FAUST 2008	158	Verbo	Trissílabo	Paroxitona	tsu.{{cu}}.ta				
	tsuhuana	chupar	FAUST 2008	158	Verbo	Trissílabo	Paroxitona	tsu.{{hua}}.na				
	tsui	sangue	FAUST 2008	159	Substantivo	Dissílabo	Paroxitona	{{tsu}}.i				
	tsuni	preto			Adjetivo	Dissílabo	Paroxitona	{{tsu}}.ni				
	tujuka	terra			Substantivo	Trissílabo	Paroxitona	tu.{{ju}}.ka				
	tupape	lugar	FAUST 2008	158	Substantivo	Trissílabo	Paroxitona	tu.{{pa}}.pe				
	tutira	sogro	FAUST 2008	158	Substantivo	Trissílabo	Paroxitona	tu.{{ti}}.ra				
	tuyuka	terra	ESPINOSA 1989		Substantivo	Trissílabo	Paroxitona	tu.{{yu}}.ka		kuarachi amanamuki metimatararin tuyuka yanuka.	o sol e a chuva fertilizam a terra	ESPINOSA p.?
	ucaima	perder-se	FAUST 2008	159	Verbo	Trissílabo	Paroxitona	u.{{cai}}.ma				
	uchicata	terminar	FAUST 2008	159	Verbo	Polissílabo	Paroxitona	u.chi.{{ca}}.ta				
	uchima	sair	FAUST 2008	159	Verbo	Trissílabo	Paroxitona	u.{{chi}}.ma				
	uchimata	tirar	FAUST 2008	159	Verbo	Polissílabo	Paroxitona	u.chi.{{ma}}.ta				
	uchiqui	imediatamente	FAUST 2008	159	Advérbio	Trissílabo	Paroxitona	u.{{chi}}.qui				
	ucua	andar	FAUST 2008	159	Verbo	Dissílabo	Paroxitona	{{u}}.cua				
	ucuqui	cair	FAUST 2008	159	Verbo	Trissílabo	Paroxitona	u.{{cu}}.qui				
	ucuquita	derrubar	FAUST 2008	159	Verbo	Polissílabo	Paroxitona	u.cu.{{qui}}.ta				
	uhuata	caminhar	FAUST 2008	159	Verbo	Trissílabo	Paroxitona	u.{{hua}}.ta				
	uhue	voar	FAUST 2008	159	Verbo	Dissílabo	Paroxitona	{{u}}.hue				
	uka	casa			Substantivo	Dissílabo	Paroxitona	{{u}}.ka				
	umanuta	matar	FAUST 2008	159	Verbo	Polissílabo	Paroxitona	u.ma.{{nu}}.ta				
	umi	ver	FAUST 2008	159	Verbo	Dissílabo	Paroxitona	{{u}}.mi				
	umita	mostrar	FAUST 2008	159	Verbo	Trissílabo	Paroxitona	u.{{mi}}.ta				
	uni	água			Substantivo	Dissílabo	Paroxitona	{{u}}.ni				
	uqui	queimar-se	FAUST 2008	159	Verbo	Dissílabo	Paroxitona	{{u}}.qui				
	uquita	queimar	FAUST 2008	159	Verbo	Trissílabo	Paroxitona	u.{{qui}}.ta				
	uquiri	dormir	FAUST 2008	159	Verbo	Trissílabo	Paroxitona	u.{{qui}}.ri				
	unian	mas, contudo	FAUST 2008	160	Conjunção	Trissílabo	Oxítona	u.ri.{{an}}	MASC			
	uwatú	caminhou	ESPINOSA 1989		Verbo	Polissílabo	Oxítona	u.wa.tu.{{i}}		Yuan uwatú iruaka legua iwiratirupe.	João caminhou quatro léguas pela selva.	ESPINOSA p.?
	uwepe	um	ESPINOSA 1989		Substantivo	Dissílabo	Paroxitona	{{we}}.pe		kuika iatira uri-ari wepe awa.	à frente vai uma pessoa	ESPINOSA p.?
	yachu	chorar	FAUST 2008	160	Verbo	Dissílabo	Paroxitona	{{ya}}.chu				
	yahuachima	chegar	FAUST 2008	160	Verbo	Polissílabo	Paroxitona	ya.hua.{{chi}}.ma				
	yahuara	cachorro	ESPINOSA 1989		Substantivo	Trissílabo	Paroxitona	ya.{{hua}}.ra		uri tseta yahuara tuan	ela quer um cachorro grande	ESPINOSA p.?

REVISÃO	COD	PT	REF	REF-P	CLASSE	NÚM SÍLABAS	TONICIDAD	SEPARAÇÃO	GÊNER	EXEMPLO-COD	EXEMPLO-PT	REF-EXEMPLO
	yahuirí	mandioca	FAUST 2008	160	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	ya.{{thui}}.ri				
	yaiche	sogra	FAUST 2008	160	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{yái}}.che				
	yamachi	ter fome	FAUST 2008	160	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ya.{{ma}}.chi				
	yamimi	esconder-se	FAUST 2008	160	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ya.{{mi}}.mi				
	yami	prato	FAUST 2008	160	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{ya}}.mi				
	yapica	sentar	FAUST 2008	160	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ya.{{pi}}.ca				
	yapicatupa	cadeira	FAUST 2008	160	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	ya.pi.ca.{{tu}}.pa				
	yapuqui	remar	FAUST 2008	160	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ya.{{pu}}.qui				
	yapuquita	remo	FAUST 2008	160	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	ya.pu.{{qui}}.ta				
	yapurachi	dançar	FAUST 2008	160	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	ya.pu.{{tra}}.chi				
	yaqui	cabeça	FAUST 2008	161	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{ya}}.qui				
	yaquicuara	cabeça	FAUST 2008	161	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	ya.qui.{{cua}}.ra				
	yaquitsa	cabelo	FAUST 2008	161	Substantivo	Trissílabo	Paroxítona	ya.{{qui}}.tsa				
	yaquitupa	travesseiro	FAUST 2008	161	Substantivo	Polissílabo	Paroxítona	ya.qui.{{tu}}.pa				
	yatima	plantar, enterrar	FAUST 2008	161	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ya.{{ti}}.ma				
	yatiri	juntar-se	FAUST 2008	161	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	ya.{{ti}}.ri				
	yatirica	reunir	FAUST 2008	161	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	ya.ti.{{ri}}.ca				
	yatirita	juntar	FAUST 2008	161	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	ya.ti.{{ri}}.ta				
	yatse	abrir	FAUST 2008	161	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{ya}}.tse				
	yatsi	lua, mês			Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{ya}}.tsi				
	yatsucata	dar banho	FAUST 2008	161	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	ya.tsu.{{ca}}.ta				
	yawachima	chegou	ESPINOSA 1989		Verbo	Polissílabo	Paroxítona	ya.wa.{{chi}}.ma		<i>Yuan yawachima mukuika hura tapiarari.</i>	João chegou duas horas atrasado.	ESPINOSA p.?
	ya	assim, dessa maneira,	FAUST 2008	157	Advérbio	Dissílabo	Paroxítona	{{yi}}.a	FEM			
	yiaca	muito, mais que, suffice	FAUST 2008	157	Advérbio	Trissílabo	Paroxítona	yi.{{a}}.ca	FEM			
	yiaiti	também	FAUST 2008	157	Advérbio	Trissílabo	Paroxítona	yi.{{ai}}.ti	FEM			
	yian	mas, contudo	FAUST 2008	157	Conjunção	Dissílabo	Oxítona	yi.{{an}}	FEM			
	Yuan	João	ESPINOSA 1989		Substantivo	Dissílabo	Oxítona	Yu.{{an}}				
	yumita	ensinar	FAUST 2008	161	Verbo	Trissílabo	Paroxítona	yu.{{mi}}.ta				
	yumuyari	ajudar	FAUST 2008	162	Verbo	Polissílabo	Paroxítona	yu.muy.{{a}}.ri				
	yuru	boca	FAUST 2008	162	Substantivo	Dissílabo	Paroxítona	{{yu}}.ru				
	yuti	estar	FAUST 2008	162	Verbo	Dissílabo	Paroxítona	{{yu}}.ti				